



Javier Moro

O SÁRI VERMELHO

 Planeta

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

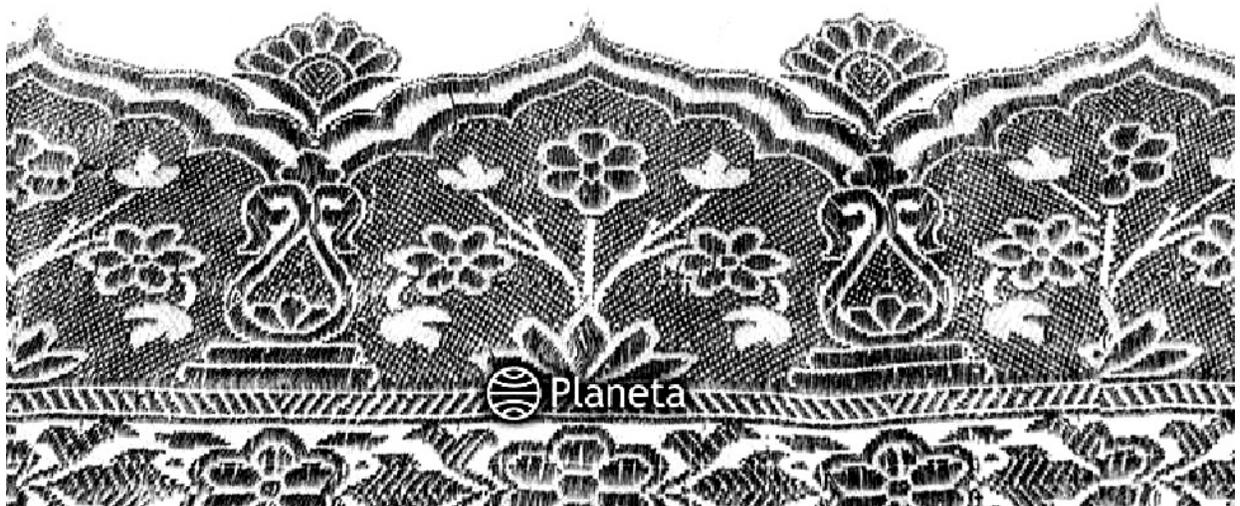
O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



Javier Moro

O SÁRI VERMELHO



O Sári Vermelho - Javier Moro
Tradução: Sandra Martha Dolinsky
Editora: Planeta
Edição: 1
ISBN: 978-85-7665-428-5
Ano: 2009

Sumário

ABERTURA

ATO I - A DEUSA DURGA CAVALGA UM TIGRE

ATO II - O ANJO EXTERMINADOR

ATO III - A SOLIDÃO E O PODER

ATO IV - A MÃO OCULTA DO DESTINO

EPÍLOGO

AGRADECIMENTOS

ABERTURA

*Conduze-me das trevas à luz, da morte à imortalidade. Oração védica
Nova Délhi, 24 de maio de 1991*

Sônia Gandhi não consegue acreditar que o homem de sua vida está morto, que não mais sentirá suas carícias, nem o calor de seus beijos. Que não tornará a ver esse sorriso tão doce que um dia arrebatou seu coração. Tudo foi tão rápido, tão brutal, tão inesperado que ainda não assimilou o fato. Seu marido morreu em um atentado terrorista há dois dias. Chamava-se Rajiv Gandhi, havia sido primeiro-ministro, e estava prestes a voltar a sê-lo, segundo as pesquisas, se sua campanha eleitoral não houvesse sido truncada de maneira tão trágica. Tinha 46 anos.

Hoje, a capital da Índia se prepara para se despedir desse filho ilustre da pátria. O féretro que contém o corpo está exposto no grande salão de Teen Murti House, a residência palaciana onde passou sua infância, quando seu avô, Jawaharlal Nehru, era primeiro-ministro da Índia. É um palacete colonial, branco, cercado por um parque com grandes tamarindeiros e flamboyants, cujas flores vermelhas se destacam sobre um gramado amarelado de tanto calor. Originalmente projetado para abrigar passou a ser a residência do máximo mandatário da nova nação indiana. Nehru instalou-se ali, com sua filha Indira e seus netos. Para os jardineiros, cozinheiros e demais empregados que hoje, junto com os milhares de compatriotas vêm prestar tributo ao líder assassinado, é difícil acreditar que os restos mortais que jazem nessa capela ardente sejam daquele menino que brincava de esconde-esconde nesses aposentos grandes como cavernas, com tetos de seis metros de altura. Ainda ouvem o eco de seu riso quando corria perseguindo seu irmão por aqueles longos corredores, enquanto seu avô e sua mãe atendiam a algum chefe de governo em um dos salões.

Uma grande foto de Rajiv com uma guirlanda branca está colocada sobre o féretro envolvido em uma bandeira açafraão, branca e verde, as cores

nacionais. Seu sorriso cheio de frescor é a última imagem que levam na lembrança os milhares de pessoas que desfilam por Teen Murti House, a despeito dos 43 graus indicados pelo termômetro.

É a imagem que também seus familiares levarão, porque o corpo desse homem, que as mulheres achavam tão bonito, ficou tão destruído que os médicos, a despeito de terem tentado reconstruí-lo, não conseguiram dar forma à massa de carne que a bomba deixou. Dizem que, no esforço para embalsamá-lo, um deles desmaiou. De modo que se limitaram a pôr algodão e faixas, e muito gelo para que agüente até o dia da cremação.

Por favor, tenham cuidado, não lhe façam mal, diz sua viúva, exibindo uma expressão de dor àqueles que periodicamente vêm repor o gelo, porque o calor aumenta inexoravelmente, e continuará aumentando até os primeiros dias de julho, até que caiam as chuvas das monções. Seu único consolo - que poderia ter acabado do mesmo modo se o houvesse acompanhado, como tantas vezes fazia - não lhe serve, porque nesse momento gostaria de morrer também. Queria estar com ele, sempre com ele, aqui e na eternidade. Amava-o mais que a si mesma.

É verdade, tem seus filhos. A pequena, Priyanka, de dezenove anos, morena, alta, é uma garota forte tanto de caráter quanto fisicamente. Cuidou dos preparativos dos funerais e está muito atenta a sua mãe. Insiste para que coma alguma coisa, mas a simples evocação de comida lhe dá náuseas. Está há dois dias à base de água, café e suco de lima. Sua velha amiga, a asma, essa que a acompanha desde que era muito pequena, tornou a aparecer. Duas noites atrás, quando a notificaram de que seu marido havia sido vítima de um atentado, teve uma crise tão violenta que quase perdeu a consciência. Sua filha deu-lhe seus anti-histamínicos, mas não a conseguiu consolar. Teme que, por causa do calor e da dor, entre em crise de novo.

Rahul, o mais velho, tem 21 anos e acaba de chegar de Harvard, onde estuda. Em seu filho reconhece seu marido: as mesmas feições suaves, o mesmo sorriso, a mesma expressão de bondade. Ela o olha com infinita ternura. Ele lhe parece jovem demais para acender a pira funerária de seu pai, como cabe ao filho pela tradição hindu.

Às 13h, a chegada de três generais, representantes de seus respectivos exércitos, indica o início oficial do funeral de Estado. Momentos antes de os militares erguerem o féretro com a ajuda de Rahul e outros amigos da família, Priyanka aproxima-se para acariciá-lo, como se quisesse, assim, despedir-se de seu pai antes que empreenda sua última viagem. Sua mãe, que esteve ocupada cumprimentando tantas personalidades, mantém-se a certa distância, assistindo à cena com lágrimas nos olhos. Usa um sári branco impoluto, como cabe às viúvas na Índia. Está há mais da metade de sua vida morando aqui, de modo que se sente indiana. Em fevereiro passado, comemorou seus 23 anos de casamento com Rajiv jantando em um restaurante em Teerã, onde o acompanhava em uma viagem oficial. Continua sendo muito bonita, como era aos 18 anos, quando o conheceu.

O cabelo preto, filetado de incipientes fios grisalhos, está cuidadosamente penteado para trás, preso com um laço e coberto com uma ponta do sári.

Se não estivessem inchados pelo pranto, seus olhos seriam grandes. São castanho-escuros, com longas sobancelhas finamente depiladas. Tem um nariz reto, lábios carnudos, a pele muito branca e um maxilar bem marcado. Hoje, parece uma dessas heroínas aflitas de uma superprodução do cinema indiano, mas sua silhueta e seu porte altivo evocam uma deusa do panteão romano, talvez porque o sári que usa com grande desembaraço parece com as túnicas das mulheres da Antigüidade. Ou talvez por seu corpo.

Nasceu e foi criada na Itália. Seu nome de solteira é Sônia Maino, mas é conhecida como Sônia Gandhi, agora viúva de Rajiv.

Mais de meio milhão de pessoas desafiam o calor para ver passar o cortejo fúnebre que se dirige ao local da cremação, a uma distância de cerca de 19 km, por trás das muralhas que os imperadores mongóis erigiram para proteger a antiga Delhi, em maravilhosos jardins situados às margens do rio Yamuna. Escoltada por cinco pelotões de 33 soldados cada um, a plataforma sobre rodas que leva o féretro enfeitado com calêndulas é rebocada por um caminhão militar também coberto de flores. Nas banquetas de seu interior vão sentados os chefes do Estado-Maior. É seguida pelos automóveis que

transportam a família. Alguns curiosos conseguem ver Sônia retirar seus enormes óculos de sol para passar um lenço no rosto e, com mão trêmula, enxugar as lágrimas. O cortejo toma a avenida Rajpath, margeada de jardins bem cuidados, onde gerações de habitantes passearam à sombra de suas grandes árvores, em sua maioria jamelões de mais de cem anos, com frutos pretos como figos.

A maioria das árvores foi plantada para lutar contra o calor, quando os ingleses decidiram fazer de Délhi a nova capital do Império em detrimento de Calcutá. Ergueram uma agradável cidade-jardim com largas avenidas e perspectivas grandiosas, como cabia a uma capital imperial. A grande vista central de Rajpath, transbordante de uma multidão portando cravinas cor de laranja, a cor sagrada dos hindus, traz lembranças a Sônia de um passado de felicidade, tão próximo no tempo, porém tão distante agora... Nessa mesma avenida e em frente à Porta da Índia, versão local do arco do triunfo parisiense, encontrava-se no último dia 26 de janeiro, dia da festa nacional, presenciando o desfile militar ao lado de Rajiv...

Quantas vezes presenciou isso? Quase tantas quanto os anos que estava na Índia. Uma vida inteira. Uma vida que se acaba.

Para somar ironia à tragédia, seu carro para e não consegue arrancar de novo. Os motores sofrem com essa temperatura e essa cadência. Sônia e seus filhos abandonam o veículo e a multidão cai imediatamente sobre eles, forçando os Gatos Pretos, os comandos especiais de segurança vestidos de preto, a se mobilizar com rapidez e a formar uma corrente humana para protegê-los enquanto trocam de carro. Logo o cortejo parte de novo, ao ritmo compassado dos guardas de honra. Mais tarde, nas ruas estreitas próximas à Connaught Place, a multidão se transforma em maré humana disposta a invadir tudo, como se quisesse engolir o cortejo, e o sistema de segurança consegue a duras penas mantê-la na linha. Os rostos dessa multidão mostram esgotamento, gotejam pérolas de suor, e os olhos pretos param diante de quatro caminhões militares cheios de jornalistas do mundo inteiro. Homens e mulheres, crianças e idosos com semblantes de desconsolo e lágrimas nos olhos jogam pétalas de flores no féretro.

O cortejo chega ao local da CREMAÇÃO às quatro e meia da tarde, com uma hora de atraso. Há tanta gente que hoje não se vêem as jardineiras floridas, só as grandes árvores, como sentinelas da eternidade que projetam sua benévola sombra sobre os presentes, muitos trajando terno preto, como John Major ou o príncipe de Gales; outros de uniforme militar, como Yasser Arafat, todos pingando suor. A pira funerária composta por três quintais de madeira está pronta. Atrás, em uma plataforma especialmente construída para a ocasião que domina a pira, colocam-se os familiares mais próximos. A uns trezentos metros de distância ao norte encontram-se os mausoléus de Nehru e de sua filha Indira, erguidos no local exato onde ocorreram suas cremações, e que nunca mais poderá ser destinado a outro uso, conforme a tradição. Rajiv logo terá o seu, de pedra lavrada em forma de folha de lótus. A família reunida na morte.

Uns soldados retiram o corpo de Rajiv do féretro e o colocam sobre a pira funerária, a cabeça orientada para o norte, segundo o ritual. A seguir, os generais dos três exércitos dobram cuidadosamente a bandeira que envolve o cadáver mutilado e cortam as cordas da mortalha branca que o retém. A família está em pé, lado a lado.

O sacerdote, um senhor de barbas longas e brancas como a neve que parece saído de uma lenda antiga, marca as pautas dos ritos védicos e reza uma curta oração: "Conduze-me do irreal ao real, das trevas à luz, da morte à imortalidade..." É um velho conhecido. Ele também presidiu os funerais de Indira. Entrega a Rahul, que traça uma kurta branca, uma pequena jarra cheia de água sagrada do Ganges. O jovem, descalço, cabisbaixo e ensimesmado por trás de seus óculos de armação preta, dá três voltas na pira enquanto vai vertendo umas gotas sobre seu pai, cumprindo, assim, o rito purificador da alma. A seguir, ajoelha-se diante de seus restos e chora por dentro, sem que ninguém o veja. Chora por um pai que sempre foi tolerante e compassivo e que adorava seus filhos. Brotam lágrimas secas de uma ferida que, intui, nunca cicatrizará.

Sua mãe e sua irmã Priyanka, cuja digna serenidade comove os presentes, aproximam-se da pira e colocam meticulosamente troncos de madeira de

sândalo e contas de rosário sobre o corpo, com gestos que são gravados pelas redes de televisão do mundo inteiro.

Chega a hora de se despedir. Sônia deposita uma oferenda sobre o corpo à altura do coração. É feita de cânfora, cardamomo, cravo e açúcar e dizem que ajuda a erradicar as imperfeições da alma. A seguir, toca seus pés em sinal de veneração, como é costume na Índia, junta suas mãos à altura do peito, inclina-se pela última vez diante de seu marido e se retira. Pelas câmaras de televisão, o mundo descobre essa mulher estoica que lembra Jacqueline Kennedy, 28 anos antes em Arlington. São 17h20.

Cinco minutos depois, seu filho Rahul, sério e decidido, dá três voltas à pira antes de colocar a tocha acesa que tem na mão entre os troncos de madeira de sândalo.

Seu pulso não treme: é seu dever de bom filho ajudar a alma de seu pai a se libertar do envoltório mortal e alcançar o céu. Durante alguns segundos, parece que o tempo para. Não se vê fumaça nem chamas, só se ouvem os cantos védicos na multidão. Sônia tornou a proteger o rosto atrás de seus óculos de sol para que não a vejam chorar. Tem que se manter inteira, como fez até agora, custe o que custar. Inteira como se manteve Rajiv quando lhe coube acender a pira funerária de sua mãe Indira Gandhi, há apenas sete anos, enquanto o pequeno Rahul chorava em seus braços. Inteira como a própria Indira quando assistiu à cremação de seu pai Jawaharlal Nehru, e depois a de seu filho Sanjay, seu olho direito, seu herdeiro designado, morto quando seu avião caiu numa manhã ensolarada de domingo, há onze anos. Uma data que Sônia não pode esquecer, porque a partir daquele dia nada tornou a ser como antes.

Teve que tirar forças das profundezas de seu ser para estar hoje aqui, porque os sacerdotes hindus se negavam a permitir que presenciasse a cremação. Não é costume que a viúva assista, menos ainda se for de outra religião. Mas nisso Sônia se mostrou inflexível. Reagiu como sua sogra Indira teria feito, não se deixando avassalar nem por preconceitos nem por costumes arcaicos. Em hipótese alguma ficaria em casa enquanto o mundo inteiro ia assistir à segunda morte de seu marido. Assim disse aos organizadores do funeral.

Nem sequer teve que ameaçar levar o caso à máxima autoridade do país porque, diante da força de sua determinação, conformaram-se. Sônia Gandhi bem merece uma exceção.

Mas agora tem que estar à altura. Não hesitar, não desmaiar, não mostrar fraqueza. Continuar vivendo, mesmo que seja difícil, pois o que ela quer é morrer. Como é difícil não se deixar sufocar pela emoção quando os salmos védicos dão lugar a salvas de canhão, e os soldados, em perfeita formação, apresentam suas armas e apontam para o chão, em sinal de luto, fazendo soar suas cornetas. Quando os dignitários vindos do mundo inteiro, os generais com suas samarras coloridas de tantas condecorações e os representantes do governo indiano, com suas roupas de algodão amassadas e ensopadas depois de ter esperado tanto tempo na canícula, levantam-se ao mesmo tempo e ficam imóveis, feito pedra, em uma breve e última homenagem. Quando os amigos vindos da Europa e da América para dar o último adeus não conseguem conter o pranto, Sônia reconhece dentre eles Chris-tian von Stieglitz, o amigo que a apresentou a Rajiv quando eram estudantes em Cambridge, e que veio acompanhado de Pilar, sua esposa, espanhola.

E, a seguir, o murmúrio que sobe de repente, como um mar de fundo que vem de longe, dos confins da cidade e talvez dos quatro cantos do imenso país, e que se transforma em um único grito, impressionante, gutural, o grito de milhares de gargantas que parecem tomar consciência da irreversibilidade da morte quando a fogueira se acende subitamente em uma explosão de chamas e em poucos minutos envolve o sudário em um abraço fatal. Rahul dá uns passos para trás. Sônia cambaleia. Sua filha passa o braço por cima de seus ombros e a segura até que recupera as forças. Através do muro de chamas, os três assistem ao espetáculo antigo e impressionante que é ver a pessoa que mais amam se consumir e se transformar em cinzas. É como outra morte, lenta, penetrante, para que os vivos sempre recordem que ninguém escapa do inevitável destino. Porque é uma morte que entra pelos cinco sentidos. O cheiro de queimado, as cores diáfanas dos vivos por trás do ar abrasador que sobe da fogueira erguendo remoinhos de cinza, o sabor de suor, de pó e de fumaça que fica colado nos lábios e a seguir os gritos de "Viva Rajiv Gandhi!" que brotam da multidão configuram uma cena

renovada e eterna ao mesmo tempo. A medida que as chamas sobem, Rahul se prepara para efetuar a última parte do ritual. Armado de um pau de bambu de uns três metros de comprimento, dá um golpe simbólico na cabeça de seu pai, para que sua alma suba ao céu à espera de sua próxima reencarnação.

Para Sônia, não existem palavras para descrever o que está vendo, a representação do atroz sentimento de perda que a rasga por dentro, como se uma força invencível estivesse destruindo suas entranhas. Nunca como nesse momento entendeu o profundo significado desse costume ancestral. Lembra que fez uma careta de desgosto quando, assim que chegou à Índia, soube da existência do sati. Que horror, que barbárie! - pensou. Antigamente, o povo adorava as viúvas que tinham a coragem de se jogar na pira funerária do marido para empreender junto ao ser amado viagem rumo à eternidade. As que se entregavam heroicamente às chamas passavam a ser consideradas divindades e a ser veneradas como tais durante anos, algumas durante séculos. O rito do sati, que tem sua origem nas famílias nobres dos Rajput, a casta guerreira da Índia do Norte, logo se popularizou nas classes mais humildes, e acabou por se corromper. Os ingleses o proibiram, assim como o primeiro governo democrático da Índia, pelos abusos que se cometiam em seu nome. Mas, na origem, transformar-se em sati era uma prova de amor supremo que só uma mulher quando vê arder o cadáver do marido que adora pode compreender. Como Sônia nesse momento, que vê o fogo como uma libertação, como a única maneira de acabar com essa dor tão total que sufoca sua alma.

"Reaja", diz a si mesma. Não deve deixar-se arrastar pela morte. A vida é uma luta, ela bem sabe. O contato físico com seus filhos a reconforta. Então, com forças renovadas, brotam sentimentos diversos: desejo de justiça, desejo de revanche pelo que fizeram com seu marido e uma rebeldia profunda, porque o que aconteceu é inaceitável. Poderia ter sido evitado? - pergunta-se sem cessar. Ela tentava, na medida de suas possibilidades, escrutando os rostos de todos os que se aproximavam de seu marido nos comícios eleitorais, buscando adivinhar o vulto revelador de uma arma por baixo de uma camisa ou a expressão suspeita de um assassino potencial. Porque sempre soube que algo assim podia acontecer. Soube desde o dia em

que Rajiv cedeu aos apelos de sua mãe, Indira Gandhi, então primeira-ministra, e se meteu em política.

Por isso, quando há dois dias tocou o telefone às 22h50, uma hora tão insólita, Sônia virou-se na cama e tampou os ouvidos para se proteger do golpe que sabia que estava prestes a receber.

A pior notícia de sua vida era, no fundo, uma notícia esperada. Ainda mais desde que Sônia soube que o governo havia retirado de Rajiv o grau de máxima segurança que lhe cabia por ter sido primeiro-ministro. No jargão burocrático, tinha a categoria Z, e isso lhe dava direito à proteção do SPG (Special Protection Group), o que o teria protegido do atentado terrorista. Por que lhe retiraram a categoria, por mais que ela exigisse? Por indolência?

Ou porque esse pretense "esquecimento" satisfazia os desígnios de seus adversários políticos?

UM RUÍDO SECO, DURO, INDESCRITÍVEL, devolve-a à realidade. Parece um tiro. Ou uma pequena explosão. Todos os que já assistiram a uma cremação sabem do que se trata.

Uns baixam a cabeça, outros olham para o céu, outros estão tão cativados pelo espetáculo que parecem hipnotizados e continuam olhando. A cabeça estourou por efeito da pressão do calor. A alma do falecido já é livre. O ritual acabou. As pessoas jogam pétalas de flores às chamas, enquanto surge outra visão perturbadora. As mãos longas e finas que tanto acariciavam seus filhos como consertavam um aparelho eletrônico ou assinavam acordos internacionais ficam expostas, e mostram uns dedos pretos que se erguem e se retorcem, em uma despedida impressionante do além. Adeus, até sempre.

Sônia rompe em soluços. Onde está o consolo? Em que Deus há de buscá-lo? Que Deus permite que um homem bom como Rajiv exploda em mil pedaços por causa do fanatismo de outros homens, que também têm família, que também têm filhos, que também sabem acariciar e amar? Que sentido dar a toda essa tragédia? Seus filhos, receosos de que a mistura de fumaça, cinzas e intensa emoção lhe provoque um novo ataque de asma, colocam-se cada um de um lado, enquanto ela se acalma e contempla, arrasada por

dentro, seu sonho de viver longos anos de felicidade junto a seu marido se transformar em fumaça. Ciao, amore, até outra vida. A Índia inteira a lembrará assim, em pé e imóvel como uma pedra, estoica, alheia aos gritos da multidão que delira, enquanto o fogo consome o cadáver de seu marido. É a imagem viva da dor contida. O rugido de um helicóptero do Exército sufoca os cânticos e os gritos da multidão. As pessoas erguem os olhos para o céu esbranquiçado de calor e pó para receber uma chuva de pétalas de rosa que caem do aparelho que dá voltas sobre a pira. Enquanto o corpo acaba de arder, a família desce os degraus da plataforma. Com andar vacilante e rostos transfigurados, recebem palavras de condolência do presidente da República. Em uma desordem muito indiana, as demais personalidades se aglomeram, todos querem dizer algumas palavras a Sônia: o vice-presidente norte-americano, o rei do Butão, os primeiros-ministros do Paquistão, do Nepal, de Bangladesh, o antigo primeiro-ministro Edgard Heath, os vice-presidentes da União Soviética e da China, a velha amiga Benazir Bhutto etc.

Mas ninguém consegue se aproximar da viúva porque de repente estoura o caos. É que o cadáver não pertence só à família, ou aos dignitários estrangeiros. A multidão, que em suas primeiras filas é composta por militantes e responsáveis do partido de Rajiv, sente que o cadáver pertence também a eles. São só uma ínfima parte dos 40 milhões de afiliados ao partido que, sob a denominação banal e pouco chamativa de Congress Party (Partido do Congresso), representa a maior organização política democrática do mundo. Nasceu na metade do século XIX como uma associação de grupos políticos para exigir igualdade de direitos entre indianos e ingleses dentro do Império. O Mahatma Gandhi transformou-o em um sólido partido cuja meta era conseguir a independência pela via da não-violência. Nehru foi seu presidente, depois sua filha Indira, e Rajiv foi o último.

A despeito do ar abrasador e irrespirável, agora os militantes querem ver de perto os restos mortais de seu líder transformados em cinzas. Todos querem lambeir as chamas da morte e da lembrança, de modo que arrancam as grades metálicas como se fossem fibras de palha e correm para a fogueira aos gritos de: "Rajiv Gandhi é imortal!"

Os Gatos Pretos, comandos de elite, são obrigados a intervir. Formam uma barreira humana ao redor da família e decidem bater em retirada, passo a passo, em meio aos gritos de histeria de uma multidão descontrolada, até chegarem aos automóveis e estarem a salvo.

Nos DIAS SEGUINTEs, SÔNIA, em estado de choque, refugia-se em si mesma. Vive ensimesmada em suas lembranças com Rajiv, rompendo em soluços quando sai da fantasia e se encontra diante da terrível realidade de sua ausência. Não consegue parar de pensar em seu marido, não quer parar de pensar nele, como se fazer isso fosse outra forma de matá-lo. Nem sequer gostaria de se separar dessas duas urnas que contêm as cinzas, mas é parte do ritual que a morte volte à vida. Quatro dias depois da cremação, em 28 de maio de 1991, Sônia, acompanhada por seus filhos, entra em um compartimento especial de um trem que os leva a Allahabad, a cidade dos Nehru, onde tudo começou há mais de cem anos. No compartimento totalmente recoberto de tecido branco salpicado de margarida e jasmim, as urnas estão colocadas em uma espécie de estrado junto à foto emoldurada de um Rajiv sorridente. Sônia, Priyanka e Rahul viajam sentados no chão. O trem para em uma infinidade de estações abarrotadas de gente que vem prestar tributo à memória de seu líder.

O transbordamento de emoção deixa Sônia esgotada, mas por nada no mundo deixaria de cumprimentar esses pobres de rostos ossudos manchados de suor e lágrimas que, a despeito de tudo, sorriem para lhe oferecer seu consolo. Os sorrisos dos pobres da Índia são um presente imaterial, mas que se aninha no coração. Diziam Nehru, sua sogra e seu marido: a confiança do povo, o calor das pessoas, a veneração e, por que não, o amor que nos professam compensam todos os sacrifícios. Esse é o verdadeiro alimento de um político de raça, a justificativa de todos os seus dissabores, o que dá sentido a seu trabalho, a sua vida. Durante as 24 horas que o trem, batizado pela imprensa com o nome de heartbreak express - expresso do coração partido - tarda em percorrer os 600 km de trajeto, Sônia é capaz de medir a intensidade do afeto do povo por sua família política - "a família", como a conhecem os indianos, tão popular que não é necessário esclarecer de qual se trata. Uma família que governou a Índia durante mais de quatro décadas, mas que está há quatro anos fora do poder. Sônia contempla seu filho Rahul,

que adormeceu entre duas estações. Tomara que a família nunca volte ao poder. Priyanka olha com ar ausente, também está esgotada.

Tem uma grande semelhança com Indira, o mesmo porte, os mesmos olhos brilhantes e inteligentes.

Deus nos proteja.

Em Allahabad, as cinzas são depositadas em Anand Bhawan, a mansão ancestral dos Nehru, que Indira, quando foi nomeada primeira-ministra, transformou em museu aberto ao público. Um pátio de estilo moruno com uma fonte no centro lembra o proprietário original, um juiz muçulmano da Corte Suprema que em 1900 vendeu a mansão a Motilal Nehru, bisavô de Rajiv, um advogado brilhante que ganhava tanto dinheiro que, dizia a lenda, mandava sua roupa por barco a uma tinturaria de Londres.

Aquele homem corpulento, que tinha um espesso bigode e se vestia como um gentleman, era extrovertido, maravilhoso, bon vivant e espirituoso; adorava seu filho Jawaharlal, talvez porque este fosse o último que lhe restava, pois havia perdido dois filhos e uma filha antes. Esse amor, intenso e recíproco, esteve na origem da luta pela independência da sexta parte da humanidade. Motilal quis que seu filho desenvolvesse todo seu potencial, o que significava dar-lhe a melhor educação possível, mesmo que isso implicasse separar-se dele: "Nunca pensei que o amava tanto como quando o tive que deixar pela primeira vez na Inglaterra, no colégio interno", escreveu-lhe, porque não conseguia se recuperar da angústia de tê-lo deixado sozinho, tão longe, aos treze anos de idade. O que Motilal ganhava em um ano teria bastado para montar um negócio para ele e resolver-lhe a vida para sempre. Mas, para o pai, isso era uma postura fácil e egoísta: "Penso, sem sombra alguma de vaidade, que sou o fundador da fortuna dos Nehru. Vejo você, meu filho querido, como o homem que será capaz de construir sobre esses alicerces que criei e espero ter a satisfação de ver surgir, um dia, uma nobre empresa que se erguerá para o céu...". A nobre empresa acabou sendo a luta pela independência do país, na qual pai e filho se envolveram com toda a força de suas convicções.

A vida dos Nehru mudou quando Jawaharlal apresentou a seu pai um advogado que acabara de retornar da África do Sul e estava organizando a resistência contra o poder colonial dos ingleses. Era um homem singular, vestindo dhoti, calças de algodão cru tecido à mão. Tinha braços e pernas desproporcionalmente longos que o faziam parecer uma ave pernalta. Seus olhinhos pretos fechavam-se quando, por trás de seus óculos de armação metálica, esgrimia seu típico sorriso, entre malicioso e bondoso.

Venerado como um santo por seus discípulos, era, porém, um político hábil que possuía a arte dos gestos simples capazes de se comunicar com a alma da Índia. O jovem Nehru o considerava um gênio.

Foi assim que o Mahatma Gandhi entrou em contato com aquela família e transformou-a para sempre. O extravagante Motilal abandonou a sofisticação pela simplicidade, trocou suas roupas de flanela de Saville Row e os chapéus por um dhoti, como Gandhi. Ofereceu sua casa e sua fortuna à causa da independência. O enorme salão foi transformado por Motilal em sala de reunião do Partido do Congresso. O lar dos Nehru transformou-se, pouco a pouco, no lar da Índia inteira. Sempre havia uma multidão de simpatizantes no portão querendo ver pai e filho, desejando ter seu darshan, a antiga tradição de origem religiosa que consiste em buscar o contato visual com uma pessoa altamente venerada, para, assim, receber sua bênção, à falta de poder tocar seus pés ou mãos.

No final de sua vida, Motilal, vítima de fibrose e de câncer, dividiu cela na prisão de Nainital com seu filho, que cuidava dele como podia. O patriarca morreu sem chegar a ver a independência, sem saber que seu filho - que o mundo conheceria como Nehru - seria eleito primeiro mandatário da nova nação. Morreu nessa casa de Anand Bhawan, em um dia de fevereiro de 1931, acompanhado por sua mulher e com seu filho apoiando a cabeça em seu regaço.

Os aposentos, pintados de azul-claro e creme, conservam os mesmos móveis, os mesmos livros, as mesmas fotos e lembranças dos que moraram neles. O do Mahatma Gandhi tem um colchonete no chão, uma cômoda e uma roca que ele utilizava para fiar algodão e que transformou em símbolo

de resistência contra os ingleses. O quarto de Nehru tem uma cama simples de madeira, um tapete, muitos livros e uma estatueta dos três macacos que simbolizam os mandamentos budistas: não veja o mal, não ouça o mal, não diga o mal.

Sônia lembra a primeira vez que visitou esse lugar. Foi sua sogra Indira quem o mostrou. Naquela ocasião, não reparou na imensa carga simbólica que essa casa tem na história da Índia. Simplesmente, estava visitando o lar dos antepassados da família de seu marido, a casa onde haviam nascido e se casado primeiro Nehru e depois sua filha Indira. Não havia sido capaz de calibrar, em sua justa medida, todo o significado que as paredes dessa mansão encerravam, a despeito de Indira ter lhe mostrado o quarto de reunião secreto, em um porão, que Nehru e seus companheiros do incipiente Partido do Congresso utilizavam quando se escondiam para escapar das blitzes da polícia britânica. Agora que volta com as cinzas de seu marido, vê tudo com outros olhos. Essa mansão vitoriana não é o simples palco de uma vida familiar intensa; suas paredes contam as intrigas, os sonhos, as esperanças e os reveses da luta pela independência. Suas paredes são a Índia moderna. A urna com as cinzas de Rajiv, o último objeto que hoje vem se juntar aos demais, é como um ponto no fim de uma longa frase que Motilal Nehru começou a escrever no século XIX quando fundou, aqui, a seção local de uma organização política chamada Partido do Congresso.

O círculo se fecha.

AO MEIO-DIA, SÔNIA E SEUS FILHOS, acompanhados por um pequeno cortejo, abandonam a casa familiar para dirigir-se à periferia, ao Sangam, um dos lugares mais sagrados do hinduísmo, onde as águas marrons do Yamuna se juntam às claras do Ganges, na confluência de outro rio imaginário, o Sarasvati. Chegam a uma enorme esplanada de areia que vai dar à margem, dominada por um antigo forte muçulmano cujos muros estão cobertos de hera e que contém em seu interior um ficus engali centenário que, segundo a lenda, é capaz de libertar do ciclo de reencarnações tudo o que saltar de seus ramos. Nessa esplanada celebra-se sucessivamente, a cada três anos, a Kumbha Mela, uma festividade à qual comparecem milhões de peregrinos de toda a Índia para lavar seus pecados, transformando-a na

maior concentração religiosa do mundo.

Hoje há muita gente também, mas o lugar é tão imenso que parece deserto. Em uma plataforma sobre o rio, um sacerdote amigo da família, o pandit Chuni Lal, faz uma oferenda e entoia umas orações acima do ruído de fundo do tilintar de milhares de sininhos e o eco das conchas, antes de entregar a urna de cobre a Rahul. O rapaz a toma em suas mãos, aproxima-se da margem e verte-a devagar, espalhando as cinzas nas águas tranquilas que refletem os raios dourados do sol, as mesmas águas que acolheram as cinzas de Motilal, do Mahatma Gandhi e também de Nehru. A certa distância, Sônia e Priyanka observam a cena, os rostos crispados, e a seguir aproximam-se de Rahul e, de cócoras, acariciam a água com as mãos. As testemunhas da cena, dentre as quais se encontra o secretário de seu marido, levarão na lembrança a imagem dos três juntos à beira da água. Rahul soluçando sobre sua mãe, Priyanka apoiando sua cabeça no ombro de Sônia e esta, inconsolável, com os olhos banhados em lágrimas que formam outro afluente que se une ao Ganges, o grande rio da vida.

"Senhora, estes são os horários dos vôos para Milão." Sônia não lembra de ter pedido essa informação ao secretário de seu marido. Talvez o tenha feito quando, na confusão do início e diante da enormidade da tragédia, buscava proteção. Quando de repente pensou em fugir desse país que devora seus filhos, buscar o consolo de sua família, o calor dos seus, a segurança da pequena cidade de Orbassano, na periferia de Turim, onde viveu sua juventude até o dia de seu casamento. Lembra que, assim que retornou do local do atentado, no sul da Índia, com os restos mortais de seu marido, falou pelo telefone com sua abalada família na Itália. Sua irmã mais velha, Anushka, disse que já não atendia ao telefone porque ligavam jornalistas do mundo inteiro perguntando detalhes do que havia acontecido e ela não sabia o que lhes dizer.

"Ainda não se sabe", explicou Sônia, "podem ter sido os siques que mataram Indira, ou os fundamentalistas hindus que mataram Gandhi, ou extremistas muçulmanos de Caxemira... vai saber. Ele estava na lista negra de pelo menos uma dúzia de organizações terroristas..." E agora Sônia se arrepende de não o ter obrigado a exigir do governo maiores medidas de

proteção. Rajiv não acreditava nelas: "Se querem matar, matam", dizia.

Quando falou com sua mãe, Sônia desmoronou. A mãe estava em Roma, na casa de Nadia, a irmã mais nova, separada de um diplomata espanhol. "Talvez você devesse voltar para a Itália", disse ela.

- Não sei... - respondeu Sônia com a voz entrecortada pelo pranto.

São tantas as dúvidas! Acha que ir embora seria como matar uma parte de si mesma. É verdade que veio para a Índia, adotou seus costumes, apaixonou-se por sua gente por amor a Rajiv, mas, agora, que sentido teria ficar? Não está cansada de viver assediada por guarda-costas que, ao chegar hora fatídica, se mostram incapazes de evitar o pior? Vem a sua lembrança o dia em que Rajiv, preocupado com a segurança das crianças, pensou em mandá-las estudar na Escola Americana de Moscou. Sônia não via nenhuma graça em se separar delas. A tradição britânica, logo adotada pelas classes abastadas da Índia, de mandar os filhos para um colégio interno chocava-se com sua condição de *mamma italiana*. De modo que os deixaram em casa, em Nova Délhi; primeiro iam tutores todas as manhãs e, mais tarde, iam escoltados ao colégio para serem educados em um ambiente "normal", o que na sociedade foi considerado um ato de audácia, tamanho o peso das ameaças que recaíam sobre a família do primeiro-ministro.

A sugestão de sua mãe de voltar à Itália toca uma ferida que dói. Sônia enfrenta um conflito que se vê incapaz, por enquanto, de resolver. Um conflito cruel, porque, por um lado, tem a preocupação máxima, a segurança de seus filhos, e pareceria lógico mudar-se de volta à Itália, uma mudança total de vida, o abandono de toda a tradição familiar de seu marido; e, por outro, a inércia de tantos anos aqui carregando o peso esmagador dos sobrenomes Nehru-Gandhi, e ficar como estão, na mesma casa, como guardiões da memória, cercados pelos amigos fiéis de sempre, do carinho de tantos, sabendo como é difícil escapar da teia de aranha da política indiana.

Em suma, escolher entre a segurança, a vida anônima e o desarraigamento de um exílio autoimposto, ou continuar no estrelato, o que poderia levar um de seus filhos a ser, um dia, primeiro-ministro e, talvez, a também ser assassinado. Como Indira ou Rajiv. Então, pensa que sim, que é melhor mudar de vida para se salvar, esquecer-se da política que detesta, fugir do poder que sempre desdenhou e que a está destruindo.

Mas... é possível lutar contra o destino? Sente-se muito indiana, aprendeu a amar a gente desse país, e sabe que é querida por eles. Como romper essa conexão com a memória de seu marido representada pelos amigos, companheiros, pelo afeto das pessoas da Índia? Seria um pouco como perder

a alma. Além do mais, o corpo não mente: seus gestos, sua forma de andar, de mover a cabeça de lado a lado para dizer sim parecendo dizer não - tão típico dos indianos - sua maneira de juntar as mãos, de olhar, de ouvir, seu sotaque... toda sua linguagem corporal evoca uma pessoa genuinamente indiana. Que faria ela na Itália? Que vida a espera em Orbassano, afora a companhia de sua família mais próxima? Aqui está seu círculo de amigos, aqui está seu mundo, aqui estão 23 anos de vida intensa - e feliz. Além do mais, seus filhos já não são crianças...

E eles gostariam de viver em um lugar que só visitaram de férias? Depois de terem sido criados nas casas de dois primeiros-ministros da Índia, a da avó Indira primeiro, e a do pai deles, Rajiv, com tudo o que isso significa, poderão se acostumar a uma vida anônima na periferia de uma cidade italiana de província? É verdade, falam italiano com fluência, são meio italianos, mas sentem-se indianos pelos quatro lados. Aqui se criaram, aqui aprenderam com o pai a amar esse imenso, difícil e fascinante país; aqui assumiram os valores do bisavô Nehru, o grande herói da independência e fundador da Índia moderna, valores que têm a ver com a integridade, a tolerância, o desprezo ao dinheiro e o culto ao serviço aos outros, principalmente aos mais necessitados. Aqui se criaram, como uma grande família indiana, na casa da avó Indira, que tanto lhes fazia um carinho enquanto tomava chá com Andrei Gromiko ou Jacqueline Kennedy quanto os ajudava a fazer os deveres na mesa da cozinha. Será que seus filhos se conformariam com uma vida próspera e confortável na melhor das hipóteses, mas afastada de tudo o que amaram desde que nasceram? E, para ela, não seria uma derrota retornar ao povoado de onde saiu?

- Acho que minha vida está aqui, mamãe... - Sônia acaba dizendo quando recupera a capacidade de falar.- Senhora, tem uma visita.

O secretário que a interrompeu permanece na porta até que Sônia faz um gesto dizendo "já vou", e então o homem se retira. Ela se despede de sua mãe e desliga o telefone, enxugando as lágrimas. Ao levantar-se, ajeita as dobras do sári e dirige-se ao escritório de seu marido, no térreo da vila colonial onde moram desde que abandonaram a residência do primeiro-ministro. Ao ver todos os objetos em seu lugar, suas câmeras fotográficas,

seus livros, suas revistas, seus papéis, seu rádio, parece por um instante que ainda está vivo, prestes a chegar de viagem, que o que está vendo não é mais que um sonho ruim, que a vida continua igual porque é mais forte que a morte.

Mas não é Rajiv quem entra pela porta, sorridente, cansado e pronto para abraçá-la, e sim três de seus companheiros do partido, três veteranos com semblante triste e desconsolado, dois deles usando camisas indianas de gola alta, o outro com um terno tipo safári. arquee, se esse atentado devastou a família, também deixou o Partido do Congresso sem cabeça. E alguém tem que liderar o partido. Quem será o próximo? - essa é a pergunta que se fizeram aqueles que agora visitam Sonia, horas depois de saber da tragédia.

Soniaji - diz o porta-voz da comitiva utilizando o sufixo ji, que denota carinho e respeito - quero que saiba que o Comitê de Trabalho o Partido do Congresso, reunido sob a presidência do velho amigo de seu marido, Narashima Rao, elegeu-a presidente do partido. A escolha foi unânime. Parabéns. Sônia fica olhando para eles, impassível. Não é o luto algo puro e sagrado? Nem a deixaram enxugar as lágrimas pela morte de seu marido os políticos já estão aqui.

A vida continua, e é cruel. Incapaz de sorrir, não tem nem vontade nem forças para fingir que está honrada pelo resultado da votação.

Não posso aceitar. Meu mundo não é a política, vocês sabem. Não quero aceitar.

Soniaji, não sei se percebe o que o comitê está lhe oferecendo. Oferece-lhe o poder absoluto do maior partido do mundo. E faz isso de bandeja. Oferece-lhe a possibilidade de liderar, um dia, este grande país. Acima de tudo, oferece-lhe a possibilidade de assumir a herança de seu marido, para que sua morte não tenha sido em vão...

Não creio que seja o momento de falar disso...

O Comitê de Trabalho deliberou durante longas horas antes de lhe fazer esta proposta. Garanto que pensamos muito. Você tem as mãos livres e conta com todo nosso apoio. Nós lhe pedimos que continue com a tradição familiar. É seu dever de boa filha da Índia.

Você é a única que pode preencher o vazio deixado por Rajiv - acrescenta outro.

A Índia é um país muito grande - responde Sônia. - Não posso ser a única entre milhões.

-Você é a única Gandhi...

Sônia ergue a vista para o céu, como se estivesse esperando esse argumento. Sem contar com seus filhos, claro.

Meus filhos são muito jovens ainda, e também não estão para falar de política hoje.

Não é pouca coisa, na Índia, chamar-se Gandhi... - acrescenta outro.

Sei o que quer dizer - interrompe Sônia. - É um sobrenome que obriga, mas que também condena. Veja o que aconteceu.

Na realidade, Sônia se chama assim porque sua sogra Indira se casou com um parsi chamado Firoz Gandhi, não porque tivesse alguma relação de parentesco com o pai da nação, o Mahatma Gandhi. Podia se chamar Kumar, ou Bosé, ou Kapur, ou ter qualquer um dos sobrenomes comuns da Índia. Mas o acaso quis que seu sobrenome coincidissem com o do mais célebre indiano, o homem mais querido por seu povo por tê-lo guiado pelo caminho da liberdade. O homem que ficou tão íntimo dos Nehru que era considerado mais um da família. Juntos, conseguiram a independência, e fizeram isso graças a um poderoso instrumento, o Partido do Congresso, que hoje está órfão. Isso dá aos Gandhi, incluindo Sônia, uma aura diante das massas, o que tem um incalculável valor para os políticos de seu partido.

Veja... você é a herdeira dessa foto.

Um deles aponta uma foto em cima de uma mesinha ao lado do sofá. Está em uma moldura de prata, e mostra Indira, ainda menina, sentada ao lado do Mahatma.

Eu agradeço muito, de verdade, por terem pensado em mim para esse cargo. É uma grande honra, mas eu não mereço. Sabem que detesto a notoriedade. Além do mais, não pertencço à família direta, sou a nora...

Você se casou com um indiano, e sabe que aqui a nora passa a fazer parte da família do marido quando se casa... Você respeitou religiosamente nossos costumes.

Você é tão indiana quanto qualquer um de nós, e não é qualquer indiana que é a mulher de um Nehru-Gandhi. Veja esta foto... esse sári vermelho que usava no dia de seu casamento não é o que Nehru teceu na prisão?

Sim, mas isso não muda o fato de eu ser estrangeira...

Para o povo dá na mesma o local onde você nasceu. Não seria a primeira

estrangeira de nascença a ser presidente - interrompe o terceiro. - Lembre que Annie Besant, uma das primeiras líderes do partido e a primeira a liderá-lo nacionalmente, era irlandesa. A idéia não é tão absurda.

Eram outros tempos. Sou vulnerável demais para assumir esse posto. Imaginam os ataques da oposição? Instrumentalizariam o povo contra mim, e seria um desastre para todos.

Soniaji, estamos fazendo uma oferta incondicional... - diz o mais velho de todos, um astuto político conhecido por sua habilidade de manipular, e que parece estar prestes a tirar um ás da manga. - Talvez o mais importante para você seja que vai voltar a dispor do grau máximo de proteção, como quando Rajiv era primeiro-ministro.

Lamento, mas bateram na porta errada. Não tenho ambição de poder, nunca gostei desse mundo, eu me movo mal nele, detesto ser o foco das atenções. Rajiv também não gostava. Ele se meteu em política porque sua mãe lhe pediu. Senão, continuaria sendo um piloto da Indian Airlines, estaria vivo hoje e seríamos, provavelmente, muito felizes... De modo que sinto muito, mas não contem comigo.

Você é a única que pode evitar que o partido caia. E se o partido se desfizer, é muito provável que o país inteiro desmorone. O que manteve a Índia unida desde a independência? Nosso partido. Quem é a garantia dos valores que permitem que todas as comunidades convivam em paz? O Congresso. Desde que não estamos no poder, veja como ganham terreno os velhos demônios: o ódio entre comunidades, entre religiões, as tentações separatistas de tantos estados... O país inteiro corre para a ruína, só você pode nos ajudar a salvá-lo. Você tem prestígio e as pessoas a amam. Por isso viemos pessoalmente... para apelar a seu senso de responsabilidade.

Responsabilidade? Por que esta família deve pagar com o sangue de seus membros um tributo constante ao país? Será que já não bastou com Indira e Rajiv? Querem mais?

Pense bem, Soniaji. Pense em Nehru, em Indira, em Rajiv... Sua família está tão intimamente ligada à Índia quanto um cipó em volta do tronco de uma árvore. Vocês são a Índia. Sem vocês, não somos nada. Sem você, não há porvir para esta grande nação. Essa é a mensagem que viemos lhe transmitir. Sabemos que são horas amargas, e pedimos perdão por interromper seu luto, mas não nos abandone. Não jogue fora tanto sacrifício e tanta luta. Você tem em suas mãos a tocha dos Nehru-Gandhi, não deixe que se apague.

Palavras, palavras, palavras... Sempre há um propósito maior, uma meta mais alta no fim do caminho, uma razão mais nobre, uma justificativa melhor para enfeitar o fim último, que não deixa de ser tomar o poder. Os políticos sempre encontram argumentos e desculpas para falar da única coisa que lhes interessa, o poder.

Por ter vivido tantos anos à sombra de dois primeiros-ministros, Sônia sabe como é. Imagina perfeitamente a desolação de todos os cabeças de lista que iam se candidatar às eleições e que hoje também se sentem órfãos. O assassinato de seu marido acabou com os sonhos de muita gente, não só com os seus. Imagina todas as conjecturas, as manobras, as rasteiras, os enganos de todos os que lutam pela sucessão de Rajiv no seio do partido. É muito o que está em jogo, por isso vêm os mandachuvas rogar-lhe, sem perder um minuto sequer. Não pensam nela como ser humano, nem mesmo nessas horas tristes, e sim como instrumento para manter as rédeas do poder. É hora de se posicionar no partido porque o poder não suporta o vazio. Em um país de poucos recursos, onde as oportunidades são poucas, o poder político é a chave da prosperidade individual.

Sônia aprendeu com Rajiv e Indira a manter os políticos na linha, a não se deixar usar por eles. Mas eles são astutos e acham que Sônia acabará cedendo, que o fará, se não por ela, por seus filhos, para manter vivo o nome da família, porque o poder é um ímã do qual é impossível escapar. Não dizem os poetas védicos que nem mesmo os deuses podem resistir aos elogios?

No dia seguinte, Sônia manda uma carta à sede central do partido: "Estou profundamente comovida com a confiança depositada em mim pelo Comitê de Trabalho. Mas a tragédia que se abateu sobre meus filhos e sobre mim não me permite aceitar a presidência dessa grande organização". É um balde de água fria para os fiéis que não aceitam sua rejeição e que decidem continuar pressionando-a com todos os meios a seu alcance. Toda manhã, simpatizantes do partido manifestam-se em frente a seu domicílio, uma vila colonial situada no número 10 da rua Janpath, uma avenida do centro de Nova Délhi.

Levam cartazes e gritam "Viva Rajiv Gandhi; Soniaji presidente".

Sônia, irritada, roga ao secretário de seu marido que expulse os manifestantes, que ponha fim a esse espetáculo que lhe parece estúpido e sem sentido. "Que procurem um sucessor", pensa ela. "Minha família já fez o bastante..."

Os que realmente se sentem tranqüilizados quando lêem a notícia no jornal são seus parentes em Orbassano, perto de Turim. "Na cidade, respiramos todos aliviados", declara uma moradora. "Ainda bem que não aceitou o cargo de seu marido; isso teria representado um grande risco para ela e para seus filhos."

ATO I - A DEUSA DURGA CAVALGA UM TIGRE

A função do poder é proteger. Pascal

Sônia tinha dezoito anos, a idade em que decidira ir para a Inglaterra aprender inglês, quando se apaixonou por Rajiv. Era tão bonita que as pessoas se voltavam na rua para olhá-la. Andava muito ereta, e seu cabelo castanho-escuro e liso emoldurava seu rosto de madonna. Josto Maffeo, um colega de classe que nos fins de semana dividia com ela o trajeto de ônibus do povoado de Orbassano, onde morava com sua família, até o centro da cidade de Turim, hoje um conhecido jornalista, recorda-a como "uma das mulheres mais bonitas que conheci na vida. Além de bonita era interessante, muito amiga de seus amigos, tranqüila e equilibrada. Não gostava de participar de grandes farras e sempre mantinha certa reserva em relação aos outros".

Não é de se estranhar, então, que o pai de Sônia, um homem robusto cujo rosto de montanhês tinha a marca de um passado duro de trabalho ao ar livre, se opusesse com tanta veemência a que sua filha fosse estudar inglês em Cambridge. O bom Stefano Maino, com seu cabelo curto penteado para trás, seu bigode grosso que fazia coceguinhas em suas filhas ao beijá-las e suas faces encarnadas, era feito à moda antiga. Tanto assim que anos atrás, ao se instalar em Orbassano e saber que a escola do povoado era mista, não permitiu que suas filhas a freqüentassem e optou por mandá-las a Sangano, um povoado a 10 km de distância, para um colégio exclusivamente feminino. Quando foram crescendo, sempre queria saber onde e com quem estavam suas três filhas. Também não via muita graça em que saíssem nos fins de semana, e isso porque não eram saídas noturnas, o que não teria tolerado.

Eram idas a Turim, a meia hora de trem ou de ônibus, para passear por suas belas avenidas, ou, se o tempo não estivesse bom, para lanchar com as amigas em uma das famosas cretnerie da cidade. Stefano era um homem de

princípios estritos e irremediavelmente e chocava com suas filhas adolescentes. Quem costumava enfrentá-lo era Anushka, a mais velha, uma garota de caráter forte, rebelde e briguenta. Comparada a ela, Sônia era um anjo. A mais nova, Nadia, ainda não dava problemas.

Sua esposa, Paola, uma mulher de feições regulares, sorriso franco e ar mais refinado, compensava com sua flexibilidade a severidade de Stefano. Era mais aberta, mais tolerante, mais compreensiva. Talvez por ser mulher, era mais capaz de entender suas filhas, mesmo que sua adolescência houvesse sido muito diferente, em uma aldeia montanhosa que não chegava aos seiscentos habitantes, e em uma época em que a Itália era um país pobre. Muito pobre. Suas filhas nunca tiveram que ordenhar vacas por obrigação, ou cuidar das tarefas do campo ou servir café no bar da família. Elas eram fruto do pós-guerra, filhas do Plano Marshall, da expansão econômica, do ressurgimento da Itália na Europa. Só conheceram a pobreza de passagem, quando eram pequenas, porque nos anos do pós-guerra era impossível escapar do espetáculo dos aleijados e mendigos que buscavam o calor do sol e a caridade pública apoiados nos muros da praça. E esse contato as marcou para sempre, principalmente a Sônia.

Em Vicenza, a cidade grande mais próxima da aldeia em que moravam, a pobreza era vista antes de se chegar ao centro, nesses bairros de barracos, onde as crianças brincavam nuas ou andavam com roupa esfarrapada.

Por que as mães deles deixam que andem assim, sem roupa? - perguntava perplexa a pequena Sônia. Essas crianças andam assim porque não têm roupa. Não andam assim porque querem, e sim porque não têm outro jeito. Porque são pobres.

A menina entendeu pela primeira vez quão terrível era a pobreza. Além do mais, acrescentou sua mãe, algumas famílias passavam fome. Todos os meses não vinha o padre do povoado em casa pedir leite em pó, comida e roupa, que depois distribuía aos mais necessitados? Aquele padre sabia que sempre podia contar com a família Maino, que apesar de também passar apertos era católica devota e praticava a caridade.

O Evangelho diz que os pobres serão os primeiros a entrar no Reino dos Céus... Não lhe ensinaram isso na catequese?

Sônia assentia, enquanto ajudava sua mãe a preparar um pacote de roupa usada. Na casa dos Maino não se jogava nada fora, não se desperdiçava nada. As menores herdavam das maiores. O que não se usava era dado aos pobres. A lembrança da guerra estava muito próxima para que se esquecesse o valor das coisas.

Os PAIS DE SÔNIA ERAM ORIUNDOS da região do Vêneto, especificamente da aldeia de Lusiana, nos montes Asiago, às faldas dos Alpes, uma zona pecuarista que dá seu nome a um dos queijos mais apreciados da Itália, e conhecida também por suas pedreiras de mármore. A família paterna, os Maino, eram de modos rudes, honrados, diretos e muito trabalhadores. Uma qualidade que não passou despercebida à mãe de Sônia, Paola Predebon, filha de um ex-carabineiro que tocava o bar do avô na aldeia de Comarolo di Conco, no fundo do vale. Stefano e Paola casaram-se na bela igreja de Lusiana, consagrada ao apóstolo são Tiago, com sua torre alongada como uma flecha que aponta para o céu e que parece o minarete de uma mesquita, sem dúvida influência dos otomanos que andaram por ali há séculos.

Sônia nasceu às 9h30 da fria noite de 9 de dezembro de 1946 no hospital civil de Marostica, uma cidade muito antiga e pequena amuralhada aos pés dos montes Asiago.

"É nata una bimbaaa!", a boa-nova alcançou rapidamente a aldeia de Lusiana, e o eco retumbou nos muros de pedra das casas, nos estábulos, nas escarpas rochosas e nas montanhas dos arredores até perder-se ao longe, em cascata. Como homenagem à recém-chegada e seguindo a tradição, os moradores amarraram laços de tecido cor-de-rosa nas grades das janelas e nas portas da aldeia. Poucos dias depois, foi batizada pelo padre de Lusiana com o nome de Edvige Antonia Albina Maino, em homenagem à avó materna. Mas Stefano queria outro nome para sua filha. A mais velha, batizada como Ana, era chamada de Anushka, e Antonia se chamou Sônia. Cumpria, assim, a promessa que havia feito a si mesmo depois de escapar

vivo do front russo. Como muitos italianos que viviam na pobreza, Stefano havia se deixado seduzir pelas idéias fascistas e pela propaganda de Mussolini, e no início da guerra havia se alistado na divisão de infantaria 116 de Vicenza, um regimento que pertencia ao corpo de bersaglieri, de grande reputação no Exército italiano e no qual também o Duce havia servido.

Os bersaglieri, que eram conhecidos por sua rápida cadência ao desfilar, mais de 130 passos por minuto, e principalmente pelo capacete de aba larga do qual pendia um penacho de penas de galo pretas e brilhantes que caíam de lado, estavam cercados por uma aura de coragem e invulnerabilidade que a campanha da Rússia fez cair por terra. A divisão perdeu três quartos de seus homens no primeiro confronto com os soviéticos. Houve milhares de prisioneiros, dentre os quais se encontrava Stefano, que conseguiu fugir com outros sobreviventes. Conseguiram se refugiar em uma chácara na estepe russa, onde ficaram semanas sob a proteção de uma família de camponeses. As mulheres curaram suas feridas, os homens lhes deram víveres, e a experiência, além de lhes salvar a vida, transformou-os por completo. Como milhares de soldados italianos, retornaram desiludidos com o fascismo e agradecidos aos russos por tê-los salvado.

A partir de então, Stefano parou de falar de política; para ele, era feita de mentiras. Em homenagem à família que lhe salvou a vida, decidiu pôr em suas filhas nomes russos.

E, para não discutir com a família de sua esposa nem com o padre, para quem o nome Sônia não fazia parte do santoral - Sofia era aceitável; Sônia, não - Stefano aceitou registrá-la com nomes plenamente católicos. Depois do batismo, convidaram vizinhos e família para um prato de bacalhau à vicentina, o favorito da região, com muita polenta para passar no molho. Foi uma dificuldade arranjar bacalhau, porque naqueles tempos de pós-guerra havia escassez de tudo, até em Vicenza, a capital da região situada a 50 km de distância, embaixo, na planície.

A alegria dos Maino teria sido total não fosse pelas dificuldades que Stefano tinha para criar sua crescente prole. Nesses anos, era muito difícil fugir das garras da miséria. Tinham para comer, para vestir, e pouco mais. Os Maino

não tinham terras, só umas vacas e uma casa de pedra que ele mesmo levantara com suas mãos, a última da rua Maino, a rua onde gerações de parentes seus, que originalmente haviam chegado da Alemanha, foram construindo suas moradas. Eram espartanas, mas tinham umas magníficas vistas para o vale. Pequenos muros de pedra separavam os prados onde pastavam as vacas, cuja cria era o recurso principal da região, porque a terra era ruim para a agricultura, havia pedra demais e ladeiras demais. Sônia e suas irmãs cresceram diante do espetáculo sublime do vale de Lusiana, que mudava de cor conforme as estações. Todas as tonalidades e matizes de verde e pardo desfilavam diante de seus olhos, da cor esmeralda das árvores na primavera até o amarelo dos campos no verão, passando pelo acobreado do outono e o branco do inverno. Para as crianças, a primeira nevada do ano era como uma grande festa que celebravam com júbilo; faziam bonecos de neve e jogavam bolas pelas ruas brancas. Mas, em Sônia, a mistura de exercício físico e frio provocava uma fadiga no peito que a obrigava a voltar logo para casa. Gostava de se refugiar no calor do aquecedor de ferro fundido da cozinha, enquanto o vento assoviava pelas frestas das janelas.

Aos domingos pela manhã, o tilintar dos sininhos das vacas misturava-se aos repiques dos sinos da igreja, enquanto a família endomingada se dirigia à missa, que nunca perdiam. Rezavam para que Stefano arranjasse emprego, para que a asma de Sônia desaparecesse, para que a situação geral melhorasse, para que as meninas tivessem todo o necessário e se criassem saudáveis e felizes. No início dos anos 1950, Stefano acabou arranjando emprego, mas não em seu povoado, e sim do outro lado das montanhas, na Suíça. Sua experiência como pedreiro e seriedade fizeram com que fosse contratado em várias temporadas. Ia por no mínimo dois meses e voltava com os bolsos cheios de liras, que duravam menos do que teria esperado. Em 1956, Stefano tomou a decisão de emigrar, como estavam fazendo seus três irmãos e tantos conterrâneos. O polo industrial turinês, que havia crescido em torno à Fiat, agia como um ímã para milhões de italianos que queriam fugir da pobreza do campo. Os Maino atravessaram de trem todo o norte da Itália e instalaram-se em Orbassano, um povoado industrial na periferia de Turim. Assim fizeram porque Giovanni, um dos irmãos de Stefano, chamado de "o Mouro" pela cor de sua pele, havia se casado com uma garota de um povoado próximo e garantia que o boom da construção

precisava de muitos braços. Além do mais, Stefano conhecia a região porque, nos anos 1930, havia trabalhado para o Exército na reconstrução de fortes militares na fronteira com a França, nos Alpes, gostava dos piemonteses, talvez por também serem montanheses: gente direta, franca, que não perde tempo em contemplações.

Trabalho, trabalho e trabalho, essa era a receita de Stefano para prosperar rapidamente. Não fazia outra coisa, não se sabia que tivesse hobbies nem era apaixonado por esportes, mas gostava de ir ao bar de Pier Luigi para ver na televisão as finais da Juventus. A esse mesmo bar ia assiduamente sua filha Sônia, porque Pier Luigi vendia os melhores sorvetes da região. "Era molto vivace, molto biricchina", diria da menina. Quando chegou a Orbassano, Stefano já era mestre-de-obras, e ali passou a montar sua própria empresa de construção. Começou com reformas, a seguir construiu chalés, pequenos palazzi e mais adiante casas geminadas. "Era um homem muito direito", dizia seu amigo Danilo Qua-iri, um mecânico que consertava as avarias de suas betoneiras e demais maquinarias, e que acabou se tornando seu grande amigo. Todos os dias se viam na hora do café no Bar do Nino, na praça em frente à prefeitura, um edifício de dois andares com pórticos, um relógio na fachada e uma bandeira italiana na varanda. Ao lado ficava a Igreja de São João Batista, com seu torreão característico e seus telhadinhos bicudos turquesa, aonde iam à missa aos domingos com suas respectivas famílias. Stefano era um homem de horários fixos, amante da rotina.

Depois de seu encontro diário com seu amigo Danilo, voltava andando para casa pela Via Frejus, flanqueada por edifícios sem graça nem estilo, onde um bloco de apartamentos surgia ao lado de uma vila antiga, em uma mistura muito característica do urbanismo popular do pós-guerra. Sua casa ficava no número 14 da Via Bellini, a uma distância de aproximadamente 1,5 km da praça do povoado. Aquela vila de três andares cercada de um pequeno jardim havia sido o sonho de sua vida. Quando saldou as dívidas contraídas ao começar sua empresa, procurou um terreno a bom preço que ficasse perto da estação do trenino e da de ônibus, e comprou-o à vista. Stefano ergueu sua casa em tempo recorde, com a típica tavernetta que ocupava todo o térreo. Não havia uma casa que se prezasse que não tivesse sua tavernetta, muito cuidada, com seu balcão, seu bar, sua lareira, que os

pais utilizavam para se reunir com amigos ou para comemorar aniversários, e os filhos para seus bailinhos. Fez a casa grande com idéia de dividi-la com suas filhas quando fossem maiores. Além do trabalho, a família era um valor fundamental na vida de Stefano Maino, como bom italiano.

E, evidentemente, a religião. Valores todos que dividia com sua mulher Paola, e que se esforçavam para transmitir às meninas. Sônia tinha dez anos quando chegou a Orbassano. A mudança de uma aldeia de montanha a um subúrbio de uma grande cidade como Turim foi impactante. Era uma vida muito mais fácil, mais divertida, que oferecia possibilidades infinitas.

A única sombra nessa nova vida tinha a ver com sua origem. Eram paesani, como chamam pejorativamente aos imigrantes do campo no norte da Itália. Um estigma que a fez se sentir menos que os outros e que criou nelas um complexo que duraria a vida inteira. Na aldeia, nunca haviam se sentido diferentes; aqui sim, principalmente no início, no colégio, onde outras meninas as chamavam de paesani por se vestirem à moda antiga ou com roupa "de aldeia". Orbassano não era alheia ao ambiente classista de Turim, uma cidade conservadora onde se almoça ao meio-dia, toma-se o capuccino às cinco em grandes doçarias de estilo art déco e se janta às sete. Onde as mulheres estão sempre muito bem penteadas, e os homens se vestem na última moda. Onde o trabalhador quer viver como o patrão e o imita, o patrão como a rica burguesia, da qual quer fazer parte, e a burguesia como a aristocracia, a quem secretamente admira. Naquela época, não existiam veleidades de rebelião; ninguém queria enforcar o chefe, todos queriam ser como ele.

A prosperidade parecia não ter fim e permitia que todos perseguissem seu sonho de mobilidade social. Pouco a pouco, à medida que o pai prosperava, o status social da família Maino foi se elevando. De filhas de "pastor de vacas e pedreiro", as meninas passaram a ser filhas de um construtor que vivia bem. De filhas de camponês imigrante a filhas de empresário. Paola, a mãe, uma mulher mais sensível ao entorno social que seu marido, logo captou os gostos da burguesia turi-nesa - o estilo de vestir, os gestos etc. - e transmitiu-os a suas filhas, que rapidamente se tornaram umas "senhoritas". Nunca a ponto de renegarem suas origens; eram muito honradas para isso.

Mas sempre souberam que nunca alcançariam o status dos turineses de pura cepa porque não haviam nascido ali.

DEPOIS DE TERMINAR O ENSINO FUNDAMENTAL no colégio de meninas da aldeia de Sangano, Sônia queria ter continuado seus estudos na escola de Orbassano, mas seu pai se opôs. "Nada de escola pública para minhas filhas. Para elas, sempre o melhor." O melhor, segundo os Maino, era o colégio das irmãs Maria Auxiliadora em Giaveno, uma bela cidade medieval a uns 20 km de casa, conhecido local de lazer de muitos turineses. Ali teriam a possibilidade de se misturar com meninas de um "ambiente melhor" que na escola pública de Orbassano. Além de valorizarem muito a educação religiosa, também queriam se livrar do estigma de paesane. De modo que deixavam as meninas na segunda-feira pela manhã e as pegavam na sexta. Não era um internato rígido; ao contrário, estava cheio de freiras salesianas amáveis que logo se afeiçoaram a Sônia. "A mais velha era muito geniosa e difícil, mas Sônia era a bondade em pessoa", diria a irmã Domenica Rosso, que foi nomeada sua tutora. "Che bel carattere, sempre gioviale", lembra a irmã Giovanna Negri, antes de acrescentar: "Estudava só o necessário, mas era risonha e sempre muito solícita." Sônia já mostrava uma qualidade que se revelaria de grande importância em sua idade adulta: era conciliadora. "Tinha um talento especial para que duas colegas que brigassem parassem de fazer isso, ou para pôr de acordo um grupo e fazer uma atividade em grupo. Era uma garota muito serena, desde pequena, talvez por causa de seu problema, que a fez amadurecer antes do tempo..."

O problema a que se referia irmã Giovanna era a asma. Lembra que os ataques de tosse eram de tal intensidade que tiveram que acomodá-la em um quarto individual. Era a única interna que dormia sozinha, sempre com as janelas abertas, até no inverno, a despeito do vento glacial que soprava dos Alpes.

O internato, que contava com duzentas alunas, ficava em um morro que dominava a cidade: as torres de suas igrejas medievais emergiam entre um mosaico de telhados antigos, e do outro lado do rio havia um grande penhasco cujo cume costumava estar coberto de neve. Quando os ataques de tosse cediam, Sônia, embaixo de seu edredom de penas, ficava olhando para

essa montanha levemente iluminada pelo reflexo das luzes da cidade e que lhe lembrava sua Lusiana natal.

Sônia aprendeu a esquiar, como todos os piemonteses, para quem o esqui é o rei dos esportes. Mas nunca foi uma grande fã, como de nenhum esporte, por temer que o exercício desencadeasse um ataque de asma. Para compensar, entusiasmou-se muito com a leitura, uma paixão que duraria toda sua vida. No início, como era de praxe nos colégios católicos, lia a vida dos santos. Gostava principalmente das histórias dos missionários que davam tudo pelos pobres em países distantes. Ser missionária lhe parecia uma vida heróica, cheia de sentido, porque havia que se entregar aos outros, e excitante, porque estava cheia de aventura. As freiras do internato projetavam regularmente filmes que contavam as grandes façanhas e mitos do cristianismo - como a vida de São Francisco de Assis, por exemplo - que deixavam as meninas, principalmente Sônia, petrificadas de emoção. Mas o prazer dos livros durava mais que o dos filmes, e ela podia relê-los e recriá-los enquanto aprendia com as experiências e com os pensamentos dos personagens.

A leitura lhe abria as portas do mundo. Graças a ela, e a sua curiosidade inata, a adolescente Sônia desenvolveu um sentimento que as freiras chamavam de amor mundi, amor do mundo, segundo a sublime descrição de Santo Agostinho. Nas aulas, teve que aprender a vida dos grandes heróis da história moderna de seu país, como o filósofo e político Mazzini, que contribuiu para que a Itália fosse uma república democrática; ou as andanças do peculiar Garibaldi, idealista e guerreiro que lutou pela unificação do país. Aprendeu sobre o Risorgimento, o movimento nacionalista do século XIX, mas do resto do mundo as freiras ensinavam pouco. Por exemplo, da Índia, de sua luta pela independência e de sua irrupção como um Estado moderno nem sequer ouviu falar. A vaga figura de Gandhi lhe dizia alguma coisa, mas também não teria podido dizer de quem se tratava, como a maioria dos estudantes não só italianos, mas também europeus. Nehru, porém, lhe era mais familiar. Vislumbrou a silhueta desse homem elegante, com seu característico turbante, algumas vezes a caminho da cama, já de camisola, no noticiário noturno que seus pais viam na televisão.

De qualquer maneira, Sônia não se interessava particularmente por história,

nem pelas matérias científicas ou que tivessem a ver com a política. Sempre gostou de idiomas, para os quais tinha uma certa facilidade. Seu pai a havia estimulado a aprender russo e pagara um professor particular. Sônia entendia e falava o idioma, mas tinha dificuldade para lê-lo. Também aprendeu francês, em casa. Além do mais, os idiomas serviam para viajar, para conhecer outras pessoas, outros costumes, outros mundos, para descobrir esses lugares que pudera vislumbrar nas vidas dos missionários.

Mais tarde, quando deixou o internato de Giaveno e se matriculou em uma escola de Turim para fazer o pré-universitário, seus sonhos infantis foram se transformando. Foram se adaptando à realidade.

A idéia de ser comissária de bordo da Alitalia, de ganhar a vida viajando pelo mundo, chegou a seduzi-la. Não requeria um esforço excessivo e, quando terminasse os estudos, preencheria quase todos os requisitos: tinha boa aparência, bons modos, a altura certa, sabia russo e francês, tinha tudo... Só faltava aperfeiçoar seu inglês.

Papai, quero ir para a Inglaterra aprender bem inglês...

Nem pensar.

Para Stefano, a idéia de que sua filha vivesse entre aviões e hotéis daqui para lá não tinha a menor graça, e também não lhe parecia algo sério. Se queria aprender inglês, já lhe pagava aulas em uma escola, não precisava ir embora de casa. Não havia aprendido russo com um professor particular? Não havia aprendido francês sem jamais ir à França? Sônia, que conhecia bem a teimosia de seu pai, evitava enfrentá-lo, mas no fundo era igualmente cabeça-dura quando tinha certeza do que queria.

Tal pai, tal filha...

De modo que granjeou o apoio de sua mãe e, enquanto terminava seus estudos, trabalhava esporadicamente em Fieratorino, a organização encarregada dos congressos e feiras industriais, como o famoso Salão do Automóvel. Sônia fez pequenos trabalhos como comissária de bordo, e até como intérprete de russo em um campeonato de golf.

Gostava do contato com gente diferente. Tinha tanta curiosidade pelos idiomas quanto pela cultura e pelo espírito das pessoas que os falavam. O mundo era definitivamente maior que a pequena Orbassano, e esses trabalhos expandiam seu horizonte. Pouco a pouco, seu sonho de ser comissária de bordo foi se transformando no de ser professora de idiomas

ou, melhor ainda, intérprete em algum órgão internacional, como as Nações Unidas.

Como bom montanhês, Stefano era autoritário e rígido, mas não tão obtuso a ponto de não perceber as necessidades de suas filhas. Vivia um dilema comum às pessoas de sua geração: por um lado, sentia a necessidade de mantê-las sob controle e de educá-las à maneira tradicional (as garotas podiam fazer certas coisas; os rapazes, porém, podiam fazer tudo o que quisessem), e, por outro lado, sentia que os tempos mudavam e que já não se tratava de esperar que encontrassem marido. E, mesmo assim, melhor que fossem financeiramente independentes para não ter que viver sob a autoridade de um homem. De modo que, diante da pressão de sua mulher, que estava empenhada em que as filhas tivessem uma profissão, transigiu e aceitou pagar a viagem e os estudos de Sônia na Inglaterra. Mas não estavam dispostos a que a filha fosse de au pair morar com qualquer família em uma cidade qualquer. Escolheram Cambridge, berço de uma das mais prestigiosas universidades e colleges. Na idade em que Sônia estava, mais valia cercá-la do melhor ambiente possível... Ela lhe agradeceu abraçando-o e beijando-o como quando era pequena, buscando as coceguinhas de seu bigode.

Em 7 de janeiro de 1965, despediu-se de suas irmãs e deu um forte apertão em Stalin, o velho cão que havia sido seu companheiro de brincadeiras durante toda a infância.

Os pais a acompanharam até o aeroporto de Milão, a uma oretta de distância. A neblina da manhã deu lugar a um dia ensolarado e frio. Sônia se debatia entre a excitação de viajar sozinha pela primeira vez e o medo do desconhecido. Tinha dezoito anos e a vida toda pela frente. Uma vida que nem em seus sonhos mais absurdos poderia ter imaginado.

"Para elas, sempre o melhor..." Stefano nunca foi mesquinho com suas filhas. A Lennox Cook School era uma das melhores e mais caras escolas de idiomas de Cambridge, situada em uma bela rua um pouco afastada do centro. Orgulhava-se de ter tido o famoso escritor E. M. Foster entre seus professores de literatura, mas naqueles anos ele era muito velho e só ia esporadicamente para dar alguma palestra. Pelo preço da matrícula, a escola

se encarregava também de encontrar uma família inglesa para cada estudante que assim solicitasse, para que pudesse viver como hóspede.

Comparado com o de Turim, o clima de Cambridge pareceu deprimente a Sônia: o frio congelava os ossos por causa da umidade, caía uma garoa constante e anoitecia às quatro da tarde. Além do mais, era um frio penetrante, porque, para economizar, os aquecedores da casa eram mantidos desligados a maior parte do dia. Para sua surpresa, o de seu quarto funcionava só com moedas. Havia pensado que morar no seio de uma família inglesa seria como morar com qualquer família italiana, onde tudo se dividia. Mas isso era desconhecer os costumes locais. Hospedar alguém era um negócio como outro qualquer e, como tal, tudo era contabilizado. Descobriu horrorizada que tinha de pagar cada vez que quisesse tomar um banho, e que ia sair caro manter o nível de higiene diária a que estava acostumada. Mas o pior eram as refeições.

Nunca havia comido couve fervida nem carne com geléia nem tortilla de batatas acompanhada de... batatas. Levantar-se pela manhã e encontrar-se diante de uma torrada com feijão branco em molho de tomate tirava seu apetite. E a torrada com espaguete moles e grudentos que lhe deram um dia pareceu-lhe uma piada de mau gosto, mas, ao ver que os outros lhe fincavam os dentes com prazer, percebeu que assim eram as coisas nesse país tão estranho. A isso se somava a dificuldade que tinha de se expressar: era incapaz de manter uma conversação fluente com a família que a acolhia. Na realidade, sabia menos inglês do que havia imaginado.

No início, pensou que nunca se acostumaria. Sua timidez constituía um obstáculo para se relacionar. Evitava ver outros italianos porque estava ali para estudar, e não para se divertir. Dedicou os primeiros dias a descobrir a cidade. A igreja gótica do King's College e o rio cheio de canoas com turistas eram dois de seus lugares preferidos. Mas havia muitos lugares interessantes, como a capela do Trinity College, com suas estátuas e placas em honra aos grandes personagens que haviam estudado ou pesquisado ali, como Isaac Newton, Lord Byron ou o próprio Nehru. "ponte matemática", a primeira ponte do mundo projetada segundo a análise das forças matemáticas que agem sobre sua estrutura... Não lhe pareceu estranho que Cambridge

fosse considerada uma das cidades mais belas da Inglaterra, mas isso não deixava de ser um pobre consolo para sua solidão. Depois das aulas costumava andar pelas ruas do centro.

De vez em quando, entrava em uma das numerosas livrarias, principalmente nas que tinham jornais estrangeiros, para folhear alguma revista ou jornal italiano. Esse fugaz contato com seu país era como um bálsamo. Sentia tanta saudade, tanta falta dos seus, que, ao voltar a seu quarto gelado, seu coração se apertava. Mas por que diabos fui querer estudar em um lugar assim? - perguntava-se enquanto dava uma forte inspirada em seu inalador.

Por mais tímida que fosse, era impossível não fazer amigos aos dezoito anos em um lugar como Cambridge, onde um em cada cinco habitantes era estudante. Havia de todas as nacionalidades e todas as raças e dedicavam-se a todo tipo de atividades durante o tempo livre, do esporte à arte dramática, passando por ouvir música ao vivo ou fazer piquenique no Orchard Tea Garden, uns jardins em uma paragem idílica que parecia saída de um romance de Thomas Hardy e cujo café servia um delicioso cheesecake. Eles é que imprimiam à cidade esse ambiente cosmopolita, divertido e ao mesmo tempo interessante, pelo qual Cambridge era mundialmente conhecida. E muitos eram como Sônia, ou seja, estrangeiros sem família nem amigos. Precisavam uns dos outros.

Foi um rapaz alemão quem lhe falou pela primeira vez de um restaurante onde se comia decentemente. Christian von Stieglitz era um estudante de direito internacional do Chrisfs College, um rapaz alto, bem apessoado, com olhos de um azul intenso e olhar malicioso. Meio inglês, meio alemão, falava vários idiomas, mas sentia predileção pelo italiano e pelo francês. E pelas italianas e francesas, de modo que... que melhor maneira de unir o útil ao agradável que pululando pelas escolas de idiomas, cheias de belas estudantes! Foi assim que conheceu Sônia, e convenceu-a a conhecer o único lugar em Cambridge onde se comia decentemente. Não era muito caro, e também não ficava longe da escola. O Varsity era conhecido por ser o restaurante mais antigo da cidade e jactava-se de ter tido como ilustres comensais o príncipe Faissal e o duque de Edimburgo em sua época de estudantes. Dez anos antes, havia sido comprado por uma família greco-

cipriota, e desde então oferecia pratos mediterrâneos a sua numerosa clientela, que incluía tanto professores quanto alunos. Ficava em um edifício antigo de fachada de tijolo aparente pintada de branco, com duas grandes janelas quadriculadas no andar superior. Era anunciado por uma placa discreta de letras pretas. Era um local estreito e das janelas que davam para a rua era possível ver os edifícios do Emmanuel College, outra instituição muito tradicional, onde o próprio Mr. Harvard havia estudado, e que lhe serviu de inspiração para fundar a universidade que leva seu nome, perto de Boston.

Para Sônia, foi uma verdadeira revelação, e um consolo para seu pobre estômago. Era o mais próximo da comida caseira que havia provado desde que chegara à cidade, de modo que logo se afeiçãoou aos mezze, os aperitivos que incluía molhar pão em tarama, um creme feito à base de ovas de peixe e limão, espetos de carne na grelha ou a especialidade da casa, o cordeiro ao forno, que derretia na boca como se fosse manteiga. Além disso, gostava do ambiente. A pessoa podia ir sozinha comer no Varsity e não se sentir solitária. Mais de uma vez cruzou com um personagem que mancava um pouco naquela época e sempre estava carregando livros. Fazia pesquisas sobre cosmologia na universidade e anos depois seu nome daria a volta ao mundo. Chamava-se Stephen Hawking, e também era assíduo do Varsity.

Outro personagem que via ali ganharia fama mundial, mas por outras razões. Sônia reparara nele várias vezes porque ocupava, junto com um grupo de estudantes bagunceiros, uma mesa longa próxima à sua. "Um daqueles rapazes se destacava por seu aspecto e por seus modos", contaria Sônia. "Não era tão escandaloso quanto os outros, era mais reservado, mais gentil. Tinha grandes olhos pretos e um sorriso maravilhoso, inocente e desconcertante ao mesmo tempo."

Uns dias depois, quando Sônia estava almoçando com uma amiga suíça em uma mesa em um canto do andar de cima, viu-o se aproximar acompanhado de Christian von Stieglitz, seu amigo alemão. Depois da habitual troca de cumprimentos e gracinhas, o europeu disse:- Quero lhe apresentar meu colega de apartamento. Ele é da Índia, chama-se Rajiv...

Apertaram-se as mãos: "À medida que nossos olhares se cruzavam pela primeira vez", diria Sônia, "eu sentia meu coração bater". Rajiv estiver a observando-a durante todo o almoço, encantado com sua beleza serena.

Gosta dela? - havia perguntado Christian. - É italiana, eu a conheço...

Então, apresente-a.

O alemão estava surpreso, porque Rajiv não era mulherengo, e sim bastante distante e tímido. "A primeira vez que a vi", contaria Rajiv, "soube que era a mulher da minha vida."

Nessa mesma tarde decidiram ir os quatro a Ely, uma aldeia a 20 km de Cambridge conhecida por sua soberba catedral românica erigida dentro dos muros de um mosteiro beneditino. Foram no velho Volskwagen azul de Christian, cujo teto parecia marcado de varíola. O responsável por isso havia sido Rajiv, que capotara duas vezes um dia em que saíra para dar uma volta. Dirigir era uma de suas paixões. Como não tinham dinheiro para levá-lo a uma funilaria para arrumá-lo, tiveram que entrar no veículo e endireitar o teto a pontapés. De resto, o fusca era o sonho de todo estudante, porque significava ter um meio de transporte particular para sair da rotina e descobrir o país a seu bel- prazer.

O passeio a Ely não teve nada de extraordinário, porém foi o mais especial dos que Rajiv e Sônia fizeram juntos em toda sua vida. Aquele que nunca esqueceriam. Era uma tarde sem chuva, e parecia que os raios de sol acariciavam o musgo dos muros e iluminavam os telhados de ardósia pretos e brilhantes pela umidade. Ely era um maravilhoso povoado conhecido por abrigar o maior conjunto de edifícios medievais ainda em uso em toda a Inglaterra. Um lugar mágico, onde era

fácil perder-se por entre as casas velhas e os jardins antigos; lá, desfrutaram de vistas espetaculares da campina inglesa do alto dos torreões. Christian, que o conhecia bem, fazia as vezes de cicerone e lhes mostrava os recantos mais bonitos românticos, como um mago tirando prodígios de sua cartola. Foi uma tarde tranqüila, na qual Rajiv e Sônia falaram pouco, deixando-se embalar por um sentimento de plenitude que parecia ser maior que eles. "O amor de Rajiv e Sônia começou ali mesmo, nos jardins da catedral, nesse exato momento. Foi algo imediato. Nunca vi dois seres se conectarem dessa forma, e para sempre. A partir desse momento até o dia de sua morte, foram

inseparáveis", lembraria Christian mais tarde.

PODE O AMOR SURGIR DE UMA MANEIRA tão instantânea, quase insolente? Quando Rajiv pegou a mão dela enquanto passeavam à sombra dos muros etustos da catedral, Sônia não teve forças para retirá-la. Pensou em fazer isso, mas não fez. Essa mão quente e suave transmitia-lhe uma segurança, por que não dizer, um prazer imenso e profundo. Como se durante toda sua vida estivesse esperando esse contato envolvente. Não a pôde retirar, mesmo que sua consciência lhe dissesse que devia fazer isso. Nos dias seguintes, tentou lutar contra esse sentimento que deixava seu coração a galope e lhe provocava certa ansiedade, por ser incontrolável.

Empenhava-se em dominá-lo, em não se deixar consumir por esse fogo que o sorriso de Rajiv havia acendido dentro dela. As mulheres não cedem às tentativas de sedução do primeiro que chega, haviam lhe ensinado isso desde a mais tenra infância. E ela havia cedido, mesmo que fosse só dando-lhe a mão, passeando como se fossem namorados da vida toda. Não devia se conter, disfarçar os sentimentos, pôr os pretendentes à prova? Mas tudo o que se supunha que devia fazer se desmanchava contra aquele sorriso, esses olhos aveludados, essa voz doce que se partia porque Rajiv era quase tão tímido quanto ela.

Quer ir esta tarde ao Orchard?

Não, obrigada, hoje não - respondeu ela com um nó na garganta, sem poder afastar seu olhar dos olhos dele.

É só um pouquinho, e voltaremos logo...

Ela negou de novo, dessa vez com a cabeça, e sorriu para não desanimá-lo, porque, no fundo, estava desejando dizer sim. Rajiv não insistiu, ficou ali plantado, sem saber que cara fazer nem onde pôr suas mãos, como um menino envergonhado que não sabe como encarar uma negativa. Não era o protótipo do pretendente italiano, ao contrário. Era um pouco desajeitado com as garotas, mas isso, em vez de diminuir, aumentava seu encanto. Rajiv não tinha malícia nem vulgaridade; a verborreia não era com ele. Era um rapaz sério, e seu sorriso parecia franco. Mas para Sônia sempre existia a dúvida... E se ele quer se aproveitar de mim?

Durante uma temporada, ela decidiu não ir mais ao Varsity para não cair na tentação de encontrá-lo de novo. Melhor cortar o mal pela raiz. Mas, então, sua vida voltou a ser tão cinza quanto antes, uma vida sem sabor... nem cor. A atração por esse rapaz será só para não ficar sozinha? - perguntava-se em

seu quarto gelado enquanto fincava o dente em uma maçã. Como pode ser um sentimento verdadeiro se quase nem conversamos? Como se pode querer o que não se conhece? Todas essas perguntas se amontoavam em sua mente enquanto tentava se convencer de que não, não podia ser, sua imaginação estava brincando com ela, não sentia nada por aquele rapaz. Depois, em momentos de lucidez, percebia que ele devia ser muito diferente dela em tudo. Era de outro país... E de que país! Nem da Europa nem dos Estados Unidos, mas de um lugar distante e exótico do qual ela não sabia quase nada...

Um indiano, nada menos! De outra raça, com a pele um pouco cetrina e que com certeza professava outra religião, que teria sido criado com outros costumes, quase medievais... Seria uma loucura se apaixonar por alguém assim! - dizia-se então. O mundo não estava cheio de histórias de indianos ou africanos que conhecem européias e que, quando as conquistam e as levam para seus países, transformam-nas em escravas? Ela se via, de repente, como o capricho passageiro de um príncipe oriental, ou algo parecido. Então, por um momento se esquecia de tudo e voltava a ser ela mesma, uma estudante italiana perdida em Cambridge, desejando que chegassem as férias para voltar para casa e acabar com a vertigem da solidão e da incerteza que, sem saber, estava transformando-a em adulta.

Mas a lembrança daquele sorriso não desaparecia com a mera vontade de apagá-lo, como se bastasse apertar um botão para dar ordens ao coração. O sorriso de Rajiv se infiltrava pelas frestas de sua mente e, em um momento de distração, tornava a ocupar um lugar central em sua imaginação. Como era muito mais agradável deixar-se levar pela fantasia que ficar lutando contra os ditames do coração, acabava dando rédea solta a suas divagações... O que esse sorriso tinha que a seduzia tanto?

Era o refinamento de seus modos e sua maneira de se expressar que tocaram seu coração? Era sua compostura de príncipe oriental? Rajiv falava com o melhor sotaque inglês, como se houvesse vivido toda sua vida em Cambridge. Era cortês e galante, um pouco à moda antiga, qualidades que faltavam nos outros estudantes. Christian, que o conhecia havia vários meses, acabava de saber que era neto do homem que havia sido primeiro-ministro da Índia, e isso é algo que impressiona, ou pelo menos atira

curiosidade quase tanto quanto o fato de Rajiv não o ter mencionado antes. A quem perguntava, Rajiv explicava que seu sobrenome não tinha relação alguma com o do Mahatma Gandhi, mas abstinha-se de comunicar seu parentesco com Nehru. Justamente do que mais gostava na Inglaterra? Era da tranqüilidade que lhe proporcionava viver de maneira anônima. Durante toda sua vida na Índia havia sido o neto do primeiro governante da Índia independente, um ícone venerado por milhões de pessoas.

Agora que podia ser ele mesmo, queria aproveitar ao máximo.

Apesar de ser quem era, não tinha dinheiro para sair. Gostaria de tê-la convidado a ir a um dos poucos clubes noturnos onde se podia ouvir música ao vivo, que se chamava Les Fleurs du Mal, mas o dinheiro não chegava para tanto. Christian se surpreendia com a diferença abismal que havia entre os dois grandes grupos de estudantes asiáticos em Cambridge, os paquistaneses e os indianos. Os primeiros costumavam ter muito dinheiro e o desperdiçavam, mas os indianos estavam todos na lona. A razão se devia à restrição imposta pelo governo indiano a seus cidadãos para limitar a compra de divisas, não podendo trocar mais de 650 libras a cada vez que viajavam.

"A beleza de Cambridge", lembraria Christian, "é que era um grande nivelador de classes sociais e econômicas."

A vida noturna era praticamente inexistente porque as portas dos colleges fechavam às onze. Tinham que sair de dia, e as distrações eram muito simples: passear, andar de canoa pelo rio Cam, passar a tarde nos dighs de um ou outro... Da segunda vez que Rajiv lhe propôs sair, ela aceitou, e ficaram ouvindo música no minúsculo alojamento de estudantes que ele dividia com Christian, e transbordava de amigos e de discos. Sônia acabou essa tarde com a certeza de que Rajiv gostava dela de verdade. Dava até pena vê-lo tão apaixonado e tão impotente para expressar seus sentimentos. Sônia percebeu que ele era vítima de uma torrente de sentimentos que o reviravam por dentro tanto quanto a ela. Nesse dia não estavam de bicicleta porque chovia, de modo que ele a acompanhou andando até sua casa, um bom trecho, porque ela morava mais perto do centro. Estavam tão entretidos em sua conversa que se perderam pela cidade deserta enquanto ele abria seu coração para ela. Confessou que adorava morar na Inglaterra porque ali se sentia livre pela primeira vez em sua vida.

Contou-lhe que desde menino havia vivido escoltado por guardas de segurança na casa do centro de Nova Délhi, onde seu avô atuava como primeiro-ministro. Contou-lhe como não gostava de ser reconhecido como filho da família à qual pertencia, porque cerceava seus movimentos e sua liberdade, porque nunca sabia quem eram realmente seus amigos, pois as pessoas se aproximavam com segundas intenções devido a sua proximidade do poder. Falou da sensação tão prazerosa que sentiu na primeira vez que dirigiu o velho fusca de Christian, e que o fez se sentir livre como nunca antes. Também falou da morte de seu pai, ocorrida quatro anos atrás. Da de seu avô no ano anterior, que doeu ainda mais porque o amava como a outro pai. "Sim", disse Sônia timidamente, "lembro disso." Sônia lembrava vagamente de ter visto, no ano anterior, nos noticiários da televisão, imagens do funeral de Nehru, grandioso, solene e triste.

Rajiv falava de tudo um pouco, misturando tudo, misturando em desordem lembranças com desejos, nostalgia com esperança, anseios com pesares. Sônia entendeu que, além da diferença de raça ou de nacionalidade, esse rapaz pertencia a um mundo ao que ela nunca havia tido acesso, nem sequer mero conhecimento. Mais que o fato de ser da Índia, o que mais a separava dele era a órbita em que ele girava, tão longe da vida de classe média de uma italiana de Orbassano como a Terra da Lua. Tudo os separava, mas, e talvez por isso mesmo, a atração mútua era ainda mais forte. Ela simbolizava para ele tudo o que desejava: ter uma vida normal, não era indiana, não era inglesa, não era identificável em nenhum degrau da hierarquia social. Ela representava o anonimato da classe média; em outras palavras, a liberdade, que é o que mais podia desejar um rapaz de 18 anos que havia crescido em uma gaiola dourada.

Contou-lhe sua paixão pela fotografia, por músicos de jazz como tan Getz, Zoot Sims e Jimmy Smith, mas também apreciava os Beatles e Beethoven. Mas sua verdadeira paixão era voar, e havia surgido aos catorze anos, no dia em que seu avô Nehru o levara para dar uma volta em um planador: "O som do vento, a sensação de total liberdade, a impressão de estar fora de tudo... é algo fantástico. Fiquei viciado para sempre". E a beleza de voar sobre as planícies do norte da Índia, com seus rios sinuosos, suas aldeiazinhas

cercadas de campos verdes e pardos onde até o menor pedaço de terra está cultivado... Depois dessa experiência, tornou-se membro do Aeroclube de Délhi e, cada vez que voltava de férias, saía de planador para dar uma volta e esquecer o mundo. Agora tinha vontade de tentar voar com motor, e brincava com a idéia de se tornar piloto.

Para Sônia, esse rapaz abria as portas de um mundo desconhecido que brilhava como as estrelas no firmamento. Era um rapaz doce, prático e ao mesmo tempo um pouco sonhador, e, acima de tudo, inspirava-lhe confiança. Falava com total naturalidade, e não se exibia porque não precisava. Era o contrário de um fanfarrão, o contrário do típico conquistador italiano que tão bem conhecia. Caminhando ao lado dele, parecia-lhe de repente que essas ruas não eram as de sempre, que estava em outra cidade muito mais bonita que a que havia conhecido até então. Rajiv a fazia sonhar, tirava-a de sua concha, fazia com que se esquecesse de si mesma e da saudade que havia sentido até então. Essa noite, ao deixá-la em casa, ele se declarou a sua maneira um pouco desajeitada, dizendo que era a primeira garota de quem gostava de verdade, e que esperava que fosse a única. Disse isso com tanta candura que era difícil não acreditar.

Mas, ainda assim, Sônia continuou lutando para tirá-lo da cabeça, porque era teimosa e porque seu coração oscilava como um pêndulo, dividido entre a razão e o desejo. Presa em um turbilhão de sentimentos contraditórios, sentia vertigem como se estivesse à beira de um precipício, hesitando, com medo de cair. O que represento no mundo desse rapaz? Que tenho a ver com um menino mimado a quem seu célebre avô levava para passear de planador?

Por que me deixo deslumbrar? Sônia se vangloriava de ter os pés na terra, e tinha. Mas, quanto mais ficava obcecada, mais distante se mostrava com ele, e essa aparente frieza era, para ele, um estímulo ainda maior para seduzi-la. A realidade era que pensava nele dia e noite, como se houvesse se transformado em sua própria respiração.

Quando não estava com ele, procurava a companhia das garotas de sua classe com a única finalidade de falar dele e de seu encanto arrebatador. O sentimento que a dominava serviu-lhe de estímulo para aprender inglês mais

rapidamente e melhor, tal era a necessidade de estar à altura, de não perder os matizes da conversa com Rajiv e seus amigos. Nada como o amor para aprender bem um idioma! - disse a si mesma, surpresa ao notar que de repente entendia uma conversa, um noticiário, um artigo no jornal.

Mas era extenuante viver sempre remando contra a maré, questionar essa atração que a enchia de esperança e, um instante depois, de dúvidas e temores. Cansada desse vaivém que a levava da euforia à melancolia, um dia parou de lutar e abandonou-se em seus braços, quando ainda retumbava em seus ouvidos a música de Gerry Mulligan vinda de dentro de um bar da movimentada Sydney Street.

De braços dados com Rajiv, a vida adquiria outro tom, outro sabor. Os passeios pelo rio em uma canoa que ele conduzia como um verdadeiro gondoleiro por trás dos colleges, as vistas do alto da Igreja de St. Mary de que desfrutavam sentados no gramado e comendo um sanduíche, o cheiro dos parques depois da chuva... A coisa mais anódina ganhava um destaque inesperado. Uma noite foram ao Les Fleurs du Mal ouvir música ao vivo e dançar twist, o ritmo que fazia furor na época e que Sônia dançava muito bem. Cambridge era, de repente, a cidade mais romântica do mundo, e ela já não queria estar em nenhum outro lugar para desfrutar do presente. Um presente que consistia em se verem todos os dias, irem de bicicleta da casa de um à casa do outro, fazerem piquenique, planos de fim de semana... Rajiv gostava muito de fotografia, e logo ele, sua câmera Minox e Sônia formaram um trio inseparável: ele havia encontrado sua musa perfeita e não parava de retratá-la. O romance atingiu tamanha intensidade que o dono do Varsity, Charles Antoni, disse que nunca havia visto "um casal tão apaixonado... parecia coisa de novela".

O presente também era viajar no fusca que Rajiv acabou comprando de seu amigo por algumas libras. Percorreram a campina inglesa, visitaram Londres e desfrutaram de uma liberdade que nesse momento parecia não ter fim. Quando o pára-brisas quebrou, continuaram usando o carro, mas enrolados em mantas.

Rajiv vivia como qualquer estudante inglês, trabalhando nas férias para

conseguir dinheiro extra. Havia sido vendedor de sorvetes, em outro ano havia trabalhado na colheita de frutas, carregando caminhões ou fazendo o turno da noite em uma padaria. "Cambridge me deu uma visão do mundo que eu nunca teria tido se houvesse ficado na Índia", lembraria Rajiv mais tarde. Em Sônia, encontrou uma perfeita aliada. Ela era inimiga das estridências e extravagâncias e desejava o que havia conhecido, uma vida tranqüila e estável, sem sobressaltos nem sustos. Se Sônia percebia a diferença tão grande que a separava dele, também viu os pontos que tinham em comum.

Ambos eram de natureza tímida e não buscavam protagonismo de nenhum tipo. Nem o sucesso nem a notoriedade chamavam a atenção deles. Ao contrário, eram dos que mais fugiam. "Não se interessavam pelo mundo exterior nem pela vida mundana... Valorizavam acima de tudo a privacidade", diria Christian. Ambos tinham um conceito muito parecido de vida familiar, talvez porque em suas respectivas culturas a família é o valor supremo. Rajiv não tinha ambição política, gostava das questões técnicas e das atividades manuais. Confessou a ela que havia feito o esforço de entrar no Trinity College para agradar seu avô, que estudara ali e acalentava o sonho de que um de seus netos seguisse seus passos. Mas, agora que Nehru estava morto, Rajiv estava pensando seriamente em abandonar o Trinity College e dedicar-se a sua verdadeira vocação: ser piloto de avião. Não sabia ainda como dizer isso a sua mãe.

O que soube dizer por carta a Indira, em março de 1965, um mês e meio depois do encontro no Varsity, é que havia conhecido Sônia: "... Você sempre me pergunta sobre as garotas que conheço e se há alguma que me atrai especialmente. Pois agora lhe digo que conheci uma garota muito especial. Ainda não lhe pedi, mas é a garota com quem quero me casar". Em sua resposta, sua mãe lhe recordou que a primeira garota que se conhece não é necessariamente a mais adequada. Queria amainar a paixão de seu filho. Afinal de contas, tinha apenas vinte anos. Mas, em sua carta seguinte, Rajiv confessou: "Tenho certeza de que estou apaixonado por ela. Eu sei que é a primeira garota com quem saio, mas como saber se vou conhecer outra melhor?" Na resposta, Indira lhe anunciou que havia acabado de aceitar seu primeiro posto oficial, que o havia feito um pouco contrariada, mas que estava feito: era ministra da Informação do governo da Índia. Como tal,

tinha a intenção de fazer uma viagem oficial a Londres no final do ano, e gostaria de aproveitar essa oportunidade para conhecer sua namorada.

Sônia sentiu um nó no estômago ao saber da notícia. Quanto a contar aos seus, era totalmente incapaz de armar-se da coragem necessária. Não queria nem imaginar qual seria a reação de seu pai...

Mas a notícia da chegada de Indira a fez esquecer por um momento o presente. De repente, pressentiu nuvens negras no horizonte de sua felicidade. Voltaram os medos e ela se perguntava que futuro havia naquele romance. Era bonito demais para durar. Já não duvidava de seus sentimentos; ao contrário, estava louca por Rajiv, nunca havia sentido tamanho arrebatamento, mas intuía que a imensa diferença que havia entre suas origens acabaria minando a relação, e poderia, talvez, arruiná-la por completo.

O pouco que sabia da Índia havia aprendido com um amigo, que a descrevera como um país distante e imenso povoado por encantadores de serpentes e elefantes e anciloso pela pobreza e pelo atraso. Um país que carecia das comodidades mais básicas, um país castigado por um clima implacável, um país sujo, onde as vacas andavam soltas à vontade e eram mais respeitadas que os membros das castas mais baixas; enfim, um país difícil e apaixonante... para um antropólogo ou um iogue, mas não para uma garota que tinha o sonho de trabalhar em uma organização internacional e ter uma vida familiar sem problemas. Como Rajiv se encaixava naquele quadro? Os Nehru, explicara esse amigo que também não estava muito bem informado, eram de origem aristocrática, da Caxemira. De alguma maneira dominavam a sociedade de seu país, e até certo ponto controlavam a política mundial... A seu lado, quem eram os Maino? - pensava Sônia. Uns paesani, dizia a si mesma. O que a filha de um pequeno e provinciano construtor italiano podia dar a Rajiv? Tinha certeza de que a mãe de Rajiv se faria a mesma pergunta, e isso lhe causava um grande desgosto. Sônia tinha consciência de que suas famílias "não podiam ser mais diferentes", segundo suas próprias palavras. Também não conseguia se imaginar dizendo a seu pai que havia se apaixonado por um homem de pele cetrina, que ainda por

cima era indiano e que professava, pelo menos oficialmente, a religião hindu. Não, essa era uma pílula que o bom Stefano Maino não ia engolir com satisfação, por mais primeiro-ministro que o avô tenha sido.

Sua natureza introvertida impedia-a de dividir seus temores com Rajiv. Não queria quebrar a felicidade, que podia ser tão frágil quanto o cristal mais fino.

Com ele, era de uma doçura cheia de reservas, e os olhos com que o olhava estavam cheios de perguntas. Era indiano, mas em seus gestos e maneira de falar via um inglês.

Era distinto e ao mesmo tempo se comportava com uma simplicidade impressionante. Sônia, na realidade, experimentava uma mudança estranha e definitiva que levava à aceitação cega, total, do que poderia - por causa de Rajiv ou graças a ele - lhe acontecer mais adiante. Sentia que na fronteira distante de seu próprio ser tudo havia sido determinado de antemão pelo destino, antes sequer de ela ter nascido.

NUM FIM DE SEMANA, SÔNIA CONHECEU SANJAY, O único irmão de Rajiv, dois anos mais novo, que estava fazendo um curso na casa Rolls-Royce em Crewe, a três horas de estrada, e que costumava ir a Cambridge divertir-se de vez em quando. Era muito bonito, como seu irmão, mas com um atrativo diferente. Sanjay tinha um rosto oval, lábios mais grossos e sensuais e entradas incipientes. Assim como seu irmão, tinha modos impecáveis e falava com voz suave e perfeito sotaque britânico. Ambos eram frugais em seus hábitos. Sanjay comia pouco, mas falava muito de política e adorava os parties. Rajiv não gostava nem de fumar nem de beber, não se interessava por política; renegava esse mundo e preferia um jantar tranquilo com amigos a uma festa barulhenta. Sanjay era mais frio que seu irmão mais velho, não exalava essa sensação de tranqüila doçura, de boa pessoa que tanta segurança dava a Sônia, e seus olhares eram diferentes. Rajiv olhava como se acariciasse com seus olhos amendoados.

Seu irmão, porém, tinha um olhar distante, um tanto insolente. Parecia muito orgulhoso de ser quem era, ao contrário de seu irmão.

Foi um ano maravilhoso, talvez o mais feliz de suas vidas, se por felicidade se entender a ausência quase total de preocupações e problemas. Mas o curso estava chegando ao fim, e as férias de verão iam interromper o idílio de Cambridge.

EM JULHO DE 1965, RAJIV E SÔNIA se separaram pela primeira vez. Sônia voltou para a Itália. Havia chegado alguns meses atrás como uma menina, agora voltava como uma mulher, com a idéia firme de fazer sua vida com Rajiv. Não sabia como nem quando, mas estava decidida. Foi uma despedida feliz e inquietante ao mesmo tempo, porque, embora tivessem certeza de que voltariam a se encontrar, Sônia temia a reação de seus pais. O futuro estava cheio de incógnitas.

Ficou muito satisfeito ao notar como seu inglês havia melhorado, quando conseguiu uns trabalhos como intérprete nas feiras de Turim. Que diferença, que desenvoltura...

Pelo menos, signor Maino não havia jogado dinheiro fora. Foi uma boa notícia para seus pais. A outra, a importante, ela não conseguia verbalizar. Por mais que ensaiasse mentalmente, não saía. "Quero lhes contar que estou apaixonada por um rapaz... Não, assim não, é ridículo!", dizia-se antes de ensaiar de outro jeito: "Conheci alguém muito especial e quero me casar com ele... Mas como vou lhes dizer isso?", tornava a pensar desesperada. Quando chegava o momento de infrentar isso, ficava paralisada.

"Mesmo sendo uma família muito unida", escreveria Sônia mais tarde, "eles eram muito convencionais, especialmente seu pai, que era um patriarca à moda antiga. Naquele tipo de família, o contato entre rapazes e garotas era estritamente vigiado e controlado."

Rajiv não entendia a reticência de Sônia a falar com seus pais.

Ela tentava se explicar: como lhes contar de supetão que estava vivendo uma história de amor apaixonada todos esses meses sem ter lhes contado nada? Não sabia como quebrar o gelo. "Ela não parece ser capaz de contar", escreveu Rajiv a sua mãe. "Não consigo entender.

Deve ser algo muito peculiar, ela só faz o que o pai diz." Claro que Rajiv não conhecia Stefano Maino, nunca havia visto seu rosto avermelhado, suas feições rudes de montanhês, nunca havia ouvido sua voz rouca nem seu tom taxativo quando não gostava de alguma coisa." Levou muito tempo até eu ter coragem suficiente para falar com meus pais de meus sentimentos por um rapaz que para eles não só era um estranho, como também um estrangeiro." A oportunidade surgiu depois do casamento de Pier Luigi, o dono do bar em Via Frejus. Pier Luigi, que a vira crescer, queria que fosse testemunha de seu casamento. Foi o grande acontecimento do verão no bairro. Uma festa com música e muita bebida no bar, que estava transbordando de gente, tanta quanto no encontro anual que reunia ritualmente os vizinhos para assistir na televisão ao Festival de San Remo.

Estou apaixonada, eu o amo - disse a eles depois de lhes explicar quem era o rapaz e como haviam se conhecido.

Que idade você diz que tem? - Vinte anos...

É muito jovem - disse sua mãe.

E ainda por cima é de fora! - acrescentou o pai.

Tal como havia imaginado, não mostraram o menor entusiasmo. Reagiram com um desdém total, como se sua filha estivesse tendo um ataque de loucura passageiro. Não havia nada naquela relação que os pudesse agradar: o rapaz tinha apenas dois anos a mais que Sônia, era estrangeiro, mas não inglês nem francês, e sim de um país que só saía nos noticiários por seus desastres, era um terrone, como os do norte da Itália chamam os imigrantes do sul, com o agravante de que nem sequer era italiano. E tinha outro defeito importante: não era católico. Para eles, Sônia havia aplacado a inquietude de se sentir sozinha pela primeira vez em um país estrangeiro caindo nos braços do primeiro que apareceu.

Já vai passar...

Mas não passava. Até o carteiro brincava com a família, porque agora trazia cartas diárias, todas com selos da Inglaterra, todas para Sônia. A "menina" passava longas horas em seu quarto, respondendo a sua volumosa correspondência, ou esperando ansiosa uma conversa telefônica. Depois, com as irmãs, que entenderam que Sônia estava realmente apaixonada. O "já vai passar" dos pais deu lugar a um "e se for sério?" de Anushka e Nadia. A

única coisa que suavizou a postura de sua mãe foi saber que pelo menos o rapaz era "de boa família". Para algo havia servido mandá-la para a escola mais cara de Cambridge! O fato de ser neto de Nehru, de sua mãe Indira estar no governo era indiferente para Stefano, mas Paola era sensível a isso. E as irmãs também. Já se viam desfilando montadas em elefantes nos jardins de algum palácio indiano. Para elas, a história tinha um quê de conto de fadas: um príncipe oriental havia se apaixonado pela irmã delas... Era excitante.

O cavalo de batalha foi a volta a Cambridge. Seu pai não queria que ela voltasse. Segundo ele, já sabia inglês o suficiente. Na realidade, queria cortar pela raiz o idílio de sua filha. Mas Sônia estava empenhada em conseguir seu diploma, o Proficiency in English, e para isso precisava de mais um ano. Como sempre, a influência de Paola foi decisiva. Ela e seu marido sabiam perfeitamente que sua filha queria voltar porque estava apaixonada, mas Paola insistiu na importância de obter um diploma. Sônia se manteve firme. Disse a eles que, se não a queriam ajudar, estava disposta a fazer como muitas garotas que estudavam inglês ali; procuraria um emprego e seria independente. Ninguém gosta de enfrentar seus pais, e Sônia menos ainda, porque não combinava com seu caráter de garota dócil. Mas o amor podia mais.

Seus pais acabaram cedendo, pensando que se opor ao romance da filha só o exacerbaria. Melhor que voltasse à Inglaterra, pensaram. Pelo menos voltaria com um diploma.

Tinham certeza de que aquela história de amor, que eles viam como uma excentricidade, não agüentaria o passar do tempo... A única coisa que podiam fazer era aconselhá-la:

veja bem onde está se metendo, não se precipite.

Sônia era tão respeitosa para com as tradições familiares, e tão pouco amante do confronto, que lhes prometeu mantê-los a par de tudo. De modo que, de volta a Cambridge e ante a iminente chegada de Indira, que havia mostrado o desejo de conhecê-la, pensou que era melhor que seus pais soubessem. Rajiv, que estava querendo fazer contato com os Maino,

aproveitou a ocasião para lhes mandar uma carta e pedir-lhes permissão para que o encontro entre sua filha e Indira Gandhi acontecesse. Uma carta muito formal e respeitosa que deixou os Maino pasmos, mas o que podiam fazer? Negar isso? Stefano não teria hesitado nem um segundo, mas sua mulher o convenceu a dar sua autorização.

Era inverno e a estrada brilhava por causa da chuva. Estavam chegando à City no fusca capenga de Rajiv quando Sônia teve um ataque de pânico. De repente, a perspectiva de comparecer a uma recepção na embaixada da Índia e encontrar a mãe de seu namorado em um ambiente que desconhecia aterrorizou-a e deixou paralisada. Que vou fazer ali? - perguntou-se subitamente. Uma torrente de perguntas, algumas sérias, outras triviais, atropelavam-se em sua cabeça: Como devo tratá-la? Estou vestida adequadamente?

O que devo lhe dizer? E se ela me desprezar? E se se mostrar agressiva comigo?

Mas que bobagem - repetia Rajiv.

De repente, o mundo desabava na cabeça de Sônia. Achava que os meses passados na companhia de Rajiv haviam sido um sonho que estava prestes a se desmanchar. Pensou que não estava preparada para conhecer a mãe dele. Além do mais, esse encontro significaria comprometer-se ainda mais, e como podia fazer isso se seus próprios pais haviam se mostrado tão reticentes a seu idílio?

Mas eles sabem, seu pai lhe deu permissão... Agora vai voltar atrás?

Rajiv não entendia nada. Sônia estava assustada. Pensava que talvez seu pai tivesse razão e que havia chegado o momento de pisar no freio, de serenar, de dar marcha a ré...

Sônia, nós combinamos, estão nos esperando...

Lamento, não vou, não posso.

Sônia perdeu as estribeiras, era incapaz de se controlar. O esforço de Rajiv para acalmá-la não deram resultado, de modo que precisou ligar para sua mãe e inventar uma desculpa para cancelar o encontro.

Marcaram para uns dias depois, quando Sônia estivesse mais calma. Dessa vez, ela prometeu a si mesma se comportar bem, mas continuava sendo um momento difícil de passar. Suas pernas tremiam enquanto subia os degraus da residência do embaixador da Índia, onde se hospedavam

Indira e sua melhor amiga, Pupul Jayakar, que a havia ajudado a organizar a homenagem a Nehru. As duas ainda estavam excitadas porque na véspera, depois de um recital de poesia de Allen Ginsberg e outros poetas da geração beat, haviam acabado à uma da madrugada em um restaurante espanhol comendo petiscos e vendo dança flamenca. Quando voltaram, encontraram o embaixador preocupadíssimo; estava a ponto de chamar a polícia porque achava que havia acontecido alguma coisa. Indira os recebeu em seu quarto levemente perfumado de incenso. Sônia encontrou-se diante de uma mulher de aspecto frágil enrolada em um elegante sári de seda. Reconheceu em seus olhos pretos e amendoados os de Rajiv. O cabelo preso com um laço deixava ver na testa uma mecha de cabelo branco abundante, a despeito de seus 48 anos.

Essa mecha, que se tornaria sua identidade, conferia-lhe uma inegável distinção. Tinha um sorriso cheio de encanto, maneiras delicadas e um proeminente nariz que tentava disfarçar com maquiagem sob os olhos para atenuar as sombras. Na realidade, e segundo havia confessado a sua amiga Pupul, o que realmente teria gostado era de operar esse nariz.

"Eu me vi diante de um ser humano perfeitamente normal", diria Sônia, "diante de uma mulher doce e acolhedora. Ela fez todo o possível para que eu me sentisse à vontade. Falou comigo em francês quando notou que eu dominava mais essa língua que o inglês. Queria saber de mim, de meus estudos." Rajiv devia ter contado a sua mãe alguma coisa sobre o ataque de nervos, porque Indira disse a ela que "também havia sido jovem, terrivelmente tímida, e apaixonada, e que me entendia perfeitamente".

Sônia, relaxada, desfrutou desse primeiro encontro, que acabou da maneira mais familiar possível. O casal precisava ir a uma festa de estudantes, e Sônia pediu para trocar de roupa em um quarto da embaixada. Mas, assim que saiu, tropeçou, e o salto de seu sapato desfez a barra de seu vestido. "A mãe de Rajiv", contaria Sônia, "pegou uma agulha e linha preta e, fiel a seu estilo pausado, que observaria de perto mais tarde, começou... a costurar a barra. Não era exatamente isso que minha mãe teria feito? Todas as minhas dúvidas desapareceram, pelo menos por ora."

Uma corrente de simpatia passou por entre essas duas mulheres tão diferentes em tudo, exceto no amor por Rajiv. Indira não havia dito a seu filho, mas a idéia de ter, um dia, uma nora estrangeira deixava-a um pouco desconcertada. Agora, depois de conhecê-la, suas reservas haviam se dissipado: "Além de bonita", escreveu a sua amiga norte-americana Dorothy Norman, "é uma garota saudável e direta."

Dorothy alegrou-se de receber essas notícias de sua amiga. Finalmente, parecia que Indira saía da profunda crise existencial em que se debatia desde a morte de seu marido, Firoz, quatro anos antes, e desde a mais recente, de Nehru, seu pai. Viúva primeiro e depois órfã. Além do mais, como seus filhos estavam no estrangeiro, havia ficado sozinha. No dia em que Rajiv havia partido para Cambridge, Indira escrevera a Dorothy: "Estou triste. É um momento muito difícil para uma mulher quando seu filho se torna um homem. Ela sabe que não depende mais dela e que de agora em diante vai fazer sua própria vida. E mesmo que às vezes a deixem dar uma olhada nessa vida, sempre será de fora, na distância de outra geração. Meu coração está sofrendo".

PARA INDIRA, FOI MUITO DIFÍCIL SE REFAZER da morte de Nehru, ocorrida em uma tarde quente, 27 de maio de 1964. Em seus últimos dias, ela não o havia abandonado nem um segundo, sempre atenta a suas necessidades, administrando-lhe os remédios, supervisionando sua dieta, afastando as visitas. A última foto que tiraram juntos, na qual está de cócoras a seu lado, mostra uma expressão de profunda tristeza e grande ternura. Indira havia passado os últimos anos colada a ele, organizando sua agenda, coordenando as visitas de dignitários estrangeiros, como o xá do Irã, o rei Saud, Ho Chi Minh ou Krushchev. Chegara até a servir de canal de comunicação entre ele e seus ministros. O próprio Nehru, ao ser nomeado máximo mandatário quando a Índia se tornou independente, em 1947. Havia lhe pedido que assumisse o papel de "primeira dama", já que sua esposa havia falecido tempos atrás e ele precisava de alguém de confiança que o soubesse levar para casa. Indira havia aceitado com reticências no início, e depois com verdadeira devoção. Fizera isso não só porque era uma obediente filha indiana, mas porque seu casamento estava desmoronando. Estava farta das infidelidades de Firoz, seu marido. De fato, viviam

taticamente separados fazia tempo, de modo que ela e seus filhos se instalaram em Teen Murti House, a bela residência do primeiro-ministro da Índia no centro de Nova Délhi. A primeira coisa que Indira fez foi tirar das paredes a coleção de retratos de heróis imperiais e mandá-los para o Ministério da Defesa. A seguir, substituiu-os por artesanato indiano e trocou as grossas cortinas francesas por cortinas de algodão cru, tecido que a roca de Gandhi transformou em símbolo de autarquia. Arrumou o quarto de seu pai com uma cama baixa cercada de seus livros e fotografias favoritos. Um dia, confessou que teria gostado de ser decoradora de interiores, mas o destino tinha outro papel reservado para ela.

Se a morte de Nehru havia privado o mundo de um gigante - ele havia sido o líder indiscutível do movimento de países não alinhados que agrupava mais da metade da população mundial - se havia deixado a Índia sem o símbolo de sua luta pela liberdade e sem primeiro-ministro, o Partido do Congresso sem sua máxima autoridade, sua filha Indira foi deixada no meio de uma imensa cratera, como se sua morte houvesse sido uma bomba que arrasara tudo a sua volta. Nehru havia sido a presença e a força dominante em sua vida, o farol que havia guiado seus passos. Talvez essa paixão por seu pai fosse consequência da muita falta que sentira dele quando menina, visto que ele passara quase mais tempo preso que em casa, devido a seu ativismo político. Mas, quando voltava, sua presença enchia de alegria a mansão familiar de Anand Bhawan, em Allahabad. Lá então era uma lenda de carne e osso, sempre descontraído, por mais tensão que houvesse a sua volta, com um rosto que parecia esculpido por um cinzel, um corpo bem proporcional, um olhar tímido e inquisitivo ao mesmo tempo, um riso franco e uma elegância natural que ele ressaltava colocando uma rosa na casa do terceiro botão de seu sherwani. Sua grande cultura, seu afiado senso de humor e seus dotes de orador granjeavam-lhe simpatia onde quer que estivesse. Movia-se com a mesma facilidade nos salões da alta sociedade e nas prisões de sua graciosa majestade. Chegou a ter como interlocutores desde seus professores de Cambridge a chefes de governo e vice-reis, desde o próprio rei imperador da Inglaterra - e seus carcereiros - a chefes tribais do Afeganistão.

DEPOIS QUE SEU PAI, O GRANDE MOTILAL, O deixou sozinho, aos treze anos, no internato da Inglaterra, Nehru passou sete anos aprendendo ciências políticas e interessando-se pelos últimos avanços tecnológicos. Voltou da Inglaterra em 1912, transformado em um cavalheiro britânico. Começou a trabalhar no escritório de seu pai, e este se mostrou muito satisfeito com as substanciais receitas que agora seu filho lhe proporcionava. O resto do tempo distribuía entre a biblioteca do Colégio de Advogados e a instituição que não podia faltar na Índia colonial, o clube, onde passava longas e tediosas horas sentado nas poltronas chester dos salões sobrecarregados discutindo temas legais com velhos membros da administração britânica. Uma vida chata, segundo o próprio Nehru, que mudou depois de um fato aparentemente insignificante, quando recebeu a visita de um grupo de camponeses que lhe pediu ajuda contra uns

latifundiários que usavam métodos cruéis para expulsá-los de suas legítimas terras. Nehru concordou em acompanhá-los até a aldeia para resolver o caso. Foi uma viagem de três dias que o transformou de advogado tímido e arrogante que, segundo suas palavras, desconhecia as condições em que a grande maioria de indianos vivia e trabalhava, em revolucionário. "Vendo-os com sua miséria e imensa gratidão, senti uma mistura de vergonha e dor", escreveu, "vergonha de minha vida fácil e confortável e da politicagem das cidades que ignora essa vasta multidão de filhos e filhas seminus da Índia, e dor diante de tanta degradação e insuportável pobreza."

A isso somou-se a notícia que chegou a ele da cidade santa de Varanasi, às margens do Ganges. Mohandas Gandhi, advogado que ainda era um desconhecido, havia causado uma verdadeira comoção ao fazer um discurso incendiário contra a desigualdade e a favor dos pobres por ocasião da inauguração da Universidade Hindu.

"A exibição de jóias que nos oferecem hoje é uma festa maravilhosa para os olhos", dissera para um auditório composto por autoridades coloniais e aristocratas indianos, mas quando a comparo com o rosto dos milhões de pobres, deduzo que não haverá salvação para a Índia enquanto não tirarem essas jóias e as depositarem nas mãos desses pobres." A audiência reagiu com indignação. Príncipes e dignitários abandonaram a universidade.

Só os estudantes aplaudiram as palavras de Gandhi. Mas o eco dessa intervenção retumbou na Índia inteira, e Jawaharlal Nehru quis conhecê-lo.

"Era como uma forte corrente de ar fresco" escreveria Nehru sobre Gandhi, "como um raio de luz que atravessava a escuridão; como um turbilhão que questionava tudo, mas principalmente a maneira como funcionava a mente das pessoas. Não vinha de cima, parecia emergir dentre os milhões de indianos, falando o idioma deles e incessantemente desviando atenção para eles e suas necessidades urgentes." Sua força se resumia em um conceito que cunhou em 1907, cujo nome derivava do sânscrito, Satyagraha, que significa a força da verdade, e cujo propósito implicava a ideia de uma energia poderosa, mas não violenta para transformar a realidade. Para as massas indianas, satyagraha representava uma alternativa ao medo. Foi o poeta bengali e prêmio Nobel de Literatura, Rabindranath Tagore, quem outorgou a Gandhi o título pelo qual seria conhecido, Tagore chamou-o de Mahatma: "alma grande".

Mas a grande alma precisava de um grande lugar-tenente. Foi nisso que seu discípulo e amigo Nehru se transformou e, a despeito de não terem nada em comum, a combinação de forças que surgiu daquela intensa amizade acabaria mudando o mundo. Porque Gandhi era um homem de fé, de religião; Nehru era um racionalista, um produto sofisticado de Harrow e Cambridge que mal falava os idiomas autóctones da Índia. Seus anos de Europa faziam com que visse como ridículos muitos costumes de seus compatriotas, como o de não sair de casa em dias considerados pouco propícios. No país mais religioso do mundo, era um ateu que desprezava os ascetas e os iogues, responsáveis, segundo ele, pelo atraso, pelas divisões internas e pelo domínio dos colonizadores estrangeiros. Gandhi o achava muito gentleman para seu gosto, e fez com ele o que fez com outros membros das classes altas. Mandou-o às aldeias para recrutar novos membros para o Partido do Congresso e, de quebra, conhecer o verdadeiro rosto de sua pátria.

A maioria nunca havia visto a pobreza de seus próprios compatriotas. Mas essa foi a beleza do movimento de Gandhi: pôs as classes altas em contato com as mais baixas, que começaram a existir para os olhos do resto da sociedade. Pela primeira vez, a Índia tinha um amplo movimento popular que repudiava a maneira de viver imposta pela distante Londres.

Durante trinta anos, Nehru percorreu a Índia a pé, em carros de bois, de trem, mobilizando a população. Mas se Gandhi sonhava com uma Índia de aldeias que vivessem em autarquia, uma Índia sem discriminação de castas, mas profundamente religiosa, Nehru sonhava com uma Índia libertada de seus mitos e da miséria pela indústria, pela ciência e pela tecnologia. Para Gandhi, eram justamente essas as desgraças da humanidade. Para Nehru, eram a salvação.

Suas diferenças de opinião e de visão nunca puseram em xeque a amizade e o profundo respeito que os dois homens se professavam. Concordavam no fundamental: chegar a uma Índia unida e independente sem derramamento de sangue. Nehru tinha certeza de que Gandhi era, além de um santo, um gênio. Valorizava sua extraordinária habilidade política, sua arte de falar com gestos que chegavam à alma do povo. Quando ambos se reencontravam, conversavam muito, trocavam pontos de vista, avaliavam os

últimos avanços na luta ou os últimos reveses. Discutiam sobre estratégias, irritavam-se, depois riam ou simplesmente meditavam. Gandhi sempre deixou claro que a tocha de seu combate passaria, um dia, para as mãos de Nehru, e levou-o à presidência do Partido do Congresso em três ocasiões.

Indira foi criada nesse ambiente, onde a fronteira entre a vida familiar e a vida política era inexistente. Contava a Gandhi suas confidências de menina, dizia-lhe quanto sentia a falta de seu pai, falava de sua solidão, de seus complexos por ser uma menina feinha. Nehru passou um total de nove anos preso, interrompidos por curtos períodos de liberdade. A vida familiar se ressentia tanto disso que uma vez Indira teve que dizer a um visitante: "Lamento, mas meu avô, meu pai e minha mãe estão todos na prisão".

DESDE A MORTE DE NEHRU, VINHAM à memória de Indira lembranças antigas de sua infância, quando se disfarçava de Joana d'Arc e imitava seu pai dizendo: "Um dia, conduzirei meu povo para a liberdade", enquanto discursava para uma multidão imaginária. "Ou como quando cometeu sua primeira ação política", como a chamaria mais tarde, que foi agredir um policial inglês que irrompeu na casa de Anand Bhawan para embargar objetos e móveis porque, por princípio, seu pai e seu avô, assim como os membros do partido, se negavam a pagar fiança cada vez que eram presos. Quis entrar no Congresso aos doze anos, mas, como não era a idade regulamentar, foi rejeitada. Reagiu a sua maneira, como faria mais tarde na vida, pegando o touro à unha. Reuniu nos jardins daquela mansão várias centenas de crianças do bairro. Indira dirigiu-se a elas como seu pai teria feito, convocando-os a lutar pela libertação da pátria a despeito dos perigos. Assim criou o "exército dos macacos", que eram crianças que faziam tarefas de espionagem, colavam cartazes, confeccionavam bandeiras e se infiltravam por trás das linhas policiais para passar mensagens a membros do partido. Seu exército chegou a contar com vários milhares de crianças, que prestavam um apoio substancial àqueles que lutavam. Como se sentia feliz quando seu pai mostrava orgulho dela!

Suas relações sempre foram marcadas pelo sofrimento da distância, que só as cartas conseguiam mitigar: "Quero que você aprenda a escrever cartas e que venha me ver na prisão. Sinto muito sua falta", escrevia Nehru quando

ela tinha apenas seis anos. Em seu décimo terceiro aniversário, Nehru lhe escreveu: "Que presente posso lhe mandar da prisão de Naini? Meus presentes não podem ser materiais nem sólidos. Só podem ser feitos de ar, da mente e do espírito, como os que uma fada lhe concederia, coisas que nem mesmo os altos muros de uma prisão poderiam reter".

Indira mergulhou nessas cartas - foram centenas de cartas, uma correspondência emotiva e interessante, porque ambos escreviam muito bem - para preparar a exposição comemorativa, essa que ia inaugurar em Londres. Queria ressaltar a faceta compassiva de seu pai, assim como sua incrível coragem e integridade com a ajuda de fotos e objetos e ilustrados em lendas extraídas de seus escritos e discursos. De todos os projetos que avia empreendido no Ministério da Informação que agora dirigia, a esse se dedicou com especial devoção. Não só pela questão sentimental, mas também porque achava que mostrar e exaltar a memória de Neru era importante para o mundo e para a Índia em particular, uma nação nova necessitada do exemplo de líderes que propiciassem sua unidade.

RAJIV ACOMPANHOU SÔNIA À EXPOSIÇÃO sobre Nehru. Era uma maneira de introduzir a jovem italiana na complexa história de seu país, uma maneira de explicar-lhe quem eram ele e sua família. Sônia deteve-se longamente diante do traje de noiva da avó de Rajiv, Kamala, e observou os utensílios rituais que eram utilizados nas bodas da Caxemira. A legenda explicava que a mulher também estivera na prisão e que morrera de tuberculose aos 36 anos... Sônia pensou em Indira: com um pai na prisão e uma mãe doente... Que infância teria tido?

Triste - disse Rajiv. - Além do mais, minha mãe também teve tuberculose. Ficou longas temporadas internada em um sanatório, onde lhe aconselharam que não se casasse nem tivesse filhos...

Ainda bem que não lhes deu ouvidos... - disse ela com um sorriso.

Salvou-se graças à descoberta dos antibióticos. Teve mais sorte que minha avó... Havia outro sári exposto, vermelho-pálido, com um festão prateado.

Esse é o sári que meu avô teceu na prisão para o casamento de minha mãe...

Espero que um dia você o use... - disse a ela divertida.

Sônia riu, pouco convicta. Não se imaginava enrolada nesse pano que havia sido confeccionado no interior de uma cela reconstruída ali mesmo para a

ocasião à base de fotografias ampliadas: via-se o catre, o caderno no qual se podiam ler frases de seus diários de prisão, a roca com que Nehru havia fiado esse sári, em um gesto que unia o amor pela filha e o amor pelo país... Gandhi havia transformado a roca em um símbolo de luta pela independência. Os ingleses haviam arruinado a rica indústria têxtil indiana impondo taxas desmesuradas aos produtos indianos para vender tecidos industriais fabricados na Inglaterra. A roca era um símbolo de rebeldia, uma maneira de dizer que não era necessário comprar produtos têxteis importados porque cada um podia fiar seus próprios tecidos. Havia uma carta, que Sônia leu. Havia sido escrita por Nehru na prisão e era dirigida a sua filha, que ia se casar: "No início, fiar é muito chato, mas, quando você começa, descobre que tem algo de fascinante. Eu lhe dedico meia hora por dia. Como não é muito tempo, produzo pouco, mas sou bastante rápido. Desde que comecei, há sete semanas, fiei quase 10 mil metros.

Sei que são necessários 30 mil para um sári. Em quatro meses, talvez tenha um sári para você!". Esse sári não era só um vestido de noiva; era também uma bandeira. Para Sônia, um vestido de noiva devia ser branco, com véu, como os que via todos os domingos de primavera nas noivas que se casavam na igreja de São João Batista em Orbassano. Às vezes, esquecia que Rajiv era indiano.

Exibiam filmes das comemorações da independência, que mostravam o último desfile do vice-rei Lord Mountbatten e de sua mulher, Edwina, a bordo de uma carruagem literalmente assediada pela multidão. Está chovendo crianças!", dizia assustada Pamela, a filha dos vice-reis, porque as mulheres jogavam seus bebês para o ar para evitar que a multidão os esmagasse. Rajiv contou a Sônia que sua mãe viu uma mulher que decidiu que seu bebê estaria mais seguro com Lady Mountbatten e entregou a ela. Edwina segurou-o no colo por um longo tempo. Via-se Nehru caminhando literalmente por cima da multidão, gritando para que içassem a bandeira açafraão, verde e branca da nova nação que incorporava ao centro um escudo singular: uma roca. Mountbatten lutava para afastar crianças e jovens meio desmaiados pela balbúrdia e deixá-los a salvo.

A bandeira foi recebida com um alvoroço imenso de alegria. Ouviu-se um tiro de canhão, e a seguir, como em um passe de mágica, um arco-íris surgiu

no céu, dando lugar às mais variadas interpretações sobre o significado desse "ato de Deus".

Mas também havia fotos e filmes da tragédia que acompanhou a independência. Rajiv contou a Sônia que Nehru fez seu famoso discurso da independência com o coração em pedaços. Uma gravação reproduzia sua voz naquela noite de 15 de agosto de 1947: "Há muitos anos, marcamos um encontro com o destino, e chegou a hora de cumprir nossa promessa... meia-noite, quando os homens estiverem dormindo, a Índia acordará para a vida e a liberdade..." Ouvir assim a voz de Nehru fez Sônia estremecer. Rajiv explicou-lhe que seu avô sabia que, enquanto anunciava a maior notícia na história da Índia, a cidade de Lahore, antiga capital do império mongol e a cidade mais cosmopolita do subcontinente, que havia passado a pertencer ao Paquistão, ardia em uma orgia de violência. Era o início de uma tragédia de dimensões gigantescas conhecida como a Partição. A independência dos dois países desencadeou um movimento de limpeza étnica e religiosa sem precedentes na história. Os hindus, que viviam havia gerações no local onde agora era o Paquistão, viram-se forçados a fugir. Por outro lado, os muçulmanos da Índia fugiram na direção oposta. As filmagens daquelas colunas de refugiados e o relato das atrocidades cometidas - famílias queimadas vivas em suas casas, mulheres jogadas de trens em movimento por serem da religião errada, filhas violentadas na frente de seus pais... - deixaram Sônia impressionada.

E a não violência? - perguntou timidamente Sônia, que via que suas idéias preconcebidas sobre o caráter pacífico dos indianos vinham abaixo.

Gandhi conseguiu deter grande parte da violência com seus jejuns - respondeu Rajiv - mas, no final, nem ele mesmo pôde escapar do fanatismo religioso.

Então, contou a ela que, quando ele tinha quatro anos, sua mãe o levava um dia a visitar o Mahatma na casa dos Birla, uma rica família que o alojava e prestava apoio cada vez que ia a Délhi. Gandhi estava muito deprimido por causa de declarações de extremistas hindus, que o acusavam de traição por ter defendido os muçulmanos perseguidos e por toda a tensão que o país

suportava, mesmo que a violência da Partição já houvesse cessado. "Não posso continuar vivendo nessa loucura e nessa escuridão", dissera Gandhi à fotógrafa Margaret Bourke-White nessa mesma manhã. Gandhi, que era como da família, mostrou-se muito carinhoso com Rajiv. Enquanto os adultos conversavam e tentavam descontrair o ambiente com alguma piada, o pequeno Rajiv brincava com uns jasmims que sua mãe havia comprado para o Mahatma. Em uma foto, via-se o menino colocando-as ao redor dos dedos do pé de Gandhi.

Ele me deteve com um gesto suave de mão - contava Rajiv. - "Não faça isso", disse, "só se colocam flores em volta dos pés dos mortos."

Continuou contando que nessa mesma tarde, enquanto se dirigia ao centro do jardim para a oração, um homem se aproximou de Gandhi e, juntando as mãos, saudou-o: Namastê!, disse, e a seguir olhou fixamente em seus olhos, sacou uma pistola Beretta do bolso e deu-lhe três tiros à queima-roupa. Era um fundamentalista hindu.

A exposição mostrava imagens do caos que se seguiu ao atentado. Talvez a mais dramática fosse a foto de Nehru no teto de um carro acalmando a população com um megafone na mão. Todos queriam se aproximar para dar um último adeus à "grande alma". Um alto-falante reproduzia as palavras que Nehru dirigiu à nação pela rádio nessa noite terrível: A luz se apagou sobre nossas vidas e só há trevas. Nosso líder querido, o pai da nação, deixou-nos. Eu disse que a luz se apagou, mas não é verdade. A luz que brilhou sobre este país não era uma luz ordinária. Dentro de mil anos, continuará resplandecendo. O mundo a verá porque continuará dando consolo a incontáveis corações". Sônia sentiu calafrios ao ouvir essa voz que parecia surgir do além.

- Meu avô vivia obcecado por manter a Índia unida e laica - explicou Rajiv.
- Dizia que a nação só podia sobreviver apoiada nesses dois calores... e acho que ele tinha razão.

Outras fotos mostravam Nehru com Gandhi, umas sorridentes, obviamente de acordo, outras sérios e discordando; Nehru com líderes chineses,

soviéticos, americanos; com cientistas como Einstein, com escritores como Thomas Mann e Pearl S. Buck... No fim, Sônia deteve-se longamente diante das fotos da família reunida em Anand Bhawan, procurando semelhanças. Rajiv era mais fino que seu pai, Firoz; tinha a elegância de sua mãe, pensou. O patriarca Motilal parecia-se com o próprio avô dela, o pai de Stefano, com seu rosto largo de maxilar forte e quadrado e o bigode igualmente grosso. Não reparou no texto da foto que falava do eterno dilema dos Nehru entre o dever político e a necessidade pessoal, e que, nesse conflito, o dever sempre havia triunfado. Embora Sônia estivesse visivelmente abalada por tudo o que acabara de ver, não podia medir o alcance dessas palavras nem imaginar que, um dia, seu significado a perseguiria.

A vida alegre de enamorados na Inglaterra fez uma vítima: os estudos de Rajiv no Trinity College. Foi reprovado em todas as matérias do curso. Nunca seria um cientista.

Já havia avisado a sua mãe que os estudos eram muito árduos e que os resultados seriam catastróficos. Indira não o censurou; afinal de contas, ela também havia sido reprovada em Oxford, mesmo que em circunstâncias muito diferentes: nunca tivera uma escolarização normal, e quando jovem estava sempre doente. Dentre os membros da família, só Nehru havia demonstrado uma genuína habilidade acadêmica. Seu neto Rajiv não era nenhum grande estudioso, nem um grande leitor ou intelectual como seu avô. Sempre havia gostado do prático, das questões técnicas, entender como funciona uma máquina, tentar consertá-la quando se quebra. Era capaz de montar seus próprios alto-falantes para ouvir música, ou estripar um rádio para consertá-lo. Era habilidoso com as mãos, uma qualidade que havia herdado de seu pai.

Rajiv teve que abandonar Cambridge e matricular-se no Imperial College de Londres, fazendo cursos mais técnicos de engenharia mecânica. Mas já tinha uma idéia clara do que queria. Havia visto a propaganda da escola de aviação Wiltshire em Thruxton, uma antiga base da RAF perto de Southampton transformada em escola de pilotos.

Queria aproveitar as férias de verão para começar a fazer aulas de voo. Tornar-se piloto tinha uma vantagem agregada à do puro prazer de voar: era

a maneira mais rápida de conseguir ganhar a vida, requisito indispensável para se casar com Sônia. Muito mais rápido que uma carreira universitária. Como não quis pedir dinheiro a sua mãe, decidiu que trabalharia para pagar as horas de voo e o instrutor até ser aprovado nos primeiros exames.

EM JULHO DE 1966, SÔNIA VOLTOU à Itália com o diploma de Proficiency English da Universidade de Cambridge embaixo do braço. O carteiro tornou a ser a pessoa que mais assiduamente visitava a casa da família da Via Bellini, diante da exasperação do casal Maino, que, a despeito de ter autorizado o encontro com Indira, continuava se opondo ao idílio de sua filha com Rajiv. Ela dizia abertamente que um dia se casaria com ele. Seus pais tentavam dissuadi-la. Stefano propôs-lhe esperar atingir a maioridade antes de tomar qualquer decisão:

É só um ano a mais - acrescentou sua mãe. - Uma decisão assim não pode ser tomada às pressas. Depois, você poderia se arrepender pelo resto da vida.

Enquanto estiver sob nossa responsabilidade - prosseguiu seu pai - não posso permitir que se case com esse rapaz. Temos certeza de que é um rapaz maravilhoso, não é isso... mas seria não cumprir meu dever de pai se lhe dissesse: vamos, vá para a Índia, case-se com ele. Você não entende? Espere mais um pouco.

Era uma proposta razoável, mas o amor entende pouco de razões, aos vinte anos, esperar é uma tortura. As greves dos Correios, tão frequentes na Itália, tornaram-se, esse ano, o maior inimigo de Sônia. Rajiv continuava escrevendo todos os dias, contando-lhe a felicidade que sentia aprendendo a voar sobre a campina inglesa. Voava em um biplano, um iger Moth, um modelo dos anos 1930, um avião ágil e sensível que lhe proporcionava horas de intenso prazer. A meta era voar sozinho, e para conseguir isso devia acumular um mínimo de quarenta horas com um instrutor. Esse era o requisito indispensável para prestar o exame de piloto civil e continuar subindo degraus até conseguir ser piloto comercial.

Rajiv tinha pensado em fazer uma viagem a Orbassano. Queria convencer o pai de Sônia a deixá-la ir para a Índia. "Quero que você vá à Índia", escreveu-lhe, "e que fique com minha mãe, sem mim, para que possa ver as

coisas como realmente são, e no que se refere a você, em sua pior luz, porque eu não estarei lá e você não terá ninguém em quem confiar. Assim conhecerá o país e as pessoas... Não quero arrastá-la a nada sem que saiba tudo o que isso implica. Eu me sentiria responsável se, mais tarde, algo desse errado e você se sentisse ferida de alguma maneira - nos sentimentos ou em outra coisa. Não quero ter que pedir contas a ninguém, salvo a mim mesmo, por isso, não quero mentir nem enganá-la.”

A carta mostrava uma certa altura moral e Sônia sentiu-se comovida, mas pessimista quanto à probabilidade de seu pai aprovar esse plano. Para custear sua viagem à Itália, Rajiv viu-se obrigado a arranjar mais dinheiro: "Sinto muito não ter podido escrever antes, mas arranjei um emprego de pedreiro em uma obra", dizia em outra carta. "Andei trabalhando até dez horas por dia, mais hora e meia para ir e voltar, de modo que, ao chegar em casa, estava morto.

Tenho tantas câibras que só consigo escrever muito devagar". Eram cartas cheias de carinho, de ilusão quanto ao futuro, mas as últimas revelavam um grande temor. Rajiv estava preocupado com as notícias que chegavam da Índia. O primeiro-ministro havia morrido de um ataque cardíaco enquanto fazia uma visita oficial à União Soviética para assinar um tratado de paz com o Paquistão depois de uma curta guerra. "A Índia vive uma situação muito agitada, muito ruim..." escreveu a Sônia. "Tenho o pressentimento de que muita gente vai querer que minha mãe seja primeira-ministra." Espero que ela não aceite, isso a acabará matando."

RAJIV TINHA RAZÃO. A camarilha que controlava o Partido do Congresso queria sua mãe como primeira-ministra: "Ela conhece todos os líderes mundiais, percorreu o mundo com o pai, foi criada ao lado dos heróis da luta pela independência, tem uma mente racional e moderna e não se identifica com nenhuma casta, estado ou religião.

Mas, acima de tudo, pode nos fazer ganhar as eleições de 1967", escreveu um chefe do partido. Havia outra razão, mais poderosa ainda: eles a queriam nesse cargo porque a julgavam fraca e achavam que era maleável. Os velhos mandachugas do partido tinham certeza de que poderiam continuar nos postos-chave, desfrutando do privilégio de tomar decisões sem a

responsabilidade de tomá-las. O melhor dos mundos. Na realidade, não conheciam Indira Gandhi. Em seus 48 anos, nem ela mesma se conhecia ainda.

Na véspera de sua eleição como chefe do governo, a máxima autoridade do segundo país mais populoso do mundo, Indira havia escrito uma carta a Rajiv dizendo que não conseguia tirar da cabeça um poema de Robert Frost que resumia bem a encruzilhada em que se encontrava: Como é difícil não ser rei quando está em ti e na situação". Também contava na carta que ao amanhecer desse dia visitara o mausoléu do Mahatma Gandhi para impregnar-se da memória de quem havia sido seu segundo pai. A seguir, foi a Teen Murti House, agora museu nacional, e ficou um longo tempo no quarto onde Nehru havia morrido. Precisava sentir sua presença. Recordou uma de suas cartas de quando ela tinha quinze anos: Seja valente, e o resto virá sozinho". Bem, o resto havia chegado. Abriria porta de uma nova existência, uma vida para a qual, no fundo, sempre estivera se preparando, mesmo que não admitisse conscientemente.

Depois da morte do pai, havia sonhado em retirar-se do mundo, pensou nisso durante algum tempo, até em alugar um apartamentinho em Londres e procurar um emprego ali, do que quer que fosse, talvez de secretária em alguma instituição cultural. Fugir de si mesma, isso era o que buscava. Mas logo a realidade a alcançou, e não pôde continuar sonhando com sua própria liberdade. Tinha que resolver problemas concretos. Havia ficado sem casa, e de seu pai havia herdado seus objetos pessoais e seus direitos autorais, pouca coisa. Nehru consumira seu capital porque seu salário de primeiro-ministro não era suficiente para suas despesas de representação, e ele não era daqueles que põe a mão nos cofres do Estado. É verdade que Indira herdou a antiga mansão de Anand Bhawan em Allahabad, mas implicava tantos gastos que mantê-la representava uma carga significativa. Além do mais, tinha dois filhos estudando na Inglaterra. Como bancar tudo isso? Retirando-se do mundo? Percebeu que era uma quimera, um capricho. Sua vida estivera dominada pela política tempo demais para poder se afastar tão jovem, todos os dias ia gente vê-la, gente de toda classe e condição, como faziam quando seu pai era vivo. As mesmas multidões que se congregavam em Teen Murti House agora iam vê-la.

Iam cumprimentá-la, expor suas queixas, para que ela as ouvisse, dissesse umas frases, mostrasse interesse por suas aflições. Eram os pobres de sempre, os pobres da Índia eterna e antiga, os mesmos pobres em nome dos quais Gandhi e seu pai haviam lutado. Indira não os ia deixar na mão; teria sido insultar a memória de Nehru. Ao contrário, recebeu-os e ouviu com atenção o que queriam lhe dizer. Foram eles quem realmente consolaram seu coração ferido. Deles foi tirando forças para seguir em frente, para encontrar um sentido para sua vida. Aqueles pobres fizeram-na perceber que o que havia realmente herdado era o poder de seu pai.

Sentia a presença de Nehru também ao entrar no edifício do Parlamento, no centro ajardinado de Nova Délhi, um gigantesco edifício circular de arenito vermelho e bege com uma varanda cheia de colunas. Dentro, sob uma cúpula de 30 m de altura, os representantes do povo a escolheram, por 355 votos contra 169. Seu partido votou em massa nela. Em seu breve discurso, agradeceu. "Espero não trair a confiança que depositaram em mim." Ela estava radiante, muito ciente de que seu encontro com o destino havia chegado. Ia tomar posse dessa "longa extensão de humanidade indiana", segundo a descrição de Nehru.

A residência que lhe foi designada ficava no mesmo bairro de Nova Délhi que a antiga mansão palaciana. O número 1 de Safdarjung Road era uma típica vila colonial com paredes pintadas de branco, cercada por um bom jardim, com quatro quartos, dos quais dois transformou em escritório e um em sala de recepção. Deixou claro que todos os dias, entre as oito e as nove da manhã, a casa estaria aberta a todos, não importava a posição nem o status social. Era o mesmo horário que Nehru havia dedicado à mesma tarefa.

INDIRA EXPLICOU A RAJIV AS RAZÕES que a haviam levado a aceitar a candidatura. Nos meses que passara à frente do ministério da Informação, fora arrastada a enfrentar uma crise nacional grave que não era da jurisdição de seu ministério. A crise a pegou de férias em Caxemira, a belíssima região de onde os Nehru eram oriundos. Assim que chegou, soube que tropas paquistanesas, disfarçadas de voluntários civis, pretendiam tomar a capital,

Srinagar, para fomentar uma revolta pró-paquistanesa na população. Indira desobedeceu à ordem do primeiro-ministro de voltar imediatamente a Délhi. Não só permaneceu em Caxemira como voou para a frente de batalha quando explodiram as hostilidades. "Não daremos um centímetro de nosso território ao agressor", proclamou em uma turnê pelas cidades do norte. A imprensa elogiou seu gesto: "Indira é o único homem DE um governo de velhas", rezou uma manchete. Os correspondentes que seguiam estavam impressionados de ver como Indira era recebida em todos os lugares por enormes multidões que gritavam seu entusiasmo.

O exército paquistanês foi derrotado. A Índia, e Indira, saíram vitoriosos, dando lugar à idéia que mais tarde tomaria conta da imaginação popular: Índia é Indira; Indira é a Índia".

Tudo isso acontecia enquanto, a 8 mil quilômetros dali, Rajiv aprendia a controlar seu Tiger Moth no céu da Inglaterra."... Se minha mãe não se candidatar a primeira-ministra, tudo o que conseguimos desde a independência se perderá", disse ele a Sônia em uma carta que parecia contradizer as anteriores. É que Rajiv vivia a sua maneira o conflito de sua mãe, que era o de toda a família, oscilando entre o dever para com a nação, para com a herança de seu pai e avô, e as exigências da vida pessoal.

Quando Rajiv soube que sua mãe havia sido eleita primeira-ministra, a carta que chegou a Sônia destilava a angústia que essa nova situação lhe criava: "Se algo acontecer com minha mãe, não saberei o que fazer. Você não pode imaginar quanto dependo dela, de sua ajuda em qualquer situação, especialmente com você. Será muito mais difícil para você que para mim. Para você, tudo será novo, e ela é a única que a pode realmente ajudar. Não sei que faria se viesse a perdê-la."

A foto de sua mãe saiu nas primeiras páginas da imprensa mundial, em uma banca de jornal de Thruxton, o povoado próximo à base aérea, Rajiv comprou um exemplar do jornal The Guardian: "Nenhuma outra mulher na história assumiu tamanha responsabilidade e nenhum país importância da Índia entregou o poder a uma mulher em condições democráticas", dizia o texto.

A foto de sua mãe também ocupava a capa da revista Time: "A Índia agitada nas mãos de uma mulher", rezava a manchete. Mesmo que ela proclamasse que não era feminista, o mundo inteiro tinha curiosidade de saber como uma mulher com pouca experiência em assuntos administrativos ia enfrentar a imensidão de problemas que a esperavam. Tão imensos quanto a nação que devia governar, composta por um complexo mosaico de povoados que compartilhavam raças, religiões, idiomas e culturas de uma enorme diversidade. Um país de maioria hindu, mas com mais de 100 milhões de muçulmanos que o transformavam no segundo país islâmico do planeta. Sem contar os 10 milhões de cristãos, 7 milhões de siques, 200 mil parses e 35 mil judeus, cujos antepassados haviam fugido da Babilônia depois da destruição do templo de Salomão. Um território onde conviviam 4635 comunidades diferentes, cada qual arrastando suas próprias tradições, e línguas tão antigas quanto diversas, como o urdu dos muçulmanos, que se escrevia da direita para a esquerda, ou o híndi, que se escrevia da esquerda para a direita; como o alfabeto latino, ou o tâmil, que se lia às vezes de cima para baixo, ou outros alfabetos que se decifravam como hieróglifos. Nessa babel eram usados 845 dialetos e dezessete línguas oficiais. Mas o inglês, a língua dos colonizadores, continuava sendo o idioma comum depois de a imposição do híndi ser rejeitada pelos estados do sul. Um país que arrastava desigualdades aflitivas, com uma corrupção bem incrustada em todas as esferas da sociedade e uma burocracia paralisante. Um país conhecido por suas altas conquistas espirituais e, ao mesmo tempo, por seus nefastos indicadores de bem-estar material, um país onde o homem era mais fértil que a terra que lavrava, um país constantemente flagelado por calamidades naturais, e, no entanto, devoto de 330 milhões de divindades. Talvez a maior conquista dessa nação forjada por Nehru e Gandhi seja que continuava sendo livre a despeito do rosário de maldições e de terríveis problemas herdados dos colonizadores britânicos. A despeito do que profetizara um general inglês no momento da independência: "Ninguém pode forjar uma nação em um continente de tantas nações".

Mas esse país continente que sua mãe devia governar estava pior do que jamais estivera sob Nehru ou seu sucessor. Vários anos de secas haviam provocado escassez de alimentos e desencadearam fome persistente. O estado de Kerala estava sendo sacudido por violentos distúrbios relacionados com a distribuição de comida. A economia era vítima de uma inflação galopante. A região de Punjab estava agitada porque exigia um estado de exclusiva fala panjabi; um líder sique ameaçava imolar-se se seu pedido não fosse atendido. O povo naga, do nordeste, lutava pela secessão. E, para encerrar, os ascetas hindus manifestavam-se nus, com corpo coberto de cinza, em frente ao Parlamento, debaixo do nariz de Indira, para exigir a proibição de matar vacas em todo o território.

Uma reclamação que ia contra a Constituição aconfessional da Índia, que se obrigava a respeitar os direitos e a igualdade de todas as religiões. Em um país tão pobre, a carne de vaca era uma fonte essencial de proteínas para as minorias como os muçulmanos ou os cristãos. Os protestos degeneraram, houve mortos quando a polícia atirou contra os agitadores.

"Não vou me deixar intimidar pelos salvadores de vacas", declarou Indira desafiadora. Decididamente, a Índia não se parecia com nenhum outro país. Em 1966, era uma gigantesca panela de pressão prestes a explodir, como se a independência houvesse dado base ao estouro de milhões de pequenas rebeliões, fruto de séculos e séculos de exploração de umas minorias por outras, de umas castas por outras, de umas etnias por outras... As autoridades do Congresso não haviam feito nenhum favor a Indira levando-a o poder.

Para Indira havia uma clara prioridade, a mesma que seu pai ou Gandhi teriam identificado: acabar com a fome, evitar a morte dos mais pobres. Se para isso precisava solicitar ajuda aos organismos internacionais e dos países mais ricos, teria que engolir o orgulho e fazê-lo. Vinte anos depois da independência, a Índia, muito a seu pesar, atingia o pouco invejável status de mendigo internacional. Indira estava envergonhada de ter que pedir, mas sabia que não existia outra opção. Porém, estava decidida a não suplicar nada: "Quanto mais fraca for nossa posição, mais fortes devemos parecer".

Aceitou imediatamente o convite do presidente Johnson para ir a Washington e preparou meticulosamente a viagem, de cujo resultado dependeriam as vidas de milhões de compatriotas, e talvez seu futuro político. Elaborou detalhadamente seus discursos e corrigiu-os consultando seu livrinho de citações, que sempre a acompanhava.

Procurava idéias simples e fugia dos conceitos complicados. Escolheu sua roupa com mesmo cuidado com que preparava suas alocações: um sári, um sutiã, um xale e um par de sapatos para cada recepção. Para coroar tudo, quis ir acompanhada de seus dois filhos. Rajiv teve que interromper suas aulas de vôo e ir para Paris encontrar sua mãe. Ali, depois de o general De Gaulle ferecer um almoço em sua homenagem, embarcaram em um Boeing 707 que a Casa Branca havia posto a sua disposição. Quando perguntaram a De Gaulle o que havia achado de Indira, o velho estadista disse: "Esses ombros tão frágeis sobre os quais descansa o gigantesco destino da Índia... não parecem se encolher com tanto peso. Essa mulher tem alguma coisa dentro, e vai conseguir".

EM WASHINGTON, B. K. NEHRU, primo de Indira e embaixador nos Estados Unidos, recebeu uma ligação telefônica bem cedo. Era do presidente Lyndon B. Johnson, um gigante oriundo do Texas: Acabo de ler no The New York Times que a Indira não gosta de ser chamada de "Senhora primeira-ministra"... Como tenho que me dirigir a ela?

Deixe-me consultá-la, presidente. Torno a ligar assim que tiver instruções pertinentes. A seguir, precipitou-se à suíte de Indira.

Que me chame como quiser... - disse ela e, antes de seu primo sair, acrescentou.

Também pode lhe dizer que alguns de meus ministros me chamam de Sir. Se lhe apetece, pode me chamar assim.

O presidente Johnson sucumbiu aos encantos de Indira. Desbloqueou a ajuda norte-americana, que havia sido interrompida depois da rápida guerra com o Paquistão, e mandou o Banco Mundial emprestar dinheiro à Índia. O único ponto de desacordo durante a visita foi quando Johnson quis tirá-la

para dançar depois do banquete oficial.

Indira se negou, não queria nem pensar na reação da imprensa indiana diante de uma foto da "socialista filha de Nehru dançando coberta de jóias com o presidente gringo". Explicou a Johnson que isso poderia torná-la muito impopular, e ele entendeu. "Não quero que nada de ruim aconteça com essa garota", disse a seu chefe de gabinete com seu forte sotaque texano que o fazia parecer permanentemente gripado, antes de prometer a Indira 3 milhões de toneladas de alimentos e 9 milhões de dólares de ajuda imediata. Aquela viagem foi o primeiro grande sucesso da nova primeira-ministra, mas Indira confessou a um de seus homens de confiança: "Espero não me encontrar nunca mais em uma situação como esta".

SONIA VIVIA TUDO isso À DISTÂNCIA, com certa apreensão, porque eram mudanças espetaculares e muito divulgadas. A mídia italiana divulgou amplamente a notícia do acesso de Indira Gandhi ao poder, e o casal Maino pôde ver em sua televisão, na sala da Via Bellini, o rosto da mãe do pretendente de sua filha com toda riqueza de detalhes. Mas o fato de que agora fosse primeira-ministra não parecia amolecê-los. Ao contrário, Estefano viu as orelhas do lobo. Para ele, isso aumentava o risco, tornava coisa ainda mais absurda. Tudo que cercava essa mulher corria perigo, tinha isso muito claro em mente. Não haviam matado o próprio Gandhi? Esses países eram muito imprevisíveis... Paola, porém, não podia disfarçar sua satisfação. Sua filha não havia se apaixonado por um qualquer. De alguma maneira, Sônia havia retirado deles a pecha de paesani, "enobrecera-os", mas nem por isso estava disposta a que essa história de amor prosperasse. Ela também não a queria perder.

RAJIV VOLTOU SATISFEITO de sua viagem aos Estados Unidos, mas ela havia sido muito curta e saturada de atos oficiais demais para aproveitá-la como teria gostado.

Desde menino, a política sempre havia significado o mesmo para ele: intermináveis sessões de fotos com sua mãe, ter que ouvir durante longos jantares conversas chatas, ser sempre muito educado, usar gravata, dizer sim a tudo etc. Tinha cada vez mais certeza de que o que queria era uma vida afastada de todo esse movimento, uma vida discreta tranqüila ao lado da

mulher que tirava seu sono. Ele também queria fugir de si mesmo, de suas raízes, do peso da tradição familiar que, intuía, odia esmagá-lo um dia. Confiava secretamente que o destino que seus sobrenomes traçavam nunca o alcançaria.

EM OUTUBRO DE 1966, pediu o carro emprestado a seu irmão para ir ver Sonia; o velho fusca havia se deteriorado tanto que o vendera por quatro libras. Além do mais, o carro de Sanjay era mais apropriado para uma viagem tão longa. Era um Jaguar antigo, um modelo que seu irmão havia adquirido graças a seus contatos na Rolls-Royce a um preço excepcional porque não funcionava. Sanjay consertara-o pacientemente até conseguir fazê-lo funcionar de novo. Ao contrário de seu irmão, Rajiv não gostava de ostentar, e entrar com esse carro em Orbassano lhe causava até vergonha; mas, por outro lado, pensou que mais valia apresentar-se assim, como alguém abastado, e não como um mochileiro. Desse modo, teria mais possibilidades de impressionar favoravelmente os pais de Sônia.

Ela estava ansiosa com sua chegada; fazia meses que não o via, e a espera se tornava eterna. Suas irmãs e amigas também estavam nervosas. Não era todos os dias que chegava a essa cidade—dormitório da periferia de Turim um príncipe indiano disposto a levar sua gata borralheira... A curiosidade era enorme, inclusive dos pais dela, que o haviam convidado a jantar nesse mesmo dia, mas todos fingiam que nada estava acontecendo.

A CHEGADA DE RAJIV EM SEU JAGUAR foi uma verdadeira comoção na vizinhança. Quem seria esse inglês rico que vinha ver a filha dos Maino? - perguntavam-se entre murmúrios.

O desconcerto era ainda maior porque seu aspecto não combinava com o carro. "Parece siciliano", brincava um colega de Sônia. "Com esse carrão, podia ser um terrone da Camorra", comentou outro. Rajiv chegava desalinhado, com barba de vários dias, porque havia dormido no carro para economizar quartos de hotel. Sônia não sabia se era o cansaço ou a perspectiva do jantar, ou os recentes acontecimentos que haviam catapultado sua mãe ao cenário internacional, mas sentiu-o preocupado quando finalmente pôde abraçá-lo, em uma rua sem graça de Orbassano onde haviam marcado de se encontrar na manhã de sua chegada.

-Vou ter que voltar para a Índia - confessou-lhe assim que a paixão do reencontro se acalmou.

Então, seu brevê de piloto...?

-Vou tirá-lo lá. De qualquer maneira, não tenho dinheiro para tirá-lo na Inglaterra. O que me preocupa em tudo isso é estar tão longe de você. Havia outra razão: sua mãe havia lhe pedido que voltasse.

Ela está muito sozinha. Tem problemas enormes - confessou a Sônia. Explicou a ela que, assim que voltara dos Estados Unidos, a oposição a atacara com sanha, acusando-a de ter caído sob a influência dos americanos e de abandonar a política de não alinhamento de seu pai... E não só a oposição; os que a haviam escolhido para o cargo de primeira-ministra, os chefes de seu próprio partido, também. Estavam incomodados com a maneira como Indira encarava os problemas, diretamente, ignorando a hierarquia do partido, como no caso da escaramuça paquistanesa.

Um velho colega de Nehru havia feito uma dura diatribe contra Indira no Parlamento, questionando não tanto a ajuda quanto as condições que os americanos haviam imposto para entregá-la. Entre elas estava a de desvalorização da rupia, uma medida muito impopular que Indira tomou a despeito de todo o país ser contra, mostrando, assim, que não era uma imitação de seu pai, que era capaz de administrar um amargo remédio à nação se acreditasse realmente nisso, e que não devia nada a ninguém. Mas o resultado é que estava em seu ponto mais baixo, enquanto as previsões sobre o futuro da Índia se tornavam cada vez mais sombrias. Prevalecia a idéia de que somente a personalidade e o exemplo de Nehru haviam conseguido manter a Índia unida e democrática, mas que agora, com as secas sucessivas, as incontáveis e pequenas rebeliões étnicas, a tensão com o Paquistão e a liderança de Indira, o país estava à beira da desintegração.

E culpam minha mãe por isso - disse Rajiv. - Como se ela fosse responsável por três anos de seca e por as pessoas morrerem de fome... O caso é que tenho a impressão de que a estou abandonando, e não gosto disso.

Ouvir Rajiv falar de sua mãe representava, para Sônia, sua peculiar

iniciação à política indiana. Não tinha consciência disso, mas entrava em contato com conceitos e idéias que sempre lhe haviam parecido muito distantes e incompreensíveis, e que logo se tornariam algo tão familiar quanto em sua casa era comentar os resultados da Juventus ou a passarela a moda de Milão. Começava a perceber que não se podia viver perto de alguém como a mãe de Rajiv sem que isso afetasse a vida de todos os que a cercavam, ela inclusive. Mas isso ainda era algo muito nebuloso e distante para alterá-la. Cada batalha a seu tempo. A de agora era vencer a resistência de seus pais.

Sônia acompanhou Rajiv até a casa de um amigo que se ofereceu para hospedá-lo, e depois lhe mostrou sua aldeia. Tomaram capuccini no bar do Nino, caminharam pelas ruas do centro e pararam no bar de Pier Luigi. Além de tocar seu estabelecimento comercial, Pier Luigi era um raddioamador em suas horas livres, um hobby ao qual Rajiv também queria se dedicar. Ele o havia descoberto em seus estudos de voo e, além da atração pela magia da eletrônica, também via nisso uma maneira de se comunicar com Sônia à distância.

O desespero de estar um dia tão longe dela o fazia sonhar com qualquer possibilidade de vencer essa distância. Sônia o deixou para que pudesse descansar e ficou de pegá-lo à noite para levá-lo a jantar na casa de seus pais. Enquanto isso, iria ao encontro anual de ex-alunas em seu colégio de Giaveno. "Lembro-me desse dia como se fosse ontem", diria a irmã Giovanna Negri. Sônia tinha vinte anos. Depois da reunião de ex-alunas do colégio, Sônia anunciou que estava indo embora.

Por que não fica para jantar conosco? - perguntou.

Você ficou muito tempo na Inglaterra e quase não a vimos.

Não posso ficar - respondeu Sônia. - Tenho um convidado que vem jantar esta noite em minha casa.

E quem é? - perguntou irmã Giovanna divertida.

Sônia sorriu, deixando ver as covinhas de suas faces. No final, soltou:

Meu namorado.

Seu namorado? Mas que surpresa! Conte-me... Quem é?

Sônia se mostrava reticente a responder, o que atiçou ainda mais a curiosidade da freira.

É indiano... - disse com reticência.

Indiano? - repetiu assombrada.

Sônia levou um dedo aos lábios para que baixasse a voz. Depois, disse quase como um suspiro:

É o filho de Indira Gandhi.

"Eu fiquei pasma", lembraria a irmã Negri anos depois.

AQUELE JANTAR FOI UM POUCO a versão italiana do célebre filme estrelado por Katharine Hepburn e Sidney Poitier. Só que não era ficção e não houve final feliz, embora as reações de Stefano Maino e de Spencer Tracy fossem iguais. Rajiv falou de seus estudos. Havia acabado de tirar o brevê de piloto particular, e pensava que em um ano e meio conseguiria o de piloto comercial. Queria começar a trabalhar o antes possível. Tinha uma poderosa razão para isso:

Vim com um propósito muito sério - disse a Stefano Maino. - Vim lhe dizer que quero me casar com sua filha.

Sônia não sabia onde se enfiar, porque tinha que traduzir. Sua mãe, nervosa, começou a colocar bebidas em cima da mesinha de centro. Suas mãos tremiam. O patriarca manteve-se cordial, mas firme:

Não tenho a menor dúvida de sua sinceridade e honradez - respondeu olhando para Sônia para pedir-lhe que continuasse traduzindo. - Basta olhar em seus olhos para ver como é. Não duvido de você. Todas as minhas dúvidas têm a ver com minha filha. Ela é muito jovem para saber o que quer... - Sônia olhava para o teto, exasperada.

Não creio que possa se acostumar a viver na Índia, francamente. São costumes muito diferentes. Rajiv sugeriu que Sônia fosse passar umas curtas férias na Índia, explicou sua idéia de que primeiro fosse sozinha, antes que ele chegasse, para que assim pudesse julgar por si mesma. Mas Stefano opôs-se categoricamente.

Enquanto não atingir a maioridade, não posso deixar que vá. Ele era um osso duro de roer, Sônia sabia, mas não podia permitir que o ambiente da reunião se degradasse.

Os silêncios de seu pai podiam ser cortados com uma faca. Esse homem era uma rocha, e fez só uma concessão mínima:

Se, então, continuarem sentindo o mesmo um pelo outro, eu a deixarei ir à Índia, mas isso daqui a um ano, quando for maior de idade - disse antes de se voltar para sua mulher e acrescentar: - Se o negócio não der certo, não poderá me censurar por ter contribuído para estragar sua vida.

Mas Stefano continuava acreditando, e esperando de todo coração que as águas voltassem a seu curso e que Sônia, diante das dificuldades que fôsse encontrando, acabasse jogando a toalha. A idéia de separar-se de sua filha o atormentava.

Quando Rajiv contou a sua mãe seu encontro com os Maino em Orbassano, Indira mostrou-se de acordo com a condição imposta pelo patriarca italiano. Pôr à prova os sentimentos dos jovens era a única maneira de saber se essa história tinha futuro. Precisavam ganhar tempo; no fundo, ela também teria preferido que Rajiv não escolhesse uma estrangeira. Mas, se o tempo mostrasse que ambos se amavam, Indira não pretendia se opor à decisão de seu filho. Havia sofrido muito com o repúdio do próprio pai a seu casamento e não faria o mesmo com nenhum dos filhos.

"O casamento não é tudo. A vida é algo muito maior", dissera Nehru quando ela o fora ver na prisão de Dehra Dun para lhe dizer que queria se casar com Firoz. Nehru aconselhara-a a recuperar suas forças antes de tomar qualquer decisão. Estivera muito doente, e seu pai lhe recordara que os médicos haviam desaconselhado que tivesse filhos. Além do mais, o desejo de Indira lhe parecia uma trivialidade, porque significava jogar fora "a herança e a tradição familiar" para casar-se com um homem de um ambiente e de uma educação muito diferentes dos seus. Indira não estava de acordo, pelo menos nesse momento. Dissera que queria uma vida anônima e livre de tensões, coisa que nunca tivera. Queria se casar e ter filhos. Mais de um, enfatizou, porque não queria que seu filho sofresse a solidão que ela havia conhecido.

Queria cuidar deles e de seu marido em uma casa cheia de livros, de música e de amigos. Se para alcançar esse sonho tivesse que desafiar os médicos e até sua própria saúde, estava disposta a isso.

Firoz era filho de um parse chamado Jehangir Ghandy, cuja biografia oficial diz ter sido engenheiro naval, mas outras fontes garantem que era um vendedor de licor, sem relação alguma com Gandhi. No final dos anos 930,

mudou a ortografia de seu nome para Gandhi, sobrenome de uma casta de perfumistas, comum nas castas Bania dos hindus de Gujarat, de onde o Mahatma era oriundo. Não ficou registrada a razão dessa pequena mudança, que acabou sendo de valor inestimável para a futura carreira política de sua mulher.

Seguidora de Zaratustra, a religião parse é uma das mais antigas da humanidade, mas Firoz nunca foi religioso, ao contrário. Havia entrado em contato com os Nehru depois do movimento de luta contra os ingleses que o levou a se tornar membro do Partido do Congresso. Militante muito ativo, muito radical, conhecia os textos de Marx e Engels melhor que o próprio Nehru. Juntos, haviam participado, na França, de um comício de protesto contra o bombardeamento da população civil na guerra da Espanha. Firoz havia tentado convencer os organizadores anticomunistas do ato a deixarem Lã Pasionaria falar, mas não conseguiu. Nehru, furioso, fez um discurso inflamado, defendendo ardentemente o direito à liberdade de expressão.

Nehru não questionava Firoz como militante, mas achava que não era um bom partido para sua filha. Os dois homens eram opostos em tudo. Firoz era baixinho e quadrado, um pouco fanfarrão, falava em voz muito alta e usava palavras a torto e a direito. Não era refinado nem intelectual. Gostava da boa mesa e do álcool e se interessava por carros e gadgets elétricos e mecânicos, paixões que Rajiv e Sanjay herdariam. Havia sido um péssimo estudante, mas gostava de música clássica indiana e de flores, como Indira. Mas sem diploma universitário, nem profissão, nem perspectiva de ganhar a vida, com uma sólida reputação de mulherengo, era lógico que os Nehru vissem esse João-ninguém que pretendia entrar na primeira família da Índia com grande receio.

Você foi criada em Anand Bhawan, cercada de luxo e de criados - dissera sua avó a Indira em uma tentativa de pressioná-la. - Firoz não tem fortuna, é de outro ambiente e de outra religião.

A religião não nos importa, porque nenhum dos dois é religioso - respondera Indira. - Sou austera como minha mãe, e mesmo que tenha vivido em Anand Bhawan, posso ser igualmente feliz na choça de um camponês.

Mais ou menos o mesmo dizia Sônia a seus pais quando eles evocavam a dificuldade de morar tão longe, em um país tão diferente. Para Sônia, a Índia

era uma abstração.

Não a assustava em absoluto, a despeito de tudo o que havia ouvido. Se Rajiv fosse um esquimó, teria dado na mesma acompanhá-lo ao Polo Norte. "Quando estamos apaixonados", escreveu, "o amor nos dá uma força muito poderosa. Armados com essa força, nada dá medo. Só queremos a pessoa que amamos. Eu só queria Rajiv. Teria ido ao fim do mundo com ele. Ele era minha maior segurança. Eu não podia pensar em nada nem em ninguém. Só nele."

SE NEHRU ACABOU DANDO SEU consentimento ao casamento de Indira com Firoz, Indira cedeu ao pedido de seu filho quando este lhe pediu que escrevesse ao pai de Sônia para que a deixasse ir à Índia. Havia se passado um ano, o prazo imposto por Stefano Maino, e a paixão dos jovens não dava sinais de esfriar. Nem Sônia nem Rajiv estavam dispostos a viver um sem o outro; a separação tornava-se muito dolorosa. Indira entendeu que a coisa era séria. Na realidade, teria preferido seguir o caminho tradicional, escolher uma filha de boa família da Caxemira para casá-la com seu filho, como manda a tradição, como fez seu avô Motilal escolhendo Kamala, sua mãe.

Os "casamentos arranjados" eram o comum, e os love marriages, casamentos por amor, as exceções. Os primeiros costumavam funcionar melhor; a taxa de divórcios nesse tipo de união é assombrosamente baixa, porque os pais procuram candidatos para seus rebentos em meios sociais e culturais afins, o que por si só constitui uma vantagem na hora da convivência. Os segundos eram uma loteria. Indira não tivera sorte. Talvez Rajiv tivesse, mesmo que arrastasse o handicap de sua namorada ser estrangeira. Na sociedade tradicional, os estrangeiros nem sequer mereciam um lugar, eram considerados "sem casta". Nova Délhi não era a Índia profunda, mas ainda assim Indira tinha perfeita ciência de quão difícil podia ser para uma garota ocidental adaptar-se à vida em seu país; mas ela estava disposta a torná-lo o mais agradável possível, porque gostara da garota.

A carta de Indira Gandhi convidando Sônia a passar umas férias em Nova Délhi foi um desgosto para Stefano Maino, mas ele era um homem de palavra e não teve mais remédio senão cumprir seu compromisso. Discutiram o assunto em família e, como não havia escapatória,

concordaram que Sônia iria para a Índia, mas só por um mês, e depois voltaria para casa, definitivamente convencida de que nunca poderia viver ali, pensavam seus pais. Aqui não tinha só os seus, mas também um futuro. Trabalhara o ano todo na Fieratorino, e tinha cada vez mais oportunidades de ganhar a vida com os idiomas que havia aprendido. Se não gostava de Orbassano porque lhe parecia pequena e suburbana, sempre poderia ir morar em Turim. Seus pais ainda sonhavam que algum homem de negócios a conheceria em uma dessas feiras e acabaria se casando com ela. Sônia fingia ouvir todas essas sugestões com atenção, mas sua mente estava muito longe, a 8 mil quilômetros de distância.

EM 13 DE JANEIRO DE 1968, exatamente 34 dias depois de completar a maioridade, Sônia aterrissava no aeroporto Palam de Nova Délhi. Sentia um nó no estômago. Seus pais e irmãs haviam ido se despedir dela no aeroporto de Milão e nem mesmo o duro Stefano conseguira conter as lágrimas.

- Se você não gostar, volte logo, viu? - dissera-lhe enquanto sua mãe colocava em sua bagagem de mão mais remédios ainda, como se estivesse ido para a selva.

Sônia não dormiu durante o voo. Agora que enfrentava sozinha seu destino, sentia uma espécie de angústia. A expectativa de ver Rajiv transformava-se em um medo impreciso.

Estavam havia um ano sem se ver. E se ele me decepcionar? Ou eu o decepcionar? E se em seu próprio ambiente se comportar de outra maneira? Se não for o que eu acho que é? Eram perguntas inevitáveis, a justa reação de alguém que havia apostado forte em uma carta. Agora, era hora de abrir as cartas.

Visto do ar, o entrelaçado de avenidas e largos de Nova Délhi sugeria as figuras geométricas de mármore em forma de estrela que decoravam os palácios mongóis. O avião aterrissou pela manhã. O clima não podia ser mais diferente do frio inverno que havia deixado para trás. Fazia uma temperatura sublime, o céu estava azul, e, assim que saiu do avião, seu olfato ficou impregnado de um cheiro muito característico, que mais tarde identificaria com o cheiro da Índia: uma mistura de cheiro de madeira queimada e mel, cinza e fruta passada. E um som, o grasnado das gralhas, os

corvos sempre presentes, vestidos de cinza ou de preto, crocitando, insolentes, familiares, que lhe deram as boas-vindas da balaustrada do vestíbulo de chegada, dos postes e das bordas das janelas. Lá estava Rajiv esperando: "Assim que o vi", contaria Sônia, "invadiu-me uma profunda sensação de alívio". Estavam também o irmão dele, Sanjay, e um amigo chamado Amitabh, filho de um casal, os Bachchan, que os Nehru conheciam fazia muito tempo. O pai era um célebre poeta em híndi e deputado parlamentar, e Indira lhe pedira o favor de hospedar Sônia enquanto durasse sua visita.

Os temores que havia sentido durante o voo desapareceram subitamente, como se nunca houvessem existido. Ao contrário, agora tinha a certeza de que havia feito bem em seguir os ditames de seu coração a despeito das dificuldades. "Eu estava outra vez ao lado dele, e nada nem ninguém nos separaria de novo", escreveu Sônia relembrando sua chegada.

NOVA DÉLHI NÃO ERA A ÍNDIA como havia imaginado, pelo menos a parte onde se hospedava, com suas largas avenidas margeadas por grandes árvores sempre verdes, muitas delas em flor. A casa dos Bachchan ficava em Willingdon Crescent, a avenida dos bananeiros. Os urbanistas ingleses que fizeram de Nova Délhi uma agradável cidade-jardim quiseram que cada avenida tivesse sua própria espécie. Janpath, a antiga Queen's Way, era a das carquejas, árvores sagradas conhecidas por suas propriedades medicinais; Akbar Road dos tamarindos; e em Safdarjung Road, onde ficava a residência de Indira Gandhi, havia profusão de flamboyants com uma folhagem verde e brilhante semeada de flores alaranjadas. O pouco trânsito de veículos era composto de ciclistas, carros puxados por burros ou camelos, uns triciclos motorizados com teto amarelo, motocicletas de escapamento explosivos, velhos Ambassador, réplica dos Morris Oxford III de 1956 que eram fabricados sob licença em Bengala, todos desviando das vacas que andavam à vontade pelo meio da rua. Não era estranho topar com um carro de bois e até com algum elefante transportando mercadorias parado em um semáforo. Era uma cidade tranqüila de 3 milhões de habitantes, sem grandes armazéns nem centros comerciais, com um único hotel de luxo no coração do bairro diplomático.

Sônia foi recebida com toda a cordialidade que se podia esperar de uma família indiana, mas Rajiv não podia lhe dar a atenção que gostaria, porque, no dia 25 de janeiro, ia prestar exame para piloto comercial e tinha que continuar acumulando horas de voo e estudar. Mas seus primos e amigos, e até Indira Gandhi, desdobraram-se para que sua estadia fosse a mais agradável possível. Mesmo dormindo na casa dos Bachchan, passava grande parte da manhã na casa de seu namorado. Naquela época, a primeira-ministra vivia praticamente sem medidas de segurança. Recebia as pessoas todas as manhãs às portas de sua casa com a simples presença de um guarda. Seus filhos também não tinham escolta, exceto em certos eventos considerados arriscados.

Amigos e familiares revezavam-se para mostrar a Sônia a cidade cheia de parques e jardins, de monumentos antigos e de edifícios soberbos que haviam sido erguidos pelos ingleses quando, em 1912, decidiram mudar a capital de Calcutá para Délhi. Traçaram uma cidade nova, na qual plantaram milhares de árvores. Desde tempos imemoriais, a vegetação havia sido a obsessão dos governantes de Délhi. Alguns jardins decoravam mausoléus e tumbas com a idéia de que os mortos se sentissem felizes e em paz; outros haviam sido concebidos como atos de caridade para o povo, e outros haviam sido feitos por reis para uso e desfrute próprio. Rajiv gostava especialmente de passear pelos jardins de Lodhi ao entardecer, com seus tanques e suas fileiras de palmeiras gigantescas que contornam a tumba de Mohammed Shah, um precioso monumento de estilo indo-mongol que conservava restos do mosaico turquesa e da caligrafia original que o ornamentavam. Era um lugar popular, onde os casais apaixonados podiam usufruir de um momento de tranqüilidade e de certa privacidade. Em sua Lambretta, mostrou-lhe também a Nova Délhi imperial, e as vistas espetaculares que os arquitetos britânicos haviam concebido para impressionar e intimidar a população local.

A vista que Sônia admirou no arco do triunfo da Porta da Índia, onde arde uma chama eterna em memória aos soldados indianos mortos nas duas guerras mundiais, era grandiosa. Como também era o imponente edifício de South Block, mistura de estilo mongol e neoclássico, onde, do outro lado da fachada decorada com baixos-relevos de flores de lótus e elefantes, ficava o

gabinete de Indira Gandhi, e principalmente o Palácio da Presidência da República, outrora palácio do vice-rei britânico, um elegante edifício de arenito bege e vermelho coroadado por uma vasta cúpula de cobre, de sublimes proporções e considerado por muitos um dos edifícios mais belos do século XX.

E onde estava a Índia de que haviam lhe falado? - perguntava-se Sônia. A Índia que aterrorizava seus pais? A outra Índia? Não era necessário se deslocar muito. Bastava seguir a larga avenida Rajpath, a antiga King's Way, e chegar à Velha Délhi. Isso era outro mundo. Ao redor do Forte Vermelho, outro espetacular monumento construído pelo imperador Shah Jehan, o mesmo que havia erguido o Taj Mahal em homenagem a sua mulher, fervia uma multidão colorida e barulhenta que parecia estar participando de um gigantesco carnaval de encantadores de serpentes, malabaristas, adivinhos, músicos, engolidores de espadas e faquires que transpassavam suas faces com punhais.

Essa era a Índia eterna, a mesma que invadia os becos em volta da Grande Mesquita, com suas barracas de roupa cheias de tecidos coloridos, seus vendedores de frutas, de doces, de lanternas, de betume e pilhas, seus engraxates, seus cabeleireiros em plena rua, suas oficinas escuras - onde umas crianças trançavam tapetes e outras fabricavam instrumentos de precisão... Uma explosão de vida, um caos exótico e alvoroçado que a deixava ébria de cores, ruídos e odores. E por todo lado, atrás de uma rua, ao fundo de um jardim, podiam-se ver uma antiga tumba ou cenotáfio, um monumento muçulmano ou hindu que remontava à noite dos tempos, como uma lembrança da antigüidade da Índia. Nehru já havia descrito seu país como "um antigo palimpsesto no qual camadas sobre camadas de pensamento e fantasia ficaram gravadas, sem que nenhuma tenha conseguido apagar ou esconder o que previamente havia sido inscrito".

E, a seguir, o espetáculo da pobreza, que viam quando circulavam por certos bairros: crianças nuas correndo pelas ruas, idosos chacoalhando suas canequinhas, gente que se lavava e fazia suas necessidades nas ruas. Sônia recordava um pouco os pobres de sua Lusiana natal, quando era menina, nos anos 1950, aquelas crianças nuas no inverno, aquelas famílias que passavam

fome e de quem sua mãe tanto se compadecia, aqueles aleijados nas praças, antigos soldados que haviam voltado feridos da frente russa... Mas o que nunca havia visto eram deformidades como as que eram exibidas por alguns leprosos de Nova Délhi que espreitavam os carros que paravam nos semáforos. A Índia de 1968 contava com tantos leprosos quanto a população de Portugal, mendigos suficientes para povoar um país como a Holanda, 11 milhões de ascetas, 10 milhões de crianças menores de quinze anos casadas ou viúvas. Quarenta mil crianças nasciam a cada dia, e um quinto delas morria antes de completar cinco anos.

Ainda assim, eram cifras melhores do que as de antes da independência, vinte anos atrás. A melhoria, mesmo que leve, das condições sanitárias estava criando um problema ainda maior: a idade reprodutiva dos indianos se estendia. Como consequência disso, a explosão da natalidade estava se tornando o maior problema do país, porque literalmente "comia" o desenvolvimento econômico. A cada ano, a população da Índia aumentava em um número igual à população da Espanha inteira.

PARA SÔNIA, TUDO A SUA VOLTA ERA NOVO e estranho: as cores, os sabores, as pessoas. "Mas o mais estranho de tudo eram os olhos das pessoas, esse olhar de curiosidade que me seguia por todos os lugares." Sônia estava se iniciando no mundo da Índia, descobrindo quão curiosos e inquisitivos podiam ser seus habitantes, máxime naqueles dias, quando praticamente não havia turistas. Se um estrangeiro já por si chamava a atenção, uma mulher mais ainda, e se fosse bonita e usasse minissaia, que era moda na Europa aquele ano, então se tornava um polo de atração imediato. Ou objeto de opróbrio. Sônia teve que aprender a controlar seus gestos, seus movimentos e sua maneira de se vestir, mas nem sempre era fácil: "A falta absoluta de privacidade, a obrigação de me reprimir e de não dar rédea solta a meus sentimentos era uma experiência exasperante. As demonstrações públicas de afeto eram malvistas, não só na rua, mas também na vida cotidiana. Não podia dar um beijo em Rajiv se houvesse alguém na frente, nem mesmo andar de mãos dadas com ele sem que isso fosse escandaloso. Ela descobria que a Índia era o país mais pudico do mundo, herança da Inglaterra vitoriana. Depois, havia coisas difíceis para uma italiana: a comida, por exemplo. Sônia não se acostumava ao sabor picante,

parecia que anulava o sabor dos alimentos. Nem aos molhos tão fortes nem aos sabores agrídoces de certos pratos. Ou ao costume dos jantares sociais, onde se falava e se bebia muito durante um tempo interminável, jantava-se rapidamente e a seguir todos iam embora em cinco minutos.

Não tardou a perceber que os olhares que tão insistentemente pousavam sobre ela não se deviam só ao fato de ser estrangeira ou um bicho estranho, ou uma garota muito bonita. Era vista como um novo membro de uma família que durante anos havia vivido para o público. Tudo o que faziam e diziam, ou ao contrário, o que deixavam de fazer ou dizer, era minuciosamente observado, analisado e julgado. Como se pode viver assim? - perguntava-se sufocada.

Mas, a despeito de tudo, Sônia não se via de volta à Itália. Isso era um mundo muito diferente, e faltava muito caminho a percorrer, muito a explorar. Junto com Rajiv, era uma singradura fascinante, apesar dos obstáculos. Além do mais, estava cercada do afeto dos outros. Sanjay a tratava como uma irmã, entre protetor e divertido vendo-a se adaptar. Amitabh e sua família também. Sentia-se abrigada e querida. Para ambos, a idéia de se separarem de novo era simplesmente inconcebível. Para que perder mais tempo, para que voltar para a Itália e esperar de novo, como outra agonia, até se encontrarem aqui ou ali? Rajiv não cogitava a possibilidade de morar na Europa; pretendia entrar na Indian Airlines assim que tivesse o brevê "comercial". Depois, poderiam ir morar em um apartamento. Em Délhi, tudo era mais fácil para ele; a vida em comum estava ao alcance da mão. Sônia era quem devia dar o passo, quem devia arriscar, porque precisava deixar para trás seu país e sua família por um tempo indefinido. Fora conhecer a Índia e seus costumes, mas não precisava saber mais, porque, no fundo, antes de embarcar naquele avião já havia tomado a decisão de ser fiel a seu próprio coração. Mesmo que isso significasse fazer algo que ia muito contra si mesma. Não queria nem imaginar a cara de seu pai quando lhe dissesse que não voltaria e que iria se casar.

INDIRA SE SURPREENDEU QUANDO soube que Sônia estava disposta a ficar, que queriam se casar já. Fazia exatamente três anos que haviam se conhecido em Cambridge. Haviam cumprido todos os prazos, feito tudo o que lhes fora mandado, e agora chegava o momento de tomar a decisão. Indira sabia que a chegada de Sônia havia representado uma pequena revolução no mundinho social de Nova Délhi, mesmo sem que Sônia nem Rajiv houvessem pretendido isso, ao contrário. Sua mera presença, por ser a namorada de quem era e porque era a primeira vez que um Nehru ia se casar com uma estrangeira de outro continente, havia dado motivo para todos os tipos de conjecturas. Mesmo sendo a capital de um país de 700 milhões de habitantes, a alta sociedade era pequena, convencional, e todas as famílias relevantes se conheciam entre si. Em suas reuniões, os comentários eram na maioria elogiosos - como é bonita! - mas outros aludiam a sua falta de pedigree - não é ninguém, ou, pior, "é de casta baixa". Outros a sua maneira de vestir - "quer chamar a atenção". Outros a sua mera presença - "o que esse

rapaz vê nela?". Outros, ainda, a um sentimento de ultraje nacionalista - "será que não podia ter encontrado uma garota melhor aqui?". Sem fazer nada, havia se tornado inimiga de muitas garotas bonitas da boa sociedade e de suas mães, que viam uma estrangeira, e ainda por cima uma intrusa, levar um dos solteiros de ouro do país.

"Depois de uma semana", diria Usha Bhagat, secretária de Indira, "a senhora Gandhi percebeu que os dois falavam muito sério e que não serviria de nada esperar mais.

O fato de andarem saindo por Nova Délhi alimentava as fofocas, e a melhor maneira de cortar isso era deixar que se casassem." Mas quando Rajiv comentou com sua mãe que se mudariam para um apartamento próprio assim que arranjasse emprego, Indira impôs sua única condição: "Uma coisa é casar-se fora de sua comunidade. Mas viver fora de casa é totalmente contrário à tradição indiana da família unida. Iriam nos tachar de ocidentais, acusar-nos de abandonar todas as nossas tradições". Se Rajiv fosse europeu ou ocidental, provavelmente teria desobedecido a sua mãe e ido morar com sua mulher.

Mas era indiano e, na Índia, os filhos acatam a tradição, principalmente quando se deve dar o exemplo. A solução para o conflito em que se encontrava dependia de Sônia aceitar uma condição que a maioria das mulheres ocidentais teria considerado inadmissível. Mas cabia a Sônia adaptar-se à Índia, não podia ser ao contrário, e na Índia o casamento é um assunto familiar, mais que individual, onde a harmonia entre seus membros é mais valorizada que a fascinação individual. Isso significava passar a fazer parte da família do marido. Teria que viver na casa da família, ao estilo indiano, dividindo o mesmo teto com a sogra, o irmão e a família do irmão se este se casasse um dia. Todos no número 1 de Safdarjung Road. Sônia aceitou porque estava cega de amor. Além do mais, viver em família não era algo que assustasse uma italiana que havia passado sua infância em uma aldeia onde os Maino eram um clã. Também se convenceu de que não estando sozinha se sentiria mais protegida, e isso lhe permitiria se adaptar melhor. Em tudo via um lado positivo: é uma das vantagens do amor, que age como uma droga.

Decidiram marcar a data - 25 de fevereiro - para o casamento. Tudo muito rápido, mas melhor assim. Indira queria evitar que o casamento de seu filho se transformasse em um assunto nacional, como havia acontecido com o seu. Contou a Sônia e Rajiv como todo o país fora contra, como se cada um dos habitantes da nação houvesse se sentido com direito de dar sua opinião. Milhares de cartas e de telegramas haviam inundado Anand Bhawan, uns insultantes, a maioria hostil, alguns de congratulações.

Havia uma explicação. Firoz e Indira haviam transgredido duas tradições profundamente enraizadas: não haviam se submetido a uma união arranjada pelas famílias nem se casaram "dentro de sua fé". Isso havia enfurecido os hindus ortodoxos. E agora a história se repetia. Como se os filhos herdassem de seus pais não só as características físicas e as habilidades, e sim também seus conflitos, suas contradições e suas situações de vida.

"QUERIDOS PAIS", ESCREVEU-LHES SÔNIA. "Estou muito feliz. Mando esta carta para anunciar que Rajiv e eu vamos nos casar. Espero todos vocês aqui no dia 25 de fevereiro..."

Sônia não suspeitava que, quando sua carta chegou, a notícia do anúncio de seu casamento já havia sido divulgada pelos meios de comunicação do mundo inteiro. Um jornalista do jornal turinês La Stampa foi visitar a família no número 14 da Via Bellini. "Os pais e as irmãs vivem momentos de extrema tensão", escreveu. "O telefone não para de tocar, jornalistas e fotógrafos fazem fila em frente à porta. O pai, de 53 anos, é homem de poucas palavras:

Toda a vida trabalhando para garantir o porvir de minhas filhas... do casamento, melhor falar quando houver acontecido, ou melhor seria não ter que falar disso nunca, declarou em um tom que deixa intuir que está sentido. Sua mulher, Paola, de 45 anos, não consegue conter as lágrimas. Fico aterrorizada com a idéia de minha filha ir morar em um lugar tão distante, declarou. Perguntados pelo namorado, acrescentaram: É um rapaz tranquilo, educado e sério. E quanto a se iriam à celebração, o pai respondeu: Receio que o desejo de Sônia não poderá ser realizado. Só minha mulher irá, eu tenho muito trabalho e não posso perder tempo. Estarei com minha filha no pensamento."

IA SER UM CASAMENTO CIVIL, não podia ser um casamento religioso. Um casamento simples, não um extravagante casamento "à la indiana", que dura vários dias. Indira era contrária à pompa e ao desperdício dos casamentos indianos, feitos para exibir relações, poder e dinheiro. Os Nehru não precisavam se exibir. Mas precisavam de espaço para viver. A vila colonial que o governo havia designado a Indira ao ser nomeada primeira-ministra era muito pequena, tanto que as secretárias e os assistentes trabalhavam sob coberturas no jardim. Dando ao novo casal um quarto e uma pequena sala na parte dos fundos, com saída independente para o jardim, ficariam ainda mais apertados. De modo que Indira estava em tratativas com seu gabinete para aumentar a casa. Logo os operários iniciaram as obras.

O alvoroço dos preparativos absorveu de repente todos os membros da família, especialmente Sônia. Não gostava nem um pouco de ter que trocar suas calças justas por um sári, uma peça na qual se achava ridícula. Não conseguia sentir-se à vontade porque vivia com medo de que a qualquer momento os seis metros de tecido em que estava enrolada viessem abaixo. Via-se como essas turistas de pele muito branca que se pavoneavam vestindo sáris berrantes. Claro que para elas era uma brincadeira, uma fantasia para bater uma foto e mostrá-la na volta a seu país; para Sônia, o sári era muito mais. Marcava o primeiro passo em seu processo de indianização. Cedo ou tarde, teria que se acostumar.

Precisavam cuidar de uma variedade enorme de detalhes: listas de convidados, os convites, provas de penteado, de maquiagem etc. Sônia estava aturdida, porque, além de tudo, não entendia muito bem o inglês dos indianos, impregnado de um forte sotaque. No fundo, queria que tudo acabasse o antes possível. Sua proverbial timidez a impedia de se sentir à vontade sendo o foco de atenção, mas não podia fazer nada para impedir. Foi literalmente assediada por fotógrafos no dia de sua primeira saída em família, como noiva oficial de Rajiv, para assistir a um desfile de modelos de Pierre Cardin no Hotel Ashok de Nova Délhi. Uma extensa reportagem deu conta do evento na revista Femina. Sônia estava muito bonita, com o cabelo liso caindo sobre seus ombros, cobertos por um sári de seda

estampado, sentada entre Rajiv e Sanjay enquanto falava com Indira. Uma foto que augurava uma perfeita harmonia familiar.

Na saída, Sônia respondeu a uma insidiosa pergunta de um jornalista: "Vou me casar com Rajiv a pessoa, não com o filho da primeira-ministra". Era inevitável que muitos a vissem como uma aproveitadora, uma ambiciosa que havia pescado um peixe grande, e isso a mergulhava em um estado de profunda tristeza e indignação. Quando outra jornalista lhe perguntou o que pensava do fato de morar na Índia, tão longe de sua casa, Sônia ergueu os olhos para Rajiv, e exibindo um sorriso tímido, disse: "Com Rajiv, eu iria até o fim do mundo".

E A ÍNDIA NÃO ERA O FIM DO MUNDO naqueles dias? Para a família Maino, era, e mal tiveram tempo de se organizar. No fim, só foram a mãe de Sônia, sua irmã Anushka e o tio Mario (irmão de sua mãe), que substituiria o pai entregando a mão de sua jovem sobrinha. Chegaram na véspera do casamento, quando era celebrada, no jardim da casa dos amigos onde Sônia se hospedava, a cerimônia do mehendi, que equivalia a uma despedida de solteira da noiva. Embora, tradicionalmente, nem o noivo nem seus pais devam participar, nessa ocasião fizeram uma exceção, e tanto Rajiv quanto sua mãe estavam presentes, porque queriam cumprimentar os familiares que haviam chegado da Itália. Indira foi gentil e extremamente atenciosa com Paola, que se sentia entre intimidada e impaciente para ver a filha. Procurava-a por todos os lados com o olhar. Quando lhe mostraram onde estava, assustou-se:

- Oh, mamma mia!

Quase se desfaz em lágrimas. Não a havia reconhecido porque Sônia estava com a cabeça coberta por um véu vermelho e roxo, com uma saia vermelha até os pés, típica da Caxemira, e um sutiã vermelho bordado. Usava pulseiras, colares e uma tiara confeccionada com pétalas de nardos e jasmims - "joalheria floral", diziam - e um tilak na testa, o ponto vermelho que simboliza o terceiro olho, esse que é capaz de ver além das aparências. Suas mãos, seus braços e seus pés estavam totalmente cobertos de curiosas tatuagens feitas à base de hena, uma pasta extraída dos ramos moídos de um arbusto, tatuagens que traçavam graciosos arabescos e intrincados desenhos.

Quando se recuperou do susto de ver sua filha assim, sua mãe a abraçou: "Melhor seu pai não a ter visto assim", disse comovida. O pobre Stefano, a 8 mil quilômetros de distância, estava triste. Confessou a seu melhor amigo, o mecânico Danilo, no bar do Nino: "Vão jogá-la aos tigres!". Que razão tinha o antigo pastor dos montes Asiago!

A seguir, umas jovens cercaram Anushka e Paola e se ofereceram para pintar suas mãos. Enquanto lhes aplicavam hena, explicaram a tradição: quanto mais pretos saíssem os desenhos nas mãos da noiva, mais amor teria no casamento. E quanto mais tardassem a se apagar, mais tempo duraria a paixão. Paola e Anushka olharam para os arabescos de Sônia: eram pretos, como se houvessem sido pintados com nanquim.

O casamento propriamente dito foi celebrado no dia seguinte, às 18h, no jardim do número 1 da Safdarjung Road. Indira havia procurado em seus armários o sári que queria que Sônia usasse, o mesmo que ela havia usado, o que Nehru havia fiado durante suas longas horas de prisão, depois de aceitar a vontade de sua filha de se casar com Firoz. Sônia o reconheceu, já o havia visto na exposição de Londres, e vieram a sua memória as palavras de Rajiv: "Tomara que você o use um dia!". Na ocasião, levava-as como uma brincadeira. Ainda sonhava se casar de branco. Agora, encarava-o como uma honra e um sinal de afeto, sem suspeitar por um momento que ao vestir esse sári vermelho-pálido passava a fazer parte, ela também, da história da Índia.

Um pequeno incidente deixou Rajiv enfurecido; ele descobriu que havia dois jornalistas entre os convidados. Essa era sua celebração, e não queria interferências nem propaganda. Nesse dia queria ser apenas Rajiv, e não o filho da máxima autoridade do país, coisa que não deixava de ser uma ingenuidade. Negou-se a sair da casa enquanto os paparazzi não fossem expulsos. Indira teve de acalmá-lo, com muita paciência. Quando a marcha nupcial de Mendelsohn anunciou a chegada da noiva, ele serenou. Rajiv saiu para receber Sônia no jardim, onde havia uns duzentos convidados, entre amigos e conhecidos da família. Quando a viu entrar, segurando o braço de seu tio Mario, seu rosto se modificou. Sônia estava maravilhosa. Era a própria imagem da elegância, o cabelo preso para trás em um laço e um

broche em pétalas de jasmims, a pele resplandecente por causa da máscara de cúrcuma que lhe haviam feito umas horas antes, uma simples pulseira de prata no pulso, os olhos pintados de khol e o rosto emoldurado por brincos de flores. Formavam um belo casal. Ele usava calças estreitas brancas, uma longa jaqueta creme abotoada até o pescoço, um turbante salmão (como seus amigos e primos) e sapatilhas com a ponta curvada para cima, como um príncipe das Mil e uma noites. Depois da troca ritual de guirlandas, dirigiram-se para um canto do jardim onde, ao redor de uma mesa resguardada por um enorme biombo feito também de flores passadas por cordas que pendiam, encontravam-se os familiares mais próximos. Assinaram o registro civil e trocaram as alianças. Sônia lutava para controlar suas emoções. Cada vez que cruzava seu olhar com o de sua mãe, sentia vontade de chorar. Então, preferia buscar o olhar de Rajiv para encontrar forças. O tio Mario parecia perdido; olhava para sua sobrinha com carinho e certa condescendência. Paola manteve a pose, mas, por dentro, aquele casamento sem sacerdote lhe causava uma dor infinita. As palavras de Rajiv, que leu uns versos do Rigveda escolhidos especialmente por sua mãe, puseram o ponto final à cerimônia:

Suave sopra o vento, suave flui o rio, que os dias e as noites nos tragam felicidade, que o pó da terra produza felicidade, que as árvores nos façam felizes com seus frutos, que o Sol nos envolva de felicidade...

E isso foi tudo. Os noivos saíram do recinto e receberam uma chuva de pétalas de flores e o estrondo de fogos de artificios sabiamente orquestrados por Sanjay. A cerimônia não podia ser mais simples. Assim quisera Indira, sem a hipocrisia de ter que contentar os hindus ortodoxos que exigiam uma cerimônia religiosa completa. Quando ela se casou, Nehru havia lhe pedido que aceitasse fazer isso pelo rito hindu, dando sete voltas AO redor do fogo sagrado e ouvindo mantras intermináveis, porque não queria encrenca com eles. Ela havia concordado, mas agora tinha a revanche. Indira era mais dura que seu pai. De fato, não havia chorado durante a cerimônia de seu próprio casamento. Nehru sim, ficara com os olhos umedecidos.

À tarde, Sônia já havia levado suas coisas da casa onde estivera alojada para sua nova residência. As obras haviam servido para ampliar a sala principal, que Indira havia mobiliado em tons rosa pastel e verde-musgo; uma porta

corrediça dava para um local com árvores enormes e arbustos, entre os quais revoavam pássaros e borboletas.

Depois da festa, dirigiu-se a seu novo lar, um quarto grande e confortável que havia sido acrescentado nos fundos da casa e que ainda cheirava a gesso. Sua mãe havia trazido roupa da Itália, alguns livros e discos e os jornais do avião, porque temia que sua filha ficasse nostálgica. Sentada na cama, Sônia deu uma olhada nas manchetes. "O vento faz tremer a Torre de Pisa", "Lucía Bosé pediu a custódia de seus filhos", e uma entrevista com o primeiro homem que havia vivido quinze dias com um coração transplantado, um sul-africano chamado Blaiberg. Pareciam notícias de outro planeta para ela. Notícias de um mundo que já não era o seu. Enquanto Rajiv tirava o aparatoso turbante em frente ao espelho do banheiro e vários criados entravam e saíam olhando-a de soslaio, Sônia sentiu vertigem ao pensar que já não havia mais volta. A sorte estava lançada. Como havia chegado até ali? Ela mesma estava surpresa com a força que havia tido para atingir seu propósito. Ela, que sempre se mostrara inimiga da confrontação, tivera de esticar a corda com sua família até um ponto de que se julgava incapaz. À felicidade por ter conseguido, à felicidade de sentir tão perto a presença de Rajiv, mesclava-se uma profunda sensação de surpresa, e também de pena. Pena por seu pai. Pena por não poder dividir o momento mais importante de sua vida com todos os que amava, com suas amigas do bairro, com suas antigas professoras, com seus colegas... Pena por ter que dizer adeus à infância, aos pais, a sua cidade, a seu país. Pena por sua mãe, porque Sônia era capaz de adivinhar em seu olhar tudo o que a podia atormentar, desde os costumes "exóticos" até o fato de viver assim, na casa da família, com a sogra no fundo do corredor, por mais primeira-ministra que fosse. Ao forçar a situação, a harmonia familiar dos Maino se ressentira, e Sônia se sentia culpada. Mas a vida a havia colocado nessa trama e, a partir do momento em que havia segurado a mão de Rajiv em resposta a seu tímido avanço, lá nos jardins da catedral de Ely, foi conseqüente consigo mesma. Ninguém estranhou essa melancolia porque a tradição indiana contemplava a saída de uma filha da casa de seu pai para a casa da família de seu noivo como um momento de grande angústia. A maioria das noivas indianas chora e seus amigos e parentes mostram-se muito pesarosos. Sônia não ia chorar, mas estava com o coração cheio de dor. Os eventos sucediam-

se muito rapidamente para apiedar-se de si mesma.

No dia seguinte, à tarde, houve uma recepção no Hyderabad House, um palácio de estilo anglo- mongol que o Nizam de Hyderabad mandou construir em 1928 para dar de presente a uma amante, e que agora, sob o controle do governo, servia de residência para dignitários estrangeiros. Organizavam-se ali, também, grandes eventos de mídia ou entrevistas coletivas. Cerca de mil pessoas compareceram - amigos da família, colegas do partido, políticos, diplomatas, jornalistas, artistas etc. - todos apresentando à entrada o convite dourado que haviam recebido do gabinete da primeira-ministra, desejosos de conhecer de perto a noiva estrangeira para julgar por si mesmos se tudo o que haviam ouvido, tão díspar e deturpado pelas fofocas, era verdade. Sônia, vestindo o maravilhoso sári, sentia-se como um animal em um zoológico.

Sentia que as mulheres a atravessavam com o olhar, tentando adivinhar de que era feita. A maioria havia viajado para o estrangeiro, tinha ciência de quão diferente a Índia era da Europa. Algumas olhavam para ela com dó, outras com inveja, outras com genuína simpatia. Chegou a hora do jantar, no chão, à maneira da Caxemira.

Ao som de uma pequena orquestra de música clássica indiana, os convidados degustaram suculentos pratos típicos com aromas de canela, cardamomo, açafrão e cravo: cordeiro com nabo, frango com espinafre, peixe com raiz de lótus... Também havia batatas em molho de iogurte ou queijo fresco frito para os vegetarianos. Os familiares de Sônia puderam jantar comida italiana, e os tios de Rajiv, comida parse. O delicioso chá verde da Caxemira, o Kavha, foi servido no final. Mas não foi uma recepção ostentosa. "O orçamento era pequeno", confessaria Usha, a secretária de Indira.

Também não havia orçamento nem tempo para uma bela viagem de núpcias. Mas Rajiv queria mostrar um pouco da Índia aos parentes de Sônia, de modo que foram todos para Rajasthan, a Índia romântica, terra de antigos senhores feudais, a região mais espetacular do subcontinente. Achavam incrível que tão perto de uma cidade como Délhi existissem aldeias

medievais, sem luz nem água corrente, mas de uma deslumbrante beleza, onde na praça do mercado encontravam-se todos os ofícios da Índia: vendedores de roupa usada, dentistas ambulantes, camponeses de cócoras ao lado de suas barracas de verduras, alfaiates, ferreiros, carpinteiros, joalheiros... Cabras, vacas e camelos pululavam entre montes de essências de todas as cores - pó de açafrão ocre, de cúrcuma amarelo, de pimenta-malagueta vermelha moída. A caminho do parque nacional de Ranthambore, viam pelo campo manchas amarelas, vermelhas, malva, rosa, que eram os turbantes de lavradores e pastores que caminhavam por entre o pó ocre que seus rebanhos levantavam. Suas mulheres se vestiam nos mesmos tons; ostentavam jóias de prata velha e pedras semipreciosas e pareciam princesas, em vez de camponesas.

Ranthambore era um parque natural criado em 1955 em uma zona semisselvagem para proteger a sobrevivência do tigre. Uma imensa fortaleza, que conservava em seu interior templos em ruínas, palácios e cenotáfios aprisionados por raízes de ceibas gigantescas, dominava o parque do alto de um promontório. Embaixo, entre colinas cobertas de vegetação e lagoas de águas prateadas, podiam ver-se cervos, antílopes, ursos, chacais e javalis. Com um pouco de sorte, um tigre ao amanhecer. Rajiv gostava desse lugar porque reunia duas paixões suas: o amor pelos animais e pela fotografia. Além do mais, pensou que a família de sua mulher levaria uma boa lembrança da Índia, porque nessa selva não se via miséria humana.

Rajiv contou-lhes que ele e seu irmão haviam passado a infância cercados de animais, desfrutando de um verdadeiro zoológico nos jardins da Teen Murti House. Muitos dos animais eram presentes que chefes de Estado ou políticos nacionais faziam a seu avô. Tiveram louros, pombos, esquilos, um crocodilo e um panda do Himalaia chamado Bhimsa, presente do estado de Assam para seu avô. Também tiveram três filhotes de tigre. Rajiv os adorava, e um de seus grandes desgostos quando menino foi quando seu avô decidiu se desfazer de um para dá-lo de presente ao marechal Tito.

De volta a Délhi, pararam em uma aldeia onde estavam celebrando um casamento. Era um verdadeiro casamento hindu, cheio de cores e de barulho. O noivo, rosto coberto por uma cortininha feita de flores, apareceu

montado em uma esqualida égua branca coberta com um tapete de veludo bordado com ouro. Ao som de tambores e pandeiros, avançava serpeando para sua noiva, que o esperava sob uma tenda. As famílias estavam muito orgulhosas por forasteiros assistirem à cerimônia, e logo lhes ofereceram chá e doces, enquanto o rapaz desmontava. O sacerdote convidou, então, os noivos a se conhecerem oficialmente. Lenta e timidamente, cada um deles afastou o véu do outro com sua mão livre. O rosto alegre do rapaz surgiu diante do olhar tímido da noiva, uma menina que não devia ter mais de doze anos, frágil e assustada como um passarinho. Sua família a observava com uma emoção mal contida. Rajiv fazia as vezes de intérprete, não só com o idioma, como também com os costumes. Esse simples casamento, que parecia tão ingênuo e inofensivo, escondia vários males da Índia, verdadeiras doenças sociais. Os casamentos infantis como esse expunham meninas a ser mães, com a conseqüente mortalidade e problemas de saúde para a mãe e o bebê. Além do mais, os pais da noiva, que pareciam camponeses pobres, com certeza haviam se endividado durante muitos anos para pagar o dote, requisito indispensável para casar uma filha. Sim, tudo isso era muito bonito e muito pitoresco, mas esses costumes mantinham os pobres mergulhados na miséria. Foi ali que Sônia ouviu falar pela primeira vez do costume do sati, que ainda se praticava esporadicamente nessa região.

Os comensais comentavam um caso recente, não muito longe de onde se encontravam, que havia sido um escândalo nacional. Uma jovem viúva havia se jogado à pira funerária do marido. A polícia havia investigado o caso sem conseguir descobrir a verdade. As opiniões dos convidados ao casamento estavam muito divididas: uns diziam que a viúva era uma santa por ter tido a coragem de se transformar em sati, outros que havia sido drogada e forçada a pular à fogueira para que não herdasse nenhum bem do marido... Rajiv inclinava-se pelo último. Como conseguir modernizar esse país? - parecia perguntar-se, pensando na enorme tarefa que coubera a sua mãe, enquanto dirigia o carro de volta a Délhi.

CHEGOU A HORA DE SÔNIA SE DESPEDIR de sua família. Acompanhou-os ao aeroporto. Depois de abraçar sua mãe, e talvez porque percebeu a dor que esta sentia ao abandonar sua filha, Sônia desmoronou e

começou a soluçar. Para sua mãe, essa era a verdadeira despedida: uns voltavam para casa, para o lar de sempre; Sônia permanecia nessa terra estranha, sozinha, sem eles. Nunca como nesse momento a realidade havia se mostrado com tanta crueza, tanta que fazia mal. Ambas eram um mar de lágrimas, e não eram especialmente propensas ao pranto, o que tornava a cena ainda mais lancinante.

Escreva muito, ligue sempre...

Eu prometo, mamma.

No carro que a levava de volta para casa, Sônia secava o rosto enquanto vinham a sua memória flashes de momentos felizes de sua infância em Lusiana, quando ia ordenhar as vacas com seu pai e sua mãe, ou quando amigas e primas chegavam para comemorar seu aniversário cheias de presentes. Como parecia longe essa vida! Ficando na Índia, percebia agora que começava do zero. Tanta tensão e tanta agitação a haviam deixado esgotada e deprimida. Precisava ver Rajiv o antes possível. Só ele podia consolá-la, porque ele era a justificativa de toda sua angústia.

Mas Rajiv não estava em casa, estava em seu curso, no aeroclube. Sônia foi para seu quarto. Se seu marido não estava, então preferia ficar sozinha, deitar-se na cama e chorar todas as lágrimas, conjurar a melancolia esperando seu retorno. Mas, assim que abriu a porta, viu um envelope em cima da cama, com timbre do gabinete da primeira-ministra. Abriu-o. Era um bilhete de Indira que dizia: "Sônia, todos nós a amamos muito". Então, seu rosto se iluminou. A melancolia se evaporou como por encanto, ela sorriu e saiu de seu quarto.

A vida cotidiana na casa dos Gandhi começava cedo, quase ao raiar do sol. Quando Sônia acordava, Indira já estava no fundo do jardim em sua conversa diária cercada pelos pobres que iam até lá ter seu darshan. A seguir, embarcava em seu carro oficial, que a levava a seu escritório em South Block, onde passava toda a manhã. À tarde, costumava ir trabalhar em seu escritório pessoal, que fazia as vezes de sede do Congresso, e que ficava muito perto de sua casa, no número 1 da Akbar Road, a uns 50 m de distância. Era uma agradável caminhada pelo jardim, sempre verde e com canteiros de flores e plantas aromáticas. O governo acabava de ceder-lhe essa casa para que todos coubessem nela.

Rajiv também saía cedo para suas aulas de voo. Foi aprovado sem dificuldade no exame de piloto comercial e agora fazia estágio na companhia nacional Indian Airlines.

Pilotava um DC-3, o famoso Dakota, o avião de seus sonhos de infância. Seu irmão Sanjay estava absorto na tarefa de desenhar um carro autóctone, adaptado às estradas da Índia. Cada membro da família levava uma vida independente, mas Sônia passava muito tempo sozinha. Um tempo que lhe permitia observar a agitação e o rebuliço de uma grande casa indiana e adaptar-se ao calor, que chegou de repente. Um calor seco, intenso e abrasador que crescia a cada dia, irremediavelmente, e que continuaria aumentando até as chuvas de junho, se este ano chegassem a tempo. Não gostava de ar condicionado porque temia que lhe provocasse crise de asma; preferia ficar embaixo das pás dos ventiladores de teto. Entendeu por que os empregados se moviam com tanta lentidão. No início achava que eram preguiçosos; agora compreendia que o calor, parecido ao ferragosto da Itália - só que estavam em março - amolecia os músculos e o ânimo. Os empregados eram poucos para uma casa com essas características

O normal seria um mínimo de dez ou quinze criados, cada um encarregado de uma tarefa específica de sua casta.

Nehru e Gandhi haviam se encarregado de suprimir oficialmente as castas na Constituição da nova nação independente, mas elas continuavam influenciando as condutas, principalmente nos estratos mais baixos da sociedade e nas zonas rurais. Os Nehru não conseguiram vencer essa hierarquização da vida doméstica nem em suas casas, por mais que houvessem tentado. Não era fácil apagar com uma canetada milhares de anos de história. De modo que a tradição continuava imperando, e quem servia à mesa não era o mesmo que a recolhia, o motorista dirigia, mas não lavava o carro; a cozinheira cozinhava, mas não lavava os pratos; os que varriam o chão não limpavam os banheiros etc. Os Nehru contentavam-se com menos pessoal que o usual, mas ainda assim Sônia não estava acostumada à eterna presença dos criados, que, deslizando silenciosamente pelos corredores, davam-lhe uns sustos terríveis. Talvez o que mais a incomodasse fosse que parecia nunca estar protegida de olhares indiscretos, nem mesmo na privacidade de sua casa. Mais de uma vez, depois de ter se

trancado em seu banheiro, sobressaltara-se ao encontrar o encarregado da limpeza - um homem ossudo e de pele queimada - de cócoras, com um pano na mão, em um cantinho. Pouco a pouco, aprendeu a mesma coisa que as esposas dos diplomatas destinados à Índia precisavam aprender: a conviver com esse enxame de gente, a saber mandar, a ter paciência com os sweepers, os varredores, que só deslocavam o pó de um lugar para o outro, a dirigir-se a cada um segundo sua categoria ou sua religião, de maneira que em nenhum momento sintam que "perdem casta", a levá-los ao médico quando ficam doentes porque não existe previdência social etc.

NEM MESMO A CASA DA PRIMEIRA-MINISTRA escapava do movimento da vida cotidiana nas cidades indianas. No meio da manhã, Sônia ouvia os pitorescos revendedores ambulantes anunciando na rua suas mercadorias com vozes melodiosas. Uns empurravam carrinhos repletos de verduras e frutas, outros carregavam caixas cheias de doces, traziam leite ou os jornais... De vez em quando, um homem com um macaco dançarino e uns ursos chamava para oferecer seu espetáculo.

Também vinham vendedores de tecidos com seus fardos de toalhas de mesa, tecidos à mão, lisos ou estampados, do mais fino algodão ou de seda crua, multicoloridos ou brancos. O alfaiate se sentava na varanda costurando a manhã toda, enquanto Sônia olhava fascinada as pulseiras de cristal polido oferecidas por um vendedor ambulante que os empregados haviam deixado entrar pensando que a distrairia. As portas e janelas abertas para o jardim deixavam entrar os aromas das flores e do gramado recém-cortado e úmido, mas que amarelava conforme passavam os dias.

Freqüentemente, Sônia aparecia no escritório onde as duas secretárias particulares de sua sogra trabalhavam. Uma delas, Usha, lembra ela que ia lhe fazer todo tipo de perguntas sobre coisas indianas: como se ajusta um sári? Como comemoram os aniversários? Que presente se leva à festa do primeiro corte de cabelo de um bebê?

Como se diz "feche a porta" em híndi? E outras coisas. Elas brincavam dizendo que ela não tinha uma, e sim três sogras. Ela mal via a verdadeira, tão ocupada estava Indira, mas a presença dela sempre se fazia notar. Era a pessoa central da família. Um dia, Sônia entrou no escritório de Usha muito

alterada, e segurava um bilhete que Indira havia deixado expressando seus pontos de vista sobre certos aspectos, a maioria críticos, como o fato de Sônia se negar a aprender híndi ou ser tão paradinha diante dos que não conhecia. Por que não me diz pessoalmente, em vez de escrever um bilhete?", perguntava a italiana à beira das lágrimas.

- Para a senhora Gandhi é difícil se comunicar - respondeu Usha - ela é uma mulher bastante introvertida. Mas não se preocupe com esse negócio das cartas, ela também se comunicava assim com o marido e com o pai.

A timidez de Sônia e talvez um certo complexo chegavam a paralisá-la tanto que isso se tornava um problema na hora de receber visitas importantes, ou simplesmente na hora de socializar. Afora os amigos de seu marido e de seu cunhado, com quem já tinha contato, era muito difícil para ela quebrar o gelo e abrir-se para as pessoas.

No fundo, continuava sendo a pequena camponesa dos montes Asiago, a estudante de uma província italiana transplantada para outro planeta, a casa de uma primeira-ministra, onde sempre entrava e saía gente de todo tipo e condição. "Durante muito tempo, Sônia foi muito retraída", contaria Usha. "Era uma tarefa complicada persuadi-la de alguma coisa."

Indira, a despeito de estar muito ocupada, não perdia de vista os assuntos da casa e esforçava-se para que sua nora saísse de sua carapaça: "Seria maravilhoso se você pudesse convencer Sônia a vir esta noite. Mas não a force se ela realmente não quiser", dizia um bilhete a sua secretária. Tanto Rajiv quanto sua mãe eram personalidades bastante reservadas, de modo que entendiam que Sônia precisasse de tempo para se aclimatar a essa nova vida. Procuravam pressioná-la o menos possível, porque viam que lhe custava muito acostumar-se. Aqui não podia fazer coisas simples, como sair para passear com uma amiga, por exemplo. As longas avenidas de Nova Délhi não eram feitas para caminhar, as distâncias eram muito grandes para percorrê-las a pé. Além do mais, aquela parte da cidade era puramente residencial, não havia lojas.

A restrição de movimentos, a comida, o calor e a distância dos seus provocavam nela ataques de saudade que a revista italiana Oggi que sua mãe lhe mandava pontualmente a cada semana mal conseguia mitigar. Estava entre dois mundos sem se firmar em nenhum deles.

Lembrava-se de seu pai e de suas advertências, e havia momentos em que gostaria de pegar o telefone e falar com ele, mas Sônia era forte e sabia que precisava agüentar.

A presença de Rajiv, à noite, costumava acalmar suas angústias.

EM MAIO, FAZIA TANTO CALOR que Indira convidou Sônia a acompanhá-la em uma viagem oficial ao reino do Butão, um pequeno país ao pé do Himalaia que vivia totalmente afastado do mundo, pensando que lhe faria bem mudar de ares. Para lhe fazer companhia, também convidou a filha do ministro de Assuntos Exteriores, Priti Kaul, que tinha a mesma idade de Sônia. Foram só dois dias de viagem, mas se divertiram muito. Assim que desceram do helicóptero, foram recebidas pelo rei Dorje Wangchuk, homem muito afável, devoto budista e monarca absoluto que mantinha seu reino isolado do exterior. A temperatura era perfeita; dava vontade de beber o ar cristalino.

Que alívio! - pensou a italiana ao sentir a brisa fresca da montanha acariciando seu rosto, como quando fazia excursão nos Alpes. Ali não havia teleféricos nem restaurantes, e sim bandeirinhas de rezas que flutuavam ao vento, espalhando as orações Dudistas pela cordilheira do Himalaia, que mostrava seus picos acerados contra um céu intensamente azul. Não havia nada que pudesse ser considerado "moderno". Praticamente não existia o trânsito de veículos, exceto algumas motocicletas, e as pessoas se vestiam à maneira tradicional, com uma espécie de avental colorido muito pitoresco. Andavam a cavalo ou de carros puxados por bois parecidos com daques. A comitiva chegou ao imponente mosteiro de Tashichhodzong, que dominava uma paisagem uminosa de montanhas de cristas brancas em cujas faldas havia bancadas douradas de cevada que desciam para o vale como uma gigantesca escada. Era como uma viagem à Idade Média: não existia televisão, não havia prisão nem delinqüência, a única concessão à modernidade era a eletricidade, mas só durante duas horas por dia. O próprio rei as acompanhou a seus aposentos, três quartos e um banheiro, tudo bastante modesto, explicando-lhes que eram os dele próprio. Na época, não existia infra-estrutura hoteleira em Timpu, a capital, que parecia mais uma aldeiazinha, de modo que cedera a seus hóspedes o melhor que tinha. Depois do banquete, no qual Indira e o monarca falaram sobre como democratizar o reino e ao mesmo tempo preservá-lo das influências nefastas

da modernidade, as garotas voltaram ao quarto. Sônia descobriu uma portinhola no chão, debaixo de um tapete. Morrendo de curiosidade, as duas levantaram-na e viram um quarto com um catre, simples, parecido com o quarto de um monge. De repente acendeu-se uma lanterna e vislumbraram o rei, quase nu, que se preparava para deitar.

Fecharam a portinha morrendo de vergonha. Contaram a Usha, que, por sua vez, contou a Indira, temerosa de que aquele incidente pudesse desencadear um conflito diplomático.

Indira limitou-se a rir.

No dia seguinte foram de helicóptero de Timpu até o estado de iikkim, fronteiro com o Tibete. Foram recebidos pelo rei local e sua mulher, uma nova-iorquina encantadora chamada Hope Cooke, em seu palácio. À noite, quando Indira já havia se deitado, a americana chegou ao quarto das garotas com o prato de que Sônia mais gostava: salmão defumado. Lembrava sua época da Inglaterra, onde o havia descoberto.

Foi um breve parêntese de frescor no meio da canícula que abrasava o norte da Índia. Quando retornaram a Délhi, embaixo, na planície, o termômetro marcava 43 °C às onze da manhã. O asfalto derretia. As árvores pareciam tão cansadas quanto os homens. As pessoas caminhavam com sombrinhas abertas para se proteger do sol. Os condutores de riquixás esperavam seus clientes deitados sob qualquer sombra. Em casa, as flores dos canteiros do jardim haviam murchado e o gramado parecia palha seca. Os criados regavam a fachada. Sônia teve que aprender a restringir seus movimentos ao mínimo para economizar energia. A temperatura noturna era tão intolerável que teve que se render ao ar condicionado. Aconselharam-na a não sair de casa ao meio-dia porque o sol era implacável. Esse calor pouco tinha a ver com o ferragosto.

O ar era tão denso que podia ser cortado com uma faca, e a temperatura subiu até os 46 °C uns dias depois. Era um clima cruel e desapiedado. Sônia esperava ansiosa a volta de Rajiv, deitada na cama e sonhando com a paisagem bucólica do Vêneto, lembrando o rangido que suas botas de borracha produziam na neve recém-caída, a água gelada que quando menina bebia diretamente dos arroios, o cheiro do campo depois da chuva, os prados

verdes salpicados de amapolas na primavera... Mas seu marido já estava aqui, e esperavam o entardecer para sair e dar uma volta de moto e tomar um sorvete em um dos poucos lugares que os serviam em condições higiênicas saudáveis.

Era preciso ter cuidado para comer fora de casa, porque o calor afetava a conservação dos alimentos.

A TENSÃO EM CASA AUMENTAVA proporcionalmente ao calor, não pelo incômodo que pudesse resultar, mas por suas repercussões políticas. Afinal de contas, aquela era a casa da primeira-ministra, e seu trabalho e futuro dependiam, em grande medida esse ano, de as chuvas das monções chegarem a tempo. A maior preocupação de Indira continuava sendo lutar contra a fome. Tinha consciência de que se combatia a escassez de alimentos introduzindo novos métodos agrícolas que haviam provado sua eficácia em outras partes do mundo, e fomentando a construção de fábricas de fertilizantes. Chegar a uma verdadeira revolução verde, tornar a Índia autossuficiente, essa era sua principal prioridade e a ela se dedicava com afinco. Todo o resto, que era muito, podia vir depois: saúde, educação, melhorar o status das mulheres etc.

O problema é que esse ambicioso programa precisava de tempo para dar frutos. Enquanto isso, as pessoas tinham que comer. E o azar quis que a Índia sofresse três anos consecutivos de secas. Se naquele quarto ano as chuvas também não chegassem, o desastre estaria servido. E a isso havia que se somar o fiasco da ajuda americana.

A despeito de todas as indicações do contrário, o presidente Johnson quis utilizar a ajuda alimentar como alavanca para submeter a Índia a sua política. Indira esteve disposta a fazer algumas concessões (enfrentando uma tempestade de protestos em casa), mas nunca teve a intenção de abandonar a política de não-alinhamento de seu pai. Como represália por uma crítica que o ministro de Assuntos Exteriores indiano fez a Israel por sua atitude para com os países árabes, Johnson começou a atrasar os envios de alimentos. Pediu que todos os informes de carregamentos de grãos passassem por seu escritório antes de dar o visto final. Indira tinha um mapa da Índia na parede

de seu gabinete no South Block, no qual rastreava o movimento de cada cargueiro com alimentos. A lentidão era exasperante.

Esses americanos não percebem que cada dia que passa representa a morte de muita gente? - dizia em casa, indignada, num dia em que Sônia havia preparado um prato de massa. - Não leve a mal, não é nada pessoal - continuou dizendo a Sônia, afastando seu prato - mas já decidi, e assim acabo de anunciar no Parlamento: parei de comer trigo e arroz em sinal de protesto.

A sessão parlamentar a deixara exausta, e ela mal jantou. Queixava-se de uma forte enxaqueca. Nenhuma das receitas do médico havia conseguido acabar com as persistentes dores de cabeça que havia vários dias a faziam sofrer. Os problemas da Índia não eram para menos.

Se as chuvas não chegarem, haverá mais fome.

Vou lhe preparar um remédio caseiro que meus pais me ensinaram contra a dor de cabeça.

Sônia fez uma infusão de camomila e umedeceu umas gazes, que aplicou na testa de sua sogra. Indira continuava falando. Temia que outra seca pusesse em xeque sua política agrária, pilar da ação do governo, que tão bons sinais havia começado a mostrar. "Começou a se acalmar e a se
Página 116
sentir melhor", lembrava Sônia, que não entendia os matizes nem os detalhes dos enormes problemas que sua sogra enfrentava, mas compreendia sua importância e alcance.

De repente, Indira mudou de assunto.

Como vai com o híndi? - perguntou de supetão.

Mal - respondeu Sônia.

Indira queria a todo custo que Sônia aprendesse híndi. Além de razões políticas - porque os Nehru sempre haviam sido acusados de ser muito "britânicos" ou "ocidentais" - Indira acreditava que era muito bom que sua nora pudesse se expressar no idioma do povo porque lhe abriria contatos e também as portas da Índia profunda. O idioma não era a alma de uma cultura? Mas Sônia não entendia por que precisava aprender um idioma que só os empregados falavam, já que o inglês era o que amigos e convidados sempre utilizavam. Havia lhe arranjado um professor particular que se empenhara em ensinar-lhe o idioma do ponto de vista acadêmico, com muita gramática.

As aulas são chatérrimas - confessou Sônia, satisfeita por ter conseguido aliviar a dor de cabeça da sogra.

Indira não insistiu, mas uns dias depois deixou um bilhete para Usha, sua secretária: "Parece que os progressos de Sônia são inexistentes. O método do professor não funciona. Por favor, quanto mais conversação em híndi praticar com ela, melhor".

Certos hábitos dessa casa teriam sido difíceis de entender para qualquer um. Por exemplo, desde sempre na casa dos Nehru se falava híndi no almoço e inglês no jantar, e todo dia, uma das refeições era indiana e outra ocidental. Sônia não entendia por que cada um não podia comer o que quisesse e falar no idioma que quisesse. Mas, como era dócil, não se obcecava. E era suficientemente inteligente para saber que tinha que encontrar seu lugar nessa família mesmo que necessitasse se dobrar a exigências que não entendia bem. Aceitava que isso fazia parte de seu processo de adaptação.

JUNHO SE FEZ ETERNO. Parecia que toda a cidade estava olhando para o céu procurando indícios de chuva. A primeira página dos jornais mostrava em grossos caracteres os recordes de temperatura: 46 °C na Porta da Índia de Rajpáth, anunciava dia 15, quando a monção já deveria ter chegado. Uma foto mostrava grupos de crianças banhando-se nas fontes públicas. O ar seco e abrasador ressecava a garganta. Os olhos ardiam como se tivessem areia. Uma camada de pó cinza, que o vento havia trazido dos desertos de Rajasthan, cobria o jardim do número 1 da Safdarjung Road. Para Sônia, o extremo do clima era algo novo. Na Europa, o clima era regular, e as previsões serviam sobretudo para saber se haveria neve na montanha ou sol na praia no fim de semana seguinte. Aqui, o clima era algo muito mais dramático devido a sua intensidade e importância na vida do país, eminentemente agrícola. O fracasso da colheita de arroz podia significar a morte de um milhão de camponeses. Por isso, esses dias cruciais na vida da Índia eram acompanhados com tanta atenção pela gente e pelos meios de comunicação.

Finalmente, no fim do mês, um barulho atoador seguido de um turbilhão de ar ardente que levantou nuvens de pó e arrancou as folhas das árvores anunciou as primeiras tempestades. Como se a noite caísse de repente, grossas nuvens negras invadiram o céu e o vento seco deu lugar a uma chuva de grossas gotas que martelavam o teto da casa. Os empregados

pareciam reviver depois de tanta moleza. Iam para a rua e se deixavam ensopar, e os sorrisos voltaram a iluminar seus rostos. Parecia que as altas palmeiras do largo também tremiam de emoção. A televisão mostrava imagens da euforia que estava se apoderando do país. Pessoas de diversas religiões e castas pulavam e dançavam juntas nas ruas, como crianças, pisando na água, molhando-se sob as calhas dos telhados. Era como uma grande festa, na qual a monção fez desaparecer as diferenças entre os homens.

Mas a intensidade do calor, agora, era sucedida pela intensidade das precipitações. A água caía com tanta força que o barulho dentro de casa era ensurdecido. A temperatura caiu alguns graus de repente, e uma suave brisa trouxe uma carícia de frescor. No jardim, as rãs cruzavam coaxando pelo gramado, que reviveu como em um passe de mágica, mas dois dias depois o jardim estava tão inundado que parecia um lago. Se muitas favelas literalmente desapareciam com as chuvas e a seguir eram reconstruídas, os bairros de Nova Délhi não eram imunes às conseqüências do dilúvio. Os elegantes largos das cercanias das embaixadas estavam inundados, assim como os túneis, e muitos veículos ficavam como mortos, táxis e riquixás com os motores afogados que soltavam seus últimos estertores, alheios aos esforços de seus donos para fazê-los arrancar de novo. O calor se fez menos intenso, mas a sensação de abafamento era desagradável. Sônia tinha a sensação de estar com as mãos sempre úmidas; trocava de roupa várias vezes ao dia porque o suor a encharcava. Estava assombrada de ver que durante dias não parava de chover, como se os deuses do clima se vingassem do calor seco e ardente dos meses anteriores. Agora entendia por que as fachadas de tantos edifícios pareciam sujas, por que havia tantos buracos.

É porque o clima arrasava tudo e tornava qualquer tarefa de manutenção um empreendimento muito caro para um país tão pobre.

A parte positiva é que as chuvas trouxeram a alegria de fora à casa, como se a felicidade de todo um país gigantesco entrasse pelas janelas e invadisse cada canto.

Um país que, não morrendo de fome este ano, talvez conseguisse seguir em frente e não tornar a passar a atroz fome do passado. Indira, muito em sintonia com o sentimento do povo, parecia contagiada por essa alegria. A

despeito de tantos outros problemas, tornava a ser uma mulher radiante.

Talvez por não perceber o comportamento retraído de Sônia como uma ameaça, em um período de tempo surpreendentemente curto, Indira, que era de natureza desconfiada, tomou verdadeiro carinho por ela. A italiana era uma mulher discreta e direta, duas qualidades que de início haviam granjeado sua imediata simpatia. Mas também era caseira e gostava de "fazer família". Não exigia que Rajiv ficasse com ela separados do resto, como poderia ter pensado no início. Ao contrário, insistia para que continuassem respeitando os costumes de sempre, como reunir-se na hora das refeições, uma tradição que remontava aos tempos da Teen Murti House. Independentemente de onde se encontrasse cada membro da família, todos se esforçavam para voltar para casa na hora da refeição, a menos que houvesse algum ato oficial. Desde que eram crianças, Rajiv e Sanjay haviam se acostumado a abandonar o que estivessem fazendo para almoçar em família. Sônia achava isso muito bom, porque as conversas à mesa eram sempre muito animadas, salvo quando Sanjay se metia a falar de política com sua mãe. O habitual era trocarem pontos de vista, piadas e experiências pessoais. Se Rajiv e Sônia saíam à noite com seus amigos, esperavam que Indira acabasse de jantar fazendo-lhe companhia. Indira tinha um grande talento para a conversa; era rápida em suas observações, clara em suas descrições e tinha um refinado senso de humor. Seus interesses não se limitavam à política; gostava também de artes, das inovações científicas, do comportamento das pessoas, dos livros, da Natureza...

Havia coisas surpreendentes nela, que só com o tempo se descobriam. Por exemplo, costumava reconhecer um pássaro por seu canto. Nos anos 1950, havia sido membro de uma sociedade ornitológica e aprendera muito sobre pássaros. Também contava uma imensidão de casos de suas viagens para o exterior. Em Santiago do Chile, a mulher de um político a recebera dizendo: "Oh, como parece fina e delicada. Eu esperava ver uma espécie de Golda Meir..." Sônia morria de rir com aquelas histórias. Como a do Kremlim, quando, depois de um banquete que Brejnev e Kosiguin deram em sua homenagem, na hora do café respeitaram o costume russo de separar os homens das mulheres, e Indira, para sua grande surpresa, viu-se no grupo dos homens... Ou quando Indira foi ver Gandhi para falar de seu casamento com Firoz, e o velho asceta, em vez de incentivá-la a formar uma família,

sugeriu que ela e Firoz se tornassem adeptos de seu ideal matrimonial de se manter celibatários depois de casados. Então, para que se casar? - perguntara Indira, irritada. Sônia, que tinha riso fácil, adorava todas essas histórias.

QUANDO A ITALIANA COMPREENDEU O funcionamento básico de uma casa indiana, foi substituindo Usha nos assuntos domésticos. Sentir-se útil e estar ocupada era a melhor arma para lutar contra a saudade. "Sônia era uma pessoa organizada, forte, mesmo que humilde, mas sabia o que queria", diria a secretária de Indira. A italiana se comportava como realmente era: afetuosa, sempre querendo agradar, fugindo da confrontação, até um pouco submissa diante da imensa autoridade que emanava de sua sogra.

"Entendi que precisava dar um tempo a minha sogra para que ela também se habituasse à nova situação familiar, mas ela não era especialmente possessiva com Rajiv.

Nesses dias, eu estava sempre a seu lado, disposta a apoiá-la", afirmou em uma entrevista publicada no Weekend Telegraph anos depois.

Nessa casa de costumes indianos, mas também ingleses e da Caxemira, Sônia deu sua contribuição de maneira sutil. E fez isso com uma arma poderosa, que manjava com brio. Sônia havia aprendido com sua mãe os segredos da cozinha italiana, e logo a casa da primeira-ministra exalava aromas de lasanha ao forno, de molho ao pesto com manjericão colhido do jardim e até de ossobuco à milanesa. Era impossível, naqueles anos, conseguir queijo em Nova Délhi, mas sempre um amigo que vinha da Europa lhe trazia mozzarella ou Gruyère embalados a vácuo. Não faltava algum engraçadinho que dizia que, em vez de indianizar Sônia, a família estava sendo italianizada por ela... A brincadeira era da porta para dentro, porque se um comentário assim chegasse à imprensa, sabiam que a oposição o utilizaria com sanha. A verdade é que no lar dos Nehru-Gandhi cabia de tudo, à imagem e semelhança da Índia, caldeirão de culturas e tradições sempre disposta a integrar o estrangeiro e a torná-lo seu. Se Sônia se adaptava à cultura imperante, também travava sua peculiar e silenciosa batalha para deixar sua marca, panela na mão, nesse lar cosmopolita.

Mais tarde, foi aprendendo a adivinhar os gostos e as preferências de Indira, como sua paixão por flores, por exemplo, e sempre cuidava para que houvesse maravilhosos arranjos nas mesas. Ambas gostavam especialmente do cheiro dos nardos, bálsamo que invadia cada canto dessa casa decorada com uma simplicidade quase espartana, mas com bom gosto. As cortinas eram de algodão cru, os tapetes provinham de vários lugares do norte; havia objetos tribais, quadros de pintores indianos, algumas antigüidades, como um maravilhoso biombo, e móveis de estilo colonial inglês.

Sônia entendeu que a simplicidade e a economia eram a chave da personalidade de sua sogra. Indira não gostava de jogar nada fora; ao contrário, guardava as sacolas de plástico bem dobradas para utilizá-las de novo. Sônia aprendeu a fazer as malas como Indira gostava, aproveitando o menor cantinho, sem desperdiçar espaço. Se Indira precisava de alguma coisa para a casa, Sônia se encarregava de arranjar. A vendedora da loja The Shoppe, em Connaught Place, lembraria que a vira chegar um dia usando calças de couro e seus lindos cabelos caindo sobre os ombros. Ia comprar toalhas de mesa de linho para dar de presente à sogra em seu aniversário. A única coisa que Sônia não dividia com Indira eram os meandros da política indiana, que nem lhe interessava nem fazia força para entender.

Mas, naquela cozinha que Sônia transformou em ponto nevrálgico do lar, onde todos acabavam se encontrando nem que só fosse para perguntar que surpresa havia preparado para comer, falava-se inevitavelmente de tudo.

A família do marajá de Jaipur não nos cumprimenta mais - Sanjay chegou dizendo um dia, malicioso. - Os de Kota e de Travancore também. Não contem com convite para nenhuma festa deles.

Assim Sônia ficou sabendo que sua sogra havia abolido os últimos privilégios dos marajás. Rajiv lhe explicou que, quando seus estados integraram a União Índia, os marajás receberam a garantia constitucional de que poderiam conservar seus títulos, suas jóias e seus palácios; de que o Estado lhes pagaria uma soma anual proporcional ao tamanho de seus reinos; e de que os eximiria de pagar impostos e taxas de importação.

Mas com tantos indianos, e tão pobres, minha mãe e seu governo acham que esses privilégios são anacrônicos e estão fora de lugar - continuou dizendo. - O caso é que os marajás estão em pé de guerra. A marani de Jaipur, que é líder local de um partido direitista, deu instruções a seus simpatizantes para acabar com um comício de mamãe. Mas ela os encarou. Sabe o que disse a eles? "Vão e perguntem aos marajás quantos poços cavaram para o povo quando governavam seus estados, quantas estradas construíram, o que fizeram para lutar contra a escravidão a que os ingleses nos submetiam!" O resultado é que mamãe acabou arrasando, como sempre.

Indira fizera isso porque precisara dar uma guinada em sua política, ao ver que os americanos a haviam deixado na mão. Para não continuar perdendo apoio em seu partido, havia firmado um tratado na União Soviética pedindo o final incondicional dos bombardeios americanos sobre o Vietnã. Johnson, furioso, havia atrasado ainda mais os envios de alimentos. Os pobres morriam de fome sem suspeitar que era o preço que seu país pagava para manter sua independência da potência mais poderosa do mundo, que os queria usar como moeda de troca. Os marajás não haviam sido as únicas vítimas dessa virada de orientação política. O programa de Indira deu calafrios nos mais liberais, nos donos das indústrias, nos homens de negócios, nos aristocratas e, enfim, nas elites do país, porque anunciou também a nacionalização dos bancos e das companhias de seguros. Sônia foi testemunha da euforia do povo diante dessas medidas. Empregados e funcionários públicos, taxistas, condutores de riquixás, desempregados e aqueles que nunca haviam entrado em uma agência bancária dançavam na rua. Foram medidas populistas e atrevidas que granjearam a Indira um enorme sucesso político porque o governo tirava os recursos financeiros dos capitalistas para entregá-los ao povo. Os camponeses, os pequenos comerciantes e negociantes também estavam contentes porque iam se beneficiar com créditos em melhores condições nos bancos nacionalizados, e todos os partidos de esquerda alinharam-se firmemente com Indira.

Nos PRIMEIROS MESES DE 1969, Sonia começou a se sentir mal. No início, atribuiu o mal-estar a uma intoxicação alimentar, a algum vírus local, mas o médico sanou suas dúvidas imediatamente. Estava grávida. A notícia

encheu de alegria a família. Indira sentiu-se muito feliz e redobrou os cuidados para com sua nora. Estava eufórica com a idéia de ser avó. As crianças sempre haviam sido sua fraqueza. Agora, deixava bilhetes do tipo: "Amanhã é navroz (Ano-Novo parse), mas vou sair em turnê logo pela manhã. Posso ir dar-lhe um beijo agora mesmo?" Indira estava profundamente agradecida a Sonia pela estabilidade que trazia a sua vida. Não mais voltava de suas turnês extenuantes ou de longas sessões no Parlamento para a solidão de uma casa vazia, e sim para um lar com vida. E essa felicidade era alentada por uma notícia que, mais que nenhuma outra, provocava em Indira uma íntima e profunda satisfação. Sua nova política agrícola começava a dar resultados. A colheita de grãos do ano em curso estava sendo o dobro da habitual graças às abundantes chuvas das últimas monções. A maior produção era registrada nos estados do Punjab, ao norte, o país dos siques, uma comunidade bem organizada e trabalhadora cujos camponeses haviam plantado novas variedades de trigo anão desenvolvidas por cientistas indianos a partir de tipos mexicanos. As novas variedades de arroz, algodão e amendoim também haviam mostrado um resultado espetacular. O aumento da produção era tão promissor que augurava que a escassez endêmica podia se tornar logo coisa do passado. Como Indira tinha vontade de tirar a espinha Lyndon Johnson da garganta...

Porém, Sonia não participava dessa euforia. Sua felicidade estava tingida por um sentimento novo, que não havia sentido antes, e que surgia do mais profundo de seu ser. Era um medo atávico, difuso e intenso.

Medo de dar à luz tão longe de sua família, medo de pegar uma doença rara, uma infecção tropical, medo de que o bebê nascesse com algum problema... Tornava a sentir saudade dos seus e até pensou em ir para a Itália ter o bebê, mas não, isso era impossível, porque, como estar longe de Rajiv em um momento assim? - O que diriam os políticos daqui? Que a nora de Indira não confiava na medicina indiana (o que era perfeitamente lógico naquela época)? Que o que era bom para o povo não era bom para a bahu de Indira? Querendo ou não, a política interferia em sua vida privada. Mas Sônia era suficientemente lúcida para aceitar isso e para entender que as mudanças hormonais de seu corpo estavam brincando com ela, e que seu estado de ânimo melhoraria com o tempo.

MAS COM CINCO MESES DE GESTAÇÃO continuava com mal-estar constante. Como se sentia mal fisicamente, seu moral também se ressentia. Sanjay esmerou-se em atenção para com sua cunhada. Quando sabia que seu irmão estava voando, não saía de casa sem se certificar de que Sônia não o queria acompanhar e dar uma volta, tomar um sorvete no Nirula's, um dos poucos estabelecimentos parecidos a uma cafeteria ocidental, ou visitar um amigo. Mas Sônia não tinha vontade de sair. Preferia ficar em casa, acariciando durante horas os cães Putli e Pepita, dois golden retrievers, os preferidos dos Nehru desde os tempos de Anand Bhawan, e um filhote chamado Sona que Rajiv pegou em um beco da Velha Délhi quando era menino. Quando seu marido voltava, passavam horas ouvindo música. Rajiv guardava em casa uma boa coleção de discos que havia reunido ao longo dos anos e que tratava com extremo cuidado. Não queria que ninguém tocasse no equipamento ou nos discos sem se assegurar antes de que o faria de maneira tão escrupulosa quanto ele. De vez em quando assistiam a concertos de música clássica indiana, e Sônia aprendeu sobre ragas (melodia clássica) e ghazals (poemas cantados em urdu) e a distinguir instrumentos como o sarangi ou a tabla, precursores dos violões e tambores do Ocidente. Muitas vezes, Rajiv gravava os recitais de grandes maestros, como Ustad Ali Khan ou Ravi Shankar, e a seguir os acrescentava a sua coleção, que classificava metodicamente. Mas se já costumavam sair pouco e não eram fãs de festas, agora que Sônia estava frágil de saúde, menos ainda. Nunca quiseram fazer parte do jet set de Nova Délhi nem pertencer a nenhum grupo ou turma.

Rajiv sentia-se bem com amigos de classes sociais muito díspares, desde um mecânico do aeroclube até seus antigos colegas de Cambridge que iam a Délhi com certa freqüência. Sônia, tonta e com náuseas, só concordava em dar uma volta aos domingos pela manhã por Khan Market, onde ficavam as lojas de discos e as livrarias mais bem sortidas da cidade. Era uma volta curta, que a italiana aproveitava para comprar fruta e também algum produto europeu em uma de suas lojas, freqüentadas por diplomatas. Aos cinco meses, a suave curvatura de seu ventre, que via com orgulho refletida nas vitrinas, era um prato cheio para os conhecidos com quem costumava cruzar, porque, em certo sentido, Nova Délhi era como uma grande vila.

CINCO MESES É UM INTERVALO DE TEMPO no qual se considera que uma gestação já passou por seu momento mais crítico. No caso de Sônia, não foi assim. No meio de uma noite de calor, sentiu dores agudas no ventre, e viu que perdia sangue aos borbotões. Eram tão agudas as dores e tão forte a sensação de estar se esvaziando por dentro que pensou que morreria nesse mesmo instante. Rajiv organizou o transporte ao hospital no carro de sua mãe. Via Sônia tão pálida e tão desvalida que teve medo de perdê-la. Depois da transfusão, quando se recuperou, disseram a Sônia que havia perdido muito sangue, mas que agora, depois de uma pequena intervenção, ia se sentir melhor. "E o bebê?" perguntou ela, aterrada, porque no fundo sabia o que havia acontecido. O olhar de Rajiv, que baixou os olhos, dizia tudo. Foi o momento mais difícil até esse instante na vida da italiana. Aos cinco meses de gestação, não considerava ter tido um aborto, e sim perdido um filho. Junto com essa dor profunda vinha um sentimento de fracasso pessoal. Achava que havia falhado com seu marido, com Indira, com sua própria família e com o mundo inteiro.

Parecia que estava pagando por toda a felicidade que a vida lhe havia dado, como se tivesse que expiar o pecado de sua extraordinária história de amor. As explicações médicas, que garantiam que isso era relativamente comum em uma primeira gestação e que não significava que na próxima tentativa fosse acontecer a mesma coisa, não a conseguiam tirar de uma profunda melancolia. Além do mais, não faltavam comentários dos empregados sobre o mau augúrio que isso pressagiava, ou o rumor da rua que atribuía a responsabilidade do acontecido a Indira, "porque obrigava sua nora a se movimentar e a caminhar, obcecada com que mantivesse a forma e não engordasse muito durante a gestação". Em certos grupinhos da cidade, depois de tudo o que havia acontecido com as estatizações e a abolição dos privilégios dos marajás, estava na moda chamar Indira de monstro. Como era de se esperar, a família reagiu unida e todos cercaram Sônia de atenção e afeto. Indira estava muito afetada. Isso lhe lembrara um acontecimento similar, com o nascimento de seu segundo filho, em 14 de dezembro de 1946. As dores de parto haviam surgido à noite, de maneira totalmente imprevista. Foi levada com urgência a um hospital, onde os médicos ingleses chegaram a temer por sua vida porque estava se esvaindo em

sangue.

Desde o início, aquele bebê havia sido um problema. Nehru chegou quando a hemorragia já estava controlada. De madrugada nasceu um menino, que Nehru chamou de Sanjay em homenagem a um sacerdote visionário que descreve no Mahabharata, a grande epopéia do hinduísmo, a grande batalha com o rei cego. Firoz, seu marido, só apareceu dias depois. Trabalhava na cidade de Lucknow, e Indira acabava de saber que mantinha uma relação amorosa com uma muçulmana, de uma proeminente família da cidade.

Por isso, a chegada do bebê não havia sido um acontecimento tão feliz quanto a do primeiro, Rajiv. E Indira, em seu subconsciente, sentiu-se culpada por isso. Devia pensar que era injusto e que devia reparar isso. Toda sua vida sentiu que devia alguma coisa a Sanjay.

POUCO A POUCO, A ITALIANA FOI SAINDO do mar de tristeza em que mergulhara, mas não voltou a sorrir enquanto não engravidou de novo, uns meses depois. Dessa vez, sua ginecologista foi taxativa: nada de caminhadas nem de esforços. Quanto mais tempo passasse deitada, menos risco de outro aborto correria. Decidida, dessa vez, a levar a gestação a bom porto, Sônia se dispôs a passar nove meses de cama. Sua inspiração vinha de outra italiana conhecida mundialmente, Sofia Loren, que acabava de passar pela mesma coisa, com um final feliz. Era uma experiência difícil, as Sônia a encarou como uma prova que devia superar. Contava com o apoio de Rajiv, que a mimava e cuidava dela com grande devoção. Felizmente, não havia puxado a Firoz, seu pai: era caseiro, afetuoso e de uma fidelidade a toda prova. Continuava tão apaixonado por Sônia quanto no primeiro dia. Ou mais, porque agora vivia um sentimento mais profundo, esse que nasce da identificação, de ver tudo com os olhos do outro, de uma vida em comum plenamente assumida e realizada.

Indira estava de novo entusiasmada e cuidou do enxoval do bebê com toda a riqueza de detalhes. "Você está sempre se vangloriando das alegrias e do status superior de ser avó", escreveu a sua amiga norte-americana Dorothy Norman dentro de um avião que a levava para o sul da Índia para comemorar o quarto centenário da sinagoga da comunidade judaica de Kerala, "por isso vou lhe revelar um segredo: eu também estou competindo por esse status. Sônia está esperando um bebê para fim de maio.

Não é emocionante? E, quando uma nora é de outro continente, há muitas complexidades também." Referia-se ao medo de Sônia de dar à luz em Délhi, e às novas exigências de sua nora, que surgiam como uma reação à pressão do entorno. De repente, Sônia declarou que não queria nem babá nem criada para cuidar do bebê, que ela mesma o faria. Dizer isso era um pouco uma criancice, uma maneira de se afirmar dando a entender: "Sou européia, e em minha esfera privada farei as coisas a minha maneira".

Indira e Rajiv assim entenderam, de modo que não insistiram, certos de que essa intransigência passaria quando o bebê nascesse. A realidade logo cuidaria de pôr as coisas em seu lugar. Seria muito difícil para Sônia prescindir de ajuda tendo em conta que deveria estar disponível para acompanhar seu marido ou Indira nos eventos oficiais. Mas, em geral, a alegria de receber um novo membro da família compensava esses leves atritos domésticos. Quando Rajiv estava trabalhando, sua mãe ou seu irmão procuravam se revezar para fazer companhia a Sônia durante as refeições. Não queriam que se sentisse sozinha em nenhum momento nem que seu ânimo decaísse.

Rajiv agora era copiloto nos turbo-hélices Fokker Friendship da Indian Airlines, aviões de asa alta com capacidade para uns quarenta passageiros, dignos sucessores dos DC-3.

Sônia passava muito tempo com os dois irmãos, que compartilhavam amigos e interesses comuns, mas Sanjay era visto cada vez menos.

Estava obcecado com seu projeto de construir um "Volkswagen indiano". Com um amigo, havia aberto uma oficina mecânica na periferia da cidade, e ali, cercado de depósitos de lixo e de esgotos a céu aberto, perseguia seu sonho de tornar-se um "Henry Ford" local, entre peças de metal e ferros enferrujados. O projeto de construir um carro popular produzido para as massas era discutido havia mais de dez anos nos gabinetes do governo, e finalmente tomou-se a decisão de encarregar o setor privado de sua produção. Até então, só se fabricavam dois modelos sob licença na Índia: os famosos Ambassador, réplicas do Morris Oxford que serviam de táxis no pós-guerra londrino e que ainda hoje continuam sendo fabricados nas instalações da Hindustan Motors no estado de Bengala, e os Fiat Padmini, que se tornariam o modelo único dos táxis de Bombaim (na Europa, era conhecido como Fiat 1100). O carro que Sanjay queria fabricar tinha que ser totalmente autóctone, seria barato, atingiria a velocidade de 80 km por hora e consumiria cinco litros a cada 100 km. O nome que havia escolhido era Maruti, em alusão ao filho do deus do vento na mitologia hindu.

Naquela época, Indira não via além de sua própria carreira. Não imaginava uma dinastia familiar, como também seu pai não a havia imaginado. Em diversas entrevistas, repetia que seus filhos não tinham interesse em política e que faria o que estivesse a seu alcance para afastá-los desse mundo. Não mostrava vontade de passar a "carga" familiar. Indira não gostava de misturar o político e o pessoal. Mas seu filho Sanjay, empenhado por todos os meios em levar adiante seu projeto, ia ultrapassar essa fronteira que a mãe tinha tanto interesse em preservar. Por que ele não tinha direito de fabricar um carro genuinamente indiano? - perguntava-se. Não lhe parecia justo que, pelo fato de ser filho da primeira-ministra, esse empreendimento lhe fosse vetado. Indira estava em uma encruzilhada, dividida entre seu sentimento de mãe e seu dever de governante. Havia pedido a Sanjay que não apresentasse seu projeto ao Ministério de Desenvolvimento Industrial, mas ele havia feito ouvidos moucos e solicitara formalmente a licença, a despeito de nem sequer ter terminado sua aprendizagem na Rolls-Royce e não ser nenhum homem de negócios nem um fabricante de carros. De fato, sua história de amor pelos carros havia sido uma fonte constante de dor de cabeça para sua mãe. Quando adolescente, mais de uma vez a polícia o havia levado para casa depois de tê-lo descoberto, junto com um amigo, abandonando carros

que haviam furtado de um estacionamento para dar uma volta. Essas molecagens de menino mimado foram adotando formas diferentes ao crescer. Na Inglaterra, Sanjay havia provocado vários acidentes sem danos físicos, e várias vezes havia sido preso por ultrapassar o limite de velocidade ao volante de seu velho Jaguar ou por não portar carteira de habilitação válida.

Ao contrário de Rajiv, Sanjay era agressivo em sua maneira de lutar pelo que acreditava e exerceu uma pressão considerável sobre sua mãe para que lhe fosse concedida a licença. Indira presidiu a reunião do gabinete na qual o ministro de Indústria concedeu a Sanjay uma permissão para produzir 50 mil automóveis por ano, inteiramente com materiais autóctones. E isso a despeito de Sanjay não ter experiência e não poder apresentar resultados de projetos anteriores. Estava claro que, se não fosse filho da primeira-ministra, nunca teriam concedido a licença. Por uma vez, Indira faltou a seu sacrossanto princípio de antepor o dever a seu desejo pessoal, uma exceção que acabaria lhe custando muito caro. Um escândalo e um protesto geral acompanharam o nascimento do projeto de carro nacional. Indira foi acusada na imprensa de praticar o pior tipo de nepotismo. Um deputado da oposição chamou a concessão de "uma desgraça para a democracia e para o socialismo". Outros falaram de "corrupção sem limite". Seus próprios aliados, os comunistas de Bengala, uniram-se ao aluvião de críticas. Indira respondeu de maneira pouco convincente:

"Meu filho demonstrou espírito empreendedor... Se não for estimulado, como pedir a outros jovens que assumam riscos?". No fundo, Indira acreditava cegamente em seu filho e com certeza pensou que o Maruti era uma oportunidade de ouro para que Sanjay provasse sua valia. Sabia que era jovem, imaturo, impetuoso, mas julgava-o hábil e forte. Achava que aprenderia e que o poderia controlar. Também sabia que isso equivaleria a expô-lo à vida pública. Isso significava que Indira, a despeito de continuar repetindo que não queria que seus filhos entrassem na política, já via seu filho mais novo como digno sucessor da linhagem dos Nehru-Gandhi. Era, talvez, uma maneira de sentir-se um pouco menos sozinha no exercício do poder.

Nessa luta contra a sensação de solidão que a embargava desde a mais tenra

infância, o nascimento de seu neto em 19 de junho de 1970 encheu-a de júbilo. Como em todos os lares da Índia, o nascimento de um filho era um acontecimento de grande relevância. Rajiv assistiu ao parto, coisa insólita para um homem na Índia de então, e foi com sua câmera na mão para gravar o primeiro choro de seu filho, que havia nascido um pouco prematuro. Sônia estava exausta, mas seu marido a ajudava muito, trocava o bebê e o fazia dormir entre as mamadas. Comportavam-se como pais modernos, mas a Índia eterna já espreitava às portas da casa quando voltaram do hospital e um asceta esperava o bebê para fazer seu mapa astral. O nome escolhido foi Rahul, proposto por Indira. Ela explicou a Sônia que era o nome em que havia pensado originalmente para seu filho primogênito, mas no fim pôs Rajiv para agradar a seu pai. Nehru recebera sugestões de nomes na prisão, e escolhera Rajiv porque em sânscrito significava "lótus", o mesmo significado de Kamala, o nome de sua mulher, falecida oito anos antes. Da mesma maneira que Indira cedeu ao desejo de seu pai, Sônia cedia ao de Indira e, ao fazer isso, tornava-se um pouco mais indiana. Rahul era o nome de um filho de Gautama Buda, e em sânscrito significava "aquele que é capaz". A família não era religiosa, mas a força do hábito fez com que o menino fosse recebido com os ritos hindus correspondentes. A cerimônia do primeiro corte de cabelo aconteceu três semanas depois de seu nascimento, e reuniram-se em casa todos os amigos do casal. Rasparam a cabeça do bebê deixando só uma mecha de cabelo, que, segundo a tradição, protegeria sua memória.

Raspá-lo tinha o significado simbólico de libertá-lo dos restos de suas vidas passadas e prepará-lo para encarar o futuro. Indira estava absolutamente encantada com o bebê. Procurava voltar para casa entre sessões do Parlamento só para vê-lo e apertá-lo em seus braços. A mulher que estava perseguindo com dureza os aristocratas da Índia, que acabava de se impor perante o partido para ficar no poder, que expulsava os companheiros que não haviam votado nela, era uma avó que se derretia por seu neto. "Como se parece com Rajiv!", dizia, sem que ninguém lhe encontrasse semelhança alguma ainda. Além do mais, isso não era nenhum elogio, porque havia contado mil vezes como Rajiv era feio quando nasceu. Mas essa criatura tocava suas fibras mais íntimas e a fazia lembrar os tempos de sua própria maternidade. Indira havia dado à luz Rajiv em 20 de agosto de 1944, não em

um hospital, e sim na casa de sua tia mais nova, em Bombaim, em condições precárias. Engravidara a despeito de seu histórico de tuberculose, das advertências dos médicos e da oposição de seu pai a seu casamento, de modo que esse nascimento foi vivido como uma verdadeira vitória contra a adversidade. Indira queria a todo custo que Nehru conhecesse seu neto. Ainda faltavam três anos para a independência e ele estava trancado em uma prisão britânica no que seria seu nono e último cárcere. Quando soube que iam transferi-lo, Indira foi até as portas da prisão de Naini em Allahabad e, no espaço que havia entre a porta e o furgão, segurou o pequeno Rajiv no colo. "Sob a luz tênue de um poste, meu pai viu seu neto pela primeira vez, e ficou olhando para ele o pouco tempo que lhe permitiram", contava Indira.

QUANDO SÔNIA SE RECUPEROU, foram para a Itália com o bebê. Sônia havia sonhado com esse momento em diversas ocasiões durante sua longa convalescença. O aroma do delicioso café assim que chegou ao aeroporto, o silêncio nos grandes lugares públicos, o frio dilacerante, o conforto e a rapidez dos automóveis, a água que se podia beber da torneira, os supermercados que ofereciam de tudo... essas coisas simples das quais carecia na Índia maravilhavam-na. Parecia que era a primeira vez que pisava em sua terra. Foi um momento de intensa alegria encontrar-se com os seus, em sua cidade. Fundiu-se em um abraço com seu pai, não se disseram nada, não era necessário. Stefano Maino viu-se de repente com o pequeno Rahul no colo e só importava o bem-estar do menino. Esse momento não valia todas as penúrias do passado?

Sônia parecia se perguntar. Por fim, estava reunida sob o mesmo teto com todos os que povoavam seu coração.

Retornaram logo a Nova Délhi, para sua tranqüila vida familiar, mas era uma calma fictícia porque estava sempre ameaçada pelos altos e baixos da política. A despeito do muito que Indira amava seu neto, quase não o via de tão ocupada que estava. Passava longas horas em seu escritório na South Block e, quando voltava para casa, sempre estava cansada e com o semblante preocupado.

O que está acontecendo? - perguntou Rajiv assim que voltou.

Dizem que vai haver um golpe de Estado - comentou Sanjay.

Quem disse?

Todo o mundo. Nas festas, nos coquetéis, nos jantares não se fala de outra coisa... Mamãe sabe, e teme o pior.

Indira havia feito muitos inimigos com seus ataques contra a classe rica, que a acusava de querer fazer da Índia um país comunista. Havia posto toda a direita contra ela, o sindicato patronal, os proprietários dos meios de comunicação, os marajás e seus descendentes etc, e temia, como boa parte do país, uma reação violenta. Mas não queria fazer da Índia um país comunista como os que havia conhecido em suas viagens, atrás da Cortina de Ferro. Ao contrário, fazia grandes esforços para assegurar às classes ricas que seus interesses não estavam em perigo. Havia compensado as grandes famílias financeiras com generosas indenizações pela nacionalização de seus bancos. A liberdade - individual, coletiva, nacional - era um valor supremo que não estava disposta a sacrificar no altar do socialismo.

Mas o rumor de que os militares estavam preparando um golpe havia se espalhado como rastilho de pólvora nas grandes cidades, Bombaim, Délhi e Calcutá. A idéia de que a Índia não poderia sobreviver nem como democracia nem como país unido estava se firmando nos setores mais elitistas da sociedade. As figuras de Nehru e Gandhi começavam a ser vistas como relíquias de um passado idealista que já pouco tinha a ver com a realidade. Indira, cada vez mais isolada no cume do poder, começou a se sentir paranóica. E não era para menos. Perguntavam a mesma coisa ao general Sam Manekshaw, um parse que era comandante-em-chefe do Exército indiano, aonde quer que fosse: Quando vai tomar o poder? Ele se abstinha de responder. O que mais o chocava é que, dentre os que lhe faziam a pergunta, havia ministros do gabinete de Indira.

Farta de tanto rumor, que havia se infiltrado até em sua própria casa, Indira convocou a seu escritório da South Block o general Manekshaw. Eram velhos amigos; Indira havia sido casada com um parse, e isso sempre dava familiaridade à relação. Sam encontrou-a sentada do outro lado de sua mesa em forma de rim, cotovelos apoiados em cima da mesa e a cabeça entre as mãos. Depois de se cumprimentarem, ela lhe disse com voz cansada:

- Todos dizem que você vai me substituir... É verdade, Sam? O militar ficou petrificado, mas em poucos segundos reagiu:

"Dei uns passos para onde estava sentada. Tinha um nariz comprido, e o meu também era proeminente, de modo que aproximei meu nariz do dela e perguntei, olhando-a fixamente nos olhos: "E você, o que pensa, primeira-ministra?"

"Não pode fazer isso - respondeu. "Acha que sou tão incompetente?"

"Não, Sam, não quis dizer isso. Quero dizer que você não o fará.

"Você tem toda a razão, primeira-ministra. Não interfiro em assuntos políticos. Meu trabalho consiste em comandar o Exército e velar para que se mantenha como um instrumento de primeira ordem. O seu é velar pelo país.

"Meus ministros dizem que se está tramando um golpe militar. Até meus filhos ouviram isso. "Esses ministros você nomeou. Livre-se deles. Você tem que confiar em mim."

Nunca o general a havia visto tão preocupada e com o ânimo tão abatido como nesse dia. "Tinha muitos inimigos políticos", lembraria Manekshaw. "Constantemente tramavam complôs contra ela. Mas era uma mulher esperta. Veio me dizer: Sam, se você está pensando em fazer alguma coisa, saiba que eu sei de tudo."

FOI UM NATAL TURBULENTO. Embora da porta para dentro Indira fizesse o possível por não deixar transparecer sua inquietude, era impossível ser imune à tensão da rua.

Sanjay era quem mais lhe perguntava sobre o que ia fazer, mas Indira respondia com um de seus famosos silêncios e pegava o pequeno Rahul no colo, como se nesse gesto simples buscasse a resposta a questões complicadas. O que seu pai teria feito nessas mesmas circunstâncias? - perguntava-se. Em 1951, Nehru havia se encontrado em uma situação parecida, mas não tão extrema. E havia decidido consultar o povo. Indira ia fazer isso mesmo. Sentia que seu governo, dependente somente do apoio dos partidos de esquerda, não sobreviveria aos ataques das poderosas forças que haviam se unido contra ela. Tinha a intuição de que o povo, se fosse consultado, a apoiaria.

Mas, dessa vez, separaria as eleições gerais das estaduais. Até então, sempre haviam sido realizadas conjuntamente, com o resultado de que considerações locais de casta e etnia se mesclavam com grandes questões nacionais. Agora, queria se assegurar de que estariam dissociadas. Queria

apresentar um verdadeiro programa nacional ao eleitorado.

EM 27 DE DEZEMBRO DE 1970, às oito da manhã, depois de sua reunião diária no jardim, Indira tomou um chá com Sônia.

- Hoje não virei almoçar - disse. - Vou ver o presidente da República e vou solicitar que dissolva o Parlamento. Vai ser um dia muito cheio. Diga a Rajiv que falarei esta noite pela rádio.

De fato, nessa mesma noite dirigiu-se à nação para anunciar que ia antecipar as eleições gerais em um ano. Sônia ouviu-a na cozinha de casa: "O tempo não vai nos esperar", dizia Indira com certo tom apocalíptico. "Os milhões de pessoas que pedem comida, alojamento e trabalho têm pressa de que façamos alguma coisa. Em uma democracia, o poder é do povo. Por isso nos dirigimos a ele, para pedir-lhe um novo mandato." Pouco tempo depois do anúncio, um jornalista da Newsweek perguntou a Indira qual seria o grande tema da campanha. Sem hesitar, Indira respondeu: "O tema sou eu".

Durante as dez semanas seguintes, mal apareceu em casa, e quando aparecia era para trocar de roupa e tornar a sair. Às vezes isso acontecia à uma da madrugada e, ao ouvi-la, Sônia acordava, disposta a ajudá-la a encontrar um sári ou a lhe fazer um chá. Dava-lhe notícias do bebê, e Indira falava da campanha. Estava animada:

"Gosto de estar com as pessoas, com o povo. O cansaço vai embora quando estou com eles", dizia. "Sabe, Sônia? Não os vejo como massa, eu os vejo como muitos indivíduos juntos..." Estava contente porque a grande aliança que aglutinava partidos opostos - desde partidos de direita a socialistas - e que eram seus adversários, havia cometido o erro de escolher um slogan que refletia seu desejo mais profundo: "Vamos acabar com Indira".

Eu propus outro slogan: "Vamos acabar com a pobreza!" Não acha que faz mais sentido? Sônia assentiu. Indira prosseguiu, em voz baixa para não acordar o bebê.

Essa frase dá a nosso partido a razão moral e uma imagem de progresso contra uma aliança reacionária. Afinal de contas, os pobres são a maioria do eleitorado...

Vão vê-la como a salvadora...

Tomara.

A CAMPANHA REALIZADA DURANTE os meses de janeiro e fevereiro de 1970 foi muito intensa. O fato de ter hábitos frugais - mal comia, e dormia muito pouco - ajudou-a em seu esforço. Mais de 13 milhões de pessoas assistiram a seus comícios e outros 7 milhões receberam-na de ambos os lados das estradas, segundo estatísticas oficiais.

"Nos 43 dias que tive a minha disposição", escreveu para sua amiga Dorothy Norman, "percorri mais de 60 mil quilômetros e falei em uns trezentos comícios. Era maravilhoso ver a luz nos olhos das pessoas." Ainda mais maravilhoso foi comprovar que, exceto em certas áreas povoadas por intocáveis e comunidades tribais, o tipo de pobreza que existia há vinte anos já não se via. Não se viam deformações atrozes como outrora, nem crianças com barrigas inchadas pela desnutrição. "Talvez nem todos tenham um teto e um trabalho, mas as pessoas parecem saudáveis. Os olhos das crianças brilham", contava a Dorothy.

Esse era seu grande orgulho, referendado pelas estatísticas. Em cinco anos, a produção anual de trigo e de arroz havia duplicado. "Pela primeira vez, não tenho a impressão de que a economia dependa exclusivamente do sucesso ou do fracasso das monções", escrevera um jornalista britânico que ia regularmente à Índia. Os meios de comunicação indianos, a maioria nas mãos da oposição, não falavam disso, mas o povo se pronunciou na maior convocatória eleitoral até a data no mundo. Na noite dos resultados, a família inteira estava reunida em casa. Sônia cuidara para que houvesse doces e flores em todos os cantos. A casa estava iluminada por fora, e no interior a atmosfera era de entusiasmo contido. A medida que a Comissão Eleitoral esmiuçava números e resultados, a euforia foi se desatando. Duzentos e setenta e cinco milhões haviam votado nessa quinta convocatória desde a independência. Ninguém tivera que caminhar mais de 2 km para depositar sua cédula. Quase 2 milhões de voluntários haviam atuado como agentes eleitorais. Sessenta e seis tentativas de fraude haviam sido contabilizadas, um número insignificante em um país tão enorme. A tendência dos resultados era clara: o partido de Indira ganhava em todas as circunscrições. Começavam a chegar carros à casa sem parar. Uma vitória como essa vinha acompanhada de uma ineludível corte de aduladores. Gente que não hesitava em se agachar e tocar os pés de Indira, uma maneira

tradicional de cumprimentar que os Nehru sempre viram como uma demonstração de servilismo quando quem o fazia era de classe rica. Seus ministros, os mesmos que falavam a suas costas sobre um golpe militar, foram os primeiros a chegar e a se prostrar.

Sônia aprendeu a reconhecer esses melífluos adutores que trocavam de camisa segundo a temperatura política. Nessa época nasceu sua obsessão por identificá-los e mantê-los na linha, uma obsessão que não a abandonaria nunca. Também chegavam amigos sinceros para cumprimentar Indira, que entrava e saía de seu estúdio, lotado de colegas do partido sentados no chão com as pernas cruzadas. Outro quarto, perto da entrada, logo se viu invadido de gente. Os telefones tocavam sem trégua. Os cães também participavam da excitação geral e enfiavam-se entre as pernas dos visitantes, que Sônia recebia com o pequeno Rahul no colo. Indira procurava disfarçar seu regozijo, mas na verdade havia conseguido para seu novo mandato uma folgada maioria de dois terços. Uma vitória que a tornava a primeira-ministra mais poderosa desde a independência.

pessoa mais venerada, mais temida, mais querida e, em certos ambientes, a mais odiada.

Mas também foi uma vitória para a Índia. As eleições demonstravam ser uma genuína força unificadora da nação, acima das diferenças e da diversidade. A democracia se confirmava como a nova religião desse país tão antigo e tão povoado de deuses, uma religião que ajudava a abrir o caminho para o futuro.

INDIRA NÃO TEVE MUITO TEMPO de saborear sua vitória. Quinze dias depois do anúncio de sua fenomenal vitória, o Exército paquistanês fez um ataque feroz contra os cidadãos bengalis do Paquistão oriental. As imagens na televisão mostravam uma maré humana, composta por milhões de refugiados, na maioria mulheres, crianças e idosos, que cruzavam a fronteira buscando refúgio na província indiana de Bengala ocidental, já por si muito povoada, e cuja capital era Calcutá. Nem Sônia, nem Rajiv, nem Sanjay perdiam um noticiário. Aquela maré de refugiados lembrava os trágicos acontecimentos da Partição. Sabiam que Indira estava diante de uma crise de enormes proporções. Como um país pobre como a Índia poderá acolher tantos refugiados? - perguntavam-se angustiados. Seria necessário intervir

no Paquistão oriental para deter o fluxo dos que chegam? O que mamãe fará?

- É uma guerra civil? - perguntou Sônia.

Explicaram-lhe que parecia porque acontecia dentro de um mesmo país, Paquistão, mas era um país composto por duas entidades separadas por mais de 3 mil quilômetros de território indiano, produto da partição do subcontinente segundo duvidosos critérios religiosos e comunais quando da independência. Na verdade, não havia unidade real entre essas duas nações, cuja parte ocidental acabava de declarar a guerra à oriental. Os habitantes do Paquistão ocidental falavam urdu e eram mais altos e de pele clara. Os do Paquistão oriental eram baixos, de pele escura e falavam bengali. A única coisa que compartilhavam era o islamismo, mas isso não era base suficiente para alicerçar uma nação. Principalmente porque, a despeito de a parte oriental ser a mais povoada, a maioria dos recursos - saúde, educação, eletricidade - era sistematicamente desviada para a parte ocidental. Os do oeste exploravam descaradamente os do leste, que reclamavam a autonomia. Em contraste com a Índia, onde a democracia havia sobrevivido a distúrbios políticos, fome e guerra, o Paquistão vivia treze anos de regime militar. Seu presidente, o general Yahya Khan, conhecido por sua paixão pelo álcool, havia prometido celebrar o primeiro plebiscito livre da história do país em dezembro de 1970. Não pôde prever as conseqüências dessas eleições, que evidenciaram as contradições e a fragilidade da entidade política conhecida como Paquistão. No oeste ganhou Zulfikar Ali Bhutto, um advogado educado na Inglaterra que havia se metido em política ao voltar a seu país e que era líder do PPP (Partido do Povo do Paquistão).

No leste venceu um partido liderado por um personagem carismático, Sheikh Mujibur Rahman, amigo e aliado de Indira, que havia feito campanha denunciando o colonialismo exercido pelo Paquistão ocidental sobre a parte oriental. Obteve uma vitória tão esmagadora que conseguiu a maioria na Assembléia Nacional do Paquistão. Segundo a lógica dos resultados, deveria ter sido nomeado primeiro-ministro. Mas o general no poder não tinha intenção de que a parte oriental assumisse o poder político. Diante do movimento de desobediência civil que Sheikh Mujibur Rahman

lançou em todo o Paquistão oriental, convocando uma greve geral indefinida, o ditador Yahya Khan decidiu reprimir a rebelião com a força. De repente e sem prévio aviso, mandou 40 mil soldados do Paquistão ocidental invadir a parte oriental. As notícias falavam de um ataque desapiadado e brutal. Muitos dos oficiais, jactando-se de que iam se dedicar a melhorar os genes

das crianças bengalis, violentaram milhares de mulheres, saquearam e queimaram casas e comércios e assassinaram milhares de inocentes. Qualquer suspeito de dissidência era perseguido e eliminado, especialmente se fosse hindu: estudantes, professores universitários, escritores, jornalistas, profissionais e intelectuais, ninguém escapava do terror daqueles soldados altos, fortes e bem apetrechados que degolavam sem piedade. Nem mesmo as crianças escapavam da brutalidade: as que tinham sorte eram assassinadas junto com seus pais, mas outros milhares teriam que passar o resto de suas vidas sem olhos ou com membros horrivelmente amputados. Sheikh Mujibur Rahman foi detido e levado para o Paquistão ocidental, onde foi encarcerado.

Você vai declarar guerra, mamãe? - perguntava Sanjay na hora do jantar, como quem pergunta se ia viajar ou fazer compras.

Se não encontrar outra maneira de solucionar o problema, não me restará outra alternativa. De qualquer maneira, amanhã vou falar com o general Manekshaw.

Indira sabia que, se o ditador paquistanês havia agido com tanta segurança, era porque contava com o respaldo de seu principal aliado, os Estados Unidos. O outro aliado era a China, que havia declarado guerra à Índia em 1962, e que, em um ataque-relâmpago, havia anexado territórios fronteiriços no Himalaia. Aquilo havia sido uma humilhação para a Índia, e um golpe mortal para a velha idéia de Nehru da solidariedade das nações não-alinhadas. Também havia marcado o início do fim de Nehru. Sua saúde começara a decair, e mais de um observador atribuiu sua morte à aflição que lhe causou o ataque dos vizinhos do norte.

SABE O QUE ESTÁ ACONTECENDO no Paquistão oriental? - perguntou Indira a seu velho amigo Sam Manekshaw, comandante-em-chefe do

Exército, assim que chegou a uma reunião de seu governo.

Sim, massacres - respondeu o militar.

Estão chovendo telegramas dos estados fronteiriços - prosseguiu Indira. - Dizem que os refugiados não param de chegar. Sam, temos que deter o fluxo de qualquer maneira, não temos recursos para atender a mais gente. Se for necessário entrar no Paquistão oriental, faça isso. Faça o que for, mas detenha-os.

Você sabe que isso significa guerra.

Não me importa que haja guerra - concluiu a primeira-ministra.

O general passou a lhe explicar os perigos de uma invasão. As chuvas das monções estavam prestes a chegar, o transporte de tropas teria que ser feito usando as estradas porque os campos estariam inundados. A Força Aérea não poderia agir nessas circunstâncias. Disse francamente que nessa situação não poderiam ganhar uma guerra.

A colheita começou em Punjab e Haryana - acrescentou o prudente general. - Se o país for à guerra em temporada de colheita, vou precisar de todas as estradas disponíveis, e isso vai provocar problemas na distribuição de alimentos, e talvez fome. Depois vem o problema da China. Os passos do Himalaia serão abertos dentro de poucos dias...

Ficarão de braços cruzados, eles que são aliados do Paquistão? O que faremos se nos derem um ultimato?

Não o farão - disse Indira. - Informo que estamos prestes a assinar um pacto de colaboração e defesa mútua com a União Soviética. Um pacto para os próximos vinte anos.

Tanta era a raiva de Indira - lembrava o militar - que seu rosto foi ficando vermelho. Decidiu interromper a reunião e retomá-la à tarde. Os ministros abandonaram a sala, mas Indira pediu a Sam que ficasse. Quando ficaram a sós, o militar sentiu-se na obrigação de lhe dizer:

Meu dever é contar-lhe a verdade. Mas, à luz de tudo o que expus, se quiser que apresente minha demissão, estou disposto a isso.

Não, Sam. Vamos em frente. Tenho plena confiança em você.

A partir desse momento, a primeira-ministra e o comandante-em-chefe trabalharam em perfeita sintonia. Indira nunca permitiu que nada nem ninguém se pusesse entre eles. Sam a havia convencido de que a opção militar deveria ser a última, e apenas se fossem forçados a isso. A estratégia, agora, era ganhar tempo, pelo menos até que o inverno voltasse ao Himalaia e congelasse os passos do Himalaia, requisito indispensável para que os chineses não tivessem a tentação de se meter no conflito.

A maré de refugiados não parava. Cerca de 150 mil pessoas cruzavam a fronteira a cada dia. Chegavam em caminhões, em carros de bois, em riquixás e a pé. Sônia viu Indira muito afetada ao voltar de uma viagem que havia feito a Calcutá.

Visitei os acampamentos sob uma chuva torrencial - contou em casa, sentada à mesa, mas sem comer nada, porque havia perdido o apetite. - Eu pensei que, depois da experiência dos campos de refugiados durante a Partição, estaria preparada para o que ia ver. Mas não. Vi homens, mulheres e crianças esqueléticos, idosos transportados nas costas de seus filhos, que caminhavam pelos campos inundados... Ficavam em pé durante horas no barro porque não havia nenhum lugar seco onde se sentar. Meus acompanhantes esperavam umas palavras minhas, mas eu estava tão comovida que não pude falar.

Em oito semanas, 3,5 milhões de refugiados haviam entrado na Índia. A maioria era hindu, mas também havia muçulmanos, budistas, cristãos... Gente de todo o espectro social e de todas as idades. Custasse o que custasse - repetia Indira - não os abandonaria a sua sorte. Ela e seus conselheiros passaram a planejar meticulosamente a organização dos campos de refugiados. Quis que seu governo cuidasse de alojá-los, alimentá-los e protegê-los das epidemias. Se novamente tivesse que pedir dinheiro pelo mundo para assumir esse custo, estava disposta a isso.

SÔNIA SE ASSUSTAVA UM POUCO com o rumo dos acontecimentos, mas não demonstrava. Tinha uma fé cega em sua sogra. A imprensa insistia em mostrar que as atrocidades não cessavam e que o fluxo de refugiados também não diminuía. Aonde tudo isso vai dar? - perguntavam-se em casa,

grudados na frente da televisão na hora das notícias.

Por todos os lados, ouvia-se um mesmo clamor para que o governo enviasse o Exército. Mas, a despeito dos frenéticos apelos, Indira mantinha o sangue-frio. Como sempre em tempo de crise, permaneceu com o total controle da situação. atmosfera familiar em sua casa de Nova Délhi ajudava-a a relaxar. Ver seu neto Rahul crescer era para ela um bálsamo. A tomada de decisões, principalmente quando afetava um sexto da humanidade, podia facilmente se transformar em uma tortura mental. Manter-se lúcida e serena era fundamental, para ela, para o país e para o mundo. Nisso, encontrou em Sônia uma valiosa ajuda. "Sua filha é uma jóia", escreveu a Paola. Em público, não parava de elogiá-la. Disse a um veterano jornalista: "Ela é, simplesmente, uma mulher maravilhosa, uma esposa perfeita, uma nora perfeita, uma mãe maravilhosa e uma fabulosa dona de casa. E o incrível de tudo isso é que é mais indiana que qualquer garota indiana!". Um dia, toda a família assistiu à projeção de um documentário que uma amiga de Indira, a jornalista Gita Mehta, havia feito sobre os refugiados e que ia ser divulgado nos Estados Unidos. Sônia ficou profundamente comovida com as imagens.

O documentário mostrava e entrevistava mulheres que os soldados paquistaneses haviam mantido prisioneiras nas trincheiras. Uma delas, de uns quinze anos, devia ter sido violentada umas duzentas vezes. Suas lágrimas não saíam, estava em estado de choque catatônico. Também mostrava imagens de idosos e jovens voltando a seus lares destruídos, imagens de campos queimados e devastados. No fim da projeção, Sônia notou que Indira estava chorando.

Indira estava disposta a queimar todos os cartuchos para evitar uma guerra, ou pelo menos retardá-la. Achava que só a intervenção do resto do mundo poderia conseguir um acordo pacífico para deter o massacre. A imprensa mundial divulgava as atrocidades cometidas no local que começavam a chamar de Bangladesh. Os comentários editoriais eram críticos ao apoio que o presidente Nixon dava aos paquistaneses. A elite norte-americana parecia unida em sua forte condenação ao general Yahya Khan. Na França, André Malraux propôs entregar armas à resistência de Bangladesh.

O ex-Beatle George Harrison e o professor indiano de citara Ravi Shankar organizaram um gigantesco concerto para arrecadar fundos para os refugiados. Allen Ginsberg, o poeta que Indira ouvira em Londres quando fora inaugurar a exposição sobre seu pai, cantou o sofrimento dos campos.

Não restava a Indira outro recurso senão sair em turnê pelos Estados Unidos e Europa, tentando sensibilizar a opinião pública mundial.

Se no Ocidente as pessoas vissem as imagens do documentário que vimos outro dia - disse a Sônia
tenho certeza de que se mobilizariam.

Tinha a intenção de passar vários meses viajando pelo mundo. Ia com a certeza de que a frente doméstica estava bem cuidada, o que lhe dava uma muito necessária tranqüilidade de espírito. Assim confessou a um jornalista árabe em uma de suas escalas: "Não tenho nenhuma ansiedade pela família quando Sônia está em casa". Antes de partir, sua nora lhe havia comunicado outra notícia feliz: estava grávida de novo, e dessa vez não parecia que teria de ficar mais nove meses de cama.

A TURNÊ COMEÇOU MAL; seu encontro com Nixon foi um grande fiasco. Decididamente, Indira acumulava más experiências com os presidentes norte-americanos, que a consideravam muito esquerdista, mas Nixon lhe parecia cem vezes pior que o bruto Johnson. As discussões foram tingidas de desconfiança mútua e antipatia. Indira e Nixon sentaram-se em poltronas altas de cada lado da lareira do gabinete oval da Casa Branca enquanto seu conselheiro e Kissinger, como ajudantes em um duelo, ouviam sentados à beira de uns sofás o diálogo de seus chefes. Nixon negou-se a reconhecer as dimensões da tragédia humana que estava assolando o Paquistão oriental. Negou-se também a aceitar a sugestão de Indira de convencer o general Yahya Khan a libertar Sheikh Mujibur Rahman e estabelecer negociações diretas com ele e seu partido; a única possibilidade séria de deter o conflito. Nixon não se apiedou da sorte dos refugiados nem da de Sheikh. As palavras de Indira pareciam não o afetar. "Foi um diálogo de surdos", declarou Kissinger à saída. A seguir, comentou que Nixon havia dito coisas "que não eram reproduzíveis". Anos depois, quando os

documentos daquela época deixaram de ser sigilosos, soube-se que Nixon baseou toda sua política nesse canto da Ásia em sua simpatia pessoal pelo ditador Yahya Khan - "um homem decente e razoável" - cuja lealdade aos Estados Unidos devia ser recompensada ajudando-o a reprimir a rebelião do Paquistão oriental, e em sua aversão pelos indianos - "esses bastardos" - como os chamava. Ambos tinham certeza de que os indianos não iriam à guerra. Eram pobres até para isso, pensavam.

No dia seguinte, Nixon fez Indira esperar 45 minutos na ante-sala do gabinete oval. A primeira-ministra estava cheia de ira contida quando se sentaram para conversar. Era a líder de um país de gente pobre, mas de uma grande nação democrática com uma enorme população e com uma civilização milenar, e não merecia um tratamento desses.

A sua frente estava um personagem que não parecia humano, um homem que, segundo seu conselheiro, "não tinha princípios morais". E um Kissinger que era "um ególatra que se julgava Metternich". Para que perder mais tempo com esse tipo de interlocutor? A sorte dos refugiados e a carga financeira que a Índia devia suportar deixara-os frios. "Teria sido um erro acreditar no que a velha bruxa nos contava", dissera Nixon em particular a seu conselheiro. Eram claros aliados do Paquistão, e Indira percebeu que isso ela não ia mudar nessa visita. De modo que, nesse segundo encontro, Indira lhe devolveu sua grosseria com sutileza. Não fez nenhuma referência ao problema com o Paquistão, como se o sul da Ásia fosse a região mais pacífica do mundo, e, em vez disso, perguntou sobre o Vietnã e sobre política externa americana em outras partes do planeta. Nixon tomou isso como um insulto. "Essa velha raposa", assim a chamava em particular.

Apesar de sua agenda apertada, Indira conseguiu duas tardes livres para suas atividades privadas. Sua amiga Dorothy Norman achou-a esgotada. A tensão das reuniões com Nixon e das viagens contínuas, o esforço de ter que se dominar sempre e se manter razoável ante a provocação começavam a deixar sua marca no rosto de Indira.

Dorothy havia comprado ingressos para assistir a uma apresentação do New York City Ballet de uma obra de Stravinsky coreografada por Balanchine, algo que deveria agradar a sua amiga. No último momento, Indira lhe disse que não podia ir. "Parecia triste e nervosa", lembraria Dorothy, que não entendia o que estava acontecendo. Indira tentou se explicar:

Não posso, Dorothy. Vai ser muito bonito. Não poderei suportar.

Estava prestes a começar a chorar. Dorothy ficou preocupada, mas no dia seguinte notou aliviada que Indira "havia recuperado seu equilíbrio".

Nos demais países, Indira deu de cara com a mesma mensagem. Pediam-lhe que tivesse paciência, que aceitasse a presença de observadores da ONU e que encontrasse uma solução pacífica. "O maior problema que encontro", disse à imprensa, "não é a confrontação na fronteira, e sim o esforço constante das pessoas de outros países em desviar a atenção daquilo que é a questão básica." Na televisão inglesa, mostrou-se como uma primeira-ministra à altura das circunstâncias. Havia perdido peso e em suas feições viam-se traços de seu pai, o mesmo ar imperioso, de grande dignidade, e um

olhar de fogo. Quando o jornalista lhe falou da necessidade de a Índia ser paciente, Indira explodiu: "Paciência? Paciência para que o massacre continue? Para que continuem os estupros? Quando Hitler estava agredindo o mundo todo, vocês ficaram sem fazer nada? Deixaram que matasse todos os judeus? Como se controla um êxodo como esse? Se a comunidade internacional houvesse reconhecido a situação, o problema já teria sido solucionado". Não era só ao jornalista que se dirigiu, e sim a todos os líderes mundiais que a ignoravam.

Quando voltou à Índia, soube que o número de refugiados havia subido para 10 milhões. Agora tinha certeza de que a guerra era inevitável, mas não disse nada em casa.

Omitindo as tensões das viagens e do que se avizinhava, contou-lhes que havia conseguido arrumar tempo para assistir à ópera *Fidelio* em Viena, onde também havia visto um espetáculo de que gostara muito, a escola de equitação espanhola. Em Paris, havia jantado na casa de uns amigos, onde havia conhecido Joan Miro e um político chamado François Mitterrand, que lhe havia causado muito boa impressão. Parecia que voltava de uma viagem de lazer, em vez de uma extenuante e frustrante turnê internacional.

Mas Rajiv e Sônia não se deixavam enganar. Sabiam perfeitamente o nível de tensão que ela estava suportando, e no fim Indira não pôde esconder a verdade: haveria guerra. Sanjay não pareceu se afetar com a notícia, mas Rajiv e Sônia se inquietaram. O pequeno Rahul gemia em seu berço.

Terão que se acostumar a sair menos e a viver cercados de maior proteção, pelo menos enquanto tudo isso durar - disse Indira. - O país inteiro pede uma ação rápida e eficaz. O tempo está acabando.

Essa noite, seu amigo, o general Sam Manekshaw, foi a sua casa e Sônia e Rajiv puderam ouvir fragmentos da conversa na qual o general falava dos preparativos do Exército, das bases de operações que havia montado no interior de Bangladesh e de como havia protegido a fronteira com o Paquistão ocidental com unidades de defesa.

Receio que teremos de ir à guerra, Sam - ouviram Indira dizer. Se formos, tem que ser já, aproveitando a lua cheia de 4 de dezembro. Nesse dia, poderemos atacar Dacca.

Indira ficou um momento pensativa. Nunca pensou que um dia lhe caberia começar uma guerra. Mas se o mundo se abstraía do problema e a situação se tornava insustentável, não tinha mais remédio senão tomar o assunto em suas próprias mãos. Lembrou-se de umas palavras que seu pai lhe dissera um dia: "Seja dona de sua própria vida, de seu presente e de seu futuro, consulte-me se precisar, mas você decide". Não o podia consultar, mas podia decidir. Voltou a cabeça para seu velho amigo e disse: - Vamos em frente, Sam.

EM CASA, PROCURAVA NÃO DEIXAR sua preocupação transparecer. Na realidade, todos faziam o mesmo esforço. Temiam por Sônia, que estava em estado avançado de gestação.

Os Nehru estavam acostumados a disfarçar seus sentimentos quando a coisa ficava feia. Nisso, eram muito britânicos. E se fossem para a Itália por um tempo? A sugestão era de uma amiga, mas Sônia a descartou. Não tinha intenção de deixar Indira sozinha nesse transe. Isso não correspondia a seu conceito de lealdade. Sônia conhecia suficientemente bem sua sogra para saber que agora mais que nunca precisava do calor e da proximidade dos seus. Além do mais, tanto ela quanto Rajiv tinham confiança na vida, no futuro, em Indira e na Índia, e nunca lhes ocorreu pensar nas conseqüências em caso de derrota. Essa eventualidade simplesmente não era contemplada.

O que fizeram foi cercar Indira de afeto, sem fazer muitas perguntas e procurando não a angustiar mais do que já estava angustiada. Eram muito carinhosos com ela e, quando a viam especialmente preocupada, Rajiv lhe dava um longo abraço.

INDIRA FOI A CALCUTÁ EM 3 DE DEZEMBRO de 1971, um dia antes do ataque previsto. Na grande esplanada no centro daquela que foi a capital do império britânico, dirigiu-se a uma multidão de meio milhão de pessoas: "A Índia quer a paz, mas, se estourar a guerra, estamos preparados para lutar,

porque é tanto questão de nossos ideais quanto de nossa segurança...". Bem quando pronunciava essas palavras, um ajudante subiu ao palanque e passou-lhe um bilhete: "Caças paquistaneses bombardearam nove bases aéreas nossas no noroeste, norte e oeste, incluindo as de Amritsar, Agra e Srinagar em Caxemira". Indira concluiu seu discurso apressadamente, sem anunciar o que acabava de ler. Assim que saiu do comício, disse a seu assistente: "Graças a Deus, foram eles que atacaram!" A terceira guerra indo-paquis-tanesa havia estourado.

E o Paquistão era o agressor.

Essa noite, Indira voou de volta a Nova Délhi, e seu avião estava escoltado por caças indianos. Existia o perigo de a Força Aérea paquistanesa localizar o avião e o derrubar. Mas Indira não parecia afetada pela aceleração dos acontecimentos. Ao contrário, pegou em sua bolsa um livro de Thor Heyerdal sobre a expedição Ra, e ficou lendo durante todo o voo. De nada servia ficar nervosa: a sorte estava lançada. Quando aterrissou, a capital estava mergulhada na escuridão mais completa, fruto do apagão que as autoridades militares haviam ordenado. Indira foi diretamente para seu gabinete na South Block, onde, na sala de mapas, foi informada dos danos infligidos pela aviação paquistanesa. Depois reuniu-se com membros da oposição para informar-lhes que havia dado ordens para que o Exército indiano invadisse Bangladesh. Descreveram-na "tranqüila, serena e confiante". Era mais de meia-noite quando se dirigiu à nação por rádio para anunciar a ofensiva paquistanesa e advertir sobre os grandes perigos que ameaçavam essa região do mundo. Nesse dia não dormiu em casa. Ficou a noite toda monitorando a escalada da situação militar. Na manhã seguinte, no Parlamento, anunciou aos representantes do povo que deviam se preparar para uma longa luta.

SÔNIA, PRESTES A DAR A LUZ quando estourou o conflito, estava mais preocupada com o parto que com uma guerra que percebia distante, a despeito de ter tido que passar as últimas noites no escuro, por causa do apagão. Se sentiu angústia, em nenhum momento demonstrou. Afora um destacamento suplementar do Exército protegendo a casa e o fato de que agora o general Sam Manekshaw vinha tomar o café-da-manhã todos os dias

para informar à primeira-ministra o desenvolvimento do conflito, a vida corria normalmente. Sônia gostava de servir o chá para o general, um homem simpático e muito cortês, conhecido por seu gosto pelas tradições militares britânicas. Todos os dias, assim que se levantava, às 5h30, gostava de beber um trago de uísque, ouvir as notícias na BBC e cuidar um pouco do jardim antes de ir trabalhar. O comportamento sereno e seguro de Indira, que inspirava tranqüilidade a todos os que a cercavam - colegas, militares, soldados - também repercutia na casa.

No sexto dia, Sam chegou com o semblante grave. Sônia ouviu-o dizer que várias unidades do Exército haviam estancado em pântanos próximos a Dacca, capital de Bangladesh.

Estavam perdendo horas cruciais. O general informou a Indira o número preciso de baixas e de aviões derrubados. Parecia muito afetado. Ela fazia perguntas, sempre sossegada e positiva. "Sam, não se pode ganhar todos os dias", disse para ele, a modo de consolo. Sônia viu-os sair para o pórtico. Não havia o menor resquício de ansiedade no rosto de Indira enquanto apertava a mão do comandante-em-chefe. O general Manekshaw dizia que a coragem de Indira era uma inspiração para todos. Sônia pôde comprovar isso quando ouviu, do outro lado da grade, as pessoas soltando gritos de vitória.

Nem sequer nesse dia Indira deixou de se interessar pelos assuntos da família. Quando voltou para casa depois de uma jornada extenuante no Parlamento e em seu escritório da South Block, trancou-se com Usha para dirimir questões que mereciam a mesma atenção que as discutidas durante o dia: como organizar a festa nacional do Dia da República sem saber o resultado da guerra, por exemplo, ou o que dar de presente a Sônia em 9 de dezembro, dia de seu aniversário, e elaborar uma lista de presentes para o próximo Natal.

Talvez a coisa fervesse por dentro e Indira não estivesse tão segura de si como queria aparentar, porque nessa época começou a solicitar os serviços de astrólogos e quiromantes. Aquela noite chegou seu mestre de ioga, um guru chamado Dhirendra Brahmachari, bem-apeesoado, com barba e cabelos longos, sempre usando uma kurta laranja e sandálias. Trancou-se um longo tempo em um quarto com ela. Às nove, enquanto Usha, Rajiv e Sônia viam as notícias na televisão sobre as tropas indianas atoladas, Indira entrou na sala com o semblante um pouco inquieto. O visitante acabava de sair. "Acha que vamos passar maus bocados até fevereiro", disse um tanto perturbada.

Em 6 de dezembro, enquanto o Exército indiano saía do pântano e se aproximava de Dacca, Indira anunciou no Parlamento o reconhecimento oficial da nova nação de Bangladesh.

Uma sonora ovação recebeu suas palavras. De todos os lados recebeu um apoio incondicional. A oposição e todos os setores da sociedade mostraram-se unidos sob sua liderança. O povo começava a identificá-la com Durga, a deusa da guerra que cavalga um tigre e venceu os demônios depois de estes terem expulsado os deuses do céu.

Sônia não estaria disposta a esquecer aquele 9 de dezembro em que completava 25 anos com uma barriga de oito meses. Indira ligou no meio da manhã para dizer que não compareceria ao almoço familiar de comemoração porque havia surgido um assunto grave. Devia ser muito grave para que Indira não estivesse presente no aniversário de sua nora, pensaram os que a conheciam. A notícia, que vinha dos Estados Unidos, fez o mundo estremecer. Nixon havia decidido despachar a Sétima Frota para a baía de Bengala, encabeçada pelo porta-aviões nuclear Enterprise. Uma provocação que podia desencadear uma conflagração mundial.

Enquanto uns amigos festejavam o aniversário de Sônia na intimidade de sua casa, Indira, excitada, fazia um discurso incendiário na esplanada de Lila Ram, em Nova Délhi, diante de uma multidão de centenas de milhares de pessoas. Caças indianos sobrevoavam o local para prevenir qualquer ataque-surpresa da Força Aérea paquistanesa.

Indira havia ignorado o conselho de seus assessores de segurança de falar

pela rádio em vez de fazer isso em público. Era valente; parecia que nada lhe dava medo.

À noite, reuniu-se com o general Manekshaw e seu conselheiro. Sem se amedrontar com a provocação norte-americana, Indira confirmou sua decisão de prosseguir com a guerra. Achava que o gesto de Nixon era um blefe, porque os americanos não estariam loucos a ponto de abrir outra frente na Ásia depois do Vietnã. Mas também era verdade que de um sujeito como Nixon se podia esperar tudo. Voltou-se para o general Manekshaw: Sam, agora é imperativo tomar Dacca antes da chegada da Sétima Frota a águas indianas - disse. - Acha possível?

Sim - respondeu o militar sem hesitar - a menos que os chineses intervenham. O conselheiro de Indira tomou a palavra: Estão incomodados com a situação, mas não fizeram nenhuma ameaça direta - disse.

Então - continuou Indira - mandarei amanhã mesmo o ministro de Assuntos Exteriores a Moscou para ativar o tratado que temos com os soviéticos e garantir o apoio deles em caso de um ataque americano ou chinês. Minha opinião, repito, é que devemos prosseguir com a guerra. Estão de acordo? Ambos responderam com um gesto afirmativo.

A VISITA DO MINISTRO DE ASSUNTOS EXTERIORES indiano serviu para que os russos despachassem uma frota à baía de Bengala que logo seguia o rastro dos barcos americanos.

A situação havia atingido um ponto crítico. Na Casa Branca, Nixon fazia furiosos ataques contra a "ofensiva indiana". Sua administração anunciou a supressão da ajuda econômica e militar à Índia, mas continuava enviando material bélico para o Paquistão, algo que foi denunciado pela própria imprensa norte-americana. Indira escreveu-lhe uma carta taxativa: "Esta guerra poderia ter sido evitada se as nações, especialmente os Estados Unidos, houvessem usado sua influência, seu poder e sua autoridade para encontrar uma solução política. O senhor, como presidente dos Estados Unidos e representante da vontade, aspirações e idealismo do grande povo norte-americano, pelo menos diga-me em que exatamente erramos para que

seus representantes e seu porta-voz nos tratem com uma linguagem tão dura". Indira passou o dia hesitando, sem saber se devia mandar a carta ou não. À noite, decidiu enviá-la. O norte-americano teria uma razão suplementar para detestá-la ainda mais.

Em 13 de dezembro, quando seu exército se encontrava às portas de Dacca, o general Manekshaw mandou um ultimato a seu homólogo paquistanês dando três dias para se render. Às 17h do dia 16, Indira estava sendo entrevistada por um repórter da televisão sueca mais interessado em saber que roupa gostava de vestir e como havia sido sua infância que no desenrolar da guerra, quando de repente tocou o telefone. Era Manekshaw: "Senhora, vencemos. Acabam de se render. Dacca caiu". Indira fechou os olhos e apertou os punhos.

- Obrigada, Sam - disse.

Acabou sua entrevista apressadamente e foi para o Parlamento. Diante da assembléia de deputados expectantes, começou dizendo: "Dacca é, hoje, a capital livre de um país livre...". Mas uma intensa ovação misturada com gritos de júbilo sufocou o resto de seu discurso. "Ganhamos!", vociferavam até os deputados da oposição. "Vamos esmagar o inimigo para sempre" diziam outros. "Longa vida a Indira Gandhi", clamava o povo.

Mais tarde, reuniu-se com a cúpula do Exército. O balanço para os indianos era de 42 aviões e 81 tanques destruídos; os paquistaneses haviam perdido 86 aviões e 226 tanques. A maior disparidade residia no número de prisioneiros. Os paquistaneses haviam conseguido um punhado de prisioneiros nos combates no oeste. A Índia encontrava-se com 94 mil prisioneiros paquistaneses. Indira passou a acalmar os ânimos de seus generais, que não estavam de acordo com o cessar-fogo unilateral que ela exigia. O alto comando repercutia grande parte da opinião pública, que queria continuar colecionando vitórias bélicas "até a derrota total do inimigo". Mas Indira era pragmática: "Temos que parar ao atingir nossos objetivos, não demos nem a China nem aos Estados Unidos motivos para intervir. Temos que devolver os prisioneiros e acabar com o conflito já". Os militares pigarreavam, exceto Sam, que ouvia impassível, seu longo nariz

apontando para os interlocutores conforme iam falando. Indira explicou que sua posição se baseava em uma apreciação política da situação e que falava com a autoridade que lhe dava o respaldo de um gabinete unânime. Quando terminou, os militares se levantaram, cumprimentaram-se e disseram que levariam a cabo as instruções do governo. "Isso é algo que não poderia ter acontecido em muitos países, e não só do Terceiro Mundo", lembraria Indira.

A estratégia de Indira de ganhar tempo, seu refinado senso de oportunidade e de momento, a identificação que manteve com o general Manekshaw, sua maneira quase maternal de estimular as tropas, foram qualidades unanimemente reconhecidas por todos os setores da sociedade. A imprensa internacional falava dela em termos grandiosos.

A deusa Durga se transformara em "Imperatriz da Índia".

Indira havia exposto o blefe de Nixon. Efetivamente, os norte-americanos não puderam correr para salvar seu aliado, o ditador paquistanês, porque não podiam se permitir abrir uma nova frente de batalha na Ásia. Nixon estava furioso com o desenlace da guerra. "Fomos muito moles com essa maldita mulher", disse a Kissinger. "Foi fazer isso com os paquistaneses, se nós havíamos advertido essa velha raposa que não se metesse." Kissinger estava irritado consigo mesmo por ter subestimado o poder militar dos indianos. "Os indianos são tão maus pilotos que nem sequer sabem fazer seus aviões decolarem", havia comentado com seu chefe quando da visita de Indira. Um comentário no qual Rajiv não teria achado graça nenhuma. Mas a opinião do povo norte-americano, e a de sua imprensa, discrepava da de seus líderes. Em uma pesquisa de opinião, Indira Gandhi foi classificada como a pessoa mais admirada do mundo.

A decisiva ação de Indira salvou a vida de Sheikh Mujibur Rahman, que havia sido condenado à morte no Paquistão. Uma das condições do acordo de armistício foi a libertação imediata do líder do novo Bangladesh. Em 11 de janeiro de 1972, Rahman fez escala no aeroporto Palam de Nova Délhi, de passagem para Dacca. Vinha agradecer a Indira, e ambos pronunciaram discursos cheios de emoção: "Seu corpo estava preso, mas ninguém pôde prender seu espírito, que continuou inspirando o povo de Bangladesh..." disse ela. "Indira Gandhi não é só uma líder de um país, é uma líder da

humanidade", declarou Sheikh Mujibur. Foi um momento de intensa euforia depois da tensão acumulada dos últimos meses.

Nos dias e semanas seguintes, os pais de milhares de meninas nascidas na Índia lhes puseram o nome de Indira. Uma delas, porém, nascida um dia depois da visita triunfal de Sheikh Mujibur Rahman a Nova Délhi, não foi chamada assim. Seus pais, Sônia e Rajiv Gandhi, puseram-lhe o nome de Priyanka, que em sânscrito significa "agradável aos olhos".

ATO II - O ANJO EXTERMINADOR

Que pode o rio contra o fogo, a noite contra o sol, as trevas contra a lua?
Aforismo sânscrito

Usha ligou para Indira, que estava em turnê no estado de Bihar, para anunciar-lhe a boa-nova. Um ano e meio depois do nascimento de Rahul, a família se orgulhava com esse novo membro. A primeira-ministra estava radiante. Que mais podia pedir? Era a líder indiscutível do país, sua posição era inatacável, e ainda por cima a vida a presenteava com uma neta, como uma coroação. Disposta a mimá-la muito, mantinha-se sempre atenta a suas necessidades, e, fiel a seu estilo, mandava mensagens a Sônia dos lugares mais insuspeitados, com perguntas do tipo: "como a menina passou a noite?". Ou "Rahul continua resinado?". Esse momento de regozijo a faz lembrar outro igualmente intenso, quando havia decidido se casar com Firoz. "Sinto uma serena felicidade muito dentro de mim que nada nem ninguém pode me roubar", escrevera a seu pai. Nehru havia respondido na prisão, suavizando o entusiasmo de sua filha da altura de sua idade e experiência: "A felicidade é algo fugaz, sentir-se realizado é, talvez, um sentimento mais duradouro". Nehru sabia, e Indira já havia aprendido, que a felicidade é tão frágil quanto a mais fina das porcelanas. Mais vale preservá-la e desfrutá-la enquanto durar, porque pode se quebrar - ou podem roubá-la. Indira se sentia certamente realizada, e em plena posse de suas faculdades. Havia se acostumado ao poder, não pelo que derivava dele em termos materiais, porque suas poucas necessidades estavam amplamente cobertas e não tinha ambição nesse sentido, mas pelo sentimento de plenitude que lhe proporcionava. O sentimento de que era fiel a seu destino pelo fato de pertencer à família em que nasceu. A certeza íntima de que cumpria seu dever, que não brotava de uma escolha pessoal, e sim da herança moral que havia recebido de seu pai, e este do dele. O sentido messiânico que Nehru havia instilado nela acabara entrando fundo em seu espírito.

Mas Indira também havia aprendido que o poder, a fama e a popularidade não duram eternamente. Como continuar subindo quando se chegou ao topo? Ou será que, uma vez no alto, só se pode descer? Eram considerações que a assaltavam em momentos difíceis, cada vez mais numerosos. "Eu me sinto prisioneira", escreveu a sua amiga Dorothy Norman em junho de 1973, "da equipe de segurança, que pensa que pode disfarçar sua incompetência cercado-me de mais e mais gente, mas principalmente porque percebo que cheguei a um final, que já não se pode crescer mais nessa direção." Na realidade, se pudesse, teria se concentrado exclusivamente nos temas de política internacional, porque eram os de que realmente gostava. Sentia-se com alma de estadista: as grandes questões e os grandes desafios a inspiravam. Havia assinado um acordo com Bhutto que garantia uma longa paz com o Paquistão; queria resolver o conflito da Caxemira, país de seus antepassados; procurava normalizar as relações com os chineses.

Porém, a política interna, as disputas entre partidos, as traições, as alianças forçadas, o bulício da vida pública indiana sufocavam-na. "Não há dias normais para uma primeira-ministra da Índia", Sônia a ouvia Indira dizer enquanto servia o chá para ela e sua amiga Pupul. "Em um dia bom, no mínimo há dois ou três problemas muito urgentes. Em um dia ruim, talvez haja uma dúzia. Depois de um tempo, você consegue viver com isso, mas nunca se acostuma totalmente. Se você se acostuma, então é melhor deixar o cargo. Um primeiro-ministro deve estar sempre um pouco desgostoso, sempre buscando um equilíbrio."

Pessoalmente, a deusa Durga continuava vivendo a sua maneira austera. Mal usava jóias, reflexo de sua personalidade frugal. Seus sáris mais apreciados eram os que seu pai havia tecido na prisão. Tinha, porém, uma bela coleção que utilizava de maneira "política", no sentido de que os usava segundo o lugar e o povo que pretendia visitar. Tinha sáris de todas as partes do subcontinente. Também havia em seu guarda-roupa trajes regionais, que usava quando saía em turnê pelos territórios do nordeste, para deixar claro que o sári não era a única peça que as mulheres usavam na Índia.

Sônia aprendeu a reconhecer toda essa roupa e a ajudava a escolhê-la antes de cada viagem. Durante o conflito de Bangladesh, Indira havia se inclinado

pelo vermelho, como se a guerra houvesse realçado sua sensibilidade para essa cor, que tradicionalmente era vetada às viúvas. Indira havia confessado, durante essa época, que via tudo como se fosse através de um filtro vermelho, e que essa cor a havia acompanhado ao longo de toda a guerra. Mas depois voltou a seus gostos de sempre, ou seja, todas as cores exceto o malva e o violeta. Preferia os tons luminosos aos tons pastel, muito especialmente o verde. Como era difícil para ela sair para fazer compras, Sônia e Usha traziam os sáris para casa. Rapidamente Indira escolhia os que queria. Sabia usá-los com estilo, e ficava tão elegante em um simples sári de algodão tecido à mão quanto em um luxuoso, feito de seda de Varanasi.

Sônia havia se transformado na presença indispensável nessa casa. Indira a amava como à filha que não tivera. Agora que havia mais recepções e jantares de dignitários estrangeiros, Sônia assumiu com sua sogra o papel que Indira tinha quando morava em Teen Murti House com seu pai. Era muito conscienciosa para escolher os cardápios, nos quais nunca incluía carne de vaca nem de porco. Os hindus vegetarianos não comiam ovos, mas sim laticínios, e os mais estritos, os vegans, não admitiam nada animal. Também preparava comida halal para os muçulmanos e kosher para os judeus. Cuidar para que tudo estivesse em perfeita ordem não era tarefa fácil, principalmente quando chegavam estrangeiros. Era difícil obter produtos indispensáveis para um bom cardápio ocidental, até mesmo no armazém da embaixada norte-americana. Sônia aprendeu a planejar as refeições com muito cuidado, misturando pratos indianos e europeus segundo a disponibilidade dos ingredientes. O problema é que novamente havia escassez de alimentos básicos. Depois de seis anos de monções abundantes, as chuvas haviam tornado a falhar. A nuvem de pó que asfixiava Nova Délhi era tão densa que Sônia não se afastava de seu inalador. Via a desordem das ruas de dentro de seu Ambassador branco com vidros pretos. Por todo lado havia manifestações, ruas interditadas, gente que protestava. "Indira não acaba com a pobreza", dizia um homem armado de um megafone em frente a uma pequena multidão em um cruzamento de Nova Délhi, fazendo alusão ao slogan eleitoral dela, "mas está acabando com os pobres matando-nos de fome!"

Vitória não havia perdoado o vencedor, e a Índia estava ferida. O

atendimento aos refugiados havia esvaziado os silos do país. Os cofres do Estado estavam a zero. A crise petroleira mundial fizera o preço do petróleo disparar e a inflação estava fora de controle. Se antes Sônia levava vinte minutos para chegar a Connaught Place, agora tinha que prever mais que o dobro por causa das voltas que precisava dar, tamanha a desordem nas ruas. Era paradoxal ter que percorrer a cidade fazendo compras para banquetes de luxo enquanto os pobres passavam fome nas ruas. Essa era uma realidade à qual Sônia não se acostumava. De volta a casa, certificava-se de que cada lâmpada estivesse funcionando e que as torneiras dos banheiros não pingassem. Assegurava-se de que os convidados altos teriam cadeiras apropriadas e que os muito baixinhos poderiam contar com apoios para os pés.

QUANDO ESTAVA EM CASA, SEMPRE que podia, Indira continuava utilizando seu pequeno estúdio na varanda adjunta a seu dormitório, a despeito de dispor de um escritório grande em Akbar Road, a uns 50 m de distância. Mas, dentro de casa, sentia próxima a presença dos seus, podia ouvir o movimento doméstico, via Sônia passando com o bebê no colo, e isso tornava sua vida mais doce. Para ela, o trabalho, o lazer e os deveres familiares não eram atividades compartimentadas, mas que fluíam umas nas outras. Rendia mais quando se dedicava a várias coisas ao mesmo tempo. "Quanto mais você faz, mais pode fazer", era sua máxima favorita. Suas faculdades funcionavam simultaneamente, e isso, talvez, fosse o segredo de poder despachar muito mais trabalho que as pessoas normais. Sônia observou que, para sua sogra, o trabalho e o descanso não eram períodos separados. Tratava-se de fazer algo diferente, mesmo que fosse por pouco tempo, como ler, arrumar arranjos de flores, organizar livros ou roupa ou conversar com a família. Durante o almoço, Indira, às vezes, fazia palavras cruzadas, o que parecia estranho com a quantidade de problemas que a espreitavam. "Ajuda a relaxar e a organizar as idéias", dizia. Em casa, mantinha o costume de deixar bilhetes: "Hoje você perdeu uma foto bonita", deixou escrito para Rajiv um dia. "Esta manhã, em Akbar Road, dois periquitos pousaram por um longo tempo no galho de uma árvore. Também havia dois pica-paus voando sem parar."

Sônia aprendeu muito com ela, com a relação afetuosa que ambas haviam

tecido e que se consolidava com o tempo. Os problemas de Indira, que em grande parte eram os problemas da Índia, acabavam sendo discutidos em casa. Não se falava tanto do dia-a-dia da vida política quanto dos grandes temas: a severa crise econômica que havia começado em 1972 e que ameaçava se transformar na mais séria de todas, a superpopulação que asfixiava o desenvolvimento do país, as eternas tensões entre comunidades religiosas, a ocupação de terrenos públicos por favelados em todas as cidades ou os efeitos dos desastres naturais, eternos companheiros da existência do homem na Ásia. O amor que Indira sentia pelo povo contagiou também Sônia, que se comovia com o papel de sua sogra como caudilho dos pobres, um eco de seus sonhos adolescentes com heróicos missionários. Além do mais, admirava-a não tanto por seus êxitos na vida política, e sim porque era espontânea e informal, totalmente carente de soberba. A italiana apreciava "sua capacidade de amar e de dar". "Para nós, era alguém que dividia generosamente seus amplos conhecimentos, sua doçura e sua presença. Quando viajava, escrevia-nos sobre seus encontros e suas experiências. Quando estava aqui, velava por todos e cada um de nós." Indira levava muito a sério os pequenos acontecimentos do dia-a-dia de seus netos, como o primeiro dente ou os primeiros passos. Ficava maravilhada com o fenômeno extraordinário, tão velho quanto a humanidade e, no entanto, sempre novo, de um bebê desenvolver seu conhecimento do mundo exterior, com essa inesgotável sede de aventura, essa paixão pela investigação de tudo o que o cerca...

"Você vai ver que muito rapidamente o bebê passa por milênios de história humana, e inconscientemente, e em parte conscientemente também, vai viver dentro de si a história de sua raça", escrevera uma vez seu pai, e ela quis mostrar a carta a Sônia. A italiana se comovia porque, a despeito de toda a pressão do mundo exterior que Indira recebia, continuava sensível ao espetáculo, pequeno e grandioso ao mesmo tempo, de ver seus netos crescerem.

APESAR DE ESTAR MUITO ATENTA ao bem-estar de sua sogra, Sônia mantinha sua vida privada com Rajiv. O fato de haver um jantar na sala principal não significava que tivessem que comparecer também. Às vezes ficavam, outras não. Eles tinham sua vida familiar muito organizada, tão

estável quanto seu relacionamento. "Sempre se amaram muito; nunca vi um casal tão unido desde o dia em que se conheceram", diria Christian, o amigo que os havia apresentado em Cambridge. "Nosso casamento funcionou sempre muito bem, desde o primeiro momento. Sônia foi sempre muito compreensiva", confessou Rajiv, que havia sido promovido a piloto e agora voava em um avião inglês, o Avro HS-748, outro digno sucessor do famoso DC-3 Dakota. Seus colegas da empresa de aviação o consideravam um bom profissional, mas às vezes debochavam dele por ser muito meticuloso com os planos de voo, com os problemas técnicos e com os horários. Não suportava coisa malfeita, e sempre estava disposto a assumir um voo se por alguma razão um colega lhe pedia o favor de substituí-lo. Era bom camarada, franco e indiferente à hierarquia.

Indira estava preocupada com seu outro filho, Sanjay. "Rajiv tem um emprego, mas Sanjay não e está metido em um empreendimento caro. É muito parecido comigo quando tinha a mesma idade - com suas asperezas também - tanto que me dá pena ver o sofrimento que precisa suportar." Dois anos depois de ter conseguido a licença do governo para fabricar um carro autóctone, a empresa de Sanjay não havia produzido um único veículo que pudesse ser comercializado. Ajuda não lhe havia faltado, dada a posição privilegiada que a posição de sua mãe lhe proporcionava. Havia conseguido fazer com que alguns políticos e homens de negócios, na intenção de congarçar com Indira, investissem grandes somas em sua empresa. Sabiam que, caso perdessem o investimento, poderiam pedir favores políticos. Do chefe do governo do estado de Haryana, um indivíduo gordinho de óculos chamado Bansi Lal, que tentava se aproximar da cúpula do poder de qualquer maneira, havia obtido 50 ha de terra agrícola na periferia de Délhi. "Quando você caça o filhote, com certeza a mãe vem atrás", declarara Bansi Lal, com uma lógica primária, a um amigo. Quando a imprensa disse que foi necessário "realocar" mais de mil camponeses para montar a Fábrica Maruti, o Parlamento reagiu com virulência ao que chamou de um novo ato de "flagrante nepotismo". O preço conseguido era suspeito, e a localização dos terrenos, próximos a um antigo arsenal do Exército, violava as leis do governo que proibiam erguer um estabelecimento industrial a menos de 1 km de uma instalação de defesa. Mas nunca se pôde provar que houve suborno. Indira ficou calada, como se não fosse com ela, a despeito de seu

principal conselheiro e homem de confiança a advertir sobre a ingenuidade dos planos de seu filho e sua inexperiência com projetos industriais.

O fracasso de Sanjay em produzir um carro poderia afetar seriamente sua posição política - disse a ela. - O Maruti pode ser a brecha que os partidos da oposição estão procurando em sua couraça.

Indira ergueu a vista para seu conselheiro, olhou para ele por alguns segundos e não respondeu. Sentia uma mistura de fé e compaixão por seu filho que a impedia de ver a realidade tal como era.

Mas havia outro potente fator que contribuía para a cegueira de Indira: seu imenso poder. Os homens que Indira escolhia para postos relevantes adquiriam, pelo mero fato de terem sido designados por ela, um poder enorme para dispensar favores e patrocínio. Contavam com uma gigantesca fonte de corrupção, que eram as medidas que o próprio partido havia posto em marcha para controlar a atividade econômica como parte de seu programa socialista. Para fazer qualquer negócio, para abrir qualquer empresa, para importar bens ou peças de substituição era necessário um sem-fim de licenças, permissões e autorizações. Um sistema que chamaram de License Raj, algo assim como o "Império da Permissão". Burocratas e políticos tinham, ali, a possibilidade de enriquecer trocando favores por dinheiro ou por outros favores. O License Raj adubava o terreno a cotas ainda mais altas de corrupção. E Sanjay dedicou-se a pescar nessas águas.

Indira tinha ciência da influência que o dinheiro e o poder exerciam sobre os que estavam a sua volta, mas achava que certo grau de corrupção sempre havia existido e era parte do sistema. O importante era que não se descontrolasse. Além do mais, fechar os olhos para as corruptelas de sua gente era também uma maneira de mantê-la amarrada. Certamente, Indira não era o único caso - na Índia ou no mundo - de líder político pessoalmente inatacável, mas que fazia vistas grossas diante da corrupção dos outros. Ela achava que eram assuntos de pouca importância comparados, por exemplo, com os números que acabavam de ser publicados, que mostravam que menos de 20% das mulheres da Índia sabiam ler e escrever, e no estado de Bihar só 4%... Ou que a população do país ia passar da marca dos 700 milhões, ou seja, mais que o dobro da população no momento da independência...

A esse ritmo, em poucos anos, a população da Índia ultrapassaria a da China. Esses sim eram problemas que exigiam a máxima atenção. Como também a onda de greves, o descontentamento popular e o espectro da fome. Até Rajiv e Sônia, que saíam pouco, começaram a notar a corrupção pela maneira de vestir das mulheres e das filhas dos membros do Partido do Congresso, que agora usavam sáris de seda importada, jóias de diamantes e sapatos italianos quando iam às recepções oficiais.

A DESPEITO DO APOIO TÁCITO DE SUA MÃE, o projeto de Sanjay não decolava. Todos os protótipos tinham defeitos na direção, na caixa de câmbio, na suspensão e no circuito de refrigeração. Um dia, convidou Sônia a testar um protótipo no circuito ao redor do perímetro da fábrica. Sanjay queria mostrar que seu veículo era capaz de atingir 100 km por hora, mas o terreno estava tão cheio de buracos e mato que Sônia, morrendo de medo, pediu-lhe que reduzisse a velocidade. Mesmo sendo novo, o carro parecia velho. As portas não fechavam bem, a suspensão era duríssima e o barulho do motor, ensurdecedor. Mas Sanjay não via esses defeitos. Tanto que, em maio de 1973, pensou que finalmente podia apresentar um modelo à imprensa e convidou uma jornalista da revista *Surge* para testá-lo. O carro aqueceu e perdeu óleo. Nas oficinas, a jornalista notou que havia só cinco carros sem pintar e mais quinze em processo de fabricação. Os motores eram encaixados manualmente e não havia sinais de uma linha de montagem.

Percebeu que o Maruti, em vez de ser o carro barato produzido em massa que o governo queria, era um produto artesanal de muito baixa qualidade. O problema é que Sanjay havia arrecadado muito dinheiro e estava enrolado. No início, como também não podia ligar diretamente para aqueles que tinham condições de ajudá-lo financeiramente, utilizava os serviços de um dos secretários de sua mãe, um homem de cabelo engomado penteado para trás e um largo sorriso mecânico chamado R.

K. Dhawan (havia sido taquígrafo de Nehru), que viu uma boa oportunidade, cultivando o contato com Sanjay, de melhorar sua posição em relação a seu chefe. Ele se encarregava de ligar para os empresários e homens de negócio do número 1 de Safdarjung Road e eles iam correndo, porque não queriam perder a oportunidade de fazer um favor à primeira-ministra, ajudando seu filho. É possível que pensassem que a própria Indira

se interessava por esses negócios, mas na realidade ela ignorava absolutamente tudo acerca das manobras de Sanjay.

Mais adiante, Sanjay pediu um depósito de meio milhão de rupias a cada um dos 75 concessionários que havia designado em troca da promessa de entregar os primeiros carros para venda nos seis meses seguintes. Também recorrera aos bancos, estatizados recentemente por sua mãe, e conseguira créditos sem garantia no valor de 8 milhões de rupias. Mas o carro continuava não se materializando, e a inépcia de Sanjay veio à luz. Para defender-se dos ataques, cada vez mais numerosos, ele atribuía seu fracasso à burocracia e à quantidade de obstáculos administrativos que necessitava vencer. Certa razão tinha, mas se alguém estava em condições de lidar com as dificuldades e os obstáculos do License Raj, era ele. Ainda assim, pôs a culpa nos outros. Mas o protesto dos deputados tornava-se muito estridente e os jornais começaram a falar do assunto Maruti comparando Indira a seu velho inimigo Nixon. O assunto Maruti, segundo a imprensa, era o Watergate de Indira. No fim de 1973, angustiada diante da proporção que o assunto ganhava, Indira pediu a seu ministro da Economia que desse uma olhada nos papéis do Maruti. Sônia a notava muito preocupada. Sua sogra tinha certeza de que a oposição estava usando o assunto de Sanjay para destruí-la, e não achava justo. Continuava pensando que seu filho merecia uma oportunidade. Um dia lhe contou que em sua juventude havia conhecido um padre católico que havia construído um avião em duas garagens em Bombaim e que costumava levar seus amigos para sobrevoar a baía. "Se esse homem conseguiu construir um avião... Por que Sanjay não pode construir um carro?", perguntava.

As razões da incapacidade de seu filho de imitar o padre católico ficaram claras na reunião que se fez entre Indira, Sanjay e o ministro da Economia, Subramanian, que havia sido o arquiteto da "revolução verde". O ministro pediu a Sanjay o informe do projeto.

Não pode haver informe do projeto antes de se realizar o projeto - respondeu Sanjay.

O ministro explicou-lhe que, mesmo que pudesse projetar um carro, devia ter um informe com a especificação de cada componente, a maneira como seriam produzidos e o custo por peça.

Isso não é mais necessário - respondeu Sanjay com seu quê de arrogância. - Isso são velhas maneiras de agir.

O ministro disse a Indira que seu filho, por mais dinâmico que fosse, carecia dos conhecimentos necessários para vencer em tamanho empreendimento. Prometeu-lhe conseguir a ajuda de profissionais para aconselhá-lo, mas Sanjay opôs-se a isso com veemência. Não queria que ninguém lhe fizesse sombra nem perder o controle de seu negócio.

Tudo pressagiava que Indira ouviria seu ministro, mas não o fez. Presa entre seu dever de governante e a fé cega que tinha em seu filho, não só ignorou os conselhos de Subramanian, como também afastou os conselheiros mais críticos para com Sanjay. O poder absoluto de que Indira dispunha agora exigia gente sem caráter e maleável a sua volta. Não admitia sombras, nem discrepâncias, nem crítica, mesmo que fosse amistosa. O poder, que estava envenenando o filho e cegando a mãe, só admitia submissão.

Rajiv nunca havia gostado do projeto de seu irmão, e via que o sonho de um megalômano podia prejudicar a reputação de sua mãe e, por extensão, do resto da família.

Os dois irmãos tiveram seu primeiro grande desencontro de adultos quando Rajiv, ao voltar de uma viagem, soube que Sanjay havia convencido Sônia a assinar vários documentos que a tornavam sócia de uma nova empresa, Maruti Technical Services, com salário, bonificações e gastos de viagem inclusos. Também constavam como sócios os pequenos Rahul e Priyanka.

Como você pôde fazer isso? - disse enfurecido a seu irmão. - Não quero acabar sujo com suas manobras, nem que você meta Sônia e as crianças em confusões...

Confusão nenhuma...

Como não? Quanto tempo acha que vai levar para a oposição saber disso?

Não é nada ilegal.

Claro que é. Esqueceu que Sônia, por lei, não tem direito a possuir ações de uma empresa indiana por ser estrangeira?

Sanjay ergueu os ombros, como se aquilo não tivesse a menor importância. Rajiv estava irritado com Sônia também.

Aceitei para fazer um favor a seu irmão - disse ela. - Ele sempre foi muito carinhoso comigo. Se me pede um favor, não posso lhe dizer não.

Mas você assinou que vai receber um salário, não percebe?

Assinei às cegas, não sabia do salário, nem nunca tive a intenção de receber

nada, você sabe...

Você vai ver como cedo ou tarde a confusão do Maruti vai acabar respingando em nós.

Rajiv estava furioso, como poucas vezes Sônia o havia visto. Sob a denominação de empresa de consultoria, era na realidade uma fachada criada para desviar dinheiro da empresa matriz Maruti Limited para as mãos de Sanjay e dos que haviam investido grandes somas na fábrica de carros que não existiam. Agora Rajiv só queria uma coisa: afastar-se completamente de tudo o que tivesse a ver com o Maruti.

Os DOIS IRMÃOS HAVIAM SE CRIADO na mesma casa, mas desde a mais tenra infância haviam mostrado acentuadas diferenças. A professora da escola infantil que lhes deu aula descrevia Rajiv como um menino gentil, dócil, um estudante correto. Porém, Sanjay era rebelde, destrutivo, teimoso, sem interesse algum pelas atividades da escola, arrogante com seus professores e muito difícil de lidar. Cresceu como um adolescente turbulento e caprichoso, mexendo com carros e atraindo duvidosas amizades. Ambos entraram na Doon School, o colégio mais elitista da Índia, criado à imagem e semelhança das grandes instituições educacionais britânicas como Eton ou Harrow. Mas Sanjay não agüentou a disciplina nem o ritmo de estudos. Tinha tão pouco interesse pela leitura que em uma entrevista que lhe fizeram quando adulto não conseguiu citar um único livro que o houvesse influenciado ou inspirado, nem sequer os escritos por seu avô. Só gostava das atividades da oficina mecânica. Vivia obcecado com carros e aviões. A despeito de ser quem era, foi expulso do colégio. Foi quando Indira, desesperada, mandou-o fazer um curso na Rolls-Royce na Inglaterra.

"O que mais gostava era falar de política indiana e debochar da política inglesa", diria seu supervisor antes de acrescentar: "Uma vez, quando lhe chamei a atenção por causa de um erro que havia cometido, ele disse: Veja bem, os britânicos federam a Índia durante séculos, e agora eu vim feder a Inglaterra."

Criado entre primeiros-ministros que as pessoas adulavam como deuses, Sanjay acabou pensando que a Índia era seu domínio pessoal. Nunca conheceu privações, ao contrário de sua mãe e seu avô. Nehru, depois de

uma vida de luta, dava rédea solta a sua vontade de mimar seus netos, como se fazendo isso compensasse os sofrimentos que havia padecido. Às vezes, dava-lhes presentes excêntricos, como um crocodilo, que se tornou o mascote preferido de Sanjay até que Indira acabou mandando-o para o zoológico quando quase mordeu seus dedos. Sanjay também não herdou deles seu imenso amor pelas pessoas da Índia nem sua genuína compaixão pelos pobres. Nunca se comoveu ao ver o rosto esquelético de velhas mulheres chorando seus mortos, ao olhar nos olhos dos camponeses que contemplavam seus campos rachados pela seca, nunca sentiu o silencioso clamor de um povo que havia séculos pedia proteção. Sanjay parecia se incomodar com o atraso de seu país e não entendia sua complexidade. Era um rebelde contra a tradição, impaciente com as leis e os regulamentos. Passava de carinhoso e atento a franco e brutal em um piscar de olhos, mas essa brusquidão era chocante em um país onde as relações entre as pessoas estão impregnadas de uma antiga cortesia, como uma patina, produto de milhares de anos de ininterrupta civilização. Para ele, a vida era um jogo que ele devia ganhar e os problemas da vida eram obstáculos que devia vencer para conseguir chegar à meta. E tinha pressa. Pressa de mudar as coisas, de chegar antes, de acumular um poder que não lhe cabia. Tinha tanta pressa que não se importava com os meios para chegar ao fim.

Seu irmão crescera em uma direção oposta. Desde pequeno havia sido sempre mais sensível ao sofrimento dos outros. herdara a sensibilidade de sua mãe para com os mais desfavorecidos e seu amor à Índia, e isso se manifestava nas fotos que fazia. Quando jovem, visitava os amigos de seus pais que estavam doentes, espontaneamente, sem que ninguém o incitasse a isso. Um dia, quando tinha dezessete anos, Indira o encontrou quando foi dar os pêsames à família de um amigo e veterano líder do Congresso que acabava de morrer. Foi assim que soube que seu filho o estivera visitando nos últimos dias. Rajiv era o tipo de pessoa que não hesitava em parar e oferecer ajuda se visse um acidente na estrada; e, se fosse necessário, levava a vítima ao hospital e depois se preocupava com sua evolução. No jardim de casa, vigiava um ninho de pintarroxos e, se encontrava um filhote ferido, levava-o à clínica de pássaros de Chandni Chowk, arriscando-se a chegar tarde ao trabalho. Rajiv era feliz com o que tinha, com Sônia, seus filhos, seus cães e o luxo de poder se dedicar a suas paixões.

Não pedia mais à vida, e justamente nisso consistia sua sabedoria. Mas sua mãe não parecia apreciá-la; em vez de sabedoria, ela via nisso falta de ambição, o que não suscitava sua admiração.

Porém, Indira achava que uma vida privilegiada não significava que não houvessem sofrido na infância. Haviam vivido em uma casa sempre cheia de adultos, cujo ambiente estava impregnado da gravidade das discussões e da solenidade do que se resolvia nos gabinetes, nas salas e nos estúdios da Teen Murti House. O fato de não terem se afeiçoado à leitura talvez fosse uma reação contra esse mundo oficial e protocolar em que lhes coube ser crianças, pensava ela, sempre procurando uma desculpa para eles. Passavam realmente bem quando iam visitar o pai, nos fins de semana e nas férias. Firoz era extrovertido, falante, afetuoso e lhes dava sua atenção total.

Sabia brincar com seus filhos e distraí-los. Ensinava-os a montar e desmontar brinquedos, a plantar e a cuidar de rosas, porque era muito afeiçoado a sua plantação.

Longe da formalidade do palacete do primeiro-ministro onde moravam, Rajiv e Sanjay encontravam em seu pai uma pessoa com uma capacidade de diversão exuberante. Além do mais, soube instigar neles a consciência de que eram muito importantes para ele, o que lhes causou um profundo impacto. Como em todos os casais separados, no fim são os filhos que suportam as tensões dos pais, mesmo que não as entendam. Mas Indira podia explicá-las? Podia contar-lhes que não vivia com Firoz porque ele havia sido reiteradamente infiel com ela? Porque não se entendiam e estava farta de brigar? Sua própria dignidade a impedia. Os filhos viam que Nehru não tinha simpatia alguma por seu genro, e eles acusavam o avô. Talvez, inconscientemente, culpassem a mãe por Firoz ter sido afastado e por ele não fazer parte do lar do primeiro-ministro. Depois da cremação, Sanjay, devastado, jogou na cara de sua mãe ter descuidado de seu pai. Acusou-a diretamente do infarto que o havia matado.

Indira sentiu o golpe. Devia se sentir culpada por seu casamento não ter funcionado. E, portanto, culpada por seus filhos terem sofrido por isso. Sua fraqueza com Sanjay talvez se devesse a esse sentimento de culpa. Sônia se

chocava com o fato de ela, a mulher mais forte da Índia, ser de uma fraqueza tão assombrosa com seu filho mais novo. Seus numerosos inimigos não tardariam a perceber que Sanjay era seu tendão de Aquiles.

Indira, que tinha uma confiança total em Sônia, conversava freqüentemente com ela. Era, talvez, a única da casa a quem fazia confidências. Um dia, confessou-lhe que seu casamento havia passado por muitos altos e baixos, mas que não poderia ter se casado com nenhum outro homem, salvo Firoz. Ele foi o único a quem realmente amou. Falava dele sempre, e com carinho, porque dizia que Rajiv lembrava seu marido. Ambos tinham os pés na terra, eram sensíveis à beleza da natureza e à música, habilidosos com as mãos e práticos em sua maneira de encarar os problemas. Nunca pensou que Firoz morreria tão cedo, tão jovem. Reconhecia que havia descuidado dele nos últimos tempos, mas fizera isso pensando que ambos tinham a vida toda pela frente e que recuperariam o tempo perdido. Haviam se reconciliado em 1958, depois de um primeiro infarto. Para que se recuperasse, Indira organizou umas férias em família em uma casa-barco no lago da cidade de Srinagar, a Veneza do Oriente, como é conhecida a capital da Caxemira. Firoz e os rapazes divertiram-se muito nadando, andando de barco e batendo fotos. Indira aproveitou para começar a aprender castelhano, um idioma que sempre a atraiu.

O espetáculo da natureza da Caxemira, a terra de seus antepassados, sempre a enchia de emoção. Os pores-do-sol sobre as águas cintilantes do lago Dal eram sublimes.

Havia magia no ar. Parecia que os martins-pescadores eram amestrados. Um deles entrou na casa-barco e pousou no ombro de Rajiv. Depois, fizeram uma excursão de vários dias a Dak-sun, um lugar paradisíaco onde pescaram trutas em caudalosos rios que desciam entre prados cobertos de flores e bosques de pinheiros e abetos emoldurados por cumes de neves eternas. Firoz contou-lhe que havia acabado de comprar um terreno em Mehrauli, perto de Délhi, e falaram de construir uma casa um dia. Seria sua própria casa, para não ter que morar mais nas do governo (Firoz, como deputado do estado de Uttar Pradesh, também morava em uma casa oficial). Foi um lindo reencontro para Indira depois de um casamento tão tumultuado, com tantas

brigas, traições e humilhações, ainda mais dolorosas porque a maioria acabara exposta à luz pública. Agora, a sombra dos picos do Himalaia agia como bálsamo que curava as feridas do passado.

Durante esse tempo em que puderam desfrutar da paz das montanhas, voltaram a falar de um futuro juntos. Foi então, nesse intervalo de felicidade tão fugaz quanto intenso, que Indira decidiu, depois que seu pai morresse, consagrar-se totalmente a Firoz. Mas, em 8 de setembro de 1960, o infarto veio destruir seu sonho.

Sanjay já não tinha a reputação de mulherengo que arranjava na Inglaterra. Obcecado com o Maruti, levava uma vida de puro trabalho. Saía de casa antes do amanhecer e voltava às sete ou oito da noite para ver seus sobrinhos jantarem ou para dividir um lanche com Sônia. Raras vezes com seu irmão ou com sua mãe, porque estavam tão absortos pelo trabalho que naquela época apareciam pouco em casa.

Desde sua volta da Inglaterra, Sanjay havia tido dois relacionamentos, um com uma muçulmana, que durou pouco, e outro mais sério e longo, com uma alemã, Sabine von Stieglitz, irmã de Christian, o amigo que havia apresentado Sônia a Rajiv, e que trabalhava em Nova Délhi como professora de idiomas. Sabine, alta, loura, bonita e cosmopolita, era culturalmente mais inglesa que alemã, porque quase toda sua vida havia morado na Inglaterra. Era muito amiga de Sônia. Passavam muitas tardes juntas cuidando das crianças, brincando com elas ou lendo histórias. Uma delas, "Os animais de minha cidade", era especialmente engraçada porque descrevia o elefante, o macaco, a jibóia, o corvo, o abutre, a gralha... como os animais familiares. E era verdade, estavam em todos os lugares. O grasnado das galhas era a trilha sonora da vida na Índia.

Sônia era muito mãezona e meticulosa com a educação das crianças. Não tolerava caprichos com a comida e sabia impor limites em seu comportamento, sem chegar a ser severa como Stefano havia sido com ela e suas irmãs. Falava italiano com elas quando estavam sozinhas, e inglês quando estavam todos juntos ou na presença de Sabine. Na realidade, Sônia era meticulosa em tudo, por isso queria fazer um curso de restauração de

pinturas antigas. Essa paixão combinava com sua personalidade discreta, diligente, detalhista e conscienciosa.

Pretendia dedicar-se a isso assim que as crianças crescessem um pouco e precisassem menos dela. Sônia acalentava a esperança de que o relacionamento entre Sanjay e Sabine se estabilizasse um dia e acabassem se casando. Mas Sabine cansou de esperar.

Sanjay está mais apaixonado pelo Maruti que por mim - confessou um dia a Sônia.

Não acho que acabe se comprometendo comigo. Só pensa em seu projeto de negócio, não cabe nada mais em sua vida.

O que você vai fazer?

Vou voltar para a Europa.

Que pena. Teria sido formidável tê-la como cunhada.

Eu também teria gostado - disse a Sônia, enquanto Priyanka e Rahul brigavam por um biscoito. Sônia acompanhou-a ao aeroporto. O que não sabia é que a tornaria a ver dois dias depois.

Mas, o que aconteceu? Não estava em Londres?

Sabine lhe contou que, na escala em Teerã, o piloto do avião da Indian Airlines chamou-a pelo megafone. Sabine, surpresa, foi à cabine do Boeing. Alguém quer falar com você pelo rádio - disseram. Era Sanjay. Ali, diante de uma tripulação espantada, viveram sua penúltima cena de amor. Sanjay pediu-lhe que voltasse a Nova Délhi: "Vamos nos dar uma última oportunidade", suplicou. Sabine não pôde resistir ao homem que amava e por isso voltou. Sentia um pouco de vergonha por ter cedido. Sônia estava encantada, e tornou a sonhar que sua amiga podia se tornar sua cunhada.

Mas, umas semanas depois romperam de novo, e dessa vez para sempre. O sonho de Sônia de ter sua amiga por perto desapareceu, mas só durante uma temporada. Sabine não se instalou na Inglaterra. Havia se acostumado a viver na Índia. Na Europa, sentia falta do calor das pessoas, da cortesia asiática, do ritmo de vida. "Comigo acontece a mesma coisa", confessou Sônia. Além do mais, Sabine tinha um trabalho na Índia que lhe permitia viver melhor do que se ficasse em Londres. De modo que, para grande alegria de Sônia, voltaram a passar tardes juntas e fins de semana nos arredores, como aquele que acabou em uma pequena tragédia quando se aproximaram de um ninho de vespas e acabaram cobertas de picadas.

Sabine acabou conhecendo um dos professores do Instituto Goethe de Nova

Délhi e casou-se com ele. Viveram seis anos na capital indiana. Só tiveram filhos mais tarde, quando se mudaram para o México, mas tinham cães que juntavam com os de Sônia quando iam para o campo, para deleite das crianças. Sabine guardou de Sanjay a lembrança de um rapaz sério, resoluto, mas muito egocêntrico.

Para Indira, foi melhor assim, porque o fato de seus dois filhos se casarem com duas européias não teria sido o mais politicamente correto. Teria sido como confirmar publicamente que os Nehru estavam se ocidentalizando e se afastando para sempre de suas raízes indianas, e na época Sanjay já havia se metido em política, não tanto por vocação, mas para defender-se das críticas que chegavam por todo lado em consequência de sua nefasta gestão do assunto Maruti.

FOI EM UM COQUETEL PARA COMEMORAR O casamento de um velho amigo do colégio que Sanjay conheceu sua futura esposa. Era 14 de dezembro de 1973, e a data coincidia com seu aniversário. Nesse dia Sanjay estava muito animado, e não era pelo álcool, porque nunca bebia. Mas tinha consciência de ser o solteiro mais cobiçado da Índia.

Bonito - mas, em seus 27 anos, já tinha uma calvície avançada - procurava ter cuidado para não se envolver com mulheres que suspeitasse que podiam estar interessadas somente em se tornar membros da primeira família da Índia. O amigo que ia se casar apresentou-lhe uma prima sua chamada Maneka Anand, uma garota longilínea, com feições regulares e bem proporcionais, sardenta, suficientemente atraente para ter ganhado um concurso de beleza e que trabalhava esporadicamente como modelo para uma marca de toalhas. Era bonita e fotogênica, com um caráter vivaz e enérgico. Sanjay sentiu-se atraído imediatamente e passou a noite falando com ela. Maneka contou-lhe que havia abandonado seus estudos de ciências políticas no Sri Ram College de Nova Délhi e que queria ser jornalista. Era filha de um coronel do Exército, um sique, e de sua esposa chamada Amteshwar, filha de um latifundiário e pecuarista do Punjab.

A partir desse dia, Sanjay dedicou todo seu tempo livre a Maneka. Viam-se diariamente. Como não mais apreciava ir a restaurantes ou ao cinema, preferia vê-la à tarde na casa de uma das duas famílias. Sônia não se

impressionou muito com essa nova namorada. Comparada com Sabine, era uma menina imatura que ficaria com Sanjay o tempo que este levasse para perceber quão ambiciosa devia ser. Porque agora Sônia havia se contagiado da desconfiança que vem com o poder ou com a proximidade ao poder.

Como sua sogra, pensava que todos que se aproximavam da família faziam-no por interesse. Na maioria das vezes não lhe faltava razão. Pensou que Maneka, mais uma das que cortejavam o solteiro de ouro da Índia, seria coisa passageira. Mas, no início de 1974, Sanjay convidou-a a jantar em sua casa, sinal de que o rapaz estava levando seu relacionamento mais a sério que o habitual.

A garota estava muito nervosa porque iria conhecer a primeira-ministra. Sônia a entendia perfeitamente, visto que tivera um ataque de nervos no dia em que Rajiv a devia apresentar.

A diferença era que, na época, ela e seu namorado estavam havia um ano juntos, e não um mês, como Sanjay e Maneka. Mas conhecia seu cunhado, sabia como era impulsivo e impaciente. Também, na época da Inglaterra, Indira era outra mulher, mais pausada, sem a pressão nem a tensão do poder. Maneka, visivelmente intimidada, olhava tudo como um passarinho assustado: os móveis, os quadros, as fotos. Quando, de repente, viu Indira a sua frente, não soube o que dizer. Ficou vermelha e começou a balbuciar. Indira quebrou o gelo:

Como Sanjay não nos apresentou, diga-me seu nome e o que você faz - disse.

Maneka continuou balbuciando como pôde, omitindo que era modelo para uma marca de toalhas, o que não lhe pareceu digno de menção.

Indira conversou um pouco com ela e, como estava acostumada a ver desfilar garotas que Sanjay seduzia, não pensou nada em especial, exceto que era um pouco nova demais. Mesmo que houvesse gostado de encontrar uma nora entre as boas famílias da Caxemira, não se metia nos assuntos sentimentais de seu filho, como também não o havia feito com Rajiv. Fazia tempo que havia abandonado a idéia de organizar-lhe um "casamento arranjado" à indiana. Deixaria isso para outra vida, quando tivesse mais tempo e mais sossego...

PASSARAM-SE OS MESES E PARECIA que Maneka estava ali para ficar. Não era mais uma na vida de Sanjay. Ele havia se apaixonado e, fiel a seu caráter impulsivo, queria se casar já. Indira não teve problema, de início, em aceitá-la. O fato de ser de uma família sique não representava um problema para os Nehru, que haviam apregoado sempre a igualdade entre as comunidades religiosas do país. Pressionada pela pressa de seu filho, não teve tempo de se informar sobre a família de sua futura nora, e marcaram a data de 29 de julho para o pedido. Ambas as famílias se reuniram no número 1 da Safdarjung Road, onde, depois de uma breve cerimônia, sentaram-se todos para celebrar comendo. Indira logo percebeu que não eram gente educada, nem cosmopolita, nem culta, e na mãe adivinhou a satisfação profunda de ter colocado sua filha na família mais cobiçada do país. Podia ter dito algo parecido sobre a família de Sônia, mas a diferença é que eles eram simples, não ostentavam nada e não tinham ambição. Estes eram barulhentos e ostentosos, com um gosto vulgar na maneira de vestir e de exibir suas jóias. De qualquer maneira, Indira esteve à altura das circunstâncias. A nobreza obriga. O anel do pedido que sua nora usava ela lho havia dado. E era um presente muito especial. Havia pertencido a Kamala, sua mãe, e fora desenhado por seu avô Motilal. Acreditava secretamente que um dia essa menina chegaria a entender o profundo significado de tão precioso presente. Também ofereceu-lhe um conjunto ouro e turquesa, bem como um sári de uma seda muito fina bordada ao estilo Tancoi, mistura de estilos indiano e chinês. Um mês depois, deu-lhe um sári de seda italiana por ocasião de seu aniversário.

Os temores sobre a família de Maneka viram-se confirmados pela informação que começou a fluir depois do pedido. Indira soube que Amteshwar, sua futura consogra, passara dez anos litigando com seu irmão pela herança do pai, que era uma mulher com uma educação muito elementar e, segundo aqueles que a conheciam, intrigante e gananciosa. Chegavam rumores de que os outros membros da família eram rudes e descarados. Outras fontes chamavam-nos de arrivistas. Entrara na vida de Sanjay justo o tipo de pessoa que ela sempre tentara evitar. Raras vezes os pais ficam satisfeitos com a escolha dos parceiros feita por seus filhos, mas agora Indira ia beber da mesma taça que dera a seu pai quando lhe informara de sua decisão de se casar com Firoz. Como naquele caso, também agora se

tratava de famílias que vinham de mundos opostos, que não compartilhavam os mesmos valores. Mas adiantaria alguma coisa confrontar seu filho como Nehru a havia confrontado? Poucas vezes na vida havia se sentido tão mal como na ocasião, de modo que não quis fazer o mesmo. Não podia abrir mais uma frente de batalha. A quantidade de problemas com que precisava lidar a havia deixado deprimida. Não via como tirar a Índia da pobreza, e isso a desesperava. Sua fiel secretária, Usha, lembraria que, no fim de julho, ao voltar do funeral de um velho amigo da família, Indira confessou-lhe que estava cansada de viver. Deu-lhe instruções sobre a maneira de dispor de seu corpo quando morresse.

Não quero um funeral, Usha. Anote... Quero que ponham meu corpo em um caixão e que o deixem cair de um avião sobre as neves eternas do Himalaia. Talvez assim consiga desfrutar de uma paz que não desfrutei em vida.

Senhora, o importante é ter paz nesta vida, não acha? Na outra, está garantida...

Sim, eu sei, mas não está em minhas mãos e não creio mais que seja possível.

Tem que ser, senhora. Além do mais, deixe-me lhe dizer que ninguém concordará em dispor de seu corpo dessa maneira. Se fossem cinzas, ainda... mas como quer que joguem um caixão de um avião e que se arrebente no chão?

Pois não quero nem ser enterrada nem cremada - concluiu Indira. Nesse estado de ânimo, a perspectiva de casar seu filho com uma garota de dezessete anos de uma família que considerava "ordinária" não era algo que lhe levantasse o moral. A única coisa que pôde fazer foi retardar o casamento. Quando soube que na data fixada Maneka não teria chegado à maioridade, disse a seu filho:

Terão que esperar que ela complete dezoito anos. Não posso permitir que descumpra a lei.

O problema dos casamentos infantis continuava sendo um tema espinhoso na Índia; havia sido denunciado por Gandhi, Nehru e por todos os que queriam modernizar o país.

Milhares de meninas acabavam sendo "negociadas" por seus pais, casadas e transformadas em criadas da família do marido, sem poder algum para decidir sobre o número de filhos que teriam. O caso de Maneka distava

muito disso, mas Indira não estava disposta a permitir que Sanjay não desse o exemplo. Além do mais, ganhando tempo, talvez seu filho acabasse mudando de idéia.

Mas não aconteceu. Nesse verão, Sanjay teve que se submeter a uma pequena cirurgia de hérnia. Depois de suas aulas matinais, Maneka passava a tarde e parte da noite no quarto particular do Ali Índia Institute of Medical Sciences, o hospital mais avançado de Nova Délhi. Um mês depois de sua convalescença, em 23 de setembro de 1974, casaram-se em uma cerimônia civil na casa de um velho amigo da família, Mohammed Yunus. O casamento foi uma demonstração da Índia laica que os Nehru sempre haviam defendido: o filho de um parsi e de uma hindu casava-se com uma garota síque na casa de um amigo muçulmano diante de uma nora católica. Indira foi generosa com Maneka: deu-lhe 21 sáris dos tecidos mais finos, algumas jóias de ouro e, o mais valioso, um dos sáris de algodão que Nehru havia fiado na prisão com sua roca.

Cumpriu ao pé da letra seu dever de sogra. Para receber sua nora, designou ao novo casal um dormitório que dava para a sala principal, perto da porta de entrada, na parte da casa oposta ao quarto de Rajiv e Sônia. Decorou-o e arrumou-o com mimo, colocou objetos e frascos em cima da penteadeira e escolheu umas pulseiras que, por tradição, Maneka devia usar em sua noite de núpcias, e deixou-as no criado-mudo.

Depois da celebração, Maneka entrava no lar dos Gandhi-Nehru do mesmo modo que Sônia o havia feito com Rajiv seis anos antes. "O casamento correu tranqüilamente", escreveu Indira a Dorothy Norman nessa mesma noite. "Maneka é tão jovem que eu tinha minhas dúvidas sobre o assunto e não conseguia adivinhar se sabia o que estava fazendo. Mas parece que deu certo, e ela é jovial e alegre."

Mas Maneka não era Sônia, e mesmo vindo de uma família que morava a 1 km de distância, sua adaptação foi muito mais árdua que a de sua cunhada, que vinha do outro lado do mundo. Apesar do desejo de Indira, a garota custava a se encaixar nessa casa. Para começar, fumava, um hábito que era muito malvisto. Sanjay odiava cigarro; Indira, que havia sido tuberculosa, detestava; e Sônia, asmática, era alérgica à fumaça. Mau começo. Além do mais, era loquaz e falava em um tom de voz alto. "Em minha própria casa éramos informais e às vezes desbocados", diria Maneka. "Os Gandhi

mantêm o decoro entre eles em toda circunstância."

Sanjay e ela tinham temperamentos diametralmente opostos e reuniam muitos ingredientes para um fracasso matrimonial. É verdade que nem sempre devia ser fácil se comunicar com Indira, uma presença imponente. Às vezes, durante as refeições, Maneka começava a falar de livros que havia lido ou que estava lendo como se quisesse impressioná-la com sua capacidade intelectual. Indira levantava os olhos, lançava-lhe um olhar de soslaio e continuava comendo. "Era ferosa e inteligente", diria Usha, a fiel secretária de Indira, "mas, ao mesmo tempo, era ambiciosa e muito imatura." Várias vezes mencionava que Sanjay, um dia, seria primeiro-ministro, o que provocava constrangimento nos outros. Outras vezes falava da felicidade com uma expressão murcha: "Sabia que não se referia a uma busca filosófica", lembraria Usha, "e sim a sua própria infelicidade causada pela ausência de Sanjay". O que gostava mesmo era de sair e ser vista, justamente o que seu marido não podia se permitir agora, ocupado como estava em deixar sua marca na sociedade indiana.

Conseqüentemente, Maneka entediava-se muito em uma casa onde ninguém fumava, nem bebia, nem dizia palavras. Passava as horas mortas no gabinete de Usha perguntando pelo programa de seu marido, que estava sempre muito carregado, e tentando descobrir os segredos desse mundo novo em que estava inserida. Do mundo tradicional não queria nem se aproximar. Quando Sônia propôs ensinar-lhe a cozinhar, mesmo que só para se distrair - porque ninguém melhor que ela sabia pelo que sua cunhada estava passando - Maneka respondeu que não se interessava pela cozinha nem pelas coisas de casa.

Todos rapidamente perceberam que Maneka era uma nota dissonante. Rajiv ficava nervoso quando a encontrava deitada em um sofá da sala fumando enquanto Sônia estava atarefada com a casa.

- Ela não faz nada! - dizia em voz baixa a Sônia. - Quem pensa que é?

Sônia dava de ombros, como dizendo: é o que se tem. Também não gostava de sua maneira de tratar os empregados, aos gritos e sem respeito, muito típico da classe rica indiana. Indira também não gostava de seu comportamento vulgar e espalhafatoso. O problema era que o único lugar onde encontrava proteção contra a dureza da vida política era sua casa, que agora estava perturbada. O número 1 da Safdarjung Road deixou de ser um remanso de paz.

O humor de Indira refletia o da Índia, que ainda não se recuperara da guerra de Bangladesh. O desemprego subia, e com isso o descontentamento popular. A cadência de greves e manifestações era infernal, e muitas acabavam em violentos choques com a polícia. Para Sônia, a tarefa de fazer as compras podia se transformar em uma verdadeira via-crúcis: ruas interditadas, desvios arbitrários, disputas à base de pedradas, lojas fechadas por falta de mercadoria devido a uma greve dos transportes etc. Não havia um dia normal, era como se o país houvesse perdido o norte e abraçasse a anarquia. Em todo o território nacional não se falava de outra coisa que não fosse corrupção, distúrbios, prisões, protestos e greves. Sônia se impressionou muito com o escândalo do "açúcar", como ficou conhecido, que causou a morte de muita gente, especialmente crianças. Comerciantes sem escrúpulos haviam posto à venda uma mistura de açúcar com vidro moído, o que foi letal e evidenciou a falta de controle e a indolência completa da administração. Sônia, que sempre tinha seus filhos em mente, perguntava-se horrorizada: e se esse açúcar houvesse ido parar na creche de Rahul?

Diante do espetáculo desolador que o país oferecia, um herói do movimento de libertação e velho amigo da família Nehru, um homem frágil de 72 anos chamado J. P. Narayan, foi capaz de unificar diversos grupos opostos a Indira. Seu programa advogava por uma federação de aldeias e pretendia lançar uma "revolução total", uma democracia sem partidos. Era uma loucura, a idéia vaga de um idealista messiânico, mas serviu para mobilizar as multidões contra o partido de Indira, acusado de corrupção. Na realidade, a semente da queda de Indira já estava plantada e jazia no imenso poder que havia conseguido acumular e que agia como um veneno que infectava tudo, até sua própria casa por meio de Sanjay. Como não existia um sistema legal de financiamento de partidos, o Congresso dependia de substanciais doações privadas. Muitos membros de seu partido, cientes do poder que lhes outorgava o fato de contar com uma imensa maioria no Parlamento nacional e na maior parte dos parlamentos estaduais, tornaram-se gananciosos e especialistas em trocar ajuda econômica por favores políticos.

O movimento de J. P. conseguiu organizar várias greves importantes, que acabaram em enfrentamentos com a polícia. O protesto acabou em uma

revolta geral quando se descobriu que um líder do Partido do Congresso havia permitido uma alta do preço do óleo de cozinha em troca de uma importante doação dos produtores. Foi a fagulha que fez a fúria popular explodir. Houve pilhagem de casas e lojas, incêndios de ônibus e destruição de bens do governo. Rajiv ficou vários dias sem voltar para casa porque seu avião não pôde decolar devido ao fechamento dos aeroportos. Indira, incapaz de controlar todas as falcaturas e as manobras dos membros de seu partido, sentiu-se ameaçada. Seu medo somava-se à paranóia que a invadira desde o ano anterior, quando ocorrera o golpe, apoiado pela CIA, que derrubara no Chile o presidente democraticamente eleito Salvador Allende, outro socialista. Conhecia bem aqueles que o haviam orquestrado, e temia que se aproveitassem da situação caótica da Índia para tentar o mesmo com ela. Principalmente porque Nixon acabava de ser reeleito, e Kissinger estava de novo a seu lado.

O que fazer? Não pensava em renunciar, pelo menos não sem lutar. Atribuía os distúrbios à pérfida manipulação da oposição, empenhada em expulsá-la do poder, e a uma obscura conjura internacional. Custava-lhe acreditar que o povo estivesse perdendo sua fé nela. Mas não podia deixar por mais tempo que a anarquia se espalhasse como uma mancha de óleo. De modo que se armou de coragem para enfrentar o maior desafio de sua carreira, uma greve nacional de trens que ameaçava paralisar o país.

Ganhar esse confronto era decisivo para ela e para a Índia. Enfrentava 1,5 milhão de trabalhadores ferroviários que exigiam, dentre outras reivindicações, jornadas de trabalho de oito horas e um aumento de salário de 75%, concessão esta que era impossível outorgar. "Em um país onde há milhões de desempregados e muitos outros milhões com empregos precários", explicou com audácia em uma conferência sindical, "o que se necessita é uma justa distribuição de oportunidades. Nesse sentido, os trabalhadores deveriam reconhecer que, em nosso país, estar empregado é, em si, um privilégio." Palavras que inflamaram ainda mais os ânimos, de modo que a greve foi convocada. Um milhão de ferroviários aderiu. De repente, a lista de exigências aumentou: "O que queremos é mudar a história da Índia e derrubar o governo de Indira Gandhi".

Como sempre nesses conflitos, a vida dos mais pobres estava em jogo. A

paralisação dos trens, ao alterar o transporte de mercadorias, podia provocar fome, algo que Indira não estava disposta a consentir. De modo que aplicou uma recente lei (MISSA, Maintenance of Security Act) que permitia fazer prisões preventivas. Um destacamento nunca visto de policiais invadiu as railway colonies - os antigos bairros criados pelos ingleses para alojar os ferroviários - que ficavam perto das estações de trem. "Parecia um país ocupado", diria um líder sindical muito impressionado. Ao amanhecer, a polícia entrava nas casas dos ferroviários e detinha todo aquele que se negasse a ir trabalhar. Algumas famílias foram expulsas de suas casas - eram propriedade do governo. As prisões eram, às vezes, violentas - houve um caso em que a polícia pôs fogo na casinha de um ferroviário - e alguns grevistas acabaram feridos. No total, 70 mil trabalhadores foram presos. Indira agia como um general no fragor da batalha. Mandou o Exército e a Marinha proteger as instalações ferroviárias contra eventuais sabotagens. Os militares fizeram funcionar as sinalizações e as telecomunicações, e operaram os trens sob a proteção de guardas armados. Ela tinha certeza de que, se acabasse com essa greve, não haveria outra em cinqüenta anos.

Indira estava muito lúcida, com pleno domínio de suas faculdades, como era habitual em momentos de alta tensão. Confiava em si mesma. Procurava fazer várias coisas ao mesmo tempo, era sua receita infalível para relaxar e encontrar soluções para problemas difíceis. Uma tarde, enquanto dava uma entrevista coletiva no jardim de sua casa e via seu neto Rahul se divertindo no gramado brincando de guerra com armas de plástico, ocorreu-lhe uma idéia. Pensou que havia chegado o momento de dar a autorização que os cientistas esperavam havia anos para detonar uma bomba nuclear. Fora justamente a decisão de Nixon de mandar um porta-aviões nuclear à baía de Bengala que provocara a aceleração do programa atômico indiano. Não era exatamente a idéia de uma avozinha, e sim de uma brilhante estrategista. Manteve-a em sigilo até o momento da explosão, que ocorreu em Pokhran, no deserto de Rajasthan, próximo à fronteira com o Paquistão, alguns dias depois.

Tal como havia previsto, a notícia provocou o entusiasmo de certas camadas da população, que a receberam com verdadeiro fervor patriótico. Os deputados que se levantaram na grande sala do Parlamento para cumprimentar-se uns aos outros pareciam ter esquecido os problemas

econômicos e a greve dos trens. Indira havia atingido seu propósito, que era desviar a atenção do país. A Índia, superpovoada e quase paralisada, cuja renda per capita a situava no 102^a lugar no ranking mundial, transformava-se, em grande parte por necessidades de política interna, na sexta potência nuclear

mundial. As críticas cresceram no estrangeiro. Indira defendeu-se: "... A Índia não aceita o princípio do apartheid em nenhum âmbito, e a tecnologia não é exceção".

Levou 22 dias para sufocar a greve com mão de ferro. Apesar de a imprensa ter condenado a brutalidade da repressão, a classe média, as pessoas que sempre haviam apreciado a pontualidade dos trens, elogiou a firmeza da primeira-ministra. As câmaras de comércio também, mas isso não significava muitos votos. Para Indira, foi uma vitória agri-doce. Enquanto a de Bangladesh a havia elevado à categoria de deusa, esta deixava um amargo sabor na boca. A primeira-ministra havia demonstrado que podia ser dura e até desapiadada. Sua maneira de reprimir a greve deixou uma marca profunda de medo em amplos setores da sociedade. O efeito contraproducente de tanta severidade foi que a oposição se uniu ainda mais contra ela. Até os observadores políticos mais simpáticos a ela tiveram de admitir que sua popularidade estava desabando. Nas eleições previstas para 1976, uma derrota do Congresso parecia uma possibilidade real.

O DIA 12 DE JUNHO DE 1975 amanheceu com grossas nuvens negras no céu, o que anunciava as ansiadas chuvas, ou talvez previssem tempos duros. O calor, a essa hora da manhã, já era intenso, mas Indira seguiu sua rotina diária de fazer vinte minutos de exercícios de ioga em seu quarto. O choro de sua neta Priyanka provocou-lhe a tentação de interromper o exercício, mas, como logo parou, pensou que Sônia já havia se levantado e estava cuidando da menina. A seguir, tomou um banho e vestiu-se em cinco minutos, "algo que poucos homens podem fazer", gostava de se gabar. Em seu criado-mudo os livros se amontoavam. Com jornadas que duravam dezesseis horas, não tinha tempo para nada, nem para estar com a família, nem para receber amigos, nem evidentemente para ler, e sentia falta.

Estava tomando o café-da-manhã em seu quarto em frente a uma bandeja com chá, fruta e torradas quando seu secretário R. K. Dhawan, esse que se mostrava tão solícito com Sanjay, bateu à porta. Trazia uma má notícia. D. P. Dhar, velho amigo e conselheiro de Indira, o homem que ela havia enviado a Moscou quando da crise de Bangladesh para assegurar-se do apoio dos soviéticos, e que desde então atuava como embaixador na URSS, havia

morrido minutos antes de uma cirurgia para colocar um marca-passos. Outro pilar de confiança e amizade desaparecia de sua vida. Indira foi rapidamente ao hospital consolar a família e a ajudar na organização dos ritos funerários. Voltou para casa na hora do almoço, onde a esperava outra má notícia. Seu secretário comunicou-lhe que, nas eleições da véspera no estado de Gujarat, a Frente Janata, uma coalizão de cinco partidos que incluía os simpatizantes de J. P. Narayan, o idealista que a queria derrubar, havia vencido o Congresso. Não a surpreendeu muito.

O ruim era que esses resultados auguravam derrotas em outros estados. Era, talvez, o início do fim?

perguntava-se. Todos os empreendimentos humanos seguíam o mesmo modelo de evolução da natureza, ou seja, uma fase de crescimento, outra de desenvolvimento, e um final. Tentara fazer as pazes com J. R., mas sua idéia utópica de estabelecer um governo sem partidos era inaceitável porque significava a morte do funcionamento democrático. Assim lhe havia dito, mas J. P. era um revolucionário que continuava acreditando em grandes idéias abstratas. Não retrocedia em seu empenho nem se mostrava flexível em suas demandas.

Concorda comigo que o governo de Bihar é muito corrupto? - perguntou-lhe J. P. com sua voz trêmula.

Sim, isso todo o mundo sabe - replicou Indira.

Pois insisto que você tem que o destituir e convocar novas eleições.

Não posso fazer isso, J. P. É um governo eleito democraticamente e não tenho autoridade para destituí-lo.

Não houve reconciliação, ao contrário. Indira acabou acusando-o de contar com o apoio da CIA e dos Estados Unidos para derrubá-la, e ele a censurou por querer fazer da Índia um satélite soviético. Porém, no fim da reunião, J. P. pediu para falar com ela a sós, sem seus conselheiros. Foram para a sala, e ali, diante da surpresa de Indira, o homem teve um gesto de amabilidade pessoal, a despeito da violência de seu enfrentamento político. Entregou-lhe uma velha pasta que havia pertencido a sua esposa e que continha cartas que a mãe de Indira, Kamala, lhe havia escrito cinquenta anos antes no fragor da luta pela independência.

Estavam guardadas desde que minha mulher morreu - disse J. P. - com a

esperança de entregá-las a você quando tivesse a oportunidade de vê-la.

Indira se comoveu com o gesto desse homem que, no entanto, estava empenhado em destruí-la. Como a política é estranha - deve ter pensado - que permite o ódio e o afeto ao mesmo tempo e na mesma pessoa. Sentiu uma pontada no coração quando leu essas cartas que ressuscitavam sua mãe, tão frágil, tão doente sempre, e que agora revelavam sua infelicidade por sentir o desprezo das irmãs de Nehru, que a achavam muito tradicional e religiosa. Agradeceu a J. P. de todo o coração, mesmo sabendo que ele cumpriria sua ameaça de intensificar a cruzada contra ela.

A TERCEIRA MÁ NOTÍCIA DO DIA chegou às três da tarde. Rajiv, usando seu uniforme de piloto, irrompeu no dormitório de Indira. Ao voltar do aeroporto, havia cruzado com um dos secretários de sua mãe, que o havia informado de uma notícia que acabava de chegar pelo teletipo.

Saiu o veredicto do juiz de Allahabad... - disse Rajiv.

E...? - perguntou Indira, voltando um pouco a cabeça, como se esperasse o golpe que ia receber.

Rajiv lhe leu o texto da sentença que o secretário lhe havia entregado. Dizia que a primeira-ministra havia sido declarada culpada de negligência nos procedimentos eleitorais do sufrágio de 1971. Em consequência, o resultado dessas eleições ficava invalidado. O tribunal dava vinte dias ao Congresso para tomar as medidas necessárias para que o governo continuasse funcionando. Além do mais, era proibida de assumir um cargo público nos seis anos seguintes.

Indira suspirou e se manteve serena. Olhou para o jardim. Seus netos brincavam no gramado. Tudo parecia tão normal e tranquilo, exceto pelas nuvens negras que continuavam ameaçando descarregar chuva. Como a vida é curiosa, deve ter pensado. O maior golpe de sua carreira era dado em sua cidade natal, nos mesmos tribunais em que seu avô Motilal Nehru fizera suas mais brilhantes argumentações. Voltou-se para seu filho:

Acho que não resta outra solução a não ser renunciar. Chegou a hora - disse, sem a menor emoção. Esperava uma sentença condenatória, mas não tão desproporcional. A oposição havia utilizado um subterfúgio legal para encurralá-la. A sentença correspondia à denúncia que um rival político

chamado Raj Narain, que havia perdido por cem mil votos de diferença, havia apresentado quatro anos antes no tribunal de Allahabad. As acusações eram triviais e referiam-se ao uso indevido de pessoal e transporte de propriedade do governo durante a campanha eleitoral anterior. Em particular, todo o mundo, inclusive seus adversários, reconheciam que as acusações contra ela eram ridículas e que os juizes haviam se excedido. Segundo o jornal Times de Londres, era equivalente a "destituir um primeiro-ministro por uma multa de trânsito". Mas na Índia de 1975, as pessoas saíram às ruas para comemorar.

Seu amigo Siddharta Shankar Ray, chefe do governo de Bengala, chegou a sua casa pouco tempo depois. Era um homem de confiança, íntegro, a velha guarda dos amigos incondicionais. O partido estava abalado, disse. E prosseguiu:

O que a oposição não conseguiu nas urnas, tenta manipular por meio de uma sentença judicial.

Tenho que renunciar - disse Indira, impassível.

O homem se sentou. Olhou para Indira: seu rosto transparecia um cansaço infinito.

Não tome essa decisão apressadamente. Vamos pensar. Indira ergueu os ombros:

Há outra solução?

Sempre se pode apelar.

Levará meses... Sabemos como a justiça funciona.

A conversa foi interrompida pela chegada de dois ministros, seguidos pouco tempo depois pelo presidente do partido e vários outros companheiros. A casa foi ficando cheia de gente. Sônia lhes oferecia doces e bebidas. Com seus próprios olhos, via que uns estavam preocupados com perder o posto, outros ao contrário, excitados porque o lugar de Indira ficava disponível. Os rumores, a incerteza e o calor faziam com que o ar se tornasse irrespirável. Uns falavam com Indira tentando dissuadi-la de apresentar sua renúncia; outros faziam rodinhas, medindo as forças de diversos líderes que a poderiam substituir. A ainda primeira-ministra ouvia a todos calada. "Acho que devo renunciar imediatamente", repetia.

A NOITE, SANJAY CHEGOU DA "FÁBRICA". Soubera da notícia pelo

rádio. Entrando em casa, encontrou seu irmão:

O que ela vai fazer? - perguntou-lhe.

Renunciar. Não tem outro jeito.

Não - disse Sanjay - isso não.

Em um segundo, Sanjay viu seu sonho de ser um grande empresário se desfazer. Se sua mãe cedesse ante seus inimigos, podia despedir-se para sempre da Maruti Ltda.

Entrou no salão abarrotado de gente, e mal cumprimentando, como era costume seu, pegou sua mãe pelo braço e pediu-lhe para falar a sós com ela uns minutos. Foram para o estúdio contíguo.

Rajiv me disse que você pretende renunciar.

Estamos avaliando. Não tenho muitas opções.

Você não deve fazer isso, mamãe. Se ceder agora e renunciar por essas acusações tão ínfimas, quando não tiver imunidade parlamentar conseguirão pô-la na prisão por qualquer coisa que inventarem.

Minha consciência está tranqüila. Estamos pensando em trocar os papéis. O presidente do partido assume o cargo de primeiro-ministro enquanto meu recurso segue os trâmites no Tribunal Supremo. Nesse período, eu me encarrego da presidência do partido.

Isso é uma loucura, mamãe! - disse Sanjay, e o grito se ouviu no salão contíguo. - Acha que o presidente do partido, depois que estiver em sua cadeira, vai devolvê-la depois? Nunca. Parecem todos muito leais e muito amigos, mas você sabe melhor que eu que os sorrisos escondem suas ambições pessoais. Todos querem seu lugar. Todos buscam o poder. Você não deve renunciar em hipótese alguma.

Aceitar a derrota não era algo fácil para Indira. Como podia se retirar com o rabo entre as pernas por algo tão trivial, ela que dedicara sua vida à política e fora primeira-ministra durante quase uma década? Não combinava com seu conceito de dignidade. Poderia deixar seus companheiros de partido na mão, e todos os que dependiam dela? O país inteiro? Não diziam que a Índia é Indira e Indira é a Índia? Permitiria que J. P. Narayan acabasse com a democracia afundando o país na anarquia? É verdade, estava cansada, às vezes até deprimida por não encontrar soluções para os males do país. Se só tivesse que ouvir sua voz interior, essa que lhe pedia sossego, talvez optasse pela renúncia. Por ela, faria isso. Mas não estava sozinha. Pensou em Sanjay... Que seria dele se ela perdesse o cargo? Cairiam como cães de caça

sobre ele para devorá-lo por ter se atrevido a ser empreendedor, ou simplesmente por ser quem era. Que seria do resto da família? O poder se revelava como uma defesa necessária contra todos os inimigos que esse mesmo poder havia criado com o passar dos anos. O poder protegia a família. Sem esse escudo, estavam em perigo.

Indira voltou à sala. "Estou decidida a lutar para me manter no cargo", disse a seu advogado. Decidiram que ele solicitaria à Corte Suprema o adiamento da sentença até que o tribunal decidisse sobre seu recurso. A manobra permitiria ganhar tempo e manter-se como primeira-ministra até conseguir reunir forças e apoios. Assim que anunciou sua decisão, a tensão na casa relaxou. Para disfarçar sua decepção, os que já haviam se atrevido a sonhar substituí-la derreteram-se nos mais ser-vis elogios. Sônia estava desconcertada. No fundo, teria gostado que sua sogra renunciasse, porque sentia falta de uma vida mais sossegada.

Nos dias seguintes, Sanjay e seu amigo, o secretário Dhawan, organizaram manifestações e marchas de apoio a Indira. Não acharam errado requisitar os ônibus da empresa municipal de transportes de Délhi para transportar milhares de manifestantes. Todo o aparato do partido foi mobilizado para que a voz a favor de Indira fosse ouvida em alto e bom som. Chegaram à capital trens fretados especialmente para os comícios, lotados de simpatizantes.

Agora Sônia e Maneka não podiam entrar e sair tão facilmente de casa porque permanentemente havia uma multidão às portas exigindo a presença de Indira, que saía uma vez por dia para cumprimentá-los. Nem Sônia nem Rajiv gostavam do rumo que os acontecimentos estavam tomando. Ela estava assustada porque o carro que a levava certa manhã ao Khan Market havia levado uma pedrada. Só havia causado um arranhão na carroceria, mas bastara para fazê-la sentir medo. Além do mais, a convivência com Maneka se tornava muito difícil. E Sanjay parecia outro. Mal o via, mas quando isso acontecia, ele já não era tão carinhoso como antes. Percebia que a presença de Maneka estava envenenando as relações entre os irmãos, e entre ela e Sanjay também.

Por que não vamos para a Itália por uma temporada - pediu a seu marido - até que as águas voltem a seu curso?

Rajiv gostava da idéia, e reconhecia que seria bom para as crianças. Mas mostrava-se preocupado.

Como vamos dizer isso a minha mãe? Podemos abandoná-la em um momento assim?

Sônia ficou ensimesmada, sem resposta. Pela primeira vez tinha medo, por ela e pelas crianças. Nunca o ambiente estivera tão tenso.

Em 20 de junho de 1975, Sanjay teve a idéia de a família inteira comparecer a um comício de solidariedade que havia organizado no Boat Club de Nova Délhi.

É bom que nos vejam todos juntos - disse.

Prefiro que você não decida por nós - respondeu Rajiv.

É por mamãe - argumentou seu irmão.

Diante do compromisso, Rajiv e Sônia concordaram contrariados. Foi, talvez, o primeiro ato político de Sônia. Ficou impressionada de encontrar-se diante de uma multidão de mais de 100 mil pessoas. Usando um sári caqui, estava ao lado de Rajiv, e Maneka e Sanjay atrás de Indira. Dali, dava vertigem imaginar a desmesura de seu país de adoção. Tanta gente, tantas crenças, tantas religiões... Quando sua sogra se voltou para eles, Sônia sorriu para ela. De repente, via-a em contato com o povo de que sempre falava, esse contato privilegiado que justificava todos os seus dissabores e que agora não era algo abstrato, e sim bem real. Estava ali, rendido a seus pés. Sônia pôde verificar o enorme apoio popular de que Indira ainda desfrutava, que excedia em muito a mera presença dos simpatizantes pagos por Sanjay. Ficou arrepiada quando ouviu sua sogra dizer à multidão que servir ao país era a tradição da família Nehru-Gandhi, e que se comprometia a continuar servindo-o até seu último suspiro.

Era a primeira vez que Indira se mostrava acompanhada por sua família, e o comício foi um grande sucesso. Sônia percebeu quanto Indira precisava ter a família a seu lado. Não, não era momento de abandoná-la.

Os seguidores de P. organizaram contramanifestações em frente ao palácio do presidente da República e em várias cidades do imenso país. A jornalista Oriana Fallaci foi a primeira a saber, pela boca de um líder da oposição, que estavam planejando bloquear a entrada do número 1 da Safdarjung Road

com hordas de pessoas para transformar Indira em prisioneira em sua própria casa. "Vamos acampar lá dia e noite", disse o líder. "Vamos forçá-la a renunciar. Para sempre. Ela não sobreviverá a nosso movimento."

Na manhã de 25 de junho, Indira convocou a seu escritório de casa Siddarta Shankar Ray, chefe de governo de Bengala, que se encontrava casualmente em Nova Délhi, e que, quando a sentença fora tornada pública, aconselhara-a a não renunciar. Notou-a muito tensa. Sua mesa estava coberta de relatórios do Serviço de Inteligência.

Não podemos permitir isso - disse Indira. - Tenho informação de que J. P. Narayan, em um comício esta noite, vai pedir à polícia e ao Exército que se amotinem.

É possível que a CIA esteja envolvida. Você sabe que estou entre os primeiros na lista de pessoas odiadas por Richard Nixon... O que podemos fazer?

Ray era especialista em assuntos legais, com fama de honesto e de duro. Continuava pensando que Indira devia se manter em seu cargo. Ela prosseguiu descrevendo como o país estava mergulhado no caos.

Deve haver um meio de deter esta loucura. Sinto que a democracia indiana é como uma criança, e da mesma maneira que às vezes temos que dar um chacoalhão em uma criança, acho que temos que chacoalhar o país para fazê-lo acordar.

Você está pensando no estado de sítio? Indira assentiu com a cabeça.

Na realidade, não procurava conselho sobre que decisão tomar, porque já a havia tomado no dia anterior. Sanjay a havia mencionado, mas a idéia não era dele, e sim de seu protetor Bansi Lal, o gordo chefe do governo de Haryana que lhe cedera os terrenos para erguer a fábrica. Segundo Bansi Lal e Sanjay, havia pelo menos cinqüenta políticos no país que era necessário eliminar da vida pública. O primeiro, evidentemente, era J. P. Narayan.

Declarar o estado de sítio era uma fuga para adiante... Mas que opção restava a Indira? Entre uma saída desonrosa e o estado de sítio, preferiu o último.

Quero fazer isso tudo de uma maneira impecável do ponto de vista legal - precisou a primeira- ministra.

Deixe-me estudar o aspecto constitucional. Dê-me algumas horas e lhe digo alguma coisa.

Por favor, seja rápido - pediu ela.

Ray foi embora e voltou às três da tarde. Passara várias horas revisando o texto da Constituição indiana e da norte-americana também.

Sob o artigo 352 da Constituição - disse a Indira - o governo pode impor o estado de sítio se houver risco de agressão externa ou de distúrbios internos.

-A incitação de J. P. Narayan para que o Exército e a polícia se amotinem não é uma ameaça interna suficientemente grave?

Sim, é.

Então, ao fazer isso, caíram em sua própria armadilha.

De fato. Entregaram-lhe em bandeja de prata a justificativa que você precisa para suspender a atividade parlamentar e impor o estado de sítio.

Houve um silêncio. Os olhos de Indira brilhavam na escuridão. Faltava um requisito: a assinatura do presidente da República, mas este era um aliado, e Indira não duvidava de sua lealdade.

Você me acompanha até o palácio do presidente? - pediu a Ray.

Vamos.

Com o documento de quatro linhas que o presidente assinou nessa mesma noite no maravilhoso salão Ashoka do antigo palácio do vice-rei, e que decretava o estado de sítio, a maior democracia do mundo tornava-se uma ditadura virtual. O governo da Índia estava agora autorizado a prender pessoas sem ordem prévia, a suspender os direitos civis e as liberdades, a limitar o direito de interferência dos tribunais e a impor a censura.

RAJIV ESTAVA HAVIA DOIS DIAS fora de casa, voando, e em uma das escalas de sua rota teve uma grande surpresa ao saber pela imprensa que, na véspera, sua mãe havia declarado o estado de sítio. Ninguém lhe havia dito nada. A medida se chocava com seu caráter pacífico e, mesmo que não fosse um homem político, achava que ia contra os princípios democráticos da tradição familiar. Acima de tudo, o que o preocupava era que sua mãe havia cedido a seu irmão. Conhecia a ascendência que Sanjay tinha sobre sua mãe. Por alguma obscura razão, sua mãe era incapaz de resistir à chantagem emocional a que seu irmão a submetia. E ninguém melhor que ele conhecia Sanjay, seus pontos fortes, suas limitações e o perigo que podia representar. Por isso, estava entre perturbado e alarmado, e a idéia de Sônia de ir para a Itália por uma temporada tornou a lhe passar pela cabeça.

Não sei o que deveríamos fazer - disse Sônia. - O comportamento de seu

irmão me preocupa muito. Está cada vez mais metido em política.

Contou-lhe que Maneka estava em Caxemira, para onde Sanjay a mandara por indicação de Indira, pois temia que a garota, tão loquaz, pudesse revelar suas intenções a respeito da declaração do estado de sítio, coisa que mantiveram em sigilo total até a promulgação. Continuou contando que, no dia anterior, Sanjay estivera reunido no escritório de Indira até muito tarde com o secretário Dhawan e com o segundo homem do ministro do Interior. Sabe o que estavam fazendo? Estavam entrando em contato com chefes de governo locais e lhes mandavam ordens de detenção. Tinham uma lista negra de "inimigos".

O pior não é isso; o pior é que faziam isso em nome de sua mãe.

Sei que prenderam J. P. Narayan de madrugada, soube no aeroporto - disse Rajiv, suspirando. - Uma patrulha da polícia levou-o algemado para o calabouço. Parece que Narayan não conseguia acreditar nisso; parecia-lhe inconcebível que mamãe houvesse tomado uma medida tão drástica.

Sônia continuou contando que, às três da madrugada, Siddharta Shankar Ray, depois de ter ajudado Indira a terminar o esboço do discurso que anunciaria o estado de sítio à população, estava indo embora quando cruzou no corredor com o secretário Dhawan, que lhe disse: "Já estão tomadas as medidas para cortar o fornecimento elétrico dos principais jornais do país e para fechar os tribunais".

Ray ficou petrificado - prosseguiu Sônia - e furioso. Pediu que acordassem sua mãe, que estava esgotada depois de um dia tão longo. Nesse momento, Sanjay saiu e começou a discutir com Ray. Sabe o que Sanjay lhe disse? "Vocês não sabem comandar um país!"

Como se ele soubesse! - disse Rajiv erguendo a vista para o céu.

O caso é que Ray não foi embora enquanto sua mãe não apareceu; ela estava espantada porque não sabia nada dessas ordens de detenção.

Seu irmão as havia dado. Pediu-lhe que esperasse uns minutos e foi falar com Sanjay.

O que Sanjay quer com essas medidas é proteger a si mesmo e a sua empresa, fingindo que também protege mamãe das ações legais empreendidas contra ela.

Sua mãe pode ter tentações autoritárias, mas tem princípios. Quando saiu da sala em que se trancara com Sanjay, estava com os olhos vermelhos por ter

chorado.

Disse a Ray que os jornais teriam eletricidade e que não se fecharia nenhum tribunal.

Mas é mentira - disse Rajiv. - Hoje não há jornais na rua porque cortaram a luz. De novo, Sanjay aprontou.

TERIA SIDO UM GRANDE SUCESSO de Indira se o estado de sítio houvesse durado pouco tempo, e sobretudo se Sanjay não houvesse crescido como um poder na sombra. No primeiro dia, quando o ministro da Informação, I. K. Gujral, um homem respeitado, culto e suave em seus modos, chegou ao escritório da Akbar Road, Sanjay ordenou-lhe que todos os boletins de notícias fossem submetidos a ele antes de sua difusão. Usha, sentada em seu escritório, foi testemunha da cena.

Isso não é possível - disse o homem - os boletins são confidenciais.

Pois, de agora em diante, terá que ser possível. Indira estava na porta e ouviu a conversa:

O que está acontecendo? - perguntou. O ministro repetiu sua explicação.

Entendo - disse Indira - se não quer entregá-los a Sanjay, sugiro que um empregado de seu ministério os traga a mim todas as manhãs para que os possa ver.

O ministro foi embora com a firme intenção de apresentar sua demissão, mas foi convocado de novo à tarde ao local que já chamavam de "palácio", que não era outra senão a residência de Indira Gandhi. Sanjay pediu-lhe que expulsasse do país o correspondente da BBC, um jornalista muito conhecido e querido chamado Mark Tully, por ter enviado uma matéria que "distorcia" os fatos.

Não é tarefa do ministro da Informação prender correspondentes estrangeiros - respondeu Gujral. Quando, a seguir, Sanjay censurou-o porque o discurso de sua mãe não fora divulgado na íntegra pela televisão, o ministro perdeu a paciência:

Se quer falar comigo, vai ter que aprender a fazer isso com educação - disse.

Você é mais novo que meu filho e não lhe devo explicações.

Não teve tempo de apresentar sua demissão. Indira chamou-o nessa mesma noite para afastá-lo do cargo "porque o Ministério da Informação precisava de alguém que pudesse cuidar dos assuntos com mais firmeza, dadas as circunstâncias".

O novo ministro promulgou duríssimas leis de censura, incluindo a proibição de citar Nehru e Gandhi em suas declarações a favor da liberdade de imprensa, o que não deixava de ser uma cruel ironia da História. Um a um, os representantes da imprensa internacional foram convidados a ir embora.

O único ministro seu que questionou a necessidade de impor o estado de sítio foi afastado do cargo e substituído por Bansi Lal, o chefe do governo de Haryana e o primeiro a sugerir a necessidade de impor o estado de sítio... aos 29 anos, Sanjay, pelo simples fato de ser filho de sua mãe, estava a caminho de se transformar no homem mais poderoso da Índia.

A CENSURA DA IMPRENSA FOI MAIS DURA que a que os britânicos haviam imposto durante a luta pela independência. Pelo menos, naquela época, os jornais estavam autorizados a anunciar os nomes dos que haviam sido presos e as prisões para onde haviam sido levados. Agora as pessoas ficavam sabendo por rumores onde se encontravam seus entes queridos, quase todos membros da oposição. Aproximadamente 100 mil pessoas foram presas sem acusação alguma nem julgamento. As condições de detenção da maioria eram tão insalubres que 22 detidos morreram em suas celas sujas e abarrotadas. Se os ferroviários guardavam à má recordação da maneira como a greve havia sido sufocada, agora nenhuma camada da população estava a salvo. As prisões mais alardeadas foram, talvez, as das maranis de Jaipur e de Gwalior, antigas princesas que lideravam em seus respectivos estados partidos opostos a Indira, e que foram trancafiadas na infame prisão de Tihar, em Délhi, junto com criminosas e prostitutas. Gayatri Devi, a elegante marani de Jaipur, não se queixou da sujeira, da promiscuidade ou do mau cheiro. Somente se queixou do barulho que as outras presas faziam e pediu a uma amiga que lhe enviasse tampões de cera para os ouvidos.

Por outro lado, o Parlamento outorgou a Indira a mesma imunidade de que gozavam o presidente da República e os governadores dos estados. De maneira retroativa, a primeira-ministra foi absolvida das acusações de fraude eleitoral que pesavam sobre ela, e que haviam desencadeado o atual estado de sítio.

De novo Indira, guiada por seu instinto de sobrevivência, encontrava-se com o controle absoluto do país, agora mais que nunca, mesmo que a manipulação dos mecanismos democráticos estivesse granjeando a ela um número crescente de inimigos, dentro e fora da Índia. Mas, nos primeiros tempos, o estado de sítio foi visto com alívio por um lado da população, principalmente a classe média urbana. Até a própria Sônia, quando ia levar o menino ao colégio, tinha a impressão de estar em outra cidade, não na Nova Délhi dos últimos tempos. O ambiente era de uma tranquilidade impressionante. Não havia interrupções de trânsito, nem manifestações, nem protestos, nem arroubos de violência contra sua sogra. Até os táxis e os condutores de riquixás andavam do lado certo da estrada. Como ela, uma grande parte da população estava contente por as greves e os distúrbios terem acabado, por poder desfrutar de certa paz. Nas cidades, as pessoas celebravam o fato de se poder de novo caminhar sem medo, visto que o índice de criminalidade caiu vertiginosamente devido à maior presença policial e ao endurecimento da lei. Os funcionários públicos, cientes do novo ambiente de seriedade, faziam suas jornadas completas e trabalhavam com mais eficácia. Os trens e os aviões eram pontuais, para alívio dos usuários e também de Rajiv, que agora podia desfrutar de uma vida familiar mais estável, sem os atrasos dos últimos tempos, que o faziam voltar para casa a horas impossíveis. Cartazes enormes com a foto de Indira decoravam largos e praças: "A diferença entre o caos e a ordem", rezava um slogan junto a sua foto.

A idéia de que Indira havia restaurado a paz e a ordem no território calou também no exterior. Usha, sua secretária particular, era a encarregada de trazer, e ler ou apontar os artigos da imprensa internacional que tinham a ver com a atualidade indiana. Muitas vezes lia as manchetes ou as cartas que eram publicadas sentada na mesa da sala de jantar. "O governo autoritário ganha ampla aceitação na Índia", rezava uma manchete do The New York

Times. Mas havia outras manchetes abertamente hostis que provocavam inquietantes trocas de olhares entre Sanjay e sua mãe. Um dia, Usha estava sozinha em seu escritório quando Sônia entrou. As duas mulheres se apreciavam muito.

Usha, acho que é melhor você não ler as críticas que saem na imprensa estrangeira na frente de todos, e não digo isso por mamãe - como agora chamava Indira - e sim porque não quero que olhem torto para você.

Obrigada por me avisar - disse Usha, que também notara que o ambiente havia mudado e receava a influência de Sanjay sobre Indira.

PODIAM SILENCIAR AS VOZES CRÍTICAS NA ÍNDIA, mas não no exterior. Dorothy Norman, a velha grande amiga de Indira, mostrou-se abertamente hostil a ela. Reuniu assinaturas de personalidades norte-americanas - o escritor Noam Chomsky, o tenista Arthur Ashe, o Prêmio Nobel Linus Pauling, o pediatra Benjamin Spock etc. - para publicar um texto na imprensa deplorando as duras medidas do estado de exceção e exigindo sua suspensão. Entre os que aderiram, para maior humilhação de Indira, estava Allen Ginsberg, o poeta que havia conhecido em Londres quando fora inaugurar a homenagem a Nehru, e que anos depois havia cantado a tristeza dos refugiados de Bangladesh.

Isso doeu nela. A correspondência entre ambas acabou, e só seria retomada quatro anos depois. Sua outra amiga, Pupul Jayakar, enfrentou Indira quando voltou de viagem:

"Como é possível que você, filha de Jawaharlal Nehru, permita isso?". Indira não esperava, e ficou petrificada. Ninguém se atrevia a desafiá-la abertamente.

- Você não conhece a gravidade do que está acontecendo - respondeu. - Não conhece os complôs que existem contra mim. J. P. nunca gostou que eu fosse primeira-ministra.

Ele ainda não descobriu seu verdadeiro papel... O que quer ser? Um mártir? Um santo? Por que não aceita que não é mais que um político e que quer ser primeiro-ministro?

Indira comunicou-lhe que sua intenção era manter o estado de sítio durante dois meses apenas, e que, de qualquer maneira, aproveitaria esse tempo para lançar um programa de vinte pontos para tirar o país do subdesenvolvimento. Entre essas medidas, havia duas que eram

revolucionárias: tornar ilegal o trabalho escravo e o cancelamento das dívidas que os pobres tinham com os prestamistas das aldeias.

Pupul percebeu que era inútil discutir com Indira. A única coisa que podia fazer era ouvi-la para que sua amiga se sentisse livre para esvaziar seu coração com alguém de confiança. Pupul a conhecia bem e sabia como se sentia sozinha. Mesmo estando em profundo desacordo com ela, decidiu manter-se por perto.

Indira tinha a intenção de anunciar o fim da Emergency, como o estado de sítio era conhecido, em 15 de agosto de 1975, o mesmo dia e no mesmo lugar em que seu pai, 28 anos antes, havia feito o famoso discurso da independência: "Chega o instante, raramente oferecido pela História, quando um povo sai do passado para entrar no

futuro, quando uma época acaba, quando a alma de uma nação, longamente asfíxiada, torna a encontrar sua expressão..." Naquele momento histórico, essas palavras a haviam deixado paralisada de emoção. Declarara ao correspondente da BBC: "Você sabe, quando se vai de um extremo de dor a outro de prazer, ficamos intumescidos.

A liberdade é algo tão grande que custa assimilar".

Agora, enquanto seu carro circulava pelas largas avenidas de Nova Délhi, de onde os mendigos e as vacas errantes haviam misteriosamente desaparecido - esse foi um dos efeitos milagrosos da ordem imposta pelo estado de sítio - e se dirigia ao Forte Vermelho para devolver a liberdade ao povo, essa liberdade que havia sido obrigada a seqüestrar, seu chefe de protocolo deu-lhe uma notícia que a abalou profundamente. Sheikh Mujibur Rahman, seu amigo, o herói que ela havia restituído à presidência de Bangladesh, havia sido derrubado em um golpe militar. Mas isso não era o pior: Sheikh, sua mulher, três filhos, duas noras e dois sobrinhos haviam sido assassinados.

Os golpistas haviam se assegurado de que a dinastia Rahman não sobrevivesse.

Indira estava devastada. "Notei que havia algo estranho no momento em que começou seu discurso", contaria sua amiga Pupul, que estava entre a multidão do Forte Vermelho.

"O timbre de sua voz estava forçado como se estivesse tentando suprimir emoções poderosas. Essa voz havia perdido a capacidade de comover as pessoas." Pupul ficou ouvindo atentamente o discurso, no qual Indira falou

de liberdade, da necessidade de tomar decisões duras, das noções de sacrifício e de serviço, da coragem, da fé, da democracia... mas nem uma palavra sobre o final do estado de sítio.

Pupul foi vê-la à noite e encontrou-a em estado de choque. Indira tinha certeza de que a CIA estava envolvida nessas mortes (o que era verdade), e não queria acabar como Allende. Repetira isso recentemente ao líder trabalhista britânico Michael Foot. Pensava que o que acontecera em Bangladesh havia sido o primeiro elo de uma cadeia de complôs para desestabilizar o sul da Ásia e mudar a cor ideológica de seus governos. Tinha certeza de que ela seria a próxima vítima. O chefe do Serviço de Inteligência havia confirmado que descobriram várias conspirações para eliminá-la. Segundo Pupul, estava paranóica, suspeitava de todos, cada sombra escondia um inimigo.

- Em quem posso confiar? - perguntou-lhe Indira. - Meu neto Rahul tem a mesma idade que o filho de Sheikh Rahman. Amanhã poderia ser a vez dele. Querem me destruir a qualquer custo, a mim e a minha família.

Foi a primeira vez que Indira percebeu que não era só ela que estava em perigo pelo fato de ser primeira-ministra. Toda sua família, inclusive seus netos, estavam na mira, pensava. Era prisioneira em um círculo vicioso que já não sabia como romper. Nessas condições, pensou que não era o momento de suspender o estado de sítio.

Ao contrário, devia tomar medidas para se proteger intensificando as detenções sem julgamento e a atividade do Serviço de Inteligência.

Indira sentia-se segura no meio da multidão, mas dentro de sua casa, agora fortemente protegida, começou a sentir-se em perigo. A verdade é que estava doente de medo, cansada pelo exercício do poder, desgastada por tanta luta, desanimada pela falta de resultados. Era uma mulher intensamente patriótica e tinha uma fé absoluta no destino da Índia. Mas percebia que sua política esquerdista havia sido incapaz de tirar o país do atraso. Como fazer da Índia um país moderno, próspero e forte? Não sabia mais que fórmula utilizar, exceto a mão de ferro, que ia contra sua própria tradição.

Havia colocado a Índia, sua família e a si mesma em um beco do qual não sabia sair. Instintivamente, voltou-se para seus filhos. O mais velho, Rajiv, não podia ser de grande ajuda para ela. Havia expressado várias vezes sua discordância com a Emergency, inclusive em público, e sempre que podia diante de seus amigos. O contato entre ambos reduziu-se tanto que ele, que trabalhava muito e ficava pouco em casa, ficava sabendo das viagens e das decisões de sua mãe pelos jornais. Além do mais, Indira sabia que ele não era afeito a se apiedar dela. Até Sônia havia se compadecido de um antigo rival político que fora preso na primeira onda de detenções. "Deve ser terrível para você o fato de seu pai estar na prisão. Eu realmente sinto muito", dissera em uma recepção ao filho desse político, e a frase chegou aos ouvidos dos outros, que não tardaram a fazê-la circular pelas rodinhas de Nova Délhi. Indira não lhes guardava rancor por isso; sempre havia achado que Rajiv não servia para a política e que nem ele nem Sônia eram capazes de entender as profundas razões que a haviam levado a tomar essa decisão. Por outro lado, sabia que Sônia insistia em ir para a Itália por uma temporada com as crianças até que a situação se normalizasse.

Nada contagia tanto quanto o medo...

Restava o mais novo, Sanjay, seu favorito. Via-o cheio de energia, forte, fiel. Arrogante, é verdade, capaz de pisar na bola como ninguém, mas um filho em quem podia confiar, que estava a seu lado e que assumia seus problemas. E que, pensava ela, sempre poderia controlar. Além do mais, havia outra razão, que nada tinha a ver com o sentimentalismo de uma mãe. Sanjay era ferozmente anticomunista e defendia uma política liberal que fomentasse a iniciativa privada e o espírito empreendedor dos indianos. Sua experiência com o Maruti o havia convencido ainda mais da necessidade de livrar o país

de tantos obstáculos burocráticos. Indira pensou que podia usar seu filho para abrir a economia e dar uma guinada para a direita. E não só por pura convicção, mas por necessidade política. De fato, radicais comunistas haviam se infiltrado em seu partido e lutavam por "eliminar a propriedade privada como direito fundamental" na Constituição, entre outras medidas de cunho marxista que queriam impor. Indira os havia controlado alegando que qualquer atalho que não respeitasse o procedimento democrático era perigoso. Mas constituíam uma ameaça capaz de provocar uma cisão no Congresso. Apoiando-se em seu darling boy Sanjay, pensou que poderia opor-se a eles.

Indira tinha tanto medo que acontecesse alguma coisa com seu filho que lhe pediu que mudasse de quarto. "Não quero que continue aqui, tão perto da entrada principal e da rua, não é um lugar seguro", disse. "Melhor que se mudem para o quarto do fundo do corredor, ao lado do meu." A uma amiga que lhe perguntou a razão dessa mudança, respondeu: "Não me sinto muito bem, durmo em meu quarto e Sanjay no do lado. Se me acontecer alguma coisa durante a noite, posso chamá-lo logo." A realidade era que Indira se enrolava em Sanjay como em um desses xales de pashmina da Caxemira de que tanto gostava, e fazia isso para se proteger do frio que sentia na alma, sem perceber que esse filho era seu maior problema e, em certo sentido, sua maior ameaça.

SANJAY FICARA SEM DINHEIRO E, certo de que já não sairia nenhum veículo Maruti da fábrica, estava vendendo a estrutura como ferro-velho. Havia deixado na mão os concessionários que haviam se endividado com os bancos para construir lojas chamativas, e que agora se viam forçados a vender suas propriedades para pagar esses empréstimos. Como se fosse pouco, Sanjay mandou prender os dois únicos concessionários que tiveram a ousadia de exigir o adiantamento que haviam pago.

Com o desastre do Maruti, os carros haviam deixado de lhe interessar. Então resolvera voar, como seu irmão. Antes da Emergency, havia tirado brevê de piloto particular e, como gostava de velocidade, logo se apaixonou por voo acrobático. Sua fraqueza por aparelhos cada vez mais rápidos e o excesso de confiança que tinha em suas próprias habilidades assustavam a maioria de seus conhecidos e amigos, que tinham medo de voar com ele. Maneka

acabou sendo sua única passageira.

Sanjay precisava de uma desculpa para atuar paralelamente a sua mãe. Para justificar seu poder extraconstitucional, Indira decidiu colocá-lo à frente de uma organização moribunda, o Youth Congress (a ala juvenil do Partido do Congresso), e em uma cerimônia em Chandigarh, a ultramoderna capital do Punjab projetada por Le Corbusier, foi nomeado membro do Comitê Executivo. Mas todos interpretaram a mensagem subliminar: Sanjay era oficialmente o herdeiro de Indira. A primeira-ministra, que havia sido desapiedada com os príncipes porque antepunham o nascimento ao talento, sucumbia agora à mesma tentação e instaurava a dinastia.

Rajiv e Sônia assistiam assombrados e desgostosos ao auge de Sanjay, confusos e muitas vezes constrangidos. A imprensa chamava-o de "Messias", "o Sol" ou "a voz dos jovens e da razão". Estava sempre cercado de adutores que chamavam de chamchas, o que em híndi significa colher, aludindo ao movimento curvo que a manipulação desse talher exige. Eram indivíduos resistentes sob um aspecto dócil, habilidosos na manipulação, sem conhecimento real dos desafios do governo, com pouca educação e formação, assim como Sanjay. Uma mistura de políticos, amiguinhos e encenqueiros. Só o que lhes interessava era tirar partido de sua relação com o poder. Começaram encarregando-se de revitalizar os cofres do Youth Congress organizando-se em brigadas que exigiam doações, quase sempre de maneira intimidativa. Os comerciantes de Délhi queixavam-se a Rajiv ou a Sônia de que os rapazes do Youth Congress os extorquiam. Mas os protestos de Rajiv caíam em um saco furado.

- Não acredite nas mentiras que as pessoas dizem - respondia invariavelmente o irmão. A questão é que ninguém parecia se responsabilizar pelo ruim, só pelo bom.

Porque também havia algo de bom nas intenções de Sanjay que, imediatamente após ser nomeado para esse cargo, acrescentou quatro pontos ao programa de sua mãe, que ele mesmo se encarregou de executar. Os quatro pontos eram: lutar contra as favelas ilegais em uma campanha para embelezar as cidades; erradicar o analfabetismo e o sistema de dote e fomentar o planejamento familiar.

Em tese, ninguém discordava dessas medidas, sobretudo da luta contra a superpopulação, causada em parte pelo sucesso dos programas de saúde que haviam conseguido reduzir muito a mortalidade infantil e que fizera

aumentar a esperança de vida de 27 para 45 anos em duas décadas. Em suma, havia mais gente vivendo mais anos reprodutivos.

Os progressos na agricultura, na indústria e na educação não podiam acompanhar o ritmo da demografia. Havia mais riqueza, mas também mais pobreza. Mais educação, mas também mais analfabetos. "Hoje, cria-se um milhão de postos de trabalho, e já temos 10 milhões procurando esses postos", dissera Sanjay. "De nada adiantam o desenvolvimento industrial e o aumento da produção agrícola se a população continuar crescendo no ritmo atual." Ele tinha razão, assim não havia maneira de sair da pobreza. Não foi na idéia, que era óbvia, e sim em sua aplicação que Sanjay foi por um mau caminho, conseguindo desacreditar completamente o estado de sítio, e de quebra, sua mãe.

No FIM, FORAM os POBRES, a quem se supunha que o estado de exceção devia ajudar, que mais sofreram. Os homens de Sanjay escolheram a esterilização como método mais apropriado para reduzir a população da Índia. Os demais métodos de planejamento familiar haviam dado poucos resultados. A pílula não estava disponível ainda e o diafragma era impossível de ser usado por camponesas que viviam sem privacidade alguma. Durante uma temporada, os preservativos alimentaram a esperança de controlar a natalidade. Chegavam às aldeias elefantes com carregamentos de preservativos que deviam ser distribuídos gratuitamente à população, mas as crianças descobriram que era muito divertido inflá-los e amarrá-los em pauzinhos para brincar, de modo que os interceptavam. A ninguém escapava a ironia do slogan do governo que dizia que o planejamento familiar gerava crianças felizes... A esterilização masculina era o método mais barato, eficaz e seguro. Além do mais, havia dinheiro do Ocidente para executar esses programas.

Sanjay começou a percorrer o país, estimulando os chefes de governo locais a irem além do que os outros faziam. "O chefe de Haryana conseguiu 60 mil cirurgias em três semanas, vamos ver quantas vocês conseguem!" dizia. Os objetivos a atingir eram anunciados aos diversos chefes de distrito, que recebiam uma recompensa se os ultrapassassem, ou, ao contrário, eram transferidos ou rebaixados se não os alcançassem. Um sistema assim fomentava o abuso de poder. Modestos funcionários do governo tiveram que

se submeter ao bisturi do cirurgião para receber pagamentos atrasados. Os caminhoneiros e condutores de riquixás não tinham a licença de circulação renovada se não apresentassem um certificado de esterilização.

A mesma condição era aplicável aos favelados que solicitavam uma escritura de propriedade de seus barracos para regularizar sua situação. Um antropólogo chamado Lee Schlesinger foi testemunha, depois de uma visita relâmpago de Sanjay Gandhi à aldeia onde realizava suas pesquisas, do modo como a campanha começou. Oficiais locais prepararam listas de "candidatos" - os que tinham já três ou quatro filhos - e uns dias depois apareceram caminhonetes da polícia para levá-los ao centro de saúde mais próximo, de onde, em troca de 120 rupias, uma lata de óleo de cozinha ou um rádio, saíam esterilizados. Mais tarde, alguns homens, quando ficavam sabendo que a caminhonete estava a caminho, fugiam para as montanhas. Outros, porém, deixavam-se operar duas vezes para ganhar mais de um prêmio.

Nas cidades, o medo se apoderou das pessoas. Délhi ficou sem trabalhadores, o que era insólito em uma cidade onde as pessoas chegavam do campo à procura de trabalho.

Os imigrantes retornaram a suas aldeias para evitar a fatal incisão em seus genitais. Em novembro de 1975, a comemoração do aniversário de Nehru - que incluía lanche grátis para centenas de crianças, teve que ser cancelada porque as mães se negaram a mandar seus filhos homens com medo de que os "médicos de Sanjay Gandhi" os esterilizassem.

Rapidamente, o certificado oficial de esterilização transformou-se em um requisito indispensável para vencer as necessidades da vida cotidiana.

ERA INEVITÁVEL QUE UMA CAMPANHA assim topasse rapidamente com uma forte resistência, principalmente com a difusão do falso rumor de que a esterilização derivava em impotência. Para lutar contra essa resistência, o governo estabeleceu um sistema de cotas por meio do qual os salários de policiais, professores, médicos e enfermeiras eram pagos só depois de motivarem certo número de pessoas a se submeter a uma vasectomia. Como não podia ser de outra maneira, as vítimas dessa desapiadada política foram os mais fracos, os mais pobres, os grupos sociais mais marginalizados, como os intocáveis ou certas comunidades muçulmanas e tribais que, a princípio, eram os que sempre haviam apoiado

Indira incondicionalmente. Não entendiam como sua deusa, em quem sempre haviam votado, podia castigá-los assim.

Esse era o prêmio que recebiam por sua lealdade?

Os indianos não estavam acostumados que o Estado determinasse o tamanho de suas famílias. A Índia não era uma ditadura como a China, onde as decisões tomadas no topo podiam ser executadas à força. Essa tradição ditatorial não existia. Na Índia, os filhos eram um recurso muito valioso, algo assim como "a previdência dos pais", porque desde pequenos trabalhavam nos campos, nas oficinas, nas tecelagens, ou mendigando nas ruas. As famílias eram grandes porque mais filhos significavam mais braços, e, como consequência, mais recursos. Para os pobres camponeses, trabalhadores e mendigos sem lar, a possibilidade de ter filhos representava quase o único ato de liberdade individual de que poderiam desfrutar na vida. Tirar dos pobres o prazer de fazer e de ter filhos era tirar deles a única coisa que tinham. Mas, claro, isso Sanjay não podia ver, pois seu coração estava cego ao sofrimento dos pobres. Também não tinha experiência em governar, na arte de manipular oficiais e burocratas. Ao tentar sacudir a estratificada hierarquia administrativa para torná-la eficaz, utilizando métodos como a ameaça de transferência, os duvidosos incentivos à esterilização ou a ameaça de ser investigado pelas autoridades fiscais, o que conseguiu foi que essa tácita irmandade de burocratas, que se mantinha unida por laços invisíveis havia séculos, se unisse ainda mais para se defender dos ataques. Por um lado o adulavam, por outro o boicotavam. E ele era muito ingênuo para perceber isso.

Quanto a sua mãe, optou por não acreditar no que lhe contavam. Completamente afastada da realidade pela corte de adutores de seu filho, que lhe garantiam que os informes de abusos eram baseados em rumores não comprovados, Indira via as críticas como ataques pessoais, e as descartava com uma canetada.

As pessoas exageram muito - dizia a Rajiv quando se cruzavam em casa, repetindo as palavras de Sanjay. - Não se deve acreditar no que dizem.

Acabo de voltar de Bhopal - insistia Rajiv - e lá os muçulmanos estão aterrados. Dizem que os hindus manipulam a campanha contra eles... Precisamos tranquilizar essa gente antes que transformem isso em um conflito entre comunidades.

O que se deve fazer é limitar a população a qualquer preço. Não há saída para a Índia se não conseguirmos isso.

Rajiv também percebia que falar com sua mãe era impossível. Não admitia que ninguém a contradissesse. Tudo para ela era vendetta política, ou sobrenatural, o que era especialmente preocupante. A influência de seu professor de ioga, o guru Dhirendra Brahmachari, era maior que nunca. O homem se aproveitava da solidão da primeira-ministra.

Chegou a ter acesso mais fácil a Indira que seu próprio filho Rajiv. Ele soube aproveitar a seu favor essa proximidade com o poder, porque, durante o estado de sítio, foi acumulando uma pequena fortuna, tanto que lhe permitiu comprar um avião. Na cidade, era conhecido como "o santo voador". Rajiv e Sônia detestavam-no porque percebiam como estava se aproveitando de Indira. Estiveram observando-o: primeiro ele a assustava falando de complôs sobrenaturais contra ela e Sanjay, e a seguir a convencia a aceitar recitar certos mantras e proteger-se, assim, daqueles que buscavam sua destruição. Dessa maneira, mantinha uma notável influência, da qual Indira não conseguia se livrar. Quando Sônia e Rajiv tentavam alertá-la, trancava-se em um de seus famosos silêncios. Sônia não podia suportar a presença do guru em casa, que exigia comida e bebida a seu bel-prazer. Estava cada vez mais gordo, fruto de seu voraz apetite, e não tinha modos.

É um porco! - diziam enojados ao vê-lo comer.

Não sei como minha mãe o agüenta... - dizia Rajiv. - Vive trancada em uma torre de marfim, e, se seu único contato com o mundo são Sanjay e o guru, estamos fritos!

Vamos para a Itália, Rajiv, vamos dar às crianças um pouco de vida normal. Quando lhe contaram, a expressão do rosto de Indira mudou por completo, tanto que imediatamente se arrependeram de ter sequer mencionado a idéia. Compreenderam, ainda antes de Indira pronunciar uma palavra sequer, que aquilo seria difícil, para não dizer impossível.

Eu entendo, Sônia, entendo que esteja farta de viver neste ambiente - disse Indira - que tenha que ouvir todas essas críticas infundadas que se vertem sobre mim, entendo que tenha vontade de ir embora para a Itália... Mas imaginam o que diriam aqui se vocês fossem embora agora? Interpretariam isso como uma deserção, como uma obscura manobra minha... "Manda os filhos para a Europa, depois é a vez dela... está preparando sua fuga"; já

posso ouvir o que dirão...

É que pensamos que isso é algo que podemos fazer agora que as crianças são pequenas - disse Sônia. - Depois, será impossível...

Não podem esperar um pouco?

Sônia olhou para Rajiv e baixou a cabeça. Ele estava pensativo. Sônia adivinhou como devia se sentir por dentro. Indira prosseguiu:

É que o momento é tão ruim...

Eu entendo, e a última coisa que queremos é prejudicá-la - disse a italiana levantando-se antes mesmo de Rajiv tomar a palavra.

Em momentos difíceis, a família tem que se mostrar unida. É importante que as pessoas, que o povo perceba isso.

Sônia fez um gesto de aprovação com a cabeça.

Não se preocupe, mamãe, vamos ficar - disse ela com um sorriso de compreensão.

O que não se mencionou na conversa era igualmente importante. Além do medo de que acontecesse alguma coisa, Sônia queria ir embora por um tempo porque estava farta do comportamento de sua cunhada Maneka, que a chamava pejorativamente de "italiana" e que agia com uma insolência digna de uma rainha consorte ao abrigo de seu marido, deus ex machina do estado de sítio. Por sua vez, Indira também não mencionou o horror que lhe causava separar-se de seus netos, a quem adorava. Brincava com eles, às vezes os levava a seu gabinete, orgulhava-se de apresentá-los às pessoas. Eram sua grande paixão. A verdade é que Indira havia se transformado em uma matriarca tão possessiva e protetora quanto havia sido seu avô Motilal Nehru, o antigo patriarca do clã.

Foi um pobre indivíduo, com as solas de suas sandálias gastas pelos cinco dias de caminhada que levava para chegar até o gabinete da Akbar Road, que abriu os olhos de Indira para a realidade dos abusos cometidos em nome da Emergency. Era um jovem professor de uma escola que vinha de uma aldeia perdida. Um homem inocente, idealista e lutador, que foi contar a Indira que o haviam esterilizado à força, a despeito de ter só uma filha. A polícia o havia espancado e o levava a um ambulatório junto com outros moradores da aldeia. Contou o desespero de sua esposa e de toda a família por não poder ter mais descendência, principalmente um filho homem.

Falou de aldeias inteiras que a polícia cercava à noite para perseguir os homens e esterilizá-los. Pela primeira vez, Indira ouviu de viva voz o testemunho de uma vítima de sua política e saiu abalada do encontro. "Sim", admitiu, "talvez Rajiv e tantos outros tenham certa razão, afinal." Estava horrorizada com o que o professor contava sobre outros professores que haviam sido surrados por não atingirem sua cota de voluntários para a vasectomia. De repente, a verdade a assaltava com toda sua crueza pela boca daquele homenzinho valente e ossudo. Não havia mais desculpas: "Temos que mandar uma mensagem urgente e taxativa a todos os chefes de governo regionais", ordenou a seu secretário, "dizendo que qualquer indivíduo surpreendido em ato de violência enquanto aplica o programa de planejamento familiar será castigado". Por fim, Indira estava reagindo.

Sônia achou, então, que ela adotaria alguma medida para deter Sanjay, mas enganou-se. Ela não fez nada. "Como pode o amor por seu filho cegá-la tanto?", perguntava-se.

"Será que vai acontecer a mesma coisa comigo em relação a Rahul?"

Espero que não, que você nunca perca a objetividade - dizia Rajiv, que suportava cada vez mais dificilmente a situação.

Já praticamente não falava nem com seu irmão nem com Maneka. Abominava os métodos e o estilo de Sanjay e sentia-se impotente para mudar as coisas. Impotente perante sua mãe: "Sanjay é que consegue resultados", Rajiv a ouviu dizer, aludindo aos quase 4 milhões de indianos que haviam sido esterilizados nos primeiros cinco meses do estado de exceção. A esse ritmo, a meta de alcançar 23 milhões em três anos estava em vias de se cumprir, por isso Indira, no fundo, estava satisfeita. O próprio Rajiv, graças às relações que tinha com seus colegas e na empresa, percebia antes que sua própria mãe o desastre que se avizinhava. Sabia que os contadores de histórias, os sábios mendicantes e os adivinhos narravam nos quatro cantos desse país continente, às vezes distorcendo e exagerando os fatos para dar-lhes uma dimensão épica, os abusos e sofrimentos que a campanha de esterilização havia desatado. O terror que essas histórias invocavam e a insegurança que geravam abalavam a confiança que as pessoas depositavam em seus governantes. O estado de sítio começava a se voltar contra o poder, contra Indira. Mas a primeira-ministra não percebia

isso.

Meu irmão e minha mãe estão traindo o legado da família - Rajiv repetia a Sônia em um tom de voz desesperado.

Estava preso em uma situação sem saída. Não podia ir embora, e ficar repugnava-o. Não gostava que o relacionassem a tudo o que estava acontecendo. A despeito de ter uma das profissões mais neutras do mundo, era inevitável que os colegas e as pessoas em geral o pusessem no mesmo saco que seu irmão. Não se importava de enfrentar Sanjay...

-Você está traindo o vovô! - jogou-lhe várias vezes na cara.

Estamos modernizando este país! - replicava Sanjay.

Estão pondo as pessoas contra vocês!... O fim não justifica os meios. Mas dizer a mesma coisa a sua mãe era impossível para Rajiv. Um filho indiano não enfrenta seus progenitores. Certa submissão à figura dos pais é um traço que faz parte do acervo cultural mais profundo da Índia.

Sônia sabia, por isso procurava não pôr mais lenha na fogueira. Tinha fé em que o passar do tempo acabasse arranjando as coisas. Fugindo da tensão latente, refugiaram-se em seus aposentos no fundo da casa, participando o mínimo possível da vida comunitária. Já não sentiam que esse lar lhes pertencia, como antes. O escritor Kushwant Singh, um assíduo visitante da casa, chegou um dia para ver Maneka enquanto Rajiv e Sônia comemoravam o aniversário de um de seus filhos: "Percebi que as crianças e cada uma das mulheres ocupavam lugares afastados da casa e que tinham pouco a ver uns com outros". As brigas dos cães refletiam a tensão de seus moradores. Sanjay e Maneka tinham dois lebréis irlandeses "grandes como asnos", segundo contava o escritor, que ficou vários minutos paralisado de terror na sala quando o deixaram com uma xícara de chá na mão junto com os cães. Foi Indira quem o salvou dessa situação levando-os para o jardim. Em contraste, Sônia tinha uma cadelinha salsicha chamada Reshma, e Zabul, um afegão manso. Quando os cães se pegavam, Sônia, horrorizada, intervinha para separá-los, enquanto Maneka contemplava a cena imperturbável, porque sabia que seus cães eram mais fortes.

Apesar da agressividade latente, dentro do lar, os Gandhi tentavam fugir da

confrontação direta. A comunicação reduzia-se a bilhetes, sempre educados, para expressar queixas e discrepâncias: "Ontem você deixou o cachorro solto dentro de casa, por favor, não torne a fazer isso, pois as crianças se assustam". Maneka lia o bilhete, mas não se importava.

Rajiv e Sônia encontraram apoio em seus amigos, dentre os quais se encontravam Sabine e seu marido, bem como um casal italiano recém-chegado, Ottavio e Maria Quattrochi, muito espirituosos e simpáticos, com quem saíam bastante para jantar. Também faziam parte desse grupo um piloto da Indian Airlines, um casal indiano composto por um homem de negócios e uma decoradora muito amiga de Sônia, um jornalista e sua mulher editora e mais um casal. Sônia ria muito com seu conterrâneo Ottavio Quattrochi, um experiente homem de negócios, representante de grandes empresas italianas, dotado de um refinado senso de humor. Os amigos ajudavam a suportar a desagradável situação familiar.

SÔNIA SOUBE DO QUE ESTAVA acontecendo na Velha Délhi por uma amiga indiana que a avisou por telefone. Disse que seu motorista e seu cozinheiro, ambos muçulmanos, haviam pedido ajuda, sabendo que se relacionava com a família de Indira. Ambos estavam horrorizados porque, segundo diziam, "os homens de Sanjay estavam arrasando o bairro". Queriam que sua "senhora" intercedesse para salvar suas casas. Sônia não sabia nada sobre isso.

Sempre somos os últimos a saber. Você sabe como está a situação em casa, não sei se poderemos fazer alguma coisa.

Quando indagou, soube que Sanjay havia ordenado a demolição do bairro, um labirinto de becos, antigos edifícios em ruínas e favelas insalubres. Um bairro sujo, congestionado e contaminado, mas com alma de cidade velha. Fazia parte de seu programa de "embelezamento de cidades". Os moradores haviam se rebelado jogando pedras, tijolos e até coquetéis molotov nas escavadeiras. Uma turba de mulheres havia cercado a clínica de planejamento familiar gritando slogans e ameaçando esterilizar os funcionários.

A polícia não tardou a chegar, e dispersou a multidão com gases

lacrimogêneos. Desatou-se uma batalha campal cujo saldo foram centenas de feridos e uma dezena de mortos, dentre os quais se encontrava um menino muçulmano de treze anos que olhava para os distúrbios como se fosse um filme. No final, a polícia impôs o toque de recolher para que as demolições pudessem prosseguir. Quando Sônia lhe contou tudo isso, Rajiv exasperou-se.

Como é possível que minha mãe permita que destruam essa área, uma das partes que ela mesma protegeu na época dos distúrbios da Partição?

DESSA VEZ, RAJIV ATREVEU-SE a dizer a sua mãe:

O programa de embelezamento de cidades está causando um enorme mal-estar entre a população, os pobres são forçados a abandonar seus barracos sem tempo de pegar

suas coisas... Foram arrasados centenas de milhares de barracos, até os empregados de nossos amigos estão ligando para que façamos alguma coisa...

Indira ouviu-o sem dizer nada. Rajiv prosseguiu:

O vovô convenceu esses moradores, na maioria muçulmanos, a ficar e não fugir para o Paquistão. Isso você sabe, mamãe. Prometeu-lhes proteção. E agora o neto dele os está expulsando a paulada! Indira mandou chamar Sanjay, que imediatamente desmentiu as acusações de seu irmão.

Bobagens! - insistiu o jovem. - Todos os desalojados receberam alojamento alternativo. Indira acreditou nele.

Neste país, há uma grande resistência à modernização - murmurou. Ela sempre acreditava em Sanjay quanto a assuntos de política ou da rua. Acreditava em Rajiv quando algo se estragava em casa; só então sua palavra valia ouro.

O que Sanjay havia dito era uma meia verdade. Na Velha Délhi, mais de 70 mil pessoas, dentre as quais se encontravam o cozinheiro e o motorista da amiga de Sônia, haviam sido obrigadas, sob a mira do fuzil, a entrar em caminhões para serem conduzidas a suas novas "residências", um eufemismo para designar ínfimas parcelas de terra cercadas de um alambrado do outro lado do rio Yamuna, a uns 20 km da cidade. Cada

família tinha direito a um lote de tijolos para construir seu novo refúgio e a cartões de racionamento para comprar materiais e comida. Mas, enquanto isso, não tinham teto para se abrigar.

No fim, quem fez Indira ver a verdade sobre as barbaridades que estavam acontecendo foi sua amiga Pupul. Ela voltou escandalizada de Varanasi, a cidade sagrada às margens do Ganges. O assombroso, o maravilhoso de Varanasi é que a vida continuava praticamente igual desde o século VI a.C. Porém, Pupul havia visto com seus próprios olhos escavadeiras destruindo edifícios antigos para alargar o Vishwanath Gali, um beco estreito, serpeante, pavimentado com velhas pedras de rio que brilhavam por uma patina produzida pelos pés de incontáveis gerações de peregrinos e que atravessava o coração da cidade. Uma rua onde as vacas tinham preferência desde o amanhecer dos tempos, e que ascetas percorriam com o corpo coberto de cinzas e o cabelo emaranhado, camponeses recém-casados de braços dados com suas mulheres, avós com seus netos e idosos que vinham de muito longe para chegar ao templo de Vishwanath, o senhor do Universo. Considerado o mais sagrado do mundo pelos fiéis hindus, esse templo abrigava uma pedra de granito polido, a relíquia mais preciosa de Varanasi, o lingam original, um emblema fálico que simboliza a potência vital do deus Shiva, representante da força e do poder regenerador da Natureza.

Ao prostrar-se e oferecer-lhe água do Ganges, os fiéis hindus expressavam, assim, uma das mais antigas formas do fervor religioso hindu. Varanasi, e o templo de Vishvanath em particular, eram o centro desse culto. Havia lingams e yonis (o equivalente feminino) em todos os lugares, nos templos, nos pequenos altares embutidos nas fachadas dos edifícios, nos degraus dos ghats, essas escadas monumentais de pedra que mergulham nas margens como raízes gigantescas, selando, assim, a união de Varanasi com o mais sagrado dos rios. Todas as manhãs, desde que o homem tinha memória, milhares de hindus untavam com devoção a superfície polida dos lingams com pasta de sândalo ou com óleo. Trançavam coroas de jasmim e de cravo-da-índia que colocavam com esmero ao redor da pedra ereta junto a pétalas de rosa e folhas amargas de bilva, a árvore preferida de Shiva.

Queremos alargar a rua para que possam circular carros - disse a Pupul o

delegado da corporação municipal que a acompanhava. Ela ficou gelada. E o que vão fazer com os templos, com os deuses, com todos esses altazinhos?

Vamos mudá-los de lugar, está prevista uma estrutura de concreto para colocá-los todos dentro.

Mas não podem, são os guardiões da cidade, não os podem mudar assim como se não fosse nada... Pupul estava tão indignada que não encontrava as palavras. O homem, a seguir, acrescentou:

É que Sanjay quer embelezar a cidade.

Mas não se pode brincar com Varanasi, é a mais sagrada das cidades sagradas... Não se pode brincar com a fé das pessoas.

Pupul entendeu que era inútil tentar convencer o delegado, que se limitava a cumprir instruções. Abalada e nervosa, pediu-lhe que suspendesse as atividades de demolição até que ela regressasse a Délhi e falasse com a primeira-ministra. O homem concordou.

Quando Indira viu as fotos de Pupul e ouviu seu relato, "subiu pelas paredes", segundo sua amiga. "Nunca a havia visto tão enfurecida. Pegou o telefone e pediu a

seu secretário que a pusesse em contato com o chefe de governo do estado de Uttar Pradesh. Explodiu quando falou com ele: Você não sabe o que está acontecendo em

Varanasi?, perguntou, antes de mandar que a fosse ver imediatamente em Nova Délhi. A seguir, desligou e cobriu o rosto com as mãos: O que está acontecendo neste país? Meu Deus, ninguém me conta nada."

Quando o chefe do governo de Uttar Pradesh soube do que estavam tentando fazer com Vishwanath Gali, ficou mudo de estupefação. Ele também não sabia do que estava acontecendo. Quem havia dado as ordens? Todo o mundo sabia que vinham de Sanjay, mas sua autoridade era difusa e difícil de rastrear. Era impossível conseguir explicações suas. Raras vezes falava em público, mal dava entrevistas, e quando o fazia eram penosas. Sua assinatura nunca aparecia em papéis oficiais. Era a sombra que reinava na escuridão do estado de sítio. Os funcionários subalternos, encarregados de cumprir suas ordens, desmanchavam-se em zelo para cair nas boas graças dele e interpretavam as ordens a sua maneira, sendo ainda mais intransigentes do que lhes exigia. O poder subia à cabeça de muitos, e se transformavam em seres tirânicos, brutais e incontrolláveis.

Na época da Emergency, Rajiv passou do Avro a copiloto do Boeing 737, que a partir de então comporia o grosso da frota da Indian Airlines. Depois de um de seus vôos a Bombaim, enquanto ia para o hotel na caminhonete da companhia para passar a noite, uma longa caravana de motos e carros de polícia, com as sirenes ululando e as luzes giratórias iluminando o ar brumoso, obrigou seu veículo a parar. O destacamento era impressionante, "VIP!", disse o motorista, aludindo à passagem de uma personalidade importante. Quando quis seguir caminho, um policial desviou-o para uma viela adjacente. "Quem é?" perguntou o motorista ao policial.

WIP! - respondeu. - Shri Sanjay Gandhi!

Rajiv, sentado na parte de trás, ergueu os olhos para o céu. Assim circulava seu irmão, como se fosse o homem mais poderoso da Índia, mesmo que não tivesse autoridade formal nem no Partido nem no governo. O motorista não perdeu a oportunidade de espetar seu passageiro:

Irmão mais novo passa, irmão mais velho desviado para os becos... O que você acha?

Assim é a política! - respondeu Rajiv com humor, no fundo satisfeito por não precisar fazer parte desse circo.

Inacessíveis ao desalento provocado pelas críticas da oposição, Sanjay e Maneka faziam turnês pelo país como se fossem um casal real, supervisionando tudo, dando ordens e instruções e sendo adulados por obsequiosos funcionários, ministros e chefes de governo regionais. A imprensa cobria as viagens detalhadamente.

"Sua imagem brilha com luz própria", declarava um semanário. "Sanjay está firmemente estabelecido no coração das pessoas", rezava outra manchete. A realidade era bem diferente: naquela época, Sanjay era, talvez, o homem mais odiado da Índia.

Prova de seu imenso poder era, por exemplo, o fato de Bansi Lal, o gordo chefe de governo de Haryana e amigo seu, que fora nomeado ministro da Defesa, antes de decidir a quem promoveria a almirante, levar seus dois candidatos a Sanjay para que este os entrevistasse. Ou quando Sanjay visitou Rajasthan e teve que inspecionar quinhentos arcos erigidos em sua homenagem. Uma recepção similar esperava-o em Lucknow, e ali aconteceu um incidente muito revelador da aura que emanava de seu poder. Quando

perdeu uma sandália na pista do aeroporto, foi o próprio chefe de governo de Uttar Pradesh quem se agachou para pegá-la, e entregou-lha reverencialmente.

A família de Maneka, especialmente a mãe, viu-se lançada ao estrelato. "De ninguém, passou a ser a principal dama de honra da imperatriz da Índia, Indira Gandhi", lembra o escritor Kushwant Singh. "Tornou-se arrogante além do imaginável." Conheceu-a um domingo quando, acompanhada de sua filha, foram visitá-lo. Ambas queriam fundar uma revista semanal de informação e entretenimento e Sanjay havia sugerido que o fossem ver para pedir-lhe conselho e envolvê-lo no projeto. Kushwant Singh aceitou a tarefa, lisonjeado de encontrar-se tão próximo a Indira e a seu filho. "Senti que Maneka exigia muito de Sanjay e que ele queria envolvê-la em qualquer atividade que reduzisse sua pressão sobre ele", diria o escritor. A revista, praticamente escrita, revisada e editada por Singh, foi um sucesso, o que deu a Maneka um poder que não tivera antes e uma relevância social que a fazia feliz. O sucesso de Surya, como se chamava sua revista, não confirmava que ela era a digna esposa do homem mais influente do país? Em casa, esse acontecimento traduziu-se em um comportamento ainda mais arrogante. Comparada a ela, quem era essa italiana que só gostava de cozinhar ou de ficar em casa? Agora, mais que nunca, mostrava seu desdém para com seus cunhados. Nem sequer as crianças se livravam. Um jovem membro do Congresso foi testemunha de uma cena reveladora do caráter da "primeira dama", como alguns a chamavam. Tocou o telefone e o rapaz atendeu, mas logo Maneka arrancou-lhe o fone das mãos.

Era uma ligação para seu sobrinho Rahul. "Aqui não mora nenhum Rahul!", exclamou, simplesmente porque nesse momento não queria ser interrompida.

Como podem viver assim? - perguntou a Rajiv e Sônia uma amiga íntima. - Por que não se mudam para outra casa?

Não posso fazer isso com minha mãe - respondeu Rajiv.

Era verdade. Nesse momento, pelo menos, não podiam. Viam que Indira estava mudando e prestes a reagir. Já chegara a ela informação suficiente para que finalmente admitisse a veracidade dos abusos cometidos em nome das campanhas de seu filho. Começou a duvidar de seus conselheiros e a ouvir as pessoas de fora. Afetada pela crescente ira que sentia ferver no povo, já não encontrava justificativa para prosseguir com as medidas repressivas. Também se sentia afetada pelos contínuos pedidos de diferentes personalidades dentro e fora da Índia para suspender o estado de sítio. Seu

tio

B. K. Nehru, embaixador na Inglaterra, falou-lhe francamente e sem rodeios da imagem ruim que a Índia tinha agora, pois já não era considerada um farol de civismo brilhando em meio às ditaduras da Ásia.

Indira já havia adiado as eleições em duas ocasiões, a pedido de Sanjay, mas da segunda vez contrariada. Achava que adiar-las era mandar um sinal errado para a sociedade, como se estivesse com medo de enfrentar o povo. Havia proclamado o estado de sítio como medida transitória, mas não queria transformar a Índia em uma ditadura. A imagem de "ditadora benévola" que lhe chegava do exterior perturbava-a muito. Que diria seu pai! Às vezes, parecia-lhe ouvir a voz de Nehru das profundezas de seu ser, incitando-a a tomar uma decisão seguindo sua consciência. Além do mais, Indira notava que perdera a conexão íntima com essa "extensa massa de humanidade indiana", e queria recuperá-la. Sentia falta das multidões, precisava voltar a vibrar com o clamor e o amor do povo. Tinha saudade de seus sucessos eleitorais anteriores...

Como estava longe o triunfo apoteótico de 1971!

Sanjay, como era de se esperar, opôs-se terminantemente aos desígnios de sua mãe.

Está cometendo um erro imenso - sentenciou. - Você pode perder as eleições, e o que acontecerá, então? O informe que recebeu do Serviço de Inteligência assegura que o Congresso perderá.

Não confio nesses informes - respondeu Indira. - O Serviço de Inteligência está infiltrado por extremistas hindus. Dizem o que querem...

Não pode esperar antes de suspender o estado de sítio?

Esperar o quê?

Esperar que alguns prisioneiros políticos sejam libertados, que os ânimos se acalmem. Não que estejamos contra as eleições - Sanjay falava também em nome de seus protetores e comparsas Bansi Lal e o secretário Dhawan, que agora tinham medo de ser vítimas de eventuais represálias - mas seria melhor soltar a oposição primeiro e esperar um ano para que esqueçam os problemas e acabem os rumores.

Indira ficou olhando para ele em um de seus longos silêncios, um silêncio denso que falava de sua determinação com mais contundência que se houvesse respondido.

MAS DESSA VEZ INDIRA NÃO O OUVIU. NO dia seguinte, 18 de janeiro de 1977, surpreendeu toda a nação anunciando eleições gerais ao cabo de dois meses. "Será uma oportunidade para limpar a vida pública de tanta confusão", declarou. Sanjay estava arrasado. Era a primeira vez que sua mãe o desautorizava. E fez isso de novo ordenando a libertação imediata de todos os líderes políticos e suspendendo a censura de imprensa. A oposição recebeu essas medidas com receio. A essa altura, não confiava em Indira, nutria suspeitas sobre sua motivação profunda e tinha certeza de que se tratava de alguma armadilha. Mas seu velho inimigo J. P. Narayan, que havia sido trancafiado em uma cela nos primeiros tempos da Emergency e que a seguir, por questões de saúde, havia sido autorizado a voltar para casa, confessou a um amigo dos Nehru: "Indira foi muito valente. Deu um grande passo". Como ele, muitos não o esperavam.

A decisão de agir com tanta rapidez, que deixou Sanjay atônito, foi, no fundo, uma manobra astuta de uma política experimentada. Tratava-se de pegar toda a oposição, fraca e fragmentada, de surpresa, e não lhe dar a oportunidade de se organizar. Era sua melhor cartada para ganhar essas eleições, porque não tinha todas as cartas consigo. Queria pensar que a magia que havia atuado em outras ocasiões também atuaria nessa contenda. Passava da dúvida à certeza de que o povo continuava amando-a, apesar de tudo.

Como sempre, dedicou-se a fazer campanha com vigor, atravessando todo o país, dormindo pouco, viajando em qualquer meio de transporte. Como em outras ocasiões, pôde contar com Sônia, sempre presente, sempre disposta a ajudá-la a se organizar e a tornar sua vida mais fácil. Sônia se compadecia de sua sogra. Via-a esgotada perseguindo uma quimera: o afeto e a veneração do povo. Dessa vez, a sedução não funcionava. Indira voltava cabisbaixa dos comícios. Contava a Sônia que havia ouvido gritos contra ela, vozes que pediam sua derrota, às vezes insultos. Vira as pessoas abandonarem as concentrações, deixando-a sozinha em frente a um grupo cada vez mais reduzido de fiéis seguidores. Teve que ouvir muitas histórias sobre os excessos do programa de esterilização, sobre as torturas, as prisões arbitrárias... Não sabia se acreditava em tudo o que diziam, mas acabou percebendo que esse contato privilegiado de que havia desfrutado com o povo já não existia. "Não posso suportar", confessou um dia. "Mantiveram-me trancada entre estas quatro paredes." Sônia não se atrevia a lhe dizer que

não quisera ouvir.

Nadar contra a maré enfraqueceu Indira, e ela caiu doente várias vezes, sem conseguir se recuperar de uma espécie de gripe que lhe causava febres recorrentes. Os golpes que começou a receber de seus próprios companheiros de partido mergulhavam-na ainda mais na angústia. De repente, seu ministro da Agricultura, um conhecido líder da comunidade dos intocáveis, desertou de suas filas para juntar-se à oposição. A vida política do país pareceu eletrificar-se. Uma onda de pânico percorreu as filas do Congresso. Indira manteve-se impassível publicamente, mas Sônia adivinhava quão ferida se sentia. Aquele líder havia sido um amigo pessoal, um companheiro de trilha, um bastião do partido. Chamava-se Jagjivam Ram e havia exigido a suspensão imediata do estado de sítio. Mais tarde, Indira descobriria que a verdadeira razão pela qual Ram lhe dera as costas era sua oposição ao limite de idade que Sanjay queria impor para se candidatar. Com seus 68 anos, Ram - e muitos outros - ficava, assim, fora do jogo. Quando Indira quis emendar o problema, já era tarde demais. Imediatamente depois, muitos velhos camaradas tomaram o mesmo caminho e seguiram os trãnsfugas. "Que estranho terem ficado calados todos esses meses...", disse-lhe Indira, que entendia que os ratos começavam a abandonar o barco... Mas ela já sabia que a política é de traições. Churchill dizia que havia três tipos de inimigos: os inimigos, apenas; os inimigos mortais; e os companheiros de partido. O que mais lhe doeu foi sua própria tia, Vijaya Lakshmi Pandit, irmã de Nehru, abandonar seu retiro político e entrar na roda denunciando que Indira e o estado de sítio haviam "destruído" as instituições democráticas. Depois de fazer essas declarações incendiárias, ingressou em uma coalizão de partidos opositores que havia se formado sob o nome de Janata Party. Para Indira, mais que uma traição, aquilo foi uma humilhação. Foi quando estourou um herpes na boca que a obrigou a fazer seus discursos com metade do rosto coberto pelo véu de seu sári. "O que me preocupa é ficar com cicatrizes no rosto", dizia a Sônia enquanto esta lhe aplicava um unguento.

Estou cansada da política - confessou-lhe de repente, sem drama, sem exagero, quase sem emoção. Ver Indira ferida na alma fez Sônia perceber que a alta política e as baixas paixões eram as duas faces de um mesmo

mundo. Nunca a havia atraído, mas agora, ao ver sua sogra traída e sofrendo, sentia uma rejeição total. Indira confessou a sua amiga Pupul: "Vou brigar nestas eleições e depois vou renunciar. Estou farta. Não posso confiar em ninguém".

Diante do fortalecimento da oposição, Sanjay pediu de novo a sua mãe que cancelasse ou pelo menos adiasse a convocatória. Mas ela continuou firme. Seu filho, então, decidiu sair como candidato a deputado ao Parlamento pela circunscrição eleitoral de Amethi, vizinha da circunscrição de sua mãe, Rae Bareilly, no estado de Uttar Pradesh. Era território dos Nehru e dos Gandhi, onde a vitória estava garantida. Se ganhasse, Sanjay estaria protegido da vingança de seus incontáveis inimigos pela imunidade parlamentar. Maneka e ele eram tão ingênuos que em seu primeiro discurso elogiaram os resultados da campanha de esterilização. Foram vaiados por um grupo de mulheres enfurecidas:

Vocês nos transformaram em viúvas! - gritaram. - Nossos maridos não são mais homens!

Indira encontrou reações parecidas por todo o país. Um discurso seu foi interrompido por uma camponesa que a desafiou: "Tudo o que está contando de sua preocupação com o bem-estar das mulheres é muito bonito, mas e as vasectomias? Nossos homens se tornaram fracos, e nós, suas mulheres, também". Em um lugar próximo a Délhi, outra camponesa a quem pedia voto trouxe à baila o assunto da esterilização, e fez isso em uma linguagem sugestiva: "Senhora, de que serve um rio sem peixes?". Por fim Indira percebia que em um país de maioria hindu, que venera o Xingam (a pedra fálica) como divindade primigênia e fonte de toda a vida, a campanha de esterilização em massa havia sido um erro monumental. E sabia que, em política, os erros se pagam.

Depois daquelas viagens extenuantes, Indira voltava para casa com lágrimas nos olhos.

EM 20 DE MARÇO DE 1977, dia da convocatória, Pupul foi vê-la em sua casa. Eram 20h e as ruas de Nova Délhi transbordavam de uma alegria nunca vista desde as comemorações da independência dos ingleses, trinta anos antes. Grupos de pessoas tocavam tambor, palhaços andando sobre

pernas de pau distribuía balas para as crianças, os moradores dançavam nas ruas, havia cheiro de pólvora por causa das bombinhas e dos fogos de artifício... O povo, soberano, havia votado e comemorava a queda da "Imperatriz da Índia".

A casa, porém, estava envolvida em um silêncio inquietante. Não havia agitação nem luzes, nem carros estacionados do lado de fora, como em noites de eleições anteriores.

Não se viam crianças nem cães. Um secretário com fisionomia patibular levou Pupul ao salão decorado em tons de bege e verde-claro. Indira estava sozinha, e levantou-se para cumprimentá-la. Havia envelhecido dez anos. "Pupul, eu perdi", disse simplesmente. Ambas se sentaram e ficaram em silêncio, um dos clamorosos silêncios de Indira que faziam com que as palavras sobrassem.

Sanjay e Maneka estavam em Amethi, sua circunscrição. Rajiv e Sônia em seu quarto, muito preocupados. Sabiam melhor que ninguém nessa casa a forte repulsa que a Emergency havia causado na sociedade e tinham medo das represálias contra sua mãe, contra seu irmão e contra eles também. Temiam por sua segurança, agora que Indira tinha que abandonar o poder. A isso se acrescentava um monte de incógnitas derivadas da nova situação: onde morar, por exemplo, porque era necessário devolver a casa ao governo. Mas, principalmente, tinham muito medo pelas crianças. Sônia estava muito afetada. Agora, sentia as garras da política em sua própria carne. Pressentira, mas que poderia ter feito para impedir um desenlace desses? Um empregado a interrompeu batendo à porta:

O jantar está pronto.

A mesa da sala de jantar estava posta como em qualquer dia normal. Sônia não podia conter as lágrimas. Rajiv estava sério, lúgubre, calado. Só comeram um pouco de frutas, enquanto Indira jantava copiosamente chuletas vegetarianas com verdura e salada, como se a derrota não a afetasse tanto. Mais parecia que havia tirado um peso das costas. Ninguém abriu a boca. Só se ouvia o barulho dos talheres sobre a louça, e o tímido murmurar de Sônia. Só houve uma interrupção do secretário Dhawan, o cupincha de Sanjay, que veio anunciar uns últimos resultados catastróficos. Sanjay havia perdido em Amethi e Indira em sua circunscrição. O nunca visto: a derrota era absoluta e total, até em seu feudo tradicional. Indira não se alterou e serviram-se frutas de sobremesa.

Passaram para a sala de estar, e continuaram sem abrir a boca, exceto para trocar banalidades com um amigo da família que os acompanhava. Ficaram assim um tempo, até que Pupul anunciou que ia embora. Rajiv acompanhou-a até a porta.

Nunca perderei Sanjay por ter levado minha mãe a esta situação - confessou. - Ele é o responsável por tudo.

Pupul ouviu-o em silêncio. Rajiv prosseguiu:
Eu disse a mamãe várias vezes a verdade sobre o que estava acontecendo, mas ela não acreditou em mim...

Circulavam rumores de que, se o Congresso houvesse ganhado, Sanjay teria sido nomeado ministro do Interior, e o povo estava aterrado com isso - disse Pupul.

Eu acredito. Tenho certeza de que ele teria tentado.

Pupul notou, na penumbra do hall, que os olhos de Rajiv estavam embaçados de lágrimas.

À MEIA-NOITE, INDIRA SAIU DE CASA para reunir-se pela última vez com seus ministros e suspender o estado de sítio de maneira formal depois de dezoito meses, mas quase todas as medidas já haviam sido anuladas na prática. Foi uma reunião breve, na qual quase ninguém falou. Todos haviam perdido seus postos. Estavam diante da maior queda que jamais acontecera no partido. Pela primeira vez desde a independência, o Congresso não estava no poder. Dali, Indira dirigiu-se ao Palácio da Presidência da República. Envolvido na neblina, os fogos de artifício iluminavam fugazmente o antigo palácio do vice-rei britânico. Lá dentro, apresentou oficialmente sua renúncia ao presidente.

A caminho de casa, viu o povo comemorando sua derrota com júbilo - crianças e adultos continuavam nas ruas a essa hora da noite - e de repente sentiu medo. Pareceu-lhe que sua casa estava pobremente protegida. Ao chegar, dirigiu-se ao quarto de Rajiv e Sônia. Estavam acordados.

Seria prudente que vocês fossem com as crianças para a casa de amigos - propôs Indira - esta noite mesmo.

Não a vamos deixar sozinha.

Só por uns dias, até que o ambiente na cidade esteja calmo. Agora há muito alvoroço. Ficarei mais tranqüila se vocês forem para outra casa.

Vamos todos, então, você também.

Não posso. Tenho que ficar aqui. Além do mais, Sanjay volta esta noite, de modo que não ficarei sozinha. Vão, eu não me perdoaria se acontecesse alguma coisa com as crianças.

Às duas da madrugada, Rajiv e Sônia, com Rahul e Priyanka meio adormecidos e enrolados em mantas, saíram de casa como se fossem refugiados em um país em guerra.

Indira abster-se de lhes dizer que uns dias antes havia rejeitado a oferta do chefe de segurança de trazer tropas para Nova Délhi para protegê-la caso perdesse as eleições e a oposição decidisse organizar uma marcha contra sua casa.

A multidão poderia se descontrolar e assaltar sua residência... - dissera o chefe de segurança.

Não se preocupe comigo - respondera Indira. - O que lhe peço é que vele por meus filhos.

Talvez Indira não houvesse nunca acreditado que perderia, a despeito dos fortes indícios. Talvez se sentisse protegida pela aura de seus sobrenomes, quase de maneira sobrenatural, para não perceber o que se aproximava. Talvez estivesse cega pela idéia que tinha de si mesma. Quando o jornalista e amigo Dom Moraes perguntou: "Senhora, vai voltar à política?" Indira respondeu: "Não. Sinto que tirei um peso de minhas costas. Nunca voltarei à política". Talvez o alívio que agora sentia era porque a vida a pusera de novo em contato com a realidade. Mas era uma realidade dura de aceitar: aos 59 anos, estava sem emprego, sem receitas econômicas e sem um teto sobre sua cabeça. Pela primeira vez em sua vida percebia que não tinha nada. A casa familiar de Anand Bhawan havia sido doada ao Estado e agora era um museu. Mesmo que houvesse ficado com ela, não a poderia manter. Eram

quatro da manhã quando Sanjay e Maneka chegaram. Não pareciam especialmente deprimidos ou afetados pela derrota. Não pareciam conscientes do que significava. Ao contrário, Maneka contou-lhe que haviam voltado de Amethi no avião particular de um amigo e relatou como o próprio Sanjay havia assumido os controles para aterrissar.

Uma manobra perfeita, acrescentou. "Foi quando percebi a força e o caráter do homem com quem havia me casado", escreveria mais tarde. Nenhum dos dois sabia, ainda, que os habitantes de Turkman Gate, na Velha Délhi, haviam voltado para casa eufóricos, e que ameaçavam esterilizar Sanjay. Indira dispensou-lhes um de seus silêncios significativos e foi se deitar. Era muito tarde e estava exausta quando se deixou cair na cama. Pensou em seus netos. O importante é que estavam a salvo, pelo menos momentaneamente. Ao longe, ouviam-se ainda as explosões dos fogos de artifício.

Definitivamente, Indira era um personagem desconcertante. A naturalidade e a integridade com que assumiu sua derrota deixaram perplexos seguidores e inimigos. Poucos eram os exemplos na história de governantes que teriam feito o harakíri político com tanta integridade. Sentia-se satisfeita a despeito de tudo, e era porque havia devolvido à Índia a confiança no poder do voto, em uma nação que agora era mais estável e mais próspera que antes. No que lhe dizia respeito, havia cumprido sua missão e estava com a consciência tranqüila. Do sofrimento provocado por suas medidas não se sentia responsável. A culpa era do sistema, da burocracia, do jogo sujo da oposição. "Com estas eleições, a Índia demonstrou que a democracia não é um luxo que pertence aos ricos", disse o *The New York Times* em sua defesa. No que todos os observadores - tanto nacionais quanto estrangeiros - concordaram, foi em que a carreira política de Indira Gandhi havia chegado ao fim. Todos estavam enganados, exceto uma velha colega militante de um partido de esquerda que a foi visitar e lhe disse:

Você vai ver, o povo voltará a você...

Então Indira voltou-se para ela com os olhos cobertos de lágrimas e perguntou:

Quando? Quando eu estiver morta?

Sua fiel secretária Usha não sabia que cara fazer nem o que dizer quando foi trabalhar no dia seguinte às eleições. Nunca fora a favor do estado de sítio, e

seus comentários ao ler artigos críticos quase lhe custaram o cargo, não fosse Sônia a ter avisado para não continuar expressando-os. Não havia dormido a noite toda, ouvido colado no rádio. Ao entrar no gabinete, que ficava ao lado da sala de jantar, encontrou Indira sentada a sua mesa. Sorrindo, a ex-primeira-ministra disse:

Usha, você tem que devolver a mulher gorda.

A mulher gorda?

Sim, a estátua que nos emprestaram do Museu Nacional.

Ela se referia a uma estátua sem cabeça nem braços, e sem muito valor, que Indira havia pedido emprestada ao museu para decorar o salão de sua casa. Usha logo encontrou o recibo correspondente e pôs mãos à obra. "Eu sabia que ela havia dito isso para relaxar a tensão. Era muito típico dela."

Precisava se mudar logo, porque seu sucessor, o direitista hinduísta Morarji Desai, apesar de dispor de uma grande casa confortável em Duplex Road, queria transformar a casa de Indira em sua residência oficial. Expulsá-la de casa era um símbolo de sua vitória e, ao mesmo tempo, uma mesquinharia. Indira estava aborrecida. Mas o que podia fazer? Os oficiais que iam revistar gabinetes e quartos com um inventário na mão já estavam na casa. Começaram a levar objetos e aparelhos que haviam sido prerrogativas do primeiro-ministro: telefones secretos, máquinas de escrever, fotocopiadoras, aparelhos de ar condicionado, mesas e cadeiras de escritório, e tudo isso enquanto Usha e Sônia classificavam documentos, guardavam arquivos e tentavam desesperadamente pôr ordem em tanto caos.

Sônia, que poucos dias depois voltou com o resto da família da casa de sua amiga Sabine, onde haviam se refugiado, encontrou funcionários levando móveis, abajures, talheres e louça. Toda a decoração de seus últimos nove anos estava sendo levada por uns sujeitos que agiam com a arrogância do vencedor. A sensação de desamparo tornava-se ainda maior ao notar a ausência dos empregados oficiais, dos secretários contratados pelo governo, dos guardas da entrada e até dos jardineiros que desapareceram, alguns sem nem mesmo se despedir. Morto o cão, acabava a raiva.

Indira era dona de um pedaço de terra em Mehrauli, na periferia da cidade, que Firoz havia comprado em 1959 e no qual sonhava morar com sua família depois de se aposentar. Rajiv havia investido parte de suas

economias para construir uma casa de campo, mas ficara sem dinheiro para acabá-la. De qualquer maneira, Indira não queria se exilar no campo. Preferia ficar perto de seus netos, no miolo, em Nova Délhi. Conhecia a frase de um general de Napoleão chamado Desaix quando da batalha de Marengo: "É verdade que acabo de perder uma batalha, mas são duas da tarde, e, antes do cair da noite, posso ganhar outra". A essa altura, Indira sabia que tanto os conceitos de sucesso quanto de derrota eram efêmeras em política.

Foi um velho amigo de família que a salvou. O diplomata Moham-med Yunus ofereceu generosamente desocupar sua casa do número 12 da Willingdon Crescent, onde havia sido celebrado o casamento de Sanjay e Maneka três anos antes, para cedê-la aos Gandhi. Essa nova casa era bem menor, e Sônia se perguntava como caberiam todos.

A mudança durou vários dias, o que se leva para transportar posses acumuladas durante treze anos, os pertences de cinco adultos e duas crianças, cinco cães, incontáveis caixas de livros, arquivos transbordantes de papéis e documentos, quadros, objetos, lembranças de viagens etc. Indira não gostava de jogar nada fora: cada papel, cada presente, cada livro era uma lembrança. De modo que se acumulavam caixas e baús nos corredores. No quarto de Indira só cabia sua cama e sua poltrona favorita, cujo encosto utilizava para apoiar-se e escrever. Não tinha mais taquígrafo, nem mesmo um escritório próprio. Recebia as pessoas na varanda ou na abarrotada sala de jantar. Sônia dava um jeito para que houvesse sempre um vaso com gladiólos à vista.

Grande parte do trabalho dessa enorme mudança recaiu nos ombros da italiana, que precisou comprar ou pedir emprestados a suas amigas uma geladeira, vários aparelhos de ar condicionado, aquecedores, panelas, frigideiras e potes de cozinha. Seu senso de família havia se intensificado vivendo na Índia. Trabalhava com um perfeito senso de organização, que lhe lembrava o de seus pais durante sua infância, quando eram pobres em Lusiana e tinham que trabalhar sem parar para seguir em frente.

Voltaram-lhe à memória seus conhecimentos de horticultura, e limpou uma parte do fundo do jardim, onde plantou de alface, abobrinha e tomate até

verduras desconhecidas e exóticas na Índia, como o brócolis. O fato de ter conhecido tempos difíceis ajudava-a, agora, a superar o transe com mais integridade que seu marido, que não se perdoava por não ter sido mais firme: "Fui incapaz de deter meu irmão", confessara a um amigo da família, sem disfarçar sua frustração.

Como o cozinheiro havia ido embora e Indira se mostrava reticente em contratar um novo com medo de que fosse um infiltrado do governo que os pudesse envenenar, cabia a Sônia encarregar-se de fazer as compras e preparar as refeições. Nunca nesse lar degustaram tão deliciosas lasanhas, massas à la puttanesca e risotos como naqueles dias difíceis. Também havia aprendido a cozinhar pratos indianos, que ficavam menos picantes que o habitual. Era especialista em espinafre com queijo e em frango com molho korma à base de amêndoas moídas, coentro e nata. Cozinhar era, também, sua maneira de mimar a família e contribuir para a descontração do ambiente, que estava tenso. A freirinha de seu internato já dizia que Sônia tinha a qualidade de ser conciliadora. Essa qualidade manteve a família unida durante essa época. Rajiv e Sanjay continuavam sem se falar, exceto para o indispensável, apesar de agora seus respectivos quartos ficarem de frente um para o outro, de cada lado do corredor.

Indira insistia em preservar o costume de comer juntos pelo menos uma vez ao dia, mas era quase impossível sentar à mesma mesa os dois irmãos. Rajiv responsabilizava Sanjay pela queda do status da família, de terem passado de os mais respeitados a párias. Também era verdade que viviam do salário de Rajiv e das doações dos poucos amigos fiéis que não haviam abandonado Indira, esperando, talvez, que sua lealdade fosse recompensada no futuro. Sanjay não contribuía com nada, ao contrário, precisava de dinheiro para pagar a horda de advogados que o defendiam de um sem fim de acusações dos crimes mais horríveis. Ele não podia contribuir com dinheiro para o caixa familiar, mas tentava compensar alegando que um dos magnatas que os ajudavam financeiramente era um jovem amigo seu, dono de uma fábrica de refrescos em Nova Délhi.

Maneka, fiel a si mesma, não ajudava nas tarefas domésticas, ao contrário de Indira, que não hesitava em pegar uma vassoura e varrer a casa. "Sônia

cozinhas, Maneka comia", dizia um amigo da família. O resultado foi que a relação entre Indira e Sônia tornou-se ainda mais estreita durante essa época, o que atiçava o ciúme da jovem Maneka.

Quando acabaram de se instalar, Usha sentiu que já não fazia sentido ficar. Continuou indo em dias alternados, até que decidiu se demitir:

"Vou acompanhar minha irmã a Bombaim", anunciou a Indira, que adivinhou que se tratava de uma desculpa e que não voltaria. Mas Usha não se atrevia a dizer-lhe a verdade: talvez houvesse ficado se Sanjay e seu cupincha, o secretário Dhawan, não continuassem com esse ar arrogante que Usha não suportava. Indira esboçou um sorriso triste ao se despedir. Lamentava perder aquela mulher que havia sido sua secretária por trinta anos, e em quem tinha plena confiança. Sabia que Usha conhecia até os cantinhos mais recônditos de sua alma.

Indira estava mental e fisicamente esgotada, preocupada com a debandada geral, com as brigas em casa entre seus filhos, e com as represálias que o novo governo, tinha certeza, tomaria. Tinha olheiras escuras, e parecia que todo seu corpo havia encolhido. Como antiga primeira-ministra, tinha direito de manter a proteção oficial, mas o novo chefe de governo e acérrimo inimigo político Morarji Desai, hindu ortodoxo, queria tirá-la como havia lhe tirado a casa.

De que tem medo? - perguntou a um ex-ministro de Indira. - Não é bom que ande sempre cercada de policiais.

Há um ambiente hostil contra ela e seu filho...

Não, não é por isso. É por vaidade.

A seguir, o novo primeiro-ministro lançou-se a uma diatribe contra as mulheres no poder, de Cleópatra a Indira, passando por Catarina da Rússia, chegando à conclusão de que todas haviam sido vaidosas e desastrosas como governantes.

A campanha que esse homem desatou contra os Gandhi tornou-se uma verdadeira caça às bruxas. No início, Sônia estranhou, quando ia às compras, ver sempre os mesmos indivíduos seguindo-a a certa distância. O mesmo acontecia com os outros membros da família, inclusive Maneka. Indira soube que eram agentes do CBI (Central Bureau of Intelligence, o serviço central de informação do governo) que tinham instruções de segui-los e de grampear suas conversas telefônicas. Sanjay, com a arrogância de

quem nunca teve que enfrentar um percalço do qual não se houvesse recuperado, oferecia carona em seu próprio carro, ironicamente, aos agentes do serviço secreto que o seguiam, para economizar gasolina. Um dia, apareceram na casa meio construída de Mehrauli com detectores de metais. "Mas o que estão procurando?", perguntou Rajiv.

Não lhe responderam, mas mais tarde ouviu-os gritar quando o detector começou a emitir um silvo. Pensaram que haviam encontrado o tesouro que Sanjay havia enterrado.

O tesouro acabou sendo uma lata vazia de óleo de cozinha.

Foi aproximadamente nessa época, em pleno calor anterior às chuvas das monções, que Indira apareceu tarde da noite na casa de sua amiga Pupul. Ia visitá-la sempre para fugir das tensões de casa. De novo Rajiv havia lhe jogado na cara que "Sanjay e Dhawan é que a arrastaram até aqui". Indira não havia respondido, limitando-se a baixar a cabeça. Sabia perfeitamente que a responsável última por tudo o que havia acontecido era ela, por isso escusava Sanjay. "Vim me sentar um pouco, desfrutar da tranquilidade", dizia a sua amiga. E passava um tempo em silêncio, na varanda, encontrando-se consigo mesma.

Em outra noite de canícula chegou muito agitada e com um olhar desesperado: "Tenho informação fidedigna de que querem pôr Sanjay na cadeia e torturá-lo". Pupul ficou petrificada, sem saber o que dizer. Indira sentia um medo imenso. "Nem meu filho nem eu somos o tipo de gente que se suicida, de modo que, se aparecermos mortos, não acreditem no que disserem..." O fato de o novo governo, em seu desejo de vingança, andar procurando diligentemente provas para se vingar dela por meio de Sanjay era um segredo sabido por todos. Terem decidido torturar Sanjay era mais fruto de sua imaginação paranóica que de um plano preestabelecido. Ninguém melhor que Indira sabia que, estando no poder, era relativamente fácil manipular os serviços de informação. E a antiga imperatriz da Índia sentia-se desesperadamente sozinha. Via políticos que a iam visitar diariamente, mas não podia contar com nenhum deles. Os que a podiam ajudar não se atreviam a aproximar-se de sua casa com medo da vigilância.

Por outro lado, a situação financeira da família, com tanto gasto com advogados, tornava-se insustentável. Os meios de comunicação, que tão docemente haviam cedido a suas exigências quando havia imposto a Emergency - tanto que um político da oposição, assim que foi suspenso o estado de sítio, disse acerca do papel da imprensa:

"pediram que se contivessem, e preferiram rastejar" - agora se dedicavam com afínco a inventar histórias terríveis, ou a exagerar rumores para mostrar que os Gandhi eram um bando de malfeitores. "Acusam-me de todo tipo de crimes, até de ter matado não sei quanta gente..." queixava-se Indira. Era verdade, o ministro do Interior havia dito no Parlamento que Indira "planejara matar todos os líderes da oposição que havia mandado prender durante o estado de sítio". Cinco dias depois, o governo encarregara o juiz da Corte Suprema, J. C. Shah, da formação de uma comissão de investigação, com a missão de "investigar se houve subversão de procedimentos, abuso de autoridade, uso indevido do poder e excessos durante o estado de sítio". Outra comissão foi criada especificamente para investigar tudo o que se relacionasse ao Maruti. O governo estava decidido a fazer Indira e Sanjay engolir o mesmo amargo remédio que eles haviam administrado ao país durante o período de sítio.

Nesse ambiente, a notícia do suicídio do coronel Anand, pai de Maneka, soou como o primeiro acorde de um drama mais amplo que começava a se desenrolar, como o primeiro acorde de uma marcha fúnebre. Seu corpo foi encontrado de bruços em um terreno, e ao lado uma pistola e um bilhete que dizia: "Preocupação Sanjay insuportável".

No início, não se soube bem se havia sido suicídio ou homicídio, mas Maneka e os familiares próximos tinham certeza de que o coronel havia se matado. Já havia cometido uma tentativa igual havia algum tempo com uma overdose de comprimidos e tinha um histórico de instabilidade mental e depressão. Não suportara a queda vertiginosa de sua reputação e de sua posição social. Seus incontáveis amigos de conveniência haviam se evaporado no ar rarefeito de Nova Délhi. Imediatamente surgiu o rumor de que o sogro sabia muito sobre os negócios turvos de Sanjay e que sua morte era, na realidade, um homicídio disfarçado de suicídio. Mas não se pôde provar nada e, assim que a atenção da mídia desapareceu, o caso caiu no

esquecimento.

Indira ficou perturbada, e Sônia também. Uma morte assim, no momento em que aconteceu, criou um medo difuso e profundo, uma mistura de desassossego e alarme. A queda do poder havia feito uma vítima muito próxima. O sangue havia chegado ao rio, e onde menos o esperavam. Indira ficou ainda mais paranóica, relacionando inconscientemente a morte de seu consogro com as ameaças a Sanjay. Agora, mais que nunca, sentia que devia proteger seu filho a qualquer custo. A notícia do suicídio transcendeu as fronteiras e Sônia recebeu ligações angustiantes de sua mãe. Lá em Orbassano, os Maino acompanhavam os acontecimentos com uma angústia e uma inquietude crescentes. Chegavam boatos de Nova Délhi, rumores de que Sônia e Rajiv estavam tentando fugir e de que Sônia havia pedido asilo na embaixada italiana...

- Mamãe, nada disso é verdade. Estamos bem, as crianças também, mas não posso falar, depois lhe conto...

E, invariavelmente, a ligação caía. Sônia absteve-se de dizer a sua mãe que o governo havia confiscado o passaporte de todos os membros de sua família. Mesmo que quisessem, agora não poderiam ir para a Itália, nem mesmo por uma emergência.

INDIRA DEDICOU-SE COM AFINCO A TRABALHAR com seus advogados para defender-se da comissão Shah, enquanto mantinha uma vida pública muito discreta. Um jornalista inglês chamado James Cameron entrevistou-a e achou-a "a mulher mais sozinha e mais apreensiva do mundo", segundo o título que deu a seu artigo. "Está resignada e não quer falar sobre nada. Parece um boxeador derrotado esperando um milagre. Mas não haverá milagre para ela", escreveu no The Guardian em 21 de setembro de 1977.

James Cameron enganou-se. O milagre que faria a fênix ressurgir de suas cinzas ocorreu em um lugar chamado Belchi, uma pequena e inacessível aldeia no remoto estado de Bihar, cercada de arrozais, montanhas e cachoeiras. Uma paisagem idílica que havia sido palco de um atroz massacre. O crime havia acontecido em parte pela atmosfera de impunidade propiciada pelo novo governo, cuja coalizão incluía elementos hindus extremistas, e na qual hindus de alta casta se sentiam de novo livres para subjugar pobres camponeses intocáveis, como haviam feito durante milhares de anos antes da independência. Em Belchi, um grupo de latifundiários havia atacado uma comunidade de camponeses sem-terra, exterminando várias famílias e jogando os corpos ao fogo.

Dentre as vítimas havia dois bebês. A notícia levou vários dias para ser divulgada, antes de se tornar capa da imprensa nacional. O governo não reagiu. Seu presidente, Morarji Desai, que considerava a proibição de matar vacas e de consumir álcool prioridades nacionais, não achava que esse tipo de acontecimento merecesse atenção prioritária. Nem sequer se apressou a condenar o crime.

Indira viu imediatamente a brecha no adversário. Soube o que devia fazer. Pediu a Sônia que a ajudasse a preparar suas coisas para ir a Belchi.

Todo o mundo diz que Bihar é um lugar muito perigoso, que há bandidos que assaltam as pessoas... - disse Sônia, que de fato estava bem informada.

Bihar era o estado mais atrasado, anárquico e inseguro da Índia. E o mais pobre também. - Você não tem equipe de segurança, é muito arriscado - insistiu a italiana.

Não vou sozinha, vou com um grupo de fiéis do partido.

Mas em Bihar o partido não conseguiu uma única cadeira no Parlamento...

Terão força para protegê-la?

Claro que sim. Não se preocupe - cortou Indira - nada vai acontecer.

Sônia não insistiu. Conhecia-a suficientemente bem para saber que nada a faria mudar de idéia. Mas ficou preocupada. Em um ambiente tão carregado de hostilidade como o daqueles dias na Índia, qualquer coisa podia acontecer.

Quando voltou para casa cinco dias depois, Sônia quase não a reconheceu. Indira estava com o sári sujo, toda ela estava coberta de uma camada de pó e pingando suor.

Tinha olheiras e havia emagrecido. Parecia uma mendicante. Mas Sônia percebeu uma centelha de luz em seus olhos, como uma chama de vida. Logo soube que a viagem a Belchi havia sido um sucesso. Indira contou-lhe a odisséia que acabara de viver com toda a riqueza de detalhes. Sônia a ouvia, encantada.

- Choveu tanto que todas as estradas para Belchi estavam intransitáveis. Dos quinhentos simpatizantes que haviam começado o trajeto comigo, seguindo-me em uma caravana de carros, de repente percebi que só restavam dois. Os outros haviam jogado a toalha. Minha idéia era chegar a Belchi antes do anoitecer, mas as estradas estavam tão alagadas que tivemos que trocar o 4 x 4 por um trator, que, por sua vez, acabou afundando no barro uns quilômetros mais adiante. Meus acompanhantes insistiam para que voltássemos, mas eu disse que seguiria a pé. Olhavam-me como se estivesse louca. Eu sabia que não iam me deixar seguir sozinha, e tive razão; sentiram-se obrigados a me acompanhar, mesmo que contrariados. Depois de uma longa caminhada, exaustos e ensopados, chegamos ao rio, e percebemos que era impossível atravessá-lo a pé. Não havia barcas debaixo daquele temporal, nem barqueiros dispostos a levar as pessoas para o outro lado. Meus companheiros estavam dispostos a voltar, mas eu perguntei a uns aldeões que haviam saído de suas choças ao nos ver chegar:

"Tem que haver uma possibilidade de atravessar... Há cavalos por aqui?"

"Não, madame, disse um."

"Uma mula? Um burro?"

"Não, madame. Só um elefante." "Onde?, perguntei."

"Na aldeia. É o elefante do templo." "Podem trazê-lo?"

"Sim, madame, mas..., o homem parecia incomodado, as palavras não saíam."

"Mas o quê?, perguntei."

"É que não temos howdah, admitiu finalmente, meio envergonhado."

Sabe o que é um howdah? - Indira perguntou a Sônia.

Não é aquela torreta que colocam sobre o elefante para levar personalidades importantes?

De fato... Na Índia, acima de considerações práticas, sempre vem a preocupação com o status. Parece que é a única coisa que rege as relações entre as pessoas. O caso é que eu lhes disse que não fazia mal não terem howdah, e então um deles anunciou triunfalmente que colocaria uma manta. Indira parecia uma menina encantada contando essa aventura a Sônia. Vê-la tão viva e animada, tão direta e próxima, era como um milagre. Indira estava transformada.

Sabe... eu não me sentia cansada, e isso depois de ficarmos esperando mais de uma hora embaixo da chuva.

O que aconteceu com o elefante?

Por fim chegou, chamava-se Moti. Os camponeses me ajudaram a subir primeiro, e depois ergueram um de meus acompanhantes, que se sentou atrás de mim. Quando me volvei, notei que ele estava com os olhos esbugalhados de pavor.

Sônia riu. Indira continuou contando:

O outro optou por ficar e organizar a volta. Foi assustador, porque o animal balançava muito e as águas do rio chegavam à altura de sua barriga. O homem estava agarrado a meu sári como uma criança à saia de sua mãe. Pensei que ia começar a chorar...

Ambas caíram na gargalhada. Sempre era engraçado ouvir histórias onde as mulheres tinham o controle da situação. A seguir, o semblante de Indira tornou-se grave.

Era tarde quando chegamos a Belchi - continuou contando. - Os sobreviventes do massacre estavam refugiados em um edifício meio abandonado de dois andares.

De repente, vi surgirem umas tochas que iluminavam o rosto daqueles que as portavam: havia idosos com o rosto cheio de rugas, jovens viúvas, crianças com grandes olhos brilhantes, omens de pele escura, todos muito temerosos e surpresos... Quando me reconheceram, jogaram-se a meus pés. Acho que me viam como uma aparição divina. Eu não tinha nada para lhes oferecer, exceto meu tempo, mas aquela gente tão assustada não parava de me agradecer por me interessar por eles, por ter vencido tantos perigos para ir ouvi-los. Diziam que minha presença era um milagre, percebe? Ficamos várias horas, e ouvi histórias horríveis sobre o massacre. Saí chorando dali... era tanta pobreza, tanta dor dos camponeses me mostrando as cinzas da pira onde haviam jogado vivos seus familiares que saí arrasada. Era noite fechada quando abandonamos Belchi. Havia barulho de trovões, mas não estava chovendo, de modo que um barqueiro se ofereceu para nos levar ao outro lado. Sabe o que aconteceu, então?

Sônia negou com a cabeça. Indira prosseguiu:

Como a carga era excessiva, ao se aproximar da outra margem, o barco virou. Tornaram a cair na risada. Indira prosseguiu:

Estávamos todos mergulhados naquelas águas negras. Consegui chegar até a margem. Continuamos caminhando até a estrada principal, onde nos esperavam uns 4x4. Estávamos ensopados. Então, aconteceu outro milagre, Sônia. Os camponeses dos arredores, que ficaram sabendo de minha visita, começaram a chegar. Traziam frutas, flores e lanternas. De repente, ouvi um barulho de tambores e umas vozes de mulheres... Sabe o que estavam cantando? "Votamos contra você. Nós a traímos. Desculpe", diziam.

Vinham com doces e me ofereceram seus modestos sáris secos para me secar ou me trocar. Algumas até pediam minha bênção!

Sônia percebeu que Indira havia visto a luz no fim do túnel. Mergulhara na "massa de humanidade indiana" e não se sentira rejeitada. Ao contrário, tornara a encontrar sua voz e uma resposta.

Indira continuou contando que no dia seguinte foi a Patna, a decomposta capital do estado de Bihar, para visitar seu antigo inimigo J. P. Narayan, o homem cujo boicote a havia levado a declarar estado de sítio. Estava muito velho, quase no leito de morte. Agora que Indira havia sido derrotada e vilipendiada, J. P. a perdoou. Ficaram reunidos durante cinqüenta minutos,

falando das muitas lembranças que compartilhavam dos tempos em que a esposa de Narayan era a melhor amiga da mãe de Indira. Também falaram do massacre de Belchi e da sorte dos intocáveis. A seguir, posaram para a imprensa.

Indira tirou de sua bolsa de pano um jornal amassado e mostrou a foto a sua nora. Era uma foto importante para Indira, porque selava sua reconciliação política.

Sônia entendeu que sua sogra estava voltando à roda.

Mas... há menos de duas semanas você não disse que estava se retirando da política? - perguntou Sônia.

Ainda não voltei, e gostaria de não voltar, mas como posso me retirar? Enquanto quiserem a pele de Sanjay ou a minha, terei que lutar para nos defender.

Animada, Indira decidiu partir no dia seguinte para sua antiga circunscrição de Rae Bareilly, onde os votantes a haviam rejeitado contundentemente menos de quatro meses antes. Era arriscado, porque podia encontrar multidões hostis, já que esse estado fora alvo preferencial da campanha de esterilização; mas, para sua grande surpresa, milhares de pessoas foram recebê-la sob um sol inclemente. Também ali soube perfeitamente o que devia fazer e dizer. Sem rodeios, pediu perdão pelos excessos do estado de sítio, e a seguir lançou um ataque contra a coalizão Janata, que estava no poder. O povo a aclamou ainda mais fervorosamente que em Belchi. Decidiu fazer uma turnê relâmpago por várias aldeias do estado, repetindo a mesma mensagem. Em todos os lugares, a recepção era multitudinária. Voltava para casa descadeirada,

suja, esgotada, mas contente. O relato da viagem de Indira a Belchi propagou-se como um eco pelo subcontinente até alcançar as aldeias engastadas nas faldas do Himalaia, as choças de barro do deserto, as barracas de folha de palma das castas mais baixas, os barracos de plástico e latão dos intocáveis do sul... Para além da distinção de raças, castas ou religiões, a voz dos pobres se reencontrara com sua fonte de inspiração e consolo. Apesar de sentir que a Índia começara a perdoá-la, Indira continuava muito preocupada com sua situação e com a ameaça da Comissão Shah. Vozes no governo exigiam uma "espécie de julgamento de Nuremberg" por seus crimes durante a Emergency.

Tenho certeza de que encontrarão algum pretexto para me prender. Não se atreverão - disse Sônia, mais para acalmá-la que por convicção. Soube que o governo Janata prometeu não perseguir judicialmente meus antigos ministros se aceitassem responsabilizar Sanjay por todos os deslizes cometidos durante o estado de sítio. Sei perfeitamente que me trairão. Também querem meter Sanjay na prisão.

Essas traições feriam-na profundamente e a precipitavam em um abismo de solidão que lhe dava vertigem. Sônia a via tão forte e, no entanto, tão vulnerável. Ao contrário de sua sogra, a maioria dos políticos estava na política por pura ambição pessoal, não por senso de dever. A mesquinha desse mundo a enojava. Mas ela percebia que a vida pública e a política entendida como serviço aos demais eram a razão de ser de Indira, e que nunca mudaria. Mesmo que ela gostasse de dizer que sonhava em se afastar do mundo, Sônia já não acreditava. Retirar-se era um luxo que Indira não podia se permitir.

Diante do cerco do governo e da Comissão Shah, Indira pegou o touro à unha. Fiel à máxima de que não há melhor defesa que um bom ataque, viajou extensamente para afirmar sua presença, para entrar em contato com o maior número possível de pessoas, para consolidar o que havia conseguido em Belchi, o perdão do povo. Na estação de Agra, a recepção foi tão triunfal que houve um estouro da multidão que acabou com vários feridos. Em todos os lugares, começava se desculpando por ter prejudicado tanta gente, mas também lembrava as conquistas do estado de sítio, principalmente em economia e em segurança, deixando bem claro que ela mesma havia convocado eleições, e que, ao ser derrotada, havia aceitado com retidão o veredito do povo. A seguir, passava a denunciar os erros do adversário. De fato, o novo governo via-se incapaz de deter a inflação, que de novo estava descontrolada, e de segurar o mercado negro. Era uma coalizão díspar, que já mostrava sinais de rachadura.

Suas viagens triunfais a Belchi e a Rae Bareilly irritaram esse governo fraco e cada vez mais alarmado diante do espetáculo das massas venerando sua arqui-inimiga. Era preciso fazer alguma coisa. Em 15 de agosto de 1977, dia

da independência, a polícia prendeu seu secretário, o engomadinho R. K. Dhawan, bem como seu antigo ministro da Defesa, o gordinho Bansi Lal, ambos amigos de Sanjay. O cerco estava se estreitando.

SÔNIA SENTIA MEDO. Rajiv estava tendo problemas no trabalho, parecia que a direção não queria renovar sua licença para continuar pilotando os Boeings 737. Isso cheirava a represália. Sua posição clara contra o estado de sítio não era levada em conta pela empresa, a despeito de ter uma reputação inatacável e apolítica entre seus colegas de trabalho. Aos contratemplos na Indian Airlines somou-se uma investigação que o Ministério da Fazenda abriu contra Rajiv. A investigação também dizia respeito a Sônia, que, para fazer um favor a seu cunhado, havia assinado, em 1973, documentos que a haviam tornado proprietária de ações de uma empresa fictícia, a Maruti Services Limited. Aquilo, que já havia causado uma violenta discussão entre os irmãos e tensão no casamento, foi usado como munição pelo governo, empenhado em demonstrar obscuras manobras financeiras que na realidade nunca haviam existido. Sônia, por ser estrangeira, não tinha direito a possuir ações nem a exercer nenhum cargo remunerado em uma empresa indiana sem a aprovação do Banco Central, aprovação que nunca ocorreu. Portanto, não existira infração. Mas, agora, Rajiv via-se obrigado a provar que sua mulher não havia recebido uma única rupia da Maruti e que sempre estivera desvinculada dessa empresa. O máximo a que a poderiam condenar era a uma multa.

O tempo que Rajiv não dedicava a voar, dedicava a declarar, a procurar documentos antigos, ou, senão, a obtê-los de novo, a trilhar uma verdadeira via-crúcis tendo em conta quão emaranhada era a burocracia indiana. Mas manteve-se sereno a todo momento. Sua consciência estava tranqüila, o problema de Sônia era uma bobagem e ele sempre pagara seus impostos religiosamente. A italiana se perturbava com a idéia de que tentassem alguma manobra suja com documentos falsificados, por exemplo. O medo era corrosivo e conseguia deformar a percepção da realidade. "E qual era a realidade?" As idéias de Indira eram claras: "Isso é uma guerra de nervos, uma guerra psicológica. Temos que agüentar, só isso". Sônia não queria acrescentar mais paranóia ao ambiente, mas a idéia de que os justos podiam pagar pelos pecadores a angustiava. Quando via seu marido sair de casa para

prestar depoimento nos tribunais da Comissão Shah, sentia um nó no estômago, e não relaxava enquanto ele não voltava para casa e o via são e salvo. Essas sessões eram uma prova muito penosa, porque se desenrolavam em um ambiente desorganizado e hostil que lembrava os tribunais populares chineses mais que uma corte de justiça. Rajiv voltava sempre agitado. Contava que a sala estava transbordando de gente que vociferava com grande hostilidade enquanto alguns comiam ou cochilavam no chão mesmo.

Os advogados, usando togas pretas e peitilhos brancos, estavam sentados atrás de mesas cheias de papéis amarrados com barbante, sob ventiladores que faziam os documentos soltos voarem. Uma fotografia amarelada de Gandhi decorava as paredes. Cada vez que ele ou seu irmão tentavam se defender, uma vaia enorme sufocava suas palavras. O público não os deixava falar. Mal podiam distinguir o rosto do juiz Shah por trás das pilhas de volumes do código penal indiano e da papelada que cobria sua mesa. Fora da sala, outros curiosos acompanhavam as sessões pelos alto-falantes. Obviamente, Sanjay era quem despertava maior aversão. Cada vez que ele entrava na sala, era recebido por fortes assovios e insultos. Várias vezes a tensão provocou verdadeiras batalhas campais entre seus detratores e seus seguidores. Uma das sessões acabou em completa confusão, com cadeiras metálicas voando e troca de socos. Sônia entendia como era duro para Rajiv suportar isso, ele que sempre havia odiado a confrontação e sempre procurara levar uma vida discreta. Mas, afora a injustiça da situação, tanto Rajiv quanto Sônia estavam alarmados pela repercussão de tanta hostilidade sobre seus filhos.

SANJAY E MANEKA, EMBORA FOSSEM O centro dos ataques, levavam tudo muito mais na esportiva, tanto no sentido figurado quanto real da palavra. Em 3 de outubro de 1977, estavam jogando badminton no gramado do jardim do número 12 da Willingdon Crescent quando, às cinco da tarde, ouviram um carro de polícia chegar. Dois indivíduos bateram à porta. Um deles era um sique, alto, de turbante vermelho e excelentes modos. Indira, que estava conversando com seus advogados, abriu-lhe a porta.

Meu nome é N. K. Singh, da direção do Serviço de Inteligência - disse o

sique, apertando as mãos nervosamente. - Viemos informar-lhe que a senhora está presa - disse olhando para o chão.

Quer dizer que vão me levar para a prisão?

Sim... - balbuciou o homem, visivelmente intimidado.

Será uma boa oportunidade para descansar - disse Indira.

Na realidade, fazia tempo que esperava esse momento, como o país inteiro.

Posso saber de que sou acusada?

O homem leu-lhe as acusações. Acusavam-na de ter coagido duas empresas a doarem 144 veículos 4x4 para a campanha do Partido do Congresso, e, a seguir, de vendê-los ao Exército, o que sugeria suborno. Também de ter outorgado um contrato a uma empresa que havia participado da licitação com uma oferta mais alta que as outras, o que sugeria corrupção. Indira ergueu os olhos para o céu: era tudo mentira. "Eram esses os horrores da Emergency", pensou com seus botões.

Amanhã a senhora tem hora marcada no tribunal, e para lá a levaremos - disse o homem.

Quero ver a ordem de prisão.

O homem entregou-lhe uns papéis. Indira prosseguiu:

Se não se importa, vou consultar meus advogados. Espere um momento, por favor.

Entrou em casa com os documentos. Saiu uma hora depois. O oficial sique esperava do lado de fora, sentado em um degrau da entrada.

Está faltando o First Information Report - disse Indira. - Não pretendo sair daqui enquanto todos os papéis não estiverem em ordem.

Senhora, não adiantará nada tornar meu trabalho mais difícil do que já é.

Não se preocupe, aqui estarei quando voltar.

Está bem, mandarei um oficial buscar o documento que falta.

Pode esperar dentro, se quiser.

O homem entrou, entre agradecido e constrangido. A casa estava cercada de policiais e muitos curiosos começavam a se aproximar. Sanjay e Maneka abandonaram sua partida e trancaram-se no quarto. Usha, que soube imediatamente do que havia acontecido, foi logo à Willing-don Crescent. "Quando cheguei, vi uma cena que me entristeceu.

Antes, o cordão policial servia para proteger a primeira-ministra de possíveis conflitos e manifestações. Agora, estava ali para impedir a passagem das pessoas e para prendê-la." Usha conseguiu entrar. Indira

entrava e saía de seu quarto, muito atarefada. Alegrou-se muito ao vê-la. Usha, que bom que está aqui! Por favor, por que não ajuda Sônia a preparar minha mala de viagem?

Sônia estava no quarto de Indira, com a roupa de sua sogra espalhada em cima da cama. Dessa vez, não sabia muito bem o que colocar. Essa não era uma viagem como as outras.

Para onde vão levá-la? - inquiriu Usha.

Não sei, não disseram - respondeu Sônia.

Melhor colocarmos um xale, talvez a levem para algum lugar nas montanhas.

Confio em vocês para arrumar bem meu cabelo - disse Indira do corredor.

Quero ficar o mais bonita possível.

Não se preocupe com isso - disse Sônia, que já sabia que sua sogra não gostava de estar desalinhada, nem mesmo dentro de casa. Mas esse afã e se arrumar - parecia que ia a um casamento em vez de à prisão - era inaudito. "Meu Deus", pensou Sônia, "vai para uma prisão indiana! Por que quer ir tão arrumada?", perguntava-se.

A senhora Gandhi é assim - disse Usha.

Enquanto escolhiam um sári para ela, Indira levava para a cozinha alguns documentos que considerava perigosos se caíssem nas mãos da polícia ou do Serviço de Inteligência.

O cozinheiro se encarregava de destruí-los de uma maneira muito peculiar, utilizando a máquina de fazer massa de Sônia como trituradora.

Mesmo com os telefones cortados, Sanjay e os advogados conseguiram avisar os companheiros do partido, que, por sua vez, avisaram a imprensa. Jornalistas com câmeras de televisão, seguidores do Youth Congresso de Sanjay e uma multidão crescente de curiosos foram se aglomerar em volta do cordão policial.

O oficial sique, no vestíbulo, continuava esperando Indira cada vez mais nervoso. Não gostava absolutamente do circo que estava sendo armado em volta da casa. De todas as missões que lhe haviam dado ao longo de sua carreira, essa era, talvez, a que mais o desagradava. Ninguém gosta de prender uma deusa. Estava inquieto e indeciso. Procurava ser simpático com Priyanka e Rahul, mas as crianças respondiam com olhares hostis.

Por fim, às 20h surgiu Indira, bem maquiada e penteada melhor ainda,

usando um lindo sári branco com borda verde que Usha e Sônia haviam escolhido. Era a imagem da distinção. O oficial estava embasbacado; isso era como prender uma vovozinha elegante... Ainda por cima, quando Indira saiu de casa, foi recebida no jardim com vivas e com uma chuva em pétalas de flor. Nesse momento, voltou-se para o oficial sique:

Quero que me algeme - disse.

N. K. Singh ficou perplexo, com a boca entreaberta. "Agora a vovozinha me pedia algemas!", pensou horrorizado.

Senhora, por favor...

Quero sair algemada de minha casa. Não estou presa? Pois então, ponha as algemas.

Sônia, que a seguia a pouca distância com seu marido e seu cunhado, estava tão espantada quanto o sique. O policial, à beira de um ataque de nervos, foi consultar seus colegas. Voltou em poucos instantes.

Senhora, não a vamos algemar.

Se não me algemarem, não saio daqui. Aqui fico.

Senhora, por favor, não me ponha em uma situação difícil... - disse envergonhado. - Não estou autorizado a algemá-la. Faça o favor de me seguir ou teremos que levá-la à força.

Diante da determinação do sique, Indira cedeu e seguiu os policiais, enquanto a multidão na rua lhe jogava flores e a aclamava. Rajiv, antes de abandonar a casa com Sônia, pediu a Usha o favor de ficar cuidando das crianças. Não sabia quanto tardariam a voltar.

Antes de entrar no carro, Indira dirigiu-se a um grupo de jornalistas. "Eu deveria ir amanhã a Gujarat visitar umas comunidades tribais.

Eu lhes peço o favor de transmitir minhas desculpas ao povo de Gujarat." Questionada sobre sua detenção, declarou: "Tentei servir nossa pátria da melhor maneira possível. As acusações apresentadas contra mim carecem de base. Esta é uma prisão política".

O carro partiu, precedido de um jipe militar e seguido de uma caravana de veículos que levavam seus filhos e noras, simpatizantes e repórteres. Atrás, as crianças ficaram chorando, a cargo de Usha. A história se repetia de novo na dinastia dos Nehru, como quando a polícia ia prender Jawaharlal e sua filha tentava impedir-lhes o acesso.

Não a levaram à infame prisão de Tihar, onde ela havia mandado encarcerar as maranis de Gwalior e de Jaipur e tantos outros. Sua "prisão" foi, na

realidade, o dormitório de uma delegacia de polícia, espartano e relativamente limpo. Muito digna, despediu-se de seus filhos e de suas noras à entrada. Irradiava serenidade, porque intuía que, a essa hora, a notícia de sua prisão, como se fosse um criminoso comum, já estava viajando pela boca do povo aos cantos mais afastados de seu imenso país. Sabia que, se conseguisse passar uma imagem de mártir - razão pela qual pedira as algemas - ganharia a partida. Sônia, alheia a essa manobra, via-a com uma dor imensa e fazia um esforço sobre-humano para conter as lágrimas. Os Nehru não eram efusivos, e menos ainda em situações assim. Ela também não podia desmoronar agora. Os policiais de guarda adotaram posição de sentido diante de Indira quando ela entrou em sua "prisão". Era difícil, para eles, assimilar que a teriam como hóspede aquela noite. Era o mundo ao contrário. No interior, ofereceram-lhe comida, mas ela recusou. Temia ser envenenada. Deitou-se no catre de sua "cela" e ficou lendo por um bom tempo um romance que Usha e Sônia haviam colocado na bolsa. Dormiu profundamente e ao amanhecer já estava vestida, banhada e pronta para enfrentar o tribunal.

Às nove da manhã, Rajiv a esperava na porta do palácio da justiça, na Parliament Street, centro de Nova Délhi, acompanhado de um advogado. Nessa manhã, os habituais vendedores de samosas e de caldo de cana não estavam lá, nem os escrivães que por umas rupias escreviam cartas ou defesas aos pobres analfabetos enroscados com a justiça. A notícia da prisão de Indira havia causado tal comoção que a essa hora o edifício estava completamente cercado de gente se espremendo. Dessa vez, a coalizão Janata havia mandado seus próprios manifestantes. Sanjay chegou antes com os seus, de modo que, quando Indira entrou no edifício, ouviu gritos de "Longa vida a Indira Gandhi", de um lado, e "Enforquem-na!" do outro. Mas ela agüentou, estoica, e em nenhum momento baixou a cabeça, nem sequer quando lhe jogaram uma revista que passou voando a poucos centímetros de sua cabeça.

Dentro da sala diáfana, Indira recusou a cadeira que lhe ofereceram e ficou quase duas horas em pé, ouvindo as discussões sobre as acusações que lhe imputavam. Quando o calor recrudesceu, um bedel mal bar-beado usando um dhoti branco e sujo deu uma palmada para ordenar que ligassem os ventiladores de teto. As pás começaram a girar com lentidão, rangendo para

se espreguiçar. A brisa fez tremer a parte de baixo do sári de Indira, que sentiu um pouco de alívio. Estava quase desmaiando pelo esforço de se manter em pé com esse calor. Mas sabia que o gesto de ter rejeitado uma cadeira estava sendo sussurrado de boca a orelha por centenas, milhares e talvez, mais tarde, por milhões de compatriotas... "Ela ficou em pé!", "Recusou a cadeira!"... frases simples que moldavam sua figura mítica no imaginário popular.

Lá fora, simpatizantes e detratores saíram no tapa. A polícia interveio com seus lathis, longos paus de bambu e, mais tarde, com gases lacrimogêneos.

No final, o magistrado declarou Indira inocente e absolveu-a. A seguir, ordenou sua liberdade incondicional, sentenciando: "Não há provas para confirmar as bases da acusação". Sanjay saiu correndo, gritando: "Caso encerrado! Ela está livre!", o que provocou a euforia de uns e a raiva de outros, que voltaram a se pegar. A polícia viu-se obrigada a jogar mais gás lacrimogêneo. Indira saiu da sala do tribunal com os olhos avermelhados e tampando o nariz, mas feliz porque vencera. Rajiv estava muito excitado: "Nem mamãe poderia ter sonhado com um desenlace melhor", declarou a um jornalista.

De fato, a farsa de sua prisão conseguiu fazer com que a notícia fosse primeira página de todos os jornais nacionais e de boa parte dos internacionais. O governo conseguiu que Indira parecesse vítima de uma administração incompetente. Conseguiu o efeito contrário ao que procurava: pôs Indira no caminho de sua total reabilitação política.

SÔNIA ESTAVA COMEÇANDO A ENTENDER o afã de sua sogra de estar imaculadamente vestida. Conseguira se projetar como uma mártir da justiça. Admirava esse afã de luta e, ao mesmo tempo, o desapego de sua sogra pelos benefícios do poder; agora tinha certeza de que Indira voltaria ao topo, nem que fosse só para limpar seu nome e ser de novo o orgulho dos seus, principalmente de seus netos, que adorava. Sônia a entendia porque ambas compartilhavam um senso muito profundo e intenso de família.

Porém, não via o outro lado do caráter de sua sogra porque nunca se sentira atraída pelo poder. Para Indira, era uma espécie de droga. O próprio Kissinger havia dito que o poder era o melhor afrodisíaco que existia. De uma menina feinha e solitária, depois de uma mulher frágil e delicada de

saúde, graças ao poder Indira se tornara uma lutadora formidável, dura e tenaz. Tinha o germe dentro de si, e sentia-o agitar-se cada vez que a possibilidade de chegar ao poder, por mais remota que fosse, despontava no horizonte.

De modo que não perdeu um segundo, sabia que devia aproveitar o momento. De novo Sônia a ajudou a preparar sua bolsa de viagem, e dessa vez para um longo tempo, porque Indira queria percorrer o país inteiro. Em Gujarat, dirigia-se ao povo de pequenas plataformas erigidas a vários quilômetros umas das outras. Conforme passava o dia, as guirlandas de jasmim e margaridas iam se acumulando no pescoço até cobrir parte de seu rosto. Tirava o pesado fardo antes de entrar nas choças dos aborígenes, onde dividia sua comida sobre folhas de bananeira, falando com eles de seus problemas: a colheita, a educação, a falta de atendimento médico etc. Uma noite, enquanto atravessava de carro um bosque, pediu ao motorista que parasse. Ouvira uma voz. Uns minutos depois, surgiu um aborígene, um homem meio nu de cabelo hirsuto e pele queimada. Levava na mão uma guirlanda de flores. "Mãe, há dez anos espero vê-la", disse ele em seu dialeto enquanto lhe punha o colar.

Nem sempre a recepção era triunfal ou afetuosa. O escritor Bruce Chatwin, que a acompanhou durante parte dessa turnê, estava em um carro que foi confundido com o de Indira. Uma pedra quebrou o pára-brisas e feriu o condutor. Outra atravessou sua janela e os cacos de vidro feriram o escritor no ombro. "Isso é o que costuma acontecer com quem anda a meu lado", disse Indira, que o levou a seu quarto para ver se a ferida estava devidamente tratada. Em outra ocasião, no estado de Kerala, Chatwin foi testemunha de uma multidão de um quarto de milhão de pessoas, totalmente ensopadas pela chuva, se aproximar para ouvi-la já noite. Indira colocou-se em uma varanda do último andar de um edifício, sentada em uma cadeira que havia sido colocada em cima de uma mesa. Colocou uma lanterna entre os joelhos, dirigindo a luz para seu rosto e torso, e começou a mover os braços e a falar, enquanto seus simpatizantes a confundiam com Lakshmi, a deusa cujos numerosos braços se moviam de forma ondulante. A comparação não era em vão: Lakshmi era a deusa da riqueza. Depois de um bom tempo, dirigiu-se a Chatwin, que estava sentado embaixo, na mesa.

Senhor Chatwin, passe-me mais algumas nozes de anacardo - disse, abaixando a cabeça para ele. O escritor estendeu-lhe um punhado e ficou perplexo ao ouvir Indira acrescentar:

Você não tem idéia de como é extenuante ser uma deusa.

O primeiro-ministro Morarji Desai reconheceu o erro que fora prender Indira, e não estava disposto a repeti-lo, a despeito dos informes da Comissão Shah que proclamou que a decisão de impor o estado de sítio havia sido inconstitucional e fraudulenta por não existir "evidência de perigo à integridade da nação", uma conclusão discutível.

Entre os males que a Emergency havia provocado, o juiz Shah destacou a detenção de milhares de pessoas inocentes e uma "série de ações ilegais que resultaram em miséria e sofrimento humanos". O inconveniente é que a conhecida tendência pró-governamental do juiz diminuía a credibilidade do informe da Comissão Shah. Era uma interpretação muito subjetiva da evidência, e além disso, não era vinculativa.

De modo que se esqueceram de Indira para concentrar-se em seu filho, que não estava legalmente a salvo, mas nunca se pôde provar que houvesse desviado fundos públicos ou subornado no negócio do Maruti. O caso mais problemático que pesava sobre Sanjay era uma denúncia por ter destruído um filme satírico chamado A história de duas poltronas, em referência ao poder que ele e sua mãe açambarcaram durante o estado de sítio. A produtora do filme havia apelado ao Tribunal Supremo para que o juiz o liberasse e, assim, pudesse exhibir o filme. Mas então Sanjay e seu amigo, o ministro da Informação, haviam mandado destruir as cópias e os negativos, em um ato que subvertia o processo da justiça. Por isso foram condenados.

De modo que Sônia foi de novo testemunha da prisão de outro membro da família, dessa vez seu cunhado. Foi muito mais rápido que no caso de Indira. Em cinco minutos levaram-no algemado para a infame prisão de Tihar, aonde ele mesmo havia mandado tantos opositores a sua mãe. Indira, que estava viajando pelo sul, pegou o primeiro avião de volta a Délhi. Foi diretamente vê-lo na prisão e encontrou ali toda a família e um grande grupo

de jornalistas e equipes de televisão. Seu abraço em Sanjay deu a volta ao mundo, assim como seus conselhos: "Não desanime, seja valente, isso vai ser seu renascimento político. E não se preocupe, lembre que eu, meu pai, todos passamos pela prisão". Indira temia o efeito que a prisão pudesse ter sobre Sanjay. "O que me dá medo", confessou a Rajiv e a Sônia, "é que o agridam fisicamente."

Apesar das tensões, a família reagia bem à adversidade. Sônia comprometeu-se a preparar uma refeição todos os dias para seu cunhado para que Maneka a levasse para a prisão. A jovem esposa estava excitada com a nova situação. Achava que estavam vivendo uma aventura incrível, e no fundo se regozijava em seu novo papel porque se sentia mais necessária que nunca para seu marido. Ao longo de 1979, Sanjay foi preso seis vezes, mas não passou mais de cinco semanas trancafiado. Aconteceu como com seu avô Nehru: a prisão o fez tirar o melhor de si. Não tinha nenhum preconceito quanto a misturar-se com todo tipo de réus; organizava torneios esportivos, jogos de equipe e turnos de limpeza das instalações. Quando algum prisioneiro adoecia, Sanjay cuidava dele. Se julgasse necessário, passava horas sentado junto a ele. Assim que entrava em qualquer centro penitenciário, tornava-se seu líder indiscutível.

Enquanto Sanjay sobrevivia entrando e saindo da prisão e dos tribunais, sua mãe reunia forças, certa de que poderia recuperar o poder, e, com ele, a segurança e a dignidade para ela e sua família. Estava disposta a lutar como uma leoa para proteger seus filhotes. Foi de mãe leoa a mensagem que mandou a Sanjay no dia de seu aniversário, na prisão: "Lembre-se, tudo que torna forte, dói. Alguns ficam esmagados ou aleijados, poucos crescem. Seja forte em corpo e mente e aprenda a tolerar".

INDIRA ESTAVA TENTANDO RECOMPOR SUA BASE, ou seja, o partido, que estava dividido entre os incondicionais, dispostos a segui-la até os confins da terra, e os que atribuíam a Sanjay a responsabilidade da queda de 1977 e que não o queriam na organização. E havia ainda os numerosos ministros que a traíram diante da Comissão Shah, confessando mentiras em troca de imunidade jurídica. Nessas circunstâncias, recompor o partido tornava-se impossível. Então, Indira cortou o mal pela raiz.

Decidiu cindir a organização e ficar só com os muito leais. Tornou-se, assim, presidente do Congresso (I) -1 de Indira - e o logo escolhido foi a palma de uma mão, como uma bênção. De seus leais exigiu também lealdade para com seu filho. "Os que atacam Sanjay, atacam a mim", declarara em várias ocasiões. Seu amor pelo poder levava-a inconscientemente a se perpetuar nele, e a figura de Sanjay alimentava suas ambições dinásticas.

Sônia pensava que já havia vivido o pior com as detenções, a hostilização, a perseguição fiscal a seu marido, mas a partir do momento em que Indira anunciou a criação de sua nova formação política, a vida na Willing-don Crescent tornou-se muito mais irritante e incômoda. Era uma casa aberta dia e noite. As pessoas chegavam a qualquer hora para visitar Indira. Os membros de seu partido, com expressões que passavam da euforia à angústia, entravam e saíam como se fosse um lugar público. De repente, reuniam-se em sigilo, organizavam-se, planejavam novas estratégias, decidiam que táticas empregar em cada circunscrição. E a tudo isso somavam-se as freqüentes visitas de advogados que continuavam guiando Indira e Sanjay pelos meandros da justiça. De repente, Sônia encontrava na

sala de jantar membros dos serviços secretos que vinham interrogar sua sogra ou seu cunhado. Já não sabia se as pessoas que pululavam pelos aposentos eram aliados ou inimigos. Não dava conta de preparar chás e lanchinhos para as diversas visitas que Indira recebia no gramado, sob umas barracas improvisadas no jardim ou na entrada de casa, que às vezes parecia a sala de espera de uma estação de trem. Indira parecia feliz com tanto movimento; a promiscuidade não a incomodava. Estava em seu elemento, no ambiente em que havia se criado quando menina. Além do mais, contava com a presença de Sanjay, que, se não estava na prisão ou com seus advogados, trabalhava muito próximo a ela, vendo a maneira de usar o Youth Congress para boicotar o funcionamento do atual governo do Partido Janata.

- Faz lembrar os dias da Anand Bhawan, quando preparávamos alguma ação de protesto... - dizia encantada a Sônia, que estava à beira das lágrimas.

Nem ela nem Rajiv suportavam a falta de privacidade. Mais de uma vez, ocorreu-lhes de encontrar em seu quarto membros do partido discutindo acaloradamente porque não haviam achado um lugar melhor para isso. O ambiente desorganizado e revirado, as ameaças constantes e o porvir incerto crispavam seus nervos. Essa não era a vida que haviam escolhido para si e seus filhos. Agora, nem mesmo seus amigos podiam ir vê-los. Onde os receberiam? Tanta confusão fazia Sônia temer pela segurança das crianças. "E se entrar alguém na casa com a intenção de sequestrá-los ou lhes fazer mal?", perguntava-se. Além do mais, preocupava-se com o efeito que as tensões familiares teriam sobre eles. Sônia e Maneka haviam deixado de se falar porque esta última continuava não colaborando nas tarefas domésticas. Pupul, que foi uma testemunha privilegiada dessa época, escreveu: "É incrível que, nessas condições caóticas, Sônia pudesse se encarregar de todas as tarefas domésticas sem desabar".

O passo seguinte de Indira foi candidatar-se às eleições por uma pequena circunscrição do sul. Haviam chegado rumores de que o governo Janata estava preparando uma lei para impor penalizações aos políticos que houvessem cometido crimes contra o povo, como a proibição de votar e de ser eleito. Se Indira conseguisse entrar no Parlamento, teria a segurança de

que essas medidas não a afetariam por estar protegida pela imunidade parlamentar. Escolhera a circunscrição com extremo cuidado.

Chikmaglur era um pequeno distrito nas colinas verdes de Karnataka, um estado no sudoeste da Índia, onde no século XVI um santo muçulmano vindo de Meca plantou umas sementes vermelhas desconhecidas até então. Foi o início do cultivo do café, que continuava vigente três séculos depois. Para Indira, era uma zona perfeita: mais da metade do eleitorado era composto por mulheres, das quais metade pertencia às denominadas "castas baixas". No total, mais da metade da população vivia no limite da pobreza. A zona era também um bastião do Congresso. Seu deputado pelo distrito, que renunciou para ceder o posto a Indira, era um velho líder muito respeitado.

As pequenas aldeias engastadas nas colinas estavam cercadas de uma exuberante vegetação subtropical. Indira gostava dessa paisagem bucólica. Visitou as plantações de café para falar com os agricultores e suas famílias. Era gente simples, satisfeita com o pouco que tinha, isolada da vida política do resto do país. Indira descobriu que as notícias de sua derrota de 1977 não haviam chegado ainda ao interior da comarca. Uma idosa agricultora nem sequer sabia que já não era primeira-ministra.

Quando lhe disseram que podia acabar presa se provassem as acusações contra ela, a velha perguntou com lágrimas nos olhos: "Que acusações?" como se os grandes deste mundo nunca pudessem fazer nada de ruim. Aquela gente era ingênua e inocente.

Indira não deixou uma única aldeia sem visitar. Em todos os lugares, a acolhida era muito calorosa. As mulheres se aproximavam para acariciar seu rosto porque nunca haviam visto uma pele tão clara. Captavam em seus olhos um entendimento tácito sobre o que representava ser mulher, suportar o peso dos partos, das crianças, da fome e da morte. As mais velhas agradeceram por seu governo ter posto em marcha programas de ajuda graças aos quais puderam comer arroz pela primeira vez. Antes, sobreviviam da colheita de trigo silvestre e muitas não tinham nem o que vestir; andavam cobertas de folhas de bananeira. Assim distante e atrasada era Chikmaglur; assim gratas eram suas mulheres.

Enquanto seus rivais faziam discursos sobre democracia contra a ditadura e lembravam os excessos do estado de sítio, Indira falava da espiral de preços, da escassez de alimentos básicos e da crescente pobreza. Naquele lugar, a Emergency não havia sido notada. Como se fosse pouco, seus adversários, ao escarnecer dela, aplainavam seu caminho de uma maneira que só na Índia poderia acontecer. Em um grande comício, colocaram um enorme cartaz no qual Indira estava representada em forma de cobra ameaçadora. Embaixo, um texto dizia: "Cuidado, nestas eleições, uma poderosa cobra vai se erguer". O efeito foi totalmente contraproducente. Os autores da campanha ignoravam que em Karnataka a cobra era venerada, considerada um animal protetor da terra. Outro cartaz mostrava flechas do partido Janata matando uma serpente chamada Indira. Mas em Chikmagalur, matar uma cobra era considerado um péssimo agouro.

Choveu a cântaros no dia da convocatória eleitoral. Ainda assim, três quartos da população foram depositar sua cédula. Indira voltou a Nova Délhi e dois dias depois, enquanto estava com Sônia e Rajiv na embaixada da União Soviética celebrando o dia nacional da URSS, foi informada de que vencera por uma ampla margem de 70 mil votos. O embaixador ergueu uma taça para brindar à vitória de Indira. Em dois anos, a mulher que fora derrotada nas urnas de maneira humilhante voltava como deputada ao Parlamento por uma remota circunscrição do sul.

QUATRO DIAS DEPOIS, Indira voava para Londres. Havia conseguido um passaporte diplomático para ela e quisera que Sônia a acompanhasse. Era a única que podia fazer isso, por dispor de passaporte italiano. Queria que sua nora mudasse de ares e, além disso, era uma maneira de agradecer-lhe por sua dedicação à família. Nos últimos tempos, a discórdia em casa havia atingido o paroxismo. O comportamento errático e descontrolado de Maneka era uma fonte de tensão constante. Reagia à pressão e à incerteza explodindo em freqüentes ataques de cólera contra todo o mundo, inclusive seu marido. Em uma dessas brigas, Maneka tirou o anel que Indira lhe havia dado para seu casamento e jogou-o no chão com raiva.

Como se atreve a fazer isso? - explodiu Indira. - Esse anel pertenceu a minha mãe! Maneka saiu batendo a porta e Sônia abaixou-se para pegá-lo.

Vou guardá-lo para Priyanka - disse, e de fato, anos depois, sua filha usaria o anel da bisavó.

O casamento de Sanjay e Maneka era explosivo, o contrário do de Rajiv e Sônia. Nesse curioso lar, a italiana se comportava como uma perfeita nora indiana, e a indiana como uma napolitana exuberante. "Em casa reina o caos", confessou Indira a sua amiga Pupul. "Mas Maneka tem apenas 21 anos... longas penas de reclusão esperam por Sanjay. Precisamos entendê-la e perdoar sua histeria." A caça às bruxas havia conseguido fazer com que todos pagassem um alto preço em desgaste nervoso, até o próprio Sanjay, que sofria com as 35 querelas criminais apresentadas contra ele pelo Partido Janata em dois anos. Um dia, enquanto a família estava tomando o café-da-manhã em casa com uns parentes que os visitavam, Sanjay reclamou porque os ovos não estavam cozidos como ele pedira e jogou o prato no chão. Sônia os havia preparado, de modo que saiu da sala aborrecida. Indira não pronunciou uma única palavra de crítica contra seu filho, mas estava claramente incomodada.

Quando Sônia não agüentava mais, ia com suas amigas, uma delas decoradora e outra editora, comer em um pequeno restaurante chinês no Khan Market ou no American Embassy Club, onde não a reconheciam. Ou ia para o jardim com uma enxada na mão para cuidar da horta. Os brócolis que conseguira cultivar causavam sensação entre seus conhecidos.

Os dez dias da viagem a Londres não foram férias, mas Sônia gostou de estar fora de casa. Londres lhe trazia lembranças de uma época muito feliz de sua vida. Pensava que se afastaria do ambiente insuportável da política indiana, mas não foi assim. A política os perseguia. Indira aceitara essa viagem para reabilitar sua reputação internacional, e foi recebida com grande expectativa e muita desconfiança. Avisaram-na de que poderia encontrar audiências hostis nos diversos atos a que assistiria, de modo que, na primeira reunião com parlamentares, Sônia temeu o pior.

Senhora Gandhi, o que falhou em seu estado de sítio? - perguntou um deputado sem preliminares nem rodeios.

Houve um longo silêncio. Indira levantou-se, ajustou seu sári e pegou o microfone.

Conseguimos enlouquecer quase todos os setores da comunidade simultaneamente - respondeu de maneira simples e direta.

Sua franqueza causou um riso geral e dissolveu a tensão do ambiente. Entre

os presentes estava uma mulher que, embora se encontrasse do lado oposto do espectro ideológico de Indira, professava-lhe uma grande admiração. Tratava-se de Margaret Thatcher, que estava prestes a se transformar em primeira-ministra. Talvez por ser mulher, entendesse a mistura de fragilidade e firmeza de Indira e compreendia muitas de suas reações no exercício do poder. A futura "Dama de Ferro" não se incomodava de admitir que se encontrava diante de uma mestra. Aquela viagem serviu, em grande parte, para que Indira recuperasse suas credenciais democráticas.

Entre encontros com a imprensa, com representantes de comunidades indianas e visitas a políticos ingleses - que irritavam sobremaneira o embaixador indiano - mal houve tempo de ir ao teatro e ao cinema de fazer compras na Woolworth's e de procurar livros na famosa livraria Foyle's. Esses passeios foram um verdadeiro bálsamo para Sônia. Nessas ruas brilhantes de chuva ninguém a reconhecia, sentia-se segura, não precisava estar atenta à escolta, podia deslocar-se a pé e não depender sempre do carro... Que luxo! A despeito de todas as dificuldades dos últimos tempos, sua relação com a sogra era mais estreita que nunca. Sônia reconhecia que a amava como a uma mãe. Mesmo que Indira não demonstrasse abertamente, sua preferência por Sônia era notória. Inspirava-lhe uma confiança que Maneka nunca inspiraria. Mas, a despeito disso, sempre a defendia, pelo menos em público. "Maneka suporta uma grande pressão", dizia escusando-a. A verdade é que Maneka trabalhava com ardor pela causa de sua sogra. Havia conseguido trazer à baila um escândalo que afetara o Partido Janata. Fotógrafos de sua revista, Surya, conseguiram imagens do filho do primeiro-ministro, um homem casado de quarenta anos, na cama com uma adolescente. Em um país de hábitos tão pudicos, esse escândalo teve o efeito de ridicularizar a perseguição do Partido Janata contra Sanjay, e também o próprio primeiro-ministro. Maneka estava muito orgulhosa de ter contribuído com seu grão de areia nessa batalha. Mas, em seu foro íntimo, sentia que nunca ocuparia o lugar que Sônia ocupava no coração de Indira, e isso a perturbava.

Enquanto caminhavam pela Oxford Street fazendo compras de última hora para as crianças, nem Sônia nem Indira podiam imaginar que em Nova Délhi o governo estava fazendo um último e desesperado esforço para

derrubá-la de novo. À medida que se confirmava sua ressurreição política, multiplicavam-se comissões de investigação para tentar vinculá-la a todo tipo de delitos. As acusações iam do macabro ao absurdo, de "conspirar para matar um ex-ministro" (que na realidade havia falecido de morte natural) a "desviar fundos e enriquecer ilicitamente" (o que era obviamente falso). Talvez a mais absurda das acusações fosse o de ter roubado quatro galinhas e dois ovos, uma acusação que a obrigou, assim que voltou de Londres, a ir ao distante estado de Manipur, no leste da Índia - uma viagem de 3 mil quilômetros - para se apresentar perante o juiz local. O caso foi encerrado e Indira voltou a Nova Délhi.

No Parlamento, onde era recebida entre gritos e vivas, o Comitê de Privilégio, um grupo que vigiava o abuso de poder dos governantes, havia apresentado uma moção contra Indira, acusando-a de ter fustigado, quando era primeira-ministra, quatro funcionários que investigavam a Maruti Limited. O informe concluiu que era culpada, mas, antes dos trâmites na justiça, os líderes do Partido Janata decidiram castigá-la fazendo uso de sua maioria na Câmara. Aprovaram uma resolução do Parlamento pedindo que "Indira fosse presa uma semana e, em consequência, expulsa da Câmara". Agora, quem estava cometendo abuso de poder eram os próprios governantes. Condenavam-na antes de ter sido julgada. Era puro revanchismo, que se explicava pelo medo que tinham de vê-la ressurgir. Uma coisa era ter Indira percorrendo o país, e outra bem diferente era tê-la discursando no Parlamento. De modo que utilizaram um subterfúgio para tirá-la: primeiro prendê-la, o que não era de todo legal, para depois aplicar a lei que expulsava automaticamente do Parlamento todo aquele que fosse condenado a alguma pena de prisão. Na realidade, atravessaram o limite da legalidade. E fizeram isso bem no dia em que, no Paquistão, o ex-primeiro-ministro Zulfikar Ali Bhutto se apresentava perante o Tribunal Supremo para se defender de uma pena de morte ditada por um tribunal inferior e urdida por Zia Ul Haq, um general golpista que havia organizado um simulacro de julgamento. A sombra dessa sentença injusta chegava até Nova Délhi ameaçando Indira e seu filho. Se os governantes ignorassem as regras do jogo, tudo seria possível naquele ambiente de linchamento. Ao agir de maneira ilegal, os inimigos de Indira arrasavam os últimos vestígios da superioridade moral com que haviam assumido o poder como representantes

de uma nação traumatizada pela experiência do estado de sítio.

De repente, eram eles os que se transformavam em tiranos que prendiam sem julgamento, subvertendo, assim, os desejos do eleitorado. Sob a abóbada do Parlamento, Indira defendeu-se com paixão e fúria controladas: "Nunca antes na história de nenhum país democrático um único indivíduo, que lidera o principal partido de oposição, foi alvo de tanta calúnia, difamação e vendetta política por parte do partido no Poder". Tornou a dizer que lamentava profundamente os excessos do estado de sítio: "Já expressei minhas desculpas em muitos foros públicos e torno a fazê-lo agora". Suas palavras eram freqüentemente interrompidas por um estrondo de vivas e ovações que ecoavam com força na cúpula côncava do edifício:

Sou uma pessoa pequena, mas sempre fui fiel a certos valores e objetivos. Cada insulto contra mim se voltará contra vocês. Cada castigo que me infligirem me fará mais forte. Minha voz não poderá ser silenciada porque não é uma voz isolada. Não fala de mim, uma mulher frágil e sem importância. Fala de mudanças significativas para a sociedade, mudanças que são a base da verdadeira democracia e de uma maior liberdade.

Terminado o discurso, Indira levantou-se e, dando as costas aos deputados, caminhou para a saída. Ao chegar à porta, voltou-se e olhou-os longamente. Uns estavam sentados com as pernas cruzadas, enrolados em suas kurtas de algodão branco e em seus xales de pashmina, outros usavam o gorro característico de Nehru, outros o barrete muçulmano; poucos se vestiam à moda ocidental. Parecia uma corte oriental antiga e multicolorida. Levantou o braço, com a mão estendida que era o símbolo de seu partido:

Eu voltarei - disse.

Sônia havia preparado uma massa sublime para o jantar. Além disso, de sobremesa havia creme de goiaba e docinhos de manga de Allahabad, que Indira adorava porque lhe lembravam sua infância. Ela chegou com uma hora de atraso, esgotada. Os traços de seu rosto refletiam a tensão que acabara de viver.

A qualquer momento virão me buscar... - disse a Rajiv e Sônia antes de lhes contar o que havia acontecido no Parlamento.

Sônia não conseguiu comer. Como ocorre muitas vezes, as pessoas próximas sofrem mais que as próprias vítimas. O medo tornou a se apoderar de sua alma, misturado com uma desagradável sensação de insegurança,

como se estivessem vivendo sobre areias movediças dispostas a engolir a todos. De novo Indira seria presa, dessa vez não dormiria em uma delegacia, e sim na prisão. Seus inimigos haviam ganhado uma batalha. Rajiv e Sônia estavam abatidos.

Por que não chama Priyanka para jogarmos uma partida de scrabble? - perguntou então Indira. Adorava jogar com sua neta, que era muito esperta e ganhava uma boa porcentagem de vezes. Que melhor companhia que a da menina de seus olhos nesses momentos de incerteza...

No dia seguinte, Indira foi presa à saída do Parlamento, em meio a uma enorme manifestação de apoio e gritos de "Longa vida a Indira Gandhi". Dessa vez não pediu para ser algemada. O furgão onde a embarcaram abriu caminho com grande dificuldade por entre a multidão. Foi conduzida à prisão de Tihar, cuja simples menção era capaz de amedrontar os criminosos mais aguerridos. Mas, contrariamente às maranis de Jaipur e Gwalior, não foi trancada em uma cela em companhia de prostitutas e delinquentes comuns. Colocaram-na nos mesmos barracões onde estivera preso o chefe da oposição quando do estado de sítio. Estava sozinha, um privilégio. Duas mulheres revezavam-se para vigiá-la. Quando lhe trouxeram algo para comer, negou-se.

Não pretendo comer nada que não seja trazido por minha família - disse de maneira peremptória, sabendo que só podia confiar nas mãos de Sônia. A carcereira saiu e foi consultar seu superior. Como sempre na Índia, foram longas conversas que duraram um tempo interminável.

Enquanto isso, Indira dedicou-se a observar a cela. Ouvia-se o barulho do pátio e das outras internas. Era espaçosa e, no geral, melhor do que havia esperado. Dispunha de um catre de madeira, sem colchonete, e havia barras de ferro nas janelas, que não tinham vidro ou persianas. Fazia muito frio. No fim de dezembro, a temperatura pode cair abaixo de zero à noite.

Indira estava tampando o vão da janela com uma manta para se proteger do frio - e para conseguir um pouco de intimidade - quando a carcereira voltou. A senhora tem uma visita.

Sônia e Rajiv estavam esperando por ela no locutório, uma sala grande com paredes descascadas, algumas mesas e cadeiras metálicas e muita gente, a

maioria pobre, homens jovens e ossudos que iam ver suas esposas e mães presas. A parte baixa das paredes estava manchada de vermelho, vestígio das incontáveis cuspidas de todos os que mascavam folha de betel. Tinha cheiro de urina e de incenso rançoso. Como já haviam visitado Sanjay, estavam calejados e não se impressionaram. Mas pareciam muito afetados, e foi Indira quem teve que lhes levantar o ânimo.

Estou bem, de verdade. Vou aproveitar para ler, eles me deixam ter até seis livros... que sorte - disse com ironia. - Fizeram uma espécie de banheiro especial para mim e poderei tomar banho de manhã com água quente. A cela está bastante limpa, mas tudo é indescritivelmente feio, como podem ver... Como estão as crianças?

Priyanka queria vir vê-la, mas achamos que... O rosto de Indira se iluminou. Oh, sim! - disse sorrindo. - Tragam-na, é bom que ela veja o que é uma prisão. Nós, os Nehru, desde pequenos íamos visitar nossos parentes nas prisões... Não se pode abandonar a tradição.

Riram. Como sempre, Indira não se deixava vencer pela adversidade. Nem uma só vez deixou transparecer o menor rastro de autocompaixão. Bastava-lhe ter certeza de que a razão moral estava do seu lado.

Virei lhe trazer comida... - disse Sônia.

Traga pouca coisa. Não tenho fome.

Sônia ia duas vezes por dia levar-lhe pratos preparados em casa. Tinha que passar tudo por um detector de metais. A seguir, uma zeladora inspecionava os recipientes.

Doces eram proibidos, porque em certa ocasião um réu havia oferecido a seu carcereiro um doce com alguma substância narcótica dentro e conseguira fugir. Também não permitiam bananas na seção feminina: puritanas e desconfiadas, assim eram as autoridades...

Um dia, Indira contou a Sônia que havia recebido dois telegramas anônimos. Um dizia: "Viva frugalmente". E o outro a aconselhava a contar as barras de ferro para passar o tempo. "Eu contei, são 28", disse. Também lhe contou que mantinha uma estrita rotina que a ajudava a passar os dias. Acordava às cinco da manhã e fazia seus exercícios de ioga. A seguir, bebia um copo de leite gelado - que Sônia havia trazido na véspera - e voltava ao catre até as sete. Depois fazia seu asseio pessoal, um pouco de meditação e lia. As tardes pareciam eternas, mas não se queixava. Aproveitava para

pensar, para voltar-se para si mesma e, curiosamente, para descansar. O melhor momento que viveu foi quando sua neta foi visitá-la. Todos na família diziam que Priyanka havia puxado a sua avó. Tinha caráter e era voluntariosa e decidida. Indira a adorava. Rajiv e Sônia tiveram que travar longas discussões com as autoridades carcerárias para que a menina pudesse entrar.

Foi um encontro alegre em um cenário lúgubre. Antes de ir embora, Indira pediu um favor a Sônia.

Queria que mandasse, em meu nome, um buquê de flores para Charan Singh com um bilhete de felicitação por seu aniversário.

Charan Singh? - perguntou Sônia assombrada.

Sim, ele mesmo. Pode fazer isso, por favor?

Claro - respondeu Sônia perplexa.

Charan Singh era um dos líderes do Partido Janata, ministro do Interior e responsável por sua primeira prisão, e agora relegado a um ministério de menor importância.

Indira sabia o que estava fazendo. Faltavam três anos de governo Janata, mas recebera informação de que os integrantes da coalizão estavam brigando muito. Charan Singh estava ressentido contra o primeiro-ministro Morarji Desai - esse que havia insistido em retirar a casa e a proteção de Indira - por ter sido destituído de seu cargo de ministro do Interior. Indira pensou que poderia abrir uma brecha entre os dois líderes, atizar suas ambições para que o governo caísse como uma fruta podre. Esse era o propósito do buquê de flores.

Ao SAIR DA PRISÃO, ESPERAVA-A UMA CARTA de Charan Singh convidando-a a sua residência para a festa de nascimento de seu neto. Nesse âmbito tranquilo e familiar ocorreu uma negociação maquiavélica, na qual ambos os adversários políticos traçaram uma estratégia para derrubar o governo do primeiro-ministro Morarji Desai. Em troca de anular a nova lei de Tribunais Especiais sob a qual Indira e Sanjay podiam ser julgados sem a proteção legal habitual, Indira ofereceu o apoio do Congresso para derrubar Morarji Desai.

E, uma vez derrubado Desai, comprometia-se a apoiar Charan Singh para primeiro-ministro, o que lhe permitiria satisfazer a ambição de toda sua

vida. Foi Sanjay quem se encarregou de prosseguir com as delicadas negociações tendo o cuidado de não deixar nenhuma ponta solta.

O resultado foi que a coalizão se rompeu e o governo de Morarji Desai caiu, mas Charan Singh não pôde, ou não quis, revogar a lei especial, de modo que Indira retirou-lhe o apoio e seu governo durou menos de um mês. Para sair do atoleiro, o presidente da República dissolveu o Parlamento e convocou novas eleições para janeiro de 1980. Indira havia manobrado com experiência, frieza e eficácia. Tal como dissera aos deputados depois de seu discurso, dispunha-se a voltar, e pela porta da frente.

Uns meses antes, pensara em abandonar tudo. Ela e Sanjay haviam falado até em se retirar a uma pequena cidade do Himalaia. O sábio e filósofo Krishnamurti, amigo pessoal de Pupul, havia recomendado a Indira que abandonasse a política, e ela havia respondido que não sabia como fazer isso com 28 causas pendentes contra ela.

Não queria acabar como Zulfikar Ali Bhutto, que havia sido executado na forca em 4 de abril de 1979 no pátio da prisão central de Rawalpindi. O ditador paquistanês, temeroso de que Bhutto ressuscitasse politicamente como Indira estava fazendo na Índia, conseguira manipular a justiça para acabar com seu rival. Aqui essa manipulação não era tão fácil, porque a Índia continuava sendo uma democracia. Mas o perigo espreitava.

- Tenho duas alternativas - dissera Indira a Krishnamurti - lutar ou ser alvejada como um pato de barraca de tiro ao alvo.

Agora não havia volta possível. O poder estava ao alcance da mão. Indira, fiel a si mesma, foi conquistá-lo. Armada de duas malas que continham meia dúzia de sáris de algodão cru, uma garrafa térmica para água quente e outra para leite gelado, duas almofadas, vários sacos de frutos secos, uma caixa de maçãs e uma sombrinha para se proteger do sol, adentrou os confins do subcontinente. Percorreu 70 mil quilômetros, participou de uma média de vinte comícios por dia e, no total, atingiu uma audiência de 100 milhões de pessoas. Foi vista ou ouvida por um em cada quatro votantes.

Logo percebeu que sua segunda passagem pela prisão a havia tornado

imensamente

popular. Mártir e heroína. Em comparação, os candidatos da coalizão composta pelo Partido Janata pareciam velhos dinossauros. Competiam não contra uma pequena candidata de 62 anos, e sim contra um mito vivo, uma lenda vestida de sári e sandálias empoeiradas que despertava a paixão do povo. Sua mensagem era simples, longe de abstrações e ideologias: "Escolham um governo que funcione". Sônia não podia imaginar que, anos depois, ela mesma lançaria mão desse slogan.

COMO NOS BONS TEMPOS, Indira arrasou nas urnas. Sônia já esperava, porque a acompanhara em alguns de seus percursos pelas aldeias e a vira mover-se com total desenvoltura entre as multidões de esfarrapados, dizendo uma frase amável a um idoso, tendo um carinho para com um aleijado, sorrindo para uma mulher, dando uma flor para uma menina. A memória dessa prodigiosa campanha ficou gravada em sua mente e, anos depois, seria de uma enorme utilidade para ela.

Quando os resultados se tornaram oficiais, a casa foi invadida por amigos, jornalistas, membros do partido, grandes industriais, comerciantes do bairro e gente de todo o espectro social. Havia flores por todo lado. A duras penas, sua amiga Pupul conseguiu abrir caminho por entre a gente. Quando se encontraram, Indira quase começou a chorar. "Estava muito emocionada e um pouco alterada", contaria sua amiga. "Mesmo sabendo que a maré estava a seu favor, a comoção da vitória deixou-a nocauteada." Assumir que voltava a ser primeira-ministra e que com uma canetada todos os seus problemas estariam solucionados levava um tempo. Mas logo reagiu.

O que sente por ser de novo líder da Índia? - perguntou a Indira um correspondente europeu. Ela se voltou para ele com um olhar de fogo.

Sempre fui líder da Índia - respondeu secamente.

Outro jornalista, surpreso diante da afluência maciça de gente humilde, comentou com Indira que alguma coisa muito boa devia ter feito para eles no passado para que tantos comparecessem, e ela replicou de maneira um pouco misteriosa: "Não, aqueles a quem ajudamos estão onde não podem ser vistos".

Sanjay estava a seu lado, sorridente, enrolado em um xale salmão como um jovem César. Ele também havia ganhado, na mesma circunscrição que o

havia desdenhado três anos antes. Agora seu poder teria certa legitimidade. A vida sorria para ele também por outra razão. Maneka engravidara uns meses atrás, quando a situação para ambos era muito difícil. Haviam chegado a se perguntar qual o sentido de trazer uma criança ao mundo no meio de tanta ameaça. Agora, esse véu de incerteza se retirava e o futuro se anunciava radiante. Maneka, muito excitada, conversava com jornalistas e amigos, exibindo com orgulho sua barriga nua entre o sutiã e a saia do sári. Rajiv, Sônia e as crianças pululavam pela casa. Parecia de novo uma grande família feliz.

Aqueles que haviam sido vítimas das campanhas de nacionalizações e de abolição de privilégios não compartilhavam esse júbilo. A foto de Indira sorrindo junto a Sanjay, que ocupou as primeiras páginas dos principais jornais em dias sucessivos, fez com que mais de um no imenso país sentisse um calafrio de medo. Mãe e filho voltavam à carga. Em seus palácios já decrepitos, os herdeiros dos marajás receberam a notícia com cinismo... O que podia lhes tirar agora que já não houvesse tirado?

Era tal o ódio que Indira inspirava em muitas famílias da antiga aristocracia do país que uma vez, em visita ao Bhopal, foi convidada para tomar chá na casa dos herdeiros das antigas begumes, que haviam governado o sultanato durante gerações. Indira nunca soube que o pedaço de bolo de chocolate que degustara com prazer estava impregnado de uma cusparada, presente secreto da dona da casa que, por força da nobreza, a atendia com a máxima deferência.

Em 14 de janeiro de 1980, Indira foi empossada como primeira-ministra perante o presidente da República, cercada de sua família, de alguns amigos e companheiros de partido, no resplandecente salão Ashoka do ex-palácio do vice-rei, cujas pinturas em tetos e paredes contavam a história mitológica da Índia eterna. Era a quarta vez que o fazia nesse mesmo cenário, cuja grandiosidade evocava o enorme poder que lhe era outorgado. Dessa vez não jurou sobre a Constituição, como em ocasiões anteriores, e sim em nome de Deus. Sempre havia sido um pouco supersticiosa, ao contrário de seu pai, mas agora surpreendia com a menção ao Todo-poderoso. Talvez reconhecesse, em seu foro íntimo, que sua volta poder se devia mais ao destino que a seus próprios méritos ou às falhas de seus adversários. Talvez os muitos ataques houvessem atravessado sua couraça, e precisava de

consolo. Sempre havia sentido respeito pelo sobrenatural, herança que atribuía a sua mãe, uma mulher profundamente religiosa. Desde sempre ouvira os astrólogos. Essa data havia sido escolhida por seu professor de ioga, o guru Dhirendra Brahmachari. Segundo ele, era um dia favorável, pois correspondia ao solstício de inverno do calendário hindu.

Havia vinte anos que esse curioso personagem, que também professava a astrologia, lhe indicava os dias de bom agouro ou nefastos para certas atividades. Ultimamente, sua influência havia diminuído muito. Indira o via com desconfiança porque a Comissão Shah havia trazido à baila suas manobras e questionava a origem de sua fortuna.

Ainda assim, continuava perguntando-lhe sobre dias bons ou ruins antes de tomar uma decisão. Na sua idade, e depois do que havia vivido, Indira não queria correr riscos tentando a sorte.

Depois da tomada de posse, Indira foi diretamente do palácio do presidente para seu antigo gabinete na South Block. Não podia contar com a maioria de seus anteriores ministros e colegas porque a haviam traído. Também não queria se cercar de figuras que o povo pudesse identificar com o estado de sítio. Teve que escolher os membros de seu gabinete entre uma miscelânea de deputados sem muita experiência, muitos deles dentre as filas do Youth Congress de Sanjay. Para surpresa de muitos e alívio de alguns, não deu nenhum cargo a seu filho, a despeito de sua legitimidade validada pelas urnas. Não o queria expor muito. Preferia que estivesse a seu lado, queria formá-lo, vê-lo amadurecer sob sua proteção. Tinha plena confiança em que Sanjay seria capaz de revitalizar o partido e assegurar-se de que os projetos de desenvolvimento nas áreas rurais seriam seguidos. E não queria repetir os erros do passado.

ENQUANTO ISSO, SÔNIA SE ENCARREGAVA de novo da mudança. A vitória de Indira significava que voltavam todos ao número 1 da Safdarjung Road. Era urgente recuperar espaço. Antes de mais nada, Indira quis mandar uma dúzia de sacerdotes hindus purificar a casa onde Morarji Desai havia residido enquanto a estivera perseguindo. Soubera que seu rival era praticante assíduo da urinoterapia, um ancestral costume que consiste em beber, todas as manhãs, em jejum, um copo da primeira urina do dia. Para assegurar-se de que não restasse um só copo do antigo inquilino em casa, Sônia e Indira recolheram todos, colocaram-nos em uma caixa e os devolveram à administração. Também enviou pedreiros para que demolissem o banheiro ao estilo indiano que seu rival havia mandado construir e o substituíssem por um european style, com vaso sanitário e banheira. Quando se mudaram, parecia que nunca haviam saído dessa casa. "Um ar de renovada elegância reinava em todos os aposentos, que de novo estavam cheios de empregados e de enormes vasos de flores que caíam em cascata", escreveria Pupul. Sônia tornou a assumir seu papel de dona de casa extraordinária nesse lar especial, onde tinha que organizar jantares e recepções para um constante desfile de personalidades: Giscard d'Estaing, Mobutu, Yasser Arafat, Andrei Gromyko, Jimmy Carter etc. Todos iam estreitar laços com uma das mulheres mais poderosas do mundo.

A vida familiar voltou a ser agradável. A nova situação e mais espaço descontraíram o ambiente. Acabaram as brigas e, ainda melhor, os silêncios. Todos cuidavam de Maneka, que estava prestes a dar à luz. Durante a gestação, Sônia havia feito as pazes com sua cunhada de maneira tácita. Optara por esquecer as velhas brigas, as oscilações de humor, os comentários cruéis para se centrar em seu dever de "bahu mais velha" - nora mais velha - e ajudar Maneka com sua experiência. Esteve atenta a ela a todo momento. A família em primeiro lugar. Decididamente, Sônia já era muito indiana. Embora as duas cunhadas fossem como a água e o óleo, conseguiram uma espécie de entente cordiale. Indira, que não cabia em si de contente ao pensar em seu novo neto, já havia escolhido o nome: Firoz, como seu marido. Maneka não tinha certeza, e queria chamá-lo de Varun. Sanjay decidiu o assunto. O menino se chamaria Firoz Varun.

Rajiv já não tinha que passar quase todo seu tempo livre, além das horas de

voo, no gabinete de impostos do Ministério da Fazenda. Novamente podia se dedicar a sua família e a seus hobbies, como a fotografia e o radioamadorismo. Era um paizão. Não perdia nunca uma apresentação no colégio ou a leitura de uma história quando chegava em casa antes de as crianças estarem deitadas. A fotografia o distraía muito; era um relax depois da concentração que exigiam seus vôos, freqüentemente em horas impossíveis. Sua paixão havia crescido com o tempo. Gostava de experimentar novos filtros e equipamentos, não perdia uma exposição e assinou revistas especializadas. Estimulava seus filhos para que gostassem. Ensinava-os a desenvolver a sensibilidade visual pedindo-lhes que identificassem vários tons de verde no jardim. Mais tarde, aconselhava seu filho a anotar o tempo de exposição e a velocidade com que batia as fotos para poder corrigi-las e melhorar.

Sua câmera estava sempre presente em todas as ocasiões especiais: aniversários, comemorações familiares etc, e se estava em casa quando algum fotógrafo ia retratar sua mãe, pegava sua câmera e participava da sessão. Sempre desfrutou de um companheirismo especial com os fotógrafos. Deu a sua mãe um álbum em miniatura, dobrável, que ela levava consigo em todas as suas viagens. "Rajiv, ponha fotos mais recentes", pedia-lhe reiteradamente quando se cansava de ver sempre as mesmas. Indira adorava as fotos de seus netos. Escolhia as que gostava nos negativos e pedia a Rajiv que as ampliasse e emoldurasse. Seu escritório estava cheio delas.

À noite, Rajiv se trancava em sua oficina mecânica e estabelecia contato com radioamadores do mundo inteiro. Havia comprado um transmissor de rádio em kit para montar, e nada o fazia mais feliz que se conectar com Pier Luigi, o amigo da infância de Sônia, em Orbassano nas noites claras sem interferências. Protegido pelo anonimato, falar pelo rádio com gente do mundo inteiro era outra forma de viajar e, ao mesmo tempo, de esquecer-se de si mesmo e relaxar.

Em 16 de fevereiro de 1980, um mês depois da posse de Indira, aconteceu na Índia um fenômeno extraordinário que não ocorria havia quase um século: um eclipse total do Sol. Rajiv instalou um telescópio no jardim,

ajudado por Rahul e Priyanka, que estavam muito excitados com a idéia. Além disso, dispunham de óculos pretos, que Rajiv havia conseguido com um colega piloto. Sanjay entretinha-se ajustando os comandos de um avião controlado por rádio. A paixão pelo aerodelismo nascera depois de o governo retirar sua licença de piloto sem razão alguma. Agora estava à espera de recuperá-la para voltar àquilo que se transformara em sua paixão favorita: voar. Longe ficava a paixão pelos carros, sepultada pelo fiasco do Maruti. Pupul, que havia sido convidada por sua amiga a presenciar o acontecimento, tomava uma xícara de chá na varanda. Quando se aproximou a hora do eclipse, Indira, influenciada pelas sombrias previsões de conhecidos astrólogos que haviam anunciado nos jornais terremotos, inundações e desastres de todo tipo, mandou Maneka para seu quarto. Considerado uma ameaça direta para o bebê não nascido, nenhuma mulher grávida devia se expor a sua nefasta influência. Mesmo em assuntos que não tinham nada a ver com a política, Indira estava em sintonia com seu eleitorado. A maioria das pessoas optou por se esconder em suas choças.

Os hindus não saem à rua durante os eclipses, considerados prejudiciais porque, simbolicamente, a luz se esconde. Uns jejuaram, outros fizeram oferendas ou recitaram mantras para conjurar o perigo. Quando a Lua começou a invadir o Sol, uma misteriosa luz envolveu a casa e o jardim e as sombras desapareceram. Indira se levantou e foi se trancar em seu quarto até o final do fenômeno. Seu guru Brahmachari havia dito que o eclipse era especialmente perigoso para ela e para Sanjay, e ela preferiu acreditar. Rajiv, Sônia e as crianças, todos com óculos pretos, assistiram extasiados à passagem da Lua na frente do Sol. Pupul seguiu Indira até seu quarto. "Essa não era a Indira robusta dos dias anteriores ao estado de sítio", pensou. "Fiquei surpresa de ver como estava influenciada pelo ritual e pela superstição. Por que estava assustada? Que sombra, que escuridão caminhava junto a ela?"

Os meses seguintes foram marcados pela harmonia familiar e pela felicidade de voltar a desfrutar de uma vida normal. As atenções que Maneka recebia de sua sogra, de sua cunhada e de seu marido, que a acompanhava a todas as consultas médicas porque dizia que o sofrimento físico a aterrorizava, faziam-na se sentir nas nuvens.

Assim como seu irmão Rajiv, Sanjay participou de todo o processo do parto. Firoz Varun nasceu em 13 de março de 1980 sem nenhum problema. Foi a cereja do bolo da bonança familiar. A partir desse momento, a espevitada Maneka começou a desfrutar de seu papel de mãe e esposa, aconselhada por Sônia, em quem recaíram os primeiros cuidados à criança. Indira estava tão contente que quis que dormisse com ela em seu quarto. Não se incomodava de passar a noite em claro.

Novamente Sanjay, devido à proximidade com sua mãe, desfrutava de um poder irresistível. Imiscuía-se em todos os aspectos da vida indiana, desde os corredores aéreos da capital à superlotação dos hospitais, desde os planos de desenvolvimento rural à proteção dos animais, causa favorita à qual sua mulher o havia arrastado. Corria o boato por Nova Délhi de que em menos de um ano seria primeiro-ministro, mas sua mãe não estava disposta a isso. Quando os membros da assembléia legislativa do Congress de Uttar Pradesh escolheram Sanjay como seu líder, pediram a Indira que o nomeasse chefe de governo desse estado, o maior do país. Maneka já se via desfrutando das prebendas que vinham com o cargo, incluindo morar em um palácio cheio de empregados. Mas Indira negou categoricamente. Disse aos admiradores de seu filho que ele tinha muito a aprender antes de poder assumir tamanha responsabilidade. Sanjay protestou e discutiu com sua mãe, mas ela não deu o braço a torcer. No fim, ele se acalmou e não tornou a insistir.

Mesmo ainda cercado de uma corte de adutores, Sanjay não era o mesmo de antes. Até seus detratores começaram a admitir que, de fato, possuía qualidades de que o país necessitava nessa difícil situação. Reconheciam sua enorme capacidade de trabalho e sua comprovada aptidão para tomar decisões duras e impopulares. Na realidade, estava acontecendo com ele o que havia acontecido com seu avô Nehru e com Indira. Todos na família haviam levado um tempo para amadurecer como adultos, e conseguiram isso depois de enfrentar grandes desafios. Aos 33 anos, Sanjay estava a caminho de se transformar em um homem responsável, sem as estridências nem os comportamentos aberrantes do passado. Sua mãe tinha certeza de que, depois de uma boa aprendizagem política, seu filho passaria de um jovem inexperiente e impulsivo a um político visionário e enérgico. Tinha os genes

para isso, pensava ela. O incrível é que muitos na Índia também achavam isso, algo impensável havia apenas seis meses. Ou o país perdera a memória ou o apelo popular dos Gandhi continuava representando a única possibilidade de salvação para milhões de indianos.

Rajiv, Sônia e seus filhos passaram esses meses sonhando com as férias. Haviam decidido passar uns dias na Itália, e tinham pensado em fazer isso em junho, quando o calor em Nova Délhi aumentava. Pretendiam encontrar o amigo e ator indiano Kabir Bedi, que naquela época era mundialmente conhecido por seu papel principal na série Sandokan, e que havia prometido visitá-los. Além disso, dessa vez pretendiam viajar pelo norte da Itália.

Tinham pensado em alugar um carro e visitar a região de Asiago e a aldeia de Lusiana, onde Sônia havia nascido. Queria mostrar às crianças o lugar onde havia sido criada, apresentá-las aos vizinhos e aos parentes que ainda restavam ali. Um mergulho nas outras raízes familiares.

No dia da partida, antes de se despedir, Maneka mostrou a Sônia uma sacola que continha algo que havia comprado, com a intenção de começar a usá-lo.

-Você não vai acreditar...

- O que é? - perguntou Sônia, intrigada.

Maneka tirou de uma sacola um livro de receitas culinárias. Ambas caíram na gargalhada. Foi a última vez que riram juntas.

Se não houvessem sido interrompidas, teriam sido férias perfeitas: relaxantes, divertidas e interessantes. As crianças aperfeiçoaram seu italiano, Sônia ficou em dia com suas compras de roupa européia e Rajiv fez o mesmo com seu material fotográfico. No fim, nem precisaram alugar um carro; a irmã de Sônia, Anushka, emprestou-lhes um conversível que fez a delícia das crianças. Nele percorreram o norte da Itália, na direção oposta à do patriarca Stefano quando havia abandonado seu povoado natal de Lusiana em busca de um futuro melhor no cinturão industrial de Turim. Trinta e cinco anos depois, sua filha e seus netos voltavam aos montes Asiago, como uma família normal de italianos em férias. No caminho, pararam no bellissimo lago de Garda, cercado de oliveiras, campos de limoeiros e fechados bosques de ciprestes, passearam em Verona pelas largas ruas de mármore vermelho, deixaram-se seduzir pelo encanto de

Veneza e banharam-se nas praias do Adriático. Subiram os montes Asiago por uma paisagem que refletia o esplendor da primavera. Flores silvestres cor de malva, brancas e amarelas cresciam no acostamento da estrada que serpenteava entre bosques de bétulas.

Os campos onde as vacas pastavam estavam vestidos com um verde intenso, e, ao fundo, os Alpes lembravam o Himalaia visto da planície. Em Lusiana, a aldeia original da família, o ar era cristalino, dava vontade de beber, a temperatura era perfeita. E pensar que em Délhi a avó, os tios e principalmente o pequeno Firoz estariam suportando 45 graus à sombra, à espera da chegada das chuvas! No carro, Priyanka e Rahul riam lendo os letreiros dos comércios: "Padaria Maino", "Trattoria Maino", "Café Maino", "Posto Irmãos Maino"... Como haviam prosperado os diversos ramos da família desde os tempos do pós-guerra! - pensou Sônia. Foram recebidos com enorme carinho e curiosidade: todos queriam conhecer a filha pródiga do povo cujo destino extraordinário acompanhavam por meio da imprensa. Todos se surpreendiam com a mesma coisa: a simplicidade da família. Sônia se vestia com bom gosto, com calças justas e regatas, um luxo que não se podia permitir na Índia, onde uma mulher podia mostrar a barriga, mas era malvisto que mostrasse os ombros. Bateram fotos em frente à casa de pedra da família, a última da rua Maino, que estava havia três décadas desabitada. Foram maravilhosamente recebidos, tanto que não dispunham de tempo para aceitar todos os convites, todas as visitas.

Voltaram a Orbassano, onde Stefano e Paola os esperavam com muita ansiedade. Ficaram tão preocupados acompanhando as notícias da Índia durante os últimos anos que agora sentiam um aperto no coração cada vez que sua filha e seus netos partiam, mesmo que fosse para o Vêneto ou simplesmente para passar a tarde em Turim. A essa inquietude somava-se a que sentiam pela filha mais nova, Nadia, que havia se casado com um diplomata espanhol que acabava de ser destinado a Nova Délhi. Por um lado, estavam contentes porque as duas irmãs iam se fazer companhia; por outro, não gostavam de tê-las tão longe. Brincavam dizendo que não podiam fugir do carma da Índia. A filha mais velha, Anushka, que morava no andar de baixo da casa da Via Bellini, tinha a intenção de abrir uma loja de artesanato indiano em um centro comercial próximo a Orbassano. Sua filha

mais velha recebera o nome de Aruna.

Rahul e Priyanka também estavam felizes de voltar à casa dos avós, justamente porque seus primos, filhos de Anushka, moravam embaixo, de modo que as crianças se divertiam a valer nessa grande casa familiar, brincando no jardim ou na rua. Brincavam da mesma coisa que Sônia quando menina, quando desenhava com um giz no asfalto os dias da semana e passava horas pulando de uma casinha à outra. Stefano sentia-se muito feliz com essas reuniões familiares. Havia construído a casa para ter sob o mesmo teto todas as suas filhas e suas famílias. Elas brincavam dizendo que devia ter sido indiano em outra vida, de tanto que gostava da família... As conhecidas de Sônia surpreendiam-se de ver a velha amiga mantendo uma atitude tão humilde e se vestindo de uma maneira tão simples, com jóias pequenas e discretas. "O casamento que fez não subiu à cabeça da Gata Borracheira de Orbassano", dizia uma vizinha segurando o riso. Assim a descrevia a imprensa local desde seu casamento:

"Gata Borracheira de Orbassano", um apelido que provocava constrangimento em Sônia:

"Que breguice", dizia. Para Rajiv, as férias na Itália também eram o melhor relaxamento que poderia ter desejado.

Fugir de Nova Délhi era um luxo. Montar na Vespa laranja de Pier Luigi e ir à loja de eletrônicos Allegro na Corso Re Umberto para comprar peças para seu rádio que não se encontravam na Índia e não ser reconhecido era um prazer, como era visitar em família o fabuloso Museu Egípcio - onde Sônia, quando adolescente, ficava com seus amigos para evitar o frio da rua - sem ficar imediatamente cercado por uma nuvem de gente pedindo um autógrafo ou apontando com o dedo. Mas o prazer duraria pouco. No fim de junho, a visita de Sandokan a Orbassano causou uma verdadeira comoção. De repente, as crianças e os jovens do local foram para a Via Bellini para ver de perto esse príncipe de Bornéu que havia jurado se vingar dos britânicos na imaginação de Emilio Salgari. Armou-se tanto rebuliço que Sônia propôs abandonar a casa. Acabaram a tarde em uma pizzaria de Avigliana, ali perto, felizes e rindo.

E, de repente, ao raiar do dia 23 de junho tocou o telefone. Sônia sentiu um

nó no estômago. Não era uma hora normal, e logo pensou que podia ser uma ligação da Índia. Sua mãe lhe confirmou, na ponta dos pés e em voz baixa para não acordar o resto da família: "É uma ligação de Nova Délhi". Sônia levantou-se, vestiu o robe e foi atender na sala. Reconheceu, entre interferências, a voz nervosa de um dos secretários de sua sogra. Agora tinha certeza de que seriam muito más notícias: "Madame... Sanjay sofreu um acidente... e faleceu". Sônia ficou com a mente vazia, sem ouvir as explicações atropeladas do secretário. Quando desligou, estava aturdida. Voltou para seu quarto. Rajiv estava se espreguiçando. Esperou alguns segundos para lhe dizer, como se quisesse lhe dar mais algum tempo de uma felicidade que, quando estivesse totalmente acordado, não tornaria a conhecer. Nas profundezas de seu ser, Sônia soube que essa catástrofe afetaria profundamente sua vida e a de sua família.

ALGUMAS HORAS DEPOIS, voaram para Roma para pegar o voo da Indian Airlines que fazia a rota Londres-Nova Délhi. Viajaram de primeira classe, junto com outros amigos e conhecidos, dentre os quais se encontravam a mãe e a irmã de Maneka, cujas férias na capital britânica também haviam sido interrompidas. Viajavam ainda no avião um antigo ministro, um industrial e um homem de negócios, todos velhos amigos da família, muito comovidos pelas circunstâncias. Cada um deles havia reunido informações sobre o acidente e durante o longo voo puderam reconstituir o que havia acontecido.

Sanjay havia se arrebatado no comando de seu último brinquedo, o Pitts S-2A que havia adquirido graças à mediação do corrupto guru Brahmachari. Às sete da manhã, fora para o aeroclube de Nova Délhi e convidara um colega piloto para fazer uns exercícios de acrobacia. Seu amigo era reticente a voar com Sanjay porque sabia que ele não tinha experiência, mas, diante de sua insistência, acabou aceitando. Ficaram fazendo espirais no céu e quedas em picado sobre Nova Délhi durante doze minutos, e depois voaram por cima do número 1 da Safdarjung Road, onde estivera falando com sua mãe apenas uma hora antes.

Tenha muito cuidado - advertira Indira. - Dizem que você é muito imprudente...

Não ligue - respondera Sanjay.

Segundo uma testemunha, o avião subiu como uma flecha para o céu, e a

seguir iniciou um picado como se fosse ganhar velocidade para fazer um looping, mas não conseguiu se recuperar. Estatelou-se no bairro diplomático, em um descampado, a menos de 1 km do número 12 da Willingdon Crescent.

Um mês antes, o diretor-geral da aviação civil havia informado a seus superiores que Sanjay violava freqüentemente o protocolo de segurança e que, portanto, punha em risco sua vida e a dos outros.

O diretor de aviação comentou com o ministro do Ar, que ficou de falar com sua mãe, mas, pela razão que for, não falou.

Se ninguém fez nada, foi por medo de ir contra Sanjay, imagino... - disse Rajiv

Mais tarde, saberiam o que havia acontecido com exatidão. O informe do diretor da aviação civil havia caído nas mãos de Sanjay, e ele havia reagido, fiel a si mesmo, obrigando o funcionário a se afastar. Seu suplente, um homem dócil que não criaria problemas, assumira. O caso é que Sanjay havia morrido por ser imprudente e arrogante, porque sua sede de poder era tal que não aceitava nenhum limite.

O ANOITECER EM VOO FOI RAPIDÍSSIMO, pela velocidade do avião e pela rotação da Terra. Deviam estar sobre a Síria, ou talvez a Turquia. Embaixo, viam-se lagos turquesa e as luzinhas das cidades que iam abraçando a noite. Ninguém assistia ao filme. O grupo dos amigos e familiares não quisera comer nada. Amteshwar, mãe de Maneka, estava visivelmente abalada. "Viúva aos 23 anos... e com um bebê de três meses", repetia a mulher. Em menos de três anos, havia perdido seu marido e seu genro. Havia passado do cume ao ostracismo, e a seguir ao cume de novo... E agora, o que aconteceria?

Você tem que fazer o possível para manter as duas famílias unidas - aconselhavam os três amigos da família à mãe de Maneka. - Agora que Sanjay não está mais aqui, têm que orbitar ao redor de Rajiv.

Sônia se arrepiou quando ouviu essa frase. Esteve prestes a soltar um sonoro "Não!", mas se conteve. Ela já sabia que tentariam convencer Rajiv a ocupar o vazio que seu irmão deixara. Sônia sabia muito bem: aquilo significava o fim da felicidade. Estava disposta a lutar com unhas e dentes para impedir.

O avião aterrissou em Délhi às duas da madrugada. Uma onda de calor intenso deu-lhes as boas-vindas. A câmara-ardente estava instalada na casa

da Safdarjung Road, onde uma fila de gente - ministros, amigos, desconhecidos - havia desfilado durante todo o dia diante dos restos mortais, ordenadamente e em silêncio. Indira, muito nervosa, ficava indo de um quarto para o outro durante toda a noite, perguntando se havia notícias dos que estavam viajando, porque, inconscientemente, temia que outra desgraça pudesse acontecer.

Rajiv, Sônia e as crianças já haviam sido informadas do que iam encontrar, mas, ainda assim, o choque de chegar em casa nessas condições impressionou-os vivamente.

Quando viram o corpo de Sanjay estendido em um féretro na sala, entre aquelas paredes onde parecia que ainda retumbava o eco de seu riso franco e nervoso, Rajiv e Sônia desabaram. E quando Indira viu Rajiv chorando desconsoladamente, também começou a soluçar. Recuperada a serenidade, Sônia observou Indira: estava com os olhos vermelhos e inchados por trás de seus óculos de sol, a pele cinza, andava um pouco encurvada, como se lhe custasse manter-se erguida. "Depois disso, para onde vou, filha?", perguntou-lhe com a voz partida. Dissera isso apertando as mãos sobre o ventre, em um gesto que as camponesas pobres fazem quando choram seus mortos.

Voltaram a se abraçar, e ficaram um longo tempo em silêncio. Menos de dez dias antes, Indira instalara Sanjay em seu primeiro escritório oficial, depois de tê-lo nomeado secretário-geral do partido. Agora, de repente, só havia um corpo jacente: ficara sem filho, sem companheiro, sem conselheiro e sem sucessor.

A seguir, Sônia viu Maneka, cujos movimentos pareciam desconexos. Passara o dia todo chorando, repetindo: "Sanjay não, por favor... Qualquer um, menos Sanjay...". Rajiv abraçou-a e disse-lhe umas palavras de carinho. Sônia também não pôde reprimir as lágrimas ao abraçá-la. As crianças, cansadas e abaladas, agüentavam estoicamente. O pranto distante de seu primo, o pequeno Firoz Varun, rasgou o silêncio.

Logo Sônia foi cuidar dos que estavam velando o corpo. Ajudou a colocar colchonetes no chão para que todos os amigos e familiares próximos pudessem descansar. Também se assegurou de que houvesse chá, torradas e doces.

Depois da efusão do reencontro, Indira lhes contou os pormenores do ritual

funerário que havia organizado para o dia seguinte.

Faremos a cremação em Shantivana, junto ao mausoléu do vovô...

Não acho que seja uma boa idéia, mamãe - sugeriu Rajiv. - Não seria mais prudente fazer um funeral privado, mais restrito?

Talvez, mas o xeque Abdullah, chefe de governo da Caxemira, e todos os chefes de governo estaduais me pediram um funeral memorável.

Sanjay não tinha um cargo oficial no governo. Fazer-lhe um funeral de Estado pode lhe causar problemas. Imagine os protestos!

Página 278

Eu sei. Mas também é verdade que Sanjay tinha muitos seguidores, e não os quero decepcionar. Seria como decepcionar a ele. Rajiv parou de insistir.

A CREMAÇÃO FOI FEITA NO DIA SEGUINTE, às margens do rio Yamuna. Era muito perto de onde havia sido a cremação de Nehru, o pai da nação, e seu filho, por menos que Indira quisesse enxergar isso, não merecia as mesmas honras que seu pai. Muitos viram nesse gesto de Indira outro sinal de abuso de poder. De novo, havia ignorado o conselho de Rajiv de escolher outro lugar, não esse lugar sagrado de peregrinação para milhões de indianos. Mas Indira se deixou levar pela insistência dos companheiros de Sanjay. Não teve forças para lutar contra eles, e com certeza concordava em prestar uma homenagem desmedida a seu filho, como se assim pudesse compensar um pouco sua perda.

Indira, com os olhos e toda a dor que continham protegidos por seus enormes óculos de sol, estava sentada junto a Maneka na primeira fila, em frente à pira. Sônia, usando um sári branco imaculado, soluçava enquanto lembrava os dias de recém-casada, quando seu cunhado, seu marido e ela eram um trio inseparável. Atrás, via-se gente até a linha do horizonte. Coube a Rajiv cumprir os ritos: colocou a tocha no fogo e deu várias voltas ao redor do corpo de seu irmão, ao som dos mantras entoados pelos sacerdotes hindus. Seu filho Rahul olhava para ele com certa apreensão. Seu pai lhe havia dito que caberia a ele, como primogênito, levar a cabo os ritos da cremação quando, pela lei da vida, um de seus progenitores deixasse este mundo. Até esse dia, o rapaz nunca havia pensado que isso podia acontecer.

À tarde, Rajiv levou as cinzas de seu irmão em uma urna de cobre para

enterrá-las sob uma árvore no jardim da Akbar Road. Ao ver a urna, Indira não pôde se conter mais e explodiu em soluços. Pela primeira vez, chorou desconsoladamente e sem inibição em público. Rajiv abraçou-a e manteve-a em pé, porque ela, literalmente, estava desabando. Sua dor parecia não ter limite. Sônia soubera que na manhã da tragédia Indira havia abandonado o hospital onde os médicos remendavam o corpo de Sanjay para voltar ao local do acidente. Havia voltado ali duas vezes.

As más-línguas diziam que fora buscar o relógio e o chaveiro de Sanjay porque uma das chaves era, com certeza, de algum cofre cheio de tudo o que o filho pródigo devia ter roubado. Na tampa do relógio, sempre segundo os rumores, estaria gravado o número de uma conta secreta na Suíça. Mas era pura patranha. Indira não se interessava pelos objetos pessoais, que, além do mais, já haviam sido recolhidos pela polícia. No fundo, o que fazia era procurar seu filho; tentava inconscientemente recuperá-lo, e não suas coisas. Revirando com o olhar os ferros calcinados, Indira percebera a enormidade da perda. Todos os seus sonhos, seus grandes planos de futuro, também estavam em cacos entre as ruínas do avião.

Sob a sombra da árvore do jardim, Indira conseguiu controlar o pranto e recuperar-se com assombrosa rapidez. A seguir, foram para a sala. O lugar onde estivera colocado o corpo estava agora coberto de jas-mins. Sentaram-se no chão desse quarto que cheirava bem e parecia purificado, as pernas cruzadas e em silêncio, ouvindo os sacerdotes cantarem versículos do Ramayana, a grande epopéia do hinduísmo.

NOS DIAS SEGUINTEs, os simpatizantes de Sanjay erigiram estátuas em sua memória, batizaram ruas e praças com seu nome, assim como bairros inteiros, escolas, hospitais e até centrais hidrelétricas. O país inteiro viveu com frenesi um culto póstumo à personalidade do filho pródigo que os mais adutores chegaram a comparar com Jesus Cristo, Einstein e Karl Marx. Essa demonstração de suposto afeto era mais uma tentativa desesperada de seus aliados e amigos políticos de manter seus privilégios e ficar perto do poder, próximos a Indira, que uma demonstração verdadeira de dor nacional.

Muitos outros, dentre os quais se encontravam as antigas vítimas de sua

política de controle da natalidade, viveram essa morte com alívio. Para eles, havia sido um acidente providencial, que poupava o país do cruel destino de ter Sanjay como primeiro-ministro, o que todos pensavam que aconteceria cedo ou tarde.

Para Indira, a única coisa positiva da tragédia foi que serviu para recuperar velhas relações e reconciliar-se com familiares e amigos que haviam lhe dado as costas durante a Emergency. Sentiu-se particularmente feliz ao receber uma carta de sua velha amiga Dorothy Norman:

"Faz tanto tempo que não nos escrevemos que, de certa maneira, não sei a quem estou escrevendo; por outro lado, escrevo à pessoa que conheci. Como gostaria que pudéssemos conversar, mas o silêncio, talvez, é mais revelador que qualquer palavra... Mando esta carta como uma ponte. As amizades são a coisa mais valiosa deste mundo às vezes tão duro".

Indira respondeu dizendo quão emocionada havia se sentido ao receber sua carta e que tinha tantas coisas para lhe contar que não sabia por onde começar: "O passado é o passado, deixemos estar. Mas tenho que esclarecer certas coisas. A falsidade, a persistente campanha maliciosa de calúnia deve ser refutada...". Indira nunca admitiu as maldades ou os erros de Sanjay.

Em casa, ficavam Maneka e o pequeno Firoz Varun, que dormia no quarto de Indira com os outros netos desde a morte de Sanjay. A avó passava longos momentos observando o bebê, como se por trás de cada gesto reconhecesse seu filho. Ficavam também Rajiv e Sônia, cujo casamento havia sobrevivido à separação física, à diferença cultural, à oposição das famílias, ao estresse da Emergency e à contínua infiltração e corrosão da política em suas vidas. Tinham dois filhos inteligentes, bonitos e de bom caráter. Até o acidente do tio Sanjay, o mais grave que havia acontecido com as crianças havia sido ver a avó na prisão e ter perdido uma cadela "Fiquem com a lembrança de quando brincavam com ela, de quanto se divertiam e nos divertíamos todos quando a levávamos para passear...", escrevera Rajiv em uma carta cheia de ternura paterna, que terminava com um conselho.

"Vocês devem aprender a viver sabendo que em algum momento todos temos que morrer." A perfeita vida familiar de que desfrutavam parecia algo

bonito e bom demais para durar.

ATO III - A SOLIDÃO E O PODER

Cada vez que você dá um passo adiante, está destinado a perturbar algo.

Agita o ar enquanto avança, levanta pó, altera o chão. Vai atropelando coisas. Quando uma sociedade inteira avança, esse atropelo se faz em uma escala muito maior; e cada coisa que transtornar, os interesses criados que quiser suprimir, tudo se transforma em um obstáculo.

Mahatma Gandhi

Vinte anos antes, depois da morte de seu marido, Indira foi ao fundo e levou muito tempo para voltar. Quando seu pai morreu, entrou em outra crise existencial profunda, que durou longos meses. Mas agora, menos de 72 horas depois da morte de seu filho, estava de novo em seu escritório. "A gente vai e vem, mas a nação continua viva", declarou à imprensa, situando a tragédia familiar em um contexto nacional, como se dessa maneira pudesse transcender a desgraça. Havia se convencido de que a tarefa hercúlea de governar a Índia não podia ser negligenciada. Mas sua atitude e autocontrole eram só superficiais. No fundo, estava irremediavelmente ferida. Sônia a percebia desfeita por dentro, com o espírito em frangalhos. À noite, ouvia-a se levantar e em sonhos procurava Sanjay e, quando acordava, chorava repetindo o nome de seu filho. Seu rosto envelheceu, seu olhar se fez mais duro e ela começou a arrastar um pouco os passos ao caminhar. Já não era tão caprichosa com sua aparência, nem pedia a Sônia conselhos sobre seu penteado ou sobre os acessórios que deviam combinar com os sáris. Ao contrário, usava o cabelo esticado para trás de forma descuidada, e não parecia se importar.

A sua imensa tristeza somava-se sua preocupação com Maneka, que passava os dias sem fazer nada.

- Temo que a ambição da mãe dela leve Maneka a querer ocupar o lugar de Sanjay - confessou a sua amiga Pupul.

Além de melancólica, Maneka estava desconfortável porque sua posição

nessa casa havia se tornado muito delicada. Sem a proteção de seu marido, sentia-se vulnerável.

Já não o podia usar como escudo para defender-se de sua sogra ou de seu cunhado, que no fundo continuavam intimidando-a. Sua única força era o bebê. Por outro lado, Indira estava tão devastada que não tinha energia para consolar os outros. Em outras circunstâncias, teria se devotado a sua nora, mas, agora, sua própria dor a absorvia por completo. Mas, ao ver a jovem viúva tão sozinha e tão perdida, em um arroubo de compaixão Indira lhe ofereceu ajuda. Na realidade, temia que Maneka, entediada e isolada, acabasse indo embora de casa, e então não teria mais seu neto por perto. Essa eventualidade a atormentava:- Quer trabalhar como minha secretária? Eu poderia levá-la nas viagens comigo, e acho que isso a distrairia...

No início, a oferta pareceu satisfazer Maneka. A seguir, talvez influenciada por sua mãe ou simplesmente porque a coisa lhe subiu à cabeça ou porque era imatura, viu nisso uma manobra para afastá-la de seu direito natural de assumir a herança do marido. Sua vida ao lado de Sanjay dera-lhe a ilusão do poder, e a oferta de sua sogra, depois de pensar bem, pareceu-lhe quase insultante. Nem sequer respondeu ao oferecimento. "Olhe só para ela! O que ela estava pensando?", confessou a um dos amigos mais próximos de seu marido falando de Indira.

Sônia também não viu com agrado essa oferta. Embora houvesse perdoado Maneka por seu tratamento grosseiro dos primeiros tempos, não queria imaginá-la controlando a agenda de Indira. Via a inexperiência e a arrogância de sua cunhada como um problema potencial para sua sogra, e uma ameaça para o delicado equilíbrio familiar.

O fato de não ajudar nas tarefas de casa podia ser aceito, mas que se entrincheirasse por trás do poder de Indira e começasse a mexer pauzinhos para beneficiar sua própria família, a quem Sônia tanto temia, era um perigo que se devia evitar a todo custo. Contou a Rajiv.

Falarei com minha mãe - disse ele.

Melhor eu lhe deixar um bilhete - respondeu Sônia.

Ao lê-lo, Indira percebeu que Sônia tinha razão. Maneka de secretária, tão perto, podia de fato ser mais um problema que uma ajuda. Temia sua impulsividade, que a tornava ainda mais imprevisível. E ela também desconfiava da família Anand e de suas manobras. Porém, do que Indira tinha muita consciência, ainda envolvida em sua nuvem de sofrimento, era

da necessidade que tinha de Rajiv e de Sônia. Ao fim e ao cabo, Rajiv era seu sangue; e amava Sônia como uma filha. De modo que não insistiu mais, e a oferta caiu no esquecimento.

A jovem viúva, de sua parte, encontrou uma maneira de se distrair que ao mesmo tempo dava sentido a sua vida: concentrou-se no projeto de fazer um livro fotográfico sobre seu marido, uma espécie de homenagem que incluiria fotos de família e de sua vida política. Perguntou a sua sogra se gostaria de escrever o prefácio. Indira concordou.

Mas então aconteceu um desafortunado incidente, que teve uma longa e indesejada repercussão. O escritor Kushwant Singh, que havia ajudado Maneka e sua mãe a lançar a revista Surya, publicou em sua coluna de jornal um texto em que sugeria que o manto de Sanjay devia recair naturalmente nos ombros de sua jovem esposa, "que o apoiara e que havia compartilhado sua visão da Índia, já que Rajiv nunca demonstrou interesse algum pela política e sua mulher a detesta". A idéia tinha seu fundamento.

O artigo acabava com uma frase que, mais que qualquer outra, desatou a paranóia de Indira: "Maneka é como seu falecido marido, valente e decidida, a reencarnação

de Durga cavalcando um tigre". Essa imagem de Durga, que havia sido extensamente atribuída a Indira e que encarnava um simbolismo que lhe pertencia, transtornou-a profundamente. Como duas Durgas podiam viver sob o mesmo teto? Pensou que Maneka havia confabulado com o escritor para urdir esse artigo, que estava manobrando pelas costas para competir com ela, para lhe roubar a herança de Sanjay. Começou a vê-la como uma inimiga em sua própria casa.

INEVITAVELMENTE, E DIANTE DO DESGOSTO de Sônia, todos os olhares dirigiam-se para o herdeiro natural, Rajiv. Indira tinha suas dúvidas: "Ninguém pode ocupar o lugar de Sanjay", confessou a sua amiga Pupul. "Era meu filho, mas também me ajudava como um irmão mais velho". Achava Rajiv muito mole e sensível para o mundo da política.

Além do mais, ele era casado com uma estrangeira, o que era considerado, em termos de política nacional, um obstáculo infranqueável. E se saísse da Indian Airlines, de que viveria? Sanjay era muito frugal, porém Rajiv e Sônia gostavam de viver bem, à moda européia, sem excessos, mas confortavelmente.

Nesse cenário de uma família ferida na cúpula do poder, não apenas os indivíduos decidiam, por mais poderosos que fossem. Tão importante quanto a vontade de Indira era a opinião de seus acólitos, seus amigos, seus parentes, seus companheiros de partido, seus conselheiros, seus adutores, seus gurus, o país inteiro. Depois de ter entoado a marcha fúnebre pela morte de Sanjay, esse coro de vozes começou a salmodiar uma melodia familiar, a mesma que tocou quando Indira foi chamada pela primeira vez a presidir o partido ou quando a cortejavam para que aceitasse qualquer cargo no primeiro governo depois da morte de seu pai. A mesma voz que lhe havia dito "você é filha de Nehru, valiosa demais para não estar no governo", exigia agora um sucessor, como se, em vez de uma democracia, se tratasse de uma antiga corte imperial. Era um coro tão antigo quanto a própria Índia, cuja mitologia contava a história de uma saga ininterrupta de monarcas hereditários. Era um apelo que vinha das profundezas desse país continente, tão inclinado a confundir o poder temporal com o divino. Como nas tragédias da Grécia clássica, o coro exigia uma vítima propiciatória.

Devia atender à necessidade urgente que o povo tinha de estabilidade, de continuidade e, por que não, de eternidade. Isso só uma dinastia garantia. Quanto a Rajiv, mantinha-se o mais distante possível. Sua relação com a mãe era diferente da de Sanjay. O carinho era muito profundo, mas quase britânico na forma, sem relação íntima. Ele não se ofereceu espontaneamente para ajudá-la, e ela também nunca lhe pediu, pelo menos diretamente. Mas quando Indira foi se dando conta da enormidade do vazio que Sanjay havia deixado, bem como da urgente necessidade que tinha de apoio e proximidade física, confessou um dia a sua amiga Pupil: "Rajiv não tem o dinamismo e as preocupações que Sanjay tinha, mas poderia ser de grande ajuda para mim". "Poderia ser de grande ajuda para mim": não eram necessárias mais palavras para pôr em funcionamento a engrenagem que o coro de vozes já havia anunciado.

Foram os amigos da família que começaram a falar, a ele e a Sônia, da solidão de Indira, da necessidade que tinha de se apoiar em alguém em quem pudesse confiar cegamente, de contar com uma pessoa que mantivesse abertas as janelas do mundo para ela... E esse alguém só podia ser seu filho. Sônia se rebelava contra essa idéia.

- Sabemos o que a política é, o suposto glamour, a adulação - dizia alterada.
- Vimos de perto os políticos, com sua linguagem dúbia, o puxa-saquismo constante, as manipulações, as traições, a inconsistência da mídia e do povo... Vimos o que o poder fez com Sanjay e Maneka. Sabemos perfeitamente como será a vida de Rajiv caso se meta em política.
Seu marido se calava; e quem cala, consente. Estava completamente de acordo com os argumentos de Sônia. Mas não podia impedir: a imagem de sua mãe sozinha, arrasada, com o fardo de um país como a Índia nas costas, pesava em sua consciência.

A SITUAÇÃO DE INDIRA COM MANEKA, depois do artigo que saiu no jornal, não podia melhorar. A jovem ficou nervosa ao sentir a hostilidade de sua sogra e ver que sua presença não era desejada. Passara sua vida de casada em um ambiente de altíssima excitação política, e agora não estava disposta a cair no anonimato. Percebia, mesmo não sendo capaz de verbalizar, que essa era a condição que devia cumprir para conviver com Indira sob o mesmo teto. Era o preço da paz. Mas ela não era Sônia, odiava a simples idéia de ser uma dona de casa, de passar o dia trancada entre quatro paredes dando ordens aos empregados ou recebendo-as de sua sogra. Cuidar do filho, com a ajuda que as famílias ricas têm a seu alcance na Índia, deixava-lhe muito tempo livre. Durante todos esses anos, havia observado como seu marido e sua sogra funcionavam, como planejavam cada manobra com muita antecedência, e ela também começou a planejar seu futuro, levada por seu próprio coro de vozes, o de sua família e dos antigos amigos de Sanjay. "Por que você não teria direito de ser a herdeira de seu marido? Você não lhe deu os melhores anos de sua vida? Não participou de tudo o que ele fez? Ele não a amava? Você sabe mais de política que o irmão dele..." Queriam que reagisse antes que Rajiv fosse obrigado a isso. E o coro de vozes se infiltrava no espírito maleável da jovem.

O LIVRO SOBRE SANJAY FOI o CAVALO de batalha das relações entre Indira e Maneka, que quase não se atrevia a falar com sua sogra. Notava-a distante e fria, e tinha mais medo dela que nunca. Quando se dirigia a ela, as palavras não saíam, como quando chegara a essa casa. Só obtinha de Indira a atenção devida quando falava do menino. De resto, nada. Um dia, atreveu-

se por fim a sugerir-lhe a idéia que rondava sua cabeça.

Como a vejo tão atarefada, pensei que, para ajudá-la, em vez de você escrever o prólogo, seria melhor que o jornalista Kushwant Singh o fizesse baseando-se em uma entrevista com você.

Indira ficou olhando para ela muito tempo, em um de seus silêncios que não permitiam pressagiar nada de bom.

Nem pensar - disse por fim. - Você devia ter feito isso imediatamente após a morte de Sanjay. Eu teria tido tempo então de escrever alguma coisa. Mas você não me consultou. Agora não vou escrever nada e esse homem não vai me entrevistar.

Era sua peculiar vingança contra o artigo que tanto a havia irritado. Era, também, uma maneira de pôr sua nora em seu lugar. A guerra havia começado.

Maneka saiu arrasada da conversa com sua sogra. "Se ela não escrever o prólogo, nunca mais lhe dirigirei a palavra", ameaçava diante de quem a quisesse ouvir. Depois, na solidão de seu quarto, pôs-se a chorar. O boneco do livro, com fotos que havia escolhido com extremo cuidado e amor, estava aberto em cima de sua cama. "Por que não quer me ajudar? Trata-se do filho dela", perguntava-se em meio às lágrimas.

Quando se acalmou, Maneka tentou uma última abordagem. Levou o boneco do livro ao quarto de Indira e deixou-o em cima da cama. Talvez, ao vê-lo, sua sogra reconsiderasse.

Haviam se passado mais de seis meses desde a morte de Sanjay, e tornar a ver essas fotos depois de uma jornada extenuante no Parlamento abalou profundamente Indira.

A cara de anjo que Sanjay tinha quando pequeno, as fotos de suas brincadeiras de menino, de quando acariciava seu mascote preferido - seu tigre - de seus carros de brinquedo, de seus passeios a cavalo com Nehru, dele e Indira abraçados... todo esse passado que de repente voltava aos borbotões, como uma ferida reaberta, deixou-a emocionalmente devastada. Não pregou o olho a noite toda.

Disse a sua amiga Pupul que o livro estava bem concebido, mas que estava decidida a não escrever o prólogo. "Havia apagado Maneka dentre seus entes queridos", escreveria Pupul, que notou um detalhe simbólico e revelador: a porta que dava para o quarto de Sanjay estava fechada, e a que dava para o quarto de Rajiv, aberta. Indira havia virado uma página de sua

vida e preparava-se para abrir outra.

Rajiv, fico aterrada de saber que você está voando... - disse Indira um dia na sala de casa.

Mamãe, você é uma pessoa inteligente e sabe perfeitamente que, estatisticamente, há mais probabilidade de se morrer atropelado atravessando uma rua que andando de avião.

Eu sei, mas não posso evitar pensar em...

Rajiv ficava olhando para ela. Sua mãe, enrolada em um sári branco de luto, parecia uma ruína de si mesma. E não estava fingindo; notava-se que estava realmente preocupada. A morte de Sanjay, que projetava sua longa sombra sobre o presente, havia transformado Indira em um ser inseguro, e os medos que sempre a haviam atormentado agora aumentavam. Para Rajiv, vê-la assim era uma dor infinita. O simples pensamento de que ela precisava dele e que ele não a podia - ou não queria - ajudar começava a atormentá-lo.

Indira prosseguiu:

Sabia que um jornal de Gujarat predisse que Sanjay morreria em junho?

Mamãe, por favor... Se fôssemos acreditar nas previsões de todos os astrólogos da Índia, ninguém poderia viver.

Estou recebendo incontáveis cartas avisando-me que o perigo o ronda, por isso tenho medo de saber que está no ar.

Sabe a melhor coisa que se pode fazer com essas cartas? Jogá-las ao fogo...

Não diga bobagens, Rajiv - replicou com o rosto alterado por uma expressão de sombria desesperança. - O que aconteceu com Sanjay foi porque não fizemos nada para evitar, não demos ouvidos às previsões, que acertaram a data exata.

Não, mamãe. O que aconteceu com Sanjay foi porque ele procurou. Indira ficou olhando para ele. Não estava acostumada a Rajiv a contradizer.

Ele prosseguiu:

Ele fazia o que tinha vontade, e quando o diretor de aviação civil o admoestou por não cumprir o regulamento e pôr em risco sua vida, Sanjay o mandou embora do cargo em vez de ouvi-lo. Você tem que ver a realidade como ela é, mamãe. Fico muito preocupado por você se deixar influenciar assim pelos astrólogos...

Indira baixou a cabeça, como dando a entender que se dobrava aos argumentos do filho. Rajiv entendia que sua mãe tentava encontrar um sentido para tragédia que se abatera sobre ela, e encontrava esse sentido nas

forças ocultas que seus inimigos haviam jogado contra a família. Essa sua velha paranóia estava mais viva que nunca.

Mamãe - disse Rajiv para amenizar - se existem forças malignas, com certeza também existem forças positivas que nos protegem... Ou não?

E foram capazes de proteger seu irmão? - perguntou ela.

Rajiv levantou os olhos para o céu como dizendo: "Outra vez!". Indira prosseguiu:

Se eu houvesse morrido, teria sido parte de um processo natural... Tenho 62 anos, vivi uma vida plena, mas seu irmão era tão jovem...

Rajiv ficou cabisbaixo. Sua mãe era inconsolável. Guardaram silêncio por um bom tempo. De repente, Indira se levantou:

Restam três horas de trabalho ainda. Vou embora.

Você está esgotada e deveria descansar - disse Rajiv.

Se não fizer esse trabalho agora, terei que me levantar às quatro da madrugada para isso. Boa noite.

Rajiv ficou pensativo. Viu sua mãe ir para o quarto como uma ave encurvada, arrastando levemente os pés. Parecia andar à deriva, parecia um naufrago... Onde estavam sua energia transbordante, seu eterno otimismo? Era desolador vê-la nessas condições. E a pergunta que o assediava era a lógica consequência disso: "Tenho realmente direito a me negar a ajudá-la?".

QUANDO DIVIDIU COM SÔNIA seus sentimentos em relação a sua mãe, os olhos da italiana se encheram de lágrimas, talvez porque, em momentos de lucidez, percebia que travava uma batalha perdida de antemão. Além disso, sentia que seu marido vivia um dilema que o estava fazendo sofrer.

-Você vai jogar fora tudo o que conseguimos? Sua carreira, o tempo com seus filhos, seus hobbies, nossa felicidade?

Pela primeira vez, havia tensão no casamento. Tanta que um dia, desesperada, Sônia disse a ele:

- Se você pretende se meter em política, vou pedir a separação e voltarei para a Itália.

Nunca, em quinze anos de casamento, haviam tido uma briga. Nunca trocaram uma palavra mais alta. Nunca Sônia havia chegado tão longe. "Lutei como uma tigresa por ele, por nós e por nossos filhos, pela vida que havíamos construído, por sua vocação de voar, por nossas simples amizades

e, principalmente, por nossa liberdade: esse simples direito humano que tão cuidadosa e consistentemente havíamos conservado", escreveria mais tarde.

MAS AS FORÇAS CONTRA AS QUAIS SÔNIA lutava eram muito mais poderosas que seus argumentos a favor da felicidade individual e da harmonia familiar. Que peso podia ter o bem-estar burguês de uma família de quatro membros comparado com o destino da Índia? Essas forças, que surgiam da história profunda da nação, falavam em nome de um país de mais de 700 milhões de pessoas. Eram as mesmas forças que haviam levado Indira à roda da política e que agora exigiam a presença de Rajiv. Dois meses depois da morte de Sanjay, trezentos parlamentares, todos membros do Congresso, assinaram uma petição rogando-lhe que assumisse o posto de seu irmão e se candidatasse em sua circunscrição. O fato de ser casado com uma estrangeira não parecia representar um problema, talvez porque, na mentalidade popular, uma mulher adquire a identidade da família do marido.

Foi o início de uma intensa e constante pressão pública. A partir desse momento, não havia dia em que a imprensa não vaticinasse sua entrada na política. Quando os jornalistas perguntavam a Indira sobre o tema, ela se mantinha impassível: "Não posso falar sobre isso. Rajiv é quem tem que decidir". Os deputados começaram a assediá-la em casa. Iam "visitá-la", ou seja, tentar convencê-la. Sônia via-se obrigada a preparar chá com cardamomo para todos esses "abutres" que, segundo ela, iam esquartejar, diante de seus olhos, a felicidade familiar.

Não apenas a pressão pública começou a ser notória; a pessoal também. T. N. Kaul, tio de Rajiv, diplomata de inatacável reputação, não era um homem cujos conselhos se tomassem levianamente. Kaul era o sobrenome da mulher de Nehru e T. N. sempre fora muito ligado a Indira. Sua lealdade havia resistido aos embates dos últimos anos. Seu filho era um indivíduo simpático e vivaz, estudara em Cambridge com Rajiv e fazia parte do círculo de amigos íntimos do casal. Os Kaul eram parentes muito próximos e muito queridos.

A vida de sua mãe e a de seu irmão estavam estreitamente entrelaçadas, mais ainda do que parecia

disse T. N. Kaul a Rajiv no primeiro encontro que tiveram. - Sanjay era seu elo de comunicação com os líderes do partido, por isso ela está tão isolada

desde a morte dele. Precisa de alguém perto, alguém que seja capaz de agir de forma eficaz para manter a lealdade do partido. E você sabe que ela não confia em ninguém, exceto nos muito próximos.

Eu sei, mas também sei, e todo o mundo sabe, que não fui feito para a política... Além do mais, você conhece a postura de Sônia sobre o assunto.

Entendo que Sônia tenha essa visão, porque esteve exposta aos piores aspectos da vida pública, mas nem tudo é desprezível nem ruim em política. Supõe-se que é a mais nobre das tarefas...

Rajiv fez uma expressão de ironia. Kaul prosseguiu:

Trata-se de servir ao povo, de dedicar-se de corpo e alma aos outros... como fez seu avô, como fez seu irmão, como está fazendo sua mãe.

Como querem que eu faça.

Claro. Está no seu sangue.

Não tenho certeza de que seja tão hereditário como você acha. Tenho tudo a perder...

Se você tem tudo a perder, você que viveu no ambiente da política desde sempre, imagine os outros... Ao contrário, você tem tudo a ganhar. Pode ser primeiro-ministro, um dia.

Não, obrigado. Vi minha mãe chorar depois que seus mais antigos, fiéis e queridos colaboradores a denunciaram para salvar-se, vi companheiros dela, gente em quem havia depositado toda sua confiança, dar-lhe as costas e tornar-se críticos viscerais... Obrigado, mas prefiro continuar vivendo minha vida tranqüila ao lado de minha mulher e de minha família, que me dão tudo o que necessito.

Rajiv, você sabe tão bem quanto eu que existem dois tipos de pessoas que se metem em política: poucos são os que consideram o poder como um meio de fazer a sociedade avançar, e muitos os que o vêem como uma arma para obter vantagens para si e para seu grupo. Para esse segundo tipo, o que importa é tudo o que cerca o poder: o brilho, a adulação, ter os pés beijados e ser venerado como um deus, tudo o que Sônia detesta.

E qual é a recompensa para os outros?

Só uma. A satisfação de se ver realizado como ser humano. Rajiv deu de ombros. Era uma resposta muito difusa e abstrata para seu gosto. A seguir, perguntou:

O que mamãe diz?

Ela disse literalmente que não quer influenciar sua decisão, que você faça o

que achar que deve.

Ela sabe que você veio falar comigo?

Sim. Eu lhe perguntei... e ela disse que se eu quisesse falar com você, por ela não havia problema. Houve um silêncio. Rajiv mostrou-lhe uns cadernos e livros que estavam sobre a mesa.

Sabe que estou prestes a realizar um dos sonhos de minha vida?

É mesmo?

A Indian Airlines está acabando de renovar a frota, e só haverá jatos. Até agora, eu voava como segundo piloto no Boeing 737. Mês que vem, farei o exame para comandante. Meu salário vai subir e poderei pedir a rota Délhi-Bombaim, o que me permitirá ter uns horários mais decentes.

Kaul passou o olhar sobre o compasso, a calculadora, os mapas desdobrados com anotações de correções de rumo e cálculos escritos a lápis nas margens... Depois, com o semblante grave, voltou-se para Rajiv:

Então, devo entender que sua resposta é "não"? Rajiv assentiu com a cabeça, e acrescentou:

Para mim, entrar na política seria como entrar na prisão. - Ao sentir o olhar de seu tio fixo nele, acrescentou: - Além do mais, nem sequer tenho a carteirinha do Congress.

Pense bem, Rajiv. Pense em todos os sacrifícios que a família fez pelo país. Quando vocês eram pequenos e foram morar na Teen Murti House, foi porque seu avô estava sozinho e precisava de ajuda. Como sua mãe agora. Ela sacrificou sua vida pessoal para servi-lo. Fez isso porque era uma mulher. Seu dever como homem é ajudá-la e apoiá-la no que puder.

Os argumentos do tio Kaul eram contundentes e apelavam ao dever filial e a certo sentido de predestinação, a uma suposta missão familiar e nacional inscrita nos astros. Os de Rajiv eram racionais e práticos. Falavam de coisas simples como a vida cotidiana, a vocação, o carinho familiar. Mas a realidade era mais complexa, era uma mistura de emoções e ambições de muita gente, de temores e dúvidas, de sonhos e ocultas pulsões, de história e política. Durante meses, a pressão continuou sobre Rajiv e, conseqüentemente, sobre Sônia. "Passei horas e horas tentando convencê-la a deixar seu marido se meter na política, mas nenhum argumento lhe parecia suficientemente bom", diria Nirmala Deshpande, uma amiga da família. "A cada tentativa, Sônia, muito educada, mas com firmeza, dizia que não." Um dia, a italiana chegou a confessar: "Prefiro ter meus filhos mendigando na

rua a que Rajiv se meta em política".

Para o casal, foi um ano terrível, no qual ambos se sentiam cada dia mais impotentes à medida que se aproximavam do abismo. Invadia-os a sensação estranha e perversa de que, de repente, sua vida não lhes pertencia. Haviam passado de donos de sua existência a vítimas de uma manobra de acoso em nome de grandes princípios e nobres causas, das quais nesse momento, sentiam-se alheios. Como se esse país tão gigantesco não pudesse viver sem eles.

Rajiv estava angustiado pelo conflito entre o dever de filho e a própria felicidade. Sônia estava dividida entre o marido e a sogra, duas pessoas que adorava. "Ao mesmo tempo", escreveu mais tarde, "estava furiosa e ressentida contra um sistema que, tal como eu o via, exigia um cordeiro para o sacrifício. Um sistema que o esmagaria e o destruiria - disso tinha absoluta certeza."

Rajiv emagreceu e mal dormia. Seu senso de dever levava-o a ajudar sua mãe. Seu amor por Sônia e o compromisso que havia adquirido com ela puxavam-no na direção oposta. Todos tinham suas razões, todas eram válidas, e ele estava no meio, confuso e infeliz. Então, refugiava-se em seus estudos para o exame de comandante do Boeing 737, a única coisa que lhe permitia abstrair-se de uma realidade que se tornava insuportável. Ele, que sempre havia fugido de conflitos e confrontações, vivia angustiado sendo o alvo de todas as exigências. "Essa pressão não vai diminuir nunca? Esse inferno nunca vai acabar?", perguntava-se ao ver que os meses passavam e o coro de vozes se tornava ensurdecedor.

"Eu esperava um milagre", diria Sônia, "uma solução que fosse aceitável e justa para todos nós." Mas esse milagre não acontecia. Ao contrário, a cada dia que passava, os principais atores desse drama sentiam-se pior: Indira, cada vez mais sozinha e oprimida pelos problemas, que se amontoavam, Rajiv e Sônia cada dia mais atormentados.

Não posso continuar vendo-o assim - disse Sônia um dia, abraçando-o com força

não quero vê-lo tão mal...

É como se houvessem nos roubado a vida...

Rajiv, esqueça o que lhe disse quando estava tão irritada. Esqueça tudo. Se você acha que deve ajudar sua mãe, faça isso... Não quero vê-lo tão infeliz.

Estamos nos consumindo.

Não pretendo tomar nenhuma decisão sem você.

Aceite - disse Sônia chorando, a cabeça apoiada no peito de seu marido - vamos em frente. A vida muda, e para mim é muito difícil aceitar... no fundo, acho que vou acabar perdendo-o, mas talvez seja egoísmo meu, não sei... O que sei é que não podemos continuar assim.

"Era meu Rajiv", diria Sônia, "nós nos amávamos, e se ele achava que devia oferecer ajuda à mãe, eu cederia diante dessas forças que já eram muito poderosas para que eu as pudesse combater, e iria com ele aonde quer que o levassem."

Sônia demonstrou, mais uma vez, que seu amor pelo marido importava mais que qualquer outra consideração. A lealdade era a essência do amor. Sempre o acompanhara.

Deixara sua família e seu país por ele. Transformara-se em uma impecável nora indiana por ele. Se toda sua vida havia girado em torno dele, se um dia havia lhe prometido segui-lo até o fim do mundo, agora cabia cumprir aquela promessa. Acompanhá-lo-ia aonde quer que fosse, ao inferno da política, se necessário. Mesmo que ambos acabassem ardendo em suas chamas.

DEPOIS DE QUATRO LONGAS E MUITO INTENSAS visitas do tio T. N. Kaul, Rajiv acabou dizendo:

Se mamãe quer que eu a ajude, ajudarei. Kaul suspirou.

É uma decisão ajuizada - disse. - Temos certeza de que pode ganhar as eleições de Amethi, a circunscrição de seu irmão, o que lhe dará a legitimidade necessária para trabalhar ao lado de sua mãe.

Mas não quero fazer parte do governo, essa é minha condição. Só estou disposto a trabalhar dentro do partido, porque percebo que há um vazio e não vejo ninguém que o possa preencher.

O importante é que você ganhe seu assento por Amethi.

E se perder?

Vai deixar o campo aberto para Maneka e os seguidores de Sanjay, e isso é muito perigoso.

Maneka não tem 25 anos, a idade regulamentar para ser deputada do Parlamento.

Mas terá nas próximas eleições. Não pode haver dois herdeiros diferentes de

Sanjay Gandhi. Por isso a pressa de você aceitar. E é fundamental que ganhe em Amethi.

Houve um silêncio. O rosto de Rajiv havia envelhecido. Quase em um sussurro, acrescentou:

Há um sentido de inevitabilidade em tudo isso, não?

Quando sua mãe foi ajudar seu avô - disse Kaul - também não fez parte do governo - fez uma pausa, consciente do enorme sacrifício que essa decisão exigia da família.

O que diz Sônia?

Eu não teria tomado a decisão sem ela. Tentarei harmonizar minha carreira de piloto com a política enquanto puder. Depois, veremos o que acontece.

É uma solução sensata - concluiu Kaul.

Depois de tanta angústia acumulada, a decisão foi uma espécie de libertação, mas sem alegria. Como sempre na história familiar dos Nehru, o que havia triunfado era o sentido do dever acima das demais considerações. Sônia trancou-se em seu quarto e não saiu durante quatro dias. Seus filhos não a conseguiam consolar. Diziam que passava o tempo todo chorando.

Quando emergiu daquele poço de sofrimento, estava abatida e puro osso. Durante os dias seguintes, mal comeu e deixou de se vestir da maneira elegante e cuidadosa que costumava.

Rajiv acabou realizando seu velho sonho e foi aprovado nos exames para obter o título de comandante do Boeing 737, mas o prazer de singrar os céus em aviões a jato ia durar muito pouco. O prazo para apresentar sua candidatura pela circunscrição de Amethi, a que se preparava para herdar de seu irmão, aproximava-se inexoravelmente.

A lei de incompatibilidades impedia que Rajiv tivesse um emprego público (a Indian Airlines era uma companhia do Estado) e, ao mesmo tempo, se candidatasse a deputado.

Como estava claro que a partir daí não poderia harmonizar sua carreira com a política, não lhe restou mais remédio que fazer da política sua carreira. De modo que, em um dia quente de maio de 1981, tomou sua decisão. Chegou em casa depois de ter passado o dia voando, tirou a gravata, a jaqueta e a calça do uniforme, vestiu uma kurta branca, o "uniforme dos políticos", e foi aos escritórios centrais da companhia de aviação entregar seu certificado de piloto e despedir-se de seus colegas e chefes. Sônia viu-o sair com o coração

apertado. Era o adeus definitivo à vida que ele escolhera na Inglaterra, quando procurava uma maneira de ganhar a vida para se casar, porque estava louco por ela.

Como era previsível, a vida do casal mudou a partir daquele dia. Já não podiam ir aos sábados à noite à Casa Mediei, o restaurante italiano do luxuoso Hotel Taj, ou ao Orient Express, no novo hotel Taj Palace. Mudaram desde os horários até a maneira de se vestir. Rajiv usava kurtas porque lhe haviam sugerido que seria bom passar uma imagem mais "indiana", e não tão européia. De modo que se despediu para sempre dos jeans que usava quando não estava de uniforme, disse adeus aos sapatos italianos que Sônia lhe comprava quando estavam de férias e calçou sandálias, mas conservou seus óculos de sol Ray-Ban, ovalados e de armação metálica, que estavam na moda naqueles dias. Na verdade, a roupa indiana era mais confortável e mais apropriada para esse calor desapietado que a ocidental. As kurtas de algodão eram usadas sobre calças tipo pijama ou chowridars, calças largas no quadril que vão estreitando até acabar em dobras sobre o tornozelo. Usava também o gorro típico dos membros do Congresso, e Indira achava que, com a idade, estava ficando igualzinho ao pai, Firoz.

Depois que Rajiv tomou a decisão, não mais se voltou para trás. Se o destino o punha nesse lugar, melhor tirar proveito e fazer direito, o melhor possível. Os antigos ideais, dos quais seu avô falava na mesa quando eram adolescentes - a luta contra a pobreza, a favor da igualdade, o aconfessionalismo etc. - esses princípios que sua mãe havia herdado, tornou-os seus também. Ele não entrava para a política para acumular riqueza ou poder, porque nunca o haviam atraído. Não tinha ambição pessoal, mas tinha ideais para a Índia. Se agora podia colaborar com seu grão de areia para a vida da nação, melhor fazer isso bem informado.

Mas custava-lhe desprender-se de seu mundo, que era o da tecnologia, dos fatos provados, das coisas concretas regidas por leis conhecidas e comprováveis. Um avião voa porque o ar sustenta suas asas. O que sustenta o sucesso de um político? Eram muitas as respostas possíveis, muitas as variáveis, mas nenhuma certeza, exceto em seu caso: tinha um sobrenome que era uma marca reconhecível. Os intelectuais e os adversários de Indira jogavam-lhe na cara: "a única qualificação que Rajiv possui são seus genes".

As classes privilegiadas estavam desconcertadas com o que consideravam um novo ato de nepotismo por parte de Indira. Mas a "grande massa de humanidade indiana" via isso a sua maneira, sob o prisma da tradição, segundo a qual os filhos seguem as vocações de seus progenitores. Durante séculos, nas aldeias e nas cidades da Índia, mestres artesãos, músicos, escrivães, cozinheiros, palafreiros, curandeiros, arquitetos e políticos transmitiam a seus filhos os segredos de sua profissão. Ao atrair Rajiv para a vida política, Indira e seus correligionários do partido não fizeram mais que seguir uma tradição bem estabelecida.

DURANTE SUA PRIMEIRA CAMPANHA, Rajiv teve que fazer um grande esforço para lutar contra sua timidez. Para alguém tão zeloso de sua privacidade, era difícil ser constantemente foco de atenção e enfrentar as perguntas dos meios de comunicação. "A política nunca foi minha praia", declarou um dia a um jornalista que lhe perguntava por que estava se candidatando. "Eu me candidato porque, de alguma maneira, tinha que ajudar minha mãe..." Sua inocência transformou-o em objeto de escárnio, e logo aprendeu a medir suas palavras, a dar sempre respostas claras que não pudessem se prestar a mal-entendidos ou a interpretações distorcidas.

Falar em público sem anotações também não era fácil, porque precisava encontrar a maneira não só de dizer o que queria, como também de se conectar com os que o iam ouvir. Os comícios aconteciam na praça e os organizadores nem sempre dispunham de meios para colocar um toldo que os resguardasse do calor. A maioria das vezes, Rajiv se encontrava diante de uma multidão de mil pessoas em pleno sol. Muitos estavam sentados sobre esteiras no chão, a maioria em pé ao fundo, e todos iam para ter o darshan de um homem que já fazia parte do elenco de personagens da mitologia indiana. Havia muitos camponeses pobres, porque Amethi era uma região muito atrasada do estado de Uttar Pradesh. Mas também havia comerciantes, trabalhadores, notáveis do povo, empresários siques cujos turbantes se destacavam entre a multidão, muitos jovens desempregados, enxames de crianças, algumas com o uniforme puído inspirado nos uniformes das escolas inglesas, mulheres muçulmanas com o rosto coberto, camponesas hindus com sáris multicoloridos... Estavam todos muito apertados, apesar dos mais de 40 graus de calor.

Havia cheiro de suor, de flores, de pó e de fumaça dos bidis, esses cigarros feitos à base de fumo picado conhecidos como "cigarros dos pobres". Antes de falar, Rajiv retirava as guirlandas de cravinas alaranjadas que haviam desbotado sobre a brancura de sua kurta e as colocava em cima de uma mesa ou entregava-as a um ajudante. Tinha um estilo muito diferente do de seu irmão. Não era grandiloqüente nem arengava à multidão. Ao contrário, sua humildade e curiosidade levavam-no a fazer muitas perguntas. Em suas constantes viagens, dentro da cabine do avião, Rajiv havia sonhado com um país mais justo, mais próspero, mais moderno, mais humano. Agora, no chão, via a realidade de outra maneira: o atraso era imenso; a falta de recursos desesperadora, e a pobreza extrema. Como era possível? Onde o sistema estava falhando? Nos momentos de descanso, tirava de uma bolsa preta uma invenção prateada que causava admiração:

É uma invenção revolucionária - disse Rajiv. - Um dia, será tão popular quanto uma calculadora ou uma máquina de escrever, vocês vão ver.

Para que serve? - perguntou-lhe um jovem membro do partido.

Para muitas coisas. Eu quero usá-lo para ter uma base de dados e fazer o acompanhamento das melhorias que vamos fazer aqui em Amethi.

Era um notebook, um dos primeiros que se viram na Índia. O método de

Rajiv consistia em identificar as carências para, a seguir, saber onde poderia intervir para saná-las. Alguns problemas eram óbvios, como a falta de estradas, que obrigava a pequena caravana eleitoral a caminhar, às vezes durante uma hora ou mais, por estreitos caminhos de terra entre campos lavrados por bois descarnados, para chegar às pequenas aldeias. A maioria das casas eram choças de adobe que os camponeses tinham que levantar de novo depois de cada temporada de chuvas. Essas aldeias não dispunham de nenhum tipo de comunicação com o exterior. "Se pelo menos pudéssemos pôr um telefone conectado via satélite para eles!", pensava Rajiv. Porém, havia uma luz de esperança: quando perguntavam aos mais pobres o que mais precisavam, nunca pediam comida, dinheiro, uma choça onde se alojar ou um poço de água potável na aldeia - todas necessidades urgentes. Os mais pobres queriam principalmente escolas para seus filhos. Em primeiro lugar educação, e imediatamente depois, ambulatórios médicos.

Como era de se esperar, Rajiv ganhou por uma ampla margem. Sônia foi a primeira a cumprimentá-lo. Fundiram-se em um abraço. Esse triunfo dava a seu marido um reconhecimento muito necessário, e Sônia percebeu isso na expressão de seu rosto, de repente mais relaxado e confiante. Era a justificativa para muitos meses de tormento. Sônia sentiu que Rajiv começava a gostar da experiência, mas ela tinha saudade do passado. "Antes, nosso mundo era reconhecível, íntimo", contaria Sônia. "Havia dias de atividade concentrada e a seguir longos períodos de ócio. Agora era o contrário.

Nossa vida se encheu de gente, centenas a cada dia, políticos, membros do partido, todos pressionando com suas exigências e seus problemas urgentes. O tempo deixou de ser flexível e a hora que Rajiv passava conosco era cada vez mais valiosa."

Mas Rajiv não se acostumava com o assédio dos meios de comunicação. Respondia com hesitações e interrupções. "Vocês, jornalistas, caem sobre os políticos como tigres", disse uma vez, oprimido. Mas, ao mesmo tempo, sentia que começava a ser apreciado por um número cada vez maior de pessoas. O contraste com a personalidade de seu irmão era tão refrescante que o fazia ganhar adeptos. Se Sanjay havia deixado a lembrança de um indivíduo abrasivo, desapiedado e vulgar na ostentação do poder, Rajiv era exatamente o contrário: um homem suave e de modos impecáveis, um

conciliador nato que utilizava o bom senso para dirimir conflitos, e sobretudo um homem sem contatos estranhos nem associações suspeitas. "Quero atrair um novo tipo de gente para a política", declarou ao Sunday Times, "gente inteligente, jovens ocidentalizados sem idéias feudais, que queiram fazer a Índia prosperar mais que a si próprios." Mostrava sempre sua verdadeira face, a de um homem honrado, amável e de bom coração. Logo o chamariam de Mr. Clean. Como se fosse pouco, tinha uma família bonita e fotogênica, mas Sônia era muito mais reticente que ele a se deixar fotografar e ainda mais a dar entrevistas. Seu medo e ódio à imprensa e aos meios de comunicação haviam se transformado em uma constante em sua vida.

Rajiv foi empossado como deputado três dias antes de completar 37 anos, declarando-se abertamente a favor da modernização, da liberdade de imprensa e de abrir o país para os investimentos estrangeiros. Pingava suor sob a mesma abóbada que havia devolvido o eco dos discursos de seu avô e de sua mãe. Nehru provavelmente teria se sentido desconcertado ao ver seu neto nessa enorme sala como mais um representante do povo. Mas também contente de ver que, como ele, Rajiv achava que a solução para muitos males da Índia estava na ciência e na tecnologia devidamente aplicadas.

INDIRA VOLTOU A SORRIR. Sentiu que seu filho, que assumia o papel de conselheiro pessoal com surpreendente eficácia, era a pessoa ideal para se encarregar de um ambicioso projeto no qual o governo havia embarcado, ciente da necessidade de melhorar a imagem do país. Tratava-se de organizar os Jogos Asiáticos, que deviam acontecer em Délhi dois anos depois. O projeto contemplava a construção de hotéis, estradas, vários estádios e um bairro para alojar os atletas. A iniciativa seria aproveitada para ampliar a cobertura do sinal da tevê em cores, que só podia ser captado no centro das grandes cidades. Levar o projeto a bom termo requeria uma mente com capacidade de organização, empreendedora e imaginativa. Indira sentiu que era um desafio para seu filho, e que, caso ele se saísse bem, melhoraria sua imagem e serviria para lançá-lo na política internacional. De repente, Rajiv viu-se coordenando arquitetos, empreiteiros e financistas e supervisionando um enorme orçamento.

Sônia não tinha ambição alguma de arranjar um lugarzinho na vida pública - esse que Maneka desejava tanto - fosse como voluntária em assuntos humanitários ou como anfitriã de personalidades. Contentava-se com sua posição à sombra de sua sogra e empenhava-se para que a casa da primeira-ministra funcionasse da forma mais eficaz possível. Naqueles dias, Sônia esteve mais próxima que nunca de Indira. "Sabendo quão profundas eram suas feridas, Rajiv e eu tornamo-nos ainda mais protetores com ela." Sua sogra estava profundamente agradecida por tê-los por perto. Falava com muito carinho e reconhecimento da maneira como Rajiv "havia se oferecido para cuidar de algumas responsabilidades dela relativas ao trabalho no partido". Quando acabou o período de luto de um ano, no qual Indira só havia usado sáris brancos, pretos ou creme, Sônia escolheu para ela um lindo sári dourado com bordados ao estilo da Caxemira para a inauguração de uma importante conferência de países asiáticos.

Veja, este sári combina com a decoração da sala onde vai ser celebrada a conferência... Gosta?

Adoro - disse Indira. - É perfeito para que vocês acompanhem o evento em suas tevês coloridas. Ao vê-la enrolada de novo em sáris coloridos, sua amiga Pupul lhe disse:

Página 306

Fico feliz por estar superando.

Indira fez uma expressão de gravidade e não respondeu. Mas, no dia seguinte, mandou-lhe uma carta: "Você comentou que eu estaria superando minha dor. Podemos superar o ódio, a inveja, a cobiça e tantas outras emoções negativas e autodestrutivas. Mas a dor é algo diferente. Não se pode esquecer nem superar. Temos que aprender a viver com ela, integrada ao próprio ser, e fazer disso parte da vida".

A nota dissonante foi Maneka, que via desgostosa a herança do marido ser-lhe arrebatada pelo cunhado, mas sabia perfeitamente que ela não podia se candidatar por não ter a idade mínima requerida. Sempre sentira um profundo desprezo por Rajiv, e agora começou a fazer declarações à imprensa chamando-o de "cunhado indolente, incapaz de sair da cama antes das dez". Implícita estava a idéia de que ela, herdeira do sobrenome Gandhi e mãe do único filho de Sanjay, era a mais adequada para suceder Indira um dia. "Como Rajiv pode assumir o manto de seu irmão se nunca gostou de política e é casado com uma italiana?", dizia publicamente. Maneka foi a

primeira a usar a origem estrangeira de Sônia contra a família. Rajiv e Indira, que imediatamente sentiram o cheiro do perigo, pediram-lhe que concluísse os trâmites para adquirir a nacionalidade indiana, à qual tinha direito por casamento.

Devia ter feito isso antes, mas sempre o adiava por pura preguiça. Em sua ingenuidade, Sônia achava que bastava sentir-se indiana e atender aos costumes e ritos da sociedade para ser indiana. Já havia relegado suas saias, suas calças justas, seus jeans, suas regatas e seus vestidos decotados à escuridão dos armários. Só se vestia como européia quando ia visitar sua família na Itália. Na Índia, só usava sáris ou a versão muçulmana do traje nacional indiano, os salwar kamiz, calças largas de algodão ou seda cobertas por uma bata com muitos botões. Mas isso não bastava, agora precisava da sanção oficial, da nacionalidade, do passaporte. De modo que, certa manhã, foi para o Ministério do Interior e passou várias horas preenchendo papéis e respondendo a perguntas de funcionários gentis.

Algumas semanas depois, recebeu uma carta: "Pela presente, o governo da Índia concede a Sônia Gandhi, nascida Maino, seu certificado de naturalização e declara que a supracitada tem direito a todos os privilégios, deveres e responsabilidades de um cidadão indiano...". A seguir, entre os papéis que acompanhavam o passaporte estava o número e o endereço do gabinete eleitoral onde devia votar.

A única coisa que Maneka conseguiu com suas declarações insensatas foi irritar ainda mais sua sogra. Quando a jovem lhe mostrou um primeiro exemplar do livro que havia projetado sobre seu falecido marido, Indira ficou indignada, alegando que parte do texto e das legendas era pernicioso e distorcia a verdade. Assim, não podia ser publicado.

Mas o lançamento está previsto para daqui a três dias!

Você devia ter me mostrado o boneco final antes, não no último instante. Terá que adiar o lançamento para depois que as mudanças forem introduzidas.

Não posso, já está tudo organizado.

Não permitirei que o livro saia do jeito que está agora. Maneka, encolerizada, saiu da sala batendo a porta.

Maneka!! - gritou Indira. - Venha aqui imediatamente!

A jovem voltou. Dessa vez, não parecia um cãozinho assustado. Tinha a atitude desafiadora de uma adolescente rebelde. Sustentou o olhar de sua

sogra.

As coisas não podem continuar assim, Maneka. Não posso consentir suas bobagens perante a imprensa nem que publique o que acha que deve sobre a família.

Maneka hesitava entre responder ou agüentar a bronca. Indira fez um blefe, intuindo que sua nora se amedrontaria:

Se quiser ir embora desta casa, fique à vontade - disse com firmeza. Maneka hesitava diante da tentação de usar a única arma que podia dar um golpe letal em Indira:

tirar-lhe seu neto. Indira prosseguiu:

Se continuar assim, nossa relação no futuro será como se nunca a houvesse conhecido. Você escolhe: isso, ou continuarmos amigas.

Maneka apertou os punhos e mordeu a língua, talvez não fosse o momento de prescindir dessa relação tão prestigiosa. Baixou o olhar:

Está bem, vou adiar o lançamento do livro, mudarei as legendas.

Indira respirou aliviada. Tinha consciência de ter vencido uma batalha, mas certeza de que não seria a última. Por ora, havia evitado a crise.

BRIGUENTA E PERSISTENTE, Maneka tornou-se especialista em esticar a corda até o limite. Tinha certeza de duas coisas: uma, que não havia lugar para ela na estrutura de poder presidida por Indira, e outra, que poderia chegar a rivalizar com sua sogra. De modo que decidiu, por um lado, redobrar sua atitude desafiadora e provocadora e, por outro, desenvolver sua própria base mobilizando os seguidores, agora destronados, de Sanjay. Maneka havia aceitado ir fazer um discurso na cidade de Lucknow, capital do estado de Uttar Pradesh... diante de um grupo de dissidentes do Congresso liderado por um antigo amigo de Sanjay. Indira estava soltando fogo pelas ventas:

"Estão me desafiando com uma minirrevolta", disse a Pupul depois de Maneka ter lhe comunicado que havia conseguido a adesão de uma centena de membros da assembléia legislativa do estado de Uttar Pradesh leais a Sanjay. Indira mandou-lhe uma mensagem: "Se for a Lucknow, não volte para minha casa". Maneka voltou atrás e se desculpou, mas já parecia claro que um enfrentamento era inevitável. Essa "menininha" volúvel e teimosa que fazia sua vida impossível tirava Indira do sério de um modo que seus poderosos adversários políticos, muito mais experimentados e

maquiavélicos, não conseguiam.

Para tentar ajeitar as coisas, Indira levou-a para o Quênia com Rahul e Priyanka. Mas a viagem que realmente Maneka teria gostado de fazer era a que Rajiv e Sônia fizeram, para Londres, para o casamento do príncipe de Gales com Diana Spencer. Indira os havia mandado em seu nome, para apresentar no exterior aquele que, com toda probabilidade, acabaria sucedendo-a. Essa sim era uma viagem com glamour, freqüentando o poder e a nata da sociedade mundial. Porém, para Maneka sobrava ir com as crianças "ver animais". Começou se queixando de que era a única da família que não tinha passaporte diplomático. Quase não falou com seus sobrinhos durante toda a viagem e mal respondia a sua sogra quando ela a chamava ou tentava animá-la. O tempo todo manteve-se afastada, murcha, porque no fundo não queria estar ali.

Quando, na embaixada em Nairobi, chegou o momento de cumprimentar os representantes da numerosa colônia indiana, foi fria, tanto que causava constrangimento. Taciturna, não se sabia muito bem se estava entediada ou simplesmente se nada a interessava. Ou se estava tramando alguma coisa. Ou as três coisas ao mesmo tempo.

Quem estava tramando algo era sua mãe. Algo explosivo. Estava negociando a venda da revista Surya a um notório simpatizante do RSS (Rashtriya Swayamsevak Sangh) pelas costas de Indira. Quando esta soube, ficou enlouquecida. O RSS era uma organização política hinduísta de extrema direita com uma disciplina quase militar, que estivera envolvido nos massacres da Partição. Indira sempre havia considerado o RSS a "maior ameaça para a Índia" por seu caráter hinduísta fanático e excludente.

Tinha certeza de que esse partido podia, um dia, levar o país à perdição. Um dos assassinos do Mahatma Gandhi havia sido membro do RSS. Essa venda, que acabou acontecendo, era uma provocação declarada. A propriedade era de Maneka e de sua mãe, mas Indira sabia muito bem que a revista conseguira funcionar graças a seus contatos e influência.

A tensão familiar chegou a um ponto crítico. Fazia meses que Rajiv evitava encontrar-se com sua cunhada em casa. Agora estava claro que Maneka não poderia continuar morando ali.

Indira, que via que o conflito com sua nora a privaria do neto, ficou muito deprimida. De todas as traições que havia sofrido, sentia que essa era a mais

grave, a mais daninha e a mais cruel, porque vinha de dentro da família, território sagrado, e afetava o filho de seu filho preferido. A iminência de uma nova crise, dessa vez definitiva, roubava sua energia e a fazia sentir-se esgotada. Por seu neto, fez um último esforço. Mandou seu velho professor de ioga e guru, Dhirendra Brahmachari, que continuava indo vê-la de vez em quando, a negociar a recompra da revista, a qualquer preço, com os novos donos. Mas eles rejeitaram a oferta. Indira estava em um beco sem saída. Centenas de milhões de pessoas, o país inteiro, esperavam expectantes o desenlace dessa novela ao vivo, um reality show antes da época.

INDIRA ESTAVA EM LONDRES INAUGURANDO O Ano da Índia, um esforço colossal de seu governo para promover o intercâmbio cultural, industrial e comercial entre a Índia e o Ocidente. Quis que Sônia fosse com ela. Um elenco numeroso de políticos, cientistas, personalidades do mundo da cultura, da aristocracia e dos meios de comunicação compareceu à festa de abertura. Indira viveu um momento comovente quando Zubin Mehta, que, a propósito, era parse como o marido da primeira-ministra, dirigiu a orquestra, que tocou os hinos nacionais da Índia e do Reino Unido e a audiência ficou em pé. Tinha um significado especial porque era a primeira vez que o hino nacional indiano era tocado em público em Londres, antiga capital do Império. Até Sônia sentiu calafrios de emoção. Indira, sublimemente vestida graças aos cuidados de sua nora, esteve radiante durante as diversas recepções e jantares que acompanharam a inauguração. Tanto que teria sido impossível perceber que por dentro estava agitada e ansiosa. As mensagens que lhe chegavam de casa anunciavam que Maneka estava disposta a abandonar definitivamente o lar da família e que havia decidido desafiá-la abertamente. Sônia se calava, expectante, diante do inexorável momento da ruptura.

De fato, Maneka havia calculado a data com precaução, aproveitando que Indira e Sônia estavam viajando, e que Rajiv, muito concentrado em seu trabalho, não pisava em casa para evitar encontrá-la. A jovem não dera ouvidos a Indira e fora a Lucknow, onde, diante dos seguidores de seu marido, pronunciou um discurso fervoroso, mas tendo o cuidado de não parecer desleal à primeira-ministra. "Longa vida a Indira Gandhi", "Sanjay é imortal!", rezavam os cartazes que organizadores do encontro haviam pendurado por todo lado. "Sempre honrarei a disciplina e a reputação da

grande família Nehru-Gandhi à qual pertença", concluíra Maneka.

Mas essa falsa demonstração de lealdade não abrandou Indira, que voltou de Londres na manhã de 28 de março de 1982 decidida a se fazer respeitar. Quando Maneka foi cumprimentá-la, Indira cortou-a secamente:

Conversamos já, já.

Maneka trancou-se em seu quarto e esperou muito tempo, até que um empregado bateu à porta:

Entre - disse Maneka.

O homem apareceu segurando uma bandeja com a comida.

O que é isso?

A senhora Gandhi me incumbiu de lhe dizer que não quer que a senhora se junte ao resto da família para o almoço.

Pode levar. Não pretendo comer em meu quarto porque ela quer. O homem obedeceu. Uma hora depois, voltou:

A senhora primeira-ministra quer vê-la agora mesmo - disse obsequiosamente.

As pernas de Maneka tremiam ao atravessar o corredor. Havia chegado a hora da verdade, mas não havia ninguém na sala. Teve que esperar alguns minutos que pareceram eternos, nos quais voltou a roer as unhas como quando era pequena. De repente, ouviu um barulho e Indira surgiu fora de si, caminhando descalça, acompanhada pelo guru Dhirendra Brahmachari e pelo secretário Dhawan, o engomadinho. Queria os dois como testemunhas.

Em circunstâncias normais, Indira teria tratado esse assunto com sua costumeira habilidade, esperando o momento adequado para agir. Agora, talvez porque a idéia de se separar de seu neto obscurecia sua razão, Indira caiu na armadilha que sua nora havia armado. Suas palavras mal se entendiam. Porém, foi ouvida alto e claro quando, apontando com seu dedo, gritou:

Saia desta casa imediatamente!

Por quê? - replicou Maneka com ar inocente. - Que foi que eu fiz?

Eu ouvi cada palavra do discurso que você pronunciou!

Você o aprovou.

Maneka alegava que havia mandado o discurso a Indira para sua aprovação. De fato, Rajiv o havia enviado por telex a Londres. Sua mãe o havia lido, mas não respondera.

Decidira esperar a volta para se pronunciar.

Eu disse que não devia falar em Lucknow, mas você fez sua santa vontade e me desobedeceu! Havia veneno em cada uma de suas palavras... Acha que não percebo? Vá embora daqui! Vá embora desta casa agora mesmo! - berrou. - Volte para a casa de sua mãe!

Não quero ir para a casa de minha mãe - respondeu Maneka desafiadora.

Mas você vai. Já que confabularam com a escória deste país, a quem venderam a revista que abriram graças aos contatos que eu lhes proporcionei, não quero tornar a vê-las, nem a você nem a sua mãe.

Maneka começou a chorar, mas acrescentou:

Preciso de tempo para arrumar minhas coisas.

Você teve todo o tempo do mundo. Partirá quando eu mandar. Suas coisas serão mandadas depois. Você e sua mãe são escória! - disse Indira totalmente descontrolada.

Maneka foi se afastando para seu quarto gritando:

Não permitirei que insulte minha mãe!

Mas Indira estava resolvida a expulsá-la. Não podia se controlar, todos os agravos acumulados desde que Maneka havia entrado naquela casa explodiam como as comportas de uma represa.

-Vá embora! Suma daqui agora mesmo! E não leve nada desta casa que não seja sua roupa!

Maneka trancou-se em seu quarto, de onde ligou para sua irmã Ambika para contar-lhe o que havia acontecido, a fim de que avisasse a imprensa e pedisse ajuda. O escritor Kushwant Singh soube do que havia acontecido por uma ligação de Ambika, que pedia que fosse à casa da primeira-ministra.

As TORMENTOSAS RELAÇÕES ENTRE SOGRA e nora fazem parte da cultura milenar da Índia, a ponto de muitas produções de Hollywood serem baseadas em histórias que recriam com riqueza de detalhes esses conflitos domésticos. O que aconteceu na casa da mais alta autoridade do país expôs toda a família ao escrutínio público de uma maneira que os mais experimentados produtores de cinema nem sequer poderiam ter imaginado.

Às 21h, uma multidão de fotógrafos e jornalistas, incluindo uma grande representação de correspondentes estrangeiros, reuniu-se diante da grade de entrada da casa.

A polícia, cujos reforços estavam espalhados pelos arredores, não sabia muito bem a quem deixar passar ou não. De modo que Ambika e o irmão de Maneka entraram sem dificuldade depois de oito anos sem aparecer. Encontraram a irmã no quarto, desfeita em lágrimas, colocando em desordem tudo o que podia em umas malas. De repente, quando estavam decidindo como proceder, Indira irrompeu no quarto:

Vá embora daqui já! Eu disse para não levar nada!

Ambika, cuja língua viperina era bem conhecida de Indira, interveio:

Ela não irá! Esta é a casa dela!

Esta não é a casa dela! - gritou Indira com olhos arregalados. - Esta é a casa da primeira-ministra da Índia! - e apontando para Maneka, acrescentou: - Não se pode trazer gente aqui sem minha permissão.

Ambika ia falar, mas Indira a interrompeu.

De qualquer maneira, Ambika Anand, não quero falar com você.

A senhora não tem nenhum direito de falar assim com minha irmã! - disse Ambika, sem intenção alguma de se deixar amedrontar. - Esta é a casa de Sanjay, e minha irmã é mulher de Sanjay! De modo que esta é a casa dela. Ninguém pode expulsá-la.

Então, Indira enlouqueceu. O que seus inimigos mais arraigados não haviam conseguido, aquelas duas irmãs conseguiram. Os gritos de Indira alertaram Sônia, que correu a avisar Rajiv em seu escritório da Akbar Road. Rajiv tentou controlar a situação com a ajuda de um primo que o ajudava em suas tarefas políticas. Pediram ao chefe de segurança, um sique alto e robusto, que fizesse o favor de expulsar as irmãs de casa. O homem, cauteloso, respondeu:

Senhor, só posso cumprir essa ordem se a receber por escrito. Rajiv estava disposto a assinar uma ordem escrita, mas seu primo interveio.

Não faça isso - disse. - Não assine nada que depois possa ser usado pela imprensa contra você ou sua família. Gostando ou não, Maneka tem direito a estar nesta casa. Assinar um documento de expulsão só pode trazer-lhes problemas.

Rajiv olhou para o sique, que fez um gesto com a cabeça em total acordo com o que o primo acabava de dizer.

Não é prudente - acrescentou seu primo.

Está bem - disse Rajiv, jogando a toalha e voltando os olhos para o fundo do

corredor, de onde, de repente, surgiu um estrondo ensurdecedor.

As duas irmãs, trancadas no quarto de Maneka, haviam posto no vídeo um filme de Hollywood a todo volume para que Indira, que estava derrotada na sala contígua, entendesse que elas fariam o que quisessem. Enquanto isso, planejaram sua estratégia e a hora exata em que sairiam. O secretário Dhawan e o guru Dhirendra Brahmachari tiveram que atuar de mensageiros. Cada vez que Dhawan entrava para rogar que fossem embora, elas lhe faziam um novo pedido. Primeiro pediram o jantar, que foi servido na sala. A seguir, disseram que os cães também precisavam comer, e o secretário mandou alimentá-los, e por azar Sheba, o lebre irlandês de Maneka, excitado pelo ambiente de hostilidade que havia em casa, mordeu-o levemente no braço.

Assim ficaram duas horas, até que as irmãs mandaram retirar seus baús, malas e pacotes. Quando elas já estavam do lado de fora, chegou de novo Dhawan, dessa vez acompanhado pelo guru:

Lamento, mas temos ordens de revistar seus pertences.

Muito bem - disse Maneka - se vai me revistar, que seja aqui fora, para que todo o mundo veja. E começou a abrir os baús deliberadamente, tirando roupa, sapatos, livros...

De repente, o crepitar dos flashes dos fotógrafos, na grade, iluminou a noite como pequenos fogos de artifício. Indira apareceu na porta e disse a seu secretário que não insistisse na revista. Percebera que sua nora havia ganhado a partida e começou a ceder. Maneka havia dado uma lição para a sogra: "Deixe que os inimigos façam o que quiserem contra você, mas sempre à luz pública, para que mostrem sua pior cara." Quando o lamentável espetáculo da revista chegou ao fim, Maneka e sua irmã voltaram para o quarto exigindo que fossem enviados antes a seu novo domicílio seus pertences e seus cães. A última condição foi que não iriam embora sem o pequeno Firoz Varun.

Nessa noite desastrosa, o pior erro de Indira foi tentar ficar com o neto de dois anos. Antes da briga, havia mandado que o levassem para seu quarto. Havia passado o dia com um pouco de febre. Quando os empregados foram buscá-lo, Indira negou-se a entregá-lo.

Meu neto fica comigo - disse em um ataque de obsessão irracional.

Maneka mostrou-lhe que, se não entregasse a criança, faria um protesto

sentando-se na porta da casa até consegui-lo. Muito habilmente, a jovem viúva se dispunha a explorar seu papel de vítima usando a arma do Mahatma Gandhi, a desobediência civil. A luta de Indira era desesperada.

Mandou chamar P. C. Alexander, seu principal secretário oficial, que, ao ser acordado em plena noite, pensou que havia estourado algum conflito internacional. "Nunca a vi tão aflita, tão preocupada, tão ansiosa, tão tensa como naquela noite", diria o homem. "Seu rosto refletia uma angústia indescritível."

Madame - disse Alexander - a senhora teve que enfrentar tantas crises na vida, tantas batalhas políticas, a morte de seu filho. Por que está assim agora?

Alexander, essa garota quer tirar Firoz Varun de mim. Você conhece minha relação com o filho de Sanjay. É meu neto. Querem tirá-lo de mim.

Indira continuava fora de si. O sofrimento que lhe causava a perda do neto turvava seu juízo. Não havia maneira de fazê-la entender, de convencê-la de que o direito estava do lado de sua nora. Por mais primeira-ministra que fosse, não podia nada contra o fato de que Maneka era a mãe do menino. Na Índia reinava a *rule of law*, o estado de direito. Os advogados que mandou chamar no meio da noite para ver como ficar com o menino estavam de acordo; não havia nada a fazer.

Senhora - disse por fim um de seus advogados - se ficar com o menino, sua nora apresentará uma denúncia e a senhora será obrigada a entregá-lo à polícia, que, por sua vez, o devolverá à mãe. Eu sugiro que poupe toda essa confusão.

A batalha estava perdida. Indira foi para seu quarto e ficou olhando para o menino, que dormia no berço com uma respiração compassada e bem audível. A mulher era um mar de lágrimas. Raras vezes na vida a viram chorar tanto, tão arrasada. Para ela, isso era como a segunda morte de seu filho. Quando a babá ia levar o menino, Indira fez um gesto com a mão, tirou-o do berço e estreitou-o em seus braços, longamente, consciente de que era a última vez que o veria. A seguir, entregou-o, arrasada por dentro, secando as lágrimas do rosto com a ponta de seu sári.

Eram mais de onze horas da noite quando Maneka, levando o desconcertado e semiadormecido Firoz Varun no colo, finalmente saiu da casa e entrou em um carro acompanhada de sua irmã. Uma explosão de flashes iluminou toda a seqüência de sua partida. Fotos em conformidade com a imagem que ela

queria passar, de uma nora leal tratada cruelmente por sua poderosa e autoritária sogra. "Maneka saudando os jornalistas no carro", dizia a legenda da foto que saiu na manhã seguinte em todos os jornais da Índia e parte do exterior. O jornal Indian Express publicou um artigo comparando os esforços da primeira-ministra de expulsar a Maneka com o ato de "matar uma vespa a machadada". Indira havia perdido, e sabia disso.

A alma de Sônia se partia de vê-la tão arrasada. Ela também sofreu com aquele desenlace, apesar de esperá-lo talvez com mais lucidez que a própria Indira. Sofreu porque havia cuidado um longo tempo do menino, desde seu nascimento. Havia sido uma segunda mãe para ele. A chegada ao mundo do bebê evocava lembranças de uma felicidade familiar reencontrada depois dos sobressaltos da Emergency. A harmonia havia durado pouco, só até a morte de Sanjay, mas deixara uma profunda impressão em todos os membros da família. Priyanka e Rahul também haviam se acostumado à presença desse priminho, tão próximo que o consideravam mais um irmão. Durante os dias seguintes, a todos que chegavam para vê-la, Indira dizia: "Sabe de uma coisa? Maneka e Firoz Varun foram embora de casa", como se houvesse sido a decisão consensual de dois adultos. O país inteiro sabia, com riqueza de detalhes, o que havia acontecido.

Pintar. Concentrar-se em cada pincelada, sem deixar o pulso tremer. Misturar e tornar a misturar a tinta na paleta, achar o tom correto, a cor exata. Tirar os óculos e tornar a pô-los. Avançar devagar, passinho a passinho. Raspar com a espátula, alisar, limpar, manchar com cor, recomeçar... Para Sônia, os cursos de restauração de pinturas antigas a óleo no Museu Nacional eram como uma terapia que lhe permitia esquecer durante algumas horas o movimento de seu lar. Esses momentos roubados proporcionavam-lhe uma intensa e íntima satisfação, e agora tinha certeza de que essa teria sido sua vocação real se a vida não a houvesse levado por outro caminho.

Era uma atividade que lhe permitia desenvolver seu potencial, seu caráter de mulher perfeccionista que gostava de arrumar, reabilitar, remendar. Para restaurar, tinha que se fazer invisível. Não se tratava de inventar, e sim de interpretar a intenção do artista original. Não era para rebeldes que desejavam impor seu critério.

Era para personalidades como a sua, maleáveis, pouco amantes da

confrontação e dóceis, que acabavam sempre se adaptando da melhor maneira e tirando o melhor partido do que havia. Agora podia se dedicar a sua paixão porque seu lar voltara a ser um remanso de paz, como antes de Maneka entrar nele. E essa paz ajudou Indira a se acalmar, pouco a pouco, cercada pelo afeto dos netos que restavam e com a certeza de que Sônia cuidava da casa, o que implicava, por exemplo, organizar um jantar para Mitterrand e seu séquito, ou uma recepção para dirigentes muçulmanos ao meio-dia e outra para chefes do partido à noite.

Sônia procurava sempre ajustar seus horários e seus compromissos para coincidir com os momentos livres de Rajiv e de sua sogra. Sentia que ambos, talvez para compensar a aspereza da vida política e para se curar da comoção que representou a luta com Maneka, precisavam agora, mais do que nunca, da estabilidade, da intimidade e das relações diretas e francas que encontravam no universo familiar. Entre as quatro paredes do lar, nem Rajiv nem Indira tinham que medir suas palavras, nem se preocupar com o que diziam ou a quem diziam. Sônia cuidava de um santuário para que se protegessem da confusão da política. Para que desfrutassem do repouso do guerreiro.

"Eu me dedicava a meu marido com um amor incondicional", diria. O mesmo poderia ter dito de Indira. Rajiv era profundamente grato a ela por ter aceitado dar o passo e mudar de vida, e demonstrou-lhe: "Como diz a tradição hindu, um homem é só meia pessoa, e sua mulher é a outra metade. Com você, sinto-me exatamente assim", deixou escrito um dia em um bilhete antes de ir trabalhar. Naquela época, Nadia, a irmã mais nova de Sônia, foi morar em Nova Délhi com seu marido, diplomata espanhol. Era uma garota de traços finos, morena, com uma inegável distinção natural. Introversa, gostava de ler, e a influência de seu marido fez com que se apaixonasse pela literatura espanhola. Sua ambição era ser tradutora de italiano para espanhol. Agora estava muito ocupada com suas filhas pequenas, mas deixava para o futuro... Para Sônia, era maravilhoso tê-la tão perto, poder organizar passeios de fim de semana com as crianças dos dois casais ou ir a jantares de amigos, onde se reuniam indianos cosmopolitas e europeus residentes na cidade. Nadia e seu marido tinham uma vida social muito mais intensa que a de Rajiv e Sônia, porque faziam parte do circuito diplomático na capital da Índia. Almoços, coquetéis, recepções, inaugurações de exposições, lançamentos de livros, concertos, partidas de polo etc, participavam de muitos atos e nada pressagiava as diferenças que estavam surgindo no casal. Sônia ouvia alguns rumores, mas, como sua irmã não lhe havia dito nada, não lhes deu importância. Estaria louca se confiasse na boataria local. Mas, um dia, Nadia foi vê-la cedo, enquanto acabava de se arrumar.

Como estou? - perguntou Sônia, aludindo ao sári que usava.

Está lindíssima - disse sua irmã com voz apagada.

Aqui só uso sáris, eles nos atacam por eu ser italiana, sabia? Na verdade, sinto-me confortável das duas maneiras, da europeia ou da oriental.

Você pode passar perfeitamente por uma indiana, não fosse por suas jóias tão discretas, ao contrário das mulheres daqui... Porém, se eu visto um sári, pareço uma turista vestida de indiana.

Uma vez, a mulher de um político aproximou-se de mim para ver a cruz que uso no pescoço e perguntou-me por que usava uma correntinha tão fina se podia usar uma correntona mais visível... Aqui valorizam a ostentação, e em um país com tanta pobreza...

Sônia sorriu ao lembrar a cena, e quando se voltou, depois de colocar o sári,

encontrou sua irmã chorando.

Mas o que aconteceu?

Nadia não se atrevia a dizer nada. Balbuciava. Sônia teve que usar toda sua habilidade para descobrir o que estava acontecendo. O marido a enganava. O boato corria no mundinho de Nova Délhi, o que acrescentava humilhação à dor.

"Como pode ser tão irresponsável?", perguntou-se Sônia, furiosa.

O diplomata havia se mostrado um tanto frívolo. Nem sequer se esforçava para disfarçar seus enrosocos. O mais recente, com uma diplomata da embaixada dinamarquesa, fez Nadia desmoronar.

Ele me prometeu que vai romper, mas não sei se devo acreditar.

Para Sônia, foi um golpe vê-la assim. Pediu-lhe que tivesse paciência, que lhe desse uma nova oportunidade, já que ele havia prometido. Havia se acostumado a tê-los em Nova Délhi e lamentava que tivessem que ir embora. Quem dera a situação com o marido se arranjasse. Decididamente, nem todos eram como Rajiv. Começou a sentir raiva do cunhado espanhol.

COMO O CASO DE NADIA COM O MARIDO, a vida é feita de pequenos sofrimentos. No início de 1982, a família viveu a separação de Rahul. Seguindo o costume herdado dos ingleses, foi mandado para um internato que ficava nas faldas do Himalaia. Fundada por um professor inglês que se tornara diretor depois da independência, a Doon School era uma instituição de excelente reputação, criada à imagem e semelhança dos colégios britânicos, onde os filhos e netos das classes privilegiadas estudavam. No início, Sônia havia se oposto à idéia. Separar-se de seu filho aos onze anos não faz parte da tradição italiana, mas Rajiv lhe recordou que seus próprios pais a haviam mandado para a escola de freiras de Giaveno.

Sim, mas isso foi a 20 km de casa.

A Doon School ficava a sete horas de Délhi, o que, em escala indiana, era uma curta distância. Ainda assim, foi duro separar-se do menino. Era o mesmo sofrimento por que haviam passado o bisavô Motilal e o avô Nehru. Na época, as famílias ricas mandavam seus filhos para a Inglaterra quando estes completavam sete anos. Rajiv estava tão convencido quanto seu bisavô de que se separar de seu filho, por mais doloroso que fosse, era uma experiência que ajudaria o menino a crescer, a ser mais forte e independente.

O que o preocupava, tanto quanto a Sônia, era que Rahul fosse suficientemente maduro para se proteger dos ataques e da sanha de seus colegas.

Já tiveram que lidar com esse tipo de problema quando freqüentavam a escola em Délhi, e tanto Rahul quanto Priyanka eram vítimas das brincadeiras de algumas crianças que debochavam da família. Só que, então, os pais estavam perto para oferecer-lhes seu apoio. "Quando se meterem com eles lá longe, quem os consolará?", perguntava-se Sônia, inquieta. "Algumas vezes dirão todo tipo de disparates nos jornais sobre a vovó, sobre mamãe ou sobre mim", escreveu Rajiv a seu filho para dar-lhe segurança, "mas você não deve se preocupar. Talvez encontre alguns garotos no colégio que usarão isso para se meter com você, mas vai descobrir que a maioria dessas coisas não é verdade... Você tem que aprender a lidar com essas provocações... a não dar ouvidos ao que o possa irritar, a não se deixar afetar."

O menino ficava sabendo pelos jornais das inúmeras viagens que seus pais faziam. Naquela época, Indira viajava muito, e sempre que podia ia acompanhada de seu filho e de Sônia. Juntos foram para Nova York, onde Indira viveu a alegria de reencontrar sua velha amiga Dorothy Norman, que a descreveu assim: "Lá estava a mulher que liderava uma sociedade altamente complexa de mais de 700 milhões de pessoas, a maioria pobre enfrentando problemas de todo tipo; uma mulher ainda ferida pela dor de haver perdido seu filho, mais triste que antes...".

- Sim, estou mais tranqüila, mais triste - confirmou Indira. - Mas seria justo pedir mais? A vida foi maravilhosa comigo, tanto em felicidade quanto em dor. Como se pode apreciar uma sem a outra?

Dorothy lembraria de Rajiv e Sônia com muito carinho pela maneira como se portavam com ela. Notou Indira muito orgulhosa de seu filho: "Rajiv fez um trabalho magnífico com os Jogos Asiáticos", contou-lhe. Os jogos, inaugurados em 19 de novembro de 1982, dia em que Indira completava 65 anos, haviam sido uma proeza de organização.

Seis estádios, três hotéis de luxo e um bairro inteiro com alojamentos para os atletas haviam sido erguidos em tempo recorde. A fisionomia do sul de

Délhi mudou para sempre. Rajiv havia se saído bem em sua primeira prova, com uma imagem de líder eficaz, moderno, e de bom gestor, mas a imprensa denunciou as condições de vida dos trabalhadores, na maioria imigrantes do sul, esqueléticos homens e mulheres de pele escura que foram cruelmente explorados pela legião de intermediários, empreiteiros, mestres-de-obras, construtores, fabricantes de tijolos, de cimento e de aço que manipulavam o orçamento. Não era tarefa fácil modernizar a Índia. Sim, erguiam-se edifícios vanguardistas, mas quem fazia isso era uma sociedade medieval, onde as crianças trabalhavam de sol a sol por uma quantidade de dinheiro que lhes era roubada por aqueles que as contratavam. Rajiv havia percebido que o desafio era mudar essa estrutura social carcomida pela corrupção. Um desafio imenso, porque a sociedade indiana arrastava milhares e milhares de anos de vícios, de exploração de umas castas por outras, de umas classes por outras. Se em um orçamento se atribuía um salário de cem rupias por dia a um trabalhador, todos sabiam que acabaria recebendo trinta rupias, na melhor das hipóteses. O resto ficava com o empreiteiro ou com os intermediários.

Logo surgiu um detalhe revelador da pobreza do país. Grande parte dos exames de sangue efetuados em atletas indianos indicava presença de anemia. Como pretendiam competir com japoneses, coreanos, malásios? Por tudo isso, os jogos haviam sido uma vitória agri-doce para Rajiv.

RAJIV NEM SEMPRE PODIA ACOMPANHAR SUA MÃE, mas Sônia o fazia cada vez que Indira lhe pedia. Nunca viajou tanto: percorreu vários países do Leste, Indonésia, as ilhas Fiji, Tonga, Austrália, Filipinas, bem como outros lugares da América do Sul. Quando a viagem era para a Europa, aproveitava para dar um pulinho em Orbassano e abraçar os seus. Sônia sempre evitava as câmeras e não gostava que os funcionários oficiais a tratassem com uma deferência especial por ser nora da primeira-ministra, o que costumava agradar tanto à delegação indiana quanto aos hóspedes estrangeiros. Em Washington, Sônia pôde comprovar que Indira continuava sem conexão com os presidentes norte-americanos. Dessa vez tratava-se de Ronald Reagan, em quem Indira não conseguia prestar atenção mais de alguns minutos, como se os estragos da doença que mais tarde o atacaria já houvessem começado. "Percebe?", comentou com sua nora depois da escala

em Moscou e de ter se reunido com Brejnev. "O futuro da raça humana está nas mãos de dois idosos, firmes em suas posições, sem flexibilidade nem vontade de iniciar um diálogo." Mas, nesse momento, Sônia se preocupava mais com a saúde de Indira que com o porvir do mundo. Havia notado que sua sogra, quando estava cansada, tinha um tique no olho e suas pálpebras começavam a tremer ininterruptamente.

E dormia muito mal. De repente, dizia coisas estranhas: "Quando fecho os olhos, vejo uma velha deformada que quer me fazer mal".

De volta a Nova Délhi, Indira disse a sua amiga Pupul:

Recebi relatórios secretos dizendo que alguém está realizando ritos tântricos e de magia negra para me destruir. Pupul, você acha que existem forças malignas que podem ser libertadas por meio de ritos tântricos?

Mesmo que isso seja verdade - respondeu sua amiga - por que reage assim? Fazendo isso, só consegue que essas forças se tornem mais poderosas...

Tenho, então, que ignorar esses relatórios que recebo a cada dia? O que devo fazer?

Pupul e Sônia estavam perplexas. Será que esse comportamento era fruto da solidão interna que, no fundo, nunca a havia abandonado desde menina, desde que esperava sozinha em casa que seus pais voltassem da prisão ou do sanatório? Não via seu neto Firoz Varun havia quase dois anos, e tanto Sônia quanto Pupul percebiam que a dor da separação fazia estragos no coração de Indira. Mantinha sua compostura estoica, mas no fundo estava tão ferida que talvez estivesse enlouquecendo.

Sônia não acreditava nisso. Atribuía as loucuras de Indira à influência nefasta do guru Dhirendra Brahmachari, que continuava rondando pela casa, sempre usando kurtas cor de laranja. Era como uma mosca, que, por mais que se tentasse afastar, sempre voltava. Estava mais gordo, o cabelo cinza e desgrenhado caía sobre seus ombros e deixara a unha do dedo mínimo crescer, e estava tão comprida e dura como uma navalha, dando a Sônia um nojo difícil de disfarçar. Todos sabiam que o guru assustava Indira com esses supostos "relatórios secretos", mas ninguém sabia o que fazer para evitar. Era incrível: a primeira-ministra da Índia acreditava com mais força nesses "relatórios" que nos do Departamento de Estatística do governo. A verdade era que em seus momentos de depressão, cada vez mais frequentes e intensos, o sobrenatural adquiria uma importância preocupante.

Havia outra razão que explicava por que utilizava os serviços do guru; é que outro asceta, um sique chamado Brindanwale, de trinta anos, havia lançado o desafio político mais grave de sua vida. Aquele homem era um simples pregador, um fundamentalista que pretendia purificar o siquismo, devolvê-lo a sua antiga ortodoxia e lutar por uma pátria sique. O conflito com os siques remontava à Partição, que, com toda sua coleção de horrores e massacres, causou um trauma na consciência dessa comunidade nascida no século XV para lutar contra a idolatria e o dogma das duas religiões dominantes na época, o hinduísmo e o islamismo. Em 1947, a Partição dividiu a pátria dos siques, o Punjab, "o país dos cinco rios", uma das regiões mais belas e férteis da Índia, uma paisagem de campos dourados de trigo e cevada atravessada por rios de águas prateadas. A fronteira entre o Paquistão e a Índia traçada pelos ingleses cortou seu território pela metade. O Punjab ocidental tornou-se parte do Paquistão; o Punjab oriental permaneceu na Índia, com uma população metade sique metade hindu. Como reação, um forte sentimento separatista cresceu na população sique.

O curioso de Brindanwale é que havia sido descoberto por Sanjay. Preocupado com o avanço do partido nacionalista moderado que tirava muitos votos do Congresso em Punjab, Sanjay pensou que, ao apoiar e promover Brindanwale, conseguiria dividir e debilitar o nacionalismo sique. O problema, que ninguém soube prever, é que Brindanwale se tornou incontrolável e acabou se transformando em um monstro que agora ameaçava sua mãe.

Parecia um asceta saído diretamente da Idade Média, com uma barba preta, longa e sedosa que chegava até a cintura. Tinha penetrantes olhinhos escuros, nariz aquilino, rosto severo e seco, e usava sempre um turbante. Vestia uma longa túnica azul e exibia com orgulho seu kirpan (sabre) de um metro de comprimento na cintura. Com seus dois metros de altura, sua presença era impressionante. Seus discursos, impregnados de um ardor fanático, entusiasmavam muitos siques que sonhavam com uma independência dos demais indianos. Havia abandonado sua mulher e filhos para liderar uma legião de seguidores, tão extremistas quanto ele. Sanjay não contara com o fato de que, crescendo sua influência e reunindo mais gente a sua volta, também cresceria a ambição de Brindanwale e seu desejo

de autonomia. Pouco depois das eleições de 1980, em que participou ativamente da campanha apoiando o Congresso e até dividiu o palanque com Indira em uma ocasião, o asceta decidiu que não queria ser mais uma marionete dos Gandhi E rompeu seus vínculos com o partido. Com o tempo, ele e seus seguidores acabaram exigindo a criação de um Estado soberano chamado Khalistan, "o país dos puros". O país dos siques.

O problema é que fizeram isso utilizando a violência como meio de intimidação e de pressão. Em 1981, Brindanwale foi acusado de ordenar o assassinato do dono de uma rede de jornais do Punjab cuja linha editorial era muito crítica com suas atividades e seu ideário. Mas sua prisão provocou uma onda de manifestações tão violentas e destrutivas que o governo central interveio. Hesitante, sem saber realmente que rumo seguir, a própria Indira ordenou ao ministro do Interior que o libertasse depois de apenas três semanas. Fez isso justamente para não transformar Brindanwale em um mártir, mas já era tarde demais. Havia entrado na prisão como um fanático pregador de províncias e saíra como herói nacional. Fez uma turnê pelas grandes cidades provando sua imensa popularidade entre os siques da diáspora. Mas sua volta ao Punjab coincidiu com um aumento da violência. Todo dia apareciam nos becos de Amritsar ou lallandar corpos de hindus ou muçulmanos degolados. Em vários templos, fiéis hindus descobriram, horrorizados, cabeças de seu animal sagrado, a vaca, jogadas aos pés dos altares.

A essas sangrentas provocações somavam-se listas negras publicadas por Brindanwale nos jornais com o nome dos adversários que pretendia eliminar. E cumpria suas ameaças. O filho do dono da rede de jornais assassinado também foi abatido, o que semeou o terror nos meios de comunicação e na população em geral. Os siques que se atreviam a criticá-lo eram alvo de seus ataques. Voltou à prisão, mas suas hostes continuaram matando opositores. Quando saiu, ele e seu exército entrincheiraram-se no complexo do Templo de Ouro, em Amritsar, cidade santa dos siques.

CONSTRUÍDO NO MEIO DAS ÁGUAS BRILHANTES de um amplo tanque ritualístico cortado por uma ponte, o Templo de Ouro é um edifício de mármore branco coberto de adornos de cobre, prata e ouro. A cúpula, inteiramente recoberta de painéis de ouro, abriga o manuscrito original do

Livro Santo dos siques, o Granth Sahib. Em volta do tanque circulam fiéis, sempre no sentido horário; caminham com os pés descalços sobre o mármore reluzente, usam a cabeça coberta com turbantes coloridos e longas barbas e grossos bigodes. As hostes de Brindanwale ocuparam esse local de paz. Entraram nos edifícios anexos ao templo, de onde saíam as ordens aos comandos terroristas para que assassinassem, pilhassem, profanassem e incendiassem nas aldeias do Punjab. Enquanto Indira continuava sem saber como lidar com essa criação grotesca de Sanjay, Brindanwale recebia equipes de televisão do mundo inteiro, que o tratavam como uma verdadeira estrela da mídia. A polícia, que estava com a moral no chão devido ao aumento da delinqüência e da violência, não se atrevia a entrar em um lugar tão sagrado. Outros surtos de violência em Caxemira e em Assam davam a impressão de que a nação ia direto para o caos e a desintegração.

O assassinato de um inspetor de polícia enquanto rezava no Templo de Ouro, em 23 de abril de 1983, pelos tiros dos homens de Brindanwale, escondidos atrás das grades das janelas, obrigou Indira a tomar uma decisão. Mas qual? Assaltar o templo com o Exército e arriscar-se a provocar a fúria dos outros siques? Sítiar o templo até que os terroristas não tivessem mais remédio senão se render? Indira tentou negociar com líderes do partido Nacionalista moderado, enquanto a pilhagem e os assassinatos continuaram, mas qualquer acordo que não contemplasse a plena independência do Khalistan era vetado sistematicamente por Brindanwale.

Ele, por sua vez, encorajado pela indecisão do governo central e pelo fato de o assassinato do inspetor de polícia ficar impune, entrincheirou-se no Akal Takht, o segundo edifício mais sagrado do complexo. Conseguiu armamento sofisticado pago por siques do exterior e transformou o templo em uma verdadeira fortaleza. Indira, Rajiv e seus conselheiros esperavam pacientemente que os líderes mais moderados que Brindanwale acabassem se impondo ou se distanciassem do pregador fanático. Pensavam que o tempo jogaria a seu favor, mas passaram-se dois anos e os terroristas continuavam entrincheirados.

O Exército pode assaltar o templo sem causar muitos estragos? - perguntou Indira ao chefe do Exército, general Sundarji, que havia substituído seu velho amigo Sam Manekshaw.

O general pôs em cima da mesa umas fotos aéreas batidas na véspera mostrando que todas as janelas, portas e demais aberturas do edifício estavam protegidas por sacos de terra ou haviam sido fechadas com tapumes. Explicou-lhe que os terroristas conseguiam se abastecer de armas, alimentos e munições por meio de um labirinto de túneis que os ligava com o exterior. Assim, podiam se manter por tempo indeterminado.

As possibilidades de causar danos extensos é muito alta - sentenciou o general.

Conscientes de que a suscetibilidade religiosa no país com mais religiões do mundo podia explodir como um arsenal o frágil equilíbrio da nação, os pais da independência haviam estabelecido um acordo tácito pelo qual os locais sagrados eram todos intocáveis. Por trás desse acordo entrincheirava-se Brindanwale, certo de que o Exército nunca se atreveria a intervir. Contra ele havia uma mulher cansada, temerosa, com a alma ferida, desgastada pelo poder, sem o aprumo e o ardor guerreiro que a fizeram triunfar no conflito de Bangladesh.

Sentir-se refém de terroristas que não deixavam a menor margem para negociação desesperava-a. Com uma crescente angústia, Indira percebia que a única solução para esse desafio era o uso da força. A situação lembrava a crise de Bangladesh, quando também soube que acabaria tendo que declarar guerra.

Só que então não existia problema interno religioso algum. O inimigo era externo e podiam medir melhor as conseqüências. Agora, eram imprevisíveis. Quando sua amiga Pupul, vendo-a tão abatida, perguntou-lhe se tudo isso não era demais para ela, Indira no início não respondeu, mas a seguir disse: "Não tenho saída. É minha responsabilidade".

Em 1983, um ano depois de Rahul entrar na Doon School, foi a vez de Priyanka ir para o equivalente feminino da escola de seu irmão, Welham School, também nas montanhas, a uns 200 km de Délhi. De repente, Sônia viu-se com mais tempo livre do que jamais tivera, mas também não o pôde dedicar a si mesma. Teve que acompanhar seu marido a Amethi, sua circunscrição eleitoral. Maneka havia decidido, agora que atingira a idade mínima legal, arrebatá-lo o posto nas eleições seguintes, na circunscrição que havia sido de seu marido. Um desafio aberto. Ter desaparecido de casa não significava que a cunhada havia desaparecido do mapa. Em seus

percursos pela região, apresentava-se como a viúva expulsa de casa com um bebê no colo e obrigada a ganhar a vida por seu malvado cunhado e sua esposa estrangeira. Não era verdade, mas lembrava essas histórias simples e domésticas de injustiça e inveja familiares de que tanto o povo gosta. Foi apresentada pelos seus em Amethi como "um triunfo da coragem". Agora que não temia enfrentar pessoalmente Indira, seu comportamento se tornou ainda mais agressivo. Pôs em circulação cartas da família críticas a Rajiv e, em um discurso, Maneka comparou Indira à deusa Kali, "a bebedora de sangue", disse textualmente, levando ao paroxismo as habituais relações ruins entre uma sogra e sua nora. Vingava-se, assim, por ser excluída pela família de todas as comemorações oficiais.

Também não foi convidada ao segundo aniversário da morte de Sanjay. E reagiu convocando um comício de viúvas e organizando uma distribuição gratuita de roupas. A audácia de Maneka era, para a primeira-ministra, tão deprimente ou mais que o desafio, muito mais perigoso, do louco Brindanwale. Mas doía mais, porque envolvia a intimidade da família.

"Mamãe também vem para Amethi comigo", escreveu Rajiv a seu filho. "Vai ser difícil para ela, porque no início será alvo de todos os olhares e se sentirá incomodada até se acostumar. Ela é muito valente." Pela primeira vez, Sônia percebeu o que era a vida de um político indiano em campanha. Percorrer um sem-fim de quilômetros por estradas cheias de buracos, dentro de automóveis de suspensão duríssima, agüentar o calor, o pó e as moscas nas diversas aldeias, ser obrigada a aceitar um chá, e depois outro, e mais outro para não ferir a suscetibilidade das pessoas... O bom é que agora falava híndi com desenvoltura e podia conversar com os camponeses, que lhe perguntavam por seus filhos, sua sogra e por tudo que tivesse a ver com a turbulenta história familiar: "Será que Indira tornará a ver seu neto?", perguntavam as mulheres; ou "É verdade que Maneka não tem nem para comer?". Mas os camponeses não achavam que Maneka fosse a genuína herdeira da dinastia Nehru-Gandhi, como mostraram os resultados nas urnas. De novo, venceu Rajiv.

NO INÍCIO DE 1984, RAJIV SURGIA como um político no auge. Sua gestão dos Jogos Asiáticos, somada à eficácia demonstrada em seu cargo de secretário-geral do Congresso, granjearam-lhe um respeito genuíno,

independentemente de sua linhagem política. Seu gabinete era um modelo de boa organização, um canto criado a sua imagem e semelhança. Comparado com os velhos dinossauros do partido, na maioria corruptos adutores, Rajiv era um poço de virtudes, sobretudo de eficácia e integridade. Rompera com os indivíduos turvos que pululavam ao redor de seu irmão, e cercava-se de tecnocratas, de jovens com maletas e ternos de executivo, exemplos de uma geração moderna que acreditava na tecnologia, nas estatísticas e nos computadores. Muitos haviam sido seus colegas de classe na Doon School, outros em Cambridge, e todos sentiam-se melhor falando inglês que híndi. Viviam o presente, não eram intelectuais, e sim pragmáticos e totalmente alheios a tudo que tivesse a ver com religião, ideologia ou superstição.

Tanto eles quanto Rajiv opunham-se à atitude passiva de Indira no assunto Punjab. A primeira-ministra, seguindo os conselhos de seu guru Dhiren-dra Brahmachari, havia começado a fazer oferendas com a esperança de que algum milagre pudesse resolver a crise do Templo de Ouro.

Temos que afastá-lo de casa para sempre - disse Rajiv a Sônia, falando do guru.

Indira não precisava de mais doses de esoterismo nem de mais temores agregados aos negros pensamentos que povoavam sua mente. Ao contrário, precisava da cabeça bem fria e da visão lúcida. Continuava mergulhada em uma profunda depressão. Muitos desafios, muito cansaço. Sanjay havia cultivado a amizade com o guru não porque acreditasse em seus poderes ocultos, e sim porque lhe era útil. O "asceta voador" havia conseguido comprar aviões, traficar armas, contratar sicários e lavar dinheiro, e isso eram habilidades que Sanjay admirava e utilizava quando achava necessário. Rajiv, direto e honesto, era a antítese tanto de seu irmão quanto do mago, um indivíduo perspicaz, vago, astuto, desonesto e nada ocidentalizado. Sônia e Rajiv já não o suportavam mais.

O que podemos fazer?

-Vou tentar fazer com que cancelem seu programa semanal na tevê e cortar as subvenções a seus ashrams.

Como sua estatura de político e sua influência haviam crescido, conseguiu. Sônia e os conselheiros mais próximos de seu marido louvavam as conquistas de Rajiv, e Indira acabou convencida de que os planos

estratégicos de seu filho representavam a única solução para sanar os males da Índia. Pouco a pouco, foi esquecendo o misticismo do guru e deixou de fazer oferendas aos deuses para conjurar a crise do Punjab. Para grande alívio de Sônia, o guru desapareceu por completo da mesa da família.

Quase imperceptivelmente, Dharendra Brahmachari viu seu acesso à primeira-ministra negado. "Lamento, madame não tem tempo para recebê-lo", diziam os empregados quando tentava vê-la.

O mês de fevereiro desse ano foi o único, em toda sua vida, em que Indira não desfrutou da primavera, sua estação favorita entre o frio do inverno e o imenso calor pré-moções, que começam a castigar em março. Durante esse mês, a cidade se enche de cor, a vegetação das árvores ganha um verde intenso e os canteiros de flores iluminam os jardins.

A temperatura é sublime e uma suave brisa acompanha as noites. No passado, a despeito de todas as dificuldades e problemas, Indira sempre se sentira eufórica nessa época do ano. Agora não. Isolada e triste, o asceta sique entrincheirado no Templo de Ouro tirava seu sono. Ouvia a todos, e continuava sem saber o que fazer. Em situações insolúveis, só se podia ganhar tempo, esperar e manter a fé, repetia Indira a seus colaboradores próximos.

Seguindo o conselho de Rajiv, Indira fez um último esforço para encontrar uma saída negociada para a crise do Punjab fazendo muitas concessões aos independentistas, mas topou com a intransigência tanto dos membros do partido moderado quanto de Brindanwale. A maioria dos 7 milhões de siques estava tão desconcertada diante da situação provocada pelos extremistas quanto o governo. Em vez de negociar, o líder do partido moderado deu o passo definitivo que selou a ruptura, um passo que só podia acabar em catástrofe. Anunciou que a partir de 3 de junho, aniversário do martírio do guru Arjun, justamente aquele que havia erguido o Templo de Ouro, toda exportação de energia elétrica e de grãos para fora do Punjab seria interrompida. A ironia da ameaça não podia escapar a Indira. Se o Punjab era o celeiro da Índia, era porque a região havia se beneficiado mais que nenhuma outra com a "revolução verde", o ambicioso plano de desenvolvimento agrícola que Nehru, e ela depois, haviam lançado para acabar de uma vez com a fome. E, agora, um punhado de fanáticos não só

ameaçava quebrar o Estado, como também matar de fome os pobres do resto da Índia se o governo central não cedesse a suas exigências. A situação havia chegado a um ponto sem retorno. Muito a seu pesar, Indira enfrentava o inevitável: tirar à força Brindanwale e seus seguidores do templo.

Antes de mais nada, antes sequer de consultar o chefe do Estado-Maior, quis falar com Sônia:

Sônia, acho que é melhor tirar as crianças do colégio... Temo por elas. O Serviço de Inteligência me avisou que são alvo dos terroristas. Isso não é nenhuma novidade. Todos somos alvos desses fanáticos. Mas, como a situação no Punjab continua se deteriorando, é cada vez mais difícil garantir a segurança nos colégios. Aconselharam-me a tirá-los dos internatos e trazê-los para Délhi.

Mas aqui você só tem um guarda armado para protegê-la quando sai de manhã para falar com as pessoas no jardim!

Isso vai acabar, vão reforçar a segurança aqui também, evidentemente.

Está bem, amanhã mesmo eu os trarei. Depois veremos como nos organizamos para educá-los aqui...

Um secretário de Indira as interrompeu. O comandante-em-chefe do Exército esperava-a na sala. O homem vinha com seus informes da Inteligência debaixo do braço.

Senhora, estão armados até os dentes. Os terroristas entrincheirados continuam conseguindo armas muito sofisticadas. Chegam escondidas em tambores de leite e em sacos de grãos, e os envios são pagos com o dinheiro de simpatizantes siques do exterior.

Indira ficou pensando. Fazia sentido continuar esperando um milagre? A seguir, dirigiu-se ao chefe do Estado-Maior e perguntou:

Como deveríamos proceder com o ataque?

O homem suspirou. Estava constrangido. Tinha dificuldade para acreditar no sucesso da missão.

Há muitos riscos, senhora. É meu dever avisá-la. Minha opinião é que mais vale um ataque rápido e maciço, com toda a força necessária...

Melhor que sitiá-los? - interrompeu Indira.

Já estão sitiados, senhora, e as armas continuam chegando. Confio mais em

um ataque rápido e contundente.

De quanto tempo estamos falando?

Umás 48 horas. Quanto menos tempo, menos baixas.

É imprescindível a presença de oficiais e soldados siques na força de assalto. Isso não deve ser interpretado como uma agressão étnica, de hindus contra siques.

Sem dúvida. O oficial encarregado é o comandante Kuldip Singh, da Nona Divisão do Exército, um sique.

Temos que dar instruções muito precisas para evitar prejudicar o Templo de Ouro. A comunidade sique não nos perdoaria.

Vamos instruir a tropa. Mas esses terroristas são osso duro de roer, Madame, não posso garantir nada.

Que Deus nos proteja.

EM 30 DE MAIO, DIA DE UM CALOR ASFIXIANTE, as tropas cercaram a cidade de Amritsar. O bulício das ruas desapareceu como por encanto. Invadida por um silêncio aterrador, a cidade santa transformou-se em uma cidade fantasma.

Em 2 de junho, os meios de comunicação anunciaram que Indira falaria à nação nessa noite, às 20h30. Sônia tomou o café-da-manhã com ela e notou-a perturbada, pessimista e ainda indecisa. Não gostava nada da idéia de atacar "uma casa de Deus". Confessou-lhe que não conseguia elaborar o discurso. De fato, fez tantas mudanças de última hora que sua aparição na tevê precisou ser atrasada até as 21h15. Por fim falou, em um tom grave, a expressão do rosto angustiada: "Este não é um tempo de cólera", disse. "A unidade e a integridade da pátria estão sendo questionadas por um punhado de homens que se refugiaram em lugares sagrados. De novo, faço um apelo aos partidos moderados para que não cedam sua autoridade a Brindanwale." Acabou apelando para o bom senso de todos os habitantes do Punjab: "Não derramem sangue, livrem-se do ódio. Vamos nos unir para curar as feridas". Ao ouvir esse discurso, sua amiga Pupul percebeu que os próximos dias seriam trágicos para Indira e para o país.

De fato, enquanto a primeira-ministra falava, tropas do Exército tomavam posições em volta do recinto do Templo de Ouro. Estava prestes a começar a Operação Blue Star, estrela azul.

No dia seguinte, os correspondentes estrangeiros foram convidados a abandonar o Punjab. O trânsito de ônibus, trens e aviões foi interrompido, bem como as linhas de telefone e de telex.

A região foi isolada do resto do mundo na preparação para o assalto final. Em seu santuário no Akal Takht, edifício contíguo ao Templo de Ouro, Brindanwale, agora com uma canana cruzada no peito sobre sua túnica azul, uma pistola na mão esquerda e seu sabre na direita, declarou a alguns jornalistas locais: "Se as autoridades entrarem neste templo, vamos lhes dar tamanha lição que o trono de Indira cairá. Vamos cortá-los em pedacinhos... que venham!"

Às 16h do dia 5 de junho, oficiais do Exército armados de megafones deram ordem a todos os civis de sair do complexo, e aos terroristas, de se render. Saíram 126 siques, a maioria homens que haviam ido rezar e peregrinos, mas nenhum seguidor de Brindanwale. À noite, uma tropa avançada de comandos especiais adentrou o complexo, enquanto os helicópteros voavam em círculo por cima do templo. Encontraram uma resistência feroz. Mais da metade dos noventa membros dos comandos foi esbatida pelo fogo dos extremistas.

O chefe do Estado-Maior informou imediatamente as baixas à primeira-ministra. O início do assalto não podia ser mais desalentador. Mas já não havia volta possível. A sorte estava lançada. Indira não dormiu a noite toda, ciente de que se estava cometendo um sacrilégio com os símbolos mais venerados de uma religião. Por que o destino a havia colocado nessa trama? Que preço teria que pagar pelo que as tropas estavam fazendo? Sentiu um calafrio percorrer suas costas. De uma coisa tinha certeza: nem seu governo nem ela sairiam incólumes dessa situação. O carma sempre a acaba pegando. Mas, às 8h de 6 de junho, perfeitamente arrumada, estava no jardim atendendo a um jornalista do Sunday Times. A temperatura já beirava os 40 graus. O jornalista notou-a tensa e cansada. Sua última pergunta foi:

Senhora, o que acha que acontecerá na Índia quando não for mais Primeira-ministra?

A Índia viveu um tempo longo, muito longo - milhares de anos - meus 66 anos contam bem pouco. A Índia passou por muitas vicissitudes em sua

longa história e sempre seguiu em frente.

Enquanto a entrevista acontecia, a 500 km ao norte de Nova Délhi a batalha pelo Templo de Ouro causava estragos. Sob uma temperatura infernal e um sol inclemente que fazia a cúpula dourada do templo principal refulgir, os soldados indianos eram abatidos como moscas sob o fogo dos homens de Brindanwale. De novo, mais de cem homens caíram na tentativa de tomar o edifício onde os terroristas estavam entrincheirados.

As instruções recebidas para que os soldados restringissem o uso da força ao máximo e para que infligissem os mínimos danos possíveis ao templo principal não faziam mais sentido. O comando, que não via outra solução senão prosseguir com o assalto, enviou à tarde a artilharia apoiada por tanques e veículos blindados. Para conseguir neutralizar Brinlanwale e seus homens, não tiveram mais remédio que bombardear o Akal akht, infligindo enormes danos ao templo, construído paradoxalmente pelo quinto guru, um verdadeiro apóstolo de paz que havia insistido em construí-lo em um nível inferior aos outros em sinal de humildade.

Depois de um dia de luta encarniçada, o Akal Takht foi quase totalmente arrasado. Já bem avançada a noite de 6 de junho, os generais foram inspecionar o local; não restava uma única coluna em pé e as paredes de mármore estavam enegrecidas e picadas pela metralha. No porão encontraram o corpo de Brindanwale, sua longa túnica já não era azul, e sim preta de sangue. Jazia junto a 31 de seus homens. Não houve sobreviventes que pudessem ser testemunhas do martírio do pregador terrorista. Em outro aposento, os soldados encontraram documentos surpreendentes: a lista de todas as vítimas que Brindanwale havia mandado matar, e uma enorme sacola com cartas de admiração, não só de cidadãos indianos, também de fãs do mundo inteiro.

O CUSTO DA VITÓRIA FOI muito mais alto do que o comandante-em-chefe do Exército havia prognosticado. Muito mais alto do que Indira e Rajiv, que estavam horrorizados, haviam imaginado. A Operação Blue Star foi, na realidade, uma hecatombe. Mais da metade dos mil soldados enviados ao assalto pereceram. Quanto aos civis, mil peregrinos que não puderam ser desalojados morreram. Além das perdas humanas, a biblioteca do templo principal, que não deveria em hipótese alguma ser danificado e que continha os manuscritos originais dos gurus siques, ardeu pelos quatro lados. Para a comunidade sique em geral, esse ataque era comparável a uma invasão e destruição do Vaticano para os católicos. Um imperdoável sacrilégio. Justamente o que Indira quisera evitar.

Tenho medo que brinquem no jardim - disse Indira a Sônia ao ver Rahul da janela da sala de jantar rolar no gramado com um dos cães.

As crianças haviam voltado para Nova Délhi depois do aviso do Serviço de Inteligência, que havia encontrado seus nomes em uma lista negra de um grupo extremista sique. Todas as manhãs iam fortemente guardados para seus respectivos colégios. Depois, passavam o resto do dia em casa. Raras vezes saíam. Um simples convite de aniversário requeria uma complexa operação de segurança. "É como se uma sombra houvesse entrado em nossa vida", disse Sônia a Rajiv. Indira, muito consciente de que o ataque havia causado uma ferida coletiva nos siques do Punjab, tinha certeza de que seria assassinada. Era a primeira nessas listas. Outro grupo havia jurado vingar o sacrilégio do Templo de Ouro assassinando Indira e a sua descendência até a centésima geração. Contou a Rajiv e a Sônia, que empalideceram. Mas Indira queria que levassem muito a sério as draconianas medidas de segurança que estavam sendo impostas. Ela colocava um colete à prova de balas sob o sári cada vez que saía de casa, seguindo os conselhos da polícia. Queria que Rajiv e Sônia fizessem o mesmo.

Não é brincadeira - disse a eles.

Eu sei - respondeu Rajiv. - E não se preocupe, colocarei um também. Houve um silêncio. Indira assumiu uma expressão melancólica e um tom de voz sombrio.

Quando acontecer, quero que espalhem minhas cinzas sobre o Himalaia. Deixei instruções escritas para meu funeral. Estão na segunda gaveta da escrivaninha de meu quarto.

Não antecipe os acontecimentos - disse Rajiv em um tom divertido, para descontrair o ambiente. - Ainda não estamos nessa situação.

Mas Indira estava agitada. Mais tarde, quis falar a sós com seu neto Rahul, que já tinha catorze anos:

Tenho medo de que queiram fazer mal a vocês. Peço, por favor, a você e a sua irmã, que não brinquem além da grade que leva aos escritórios da Akbar Road - disse, apontando para o lugar no jardim onde o havia visto brincar com o cão. - Sinto muito que sofram essas restrições, mas eu não me perdoaria se acontecesse alguma coisa com vocês.

O que vai acontecer conosco aqui dentro, vovó?

Podem matá-los.

O tom sério de Indira fez com que o menino a contemplasse com olhar de

incredulidade, como se sua avó estivesse exagerando.

Por favor, ouçam-me e não se afastem - continuou dizendo. - Há muitos fanáticos que ficariam muito satisfeitos de fazer mal a vocês. De fazer mal a todos nós.

Não me importa o que possam fazer a mim. Eu fiz tudo o que devia e tudo o que podia na vida, mas vocês... não quero nem pensar.

Rahul estava agora cabisbaixo e compungido. Indira prosseguiu. Abandonou seu tom protetor e continuou falando com gravidade, de uma forma que seu neto não conhecia e que o impressionou.

Se me acontecer alguma coisa, não quero que chore por mim, certo? Quando chegar o momento, você tem que ser valente. Promete?

O menino ergueu os olhos para sua avó e assentiu.

DURANTE ESSES MESES DE 1984, Indira fez muitas viagens pelo subcontinente, viagens que às vezes pareciam despedidas pela maneira que falava de si mesma e de como gostaria de ser lembrada. Em algumas entrevistas, fazia um balanço de sua vida, em outras falava como se estivesse acima da política nacional. Sempre havia se sentido com alma de estadista, e agora sua visão global aflorava e se manifestava em discursos impregnados de sabedoria. "Quando um país tão antigo como este é lançado a uma nova cultura tecnológica, o que acontece com a mente rural? O misterioso e o sagrado poderão sobreviver?

Algo dentro de mim diz que a Índia sobreviverá com seus valores intactos." No início de outubro, depois de as últimas chuvas limparem o céu e as árvores e plantas reverdecem, Indira falou em Nova Délhi diante de uma multidão sempre enorme, mais um diálogo dos muitos que vinha mantendo com o povo da Índia nas duas últimas décadas. Falou da coragem como valor supremo para atacar a maior ameaça que se fechava sobre o país: a pressão das forças sectárias, das castas ou dos grupos religiosos para romper a unidade da Índia. Foi um discurso que teria agradado a seu pai. Sim, a unidade da Índia era o valor supremo porque garantia o estado de direito para cada indivíduo, independentemente de sua origem social, étnica ou religiosa.

Em 11 de outubro aconteceu um fato, a milhares de quilômetros de

distância, que a mergulhou ainda mais em seus obscuros pressentimentos. Margaret Thatcher, a quem havia conhecido em Londres, foi alvo de um atentado a bomba do IRA em plena convenção do Partido Conservador. Escapou da morte por pouco. Indira logo ligou para ela. Entendia melhor que ninguém a vulnerabilidade e o pânico de sua colega. A Dama de Ferro se mostrava impassível por fora, mas por dentro estava tão alterada quanto se pode esperar de alguém que passa por uma situação dessas. A diferença entre essas duas primeiras-ministras, que eram amigas havia oito anos, é que para Margaret Thatcher o atentado havia sido uma revelação e uma surpresa. Nunca nada parecido havia acontecido na Inglaterra antes, afora o assassinato de Lord Mountbatten, também obra do IRA, mas esse havia tido como alvo um homem aposentado enquanto passeava de barco com seu neto, não um chefe de Estado na ativa. Indira, porém, estava muito mais acostumada à morte violenta. Havia visto Gandhi, Sheikh Rahman e Sanjay morrerem.

Não fazia muito tempo, o assassinato de Salvador Allende no Chile a traumatizara e ainda continuava atormentando-a. Sempre pensou que sua vida acabaria do mesmo modo. Porém, quando o ministro da Defesa tentou convencê-la de trocar a polícia pelo Exército para aumentar sua proteção, ela replicou:

- Nem pensem em considerar essa opção. Sou chefe de um governo democrático, não de um governo militar.

Alguns dias depois, Ashwini Kumar, chefe da polícia aduaneira, deu ordem para que todos os guardas de segurança siques destinados à residência de Indira fossem substituídos por outros de diferentes religiões. Mas Indira opôs-se e vetou a ordem. A medida ia contra seu credo político mais íntimo, a saber: em um estado laico, não se fazem distinções entre religiões. Ashwini Kumar ficou perplexo e frustrado. "A primeira-ministra está muito bem protegida de um ataque externo", disse, "mas... e se o ataque vier de dentro?" Indira mal lhe prestou atenção e respondeu: "Por acaso não somos aconfessionais?"

AQUELE OUTONO FOI, TAMBÉM, O outono de sua vida. Em novembro ia completar 67 anos. Era vítima de um mau pressentimento que o atentado contra Thatcher havia acentuado.

Sem dizer nada a ninguém, em meados de outubro redigiu um documento que mais tarde foi resgatado dentre seus papéis: "Se tiver que morrer de morte violenta como alguns temem e outros planejam, sei que a violência estará no pensamento e na ação do assassino, e não no fato de minha morte, porque não existe ódio suficientemente obscuro para fazer sombra ao amor que sinto por minha gente e por meu país; não existe força capaz de me desviar de meu propósito e de meu esforço para levar este país adiante. Um poeta disse acerca do amor: Como posso me sentir humilde com sua riqueza a meu lado?. O mesmo posso dizer da Índia". Eram palavras de uma mente depressiva? Ou tratava-se de uma premonição? De qualquer maneira, mostravam que Indira sentia que fizera a escolha certa ao decidir continuar o legado familiar de serviço à Índia em vez de se dedicar à busca de sua realização pessoal.

Chegou Diwali, a grande festa hindu das luzes, que, nesse país onde tudo é mito e símbolo, significa a vitória da luz sobre as trevas. O céu da cidade estava salpicado de uma miríade de resplendores enquanto o estrépito dos rojões era ouvido ao longe. Por todos os lados cintilavam lâmpadas, lamparinas, velas. As favelas pareciam presépios e as casas das grandes avenidas de Nova Délhi exibiam guirlandas de luzes. Rajiv voltou de Orissa para passar a festa em família, como fazia todos os anos. Fiel ao costume, Indira acendeu uma lamparina de óleo em frente à imagem de Ganesh, o Deus elefante, deus da felicidade, que ficava em um altarzinho na entrada. A seguir, toda a família seguiu o ritual de iluminar a casa com velas e lamparinas de óleo, e as crianças começaram a acender rojões. Acima do estrondo da festa, Indira ouviu Rajiv dizer que precisava sair cedo na manhã seguinte.

Aonde você vai? - perguntou Indira.

A Bengala...

Bengala? Que curioso... sabia que lá acreditam que as almas dos falecidos começam sua viagem hoje mesmo, no dia de Diwali? Lá, as pessoas acendem lamparinas para indicar-lhes o caminho...

No momento, as palavras de Indira não suscitaram resposta alguma. Seus familiares já estavam acostumados a ouvi-la dizer frases que eram atribuídas a seu estado depressivo. Mas Sônia se abalou e angustiou tanto que essa noite teve uma crise de asma. Eram quatro horas da madrugada quando

acendeu a luz de seu criado-mudo e se levantou para ir ao armário de remédios, tendo cuidado para não acordar Indira, que dormia no quarto ao lado. Mas Sônia surpreendeu-se ao ver sua sogra, de camisola, com uma lanterna na mão.

Deixe-me ajudá-la a encontrar seus remédios - sussurrou Indira, que obviamente não havia dormido nada.

Encontrou-os e foi pegar um copo de água para Sônia.

Chame-me se você se sentir mal outra vez - pediu Indira. - Procure descansar.

Isso é o que digo a você, que descanse... Não consegue dormir?

Não... Estou pensando em ir para a Caxemira no fim de semana. Quero ver os chинаres em flor. Já os viu alguma vez?

Sônia negou com a cabeça. Indira prosseguiu, em sussurros:

É a árvore mais bonita que existe, e só dá na Caxemira. É como uma mistura de bananeira com bordo grande, e no outono fica com umas cores espetaculares... vermelho, laranja, pardo, amarelo. É um espetáculo que lembra minha infância. Há um em Srinagar pelo qual sou apaixonada desde que era menina. O mais belo de todos os chинаres...

Tenho vontade de voltar a vê-lo.

"Aquela árvore parecia ter um significado especial para ela", diria Sônia. "Era, talvez, a necessidade de despedir-se de suas raízes, das lembranças e de tudo o que a Caxemira representava para ela." Indira hesitou em ficar mais de uma noite em Srinagar porque estava preocupada com a asma de Sônia. Mas sua nora a incentivou, e no fim Indira levou os netos. Queria mostrar-lhes essa terra linda como o paraíso de onde eram oriundos. E, além disso, a árvore.

Ficaram 36 horas em Srinagar e seus arredores. Mas, para sua grande decepção, o chinár de sua infância morrera fazia pouco tempo. A notícia a comoveu. Supersticiosa como era, a recente morte desse chinár centenário não podia ser mais que um sinal do destino. Não deixou transparecer sua tristeza e teve tempo de levar seus netos a dar uma volta de shikara, barquinhos em forma de gôndola, sobre as águas cintilantes e cobertas de lótus do lago Dal. Contou-lhes suas últimas férias com o vovô Firoz em um dos barcos habilitados como hoteizinhos. Falou de seu amor pelas montanhas, que havia herdado de seu pai, e de como a Caxemira havia

representado sempre, para Nehru e para ela, certa idéia do Éden. A seguir, quis lhes mostrar um bosque que exibia as cores de fogo dos chинаres e depois deixou-os no hotel. Acompanhada de um único segurança, foi subir um monte sagrado para visitar um templo onde morava um velho sábio. Ficaram algumas horas juntos. "Indira me disse que sentia que seu tempo estava acabando e que a morte a rondava. Eu também senti", confessaria o sábio, que não quis perder a oportunidade de pedir-lhe que fosse inaugurar um edifício novo adjunto ao ashram. "Voltarei se estiver viva", foi a resposta de Indira.

"Retornaram a Délhi em 28 de outubro e Indira passou uma noite tranqüila conosco na sala", escreveria Sônia. "Como costumava fazer sempre, trouxe de seu estúdio seu banquinho de vime e suas pastas e ficou trabalhando, dando uma olhada de vez em quando à tevê ou conversando conosco." Indira tinha a intenção de convocar eleições gerais muito em breve, talvez em dois meses. À noite, Sônia ajudou-a a preparar a roupa que vestiria no dia seguinte para ir a Orissa, na costa leste. Indira escolheu um sári bordô. O ator Peter Ustinov estava dirigindo um documentário para a BBC sobre a Índia, e ia filmá-la em sua turnê pelo estado, um dos mais pobres do país. Em Bhubaneswar, capital de Orissa, a primeira-ministra fez um discurso emotivo, falando dos grandes momentos da história da Índia, desde os tempos antigos até a luta pela independência.

De repente, no final, mudou o tom de voz, assim como a expressão de seu rosto: "Estou aqui hoje, pode ser que não esteja aqui amanhã", disse. "Não me importa se vivo ou morro... Continuarei servindo a meu povo até meu último suspiro, e, quando morrer, cada gota de meu sangue alimentará e fortalecerá meu país, livre e unido."

A seguir, dirigiu-se à casa do governador, onde pretendia pernoitar. O governador mostrou-se surpreso pela alusão a uma morte violenta.

Só estou sendo realista e honesta - disse Indira. - Vi meu avô e minha mãe morrerem lentamente e com dor, de modo que prefiro morrer em pé.

A conversa foi interrompida pela notícia de que o 4 x 4 em que seus netos iam para o colégio havia sofrido um pequeno acidente nessa mesma manhã. Ninguém havia sido ferido. Mas Indira ficou lívida e muito nervosa. Sua eterna amiga, a velha paranóia, aflorou de novo. Decidiu voltar a Délhi

imediatamente. Sônia estava acordada quando sua sogra chegou, às três horas da madrugada.

Como estão as crianças? - perguntou Indira, angustiada.

Bem. Estão dormindo. Não aconteceu nada com elas.

Seu secretário principal foi vê-la. Encontrou-a muito cansada. Continuava usando o mesmo sári bordô, amassado e empoeirado. Indira tinha certeza de que o percalço da manhã era parte de um complô para seqüestrar seus netos ou agredi-los, e nada do que seu secretário disse serviu para fazê-la mudar de opinião. A seguir, insistiu em discutir assuntos urgentes sobre a Caxemira e o Punjab.

Não prefere deixar para amanhã? - sugeriu o homem.

Não, vamos falar agora. Amanhã quero descansar um pouco. Tenho um encontro com o ex- primeiro-ministro britânico James Callaghan, e à noite um jantar oficial aqui em casa em homenagem à princesa Ana...

Está tudo pronto para o jantar, não se preocupe - disse Sônia. - Só preciso que me diga onde quer sentar as pessoas.

Amanhã lhe farei as anotações.

Sônia fez um gesto de despedida e foi se deitar. Quando Indira acabou de resolver os assuntos pendentes com seu secretário principal, chamou o outro, o fiel Dhawan, a quem deu instruções para cancelar todos os compromissos do dia seguinte, exceto o que tinha com Peter Ustinov, que queria entrevistá-la pela manhã, e os previstos com a delegação britânica à tarde. Estava muito cansada.

Duas horas depois, às seis da manhã, levantou-se. Fez seus exercícios de ioga, tomou um banho e escolheu um lindo sári de seda de tons pardos e açafão com um barrado preto. Escolheu esses tons porque lhe lembravam as cores outonais da Caxemira e porque lhe haviam dito que ficavam bem na televisão. Pela mesma razão, não colocou o colete à prova de balas que a obrigavam a usar embaixo da blusa desde que as ameaças a sua vida se multiplicaram. Provavelmente não reparou que o açafão era a cor da renúncia segundo a crença hindu, e particularmente sique. A seguir, comeu uma torrada e tomou uma xícara de chá em seu quarto enquanto folheava os jornais.

Seus netos Rahul e Priyanka foram conversar um instante com ela antes de irem ao colégio. Quando Priyanka lhe deu um beijo de despedida, estranhou que sua avó a apertasse tão fortemente contra seu corpo. Atribuiu isso ao

medo que devia ter sentido com o pequeno acidente da véspera.

A seguir, Indira chamou Rahul e disse a ele: "Lembra do que lhe disse outro dia? Se me acontecer alguma coisa, não quero que chorem por mim". O rapaz assentiu e, surpreso, deixou-se abraçar.

Depois do café-da-manhã, Indira se abandonou às mãos de duas maquiadoras da equipe de Ustinov. Sônia passou para vê-la e lhe informar sobre o cardápio do jantar.

Indira sempre tomava cuidado para não servir a mesma coisa ao convidado que voltava à casa. Não tiveram muito tempo para conversar porque logo o secretário Dhawan foi avisá-la que a equipe de tevê a estava esperando em seu escritório da Akbar Road.

- Vamos cuidar dos detalhes na hora do almoço - disse a Sônia ao ir embora.

Indira atravessou a sala de jantar, a antessala e saiu de casa. Era um dia lindo, uma manhã clara, sem neblina, luminosa. O sol tingia de ouro a vegetação luxuriosa do jardim. A temperatura era perfeita e a brisa, um bálsamo. Cheirava a flores e a gramado recém-cortado. Andou pelo caminho que separava sua residência do gabinete do partido na Akbar Road entre canteiros de flores e matas de folhas perenes. Um policial caminhava a seu lado, levando uma sombrinha preta para protegê-la do sol.

O secretário Dhawan seguia alguns passos atrás, e a seguir uma escolta. Passaram em frente a um grande bordo que exibia folhas amareladas e avermelhadas. No fim do caminho, agora margeado por bugainvillesas, Indira reconheceu seu segurança Beant Singh abrindo-lhe o pequeno portão que dava para o jardim onde ficavam os gabinetes. Era difícil não o ver, porque Singh era um gigante, um sique do Punjab, usando um turbante combinando com o caqui de seu uniforme. Estava acompanhado de outro segurança, também sique, que Indira mal conhecia. Ao se aproximar deles, interrompeu a conversa que mantinha com seu secretário para cumprimentá-los. Fez isso da maneira tradicional,

juntando as mãos à altura do peito, inclinando levemente a cabeça e dizendo: Namasté. Como resposta, Beant Singh, seu fiel segurança dos últimos cinco anos, puxou uma pistola e apontou para ela. Houve um silêncio que durou a eternidade de meio segundo, interrompido pelo canto de um pássaro nos altos galhos das carquejas. "O que está fazendo?", perguntou Indira. Nesse momento, Singh disparou quatro tiros à queima-

roupa. Indira levantou o braço para se proteger. O segurança voltou a cabeça para seu companheiro e gritou: "Atire!". O outro sique esvaziou seu fuzil automático Stern - 25 balas - no corpo de Indira. O impacto a fez girar sobre si mesma antes de desabar na terra úmida do caminho. Estava de olhos abertos. Parecia olhar para as copas das árvores, talvez para o céu. Eram 9h16. Caiu no lugar exato em que, dias antes, havia visto seu neto Rahul brincar com um dos cães.

Outro guarda, que seguia Indira a certa distância e que não fazia parte da conspiração, correu para ela, mas, antes de alcançá-la, uma rajada o acertou no tornozelo e ele caiu de bruços. Os demais acompanhantes, paralisados, temendo ser alvejados, agacharam-se como se protegendo atrás do corpo de Indira. Esperavam o pior. Logo ouviram as vozes de outros agentes de segurança que chegavam correndo da Akbar Road. Acharam que começaria um violento tiroteio, mas nesse momento os dois seguranças siques jogaram as armas no chão. "Fiz o que tinha que fazer", disse o gigante Beant Singh em panjabi. "Agora vocês façam o que têm que fazer." Era sua maneira de dizer que, em nome dos siques, havia vingado o sacrilégio ao Templo de Ouro. O policial que segurara a sombrinha preta jogou-se sobre ele e jogou-o ao chão, enquanto o secretário Dhawan, que por milagre havia saído incólume da última rajada de balas, conseguiu sair do estupor, arrastar-se para Indira e ficar de cócoras a seu lado para atendê-la. Logo chegaram mais soldados do corpo da polícia aduaneira, que estavam de guarda em uma guarita na rua, e neutralizaram o outro segurança assassino.

Levaram-nos para a guarita, onde houve uma luta. Dizem que tentaram fugir. O caso é que foram baleados. Beant Singh morreu no ato. O outro, gravemente ferido, seria levado para um hospital. Mais tarde, soube-se que, fora de suas horas de serviço, Beant costumava freqüentar os gurdwaras (templos siques) de Délhi e que conversava com os elementos mais exaltados. O outro acabava de passar um mês de férias em seu povoado no Punjab, no próprio berço do nacionalismo sique.

O médico pessoal de Indira, que um dos empregados havia avisado assim que ouviu o tiroteio, chegou arfando e correu para fazer as manobras de reanimação. "A ambulância, rápido!", gritava: "Chamem a ambulância para levar a senhora Gandhi ao hospital!". Uma ambulância estava sempre estacionada em frente à casa, como parte da assistência rotineira à primeira-

ministra. Mas, no momento crítico, não estava disponível.

O motorista foi tomar um chá! - disse um empregado.

Um carro, então! Tragam um carro agora mesmo! Conseguiram arranjar um Ambassador branco, que manobram e fizeram entrar no jardim. O secretário Dhawan e o policial pegaram o corpo inerte de Indira e levaram-no até o carro. Deitaram-na no banco de trás e se sentaram na frente. O carro estava prestes a arrancar quando surgiu Sônia, de robe, transtornada, o cabelo molhado e desgrenhado e o olhar espantado. O tiroteio a havia surpreendido no chuveiro. No início, confundira-o com rojões, como os que as crianças lançam em Diwali. Mas o grito de uma das empregadas a fez perceber que algo terrível havia acontecido.

E lá estava a confirmação de seus temores: sua sogra jazia no banco de trás, sem vida. A mulher que desde pequena havia sido comparada a Joana d'Arc havia sido, por sua vez, traída e levada à morte por gente de sua confiança. Sônia entrou no carro. "Oh, mamãe! Meu Deus, mamãe!" disse ao ajoelhar-se no banco de trás para pegar em suas mãos a cabeça de Indira e abraçá-la, falar com ela, beber o último sopro de vida e talvez reverter o ineludível curso do destino. O carro saiu disparado em direção ao Ali Índia Institute of Medical Science, o mesmo hospital a que haviam levado Sanjay depois da queda com o avião. Sônia se lembraria daquele trajeto de apenas 5 km de distância como o mais longo de sua vida. O trânsito era muito intenso e parecia que nunca chegariam. Nova Délhi já não era a mesma cidade de quando chegara; já quase não havia carroças puxadas por bois ou camelos, nem elefantes, nas ruas. A população havia se multiplicado por quatro e o trânsito era pesado.

Indira sangrava em suas mãos e Sônia se sentia impotente. "Meu Deus, mais rápido!", repetia, enquanto passava a manga de seu robe no rosto de Indira e tentava enxugar suas feridas. Como um pêndulo enlouquecido, seu estado de ânimo oscilava do mais negro à esperança: "E se estiver simplesmente inconsciente?", perguntava-se de repente enquanto o carro tentava abrir caminho buzinando. "Rápido!", dizia ao motorista.

"Talvez possam salvá-la!" Mas, por mais esforços que o motorista fizesse, era impossível vencer o trânsito. Esses condutores letárgicos não podiam imaginar que nesse Ambassador branco que nem sequer dispunha de sirene jazia o corpo da mulher que regia seus destinos há mais de vinte anos. Na mente de Sônia atropelavam-se perguntas,

em desordem, como um vulcão em erupção: "Onde está Rajiv? Como vou avisá-lo? Onde estão as crianças? Tenho que mandar buscá-las! Meu Deus, mãe, não morra!". Havia sangue por todos os lados: no robe de Sônia as manchas eram de um vermelho vivo, no belo sári de Indira haviam adquirido um tom marrom. Os bancos forrados de veludo também estavam ensopados, formando uma enorme mancha preta. Mas, ainda assim, Sônia continuava se negando a acreditar que o pior havia acontecido, que tudo estava acabado para a mulher que até esse dia havia sido o pilar de sua existência. No fundo, já pressentia que as balas dos assassinos haviam feito outras vítimas: sua felicidade e a de sua família.

Às 9h32, ou seja, dezesseis minutos depois do atentado, chegaram ao hospital. Mas ninguém havia ligado de casa para avisar que a primeira-ministra estava prestes a chegar. Quando os jovens médicos do pronto-socorro a reconheceram, entraram em pânico. Um deles teve a presença de espírito de chamar um especialista em cardiologia, e minutos depois uma equipe dos médicos mais veteranos do hospital desceu para cuidar de Indira. Fizeram-lhe uma traqueostomia para fazer o oxigênio chegar a seus pulmões e colocaram-lhe vários tubos para uma transfusão de sangue. Decidiram levá-la ao centro cirúrgico do oitavo andar. Ali, o eletrocardiograma mostrou fracos sinais de batimentos cardíacos. Avisaram Sônia, que estava sozinha, na antessala. Uma tênue luz de esperança brilhou em seus olhos úmidos. Disseram-lhe que os médicos estavam fazendo uma vigorosa massagem cardíaca em Indira, mas abstiveram-se de explicar que estava claro, pela dilatação das pupilas, que o cérebro estava irremediavelmente comprometido. As balas haviam perfurado o fígado, os pulmões, vários ossos e a coluna vertebral da primeira-ministra. "É uma peneira", disse um médico. Só o coração havia se salvado. Ainda assim, durante quatro horas, os médicos tentaram fazer um milagre.

Sônia mal podia controlar seu tremor. A idéia de que o inimigo estava dentro de casa era aterrorizante. Em quem confiar? E se algum funcionário, algum empregado, algum secretário estivesse mancomunado? Era como se todas as certezas da vida houvessem desmoronado de uma vez. De novo essa sensação de andar em areias movediças, onde nada é o que parece e tudo pode mudar de um minuto para o outro! "Meu Deus, e as crianças?!"

Não podia evitar pensar no assassinato de Sheikh Rahman e de toda sua família. O filho dele tinha a mesma idade de Rahul. Será que alguém foi buscar as crianças no colégio? Se pelo menos pudesse falar com sua irmã! Mas Nadia não estava em Nova Délhi nesses dias.

Foi Pupul Jayakar, a melhor amiga de Indira, quem chegou primeiro e a acalmou. As crianças estavam em casa, a salvo, e estavam tão serenas quanto se podia estar nessas circunstâncias. Pupul disse que a notícia ainda não havia vazado e que o movimento na rua era normal. "Encontrei Sônia em estado de choque" contaria mais tarde. "Quase não conseguia falar. Começou a tremer, e eu não quis fazer perguntas." Pupul havia levado roupa para ela, e Sônia trocou o robe manchado de sangue por um sári. Na hora seguinte, começaram a chegar outros amigos, membros do partido e do governo. Sônia teria gostado de expulsar todos da sala, todos menos os amigos íntimos e os companheiros que haviam mostrado sua lealdade inquebrantável para com Indira, tão poucos que podiam ser contados nos dedos de uma mão. Mas isso era esquecer que Indira não era só mãe de seu marido, e sim de todo um povo. Seu assassinato se revestia de uma gravidade extrema. O país estava sem cabeça, sem timão.

Ninguém ainda sabia se o atentado fora uma vingança pontual contra Indira ou se fazia parte de um complô mais amplo para acabar em golpe de Estado. Era disso que tratavam as conversas sussurradas nos corredores do hospital entre membros do governo e da oposição, enquanto o vice-presidente conversava com altos oficiais do governo em um quarto do andar inferior. Debatiam sobre o futuro do país, porque Indira já era passado. Estava prestes a entrar na História. Às 14h22, cinco horas depois de ser alvejada por homens cuja missão era proteger sua vida, os médicos declararam que Indira Gandhi havia morrido. Dez minutos depois, a BBC dava a notícia ao mundo.

A 3 MIL QUILÔMETROS DE DISTÂNCIA, o Embaixador de Rajiv corria o mais rapidamente possível por uma estrada estreita e cheia de remendos do estado de Bengala, desviando de elefantes, carroças, motos, caminhões lotados de mercadorias e gente, muita gente. Queria chegar a Calcutá o mais cedo possível para, dali, voar

para Délhi e

talvez chegar a tempo de se despedir de sua mãe. Seu percurso de pré-campanha eleitoral havia sido interrompido quando, a 200 km ao sul de Calcutá, seu carro foi

interceptado por um jipe da polícia. Um agente entregou-lhe um bilhete: "Houve um acidente na casa da primeira-ministra. Cancele todos os compromissos e volte imediatamente

a Délhi". Pelo rádio do carro que circulava por uma paisagem de cintilantes arrozais e aldeias de adobe, Rajiv soube que sua mãe havia sido baleada por seus seguranças

e levada para o hospital, onde os médicos tentavam salvá-la. Reagiu com apuro e tranqüilidade, talvez porque ainda abrigava uma leve esperança de que ela sobrevivesse.

Depois de duas horas e meia de estrepitosa viagem, quando estavam a uns 50 km de Calcutá, um helicóptero da polícia interceptou seu carro. Rajiv entrou no aparelho,

que o deixou no aeroporto, onde um Boeing da Indian Airlines o estava esperando para levá-lo para casa. Ele fez a viagem na cabine, com os pilotos, que estavam em

contato por rádio com a capital. A ausência de notícias o fez sentir que não tornaria a vê-la viva. Foi por meio de uma comunicação cheia de interferências que soube,

por fim, que a mãe havia falecido. Ficou quieto, sem falar, sem chorar. Os Nehru não choram em público quando são atacados, sempre haviam lhe ensinado isso. Parecia

que a notícia não o surpreendera, talvez porque certo sentido de fatalidade, parecido com o que sua mãe tinha, o embargava.

No hospital, depois do anúncio dos médicos, Sônia pediu a Pupul que a acompanhasse até sua casa.

Queria pegar roupa para vestir Indira para sua última viagem. Além do mais, Sônia queria ver seus filhos e sair desse hospital invadido de gente. Lá fora, a atividade das ruas parecia normal. A notícia ainda não havia vazado.

Quando chegou a sua casa e seus filhos lhe perguntaram: "Como está a vovó?", Sônia desmoronou. Seus soluços sufocavam suas palavras. Mas eram necessárias palavras?

Rahul agarrou-se a sua mãe e Priyanka correu para dentro da casa e voltou com o inalador. Sônia não precisou dele, e pouco a pouco foi se acalmando.

A seguir, depois

de lhes dar todas Página 351

as explicações, Pupul e Sônia foram ao quarto de Indira. Para sua viagem final, escolheram um de seus sáris favoritos, rosa antigo, e um corpete que lhe fora presenteado

por um velho sábio que ela admirava muito.

As crianças não quiseram ficar em casa. Elas também desejavam ver a avó pela última vez, e não queriam deixar sua mãe nesse estado, de modo que Sônia e Pupul as levaram na volta ao hospital. O ambiente da rua havia mudado por completo. As lojas estavam fechando. "Víamos homens com rostos ansiosos pedalando com rapidez para voltar para casa", diria Pupul. A medida que se aproximaram do hospital, viram cada vez mais gente caminhar na mesma direção. Tanta era a afluência que a polícia bloqueou a entrada principal, de modo que tiveram que utilizar uma entrada de serviço.

Na mesma hora, Rajiv aterrissava no aeroporto Palam com um nó no estômago. Nem Sônia nem seus filhos estavam lá para recebê-lo, os únicos que realmente queria ver nesse momento. Porém, na pista, ao pé da escada, esperavam-no seus ajudantes, alguns amigos e, principalmente, muitos políticos do Congress. Já estavam ali. Rajiv logo soube o que queriam lhe pedir. Exigiam que, gostasse ou não, fosse o próximo primeiro-ministro da Índia. Uns amigos o levaram ao hospital. Eles também estavam de acordo com a idéia de que ele devia suceder sua mãe. Ninguém parecia discordar daquilo que se considerava uma lei de vida. Além do mais, era a melhor coisa que podia lhe acontecer, para sua segurança e de sua família, porque disporia de todo o poder do Estado para protegê-los. Era um argumento poderoso, que foi crescendo em Rajiv.

Mas quem tem que decidir isso é o partido e o presidente da República - objetou. - O presidente é o encarregado, por lei, de escolher quem deve formar o governo.

Ele já tomou a decisão.

Mas ele não está em Délhi!

Já nos comunicou. Você tem que aceitar, Rajiv, é o melhor para vocês.

No avião em que voltava de uma viagem oficial ao Iêmen, interrompido pela notícia do assassinato de Indira, o presidente da República, velho amigo da família Nehru, já havia tomado a decisão de pedir a Rajiv que fosse primeiro-ministro. E ainda, que assumisse o cargo imediatamente, agora mesmo, sem deixar passar mais tempo. O momento era de extrema importância. A morte de Indira pelas mãos de pistoleiros siques fazia temer uma explosão de violência entre comunidades, o pesadelo de todo dirigente indiano. Por isso, era urgente evitar o vazio do poder, para manter o país

unido diante de tal ameaça, que podia acabar com a ordem constitucional e, por fim, com a Índia como nação. Assim lhe disse o membro decano do partido, no aeroporto mesmo: "Não devemos deixar o trono vazio, é muito perigoso". Quando, mais tarde, o presidente da República explicou as razões de sua escolha, disse que devia escolher um novo primeiro-ministro do Congresso porque era o partido com maioria esmagadora no Parlamento. E quem melhor que Rajiv, que tinha uma reputação inatacável e era jovem e inteligente? Existia outra razão, que não tinha nada a ver com os méritos profissionais de Rajiv: é que essa era a escolha de que Indira teria gostado. "Eu conhecia sua maneira de pensar e sabia o que ela queria", confessou o presidente, "mesmo que nunca tenhamos discutido o assunto especificamente. Simplesmente, eu sabia como ela era." De modo que Rajiv se viu em um beco sem saída. Do além, a voz de sua mãe retumbava em seus ouvidos.

Se nunca a havia abandonado em vida, faria isso agora, na morte? Já havia tomado a decisão de entrar na política. O que o país lhe pedia era a lógica consequência disso. Nunca quisera ser primeiro-ministro, no máximo ter um cargo no governo, mas às vezes a vida se acelera e não permite escolher.

No trajeto pelos corredores do hospital, Rajiv foi encontrando uma série de personagens que haviam feito parte da vida de sua mãe, incluindo uma chorosa Maneka, o inefável guru Dharendra Brahmachari, que repetia que Indira o deveria ter ouvido para conjurar o perigo que rondava sua vida, ministros e funcionários públicos, ajudantes e secretários que choravam em pequenas rodas. Os barões do partido estavam todos no hospital e aproveitaram sua chegada para lhe dizer que o queriam como novo líder do Congresso e, em consequência, novo líder da nação. Todos davam por certo que falavam com o futuro primeiro-ministro. "Você tem que aceitar", diziam-lhe. "Se não por você, faça isso por sua mulher e seus filhos, por sua segurança. E por sua mãe, pela memória de seu avô, pela família, pela Índia."

Eram 15h15 quando Rajiv chegou à sala adjunta ao centro cirúrgico. Fundiu-se em um abraço com Sônia, que rompeu em soluços. Talvez e lembrasse daquele primeiro encontro com Indira em Londres, quando

entrara em pânico. Quem pensaria, então, que a amaria tanto, e que ela os deixaria assim, sozinhos diante do abismo?

Depois Rajiv abraçou as crianças, que estavam muito assustadas. A onda de terror que o atentado havia desatado propagara-se como uma epidemia. Um grupo de fanáticos, depois da Operação Blue Star, havia jurado exterminar os descendentes de Indira até a centésima geração. Quem seria o próximo?"... Papai, mamãe, nós?" Quem poderia saber se por trás de qualquer enfermeiro, de qualquer visitante, de qualquer um dos muitos que percorriam os corredores desse hospital não se escondia outro terrorista assassino? Onde a fúria vingadora dos extremistas siques se deteria?

Não teve muito tempo de consolar sua família porque as pessoas o solicitavam constantemente. O país exigia sua atenção, sem sequer dar-lhe tempo de chorar a morte de sua mãe e acalmar os seus. "Lembro que senti a necessidade de estar a sós com ele, nem que fosse só por um instante", diria Sônia. Levou-o para um canto do centro cirúrgico, a poucos metros de onde os médicos estavam costurando o corpo de Indira. Cheirava a formol e éter. A branca luz dos néons mostrava, com toda sua crueza, as feições devastadas do rosto outrora suave de Rajiv.

-Vão me nomear primeiro-ministro - disse a ela em um sussurro.

Sônia fechou os olhos. Era a pior coisa que podia ter ouvido. Era como o anúncio de uma segunda morte no mesmo dia. Rajiv segurou as duas mãos dela e continuou sussurrando as razões que o obrigavam a aceitar o cargo.

Sônia, essa é a melhor maneira de nos protegermos, acredite. Dispostemos da máxima proteção. Agora, é o que necessitamos.

-Vamos morar em outro lugar...

E você acha que estaremos seguros em outro país? Estamos todos na lista negra dos extremistas, e esses fanáticos são capazes de atacar em qualquer lugar. Não, Sônia, não nos resta outro remédio senão viver protegidos constantemente, pelo menos até que a ameaça passe.

Sônia chorava desconsoladamente. Sabia o que isso significava. Significa ter que viver em um ambiente claustrofóbico, que as crianças não poderiam desfrutar de uma vida normal... Isso era viver? E a felicidade nisso tudo? Essa felicidade à qual tão comodamente haviam se acostumado?

Eu suplico, Rajiv, não deixe que façam isso - pediu-lhe Sônia.

Garanto que é para o nosso bem.

Para o nosso bem? Mas esse sistema de proteção de que você falou mostrou

ser totalmente ineficaz. Uma primeira-ministra baleada em sua própria casa, e nem sequer a equipe de emergência mais básica à mão... Você não percebe?

Avisaram-na de que devia prescindir de seus guardas siques, mas ela não lhes deu ouvidos...

O que quer dizer, que ela teve culpa?

Ela deveria ter ouvido o chefe da polícia e o da Inteligência. Estaria conosco agora se houvesse feito isso.

Ele a abraçou de novo. Ela prosseguiu:

Meu Deus, matarão a você também.

Não tenho escolha, vão me matar de qualquer maneira, esteja ou não no poder...

Por favor, não aceite, diga-lhes que não...

Não posso, meu amor. Você se imagina vivendo sempre com medo, aqui, na Itália ou onde quer que esteja? É o que aconteceria se eu não aceitar. É assim que você precisa encarar. É meu destino. Nosso destino... Há momentos em que a vida não nos deixa escolher porque não há escolha possível. Ajude-me a aceitar isso.

Oh, não, meu Deus, não!... - murmurava Sônia imersa em um mar de lágrimas. - Vão matá-lo, vão matá-lo... - repetia enquanto o secretário oficial de Indira, P. C. Alexander, os interrompia. A roda da sucessão não podia esperar. Era urgente pô-la em marcha. Tomou Rajiv pelo braço.

Temos que organizar a posse - disse em voz baixa.

Vou para casa trocar de roupa - respondeu Rajiv. - Estarei antes das seis no palácio do presidente da República.

Então, Sônia soube que não havia nada a fazer, que novamente tinha que se render a forças que eram mais fortes que ela e que nunca poderia controlar. Que podia ela fazer contra um país que ficara órfão e exigia a cabeça do filho? Quando Rajiv lhe deu um beijo na testa e se lentamente dela, Sônia, vítima de uma indefinível sensação de melancolia, sentiu um rasgo nas entranhas, como quando estava no Embaixador segurando a cabeça de uma Indira moribunda em seus braços.

À NOITE DESSE MESMO DIA CELEBROU-SE a cerimônia de posse de Rajiv Gan-dhi como sexto primeiro-ministro da Índia, no salão Ashoka do Palácio do Presidente da República, o mesmo lugar onde seu avô e sua mãe

havia sido investidos no mesmo cargo. Dos seis primeiros- ministros, três haviam pertencido à mesma família e os outros três haviam sido muito breves. Em 36 anos de independência, os Nehru haviam sido primeiros- ministros durante 33 anos. Indira havia sido a terceira a morrer no cargo, mas a primeira de uma morte violenta. Não foi uma cerimônia animada, como caberia em circunstâncias normais. Lá estava um homem jovem, a quem não haviam dado tempo de assimilar a morte de sua mãe e sua repercussão na nação, obrigado a aceitar o papel mais difícil e exigente a que qualquer cidadão da Índia podia aspirar. Sem querer nem desejar.

Antes de aceitar, Rajiv havia deixado claro que manteria o governo anterior, sem membros novos nem mudanças de cargos. A seguir, celebrou seu primeiro conselho de ministros, e o debate girou em torno aos funerais de Indira. Decidiram instalar a câmara-ardente na Teen Murti House, antiga residência de Nehru, o palacete onde Rajiv havia passado sua infância.

Usha, a fiel secretária, foi uma das primeiras a chegar, e assim descreveu sua antiga chefe, estendida no féretro, o corpo amortalhado, mas o rosto descoberto: "Seu rosto estava inchado e sem cor. Melhor que não tenha se visto assim, porque não teria gostado, ela que sempre andava tão bem arrumada e que cuidava tanto de sua aparência". O mesmo deve ter pensado Sônia. A televisão captou um momento curto e intenso, um gesto que ficou gravado na memória de milhões de indianos e que falava, mais que qualquer declaração escrita ou expressa oralmente, do vínculo que unia as duas mulheres. Sônia, serena, passou um lenço pelo canto dos lábios de Indira para secar o brilho da pele. Como se, em vez de morta, estivesse viva e continuasse precisando de seus cuidados. Assim, a lealdade sobrevivia à morte.

Passadas as 23h, o novo primeiro-ministro apareceu na televisão, em discurso que foi transmitido por rádio ao mundo inteiro. Sônia estava no estúdio de gravação, o coração partido ao ver que o poder seqüestrara seu marido, usando sem escrúpulos os sobrenomes Nehru-Gandhi para manter o país unido em tempos de crise. Não era uma crueldade ter pedido a alguém com tão pouca experiência em política como seu marido que aceitasse um cargo que precisava de tanta experiência, pelo menos nesses tempos tão difíceis?

"Indira Gandhi foi assassinada", Rajiv começou dizendo diante das câmeras. "Sabem quão perto de seu coração estava o sonho de uma Índia próspera, unida e em paz.

Por causa de sua morte prematura, seu trabalho foi interrompido. Cabe a nós concluí-lo." Seu discurso e o tom de emoção contida com que o pronunciou recordaram a muitos o discurso que Nehru, seu avô, havia feito após o assassinato de Gandhi. Na época, Nehru teve medo que os muçulmanos fossem culpados pelo magnicídio, por isso apressou-se a dizer alto e claro que o culpado havia sido um fanático hindu. Trinta e seis anos depois, Rajiv Gandhi não fez referência alguma aos assassinos de sua mãe, ou a seus motivos. Aludiu à natureza religiosa do assassinato quando fez um apelo à calma e à unidade, dizendo que nada doeria mais à alma de Indira Gandhi que um surto de violência em qualquer lugar do país. Mas a violência já havia explodido. Primeiro começou nos arredores do hospital, quando vários táxis conduzidos por siques foram apedrejados e um templo sique incendiado.

Qualquer homem de turbante parecia suspeito de repente. Os siques tiraram suas crianças das ruas, trancaram-se em casa, baixaram as persianas e apagaram a luz, tentando se fazer invisíveis. As mulheres olhavam espantadas por entre as frestas. Um ou outro sique corria para buscar refúgio. Para outros, não havia refúgio. Sabiam que o assassinato de Indira Gandhi os transformara em alvo da ira do povo. Ao cair da noite, formaram-se grupos nos becos, a maioria hindu, alguns com paus na mão, outros incitando a caça aos siques. Foi uma noite negra, ainda mais escura pela onda de ódio e terror que se abateu sobre a cidade, que mal dormiu. A intensidade dos massacres aumentava à medida que surgiam rumores de que os siques haviam envenenado os depósitos de água potável da capital, ou que um trem cheio de hindus que vinham do Punjab fora atacado. Não era verdade, mas as pessoas acreditavam. Bandos de desordeiros, que no início destruíam casas e comércios de propriedade sique, a seguir tiraram de seus lares homens e crianças com turbante para despedaçá-los a machadadas diante de suas mulheres horrorizadas. Nas ruas, grupos de homens caíam sobre os siques, surravam-nos até a morte ou encharcavam-nos de gasolina para atear fogo. Famílias inteiras foram esfaqueadas em trens e ônibus.

A polícia não se atrevia a intervir, por pura indolência e também porque, no

fundo, estavam de acordo em se vingar dessa turbulenta minoria. Durante três dias, enquanto milhares de pessoas desfilavam diante do corpo de Indira Gandhi, dentre os quais se encontravam estrelas de cinema, chefes de Estado, líderes políticos, amigos, familiares e milhares de cidadãos que nunca haviam conhecido Indira, mas que sentiam profundamente sua perda, a orgia de violência continuou se estendendo. Mais de 2 mil carros, caminhões e táxis foram queimados, bem como uma enormidade de fábricas de propriedade de famílias siques, como a de Campa Cola, a resposta indiana à Coca-Cola, que pertencia a um velho amigo de Sanjay que os havia ajudado em tempos de penúria. Os jornalistas documentaram um episódio particularmente atroz em um bairro da margem direita do rio Yamuna, onde um grupo bem organizado matou, de maneira sistemática, todos os siques, diante da passividade da polícia. Nem sequer lhes davam a oportunidade de se salvar, porque ateavam fogo às casas com seus habitantes dentro. Uma das jornalistas que foi testemunha do acontecido ligou para Pupul: "Por favor, faça alguma coisa, a situação é trágica", disse com voz assustada.

Pupul ficou perplexa. Até muito pouco tempo, teria sabido o que fazer. Pegaria o telefone e ligaria para sua amiga Indira, que teria agido imediatamente. Mas, agora, não sabia a quem se dirigir. De modo que ligou para o ministro do Interior, que casualmente estava reunido com Rajiv no número 1 da Safdarjung Road. Falou-lhe sobre os massacres, os estupros, o horror que estava acontecendo a menos de 10 km de onde se encontravam. "Fale com o primeiro-ministro", disse ele, e ato contínuo passou para Rajiv. Pupul repetiu o que já havia contado. "Era difícil, para mim, dirigir-me a Rajiv como primeiro-ministro, era difícil entender que o enorme poder e a maciça autoridade de Indira agora recaíam sobre ele." Rajiv pediu-lhe que fosse a sua casa, onde Pupul contou com mais detalhes tudo o que sabia. O primeiro-ministro parecia desconcertado e indeciso.

O que faço, Pupul? - perguntou-lhe.

Não me cabe dizer o que o primeiro-ministro deve fazer - respondeu ela. - Eu posso lhe dizer o que sua mãe faria. Chamaria o Exército e manteria a ordem a todo custo. Apareceria na televisão e, com todo o prestígio de seu cargo, deixaria bem claro que em hipótese alguma consentiria os massacres. Ajude-me a redigir um discurso como os que minha mãe faria - pediu Rajiv

enquanto a acompanhava até a porta. - Por favor, faça isso já, é urgente. Pupul fez, mas, quando se sentou em frente à tevê, não foi Rajiv quem apareceu, e sim o Ministro do Interior. Pupul pensou que Rajiv não era uma presença suficientemente contundente para acalmar os ânimos. Pareceu-lhe que o discurso não tinha a angústia do filho e da autoridade de um primeiro-ministro. De fato, o Exército não foi chamado a intervir essa noite por medo de inflamar ainda mais os ânimos, de modo que o terror e a barbárie continuaram. Essa indecisão foi atribuída por muitos à inexperiência de Rajiv. Mas a verdade é que estava intimidado pelos acontecimentos, ainda sob o trauma da perda da mãe e de encontrar-se com as rédeas do poder sem saber como esse poder funcionava.

Havia tanto pânico entre os siques que pela primeira vez na vida muitos deles tiraram o turbante e cortaram a barba e o cabelo para se salvar. Uns 100 mil fugiram da capital. O escritor Kushwant Singh refugiou-se com sua mulher na embaixada da Suécia: "O que as turbas queriam eram os bens dos siques, os aparelhos de tevê e as geladeiras, porque somos mais prósperos que os outros. Matar e queimar gente viva só era parte da diversão". Ao anoitecer, grupos de siques se dispersavam pela cidade buscando refúgio. Dois deles chegaram à casa de Pupul e surpreenderam a mulher do dhobi, o lavadeiro, que a essa hora devia estar participando dos distúrbios.

Diante dos gritos de susto da mulher, os siques saíram correndo, mas Pupul teria lhes dado abrigo por essa noite, como fizeram também muitas famílias hindus. Da mesma maneira que muito poucos siques haviam sido seguidores de Brindanwale, muito poucos hindus queriam se vingar dos siques. Mas aqueles que o fizeram foram de uma crueldade que lembrava os tempos da Partição. Em três dias, cerca de 3 mil foram massacrados.

Na tarde de 2 de novembro, Rajiv finalmente apareceu na tevê exigindo o fim da violência. "O que aconteceu em Délhi desde a morte de Indira Gandhi é um insulto a tudo o que ela defendia", disse claramente. No dia seguinte, mandou o Exército intervir. Impôs o toque de recolher e entrou com tanques nos bairros mais conflituosos com ordem de disparar contra todo aquele que fosse surpreendido em flagrante delito de agressão.

Em 3 de novembro, enquanto a paz era imposta pela força, celebrava-se a cremação de Indira muito perto de onde havia sido a de Nehru e a de Sanjay, na margem do rio. Rajiv deu sete voltas na pira funerária de sua mãe antes

de colocar uma tocha entre os troncos de sândalo. As chamas foram se espalhando enquanto o sol tingia o céu de laranja, vermelho e ouro. Um impressionante elenco de personalidades estava presente, dentre as quais se encontravam George Bush pai, Madre Teresa, membros da realeza europeia, artistas e escritores, magnatas dos negócios, cientistas e chefes de Estado. Para uma elegante senhora vestida de preto, esses funerais tinham uma importância muito particular. Margaret Thatcher lembrava as ardentes palavras de Indira quando, poucas semanas atrás, havia ligado depois do atentado do IRA.

"Temos que fazer algo contra o terrorismo..." havia dito.

A silhueta de Rajiv entre as chamas que devoravam o corpo de sua mãe ficou gravada para sempre nos olhos de todo o povo como uma tocha de esperança. "Tudo era caos a sua volta", escreveu um conhecido jornalista, "mas ele passava uma imagem de confiança, parecia controlar a situação." A Dama de Ferro britânica comentou: "Vi em Rajiv o mesmo auto-controle que a senhora Gandhi tinha...". Mas Sônia estava absolutamente desconsolada, e não escondia. "Se alguém houvesse pintado a cena", disse Margaret Thatcher, "sua própria dor teria bastado para transmitir o sentimento geral." Paradoxalmente, não havia uma enorme multidão de gente humilde, dos milhões que haviam venerado Indira como uma deusa. O medo dos ataques e a atmosfera de violência que reinava na cidade dissuadiram muitos de ir lhe prestar a última homenagem.

FIEL ÀS INSTRUÇÕES QUE HAVIA recebido de sua mãe pouco tempo antes, certa manhã Rajiv pegou a urna de bronze que continha as cinzas e embarcou em um avião da Força Aérea indiana. Depois de uma hora de voo, sobrevoava a cordilheira do Himalaia, uma crista de picos brancos que se estendia até onde a vista alcança. Abriram-lhe uma comporta no piso do avião, que deixou entrar um ar gelado. Rajiv, usando um gorro de astracã, uma jaqueta de couro, grossas luvas forradas e uma máscara de oxigênio, pegou a urna, também envolvida em um saco de couro para que seu conteúdo não se congelasse, abriu-a e deixou cair as cinzas sobre as montanhas, como manda o ritual, para que a morte voltasse à vida, treze dias depois de Indira Gandhi ter entrado para a História.

Rajiv não teve um minuto para parar e cuidar de sua própria dor. A vida política continuava e os chefes do partido aconselharam-no a antecipar as eleições gerais.

Queriam capitalizar o voto de simpatia que o assassinato de Indira podia provocar. Rajiv entendeu que essas eleições eram muito importantes para ele, porque serviriam para adquirir legitimidade popular e não parecer somente que havia sido designado pelos seguidores de sua mãe. De modo que marcou a data de votação para 26 de dezembro de 1984. Quis que Sônia o acompanhasse de novo para fazer campanha na circunscrição de Amethi, onde Maneka, com seu filhinho no colo, era a candidata rival. Sônia era, agora, a primeira-dama do país, e só de pensar lhe dava vertigem. O destino não podia ter escolhido alguém menos disposto a assumir esse papel. Um papel que teria enchido de orgulho e satisfação a maioria das mulheres, mas que nela causava melancolia, porque a fazia sentir saudade de sua antiga vida. Que luxo era viver com segurança! Que luxo era poder se dedicar à restauração de quadros, sair com as amigas, ser livre e levar uma vida anônima! Ainda estavam tão traumatizados que antes da viagem a Amethi, que coincidia com o sexagésimo-oitavo aniversário de Indira, Rajiv e ela redigiram instruções:

"No caso de minha morte ou de minha mulher Sônia em acidente, dentro ou fora da Índia, nossos corpos devem ser repatriados a Délhi e queimados juntos, segundo o ritual hindu, em um lugar a céu aberto. Sob nenhuma circunstância nossos corpos serão queimados em um crematório elétrico. Segundo nosso costume, nosso filho Rahul deverá acender a pira... É meu desejo que nossas cinzas sejam jogadas no Ganges, em Allahabad, onde foram jogadas as cinzas de meus antepassados". Não dizia o ditado que a cobra sempre morde duas vezes? Ou seja, que uma desgraça nunca vem sozinha? Sônia, usando sáris brancos, como cabia ao luto por sua sogra, descobriu que agora se sentia muito mais à vontade entre a multidão de Amethi. "Eu me tornei assídua freqüentadora desse local", escreveria mais tarde. "Conhecia as pessoas e seus problemas, e já não me sentia uma estranha entre eles." Mas a ausência de Indira se fazia sentir cruelmente. Ela havia sido o centro do universo familiar, uma personalidade forte, confiável, sempre presente para guiar, aconselhar, animar e cercar os seus. O vazio era abismal. Rajiv havia ficado órfão, sem a última pessoa de sua família. Um

dia, Sônia o estava procurando em casa, mas ninguém parecia saber onde havia se metido. Por fim o encontrou no antigo estúdio de Indira, observando objetos e fotos de sua mãe como se estivesse rastreando sua marca.

"Parecia muito perdido e muito sozinho", escreveria Sônia. "Muito amiúde, sentia intensamente sua ausência." Era inevitável. Onde quer que fosse, mesmo nos confins mais remotos do subcontinente, via cartazes com o rosto de sua mãe, sempre arrumada, com sua mecha de cabelo branco bem visível e saudando com a palma da mão para cima. Sempre alguém lhe falava dela, da última visita que havia feito ali, do que havia feito por essa comunidade, das crianças que abençoara e até do oficial que repreendera.

Indira deixara sua marca em todo o país, e para Rajiv, às vezes, parecia que continuava viva, que estava prestes a aparecer para reconfortá-lo e dar-lhe ânimo. Não lhe restava outro remédio senão reunir suas reservas de coragem e força mental para enfrentar com estoicismo a lembrança de sua mãe. A turnê eleitoral de Rajiv por todo o país teria sido triunfal não fosse por um grave acidente na cidade de Bhopal, no centro da Índia, quando um vazamento de gás venenoso de uma fábrica de pesticidas, propriedade da multinacional norte-americana Union Carbide, espalhou-se pelos bairros mais pobres da cidade, causando milhares de mortos e feridos. Considerado o maior acidente industrial da História, a tragédia de Bhopal, bem no início de sua carreira, foi vista por muitos como um mau augúrio para o homem que queria a todo custo desenvolver o país e estreitar laços com a elite dos negócios. Rajiv decidiu imediatamente visitar a cidade sinistrada.

Preferia que Sônia ficasse em casa, caso o veneno ainda estivesse flutuando pelo ar, mas ela se negou e foi com ele. Assim que chegou, ficaram impressionados com os efeitos do envenenamento. Os hospitais estavam lotados de gente que havia perdido a visão, de mães que choravam a morte dos filhos, de crianças órfãs e de homens desesperados pela aniquilação de suas famílias. Diante de tamanha tragédia, mas diatribes sobre a industrialização da Índia e seu apelo à preparação do país para o século XXI pareciam palavras vazias. Rajiv percebeu os problemas que o próprio desenvolvimento era capaz de engendrar. De momento, fez a única coisa que podia:

liberou ajuda urgente para as vítimas e prometeu que o governo lhes daria

uma compensação justa. Mas isso nunca se conseguiu.

RAJIV ARRASOU NAS ELEIÇÕES de dezembro de 1984, com um resultado melhor do que jamais seu avô ou sua mãe haviam conseguido. Sônia felicitou-o efusivamente, a despeito de intuir que essa notícia os aproximava um pouco mais da beira do precipício. Durante os três últimos anos, seu marido havia sido deputado do Parlamento responsável somente por methi, e um dos secretários-gerais do partido. Agora, tinha a seu cargo 344 circunscrições e a responsabilidade de governar um imenso, volátil, às vezes ingovernável país manietado por um gigantesco aparato de Estado. Já escrevera um político inglês: a cordilheira do Himalaia parece pequena comparada com a carga que um primeiro-ministro da Índia suporta em suas costas. A dinastia havia recebido o mandato do povo, um mandato em escala nacional, mas Rajiv não se iludia sobre as razões de seu sucesso: "Foi sobretudo pela morte de minha mãe... Ninguém me conhecia realmente, o que fizeram foi projetar em mim as expectativas que tinham nela. Eu me transformei em símbolo de suas esperanças."

Quem perdeu estrepitosamente foi Maneka, a despeito de ter feito uma campanha muito dinâmica. A onda de simpatia por Rajiv, e talvez o fato de ela ser filha de uma família de origem sique, varreram-na do mapa da política, pelo menos momentaneamente. Agora ficava claro quem era o verdadeiro herdeiro do manto dos Nehru-Gandhi.

Para Sônia e as crianças foi ainda mais difícil lutar para se recuperar do trauma da morte violenta de Indira, porque, depois de quinze anos vivendo na mesma casa, tiveram que deixá-la e se mudar para outra considerada mais segura e mais apropriada para ser a residência oficial do primeiro-ministro, na Race Course Road. Agora que o terrorismo havia se transformado em uma realidade ineludível da vida política indiana, a família via-se cercada 24 horas por dia por uma impressionante tropa de forças de segurança. Em parte, tratava-se de um alarde desnecessário, feito para compensar todas as falhas cometidas com Indira. A responsabilidade de proteger o primeiro-ministro já não recaía em uma força paramilitar, e sim em um grupo profissional especializado, o Special Protection Group, criado depois do recente magnicídio.

"Sua presença pôs fim ao que restava de nossa privacidade e liberdade",

disse Sônia. Certo dia, levou um susto quando estava no jardim com sua tesoura de podar na mão e viu no galho de uma árvore uma espécie de marciano, totalmente vestido de preto, de gorro, colete à prova de balas e minimetralhadora em riste. "Estou de guarda", disse o homem. Em outra ocasião, quando precisou sair com pressa para comprar alguma coisa no armazém americano, outro marciano, na porta, impediu-a.

Senhora, não pode sair agora.

Como não posso? Preciso ir à embaixada americana, tenho convidados esta noite...

Senhora, deve se acostumar a nos avisar com um pouco de antecedência. Não podemos reagir de maneira improvisada. Há uns trezentos agentes encarregados da proteção de sua família neste momento.

"Agora, não é?", pensou Sônia, que não teve outro remédio a não ser ligar para sua irmã Nadia e lhe pedir o favor de comprar o que precisava e levá-lo a sua casa.

Embora fosse desesperador viver assim, o jeito era se acostumar. Os agentes de segurança quiseram impedir Rajiv de manter o costume herdado de sua mãe e de seu avô de receber centenas de visitantes bem cedo pela manhã, que lhe faziam perguntas e o ouviam sentados no gramado. Mas ele insistiu em mantê-lo, nem que só três dias por semana. Era importante que pudesse medir o pulso do povo. E também aproveitava para aperfeiçoar seu híndi, que falava com erros de sintaxe e às vezes de pronúncia.

Em casa, acordavam às seis da manhã com o morning tea, que era servido em uma bandeja. Às 8h30, toda a família estava reunida para tomar o café-da-manhã. Rajiv partia a seguir e Sônia ficava organizando a casa e, quando tinha tempo, lendo e recortando os jornais. Seus filhos haviam deixado de ir ao colégio no dia do assassinato da avó. Segundo a polícia, era muito perigoso que fossem a um lugar onde um homem armado pudesse entrar com facilidade. De modo que agora professores particulares chegavam às dez para lhes dar aula em casa. Sônia aproveitava esse momento para sair e fazer compras ou ir a alguma exposição, andava sempre imaculadamente vestida, porque tinha consciência de que sua pessoa era submetida a um implacável escrutínio público. "Ela tem mais sáris que Imelda Marcos tem sapatos", dizia um rumor.

O que tinha era a coleção de sáris e de xales de Indira, na maioria presentes

que, na qualidade de primeira-ministra, havia acumulado em todas as suas viagens pela Índia. Sônia os havia herdado.

À tarde ficava com as crianças e buscavam maneiras de se distrair sem sair, por exemplo, vendo filmes de vídeo. Aos domingos, quis manter o costume de convidar seus amigos íntimos para o brunch, mas Rajiv raras vezes podia comparecer, de tão ocupado que estava. Mas lhe parecia importante manter a aparência de normalidade. Todos os visitantes, inclusive sua irmã Nadia e o casal Quattrochi, tinham que ser revistados e passar por uma tripla barreira de detectores de metais antes de entrar.

Reuniam-se no jardim e conversavam alegremente em italiano, francês, inglês e espanhol enquanto degustavam delícias indianas servidas em thas, típicos pratinhos de latão. Sônia surpreendia com alguns pratos difíceis de preparar na Índia, como lagostins em molho de alho, que se tornou o favorito dos domingos.

Afora esses momentos roubados, a normalidade era uma quimera, qualquer pequeno atraso de Rajiv, que se esforçava em fazer as refeições em família sempre que podia, provocava grandes sustos. Os únicos momentos de vida normal eram quando iam passar férias na Itália, no verão e no Natal. Também ali havia vigilância, mas não tão sufocante. Em Nova Délhi, viviam como prisioneiros. O que Rajiv teve que abandonar totalmente foram suas paixões, especialmente a fotografia, na qual havia conseguido um bom conhecimento. Não tinha tempo de ouvir suas canções preferidas nem de assistir a algum concerto de música clássica indiana com Sônia e seus filhos. Mas estava decidido a continuar sendo um piloto competente, porque era sua paixão e porque lhe dava certa segurança diante da incerteza da política. Pediu a um colega que o avisasse quando sua licença de voo estivesse prestes a caducar para renová-la acumulando as horas necessárias, o que sempre podia fazer pilotando ele mesmo os aviões em que viajava percorrendo o país. Mas acabou-se o tempo para o que não fosse sua atividade de primeiro-ministro: "Para mim, só havia tempo para a ação. Empenhei-me em restaurar a confiança, a amizade e a fraternidade entre comunidades que haviam vivido juntas durante séculos", declarou.

Rajiv havia recebido de sua mãe uma herança envenenada, o problema sique. Era fundamental solucioná-lo para recuperar a convivência geral. Pensou que primeiro devia diminuir a tensão, de modo que começou

suavizando: declarou que estava aberto a qualquer compromisso para solucionar o problema desde que não constituísse uma ameaça à integridade da nação; libertou os extremistas presos durante os últimos meses do regime de sua mãe e comprometeu-se a iniciar uma investigação sobre os massacres de siques em Délhi. O líder do partido sique moderado, tão desejoso de conseguir a paz quanto o primeiro-ministro, acabou assinando os prolegômenos de um acordo.

Imediatamente após, Rajiv anunciou eleições no Punjab para setembro de 1985, a fim de transferir a administração desse estado aos siques moderados e torná-los responsáveis por lidar com os extremistas. Mas o terrorismo continuou, com pequenas bombas em Délhi e nos arredores, e principalmente com a explosão de um Boeing 747 da Indian Airlines em pleno voo de Toronto a Délhi. O atentado, que custou a vida dos 325 passageiros a bordo, foi atribuído a dois grupos extremistas siques. Nessa noite, Rajiv se reuniu com seu governo, e Sônia o esperou acordada até as quatro da manhã. Tinha muita consciência da magnitude da ameaça que recaía sobre seu marido, e tanto ela quanto seus filhos viviam aterrorizados. Viam os membros do Special Protection Group com ceticismo. É verdade, estavam sempre presentes, talvez demais, mas, diante da audácia dos terroristas siques... seriam realmente eficazes?

Enquanto esperava Rajiv, Sônia falou por telefone com sua família em Orbassano. Desde a morte de Indira, seus pais estavam muito inquietos com o que pudesse acontecer e viviam muito atentos aos noticiários. Qualquer sombra de orgulho que Paola, sua mãe, pudesse sentir pelo fato de sua filha ser primeira-dama da Índia ficava ensombrado pelo medo de outro atentado. Sônia sempre os acalmava, mas sua mãe era capaz de reconhecer o medo em sua voz, a despeito da distância e das interferências. Nesse dia, Paola estava duplamente preocupada. Sua filha Nadia havia anunciado sua volta à Itália.

Que sorte, mamãe, vai ficar perto das meninas... - disse Sônia. - Porém, eu vou sentir muito a falta de Nadia.

Estou muito triste. Não acha que podem se reconciliar?

Não, mamãe... às vezes é melhor assim... - respondeu Sônia, percebendo a angústia de sua mãe. Seu cunhado espanhol continuava enganando sua irmã, e ela, já farta, havia decidido pedir o divórcio. Já não fazia sentido ficar na Índia. Sônia ficava sozinha, em um momento delicado, em um ambiente apocalíptico. Precisava ser valente, não havia alternativa.

RAJIV MANTEVE O SANGUE-FRIO E NÃO CEDEU à tentação de responder à violência com mais violência, como talvez sua mãe houvesse feito. Concedeu ao Punjab o uso exclusivo de Chandigarh, a cidade concebida por Le Corbusier, como sua capital, em troca de um compromisso de lealdade por parte do partido moderado sique, e anunciou medidas econômicas, como construção de uma represa hidrelétrica para aliviar o problema da falta de energia nesse estado. Queria apostar fundo e ganhar os moderados.

Mas, em 20 de agosto de 1985, tudo veio abaixo de novo. O líder do partido moderado, que percorria os povoados e cidades do Punjab pedindo o apoio das pessoas, "vendendo" aos seus o acordo com Rajiv, foi assassinado a tiros. De novo a tragédia, de novo o impasse. Os fanáticos impunham sua tirania boicotando qualquer solução negociada. No Parlamento de Nova Délhi, começou-se a duvidar da habilidade de Rajiv para conseguir uma solução rápida para o problema. Mas ele não se amedrontou e decidiu seguir adiante com as eleições no Punjab. Da mesma maneira que o assassinato de sua mãe o havia lançado ao poder, pensou que o assassinato do líder moderado sique criaria uma onda de simpatia por esse partido. Estava certo. Pela primeira vez na história do Punjab, os moderados arrasaram nas urnas. O resultado era uma clara vitória contra o extremismo. Mas os fanáticos siques não iam desaparecer sem dar trabalho. Em uma nova tentativa de criar tensão, voltaram a se entrincheirar no Akal Takht, o templo arrasado durante a Operação Blue Star que depois havia sido reconstruído. Alegavam, dessa vez, que a reconstrução havia profanado o templo; na realidade, qualquer pretexto era válido para recorrer à violência. De novo, recebiam armas pelos corredores e túneis do complexo. Do lado de fora do Templo de Ouro, jovens extremistas redobram seus ataques contra hindus e contra

tudo o que não fosse considerado suficientemente devoto; por exemplo, os barbeiros e cabeleireiros, cuja atividade batia de frente com o preceito sique de nunca cortar o cabelo, visto que o que Deus havia criado devia ser respeitado, inclusive os pelos. Foram tachados de inimigos do povo sique e, em conseqüência, alvo dos ataques dos mais ortodoxos.

"Só cabe recorrer a uma ação militar.." Ao ouvir essa frase, Sônia estremeceu. Já a ouvira uma vez da boca de sua sogra. O resultado estava aí... O filho se encontrava, de repente, na mesma encruzilhada. Seria necessário um novo sacrilégio, se o anterior não havia resolvido o problema? Onde acabaria essa espiral de violência? Como se fosse pouco, os acontecimentos se repetiam com macabra similaridade. Como na ocupação anterior, um policial foi alvejado perto do templo, pondo o governo contra a parede e forçando Rajiv a dar as cartas no assunto.

O que você vai fazer? - perguntou-lhe Sônia, angustiada.

Sitiá-los até que se rendam.

De seu escritório em Nova Délhi, dirigiu pessoalmente a Operação Black Thunder. Deu ordens estritas ao Exército e à polícia de não entrar no templo em hipótese alguma e de selar o recinto, bloqueando todos os corredores secretos, bem como as vias de entrada e saída de mercadorias. A espera foi longa, eterna. Nos primeiros dias, os terroristas atiravam para o ar e lançavam rajadas intimidadoras. Afora essas escaramuças, reinava no Templo de Ouro o mais absoluto silêncio. As águas do tanque sagrado refletiam como um espelho os templos vizinhos, e tudo estava tão imóvel que parecia que o tempo havia parado. Os terroristas esperavam um itaque, até o provocavam, mas só obtinham o eco de seus tiros como resposta. O Exército e a polícia sempre alimentavam a desconfiança de que os extremistas pudessem se abastecer por algum canal que fugisse a seu controle, o que os mantinha em um estado de extrema tensão. Do lado de fora, os habitantes do Punjab rezavam em silêncio para que seus locais sagrados não fossem de novo profanados.

Sônia acompanhava tudo de casa, em Nova Délhi e, cada vez que tocava o telefone, seu coração dava um salto. Por fim, depois de dez dias, a voz de Rajiv do outro lado da linha deu-lhe uma boa notícia:

- Eles se renderam, pronto, acabou. A estratégia funcionou. Não houve violência nem necessidade de entrar no templo.

Sônia suspirou, aliviada, mas não totalmente relaxada. Viver sem tensão era um luxo fora de seu alcance. Os terroristas haviam fracassado na tentativa de provocar o governo. Como sempre, quando se quer repetir história, ela acaba em paródia de si mesma. Dessa vez, saíram de sua guarida morrendo de fome e de sede. Mais de duzentos se renderam. A vitória de Rajiv ficou ainda mais evidente quando a imprensa publicou fotos do interior do templo que mostravam o pouco respeito dos terroristas por esse local tão sagrado. Havia restos de excrementos por todo lado, montes de roupa, objetos quebrados e manchas de sangue, fruto de suas próprias brigas. O descrédito foi completo aos olhos de seus correligionários.

Os críticos de Rajiv, que o acusavam de falta de energia, tiveram de admitir que suas qualidades de conciliador davam resultado. Sua grande vantagem era justamente a diferença de estilo com sua mãe e com a maioria dos políticos indianos em geral. Trazia seiva nova. Acreditava que as políticas socialistas de sua mãe e de seu avô dificultavam o funcionamento e o desenvolvimento da economia. Tinha certeza de que o License Raj, com o qual sua mãe havia colaborado, sufocava o espírito empreendedor dos indianos e fomentava a corrupção. Agilizar permissões só após um suborno era prática corrente entre os funcionários. Como piloto de uma companhia estatal durante catorze anos, Rajiv havia sofrido suas notórias incompetências e sabia do que estava falando. Seu esforço para tornar a administração mais eficaz e para relaxar os controles valeu-lhe a censura dos intelectuais de esquerda. Segundo eles, liberalizar o comércio e relaxar os controles fariam da Índia um país excessivamente dependente do capital estrangeiro. Identificavam-no mais com a crescente classe média que com a Índia profunda. Acusavam-no de ter nascido em berço de ouro, de falar melhor inglês que híndi e até de levar sua família de férias ao Parque Nacional de Ranthanbore. Tirar férias era malvisto na Índia, principalmente para um político.

Mas Rajiv quis convidar seu sogro para ver tigres no mesmo parque nacional onde havia passado a lua-de-mel com Sônia. Por fim Stefano Maino havia concordado em visitar sua filha preferida. Foram as primeiras e únicas férias de sua vida, uma oportunidade que Rajiv não ia desperdiçar, por isso esmerou-se para recebê-lo. O velho amigo de Stefano, o mecânico

Danilo Quadra, também fazia parte daquela viagem. Sônia estava feliz por poder receber seu pai depois de tantos anos. Intuíra que seria sua única visita à Índia, porque Stefano nunca havia sido amante de viagens e agora sofria do coração e estava frágil.

- Ele sempre tem medo por você, desde antes do assassinato de sua sogra - confessou Danilo a Sônia.

Stefano tinha medo desde antes de Sônia lhe escapar das mãos, desde o dia distante em que havia comentado com sua mulher: "Vão jogá-la aos tigres". Também sentia medo por Rajiv, esse bravo ragazzo, como o chamava. Muito bravo para ser político em um lugar tão conturbado e pobre como a Índia, pensava Stefano. O espetáculo da miséria o abalou, talvez porque lhe lembrava sua infância, quando era pastor de vacas e o tempo passava com exasperante lentidão e a barriga estava vazia. Parecia que as coisas não iam melhorar nunca e que a escassez, o tédio e as limitações seriam eternas, como via refletido nos olhares dos jovens nas aldeias indianas. Sônia o recriminava constantemente porque era muito propenso a dar generosas esmolas: "Se continuar assim, logo vai ter todos os mendigos da Índia atrás de você", dizia ela, recordando-lhe que a maioria dos mendigos trabalhava para as máfias e que mais valia dar dinheiro diretamente aos que cuidavam dos pobres. Mas esse homem parco em palavras e que parecia tão duro não ligava, porque não podia resistir ao sorriso de um menino que colocava a mão pela janela aberta do carro. No final da viagem, quando voltaram a Nova Délhi, seu amigo Danilo disse a Sônia, erguendo os ombros em sinal de impotência: "Não há o que fazer, ele gosta de dar dinheiro a todo o mundo". Stefano Maino foi sempre fiel a sua própria memória.

RAJIV ERA MUITO "OCIDENTAL" PARA PODER disfarçar, e até muito british em seus modos e na maneira de conter suas emoções. Uma vez, defendendo-se de um ataque da oposição, disse que esta queria fazer a Idade Média voltar à Índia, o que era um argumento pertencente à história européia, e não à indiana. Também era verdade que seu grau de identificação com os pobres não era tão intenso quanto o de sua mãe ou seu avô, mas pensava que, se a classe média urbana enriquecesse, isso acabaria beneficiando os pobres das aldeias. Os velhos dinossauros do partido lembravam-lhe que o importante era manter a lealdade dos votantes, que na imensa maioria eram miseravelmente pobres. Qual o sentido de fazer uma

política que não os beneficiasse em curto prazo? Por acaso Rajiv pretendia que o partido perdesse as próximas eleições? O jovem primeiro-ministro estava preso entre dar maior liberdade aos empresários para ganhar dinheiro e manter a fidelidade da base, dos pobres. Esse era seu grande desafio, e sabia que não ia ser fácil ganhá-lo. Para lutar contra o rótulo de "primeiro-ministro dos privilegiados" que seus detratores queriam lhe atribuir, e que em uma democracia de pobres era muito prejudicial, fez o que sua mãe teria feito: percorreu o país de maneira exaustiva.

Até participou de uma grande peregrinação para melhorar sua imagem com as massas. Segundo Sônia, que o acompanhava em muitas de suas viagens, seu marido era incansável. "Caminhava tão rápido que precisava lhe pedir que diminuísse o passo para que os outros o pudessem seguir. Como havia se acostumado a não dormir mais de quatro ou cinco horas por dia, costumava dar uma cochiladinha entre as diversas paradas, dando-me instruções de acordá-lo se alguém o estivesse esperando. Às vezes, deixava-o dormir mais alguns minutos... Depois ele reclamava, mas pelo menos descansava." Sônia foi testemunha do sentimento que despertava no povo. "O povo respondia mais a seu encanto pessoal que ao posto que ocupava. Era igual encontrar-se em uma aldeia tribal do norte, em uma cidade em Tamil Nadu, no coração do Punjab rural, ou nas favelas de Bombaim. Rajiv não pertencia a nenhuma casta, etnia ou grupo. Era indiano e todos o consideravam um dos seus." Guiava sua própria caminhonete nas zonas rurais. Onde houvesse gente esperando por ele, parava para conversar. "Se nos atrasávamos", contaria Sônia, "ficavam esperando pacientemente para falar com ele, para vê-lo. Em lugares distantes, já bem avançada a noite, um camponês aproximava uma velha lamparina de óleo de seu rosto e eu via surgir um brilho em seus olhos ao reconhecer seu sorriso. Ele nos pedia que o acompanhássemos para nos apresentar a sua família, dar nome a seus recém-nascidos, desejar boa sorte aos jovens casais da aldeia." Como parecia longe a vida de Nova Délhi nesses lugares tão afastados... nas choças onde compartilhavam sua pouca comida, onde ouviam atentamente a descrição de suas privações e onde lhes faziam perguntas para descobrir como ajudá-los. "Vejo muito amor nos olhos das pessoas", disse Rajiv, "e amizade, confiança, mas principalmente esperança." Rajiv acreditava firmemente que a tecnologia podia eliminar, ou pelo menos mitigar a

pobreza. Lembrava-se da mãe e dos esforços dela para fazer a revolução verde, levando cientistas no campo e organizando encontros com políticos locais e camponeses. Quando o criticavam por destinar grandes somas de dinheiro do orçamento do Estado a centenas de pesquisas científicas, defendia-se dizendo que os celeiros do Punjab nunca teriam tido sucesso se não conseguissem acesso a cultivos de tecidos e à engenharia genética. "Podemos ter falhas se experimentarmos", dizia, "mas, se não o fizermos, nunca chegaremos a lugar nenhum." As contradições da Índia eram imensas: Como era possível lançar satélites ao espaço e não ser capaz de fornecer água potável à população?

- perguntava-se. Foi descobrindo que não era por falta de tecnologia, e sim pela incapacidade de aplicar a tecnologia aos problemas dos pobres. Daí surgiu-lhe uma idéia que chamou de Missões Tecnológicas, um ambicioso programa de pesquisa em seis áreas que Rajiv, depois de suas viagens pelas zonas rurais, identificou como prioritárias:

água potável, alfabetização, imunização, produção de leite, telecomunicações e energias renováveis. Como sempre ocorre com alguém que sacode velhas estruturas e ideias, foi alvo de escárnio. Em Nova Délhi, chamavam-no de ingênuo, de querer pular do carro de bois ao telefone celular, algo que, porém, acabaria acontecendo graças a sua visão e a seu empenho nesses primeiros anos de governo. Três décadas depois, a foto de um mahut falando por um telefone celular do alto de um elefante que transporta troncos tornar-se-ia a imagem publicitária de uma empresa de telefonia indiana. Foi sob o governo de Rajiv Gandhi, e graças à intervenção de indianos que moraram no exterior, principalmente nos Estados Unidos, que foi implantado um sistema de telefonia interurbana e internacional que funciona via satélite e que levou o telefone a todos os lugares, tornando-o acessível a esses pobres que viviam no isolamento mais completo.

Também na capital debochavam de seu slogan "Um computador em cada colégio de aldeia no século XXI". Parecia o sonho de um filhinho de papai, porque, na verdade, muitas escolas nas aldeias não dispunham nem de eletricidade ou de uma lousa. Mas a verdade é que Rajiv logo entendeu o potencial da informática, que anos depois serviria de locomotiva para economia indiana. Pensava que a revolução industrial havia conseguido

fazer com que a Europa adquirisse sua posição proeminente, e não queria que a Índia perdesse o bonde de outra revolução, a da eletrônica e da informática. Menos de um mês depois de ser nomeado primeiro-ministro, reduziu as taxas de importação dos componentes eletrônicos e dos computadores. A seguir, foi eliminando muitos controles da indústria informática e promoveu o uso de computadores em colégios, bancos e escritórios, dando um forte estímulo à indústria local. Sob seu mandato, a economia começou a se liberalizar: "Temos que nos livrar dos controles sem abandonar o controle", dizia. A classe média viveu uma expansão desejada durante muito tempo. As pessoas puderam comprar televisores, rádios, câmeras fotográficas, relógios e eletrodomésticos que antes eram inacessíveis devido aos altíssimos impostos, tão altos que a maioria desses objetos era adquirida de contrabando.

Foram anos bons para os consumidores e os negócios. Pela primeira vez desde a independência, a criação de riqueza não era considerada um crime ou um pecado.

A repercussão dessas medidas na vida de Sônia foi imediata, facilitando seu trabalho de primeira-dama. Para elaborar os jantares oficiais, já não precisava partir em peregrinação pelos mercados de Nova Délhi para conseguir queijo, por exemplo, ou azeite de oliva ou uma bateadeira. Pouco a pouco, o mundo externo começava a entrar na Índia milenar, e ela, por sua vez, a se abrir para o mundo.

Mas, nos anos 1980, o país continuava sendo um ferredouro de conflitos, e o trabalho de primeiro-ministro podia ser comparado ao de um bombeiro apagando incêndios. Depois do Punjab, dedicou-se a pacificar a região de Assam, alterada pelo influxo de refugiados muçulmanos que continuavam chegando de Bangladesh quinze anos depois da guerra em busca de trabalho; e a conseguir a paz com as comunidades tribais do nordeste, como os bodos, os gurkhas e os mizos, em uma série de acordos que conseguiram diminuir e até deter a violência secessionista. Nessas visitas, não se opunha a usar aparatosos chapéus ou a vestir trajes locais muito coloridos em símbolo de amizade, exatamente como teria feito Indira. Ria de si mesmo ao ver-se assim, e agüentava muito esportivamente que caçoassem dele. Nunca perdia o senso de humor, e ficava perplexo quando alguém não captava suas gracinhas. Quando Rajiv voltava para casa, corria a mostrar a Sônia e às

crianças os objetos que lhe haviam dado nessas viagens, quer fosse um velho cachimbo de mulher dos mizos, um cesto de vime ou uma concha esculpida, e depois guardava-os em seu escritório como verdadeiros tesouros. Em seu foro íntimo, sabia que conseguir a paz e a segurança dos diferentes povos da Índia significava, também, consegui-las para sua família, ou pelo menos nisso acreditava até 2 de outubro de 1986, quando o conflito sique fez seu último movimento.

Nesse dia, enquanto assistiam a uma cerimônia de comemoração do centésimo-décimo-sétimo aniversário do nascimento do Mahatma Gandhi no mausoléu dedicado a sua memória em Nova Délhi, ouviram nitidamente uma explosão.

- É o barulho de um ciclomotor - disse muito seguro um membro do Special Protection Group. Rajiv e Sônia sentaram-se no chão enquanto os sacerdotes recitavam as orações em memória ao pai da nação. Quando a cerimônia acabou e se levantaram para sair, ouviram mais explosões. O guarda mais próximo a Sônia foi ferido na testa. O pânico se espalhou. A multidão gritava enquanto se dispersava. Rajiv protegia sua mulher com seu corpo quando outros policiais os cercaram e os afastaram do local. "Um ciclomotor, hein?" repetia Sônia indignada. O frustrado assassino foi imediatamente capturado.

Era um sique, que havia atirado do alto de uma árvore. Não houve feridos, mas para Sônia a tentativa era uma lembrança de que não podiam baixar a guarda nem um segundo.

Voltou muito alterada para casa, com uma enorme vontade de abraçar seus filhos para comprovar que eles também estavam bem, porque sempre restava a possibilidade de que o atentado fizesse parte de uma conspiração mais ampla. Mas, dessa vez, isso não aconteceu, o sique havia agido sozinho.

De repente, parecia que Rajiv havia engordado. Será que são os penne ali'arrabbiata de Sônia de que tanto gostava os responsáveis por essa proeminente barriga? - perguntavam-se seus amigos com ironia. Não, a culpa desse tronco volumoso sob uma camisa de algodão era a espessura de um colete à prova de balas que foi obrigado a usar desde a última tentativa de atentado. A partir de então, fazia suas viagens em um dos dois grupos de carros idênticos, para que ninguém soubesse em qual viajava.

E, cada vez que saía, centenas de policiais patrulhavam a cidade em estado de alerta. As crianças só viam um grupo reduzido de filhos de amigos de seus pais da vida inteira, que, a despeito de serem conhecidos dos guardas de segurança, deviam se submeter a revistas minuciosas antes de entrar na "fortaleza", como chamavam a residência familiar. Sônia abandonou as aulas de restauração no Museu Nacional, que havia retomado no pouco tempo livre que tinha, e começou a reunir as cartas entre Nehru e Indira com a idéia de publicá-las um dia. Era um trabalho que podia fazer em casa e que, ainda, podia servir a seu marido, sempre em busca de boas frases e idéias para seus discursos. Mergulhando na memória familiar, reconheceu muitos dos conflitos e problemas que seu marido enfrentava, porque, de outra maneira e em outro tempo, Nehru e Indira também tiveram que lidar com eles: como controlar o poder da burocracia, como apaziguar as tensões regionais, como tirar o país da pobreza...

O desprezo à segurança pessoal parecia ser um traço comum na família. Nehru, Indira e Rajiv não sentiam muito respeito pela "segurança" em geral, porque os distanciava do povo e os fazia pensar mais em uma ditadura que em uma democracia. Pensavam que, se alguém realmente os quisesse matar, sempre encontraria um modo de fazê-lo. Sônia não tinha certeza. Estava percebendo que, se Rajiv não houvesse acabado como primeiro-ministro, com todo o poder do Estado protegendo-os, talvez agora estivessem todos mortos. Suava frio só de pensar nisso. As circunstâncias da vida haviam posto sua família em uma espiral que os obrigava a fugir para frente. Como não existia a possibilidade de parar nem de retroceder, Sônia não teve mais remédio senão mudar, aceitar seu papel e dar um jeito de se adaptar e tirar proveito do que essa vida lhe oferecia.

Não era fácil, porque a atípica situação da família lhes criava problemas inesperados. Por exemplo, Rahul e Priyanka estavam chegando à idade em que deviam entrar em um college. Para onde mandá-los? Sônia dava por certo que não estariam mais a salvo da vingança sique no exterior que na Índia, de maneira que o problema se transformou em fonte de grande ansiedade. Foi quando Rajiv sugeriu mandá-los para o American College de Moscou. De todos os países, a URSS era dos mais seguros, e, além disso, não havia comunidade sique lá. Sônia não achou a idéia boa, de modo que, de momento, descartaram-na.

Como primeira-dama, Sônia acompanhava seu marido ao exterior. Viajavam a bordo de um Boeing 747 especialmente configurado para acomodar o séquito do primeiro-ministro, composto de assessores, ministros, jornalistas e, evidentemente, de uma unidade de agentes do Special Protection Group. Durante os vôos longos, Sônia entretinha-se na leitura de um livro, sua grande paixão desde a infância, enquanto Rajiv revisava discursos com seus assessores, acrescentando toques de última hora ou alguma sugestão inspirada por algumas das cartas de Nehru ou de sua mãe. Rajiv gostava dessas viagens, quando dormia pouco e trabalhava muito. Dava a impressão de que ficava mais à vontade no exterior que em casa. "É bom estar entre amigos", disse a Margaret Thatcher assim que chegou a Londres. Sônia procurava se tornar o mais invisível possível. Não era fácil negar-se a comparecer a recepções nas quais sua presença era requerida, ou evitar fazer discursos. "É uma mulher muito reservada, que não gosta de ser o foco das atenções", explicava seu marido, escusando-a. Existia outra razão: não era bom, em face da política interna, que se falasse de Sônia, porque automaticamente viria à baila sua origem estrangeira, ponto fraco que Maneka primeiro, e a direita fundamentalista hindu depois, estavam usando para desacreditar o primeiro-ministro.

Mas Rajiv sentia-se muito bem entre estadistas internacionais. No fundo, havia sido criado entre eles e falavam a mesma linguagem. Não passava a imagem de um obscuro político do Terceiro Mundo, e sim de um homem moderno e progressista com idéias próprias capaz de se comparar com qualquer líder mundial. Era respaldado por suas conquistas nos primeiros dois anos de mandato, que somavam mais que as de nenhum outro primeiro-ministro em um período de tempo comparável. Quando o criticavam porque sua política de abertura econômica o aproximava dos Estados Unidos ou vice-versa, quando no Ocidente o acusavam de que a Índia se inclinava para a União Soviética, ele gostava de repetir uma frase de sua mãe: "Nós nos mantemos retos, não pendemos para nenhum lado". Rajiv conseguiu que o presidente Ronald Reagan fizesse uma exceção em sua política de não vender à Índia tecnologia que pudesse ser desviada para países do Leste. Queria um supercomputador americano para ajudar a prever a evolução das monções com um alto grau de precisão, algo que pensou que seria de inestimável ajuda para os camponeses. Reagan compreendeu e atendeu ao pedido.

Para Rajiv, essas viagens implicavam participar de intermináveis mesas-redondas, cerimônias, conferências e assinaturas de acordos. Gostava principalmente de visitar laboratórios e empresas de ponta que produziam os últimos avanços tecnológicos e perguntava-se sempre como poderiam ser aplicados na Índia para aliviar a pobreza.

No Japão, Rajiv elogiou o "primeiro país asiático a assimilar o conhecimento científico" e ressaltou as conquistas de seu próprio país: "Em 1947, nem sequer produzíamos tornos; hoje, construímos nossos reatores atômicos e lançamos nossos satélites no espaço". Estava especialmente satisfeito por ter se saído bem naquilo que considerava o maior desafio de seu mandato: a seca de 1987, catalogada como a mais severa do século XX e que afetou 258 milhões de pessoas e 168 milhões de cabeças de gado. Pegou o assunto firmemente nas mãos, mantendo um estreito contato com funcionários locais responsáveis pelos programas de desenvolvimento e de socorro, assegurando-se de que os excedentes de reserva fossem apropriadamente distribuídos e de que os gastos com a ajuda de urgência se transformassem em investimentos para o desenvolvimento - por exemplo, ajudando a cavar poços de água e fazendo obras de irrigação. Sua dedicação e o planejamento quase militar, que lembrava a muitos a capacidade organizativa de sua mãe, fez com que o país não tivesse que importar grãos e, pela primeira vez na história, a Índia saía de uma seca em escala nacional sem fome, sem epidemias, sem mortos e com um produto nacional bruto positivo. "Foi uma grande satisfação para ele!" diria Sônia.

EM OUTRAS FRENTES, os RESULTADOS NÃO ERAM tão alentadores. Em política externa, Rajiv havia herdado uma situação viciada no Sri Lanka, criada em parte por sua mãe.

A antiga ilha do Ceilão era um país povoado por 17 milhões de habitantes, a maioria de cultura cingalesa e religião budista, exceto uma minoria no norte, de 2,5 milhões de tâmeis, de religião hindu, que tinham fortes vínculos raciais e lingüísticos com os 55 milhões de tâmeis que povoavam o estado indiano de Tamil Nadu.

Essa minoria havia se sentido sempre marginalizada pela maioria cingalesa. Sentiam-se tratados como cidadãos de segunda classe, principalmente desde

que o governo, nos anos 1950, declarara o cingalês idioma oficial da ilha. Anos de ressentimento desembocaram no surgimento de uma guerrilha, os Tigres Tâmeis, que queria a independência de seu território na ponta nordeste da ilha. Durante anos, os Tigres contaram com o apoio discreto da Índia. O chefe do governo do estado indiano de Tamil Nadu, um ex-ator de cinema de Tamil convertido ao populismo, fornecia armas, dinheiro e refúgio a eles. Indira fazia vistas grossas por questões de estratégia política interna, visto que esse homem era seu único aliado no sul, e ela precisava de seu apoio político.

Em 1983, os Tigres eram tão fortes que intensificaram a luta armada. O governo do Sri Lanka reagiu com todos os meios a seu alcance e de maneira brutal, de forma que o conflito entrou em uma espiral de terrorismo e repressão que reforçou ainda mais o desejo de independência dos tâmeis. As altíssimas cotas de selvageria e de crueldade de ambos os lados ofereciam um contraste sangrento com a beleza paradisíaca da ilha.

A expressão serena dos budas esculpidos em pedra pelos antigos moradores da ilha parecia, de repente, fora de lugar.

Quando Rajiv chegou ao poder, encontrou o problema de uma avalanche de refugiados cruzando para a Índia, fugindo da ofensiva do exército da ilha. Afora o problema logístico que representava alimentar e alojar milhares de pessoas, existia o risco de que o descontentamento dos tâmeis da ilha contagiasse os do subcontinente, alimentando o desejo de independência do estado indiano de Tamil Nadu, um dos estados com personalidade própria muito acentuada, criando mais tensões secessionistas na Índia - como se não houvesse o bastante.

Você me lembra de sua mãe, quando teve que enfrentar a primeira onda de refugiados de Bangladesh - disse Sônia. - No início, ela não sabia muito bem o que fazer.

O que se deve fazer é corrigir o problema na origem, é o que ela teria pensado. Não devemos dar razões aos tâmeis do Sri Lanka para que venham. O problema tem que ser solucionado em Colombo. Como minha mãe, que teve que solucioná-lo em Bangladesh.

Rajiv despachou uma série de enviados especiais ao Sri Lanka, cuja missão era convencer o governo da ilha a conceder certo grau de autonomia aos tâmeis, dando a entender que, se o governo fizesse as pazes com os tâmeis, a

Índia se comprometeria a cortar totalmente a ajuda à guerrilha. Mas o governo do Sri Lanka, embarcando em uma solução militar, fez ouvidos moucos. Prosseguiu com sua ofensiva e impôs um bloqueio à península de Jaffna, território dos tâmeis no nordeste da ilha. Combustível, alimentos e remédios começaram a faltar.

Não nos ouvem. Eles devem entender que a Índia não pode ficar de braços cruzados. Se não nos convidarem a colaborar com a solução de um problema que nos ameaça diretamente, teremos que intervir sem permissão. Outra guerra? - disse Sônia. - Pense bem.

Rajiv planejou bem a jogada. Viu no bloqueio a oportunidade para a Índia se impor de uma vez por todas. Decidiu mandar cinco aviões de carga escoltados por caças à península de Jaffna para socorrer a população, lançando quarenta toneladas de arroz, remédios e várias outras coisas. Era um gesto movido por um verdadeiro motivo humanitário e, ao mesmo tempo, pela vontade da Índia de se afirmar como poder regional.

A pressão funcionou. O presidente do Sri Lanka acabou assinando um acordo com Rajiv, segundo o qual o governo cingalês concedia uma ampla autonomia aos tâmeis. O acordo também estipulava que uma força de paz indiana seria transferida para a ilha. O exército do Sri Lanka voltaria a seus barracões, e os militantes dos Tigres Tâmeis seriam persuadidos - ou forçados - a depor as armas.

"Este acordo não só acaba com o conflito", declarou Rajiv, "como também traz paz e faz justiça às comunidades minoritárias da ilha."

Sua mãe ficaria orgulhosa de você - disse Sônia.

Mas não era como a vitória de Indira em Bangladesh. Rajiv havia vendido a pele antes de caçar o urso.

A MAIORIA CINGALESA, TEMEROSA DE QUE SEUS interesses fossem prejudicados pelas concessões feitas aos tâmeis, reagiu de maneira violenta aos termos do acordo. Quando Rajiv foi a Colombo no fim do mês de julho de 1987 para ratificá-lo, os agentes do Special Protection Group que o acompanhavam tentaram dissuadi-lo de passar revista à guarda de honra como requeria o protocolo. "Pode ser perigoso", disseram. "Pode haver elementos infiltrados, há muita tensão na ilha..."

Como? Estamos aqui para assinar um acordo que garanta a paz e a

segurança deles... e vocês vão lhes dizer que tenho medo de saudar a guarda de honra?

Seus seguranças, que sabiam quão teimoso seu chefe podia ser, não insistiram. Pouco tempo antes, um deles havia sofrido a ira do primeiro-ministro na própria carne.

Havia ousado se queixar de que Rajiv dirigia muito rápido seu próprio Range Rover, presente do rei Hussein da Jordânia, com o qual gostava de ir de sua casa até seu escritório no Parlamento, e que não o podia seguir pelas ruas de Nova Délhi. Rajiv considerou-o muito insolente e pediu sua transferência. A pressão do cargo fazia surgir em Rajiv traços de teimosia e determinação que lembravam seu irmão e sua mãe.

De modo que prosseguiu com seu programa e acompanhou o presidente do Sri Lanka na revista à guarda de honra, com música de uma banda militar, saudações marciais e toda a parafernália. De repente, um soldado, vestindo o uniforme branco da Marinha rompeu a fila e jogou-se sobre ele com a intenção de acertá-lo na cabeça com a culatra de um rifle. Rajiv percebeu o ataque e agachou-se bem a tempo de se esquivar do golpe que teria arrebatado sua cabeça e que acertou em cheio seu ombro. Tudo ocorreu tão rapidamente que os presentes não notaram o que havia acontecido. Rajiv quis minimizar o incidente e rejeitou ser atendido pelos médicos. Permaneceu ouvindo o hino nacional, agüentando a dor, e continuou seu programa, impassível. Enquanto não entrou no avião para a viagem de volta não se deixou tratar por seu médico. Gostaria de ter contado a Sônia pessoalmente, para que não se assustasse, mas a televisão havia transmitido as imagens para o mundo inteiro. Sônia e seus filhos as haviam visto na sala de casa e estavam de novo com o coração na boca. Outro pequeno incidente os fazia lembrar o perigo constante em que viviam. "Durante muito tempo", contaria Sônia, "não consegui mexer o ombro nem dormir sobre o lado esquerdo."

Rajiv ainda não havia aterrissado em Nova Délhi quando o governo do Sri Lanka solicitou pôr em prática a cláusula de assistência militar. Uma força de paz de vários milhares de soldados indianos foi despachada à ilha com a intenção de supervisionar o cessar-fogo e o desarme da guerrilha, e, uma vez cumprido o objetivo, voltar.

Mas as tropas foram vistas com receio por ambos os lados, pela maioria

cingalesa que as acusava de violar a soberania, e pelos Tigres, que até então haviam pensado que a Índia estava do seu lado. Quando os soldados da força de paz lhes pediram que depusessem as armas, os tâmeis acrescentaram, de repente, condições impossíveis, jogando o acordo por terra. Retornaram à selva, de onde faziam violentos ataques contra a força de paz. Tendo que se defender, os indianos acabaram ainda mais implicados na contenda, assumindo o papel que o exército do Sri Lanka tinha anteriormente. Rajiv chegou a enviar quase 70 mil soldados, o que espalhou pânico no Parlamento de Nova Délhi:

- O primeiro-ministro está transformando o Sri Lanka no Vietnã da Índia! - acusou a bancada da oposição.

Rajiv havia sido muito ingênuo ao pensar que os tâmeis jogariam limpo. "Descumpriram cada compromisso que haviam assumido conosco", declararia Rajiv. "Deliberadamente destruíram o acordo porque ou não eram capazes, ou não queriam fazer a transição da luta armada a um processo democrático." Rajiv havia apostado tudo em uma carta, mas os tâmeis o deixaram na mão. Ao retirar deles o apoio de que sempre haviam desfrutado na Índia, viram-no como um traidor de sua causa.

FRUSTRAÇÃO, DESENGANO E EXASPERAÇÃO eram também o dote de um primeiro- ministro, principalmente quando os resultados de eleições regionais pareciam confirmar as previsões dos falcões de seu partido, que o haviam posto em guarda contra uma política que não desse resultados imediatos aos pobres. Em 1987, o Congress perdeu em vários estados, provocando um aumento do descontentamento na velha guarda, que começou a questionar a liderança de Rajiv à frente do partido. Além do problema do Sri Lanka e da derrota eleitoral, houve um escândalo que causou um dano irreparável a sua imagem de Mr. Clean. Em 16 de abril de 1987, a rádio sueca anunciou que milhões de dólares haviam sido pagos em comissões a funcionários indianos e a membros do Congress pela empresa armamentista sueca Bofors em conexão com um contrato para a venda de 410 morteiros às forças armadas indianas. O contrato havia sido o resultado da decisão de Rajiv de melhorar o equipamento do Exército indiano, o quarto maior do mundo depois dos Estados Unidos, União Soviética e China.

Rajiv e seu governo reagiram ferozmente contra as alegações da rádio sueca, desmentindo várias vezes que houvessem sido pagas comissões. A oposição percebeu o medo nas filas do governo e lançou um ataque contra o primeiro-ministro com todos os meios a seu alcance. A imprensa chegou a acusá-lo veladamente de ter recebido uma

comissão por meio da família de Sônia, aludindo à proximidade entre Turim e Genebra, deixando a entender que haviam utilizado contas suíças manipuladas pela família ou amigos da família. Houve até jornalistas que ligaram para os pais de Sônia em Orbassano, e o pobre Stefano Maino viu-se, de repente, envolvido em uma suposta trama de tráfico de armas e de cobrança de comissões! A única coisa que aquelas ligações fizeram foi alarmá-los ainda mais, porque a distância exacerba a angústia, e o medo do que pudesse acontecer com sua filha e seus netos já era grande. Escavando o assunto, a imprensa indiana trouxe à baila o nome de um homem de negócios que estivera envolvido em vários contratos de venda de helicópteros e armamento de empresas italianas para o Estado indiano. Ottavio Quattrochi, o exuberante amigo que havia anos pertencia ao círculo íntimo de Rajiv e Sônia, tinha recebido, com certeza, uma suculenta comissão no assunto Bofors. Daí a insinuar que Quattrochi havia passado parte dessa comissão no exterior a eles era só um passo, que os jornalistas

deram alegremente.

Que escândalo mais apetitoso!

Mesmo que nenhuma publicação pudesse fornecer provas, o mal estava feito e a ingenuidade e falta de experiência de Rajiv só fizeram agravá-lo. Em vez de ignorar acusações sem fundamento, foi se defender no Parlamento: "Declaro categoricamente neste alto foro da democracia que nem minha família nem eu recebemos comissão alguma nessas transações da Bofors. Essa é a verdade". Mas a verdade já não importava. O importante para os adversários de Rajiv era que ele havia mordido a isca, que em vez de ignorar a alegação desde o início, reagira com tanto ímpeto que abrira a caixa de Pandora das insinuações e falsas suspeitas. Desmentiu de novo que houvessem sido pagas comissões ou que qualquer cidadão indiano tivesse se beneficiado com esse contrato, e, ao fazer isso, afundou-se ainda mais no lodo do escândalo. Em um país onde até um carteiro dá uma pequena mordida para entregar a correspondência ao pobre de uma favela, onde a prática do intermediário existe em todas as facetas da vida e é tão antiga quanto a própria cultura, era difícil acreditar que em um contrato de um bilhão de dólares ninguém tivesse recebido um centavo. Apesar de um comitê parlamentar conjunto concluir que o processo de elaboração e avaliação fora objetivo e correto, que a decisão de atribuí-lo à Bofors havia se baseado só no mérito e que não existia evidência de intermediários no momento em que foi assinado o contrato, Rajiv já era submetido a um veredito público, e esse veredito o acusava de estar escondendo alguma coisa. "Talvez seja verdade que Rajiv não estava envolvido na corrupção", reconheceu a imprensa. "Mas deve estar envolvido na camuflagem da corrupção!", proclamava a seguir. Quando um jornalista do *índia Today* perguntou por que Rajiv não respondia a essa última alegação, este respondeu irritado: "Tenho que responder a qualquer cão que ladra?".

Mais tarde, Rajiv reconheceu que nem ele nem seu gabinete haviam sabido lidar com o problema. Na realidade, havia reagido como um homem decente. Não reagira como um político experiente procurando um bode expiatório e atribuindo-lhe a culpa. Não contou com o fato de que se movimentava no mundo sujo da política, em que a verdade não era importante, e sim sua manipulação para semear dúvidas e arrasar a imagem do adversário. Sônia estava triste por ele e furiosa por ter sido implicada em

tamanho despropósito de maneira tão ridícula, mas tão destrutiva, por meio de sua família e dos Quattrochi. Percebeu que havia se transformado em alvo de todas as críticas e que nem sequer na intimidade era livre.

Acabaram-se os brunches de domingo. Nem Maria nem Ottavio Quattrochi, nem nenhum dos homens de negócios ou diplomatas que conheciam voltaram à residência do primeiro-ministro.

Que injusto, pensava Sônia. Principalmente porque ela havia sido testemunha de primeira mão dos termos gerais da negociação. Foram traçados em volta de uma lasanha que ela fizera pessoalmente para a ocasião. Era janeiro de 1986, e o primeiro-ministro sueco Olof Palme, em visita a Nova Délhi, fora jantar em sua casa. Ele e Rajiv haviam se tornado amigos durante umas conferências sobre desarmamento na sede da ONU em Nova York. Rahul e Priyanka também estiveram presentes nesse jantar, quando ambos os estadistas discutiram abertamente os termos do contrato e Rajiv insistiu em seu veto aos intermediários, justamente para baratear o custo da transação.

Como Sônia poderia esquecer de Olof Palme, tão comprometido com os problemas do Terceiro Mundo, que dividia com Rajiv tantos pontos de vista, como a oposição ao regime do apartheid ou o apoio aos países não-alinhados? Menos de um mês depois daquele jantar, Sônia ficou gelada ao saber pela televisão, em 18 de fevereiro de 1986, do assassinato do líder sueco, em plena rua, quando saía do cinema com sua mulher. Meu Deus! Será que já não existe nenhum lugar seguro no mundo? Se algo assim ocorre na Suécia, o que pode acontecer conosco aqui na Índia?

O assunto Bofors transformou-se em uma cruzada que a oposição usou para tirar Rajiv de seu posto, mas os jornalistas e os editores de imprensa sentiam-se frustrados por sua própria incapacidade de fornecer uma prova definitiva de malversação por parte do governo. Ninguém parecia saber quem recebera propina da empresa sueca, nem mesmo o governo, e menos ainda Rajiv. Mas todos já admitiam que a cláusula do contrato que vetava os intermediários havia sido violada. Teriam sido membros do Congress desvinculados do governo que receberam o dinheiro e o encaminharam para os cofres do partido? Teria sido Ottavio Quattrochi, usando sua proximidade do poder? Isso era possível sem que o máximo responsável, ou seja, o

primeiro-ministro, soubesse? Rajiv afirmou sempre que não, mas a dúvida pesava como uma lápide. O clima de incerteza pulverizou sua credibilidade. Durante os primeiros dois anos de seu mandato, havia desfrutado de uma imprensa favorável e parecia incapaz de fazer algo de errado. Até a oposição tinha dificuldade de criticar suas ações, limitando-se a criticar seu estilo: "A política indiana já não cheira a pobre como nos tempos do Mahatma Gandhi", declarou um famoso jornalista de um partido rival. "Agora, com Rajiv, tem cheiro de after shave".

"No início, nada do que eu fazia estava errado", diria Rajiv. "De repente, nada do que eu fazia estava certo. Evidentemente, nenhuma das duas coisas eram certas."

De Mr. Clean, passaram a chamá-lo pejorativamente de the boy, com a intenção de compará-lo desfavoravelmente a sua mãe. "Será que the boy conseguirá estar à altura?"

era o tema do editorial de um jornal.

Na realidade, a maioria dos problemas de Rajiv tinha a ver com sua inexperiência política e sua candura como ser humano. Tinha dificuldade de fixar os limites entre a lealdade aos amigos e o bem público. O nome dos irmãos Bachchan, amigos de infância em cuja casa Sônia havia morado em seus primeiros dias na Índia, viu-se associado a obscuros escândalos financeiros. Um primeiro-ministro mais prudente teria se distanciado deles. Mas Rajiv não o fez, ao contrário, mostrava-se ressentido porque criticavam seus amigos. Sua mãe dizia sempre que em política não existem relações sociais, mas ele era muito bom amigo para ser bom político. No início, negava-se a admitir que seus amigos pudessem falhar com ele, e, preferia ver uma conspiração de seus adversários políticos que a verdade. Porém, muitos amigos de confiança que havia nomeado como conselheiros acabaram decepcionando-o. Um deles, um piloto, o encarregado de alertá-lo quando sua licença de voo expirasse e de cuidar dos assuntos de sua circunscrição de Amethi, foi acusado pela imprensa de construir uma piscina de mármore importado da Itália em sua casa. De novo Rajiv, em vez de se distanciar dele, defendeu-o e fez um comentário que lhe causou mais prejuízo político que se realmente houvesse cometido um erro de governo.

Disse que muitos pilotos de aviação tinham casas com piscina, uma declaração que, dita em qualquer país do Ocidente por um chefe de Estado

que, além de tudo, houvesse sido piloto de uma linha aérea, não causaria furor algum. Na Índia sim. A oposição jogou na sua cara sua falta de respeito para com a "sensibilidade indiana". Foi muito criticado pelo costume de tirar uns dias de férias no Ano Novo com sua família em locais às vezes exóticos, como as ilhas Lakshadweep, no Oceano Índico, ou nas ilhas Andaman, na baía de Bengala. No Ocidente teria parecido razoável que alguém que trabalhava tanto merecesse um descanso, que os filhos que viviam enclausurados o ano todo pudessem desfrutar de uns dias de liberdade e segurança; mas, em um país pobre como a Índia, o fato de o máximo mandatário passar bem era malvisto. Na realidade, Rajiv e Sônia seguiam o costume de se reunir em família no Natal e no Ano Novo, mas em 1988 deixaram de fazer isso na Itália. Em outubro desse ano, Stefano Maino havia morrido fulminado por um ataque cardíaco, e pensaram que era melhor convidar a família a ir a algum lugar que não lhes lembrasse as antigas reuniões ao redor do patriarca.

SÔNIA FOI A ORBASSANO PARA O ENTERRO, praticamente incógnita, e quase não se mostrou em público. Além dos problemas de segurança, havia um lógico sentimento de profunda desolação e a vontade de estar em família, com sua mãe e suas irmãs, lembrando, consolando-se mutuamente. Ao ouvir o ruído da primeira pá de terra que o coveiro jogou sobre o caixão, Sônia estremeceu. Uma parte de sua vida ficava sepultada para sempre. Não mais ouviria seus conselhos de sábio montanhês que, agora percebia, a haviam marcado mais do que sempre acreditara.

De volta a casa, conversou com Danilo Quadra, o amigo de Stefano, que rememorou os últimos momentos da vida do velho pastor dos montes Asiago. Contou-lhe que estavam jogando dominó no bar do Nino, na praça de Orbassano, como faziam diariamente havia anos, e que, assim que voltou para casa, essa casa que para Stefano era o símbolo de seu sucesso na vida, caiu fulminado. Morreu sem sofrer. Uns dias depois, Danilo contou-lhe que Stefano estava irritado desde que soubera do recrudescimento dos ataques contra Sônia na imprensa indiana.

"Não gostam de minha filha ali porque é daqui", disse ele. É verdade?

Não acho - disse Sônia. - Os que não gostam de mim são os que estão contra meu marido.

Ele se irritava porque, pelo fato de você ser italiana, o governo indiano evitava qualquer contrato com empresas daqui - continuou contando Danilo. - Uns dias antes de morrer, ele me disse que a Fiat havia feito uma oferta muito boa de venda de tratores, mas que no fim o contrato havia ficado com os japoneses... por medo do governo de seu marido de ser acusado de favorecer empresas italianas. Isso é verdade? - tornou a perguntar Danilo.

Sônia olhou para ele com seus olhos pretos, inchados pelo cansaço e pela dor, e assentiu. Quando ficou sozinha e foi dormir naquele que havia sido seu quarto de solteira, perguntou-se, surpresa consigo mesma: sou realmente daqui? Seu pai teria se revirado no túmulo se a ouvisse dizer algo assim, mas sentia uma indefinível sensação de estranheza, de não pertencer mais a esse cenário que havia sido seu na juventude. Como se a morte de seu pai houvesse precipitado o sentimento de desarraigamento.

Sônia tinha dificuldade de se reconhecer no país de sua infância. Sua mente estava muito longe das preocupações cotidianas das pessoas de Orbassano para que pudesse se identificar com elas. No fundo, havia vivido mais anos na Índia que na Itália, mais anos em um ambiente voltado aos problemas de governar um sexto da humanidade que em um ambiente orientado ao mero bem-estar individual. Fazia tempo que seu coração deixara de oscilar entre os dois mundos. Era dali, e a morte de seu pai veio lhe confirmar, de uma maneira secreta, como se o desaparecimento de quem mais se opusera a seu desígnio a fizesse ver com mais clareza de que lado estava realmente.

Ficou trancada vários dias em casa, sem vontade de nada. Nem sequer teve forças de ir ver Pier Luigi; não queria falar com ninguém, dar explicações, contar sua vida...

Era possível contá-la? Como pretender que alguém entendesse a vida que levava? Só sua família mais próxima podia entender, e agora nem sequer seu pai. Assaltaram-na pensamentos obscuros... "Devia ter sido mais carinhosa com ele", dizia-se, "devia ter insistido para que fosse mais vezes a Délhi, ter estado mais próxima dele, tê-lo levado ao médico, e talvez pudessem ter evitado o infarto..." Era uma ladainha de censuras provocadas pela dor imensa de ter perdido o homem que, ao lado de Rajiv, mais amava. Quando fechava os olhos, lembrava das cócegas do bigode de seu pai em sua face, seu cheiro de sabonete, seu sorriso e seu cenho, suas palavras sempre ajuizadas, impregnadas de um bom senso muito básico. Lembrava quando a levava a visitar uma obra acabada, e ele lhe mostrava com orgulho o

trabalho bem-feito. "Por que foi embora tão rápido?" perguntava-se Sônia. Lembrou-se de Indira, que havia perdido seu marido de um infarto, que é como quando se apaga a luz de repente. Ou quando explode uma bomba e deixa uma cratera. Dizem que é melhor morrer assim, mas Sônia teria gostado de se despedir dele, de lhe dizer quanto o amava... mesmo que só uma vez. Achava tão estranho que seu pai não estivesse mais ali que uma noite se levantou e foi ao cemitério rezar sobre seu túmulo. Encontrou sua irmã, que tivera a mesma idéia. Queriam estar com ele, porque às vezes o inconsciente demora a aceitar o inevitável. Poucos dias depois, Sônia foi para Nova Délhi e nunca ninguém tornou a vê-la em Orbassano.

A história se repetia. Rajiv Gandhi não podia ser primeiro-ministro sem provocar a mesma animosidade que haviam suscitado anteriormente seu avô e sua mãe. Em 1989, partidos de direita e esquerda aliaram-se com membros do antigo Partido Janata, a coalizão que havia nascido para derrotar Indira, com o objetivo de se candidatar com uma frente comum às eleições gerais e atingir uma mesma meta: de novo tirar um Gandhi do poder. Durante a campanha, um episódio de violência feroz no estado de Bihar entre muçulmanos e hindus embaçou ainda mais a já desgastada imagem de Rajiv. Houve mais de mil mortos antes que Rajiv pudesse se encarregar de aplacar os distúrbios.

Depois, continuou percorrendo o país ao estilo de sua mãe, acumulando comícios e quilômetros e vendendo as conquistas de seu governo. A diferença é que sua mãe andava cercada de pouca proteção, o que lhe permitia apertar mãos, dar abraços e, enfim, estar em contato físico com o povo. Cada viagem de Rajiv, porém, implicava a mobilização de uns trezentos agentes de segurança, que não lhe permitiam se aproximar tanto, salvo em situações absolutamente controladas. De vez em quando quebrava o protocolo, mesmo que tivesse que discutir com suas escoltas, mas, em geral, cada movimento seu implicava tanta logística que precisava pensar bem se valia a pena ou não. Sabia que tanta limitação o fazia parecer um líder distante das massas, e por isso lutava para se livrar da vigilância.

"Nunca tive medo por mim", declarou em uma entrevista. Como sempre, quem tinha mais consciência do perigo era Sônia.

Em campanha, Rajiv viajava em um Boeing do Exército, custeado pelo

partido, que decolava de Nova Délhi antes do amanhecer e lhe permitia visitar três ou quatro estados em um dia. Para chegar a lugares remotos, utilizava helicópteros que na véspera da viagem haviam treinado a aterrissagem em pistas improvisadas. Terminava a jornada depois da meia-noite e dormia algumas horas no avião ou em um alojamento do governo. Só alguém com a resistência e o senso esportivo da vida de Rajiv podia suportar um ritmo como esse. Sem dúvida, os indianos não professavam por ele a mesma adoração que sentiam para com seu avô, nem o respeito quase reverencial com que cercavam Indira, mas apreciavam esse homem decente que lutava para se mostrar digno da carga dinástica que havia herdado. Em várias ocasiões, seu filho Rahul, um adolescente de óculos que se parecia muito com ele, acompanhou-o. Para o jovem, foi o batismo de multidões. As pessoas queriam tocá-lo, como se fazendo isso se contagiassem da magia e do poder de um Gandhi. Priyanka não seria menos que seu irmão, e insistiu para que ela e sua mãe fossem à circunscrição de Amethi, da qual Rajiv era deputado.

Priyanka gostava muito de fazer campanha junto com sua mãe. Ambas eram muito populares e muito queridas entre o milhão e meio de habitantes de Amethi, que desfrutavam agora da prosperidade que Rajiv havia prometido em sua primeira campanha. Amethi podia alardear, agora, que tinha todas as estradas asfaltadas; quase todas as suas aldeias tinham eletricidade e água potável e um pequeno boom industrial havia reduzido drasticamente o desemprego. Essas eram as vantagens de ter seu deputado como primeiro-ministro. Mãe e filha foram recebidas com muito carinho e efusividade. Sônia era a atração principal dos camponeses, desejosos de colocar uma guirlanda de flores ao redor do pescoço dessa estrangeira que os intrigava porque sempre usava sári e falava híndi com fluência. "Pode ser que seja filha da Itália, mas sou nora de Amethi", dizia-lhes para explicar sua origem, e seu sorriso mostrava suas graciosas covinhas. Como Sônia não gostava de falar em público, preferia ir de casa em casa, ou de choça em choça, e estimular as pessoas a votarem em seu marido. Também mãe e filha improvisavam comícios de beira de estrada, onde explicavam o mesmo que Rajiv e Rahul explicavam a milhares de quilômetros dali a outros camponeses ainda mais pobres. Distribuía adesivos e insígnias aos jovens, e às mulheres uns binais (o ponto no meio dos olhos) adesivos com o logo do Congress, a palma da mão aberta. "Só quero que percebam quanto

melhorou a situação de suas aldeias desde que Rajiv foi eleito parlamentar, há oito anos...", dizia Sônia, antes de acrescentar. "Irmãos e irmãs, se quiserem que continuemos trabalhando, votem em meu marido."

Seu marido já não era o político um tanto imaturo de cinco anos atrás. A adulação não fazia nele o mesmo efeito, não se envergonhava das canções que lhe dedicavam nem dos floridos adjetivos com que o descreviam. Estava impaciente por fazer entender os avanços conseguidos, as novas políticas e as inovadoras iniciativas empreendidas.

Esgoelava-se explicando como havia solucionado grande parte dos conflitos herdados em 1984 e como havia conseguido colocar a economia na trilha de um crescimento de 6%, quatro pontos a mais que quando sua mãe governava, mas tinha a impressão de que perdera o poder de persuasão e que suas palavras eram levadas pelo vento.

Irritava-o sentir que havia agido bem, mas, ao mesmo tempo, ter que se defender constantemente de ataques e insinuações malévolas. A verdade é que sua imagem passara de "filho valente que assumia o manto de sua mãe" a "boyzinho europeu que vivia à custa do povo". Era inevitável que, depois de aplacar antigos conflitos, surgissem

novos, mas o importante era que a Índia permanecia unida, era um país respeitado internacionalmente e a economia estava decolando. Porém, a oposição o atacava com uma avalanche de calúnias. Sônia era o alvo favorito das críticas: uma estrangeira manipuladora que desviava recursos dos pobres indianos para paraísos capitalistas com a ajuda de amigos e familiares no mais puro estilo mafioso, tão próprio de seu país. O problema de sua nacionalidade era tão espinhoso que a aconselharam a não ir receber o papa em sua escala em Nova Délhi. Não se considerava politicamente correto que milhões de indianos a vissem fazer reverência e beijar o anel do máximo pontífice da Igreja católica. Na realidade, nem os políticos, nem as massas nem os meios de comunicação estavam acostumados ao glamour de um casal no mais alto posto de governo. Não existia, na Índia, a tradição dos Kennedy, dos Blair, porque todos os primeiros-ministros anteriores haviam sido viúvos, começando pelo avô Nehru.

Ao fim da campanha, Rajiv estava escaldado e decepcionado. Começou a ter dúvidas de que seu trabalho e a sinceridade de seus propósitos acabariam se impondo, como pensava no início. "O mundo real é uma selva", escreveu a

sua filha Priyanka, "mas nem sequer a lei da selva funciona quando se está na vida pública." Seu aspecto refletia seu desalento. Não tinha mais o rosto sereno e a expressão descontraída do passado. Com a idade, suas feições haviam se crispado, seu andar era mais pesado, sua voz perdeu firmeza, mas continuava sendo caloroso, porque ele era um homem afável.

Na oposição, uma exultante Maneka Gandhi também punha em prática, a sua maneira, tudo o que havia aprendido com sua sogra. Fazia campanha em uma circunscrição vizinha à de Rajiv com todo o vigor de sua juventude e sua vontade de desforra. Indira deve ter se escandalizado no além ao descobrir que sua nora se tornara uma das secretárias-gerais de uma nova versão da coalizão Janata, sigla que a havia vencido e levado à prisão. Além do mais, Maneka atuava como jornalista e repórter especializada em assuntos ambientais, principalmente a proteção dos animais, um tema muito afim com a ideologia da direita hindu, sempre muito preocupada em proteger a vaca sagrada. A influente revista índia Today descrevia assim seu estilo de fazer campanha: "Esta é a Maneka real: madura, confiante, uma incansável política que sabe exatamente como conquistar o coração rural. Usa sáris com as cores açafão e verde de seu partido e a cabeça sempre coberta; a perfeita imagem de uma viúva recatada, mas decidida". Não tinha escrúpulo algum em usar seu vínculo com a família para apoiar o partido contrário. Os slogans, escritos em paredes e muros de adobe, ofereciam um curioso panegírico da "cunhadíssima": "A tempestade da revolução: Maneka Gandhi" ou "A valente nora de Indira dará seu sangue pela nação", como se sua relação com a família bastasse para torná-la mártir em potencial.

As ELEIÇÕES OCORRERAM DE 22 A 24 DE NOVEMBRO DE 1989. A maior mobilização

voluntária no mundo de homens, mulheres e material com um único objetivo culminou com poucas interrupções e poucos distúrbios. Três milhões e meio de funcionários públicos supervisionaram 589.449 colégios eleitorais para que 500 milhões de pessoas depositassem suas cédulas nas urnas. Todo o processo, que foi vivido como uma grande festa, era motivo de orgulho para a maioria da população, que encontrava na democracia um novo Deus que a unia acima de suas diferenças de casta, raça ou religião. Rajiv tornou a ganhar em Amethi, mas o Congresso, pela

primeira vez em sua história, não obteve a maioria absoluta no Parlamento nacional. Os analistas estavam de acordo em afirmar que o assunto Bofors tivera um papel importante nos resultados. Aquelas eleições marcaram o final do que se chamava "sistema de partido dominante", porque nunca mais nenhum partido tornou a conseguir a maioria absoluta no Parlamento.

Havia corrido o rumor de que Rajiv tinha um voo reservado para a Itália em caso de derrota, mas não era verdade. Pouco antes das eleições, um amigo íntimo, também apaixonado pela música, havia lhe perguntado:

-Vamos supor que você perca as eleições...

Para mim, seria a paz - respondeu Rajiv. - Vou me sentar e ouvir música com as crianças. Retomarei minhas velhas paixões, como o radioamadorismo e a fotografia.

Mas falara por falar, levado pelo cansaço e pelo desgaste. Tanto ele quanto sua família, depois de todo o esforço realizado, estavam desiludidos. Priyanka, que herdara o caráter lutador de Indira, não se dava por vencida.

Papai - dizia - se o Congress conseguiu o maior número de cadeiras, tem direito de formar governo... Por que não faz isso?

De fato, Rajiv tinha direito de formar governo, mas decidiu abster-se. Mesmo que houvesse recebido apoio suficiente nos partidos minoritários, pensou que não era momento de continuar.

Acho que é melhor me manter de fora - disse a ela. - Vou renunciar, agora é a vez de os novos se preocuparem. Interpreto os resultados como uma mostra de que o povo não está tão satisfeito como deveria estar. É lógico que, depois de tantas expectativas no início, agora tenha existido uma reação contra...

Afastado do poder pelo pêndulo da democracia, Rajiv sentia uma grande frustração. Não pelo veredito do povo, mas por não ter podido fazer tudo o que havia se proposto, e por sua incapacidade de se mover no ninho de cobras da política indiana. Agora que sabia como era difícil construir alguma coisa, mudar conceitos e idéias, sentia vertigem ao pensar na facilidade com que seu trabalho dos últimos anos podia ser destruído. Talvez sua visão da Índia houvesse pecado por inocente: em cinco anos, quis que sua velha nação, tão resistente às mudanças e ao mesmo tempo tão desejosa delas, empreendesse uma viagem de vários séculos rumo ao futuro. Não era pedir muito a esse velho elefante indiano? Por um momento, Sônia pensou que ele talvez abandonasse a política, mas, ao vê-lo tão angustiado, foi ela quem o estimulou a continuar. Rajiv respondeu de bom humor a um jornalista que lhe perguntou a se finalmente havia aceitado a política como profissão:

Sim, só que às vezes gosto de tirar uma folga. Acho que é algo muito humano.

Sônia sabia que era impossível voltar à vida de antes. Quando seu marido olhava para trás, era com saudade, mas assumindo que aquilo era passado: "Sou o mesmo de sempre", disse em uma entrevista para a televisão, "o que mudou é todo o resto. Eu tinha uma vida muito confortável, uma família

pequena, um trabalho bem pago com muito tempo livre... mas tudo isso acabou." Rajiv estava imbuído de um sentimento de fatalidade que o fazia pensar que um homem não renega seu destino. Os últimos anos o fizeram crescer em uma direção que o colocara em um plano diferente na vida. Agora, os desafios eram muito maiores e as expectativas eram diferentes. Acima de tudo, a responsabilidade de melhorar a vida de 800 milhões de pessoas havia se transformado em algo prioritário para ele. "Essa responsabilidade pesa tanto que muda tudo o que eu fazia e o que faço agora. O que não vai mudar é meu compromisso com o povo da Índia para melhorar sua vida, e para que a nação tenha seu lugar no mundo." A derrota não havia alterado sua fé. Sabia que seu nome era, para seu partido - abalado por várias derrotas em diversos estados - o único recurso.

Seu plano era continuar reformando-o para transformá-lo em uma organização mais democrática, como nos tempos de seu avô. Um partido aconfessional capaz de abarcar todas as tendências e as crenças. Uma casa comum que seria o melhor antídoto contra o crescente facciosismo religioso que o país vivia. Para fazer esse trabalho, era melhor estar na oposição.

Com esta coalizão entre comunistas e a direita fundamentalista hindu - disse a sua filha, sempre muito interessada no dia-a-dia da vida política - ocorrerá o que aconteceu com a vovó e o Janata... Cairá por seu próprio peso. É apenas questão de tempo antes que seus líderes briguem pelo poder, você vai ver.

Rajiv renunciou em 29 de novembro de 1989: "As eleições se ganham e se perdem... o trabalho de uma nação nunca acaba. Quero agradecer ao povo da Índia o afeto que me dispensou com tanta generosidade". Eram palavras que evocavam as do testamento de seu avô, no qual Nehru havia afirmado sentir-se comovido pelo carinho que todas as classes de indianos lhe haviam professado. Eram palavras que soavam a despedida. O encontro que Rajiv Gandhi tinha com o destino aproximava-se inexoravelmente.

Tal como previra, os dois líderes mais importantes da nova coalizão envolveram-se em uma briga pela designação do novo primeiro-ministro. Era um mau começo que pressagiava uma singradura tempestuosa. Mas entre os novos membros do governo encontrava-se uma pessoa especialmente eufórica que havia feito parte da dinastia familiar dos Nehru.

Ao ser nomeada ministra do Meio Ambiente e Bosques, Maneka Gandhi viu por fim realizado seu velho sonho. Estava no poder. Havia conseguido a desforra, e pretendia levá-la muito longe. Foi uma humilhação a mais para Rajiv, mas estava vacinado contra os meandros da política e nada desse mundo o surpreendia. Para o resto da família, que havia visto Maneka usar seu sobrenome com total falta de escrúpulo, foi uma amarga pílula que só a certeza de que esse governo seria flor de um dia conseguiu adoçar.

Para Sônia, perder as eleições significava uma nova mudança, dessa vez a última. Tiveram que abandonar a residência oficial do primeiro-ministro e ocuparam outra vila branca de estilo colonial, de um único andar e cercada por um amplo jardim. Ficava no número 10 da avenida Janpath, a antiga Queen's Way, uma das grandes artérias de Nova Délhi margeada de flamboyants e de carquejas, árvores com galhos muito abertos e frondosos, e cujas folhas amargas, segundo a crença popular, "curam tudo".

Talvez sua sombra protetora fosse responsável por curar a melancolia causada pela derrota, porque, assim que se mudaram, o ambiente em casa se animou. A vida se fez um pouco mais tranqüila, mais leve, como se houvessem tirado um peso das costas: o peso do poder. Rajiv continuava muito atarefado com seu trabalho no Parlamento e no partido, mas a um ritmo mais tolerável. "Estava descontraído", escreveria Sônia, "quase aliviado. De novo desfrutava de prazeres simples e cotidianos como refeições não interrompidas, conversar conosco depois, assistir de vez em quando a um vídeo em vez de se trancar em seu escritório para trabalhar." O chef do requintado restaurante indiano Bukhara, onde outrora costumavam ir com a família ao bufê dos sábados, recebeu-os de braços abertos quando tornou a vê-los depois de tão longa interrupção. Foram ali comemorar o aniversário de Rahul e sua iminente partida para os Estados Unidos. As crianças já não eram crianças, e sim jovens adultos devoradores de jornais e muito interessados em tudo o que acontecia a sua volta. Como não podiam continuar estudando em casa porque já haviam terminado o equivalente ao ensino médio, Rajiv e Sônia decidiram mandar o filho à universidade de Harvard, acabando, assim, com a tradição de educar os filhos na Inglaterra, como fizeram três gerações dos Nehru. Priyanka preferiu ficar em Nova Délhi, estudando Psicologia no Jesus and Mary College. Sua obsessão pela política preocupava tanto a seu pai que ele comentou com Benazir Bhutto

quando se encontraram pela última vez em Paris, convidados pelo presidente Mitterrand a assistir às comemorações do bicentenário da Revolução Francesa.

- Por favor - disse Rajiv - quando a vir, tente convencê-la a não se meter nisso.

Se ouvisse a alguém, sabia que sua filha ouviria Benazir, cujo próprio pai havia sido assassinado depois de uma paródia de julgamento sob as ordens de um ditador militar. Era outro exemplo, próximo e terrível, do destino que esperava aqueles que se deixavam seduzir pela política. "Ela não percebe como isso é perigoso", insistiu Rajiv diante de Benazir.

Pensou que, estando fora do poder, a ameaça que pesava sobre ele e seus filhos diminuiria, mas os informes que chegavam sobre sua segurança mantinham-no sempre preocupado.

As ameaças contra sua vida haviam se multiplicado. Em 1984, era o primeiro na lista de três grupos terroristas. Cinco anos depois, de uma dúzia de organizações, inclusive os Tigres Tâmeis. O problema do Punjab parecia ter sido solucionado, mas havia outros conflitos, especialmente entre hindus e muçulmanos, potencialmente perigosos da mesma forma. "Vocês dois viveram em circunstâncias muito difíceis durante muito tempo, cinco anos em um espaço limitado à casa e ao jardim", escrevera Rajiv a seus filhos em uma ocasião. "Foi a poça de sua vida em que deveriam ter tido liberdade, conhecido gente e sua idade, descoberto o mundo como realmente é. Infelizmente, as circunstâncias não nos permitiram lhes oferecer uma vida normal." Aquela carta exalava um sentimento de culpa e, ao mesmo tempo, de fatalidade. Rajiv tinha consciência de que não era dono de seu destino. O que o havia lançado à política fora um acidente, e depois um atentado o levava ao mais alto cargo do governo da nação; e, finalmente, o escândalo Bofors o colocara na oposição. Não pudera mudar o rumo dos acontecimentos, e nessa carta parecia desculpar-se pelo sofrimento que isso ocasionou a seus filhos.

NA REALIDADE, A DERROTA NAS ELEIÇÕES foi uma bênção para Sônia. Em agosto, foram passar uns dias em Mussorie, nas montanhas, e Rajiv dirigiu seu próprio carro. Era sua primeira escapada juntos em dezenove meses, e ali, com a cordilheira do Himalaia ao fundo, celebraram o que seria o último aniversário dele. Depois, no Natal, quando Rahul voltou

de Harvard, toda a família foi passar uma semana de férias na casa de campo de Mehrauli, aquela que Firoz Gandhi havia comprado com a idéia de passar seus últimos anos tranqüilo com Indira. Nunca puderam estrear essa casa antes, cujos detalhes de construção Rajiv havia supervisionado durante anos e custeado com suas economias. "Foi a primeira vez que moramos em uma casa que era inteiramente nossa", escreveria Sônia. Rajiv encarregou-se de prepará-la. Seus filhos ajudaram a tirar os móveis de jardim e a limpar o vetusto interior enquanto ele preparava algo para beliscar, porque preferia isso às refeições formais.

Eles escondiam o chocolate de que tanto gostava porque achavam que, desde que havia deixado o poder, ganhara peso. Lembraram as festas de Holi que haviam passado ali na infância, jogando pós coloridos uns nos outros. Jogaram baámington e scrabble e Sônia começou a tirar o mato de uma parte do jardim com a idéia de plantar uma hortinha.

O campo a atraía, desde sempre, desde sua infância em Lusiana. Como teria gostado que seu pai estivesse com eles nessas férias! Como ele teria gostado dessa casa!

Lembrava-se muito dele. Em suas ligações semanais para a mãe em Orbassano, quase se deixou levar pelo reflexo de perguntar por seu pai.

"Desfrutamos muito de cada minuto dos seis dias que passamos ali", lembraria Sônia. "Trazia-nos lembranças de nossa vida tal como era no início, e o sabor da que poderíamos ter tido se pudéssemos escolher por nossa conta." Muitos amigos se surpreendiam por continuarem tão romanticamente apaixonados como no primeiro dia. "Eu não me surpreendia porque sempre se amaram muito", lembraria Christian von Stieglitz, o amigo comum que os havia apresentado em Cambridge e que foi visitá-los durante aqueles dias na casa de Mehrauli. "Por questões de trabalho, eu ia muito a Délhi naquela época, e era um prazer vê-los sempre tão dengosos depois de tantos anos de casamento. Em particular, não paravam de se beijar e de segurar a mão um do outro." Em 9 de dezembro de 1990, dia de seu aniversário, Sônia recebeu um presente de Rajiv com um bilhete: "Para Sônia, que não muda com o tempo, que é ainda mais linda hoje que quando a vi pela primeira vez sentada em um canto do restaurante Varsity, naquele dia tão bonito...".

Mas, como sempre, o parêntese de felicidade foi fechado pelos acontecimentos políticos, que se precipitavam mais rapidamente do que Rajiv esperava. A Índia deslizava por uma ladeira perigosa, empurrada por um dos partidos da coalizão no poder, o BJP (Bharatiya Janata Party), a antiga direita fundamentalista hindu que tanto fustigara Indira. O partido havia crescido até se transformar no adversário mais perigoso do Congress e um perigo potencial para a unidade do país. Apoiado pelo RSS, uma organização militante extremista, o BJP exigia uma "Índia hindu", onde as minorias teriam que viver subjugadas à maioria, e não em pé de igualdade. Sua filosofia era diametralmente oposta à de Nehru e do Congress, porque renegava o princípio fundador da Índia moderna, ou seja, a aconfessionalidade que apregoava a separação de Estado e religião, e a igualdade de todas as religiões perante a lei. O auge do BJP coincidiu com o recrudescimento da violência religiosa no norte do país. Eram distúrbios que não se aplacavam sozinhos, que duravam até que as forças policiais os esmagavam. A origem desses distúrbios era sempre a mesma, e costumavam ser desencadeados por um detalhe ínfimo, como uma disputa pelos limites de um terreno, por um espaço em uma calçada, por um porco urinando no muro de uma mesquita ou uma vaca morta encontrada perto de um templo hindu. Em qualquer caso, assim que saltava a chispa a violência se propagava de maneira fulgurante, alimentada por rumores, sempre falsos, que aumentavam o incidente original, transformando um simples confronto entre dois indivíduos em uma guerra santa entre religiões. As organizações comunitárias e os políticos que se identificavam com uma ou outra facção alimentavam o fogo da discórdia, de maneira que das palavras se passava aos socos, a seguir à faca, e assim até os coquetéis molotov e os tiros.

Na Índia, os conflitos de casta e religião começaram a se retroalimentar a partir dos anos 1980, especificamente depois de toda a população de uma aldeia de intocáveis em Tamil Nadu tomar a decisão de se converter ao islamismo para fugir do rígido sistema hindu das castas. Aqueles pobres mudaram até o nome da aldeia, que de Menashkipuram passou a se chamar Rehmatnagar. Os fundamentalistas hindus ficaram indignados - "O hinduísmo está em perigo!" - e acusaram os países do Golfo de financiar os muçulmanos da Índia. A realidade era que os intocáveis finalmente reagiam a séculos de opressão nas mãos dos latifundiários, que nessa região eram hindus da casta alta.

A seguir, um acontecimento aparentemente inofensivo inflamou ainda mais os ânimos dos fundamentalistas hindus: a transmissão, em 1987, de uma série baseada no Ramayana, a epopéia hindu mais popular, o mais parecido que os hindus têm às escrituras sagradas. A adaptação para a televisão, uma mistura de novela e mitologia, constava de 104 episódios transmitidos aos domingos pela manhã. O sucesso foi tão grande que a televisão estatal encomendou a outro produtor de Hollywood a realização da epopéia do Mahabharata. As duas séries foram as novelas de maior audiência no mundo inteiro. Oitenta e cinco por cento dos telespectadores indianos viram todos os episódios, um número único na história da televisão.

Quando passavam as séries, a atividade do país inteiro se paralisava. Táxis, bicicletas e riquixás desapareciam das ruas. Os telefones paravam de tocar. As orações e os ritos de cremação eram adiados. Funcionários públicos, donas de casa, lojistas, prostitutas, mendigos, vendedores de água, varredores, crianças, pobres que reviravam lixo... todos abandonavam seus afazeres para ficar em frente a um televisor na casa de alguém, em uma loja, na praça da aldeia, ou olhando sorrateiramente pelas janelas das casas das famílias que tinham o privilégio de contar com essa invenção extraordinária. Muitos espectadores acreditavam piamente no que estavam vendo, como se os deuses que saíam na tela habitassem o mundo dos homens. Quando o deus Rama aparecia na série, acendiam uma lamparina de óleo e começavam a rezar ali mesmo.

Na Índia, as camadas mais desfavorecidas da população são indiferentes à distinção ocidental entre história passada e atualidade, entre verdade e mito. Para eles, tudo é verdade. Os políticos mais experimentados, começando por Indira, sempre souberam usar a seu favor essa tênue fronteira entre pessoas e deuses.

As séries desencadearam uma verdadeira maré de fervor hinduísta. Na realidade, o fervor sempre havia existido, e se exacerbava com a independência, como uma reação a tantos séculos de dominação pelos mongóis e depois pelos ingleses. Nehru e Gandhi, muito conscientes do perigo desse tipo de fundamentalismo - parecido ao dos siques ou dos muçulmanos, ou dos cristãos em outras partes do mundo, mas mais perigoso ainda na Índia porque era a religião majoritária - esforçaram-se em pregar as virtudes da aconfessionalidade e em enfatizar a unidade entre hindus e

muçulmanos. O Mahatma Gandhi pagou com sua vida: foi assassinado por militantes do KSS, organização que mais tarde se afiliou ao BJP. Indira, muito ciente do problema, no início de seu mandato enfrentou com firmeza centenas de ascetas nus que exigiam, às portas do Parlamento, a proibição de matar vacas.

Rajiv e outros membros do Congress eram testemunhas de como o BJP explorava com fins políticos o sentimento religioso criado pela transmissão das séries. Em 1987, o BJP, de comum acordo com duas poderosas organizações sociais e paramilitares ideologicamente afins, iniciou uma campanha que chamaram de "desagravo histórico".

O objetivo era derrubar uma velha mesquita construída na antiga capital hindu de Ayodhya por um general do imperador mongol Babar em 1528. Alegavam que a mesquita havia sido construída onde nascera o deus Rama. Para os muçulmanos indianos, a campanha do BJP e seus aliados era um ataque direto a seus direitos e a sua religião. Impedir que as hordas hindus destruíssem a mesquita tornou-se símbolo de sua sobrevivência. Os ingredientes para um conflito complicado e violento estavam servidos.

Em 1989, depois das eleições que custaram o cargo a Rajiv, outra organização fundamentalista hindu associada ao BJP lançou uma campanha nacional para que cada aldeia de mais de dois mil habitantes oferecesse um tijolo destinado à construção de um templo a Rama a menos de 30 m da mesquita. Era uma provocação aos muçulmanos. No Parlamento, Rajiv insistiu com o governo para assumir as rédeas do assunto. O novo primeiro-ministro mandou as forças da ordem interromperem a construção do templo, mas não conseguiu sentar em uma mesma mesa os diferentes líderes para negociar uma solução pacífica para o conflito. Por sua vez, Rajiv foi visitar um asceta hindu muito venerado que vivia às margens do Ganges, um homem que achava firmemente que a Índia era o lar comum de muitas religiões, e que devia continuar sendo assim.

Um ano mais tarde, o BJP hinduísta fez mais uma provocação. Um de seus líderes, um indivíduo alto, sério e carismático chamado L. K. Advani, fez um apelo para que milhares de voluntários de todo o país convergissem para Ayodhya com a idéia de sensibilizar o espírito chauvinista dos hindus. Ele mesmo encabeçou uma peregrinação que saiu de uma pequena cidade de Gujarat, e fez isso a bordo de uma carruagem motorizada que exibia grandes retratos dos deuses e cujos alto-falantes recitavam versos do Ramayana. Os

camponeses esfregavam os olhos, incrédulos, ao ver passar esse cortejo seguido de voluntários vestidos exatamente do mesmo modo que os heróis das séries que haviam visto na televisão. Aquela marcha elevou tanto a temperatura da tensão comunal que o governo, de início reticente a intervir contra um dos membros de sua coalizão, mandou interromper a procissão de Advani antes que chegasse a seu destino.

Como represália, milhares de voluntários do BJP assaltaram a mesquita de Ayodhya armados de arcos e flechas. Um calafrio de pânico percorreu o país inteiro. O que aconteceria se em cada bairro, em cada aldeia, em cada cidade do subcontinente começasse uma guerra de religiões? Já não havia sido suficiente a violência desencadeada durante a Partição para vacinar a Índia contra enfrentamentos baseados na religião? As conseqüências podiam ser tão terríveis que dava medo imaginar: atrocidades contra pessoas inocentes, o desmembramento do país, talvez uma guerra civil. Mas o líder do partido hinduísta parecia imune ao bom senso. Tudo valia a fim de ganhar votos, inclusive colocar uma nação de 850 milhões de habitantes à beira do abismo.

A polícia não teve outro remédio senão agir para proteger a mesquita da destruição. Houve uma dúzia de mortos entre militantes e policiais.

O partido hinduísta atribuiu à polícia o desenlace violento, e seu líder, Advani, anunciou que retiraria seu apoio ao governo. Muito antes do que Rajiv havia previsto, caía o primeiro governo que o havia substituído.

Você vai pedir que convoquem eleições? - perguntou-lhe sua filha.

Não, o partido ainda não está pronto. Não acho que conseguiríamos mais votos agora que nas eleições anteriores. Prefiro esperar.

Rajiv, líder do partido com maior representação no Parlamento, estava de novo em uma posição-chave. Um líder rival do primeiro-ministro que acabava de cair solicitou seu apoio para formar governo. Rajiv aceitou dá-lo, mas de fora, sem fazer parte do novo gabinete. Uma manobra astuta, que lhe proporcionava controle sem assumir a responsabilidade pelo que os membros da nova coalizão governante faziam. A verdade é que Rajiv não confiava muito nesse líder, nem em seus ministros, dentre os quais se encontrava Maneka Gandhi, e não queria ser associado a sua gestão, que previa que seria um desastre. Tinha certeza de que, em questão de meses, o

povo pediria desesperadamente a volta do Congress ao poder. Então, seria o momento de convocar eleições.

As previsões de Rajiv tornaram-se realidade. O gabinete constituído pelo novo primeiro-ministro oferecia uma coleção de velhacos bastante deprimente até para os padrões do Terceiro Mundo: "Uma extraordinária coleção dos mais desapietados e imorais oportunistas que jamais entraram na arena política indiana", segundo a descrição do escritor inglês radicado em Nova Délhi, William Dalrymple.

A ruptura não tardou a chegar, e aconteceu de maneira um tanto estranha. Sônia estava de novo muito obcecada com o tema da segurança porque, ao perder as eleições, o novo governo havia retirado suas escoltas altamente adestradas do Special Protection Group, como se o fato de Rajiv não estar no governo fizesse as ameaças desaparecerem.

A mudança havia sido tão drástica que Sônia e Priyanka viviam em um estado de medo perpétuo cada vez que Rajiv viajava. Depois de ser protegido por centenas de agentes em cada viagem, agora saía de casa acompanhado de um único segurança, um bom homem, fiel e prestativo, chamado Pradip Gupta: "Se algo acontecer a Rajiv, será por cima do meu cadáver", disse uma vez a Sônia ao vê-la tão desassossegada. Mas era um pobre consolo. Rahul dividia a mesma angústia. Ligava sempre dos Estados Unidos para se certificar de que nada havia acontecido com seu pai. Estava tão preocupado com os detalhes que sua mãe lhe contava sobre as poucas medidas de segurança que insistiu muito em ir passar as férias da Páscoa em casa, em março de 1991. Acompanhou seu pai em uma viagem pelo estado de Bihar e ficou pasmo ao comprovar por si mesmo a ausência de preparo, a falta de meios e quão exposto estava Rajiv a qualquer agressão. Às vezes, os policiais estavam afastando uma multidão e o deixavam sozinho no carro, outras vezes não se antecipavam o suficiente e Rajiv ficava de novo exposto. Antes de embarcar de novo para os Estados Unidos, Rahul disse a sua mãe umas palavras em que no fundo não queria acreditar, mas que acabaram se mostrando premonitórias: "Se não fizerem algo a respeito, receio que da próxima vez que voltar seja para o funeral de papai".

O problema não era só a falta de apoio do governo, mas também o fato de Rajiv estar obcecado com a idéia de se manter próximo ao povo. Disseram a

ele que perdera as eleições porque passara a imagem de alguém distante e quase altivo. A presença de guarda-costas era um impedimento para criar uma imagem de político acessível, que era o que procurava. "Viver sob uma ameaça terrorista ou uma ameaça de morte nunca me preocupou", declarou. "Nunca deixei que isso interferisse em minha maneira de pensar. Sim, causou-me problemas, por todos os incômodos que a segurança implica... mas, se tivesse que morrer pelo que acredito, não hesitaria." Christian von Stieglitz esteve uns dias com eles naquela época, junto com Pilar, sua mulher espanhola. "Pilar não conhecia Nova Délhi, de modo que Rajiv nos levou a dar uma volta. Subimos em um pequeno Suzuki que ele mesmo dirigia e saímos a toda velocidade, seus seguranças seguindo-o como podiam em um Ambassador branco, até que os conseguiu despistar. Não devia ser fácil ser segurança de Rajiv Gandhi! Eu não podia deixar de pensar que ele se arriscava muito. Lembro que uma tarde fomos ao Qutub Minar, o monumento mais alto da cidade. Rajiv estava entre minha mulher e eu conversando conosco enquanto caminhávamos pelas ruínas. Em dado momento, voltei-me e vi que umas mil pessoas nos seguiam, a certa distância, sem se atrever a se aproximar muito. Estavam muitos surpresos de ver Rajiv passeando como um turista qualquer. Continuamos caminhando e de repente Rajiv se abaixou e pegou do chão duas florzinhas brancas. Aproximou-se da multidão e entregou-as a uma menina que olhava boquiaberta para ele com grandes olhos pretos." Quando Christian fez um comentário sobre os riscos que assumia, Rajiv respondeu: "Não posso desconfiar do homem da rua. Tenho que viver a vida."

QUEM NÃO VIVIA ERA SÔNIA. Foi ela quem notou, em um fim de semana que passaram na casa de campo de Mehrauli, dois indivíduos que vigiavam a casa e que não eram os seguranças habituais. Contou a Rajiv, e ele saiu para lhes perguntar quem havia dado a ordem de vigiá-los, e assim descobriu que havia sido o chefe de governo local, um indivíduo que pertencia ao partido do novo primeiro-ministro. Irritado e desconcertado pelo que considerava uma inaceitável intrusão em sua vida privada, Rajiv ligou para o primeiro-ministro e exigiu que retirassem essa vigilância, bem como a demissão do chefe de governo que havia dado essa ordem. "Era uma questão de confiança", declarou Rajiv. "Eu havia depositado minha confiança nesse homem, e apoiamos seu governo. E agora descubro que

colocam dois policiais vigiando nossa casa. O que significa isso?" O novo primeiro-ministro tentou minimizar o assunto e aplacar os ânimos alterados de Rajiv, porque estava em um beco sem saída. Perante seu próprio partido, não podia despedir oficiais ou chefes de governo locais a pedido do líder do Congresso. Por outro lado, se Rajiv retirasse seu apoio, perderia o controle do Parlamento. Mas Rajiv insistiu em apurar responsabilidades. Como o homem não atendeu a seus pedidos, Rajiv ameaçou boicotar o Parlamento.

De modo que, quatro meses depois de ter sido empossado, esse primeiro-ministro viu-se obrigado a apresentar sua demissão ao presidente da República. Agora, sim, havia chegado o momento de celebrar novas eleições gerais, que a comissão eleitoral marcou para 20, 23 e 26 de maio de 1991. A Índia estava em plena crise, o que podia facilitar a um partido de oposição como o Congresso voltar ao poder. Afora o auge do fundamentalismo hindu, a Caxemira vivia uma escalada de violência.

Na economia, a gestão dos últimos governos havia sido desastrosa. A inflação, causada pelo aumento do preço do petróleo e pela guerra do Golfo, estava descontrolada e ameaçava criar graves problemas sociais. Rajiv propôs um programa baseado na estabilidade e na reforma econômica, incluindo mais privatizações e menos controles à indústria e ao comércio. O inimigo a bater nas urnas era o BJP, O partido hinduísta, que surgia como uma organização no auge com um programa potencialmente perigoso para a estabilidade do país. Os demais partidos, inclusive os da coalizão que estava saindo, só podiam aspirar a um número limitado de cadeiras.

De novo Rajiv partiu em campanha, certo de sua vitória. Assim era a política, como um reflexo da própria vida, em que nada é permanente e tudo muda sem cessar, às vezes a uma velocidade vertiginosa. Quis iniciar a campanha ao lado de Sônia, e ele mesmo pilotou o avião que em 11 de maio de 1991 pousou em Amethi. Era a primeira de seiscentas escalas que devia fazer em vinte dias. Uma multidão os esperava ao descer do avião, dentre a qual muitas mulheres que foram dar as boas-vindas a Sônia.

Uma das razões de sua imensa popularidade em Amethi é que Sônia tinha uma memória prodigiosa e se lembrava dos nomes e dos rostos de mulheres que talvez houvesse visto cinco minutos em viagens anteriores. A italiana identificava-se plenamente com aquelas camponesas que a tocavam com

uma curiosidade quase infantil para comprovar que era de carne e osso como elas. Tinha a intenção de passar três semanas acampando na circunscrição de seu marido, solicitando votos casa por casa, enquanto ele percorreria o subcontinente. Ao final do dia, antes de subir pela escadinha do avião, Rajiv dirigiu-se a seus eleitores e disse uma frase muito simples, mas que se mostrou profética: "Não acho que poderei voltar aqui de novo, mas Sônia fica para velar por vocês". Sônia sentiu uma pontada no coração. Não pelo fato de ficar sozinha, porque a doçura das pessoas e a atitude solícita dos membros locais do Congress faziam com que se sentisse em casa, mas porque era a primeira vez em 23 anos de casados que iam passar tanto tempo separados, quase três semanas.

Naquela noite, enquanto tentava conciliar o sono deitada em um charpoi, um catre feito de corda trançada, dentro de uma tenda de campanha lutando contra o calor e os mosquitos, Sônia se lembrou da última vez que estivera em Amethi. Era fevereiro, mês em que faziam aniversário de casamento. Havia ido inaugurar uma campanha de vacinação contra a pólio. Achava que não poderiam comemorar juntos o aniversário porque Rajiv tinha viagem marcada para essa época a Teerã. Ia com a idéia de lançar uma iniciativa diplomática para acabar com a guerra do Golfo. Mas numa noite como aquela, só que menos quente, chegara um bilhete de Rajiv pedindo-lhe que cancelasse seus compromissos em Amethi e que, por favor, voltasse rapidamente a Nova Délhi para acompanhá-lo nessa viagem. "É que... que quero estar com você, só você e eu, sozinhos, sem centenas de pessoas a nossa volta como sempre", dizia a nota. Quando Sônia chegou a Nova Délhi, perto da meia-noite, encontrou um Rajiv nervoso porque achava que não chegariam a tempo de pegar o voo. Descobriu que já havia feito as malas. Tudo estava pronto para a viagem. Em Teerã, depois dos compromissos oficiais, foram jantar sozinhos em um restaurante. Fazia quanto tempo que não se permitiam um luxo romântico desses? Nem se lembravam mais... Rajiv entregou-lhe um presente que havia trazido de Délhi, uns brincos lindos e simples como ela gostava. Quando voltaram ao hotel, pegou sua câmara, com a qual sempre viajava, e bateram uma foto com o disparador automático, algo que nunca haviam feito antes.

- Madame, madame!

Uma voz sussurrante fora da tenda interrompeu sua fantasia. Sônia se levantou, pôs um robe e saiu. Um homem jovem, um simpatizante do

partido, entregou-lhe um envelope.

Vinha de Nova Délhi, era de Rajiv. Sônia abriu-o e encontrou uma rosa com um bilhete escrito à mão. Leu-o, sorriu mostrando suas covinhas e voltou ao charpoí. "Era uma mensagem de amor", confessaria mais tarde.

PRIYANKA CHEGOU UNS DIAS DEPOIS a Amethi para lhe fazer companhia. Visitavam uma média de quinze aldeias por dia. Ouviam as queixas das pessoas por uma pensão que não chegava, um menino cego que precisava de dinheiro para uma cirurgia ou uma anciã que reclamava que, depois das eleições anteriores, o pessoal do Congress os ignorou. Sônia tomava nota e dava instruções a seus assessores. "Tenham fé", dizia aos suplicantes, "eu vou me encarregar de resolver isso."

Em uma das aldeias, Priyanka foi testemunha de um acontecimento extraordinário, tendo em conta a aversão que sua mãe tinha a falar em público. Sem que Rajiv lhe houvesse pedido, Sônia atreveu-se a fazer seu primeiro discurso diante de uma multidão de vários milhares de pessoas. "Meu marido trabalhou muito pelo bem-estar de vocês, e eu trabalho para meu marido... Só o Congress pode representá-los dignamente, apertem a mão de meu marido..." Priyanka ria de vê-la exortar o povo a votar no Congress, e ainda por cima com graça.

As frases em híndi com um leve sotaque saíam com facilidade, ela sorria e parecia gostar, talvez porque não havia jornalistas, eram todos gente humilde que não a intimidava. O mais notável era que havia feito isso por iniciativa própria, como um ato de entrega a seu marido.

Ambas retornaram a Nova Délhi no dia 17 de maio, esgotadas, suadas e cobertas de pó, mas otimistas acerca do resultado final das eleições. Quando, na noite seguinte, Rajiv chegou de sua turnê e entrou pela porta principal, ficaram estupefatas. "Ele estava exausto. Quase não conseguia falar nem caminhar. Não havia dormido nem comido decentemente durante semanas. Fizera campanha umas vinte horas por dia. Suas mãos e seus braços estavam cheios de arranhões e marcas. Todo seu corpo doía. Milhares de admiradores o haviam tocado, apertado sua mão, abraçado fraternalmente e batido em suas costas. Fiquei com o coração partido de vê-lo nesse estado."

Seus dedos estavam tão inchados pela quantidade de apertos de mão que

tivera de tirar a aliança. Mas estava contente, o coração pleno de tantas provas de afeto, de tanto entusiasmo. Seu deficiente serviço de segurança lhe havia permitido ir ao encontro do que seu avô e sua mãe chamavam de "o amor do povo", e voltava emocionado porque o povo respondia. "Em Kerala e em Tamil Nadu, eles têm o costume de beliscar o rosto, por isso o meu está tão vermelho e inchado", contava a Sônia enquanto ela lhe colocava um banquinho para que pudesse esticar as pernas. "E, às vezes, em áreas muçulmanas, dão beijos, você sabe, um, dois, três beijos, e depois esse abraço especial que quebra as costas... Meu corpo todo dói, mas não faz mal." Ficaram conversando tranquilamente durante um bom tempo, trocando impressões sobre suas experiências mútuas. Rajiv estava satisfeito porque conseguira mostrar que se importava com as pessoas. Mas não tinha certeza de ganhar: "Vai ser uma luta dura", confessou. Nessa noite dormiu cinco horas, um luxo, antes de ir para Bhopal, onde, em 19 de maio, fez um comício diante de 100 mil pessoas. A cidade continuava traumatizada pela catástrofe de 1984.

A multinacional responsável pelo acidente havia chegado a um acordo para pagar uma soma de compensação às vítimas, mas o dinheiro não chegava às mãos dos necessitados. Era desviado por funcionários corruptos e intermediários. De novo o sistema falhava.

Depois de Bhopal só restava o sul, "território amigo", como diziam os membros do Congress. Voltou primeiro para casa, e estava tão cansado que adormeceu na sala, aliviado de pensar que a campanha estava chegando ao fim. Mais três dias e estariam todos reunidos ali mesmo, porque Rahul viria passar as férias de verão. Devia chegar em 23 de maio. Sônia e Priyanka também estavam contentes. Tinham mais certeza que Rajiv de que ele ganharia as eleições por uma ampla margem. A família inteira se esforçara para voltar a pôr um Gandhi e o Congress à frente do país. Indira teria se sentido orgulhosa de todos eles: isso era "fazer família".

Em 20 de maio, Rajiv e Sônia saíram de casa às 7h30 para votar. A essa hora, a temperatura ainda era suportável. As gralhas pareciam cumprimentá-los nos galhos das árvores com seus grasnidos amargos. Rajiv, usando uma kurta branca e um lenço tricolor em volta do pescoço, dirigiu seu carro pelas largas avenidas, que estavam quase desertas, mas à entrada do colégio eleitoral esperava-o um bando de gente e uma equipe de televisão. Sônia estava maravilhosa em um salwar kamiz vermelho. Cumprimentaram a todos juntando as palmas da mão à altura do peito e Rajiv deu alguns autógrafos enquanto esperavam que o colégio abrisse. Atrás, a fila ia crescendo.

Um jovem voluntário do partido aproximou-se de Rajiv com uma bandeja com incenso, açúcar e pétalas de flor, com a intenção de fazer ali mesmo uma puja (oferenda) para começar o dia com uma nota auspiciosa em sua homenagem. Sônia, sempre que estava com seu marido em um lugar público, observava atentamente todos que se aproximavam, tentando adivinhar alguma intenção oculta, um vulto suspeito, um gesto incomum. A paranóia não lhe dava trégua. Talvez por isso se assustou tanto quando o homem da bandeja, intimidado por Rajiv, deixou-a cair com um estrépito que fez todos se sobressaltarem. Sônia crispou-se, e a seguir começou a

transpirar copiosamente. Rajiv notou o mal-estar de sua mulher e pediu que lhe levassem um copo com água. Quando foi sua vez de votar, estava tão alterada que não encontrava a cédula com o símbolo do Congress. Por um momento, pensou que iria embora sem votar. Na saída, indo em direção ao carro, contou a Rajiv, que ria. "Ele pegou minha mão", recordaria Sônia, "com esse toque doce e tranquilizador que sempre ajudava a dissipar qualquer ansiedade." Essa foi, talvez, a última ocasião em que Rajiv esteve presente para acalmar sua mulher, porque, depois de deixá-la em casa, foi para sua turnê seguinte. À tarde pretendia voltar a Nova Délhi para mudar do helicóptero para um avião e partir com destino ao sul, onde as eleições aconteceriam dois dias depois.

Mas, essa tarde, Rajiv fez a elas a surpresa de passar por casa. Sônia e Priyanka estavam felizes de vê-lo mesmo que por pouco tempo. Rajiv tomou um banho rápido, comeu alguma coisa e ligou para seu filho nos Estados Unidos: "Estou ligando para lhe desejar bons exames, Rahul, e para dizer-lhe como estou contente por você voltar logo... Vai ser um bom verão... Amo você... Tchou". A seguir, deu um beijo em Priyanka. De novo devia ir, mas o bom é que aquela seria a última escala da turnê eleitoral. Estava tranqüilo, ia para o sul, território seguro, não como o norte, tão agitado e perigoso.

Não pode parar já? - pediu-lhe Sônia. - Essa viagem não mudará os resultados...

Eu sei, mas já está tudo organizado... Coragem, um último empurrãozinho e seremos vencedores... Só mais dois dias e juntos de novo - disse a Sônia com seu sorriso cativante.

"Despedimo-nos com ternura...", lembraria Sônia, "e ele foi embora. Fiquei olhando pelas frestas da persiana e o vi afastar-se, até que o perdi de vista... Dessa vez, para sempre."

No dia seguinte, 21 de maio de 1991, Rajiv embarcou em um helicóptero para visitar várias cidades do estado de Orissa, no leste do país. Foi uma jornada extenuante, e à noite estava tão cansado que pensou em recuperar um pouco de sono atrasado e cancelar a última visita, que era para um povoado do estado vizinho, Tamil Nadu, chamado Sriperumbudur. Além do mais, um informe do Serviço de Inteligência do governo central o havia aconselhado expressamente a não participar dos comícios em Tamil Nadu

depois do anoitecer, porque os Tigres Tâmeis dispunham, nesse estado, de um apoio considerável da população. Estava faminto, e a líder local do partido, uma jovem profissional que ele havia recrutado para o Congresso, convidou-o a jantar em sua casa, mas ele ficou pensando nos que o estavam esperando em Sriperumbudur, em todo o esforço que seus companheiros de partido haviam investido em organizar o comício, e não os quis decepcionar, de modo que declinou o convite para o jantar.

O partido bem que merecia um último esforço.

Logo dormirei à vontade com Rahul, Priyanka e Sônia a meu lado - disse a seu acompanhante.

Então você não vai dar ouvidos ao informe do Serviço de Inteligência?

Se eu desse ouvidos a todos esses informes, teria abandonado a campanha há muito tempo. Além do mais - acrescentou - a violência política é pouco comum no sul da Índia, isso todo o mundo sabe. Aqui, as eleições parecem mais uma festa que um acontecimento político sério.

Ao entrar no avião, encontrou uma agradável surpresa: a líder local lhe havia mandado pizza e umas empanadinhas. Mal havia dado uma primeira mordida em seu jantar quando lhe avisaram que o aparelho não podia decolar devido a um problema técnico. "Melhor assim", pensou Rajiv, que só queria dar uma cochilada. "Ficamos aqui." Desceu do avião e entrou em um Ambassador, que o levou ao alojamento do governo. Mas, a caminho, um carro oficial o alcançou.

Senhor - disse um policial pela janela do carro - a avaria já foi solucionada, o avião está pronto para decolar.

Durante uma fração de segundo, Rajiv hesitou se devia seguir caminho ou voltar para o aeroporto. Por fim, deixou-se levar pelos acontecimentos e disse ao motorista que desse meia-volta. De novo no avião, sentou-se, fechou o cinto de segurança e, quando o aparelho estava começando a rodar pela pista, percebeu que havia esquecido a comida no carro.

Chegou a Madras às 20h30, participou de uma curta entrevista coletiva, bebeu um refresco e seguiu viagem pela estrada. Estava sentado na frente, ao lado do motorista, com a janela aberta. No painel do Ambassador havia uma pequena luz fluorescente que iluminava seu rosto para que as pessoas o pudessem ver na escuridão da noite.

Parou em um povoado, onde fez um comício de vinte minutos, e às 21h30 já estava em outro fazendo um novo discurso. No trajeto, aproveitava para

conversar com jornalistas. Nesse dia, estava acompanhado por Barbara Crossette, correspondente do The New York Times e especialista em assuntos asiáticos. Ao cruzar as aldeias, o carro abria lentamente caminho por entre a multidão, e o povo, com expressão de frenética alegria no rosto, jogava flores. "Esperamos bons resultados nesta área", disse Rajiv aos jornalistas. Assim que saiu do carro, seus seguidores começaram a lutar para colocar guirlandas em seu pescoço, enquanto outros lhe davam lenços e xales. Em um dado momento, parou para cumprimentar uma mulher que estava sendo espremida pela multidão. Colocou-lhe um cachecol de seda no pescoço e disse-lhe umas palavras.

A mulher cobriu o rosto com as mãos e apertou o cachecol contra seu peito. Barbara Crossette surpreendeu-se com a pouca proteção de que dispunha: "Mais de cem vezes, qualquer uma das mãos que haviam se enfiado no carro para tocar seu braço ou dar-lhe a mão poderiam tê-lo apunhalado ou atirado nele".

Seguiram caminho. Ao longo da estrada, havia luzes coloridas e cartazes dando-lhe as boas-vindas. De vez em quando, Rajiv dizia ao motorista que fosse mais devagar ou que parasse o carro para sair e apertar mais mãos enquanto pedia votos para o Congresso. O curioso é que dizia isso em inglês, porque não falava tâmil. Quando tinha que explicar algo mais longo, um intérprete fazia a tarefa. Colocava os bilhetes e cartas que ia recebendo das pessoas em uma bolsa cinza que sempre levava consigo. Barbara Crossette fez sua última entrevista. Perguntou-lhe se não tomava suplementos vitamínicos ou se seguia uma dieta especial para agüentar esse desgaste de energia, tendo em conta o calor de 40 graus e a dureza das estradas... Rajiv caiu na gargalhada. "Esses americanos!", deve ter pensado. "Na maior parte do tempo não como nada. Mantenho-me com isto...", respondeu, apontando para duas garrafas térmicas, uma de café e outra de chá. Disse que a única concessão ao conforto eram os tênis brancos que usava. A seguir, debateu sobre seus temas favoritos: "O povo está frustrado porque o sistema não é eficaz, não alimenta suas aspirações. Precisamos melhorá-lo drasticamente. Mas, principalmente, estou decidido a acabar com todas as controvérsias sobre a religião. Queremos uma separação completa entre religião e política. A mistura é explosiva, não só aqui, como em todo o mundo".

Às 22h, os líderes locais de Sriperumbudur, um aldeiazinha agrícola sem maior interesse, anunciaram a chegada do líder. O povo estava vendo um espetáculo de dança típica da região, muito colorido e barulhento, algo normal nos comícios eleitorais, visto que os candidatos importantes nunca eram pontuais. As duas horas de atraso não diminuía a vontade do povo de gritar e lançar rojões para comemorar sua chegada. Rajiv assustou-se ao ouvir as primeiras explosões, mas explicaram-lhe que era a maneira habitual de receber um dignitário importante em Tamil Nadu. Em geral, em um ato assim no norte, haveria um arco detector de metais à entrada do recinto.

Mas ali não existia nada parecido, exceto os esforços do fiel segurança Pradip Gupta de afastar o povo e evitar que tocassem seu protegido. Rajiv parou em frente a uma estátua de sua mãe e colocou-lhe cerimoniosamente uma guirlanda de cravos. A multidão era composta principalmente de homens de aspecto cordial, usando longhis, uns tecidos enrolados ao redor da cintura, e niquis ou kurtas sem gola. Depois da homenagem a Indira, Rajiv caminhou sobre um tapete vermelho rumo ao palanque, onde o esperavam os líderes locais do partido, sentados ao redor de uma longa mesa. Aceitava com seu eterno sorriso as guirlandas que iam colocando, parava para dar um aperto de mãos, respondia ao cumprimento de um, tirava as guirlandas amontoadas no pescoço e as jogava às mulheres, discutia com os policiais locais que tentavam manter a multidão afastada, ria e brincava com todos. Tirava sua incrível energia do contato com as pessoas, seguindo, desse modo, o exemplo de seu avô e de sua mãe.

Entre a multidão havia duas mulheres de uns trinta anos. Uma delas era baixinha, de pele escura e óculos. Chamava-se Dhanu. Usava uma jaqueta sobre um traje panjabi cor de laranja que consistia em uma saia longa sobre calças largas, ao contrário do resto das mulheres do sul, que costumam usar sáris. Parecia estar grávida. Ninguém suspeitava que sua corpulência se devia ao fato de ter sob a jaqueta, colados ao corpo, uma bateria de nove volts, um detonador e seis granadas com metralha envolvidas em um material explosivo plástico. A outra garota chamava-se Kokila, e era filha de um membro do partido. Rajiv pôs carinhosamente o braço em seu ombro enquanto ela recitava um poema em sua homenagem. Dhanu, com uma guirlanda na mão, conseguiu abrir caminho e colocar-se atrás de Kokila. Quando a garota acabou o poema, foi a vez de Dhanu, mas justo quando ia

entregar sua guirlanda a Rajiv, uma policial a deteve com o braço. Rajiv sorriu para ela. "Deixe que cada um tenha sua vez..."

Não se preocupe, calma." A policial desistiu e se afastou, sem suspeitar que dessa maneira estava salvando sua vida. Então Dhanu aproximou-se de Rajiv para colocar-lhe uma guirlanda de madeira de sândalo, esculpida em forma em pétalas de flor, no pescoço. Rajiv agradeceu-lhe com seu lindo sorriso e, seguindo a tradição, tirou a guirlanda para entregá-la a um companheiro do partido que estava atrás dele. Enquanto isso, Dhanu agachou-se para tocar-lhe os pés. Rajiv também o fez, para mostrar humildade, como querendo dizer que ele não era digno dessa saudação. Mas a mulher o enganou: não estava tocando-lhe os pés em sinal de veneração, e sim puxando uma corda que ativou o detonador.

A explosão foi apocalíptica. "Quando me voltei", contou Suman Dubey, ajudante de Rajiv e velho amigo da família, "vi as pessoas voando pelos ares como em câmera lenta." Barbara Crossette, que havia ficado para trás, viu "uma explosão muito intensa... e a seguir as pessoas caindo em volta, em círculo, como as pétalas de uma flor. No lugar onde se supunha que Rajiv estava havia um buraco na terra". A metralha havia acabado com a vida da assassina, de Rajiv e de mais dezessete pessoas. O pânico apoderou-se da multidão e dos policiais, que não sabiam se aquela seria uma explosão isolada ou se haveria mais. O pó e a fumaça se dissiparam para deixar exposto o espetáculo do massacre: corpos desmembrados, terra preta e fumegante, objetos calcinados. Curiosamente, o palanque continuava em pé; o que voou em pedaços foram as pessoas.

"Eu estava procurando algo branco", contaria Suman Dubey, "porque Rajiv sempre usava branco. Mas tudo o que via era preto, matéria calcinada." Outros companheiros de partido foram se aproximando e encontraram Pradip Gupta, o fiel segurança de Rajiv. Estava vivo, deitado e com os olhos arregalados, sofrendo na própria carne a previsão que havia feito a Sônia: "Se algo acontecer a Rajiv, será por cima de meu cadáver...". Morreu alguns segundos depois. Debaixo de seu corpo alguém encontrou um tênis branco. Era de Rajiv. Um colega do partido tentou virar o que restava do corpo, mas não conseguiu porque se desfazia. Rajiv havia sido literalmente eviscerado pela explosão, a cabeça estava fraturada e havia perdido quase toda a massa

cerebral. Morrerá no ato. Quinze minutos depois da explosão, tocou o telefone no número 10 da Janpath.

Quem atendeu ao telefone foi o secretário de Rajiv, que trabalhava no escritório privado de seu chefe, em uma ala afastada da casa. A família estava dormindo. Em seu dormitório, Sônia ouviu o telefone em meio aos sonhos e lhe pareceu como um grito.

Senhor, houve um atentado a bomba - disse uma voz entrecortada, salpicada de interferências.

Quem fala?

Sou do Serviço de Inteligência. Estou ligando de Sriperumbudur. O secretário sentiu um nó na garganta.

Como está Rajiv? - perguntou.

O homem não respondeu. O secretário ouviu seu interlocutor pigarrear para limpar a garganta antes de voltar a falar.

Senhor, é que... - começou dizendo, sem terminar sua frase. Nervoso, o secretário incitou-o:

Por que não me diz de uma vez como está Rajiv?

Senhor, ele faleceu - soltou o homem então, e logo a seguir desligou o telefone.

O secretário ficou com o fone na mão, o olhar perdido, tentando assimilar o que acabara de ouvir. A leve esperança de que fosse uma falsa notícia evaporou-se quando, assim que pôs o fone no gancho, o telefone voltou a tocar. Um membro do Congresso de Tamil Nadu confirmou-lhe a notícia. Já não havia dúvida. Logo as outras linhas começaram a vibrar, em uma cacofonia insuportável. O secretário saiu apressado.

Madame, madame...

Encontrou Sônia no corredor, saindo de seu quarto amarrando o robe. Quase não podia abrir os olhos. Seu cabelo estava revirado. Sabia que uma ligação no meio da noite não anunciava nada de bom. Tinha gravada em sua memória a que havia recebido uma noite na casa de Orbassano anunciando o acidente de Sanjay. Agora, estava presa de um sentimento similar e sentiu um nó no estômago. Mas o que a deixou gelada foi o ar assustado, quase histérico do secretário, um homem habitualmente sóbrio e comedido.

Madame, foi uma bomba... - balbuciou.

Sônia lançou-lhe um olhar severo. Seu rosto estava inchado de sono.

Ele está vivo?

O secretário foi incapaz de responder. As palavras não saíam. Também não eram necessárias, Sônia já não o ouvia mais. Todo seu corpo se contraiu como se houvesse recebido uma descarga elétrica, e do mais fundo de sua alma mortalmente ferida surgiu um grito gutural, rouco. Sete anos depois da conversa que tivera com Rajiv no centro cirúrgico do hospital onde estavam costurando o corpo de Indira, quando lhe suplicou que não aceitasse o posto que sua mãe havia deixado vago porque o matariam, a previsão havia se cumprido.

Nãããooooo!

Seu grito acordou Priyanka, que apareceu no corredor, também enrolada em um robe, o aspecto cansado, o olhar atônito. Ficou muda, incrédula, lívida. Agarrou sua mãe e levou-a para a sala como pôde. Nunca em seus dezenove anos de vida a havia visto nesse estado de desespero. Nunca ninguém a vira chorar dessa maneira. Duraram tanto e tão fortes eram os soluços que os primeiros companheiros de partido que mais tarde começaram a chegar à casa os ouviram da rua.

Priyanka não a conseguia confortar. De repente, Sônia começou a tossir e a sufocar de tal maneira que o secretário temeu que perdesse a consciência.

É um ataque de asma - disse Priyanka. Foi tão violento que ela se assustou muito.

Já volto! - disse.

Correu para o banheiro de sua mãe e procurou o inalador e os anti-histamínicos. Quando voltou à sala, viu-a sentada em uma poltrona com os olhos quase virados, a boca aberta e a cabeça jogada para trás, buscando ar como um peixe fora d'água. Pensou que ia morrer. Na realidade, uma parte dela havia morrido com seu marido.

Os remédios fizeram efeito e conseguiram deter a tosse, mas não os soluços. Por mais que sua filha a tentasse acalmar, Sônia estava inconsolável. Seu pranto crescia sobre si mesmo, insistente e regular como as ondas batendo na praia. Priyanka dirigiu-se ao secretário:

Onde está o corpo de meu pai? - perguntou.

Neste momento, estão levando-o a Madras.

Por favor, ajude-me a fazer o necessário para que possamos ir até lá - pediu-lhe.

Priyanka assumiu a situação, demonstrando maturidade, sangue-frio e senso

de organização admiráveis. Conversou com os primeiros amigos de seu pai e líderes do Congress que chegavam com ar perplexo e desolado, alguns chorando sem se conter. Até falou com o presidente da República por telefone. Pediu-lhe que pusesse um avião à disposição da família. No fundo, algo dentro dela a impedia de acreditar que seu pai estava morto. Era como um reflexo que protege da dor e permite agir. Inconscientemente, custava-lhe aceitar algo tão catastrófico sem se certificar, por isso precisava ver seu pai o quanto antes.

Acha que é prudente irem até lá? - disse o presidente da República.

Por favor, presidente, eu insisto. Minha mãe e eu temos a firme intenção de ir esta mesma noite a Madras.

Está bem, falarei com o Exército para pôr a sua disposição um avião da Força Aérea. Logo passarei por sua residência para lhes dar os pêsames.

Obrigada, nós o esperamos.

Agora lhe cabia dar a notícia a seu irmão, que estava em Harvard. Lá, era hora do almoço. Conseguiu que um colega lhe transmitisse o recado de que devia ligar para casa urgentemente. Uma hora mais tarde, sua irmã e sua mãe lhe deram a pior notícia de sua vida.

Eu sabia, eu sabia! - disse o rapaz chorando e mordendo o lábio. Sabia que isso ia acontecer. Esse sentimento de frustração e impotência acentuava a dor de toda família.

Fizemos o que pudemos...

Acha mesmo?

Claro que sim.

Disseram-lhe que voltasse no primeiro voo, que estavam começando a organizar os funerais, que o esperavam.

ERAM MAIS OU MENOS 23H e a notícia já havia corrido por Nova Délhi. Uma multidão estava se congregando diante do portão da casa. De dentro, Priyanka e Sônia ouviam gritos histéricos e lamentos. Continuavam chegando amigos da família, companheiros, ministros, policiais etc. Uma invasão. A imprensa tomava posições no portão e na rua. As pessoas ainda não sabiam contra quem dirigir sua raiva: contra os siques, os fundamentalistas muçulmanos ou hindus, os Tigres Tâmeis, os assameses... Não faltavam agravos nesse país tão heterogêneo. Por ora, dirigiram-na contra as equipes de televisão nacional e internacionais. As pessoas ali

reunidas começaram a insultá-las. Alguns amigos, que ao volante de seus carros ultrapassavam o portão, foram recebidos mal: Ottavio e Maria Quattrochi foram vaiados e levaram uma ou outra pedrada, e o mesmo aconteceu com os líderes da oposição que iam apresentar suas condolências. A fúria da multidão estendeu-se para todos os adversários de Rajiv. Uma turba tentou assaltar a casa vizinha, de um de seus críticos mais ferozes quando estava no governo, um líder de uma casta de intocáveis. Tal era o ambiente nas ruas que o presidente da República não conseguiu chegar até a casa. Encontrou uma multidão frenética e desesperada. O povo se jogava sobre o capô de seu carro chorando e soluçando.

-Vamos dispersá-los? - perguntou o oficial de segurança ao presidente.

Não, vamos dar meia-volta. Não quero que os ânimos se inflamem mais.

De volta a sua residência no antigo palácio do vice-rei, o presidente ligou para Sônia. Ela estava um pouco mais tranqüila e conseguiu agradecer suas condolências e as facilidades que havia preparado para essa singular viagem. Usando um salwar kamiz branco, o cabelo penteado para trás e preso com um laço, assim que desligou saiu de casa com Priyanka. Lá fora um carro esperava para levá-las ao aeroporto. Tio Kaul, aquele que tanto esforço havia feito para convencer Rajiv a seguir os passos de seu irmão, dirigia. O carro abriu caminho com dificuldade por entre a multidão que se aglomerava em volta da casa. As ruas estavam cada vez mais agitadas. Grupos de gente se amontoavam nas esquinas e nos largos, em um estado de ânimo que oscilava entre a raiva e a dor.

Espero que o governo aja prontamente e não permita o que aconteceu depois da morte de Indira - comentou tio Kaul.

O VOO DUROU TRÊS HORAS E MEIA, o tempo que um jato leva para atravessar o subcontinente de norte a sul. Embaixo, nessa negra extensão de terra salpicada de pontinhos de luz que indicavam as cidades e os povoados, a Índia dormia. Dentro de algumas horas ia acordar com a tragédia de outro assassinato político. Dentro de algumas horas, pensaram, o país estaria mergulhado na aflição. Ninguém falou durante o voo. Só se ouviam os soluços de Sônia.

ERA NOITE AINDA QUANDO ATERRISSARAM em Madras, às 4h30 da madrugada. O avião rodou até o velho terminal, iluminado e cercado por uma multidão imensa. Lá estava o corpo de Rajiv. Por indicação do

presidente da República, havia sido levado até lá para evitar que Sônia e Priyanka tivessem que se deslocar de carro até a cidade.

Um ar úmido e pegajoso envolveu-as assim que saíram do avião. Estavam muito nervosas porque o momento se aproximava. O momento de vê-lo pela última vez. O que iriam encontrar? Estavam preparadas para isso? Suportariam? Faziam-se essas perguntas enquanto desciam a escadinha e cumprimentavam as personalidades que haviam ido recebê-las. Também ali as autoridades temiam que estourassem distúrbios, disse o governador. A multidão procurava um bode expiatório e os ânimos na cidade estavam muito alterados.

Por isso, haviam tomado as medidas necessárias para que o voo decolasse antes do amanhecer. Quando reconheceu Suman Dubey, velho e leal amigo de Rajiv que havia saído milagrosamente ileso do atentado, Sônia começou a chorar em seus braços.

Mas não viram Rajiv. Não podiam. Disseram-lhes que seu corpo estava tão destruído que havia sido impossível embalsamá-lo. Só viram dois caixões. Um continha os restos de Rajiv e o outro de seu guarda-costas, o bondoso Pradip Gupta. A partir de então, tudo foi muito rápido. Agarradas uma à outra, mãe e filha viram colocá-los dentro do avião. Elas tornaram a subir pela escadinha. Lá dentro, Sônia pediu que colocassem o caixão a seu lado. Com uma mão, pôs uma guirlanda de flores sobre o féretro, enquanto com a outra cobriu o rosto com um xale para enxugar suas lágrimas. Priyanka, ao ver o caixão amarrado assim, teve de admitir o que seu subconsciente se negava a aceitar: que nessa caixa estava seu pai, ou melhor, o que restava dele. Então, não pôde mais se conter e desmoronou. De repente, percebeu que não o tornaria a ver nunca mais, que nunca mais se deixaria embalar pelo afeto e doçura de seu pai. Abraçou-se ao caixão e ficou soluçando por muito tempo.

O avião já rodava pela pista. Suman Dubey e Sônia a acalmaram, fizeram-na se sentar e fecharam o cinto. Nesse momento, Sônia teve um gesto que sem dúvida Rajiv teria apreciado. Ao perceber que o caixão do guarda-costas Pradip Gupta estava sem nada, foi colocar-lhe uma guirlanda de jasmims. Era dia quando o avião decolou, de volta à capital indiana. Começava a última viagem de Rajiv Gandhi.

ATO IV - A MÃO OCULTA DO DESTINO

Não conheces os limites de tua força, não sabes o que fazes. Não sabes quem és. Eurípides

Pronto. Acabou. A despeito de não ostentar nenhum cargo oficial, 64 países mandaram um representante oficial aos funerais. Rajiv tinha algo de especial que o fazia ser muito querido pelos que o conheciam.

As cinzas já viajam rumo ao oceano, dissolvidas no Ganges, misturadas com as do bisavô Motilal, as do avô Nehru e as de seu irmão. A dor individual é só uma parte do vazio tão grande que deixou. Os empregados e o pessoal da segurança estão tristes e desorientados. Até os cães de casa estão murchos. O apoio em que todos podiam se agarrar diante dos vaivéns de um mundo caótico e inseguro desapareceu. Como acreditar que não está mais ali? Sônia e seus filhos sentem sua presença a todo momento, sobretudo à noite, em sonhos. O inconsciente anda mais devagar que a realidade, custa-lhe alcançá-la, por isso os despertares são especialmente duros. Outras vezes acordam sobressaltados e dão de cara com a realidade, e então percebem que ela é o pior pesadelo. O importante é que tudo transcorreu em paz e o banho de sangue foi evitado. O governo pôs o Exército na rua a tempo e decretou sete dias de luto nacional. O que não se pôde evitar foram vários casos de suicídio e imolações no interior do país. A Índia eterna continua viva nos corações das pessoas.

Agora, até seus adversários políticos concordam que Rajiv foi um homem decente. Na morte, louvam o líder que denegriram em vida. Também a imprensa, que primeiro o louvou e a seguir o vilipendiou, faz seu exame de consciência. Uma manhã, Priyanka mostra a sua mãe um artigo do Hindustan Times.

- Leia, mamãe, publicaram uma homenagem que tenta se desculpar pela atitude que a mídia teve para com papai.

Sônia está orgulhosa de seus filhos. Mostraram-se à altura. Ainda bem que

teve Priyanka perto para organizar tudo, para manter a casa em ordem, para receber Rahul e escolher o local da cremação. Ela não teria conseguido. É impossível tomar decisões quando se sente morto em vida. Acha que Indira também estaria orgulhosa deles.

Sônia coloca os óculos e lê. O texto tem o mérito da franqueza: "Debochávamos dele por seus sapatos Gucci, seus óculos Cartier, seus jeans de marca, suas viagens com a mulher nos jumbos da Indian Airlines... Debochávamos de seu híndi, mesmo que o nosso fosse pior... A verdade é que estávamos cheios de ressentimento e de inveja...

Sabíamos em nosso foro íntimo que ele havia viajado mais que todos nós juntos e que tinha uma visão melhor dos problemas da Índia que a que nós podíamos ter, pontificando em nossas colunas. Sua elegância natural, sua boa aparência e seus modos davam-lhe uma vantagem injusta sobre os outros. Tinha tanto pelo que viver, tanto a fazer a despeito de nossas críticas". Sônia chora quando devolve o artigo a sua filha. "Por que um homem bom, que havia feito bem seu trabalho, teve que pagar um preço tão alto?", pergunta-se. São tantas as perguntas e tão poucas as respostas que Sônia se desespera. O que sabe é que seu marido acabou sendo vítima de um sistema que lhe exigiu o impossível. Ah, se não se houvesse metido em política, se houvessem deixado para Maneka o papel de herdeira... Maneka, que apareceu no funeral com Firoz Varun e que com olhos chorosos murmurou umas palavras de condolência.

AGORA SÔNIA E SEUS FILHOS querem saber quem o assassinou. Diz a polícia que foram terroristas da Frente Tamil de Libertação Nacional... Mas têm certeza? Quando poderão confirmar? E principalmente... Quando se poderá fazer justiça? É um pobre consolo a justiça, mas a essa altura é a única coisa que resta.

Senhora, uma ligação - interrompe-a um empregado.

Desde que suas irmãs voltaram para a Itália depois de passar uns dias em Nova Délhi consolando-os, Sônia fala todos os dias pelo telefone Com uma delas, que insistem para que volte. Acham que com o tempo ela perceberá que já não faz sentido ficar em Nova Délhi, além de ser perigoso. Mas Sônia sabe bem e já disse a sua mãe. A Índia continua sendo sua razão de viver, mesmo que lhe tenha roubado seu coração. É aqui que estão enterrados seus sonhos.

Esta é minha vida - repete a sua irmã Nadia ao telefone. - Não posso mais deixar este país e me instalar fora, onde serei sempre uma estrangeira. Percebi isso quando papai morreu.

Pelo menos, mude de casa...

Por quê? Você também acha que está amaldiçoada? Aqui é o que a imprensa diz...

Não, não acredito nessas bobagens, digo porque nessa casa tudo lhe lembrará Rajiv...

É justamente por isso que não quero me mudar. Sabe, ficar viúva não é como se divorciar. Além do mais, do ponto de vista da segurança, esta casa é adequada.

A segurança! Como parece vazia essa palavra à distância. Dois assassinatos e Sônia continua acreditando nela. Quão teimosa pode ser uma irmã... Mas só se entende o medo quando se vive dentro dele. A ameaça dos siques a Indira de matar até a centésima geração de seus descendentes ficou gravada na mente de Sônia. Como esquecer uma ameaça dessas, que foi confirmada com o sangue de sua sogra? Agora, com o de Rajiv, sabe que a sede de vingança não tem limite. Nunca ela nem seus filhos poderão viver em uma paz completa, por serem quem são. Nunca, nem aqui, nem na Itália, nem em nenhum outro lugar. Melhor aceitar. Pelo menos, na Índia, volta a dispor de todo o aparato do Estado para protegê-los. "A segurança da família Gandhi é de interesse nacional", declarou pomposamente o presidente da República uma semana depois do atentado. Já não era sem tempo, pensa Sônia... O fato é que o primeiro-ministro em exercício, por indicação do presidente da República, designou-lhe a máxima proteção. Tornam a dispor do serviço do Special Protection Group, que já demonstrou sua eficácia quando Rajiv era primeiro-ministro. Sônia não pôde evitar fazer um comentário amargo:

A polícia me mostrou que, se não houvessem retirado a proteção do SPG a Rajiv, à qual tinha direito, ele teria se salvado do atentado.

Soniaji - respondeu sem se alterar o primeiro-ministro - você sabe perfeitamente que, se Rajiv houvesse insistido, o governo a teria devolvido.

Não tenho tanta certeza.

Como ter certeza? Como acreditar na palavra de um político? É verdade, Rajiv não havia solicitado a proteção, mas ela sim. Havia insistido várias vezes, sempre em vão. Priyanka havia insistido. Rahul também. A realidade é que nenhum político tinha especial interesse em proporcionar a Rajiv uma

proteção maior: os de seu partido porque o afastava das massas, e, portanto, reduzia suas possibilidades de sucesso, e os da oposição porque, se acontecesse alguma coisa a Rajiv, acabariam com a preponderância do Congress. Todos ganhavam deixando Rajiv indefeso.

DEPOIS DE TANTA AGITAÇÃO, de ver tanta gente, de tantas lágrimas vertidas, Sônia sofre o contragolpe. Pouco a pouco, a nova situação vai se assentando, e então surge uma pergunta aterradora: Como continuar vivendo sem Rajiv? De onde tirar forças para estar sem ele? Agora vem o mais difícil: inventar uma vida para si. De pouco lhe serve o consolo da religião. Diz que acredita em todas as religiões porque talvez não acredite em nenhuma. Tem o consolo de que seu filho Rahul fica para passar o verão. O rapaz está arrasado. Além da tristeza de ter perdido seu pai, há um forte sentimento de culpa por não ter movido céus e terra, por não o ter enfrentado e tê-lo obrigado a exigir mais proteção... Sônia e Priyanka também se sentem um pouco culpadas, mas o que podiam fazer contra a vontade de Rajiv e do aparato do Estado? O caso é que a casa da família torna a ser a fortaleza de antes, com grades na rua, arcos detetores de metais, câmeras de vigilância, torretas, guaritas e uma centena de policiais armados rondando a área. A segurança.

O ATENTADO NÃO INTERROMPEU as eleições, só se atrasaram os dois últimos dias. O Congress arrasou no sul devido ao "fator empatia" provocado pelo assassinato, mas foi derrotado no norte. Maneka também foi derrotada em sua circunscrição e perdeu sua cadeira no Parlamento. A grande surpresa dessas eleições foi o espetacular avanço do BJP, partido hinduísta que Rajiv havia identificado como o "inimigo a combater". Multiplicou por cem suas cadeiras. Uma vitória espetacular e terrível. Como não sentir medo quando o líder de um grupo paramilitar hindu, aliado desse partido, homenageou o assassino do Mahatma Gandhi? Não é algo que seria proibido na maioria das democracias?, pergunta Sônia, escandalizada como a maioria dos visitantes que recebe. É possível atacar tão facilmente os pilares de uma nação com total impunidade? Com a desculpa dos pêsames, muitos deputados e membros do partido vão sondá-la, às vezes até bem avançada a noite. Vão discutir quem deveria ser o definitivo sucessor de Rajiv à frente do Congress. Não se atrevem ainda a lhe dizer que ela deveria

assumir esse posto, que se o fizesse teria esperança para lutar contra o avanço do sectarismo religioso. Sabem que ela não quer ouvir isso. Rejeitou de maneira taxativa a presidência do partido que foram lhe oferecer em bandeja de prata quando as cinzas de Rajiv ainda estavam quentes.

Sônia, porém, ouve-os com atenção: fulano representa muito os ricos e tem uma imagem ruim perante os pobres; beltrano é desleal e não se pode confiar nele etc.

O que você acha? - perguntam-lhe.

Eu me inclinaria mais por Narasimha Rao, acho que é quem Rajiv escolheria... Mas por que não decidem vocês quem será o próximo líder?

Porque este partido, com personalidades tão imponentes como Nehru, Indira e seu marido, nunca teve a necessidade de ativar um mecanismo sucessório e quer que alguém o guie... Você, por exemplo - atreve-se a dizer um deles, olhando-a fixamente.

Sônia luta para se manter inteira e tranqüila. Não entendem que não estou interessada? Já lhes disse cem vezes que não quer fazer política, que não vai participar de nenhum acontecimento ou evento relacionado com a política. Se continua recebendo-os, é por fidelidade à memória de seu marido, porque acha que ele gostaria. Manter essas relações é mantê-lo um pouco vivo.

Não quer cortar o cordão umbilical que a vincula ao mundo de Rajiv, de Indira, à herança da família. Faz isso por ela e por seus filhos. Uma amiga sua se vê na obrigação de avisar os que chegam "Não incomodem madame falando de sua entrada na política. Dói muito a ela. Lembrem que está de luto por um marido que nunca quis entrar na política."

Muitos a lembrarão vestindo um sári branco e um corpete preto, sem jóias, como manda a tradição em época de luto, exceto a aliança, sentada na beira do sofá no estúdio de Rajiv, com os retratos da família olhando-os nas paredes. A escrivainha está exatamente igual a quando ele a deixou. Não quis retirar nenhum objeto e ninguém se senta em sua poltrona, agora recoberta com a bandeira que envolvia seu féretro. Ninguém jamais o fará, nem mesmo ela. Apesar de seu porte elegante e seu esforço por se manter inteira, de vez em quando escapam-lhe lágrimas, que disfarça passando um lenço pelo rosto. De tanto chorar tem olheiras perpétuas e um olhar aquoso.

Emagreceu muito, a palidez marmórea de sua tez tem veios cinza, uma expressão de tristeza infinita no olhar.

Mas sua opinião pesa. Pesa tanto que ela mesma se surpreende. No final, os deputados a ouvem. Uma vez convencidos de que madame prefere Narasimha Rao, arranjam uma eleição interna para que os deputados votem nele. O partido acaba colocando esse velho amigo da família Nehru como primeiro-ministro de um governo de coalizão, minoritário, porque faltaram ao Congress trinta votos para conseguir a maioria. A imprensa percebe essa influência, que denomina the Sônia factor. Acontece com a italiana o que aconteceu com Indira quando morreu Nehru: automaticamente, herdou um pouco do poder da família. Para uns, trata-se do "carisma"; para outros, do "sobrenome".

Se naquele dia houvesse mencionado outro nome, é provável que Rao não ganhasse. Não é tão fácil como parece desprender-se da política. O poder a persegue, o poder a quer. O poder precisa dela.

O GOVERNO DE RAO PARECE FRACO. Do modo como estão as coisas, ninguém aposta em sua sobrevivência, nem na do partido. O que é o Congress sem um Gandhi à frente? Uma organização condenada a desaparecer, dando
Página 432
possibilidade para o partido hinduísta, o BJP, se apossar do terreno perdido. É grave, porque esse partido defende a idéia perigosa de "uma índia hindu", que para muitos é a receita do desastre. E ninguém se atreve a imaginar as conseqüências para o país e o resto do mundo de um desastre em escala indiana... Por isso redobram as pressões sobre Sônia. Para os responsáveis políticos por um Congress em pleno desconcerto, e para uma grande parte da população, ela representa a última sentinela de uma dinastia mortalmente ferida.

- Algum favor, algo que você precise, algum serviço? - assim, com uma voz tilintante, anuncia-se o ministro do Bem-estar Social ao entrar no domicílio familiar dos Gandhi.

Na direção do Congress, não sabem o que inventar para conquistá-la, para que reavalie e aceite entrar na rede.

São tantos os que a querem ver que decide instaurar um horário de visitas, das 17h às 19h. De manhã responde às milhares de cartas de condolência

que ela e seus filhos continuam recebendo do mundo inteiro. Insiste em lê-las todas, e procura responder pessoalmente às dos conhecidos. Aos outros, manda uma nota de agradecimento impressa e assinada de próprio punho, em inglês ou em híndi.

À tarde, depois das visitas, é quando o sentimento de perda e de solidão se faz mais difícil de suportar.

Por alguns momentos esquece que Rajiv já não vai voltar essa noite. Tantos anos acostumada a esperar sua volta que ficou o reflexo dessa esperança vã. Felizmente está cercada de sua família. Sua mãe, Paola, mora agora com eles, e continua esperando secretamente que Sônia decida voltar à Itália. Mas não quer insistir mais; da última vez que fez isso, Sônia ficou nervosa. Priyanka e Rahul são muito atenciosos com sua mãe. De vez em quando aparece algum amigo para jantar e o ambiente se anima enquanto preparam a comida.

Os amigos íntimos são poucos, os fiéis. Entre eles estão os irmãos Bachchan (um deles, Amitabh, tornou-se a maior estrela do cinema indiano), uma decoradora que conheceu assim que chegou e seu marido; um casal de jornalistas e editores, velhos colegas da Indian Airlines, velhos amigos da família como Suman Dubey e sua esposa...

Os Quattrochi voltaram à Itália, mas, se estivessem aqui, não os poderia ver... Seus amigos não falam com a imprensa, não contam nada que pudesse ser interpretado por Sônia como uma traição a sua confiança. Sabem que é uma mulher muito zelosa de sua privacidade. Não quer que sua dor apareça nas revistas de entretenimento. Está muito irritada com a imprensa estrangeira que projeta Priyanka como a herdeira da "dinastia". Os repórteres que as seguiram durante a campanha em Amethi perceberam o magnetismo da jovem, seu olhar penetrante, e nenhum deles resistiu a compará-la com a avó. Muitos dignitários estrangeiros de passagem pela capital também querem vê-la, e ela fica contente por recebê-los, porque assim compartilha lembranças das numerosas viagens que fez junto com seu marido. No Ministério de Assuntos Exteriores não entendem por que Yasser Arafat, Nelson Mandela ou o rei Hussein querem se encontrar com uma pessoa que não tem um cargo oficial. "O que há com o protocolo?", perguntam. Mas o primeiro-ministro Rao desautoriza essas objeções. Enquanto os dignitários estrangeiros assim quiserem, o governo não precisa

levantar a questão do protocolo, responde. O poder trata a ela e a seus filhos como membros de uma família reinante. Os Gandhi, mortos ou vivos, continuam sendo reverenciados, como se a Índia lhes reconhecesse o direito divino de reinar sobre ela. Agora, junto aos grandes retratos de Indira que enfeitam os edifícios públicos, encontra-se também a foto de um Rajiv sorridente no além. A família continua muito presente na mente de milhões de indianos.

POUCO A POUCO, SEUS FILHOS e seus amigos a ajudam a encontrar um sentido para a vida sem Rajiv. Sônia sabe que precisa normalizar sua vida o quanto antes, nem que seja só por seus filhos, que precisarão voltar à universidade. "O que aconteceu não pode ser um obstáculo para que levem uma vida normal." Está obcecada com essa idéia. Durante toda sua vida não quis outra coisa, e ainda fala disso como se pudesse consegui-lo. A seguir se corrige e diz: "... uma vida o mais normal possível".

Sim, essa é a meta, a única viável.

E embora já não possa viver com Rajiv, pode viver para ele. Para sua memória. Para que seu sonho não desapareça. Seus amigos lhe propõem criar uma fundação, um pouco ao estilo das fundações presidenciais norte-americanas, que guardam o legado de cada presidente. Seria uma resposta aos terroristas que o assassinaram, uma maneira de seus ideais e sua visão sobreviverem. Sônia escolhe a data de 20 de junho para assinar a ata de constituição da Rajiv Gandhi Foundation, porque também é uma maneira de dar sentido ao aniversário de Rahul, que nesse dia completa 21 anos.

Cercada dos filhos e amigos, põe sua assinatura no documento que consagra a criação de uma instituição destinada a promover a aplicação da ciência e da tecnologia a serviço dos pobres. Sônia tem a impressão de que, dessa forma, Rajiv continua vivo na morte.

Em 20 de agosto, dia em que Rajiv completaria 47 anos, vão prestar-lhe uma homenagem no samadhi, o mausoléu em forma de flor de lótus erigido onde foi feita sua cremação. Não está longe dos samadhi respectivos de Sanjay, Indira e Nehru, todos símbolos que lembram o considerável preço do poder. Sônia usa um sári branco com barrado preto, o olhar perdido e parece que seu espírito está muito longe, em algum lugar que só ela conhece. Talvez se deixe levar pela fantasia e faz planos de

vida com Rajiv, como antes, e consegue arranjar, assim, alguns segundos de felicidade, mesmo que fictícios. Sente o cheiro do incenso que os sacerdotes queimam em braseiros improvisados. Em pé entre Priyanka e Rahul, os três parecem ensimesmados e absortos em seus pensamentos enquanto os cânticos religiosos hindus vão se sucedendo como uma ladainha sem fim. Ao fundo, ouvem-se os ruídos da cidade. De repente, aparece Maneka, sozinha, a última pessoa que desejam ver ali nesse momento. Sônia crispase enquanto sua cunhada se aproxima do samadhi e deposita uma oferenda floral sobre o mármore polido. A seguir, segue a tradição de dar uma volta ao redor do mausoléu e passa diante de Sônia e de seus filhos, mas não se cumprimentam. Sua presença quebrou a serenidade do ato. Sônia, irritada, decide concluir e voltar ao carro.

Cinco meses depois do atentado, a comissão eleitoral anuncia eleições locais em Amethi, e de novo começa-se a ouvir o coro de vozes. O coro que exige Indira após a morte de Nehru e Rajiv depois da morte de seu irmão, chama agora por Sônia. Antigos companheiros de seu marido fazem um apelo ao primeiro-ministro para que a convença a se candidatar por Amethi como sucessora de Rajiv. Sabem que Sônia tem um vínculo especial com as pessoas dessa circunscrição. A adulação chega a extremos inverossímeis quando um membro do partido declara sem constrangimento: "Se Sônia quisesse usar sapatos feitos com minha pele, eu lha ofereceria sem hesitar." Mas a família perde a paciência: "O que esses militantes pensam?", exclama Priyanka, fora de si. "Que temos que continuar sacrificando nossas vidas? Já chega de política!" Acham uma aberração que o equilíbrio de uma nação de quase um bilhão de habitantes repouse sobre uma viúva italiana, mas assim pensam na cúpula do governo e do partido.

Diante do fracasso de convencê-la, tentam por outros meios. O governo de Rao decide fazer uma doação de 10 milhões de rupias, pagas em cinco anos, à Fundação Rajiv, como se dessa maneira quisesse compensar a perda do marido. Sônia se enfurece ainda mais e manda uma carta a Rao: "Nós agradecemos pessoalmente, assim como a seus colegas, esta generosa oferta, mas seria melhor que o governo elaborasse seus próprios projetos e programas humanitários e os financiasse diretamente, fazendo, assim, honra à memória de meu marido". Mas é tarde, o escândalo já está servido. Assim que se torna pública a notícia da suposta doação, a oposição arremete contra

o que chama de Rome Raj, "reino de Roma": "Um governo que pode roubar dos pobres para dar 10 milhões de rupias à família de Rajiv Gandhi é capaz de qualquer coisa".

Já farta de tanta manobra e manipulação, desse novo e desnecessário escândalo que a oposição espreme com gosto, de tanta pressão que não respeita nem sua dor, da imprensa que especula sem cessar sobre seu papel, Sônia decide seguir o conselho de seus filhos de viajar para a Europa e os Estados Unidos durante uma temporada.

A viagem lhe serve para distrair-se do bulício da Índia, para descansar mentalmente e para pôr em ordem suas idéias. Está mais decidida que nunca a manter viva a herança de Rajiv sem ter que se meter no pântano da política. Mas isso é possível?

QUANDO REGRESSA, A POLÍCIA ANUNCIA que identificaram os autores do assassinato de Rajiv. A investigação foi possível graças ao trabalho heróico de um fotógrafo local de Sriperumbudur, um jovem chamado Haribabu. Naquela noite, o repórter havia esperado com impaciência a chegada do líder. Assim que Rajiv desceu do Ambassador branco, Haribabu o bombardeara com seus flashes, tanto que Pradip Gupta lhe fez um gesto para que parasse de importunar. Mas o fotógrafo, pouco preocupado em economizar rolos de filme, continuou com seu trabalho. Quem sabe quando um personagem tão importante como Rajiv Gandhi voltaria a esse lugar perdido? Sua persistência custou-lhe a vida. O corpo de Haribabu acabou explodindo pelo efeito da onda expansiva. Seus restos apareceram a 20 m do lugar onde originalmente se encontrava. O que a polícia descobriu foi sua câmera entre os restos fumegantes da explosão. Estava milagrosamente intacta. Ao revelar o rolo contido em seu interior, apareceram os últimos rostos que Rajiv havia visto em vida, dentre os quais se encontrava o de Dhanu, a terrorista suicida.

Olhe bem para a foto - diz o chefe de polícia. - Esta é a assassina de seu marido.

As mãos de Sônia transpiram quando a pega para observá-la. É profundamente perturbador ver assim o rosto da pessoa que tanto mal lhes fez. De uma abstração na mente, a assassina passa a parecer uma mulher

aparentemente normal. "Como pôde cometer tamanha barbaridade?", pensa Sônia olhando-a fixamente, como se buscasse algum sinal externo de sua maldade, como se pudesse penetrar em sua mente, escutar sua alma, adivinhar por que o decidiu matar. O policial aponta com o dedo o rosto de um homem de pele escura, um sulista, em um canto da foto.

A equipe de investigações especiais da polícia conseguiu identificá-lo. Trata-se de um terrorista conhecido como Shivarasam, um líder do LTTE (Tigres de Libertação da Pátria Tâmil). Senhora, isso vem confirmar o que todos sabíamos: que seu marido foi vítima de um complô dos extremistas tâmeis.

Seu assassinato foi a vingança dos tâmeis contra a intervenção militar na ilha, não é? O policial assente.

Os extremistas se voltaram contra ele, senhora, justamente como um tigre que arranha aquele que lhe vai dar comida.

Ao pensar nisso, Sônia descobre que existe uma horrível pauta nas mortes da família, como se seus membros fossem os arquitetos de sua própria destruição. Indira morreu por um problema que Sanjay desencadeou ao criar o monstro de Brindanwale para controlar politicamente os siques; Rajiv morreu por um problema criado originalmente por Indira, que durante anos forneceu apoio aos Tigres para conseguir os votos dos tâmeis da Índia e não perder base eleitoral. Por acaso não ouvira Indira dizer muitas vezes que o pior na política era, por medo de perder apoio, não se fazer o que no fundo se achava que devia ser feito? Ambos acabaram pagando pelo erro cometido em algum momento de fraqueza, de falta de fé, o erro de antepor considerações políticas de curto prazo ao interesse geral do país em longo prazo. E os erros custam caro na política. Sônia, Priyanka e Rahul sentiam o coração gelar só de pensar. É a lição mais cara de suas vidas.

AO CONTRÁRIO DO CONGRESS, os fundamentalistas hindus estão muito satisfeitos com seus resultados eleitorais. Percebem que a campanha para destruir a mesquita de Ayodhya e substituí-la por um templo hindu dedicado ao deus Rama deu importantes rendimentos políticos. Os distúrbios transformaram-se em votos. Então, por que não continuar? Em outubro de 1991, as organizações hinduístas extremistas afiliadas ao BJP deram um jeito de comprar os terrenos em volta da mesquita. Logo depois começam obras de nivelção do terreno. Para cúmulo da provocação,

anunciam que em 6 de dezembro iniciarão a construção do templo. Quando os muçulmanos se mostram indignados, o governo envia a Ayodhya uma equipe para avaliar a situação e encontra uma grande plataforma de concreto levantada pelos extremistas junto à mesquita. É uma violação flagrante da lei que, depois dos últimos distúrbios, havia proibido alterar as coisas. A equipe do governo está consternada pelo fato de o governo local ter feito vistas grossas, mas a explicação é muito simples: seu chefe é membro do BJP.

Preocupado por uma eventual escalada de violência, o ministro do Interior em Nova Délhi envia 20 mil homens, que se instalam em diversos quartéis situados a menos de uma hora da mesquita. Mas, por outro lado, vão chegando 100 mil militantes hinduístas vestidos como os heróis da mitologia, com tridentes, arcos e flechas, e acampam na área. Alguns líderes do BJP invocam o caráter pacifista e simbólico da concentração.

- Temos nosso próprio serviço de ordem! - argumentam diante das autoridades.

Estas decidem não mandar os soldados para o local na manhã de 6 de dezembro, data anunciada para a colocação da primeira pedra do templo. "Não quisemos provocar", dirão mais tarde, quando a gravidade desse erro ficar evidente.

Nos arredores da mesquita só está presente a polícia do estado, uma pequena força mal motivada e pior apetrechada para conter os ânimos de uma gigantesca multidão.

Às 11h30, enquanto ascetas meio nus cobertos de cinza começam a entoar cânticos e orações na plataforma de concreto, alguns militantes se aproximam da mesquita em atitude ameaçadora. Quando tentam detê-los, a única coisa que o serviço de ordem e alguns agentes de polícia conseguem é ser apedrejados pela multidão colérica.

- Ergueremos nosso templo aqui mesmo! - gritam os militantes com fervor.

Um jovem intrépido consegue pular por cima da polícia e escalar os muros da mesquita até chegar a uma de suas três cúpulas. A multidão percebe o gesto como um sinal de ataque. Armada de machados, picaretas e pás, uma avalanche de militantes se lança sobre a mesquita. A polícia foge espavorida.

Meia hora depois, os militantes caminham pelo teto ondulando bandeiras cor

de açafão e dando vivas. Enquanto uns lançam ganchos amarrados a uma corda para cravá-los no teto dos minaretes, outros atacam a base com maças, martelos e picaretas. Às 14h, o primeiro minarete cai, e com ele uma dúzia de homens que estavam destruindo o teto a machadadas. Mas parece que tanto faz, a vida humana não importa, o que vale é acabar com os símbolos do vizinho muçulmano. Uma hora depois, cai o segundo minarete. A seguir o último, e finalmente a cúpula central. Em uma única tarde, um monumento que foi testemunha de incontáveis convulsões da História, que suportou o açoite de mais de quatrocentas monções, é reduzido a escombros pela fúria de fanáticos.

A maioria dos hindus do país não acha que uma minoria de extremistas consiga subjugar o Estado a sua vontade. Se as forças que poderiam ter detido esse sacrilégio estão à mão, por que nunca chegou a ordem de intervir? Nesses dias de terror, muitos indianos sentem falta de Indira; com ela no poder em Nova Délhi, acham que isso nunca teria acontecido. Atribuem o fato à covardia do governo de Narasimha Rao, que não quer ser visto como contrário aos hindus em um país em que são maioria. A demolição causa seis mortos entre os militantes e cinquenta feridos. Os líderes do BJP são presos pela polícia e postos sob custódia protegida. Um influente sacerdote local expressa o desejo de que Ayodhya se transforme no "Vaticano dos hindus" e faz um apelo à violência. O primeiro passo, acrescenta, é limpar a cidade de suas minorias. Os militantes respondem com ardor a esse grito de guerra e se lançam a uma orgia de violência, incendiando as casas dos muçulmanos e depois bairros inteiros. Logo a violência se estende por toda a Índia. Os muçulmanos saem às ruas, atacam as delegacias de polícia e ateiam fogo a edifícios do governo. As turbas excitadas utilizam armas de todo tipo, desde ácido até escopetas, passando por estilingues e punhais. A imprensa relata casos de crianças queimadas vivas, de mulheres alvejadas à queima-roupa por policiais. O espectro da Partição torna a aparecer.

Há milhares de mortos por toda a Índia. O Exército impõe o toque de recolher. O país está paralisado de medo. Os aviões não decolam, os trens não circulam. O pesadelo de Nehru e de Gandhi, do ódio entre comunidades, está se tornando realidade diante dos olhos atônitos do povo, que vê a convivência entre vizinhos ser substituída pela hostilidade e pela

desconfiança. Crianças muçulmanas e hindus já não brincam juntas como o fizeram por mais de mil anos. Os pais não negociam entre si, deixam de se relacionar. Começa-se a exigir dos muçulmanos que provem sua lealdade para com a Índia. Nas partidas de críquete contra o Paquistão, exigem que ostentem a bandeira nacional na fachada de suas casas, e que torçam pelo time nacional. São obrigados a se manter na defensiva, mas na Caxemira, onde são maioria, os papéis se invertem. Ali, os extremistas muçulmanos fazem uma jihad contra a comunidade dos pandits hindus, da qual os Nehru são oriundos. Mais de 100 mil são obrigados a se exilar. Ambos os processos se retroalimentam, enquanto o povo, que não está acostumado a fazer política em termos de fé e religião, se pergunta: podemos confiar em um governo que não assume seu compromisso de proteger um antigo local de culto? Podemos confiar em uma comunidade que expulsa de maneira tão drástica aqueles que professam outra fé? "Como os minaretes que coroam esta velha mesquita", escreve o Time Magazine, "os três pilares do Estado indiano - democracia, aconfessionalidade e estado de direito - correm o risco de ser derrubados pela fúria do nacionalismo religioso."

DURANTE TRÊS ANOS, SÔNIA FICOU TRANCADA em casa, aplicada à tarefa de organizar o arquivo da família. Escreveu um comovente livro sobre seu marido, e para isso teve que mergulhar em 100 mil fotos, quinhentos discursos e incontáveis bilhetes. Leitora voraz, viveu seu período de luto entre livros, papelada, fotos e documentos.

Também publicou o segundo volume de cartas entre Nehru e Indira, uma correspondência intensa e comovente. "Você não pode se livrar da tradição familiar", escreveu Nehru da prisão a sua filha, "porque ela a perseguirá e, quer queira, quer não, ela lhe dará certa posição pública que você não fez nada por merecer. É triste mas você terá que agüentar. Mas, afinal de contas, não é ruim ter uma boa tradição familiar. Ajuda-nos a encarar o futuro, lembra-nos que temos que manter viva uma chama e que não podemos nos rebaixar ou tornar vis." Sônia não consegue tirar essa carta da cabeça. Escrita em outro tempo e outras circunstâncias, seu eco retumba em seu interior porque contém uma ineludível verdade.

Agora, o que acontece a sua volta revira suas entranhas. O fato de o governo, encabeçado por um primeiro-ministro do Congresso, não ter

conseguido impedir a catástrofe de Ayodhya lhe dói na alma. É um insulto ao ideário, à própria essência do partido. É possível que os sacrifícios de Gandhi, Indira e Rajiv não tenham servido para nada? - pergunta-se desconcertada. - Toda essa dor foi inútil?

Em uma reunião do conselho da fundação que leva o nome de seu marido, propõe dar uma dura declaração de condenação ao governo.

A fundação é uma entidade apolítica - diz um dos conselheiros, um velho membro do Congress e amigo de Rajiv. - Não há necessidade de fazer um comentário sobre um tema político.

Sônia nega com a cabeça.

Rajiv e os demais membros da família são identificados ao laicismo, à determinação de não misturar política e religião. Tenho a impressão de que, se a fundação não expressar seu repúdio, estaremos traindo a herança de nossa família.

Mas, se fizer isso, estará se metendo em política. Você tem que saber que, quando se manifesta contra o que o Congress faz, está dando lenha aos adversários, aos extremistas hindus...

Não se trata de fazer política ou não. É uma questão de princípios. Não posso permanecer impassível diante do que está acontecendo.

Não pretende se calar, tanto faz para ela quem esteja no governo. Repete que sua autoridade é moral, e não política. O primeiro-ministro Rao cometeu o mesmo erro na gestão da crise de Ayodhya que aquele cometido por Sanjay com os siques e por Indira com os tâmeis. Será que as lições do passado não servem para nada? Está claro

que Rao não mandou o Exército a tempo para impedir a destruição da mesquita a fim de não afastar o eleitorado hindu. Sacrificou a paz do país por um benefício eleitoral de curto prazo. Essa não é a política que Sônia está disposta a apoiar, caia quem cair, mesmo que seja o Congress.

De modo que segue adiante com sua idéia e redige uma declaração de repúdio em termos severos, imputando uma grande parte de responsabilidade ao próprio governo de Narashima Rao. Inevitavelmente, desata-se uma tempestade política. "Está se metendo em política, e contra nós?", perguntam-se no governo, atônitos. Como era de se esperar, a oposição desfruta do espetáculo dessa briga interna do Congress, que se soma a outras entre diversos líderes. No partido, uns tentam devorar outros, é um verdadeiro ninho de cobras. Os extremistas hindus aplaudem.

Mas Sônia tem certeza. Continuar fiel ao compromisso de preservar a memória de seu marido e da família nada tem a ver com a sorte dos homens de Rajiv na política, principalmente quando não existem razões para apoiá-los. Acha que ficar de braços cruzados é ser desleal. E Rajiv continua muito presente em sua mente. Tudo o que fez na vida, fez por ele. Agora também; nisso, a morte não mudou nada. Ele vive nela. É sua razão de ser.

Além de tudo, tem outro agravo contra o governo de Rao. O julgamento contra os conspiradores presos pela polícia não tem previsão de começar nunca. Como resultado dos interrogatórios dos detidos, a polícia descobriu um plano meticulosamente traçado para acabar com a vida de Rajiv. Sabem que foi elaborado nas profundezas das elvas do Sri Lanka pela direção colegiada da organização terrorista, que utilizou a rede de ativistas que tem no sul da Índia porque precisava de tãmeis locais que não pudessem ser identificados pelo sotaque da ilha. A polícia descobriu uma rede completa de apoio à organização terrorista, com uma estrutura na qual os que emprestavam os esconderijos só sabiam que lutavam pela causa; os que estavam mais perto da direção só sabiam que a missão consistia em assassinar um político "hostil à luta dos Tigres"; e somente os dirigentes sabiam quem era o alvo. Esses dirigentes temiam que, se Rajiv voltasse ao poder, enviasse de novo o Exército indiano à ilha, o que os teria prejudicado. Sônia e seus filhos estão decepcionados e incomodados porque todo esse bom trabalho da polícia corre o risco de ir por água abaixo graças à inação da justiça.

]

Espera um pouco mais, tenha paciência... - repetem os antigos companheiros de Rajiv.

A justiça, se é lenta, não é justiça... Todo mundo não sabe disso? - diz Sônia, repetindo outra frase que ouviu mil vezes em casa quando Indira era viva.

Não é o momento de atacar o Congresso. Ele está tão debilitado que seria fatal, principalmente se o golpe vier de você.

Meus filhos e eu continuaremos esperando por muito tempo.

SÔNIA, DEDICADA AO TRABALHO na fundação, percorre o país como nunca antes. É uma redescoberta da Índia profunda, dessa vez sozinha e com outros olhos. Seja para inaugurar o Lifeline Express, um trem transformado em hospital ambulante para operar a cegueira, ou fornecendo material de socorro às áreas mais afetadas pelos distúrbios, lançando programas de alfabetização ou abrindo um hospital oncológico em uma zona rural e afastada, sua presença atrai um número crescente de gente que sempre lhe dispensa uma recepção entusiasta. Ao sentir-se querida, aprende a ser mais comunicativa, não com a imprensa, da qual continua tendo receio, mas sim com as mulheres com quem divide o chá e a conversa, e com as crianças que

abraça e a quem oferece presentes. Seu trabalho a satisfaz profundamente. Assume com vigor e eficácia o antigo compromisso familiar com os pobres da Índia, e o faz a sua maneira.

Mas se ela está comprometida com o povo, se tem princípios e o poder que dá pertence à família de Nehru, pode se calar diante da ineficácia e da indolência das autoridades, sejam do lado que forem? O silêncio equivale a aprovar o comportamento do governo, que colocou o país à beira do abismo. Em 20 de agosto de 1995, data do aniversário de Rajiv e quarto ano de sua morte, Sônia, já farta de esperar, preocupada com o auge dos enfrentamentos entre comunidades, fala em público, e em Amethi. Dez mil pessoas em delírio gritam: "Sônia, salve o país!", enquanto ela sobe devagar as escadas do palanque, a cabeça coberta pelo véu do sári. Suas mãos tremem de tão nervosa que está e parece insegura, em contraste com sua filha Priyanka, que saúda descontraída a multidão.

Mamãe, veja quanta gente! Não acha que os deveria saudar? Sônia atende a sua filha e levanta o braço. A atoadora resposta do povo lhe dá coragem. Com Priyanka a seu lado, dá livre curso a sua cólera: "Há quatro longos anos, o governo é incapaz de prender e de levar a julgamento os assassinos de meu marido", declara em um híndi quase perfeito. "Se o processo sobre o assassinato de um ex-primeiro-ministro demora tanto tempo em fazer progressos, o que acontecerá ao cidadão comum com os assuntos pendentes na justiça? Com certeza vocês entendem o que sinto." Em meio a um furacão de exclamações, prossegue: "Hoje, os ideais de Nehru, de Indira e de Rajiv estão ameaçados. Há divisões em todos os lugares. Chegou a hora de restaurar seus princípios, e eu estarei com vocês nesse esforço."

"Sônia, salve o país!" responde o povo, que sente afeto por essa viúva corajosa e digna. Admiram-na por sua abnegação, sua fidelidade à família e seu sacrifício.

Antes de voltar ao carro, uma jornalista se aproxima:

Seu discurso marca a volta da dinastia dos Gandhi à cena política indiana?

Não - responde Sônia - não tenho ambições políticas. Sempre falo na qualidade de presidente da Fundação Rajiv Gandhi.

Mas a Índia inteira ouviu sua mensagem. No dia seguinte, sua foto com o braço erguido, acompanhada de seus filhos, está na primeira página de todos

os jornais nacionais.

Aos olhos de milhões de indianos, Sônia deixa de ser percebida como a dona de casa que vive à sombra do marido e da sogra e passa a ser a figura pública responsável pelo legado da família.

Com Sônia, está acontecendo o que ocorria com Rajiv e Indira. O contato com o povo a anima, reconforta, tira-a de sua angústia existencial, faz com que esqueça a contradição que representa assumir o legado de uma família tão política detestando a política. O resultado das eleições seguintes, de 1996, não a surpreende em absoluto.

Está tão bem informada que já sabe que o partido não vai atingir os duzentos deputados. Mas não chega nem a 140, um desastre histórico. Rao dissolve o governo, renuncia ao cargo de primeiro-ministro e líder do partido.

Poucos dias depois, Sônia recebe a visita de um grupo de dissidentes do Congress que de novo vêm solicitar seu conselho para escolher o próximo presidente da organização.

Mas Sônia se nega a dar sua opinião.

Dessa vez, consciente de seu poder, "do fator Sônia", nem sequer menciona qual seria seu sucessor favorito. Não quer ser manipulada.

Quem saiu vitoriosa nessas eleições foi Maneka, que conseguiu de novo um lugar no Parlamento. Indo e vindo de seu posto, a cunhada lavrou uma imagem própria de defensora dos animais. É nomeada de novo ministra do Meio Ambiente, mas sua alegria dura pouco. Devido às pressões dos inimigos da coalizão, o novo primeiro-ministro é obrigado a substituí-la uns dias depois. Não deixa de ser irônico que a nora indiana de Indira, política e faladora, lute tanto por uma parcela de poder enquanto a tímida e apolítica nora estrangeira continua tendo que recusar ofertas de liderança.

Porque os líderes do Congress voltam à carga, conscientes de que a ausência da viúva é a presença mais importante do partido. A situação é catastrófica, dizem, o partido se desintegra, o país corre para o abismo das guerras de religião. Não há dia que não apareça alguém para lhe repetir isso. As brigas internas no seio da maior organização política do mundo estão deixando-a sem os melhores militantes, que desertam em massa. O novo líder eleito à custa de amargas disputas é um indivíduo que não inspira respeito. Passa as tardes em sua casa, deitado no chão, a cabeça sobre um travesseiro, bebendo uísque, fumando sem parar e falando de política, de fofocas e de sexo. Sônia

sabe que esse homem não é a solução, ao contrário. Diante das pressões constantes, ela continua não dando o braço a torcer. "E Priyanka?" perguntam, como se tanto valesse mãe ou filha. Seja quem for, mas que seja um Gandhi, a única coisa que pode salvar a organização. Só um Gandhi pode aglutinar as diferentes tendências, os diferentes egos. Só um Gandhi pode sensibilizar o maltratado moral dos simpatizantes. No outrora todopoderoso Congress, um partido com 112 anos de história, espalha-se o desespero. "Milhões de militantes do partido estão dispostos a dar sua vida por você. Como pode permitir que o Congress desmorone diante de seus olhos?", repetem. Tanto falam, que Sônia começa a sentir um vago complexo de culpa, a consciência aflita por uma espécie de dor. Posso continuar como uma espectadora muda diante da desintegração do partido pelo qual Rajiv deu sua vida?

A pergunta a perturba. De repente, é como se a terra se abrisse sob seus pés. Além do mais, está cansada de tanta pressão, à qual está submetida desde que Rajiv morreu. E também farta de tanta adulação. Mas, acima de tudo, está atormentada. Se o Congress se desintegrar, acaba a herança familiar, pensar que o sacrifício de Rajiv foi em vão lhe tira o sono. Sua filha compartilha sua angústia. Temos que fazer alguma coisa - diz Priyanka - senão, o BJP acabará destruindo tudo o que conseguimos, desde vovô até papai.

QUANDO RECEBE A VISITA DE UM VELHO AMIGO da família, Amitabh Bachchan, em cuja casa morou quando chegou a Nova Délhi e que se tornou o ator de cinema mais popular da Índia, conta-lhe sua angústia.

Eu me pergunto se, ao falhar com o Congress, não estarei falhando com Nehru, Indira e Rajiv - confessa.

Não os confunda com os líderes de agora - responde Amitabh. - Estes são um bando de abutres que querem se aproveitar do poder de mobilização de sua família para seus fins políticos. Não se deixe enganar, não ceda.

Claro, você tem razão - diz ela.

Mas Priyanka não concorda com Amitabh.

Então - diz a sua mãe quando estão de novo a sós - vamos deixar que o país caia sem fazer nada? Sônia lhe responde com outra pergunta:

Não acha que a família já fez o bastante pelo país?

Mas a dúvida a oprime como um abraço lúgubre, como se adivinhasse que sua resistência está prestes a ceder diante do irremediável.

MESES DEPOIS, OUTRA VISITA de outro velho amigo de Rajiv aumenta ainda mais a dúvida na mente de Sônia. É um dos líderes do Congress mais valorizados, um homem íntegro chamado Digvijay Singh. Sua opinião sempre pesava nos tempos de Rajiv.

Estamos indo de cabeça rumo ao desastre - diz-lhe sem rodeios. - Com esse novo presidente, não vamos conseguir nem cem cadeiras nas Próximas eleições. Sabe o que isso significa?

Sônia faz uma careta de desgosto. O homem prossegue:

Isso significa a desintegração do partido, o final do Congress e talvez da Índia como nação. Há um silêncio longo, denso.

Conheço sua postura e a de seus filhos com relação a assumir o manto de sua família, mas, diante da extrema gravidade da situação, vim em nome dos companheiros de Rajiv para lhe pedir que o faça. Eu sei o que você acha da política, todos sabem. Sei que você vai dizer que não mas eu faltaria com meu dever se não insistisse.

E eu não o faria se achasse que há uma solução melhor.

Eu sempre achei que você tinha força, que poderia perfeitamente ser um bom presidente do partido - diz Sônia.

Não tenho apoio suficiente. Talvez, no futuro, tenha, agora não. Neste momento de máxima gravidade, a solução passa por você ou por seus filhos. Está me dizendo que se eu não entrar para a política estarei faltando com minha responsabilidade? O homem não se atreve a responder.

Quero lhe fazer ver outro aspecto do problema - prossegue. - Suponhamos que o Congresso desapareça... O que acontecerá com sua segurança? Fazendo política ou não, há muita gente que os vê como uma ameaça pelo que representam. Aqueles que são contra os princípios fundamentais do Congress são contra vocês também. E, infelizmente, são uma legião, cada dia mais. Mesmo que nunca quiser fazer política, o fato de morar nesta casa é, em si mesmo, um ato político.

Sônia não responde. Sua cabeça gira. Digvijay Singh prossegue:

Se tiraram a casa de Rajiv, vão tirá-la de vocês, não tenha a menor dúvida. Se o Congress desaparecer como força política, quem vai custear a enorme segurança de que você e seus filhos necessitam?

Sônia estremece porque sabe que seu interlocutor tem razão. Atrever-se-iam a deixá-los desprotegidos? Tudo é possível nesse sujo mundo da política. Há inimigos do lado de fora, e também dentro do partido, os mesmos que retiraram a proteção de Rajiv. Uns por uma razão, outros por outra. Está claro que, se o partido afundar, ficarão indefesos. Mas aceitar e entrar na política para salvar o partido não é tentar o diabo? Não é expor-se ainda mais às balas de qualquer louco? Não há saída no labirinto de sua vida. Tudo acaba se misturando em sua cabeça: o senso de responsabilidade e o medo, o ódio à política e a necessidade de segurança. Pela primeira vez, Sônia está percebendo que não é só o poder que precisa dela; a família também precisa da proteção do poder. Senão, está claro: o legado deixará de existir, o sacrifício de Indira e Rajiv cairá no esquecimento e talvez eles - Sônia, Priyanka e Rahul - também deixem de existir.

Enquanto Sônia se debate em um mar de dúvidas, a política indiana continua se desintegrando. O conceito de "nação" criado pelo Partido do Congresso durante a luta pela independência, e que advoga uma nação plural, laica e diversa (ao contrário do Paquistão, uma nação criada ao redor de uma religião), continua perdendo terreno de maneira alarmante. Os mesmos adversários contra os quais o Mahatma Gandhi, Nehru, Indira e Rajiv lutaram são os que agora ganham adeptos com sua idéia de uma Índia hindu, como um eco involuntário do Paquistão. O que vai acontecer se tomarem o poder? Haverá uma limpeza étnica? Depois, vem o lamentável espetáculo da corrupção.

Uma centena de parlamentares em Nova Délhi tem, agora, um "passado criminoso", o que significa que foram acusados de vários crimes, mas não condenados formalmente.

Se Nehru visse isso! Depois que são eleitos, é praticamente impossível condená-los, por isso a política está se transformando em um incentivo importante para delinqüentes de todo tipo.

A corrupção é tão grotesca que uma líder do maior partido de intocáveis da Índia, uma mulher de meia-idade chamada Mayawati e que ficou rica da noite para o dia alegando que seus simpatizantes são "muito generosos", foi pega em flagrante fornecendo licenças a seus amigos construtores para construir um gigantesco parque temático em volta do Taj Mahal.

O escândalo obrigou-a a abandonar o projeto, mas não a fez perder nenhum voto. A imprensa publica fotos dela recebendo seus interlocutores, sentada em um verdadeiro trono de madeira entalhada recoberta de pão-de-ouros em sua casa-palácio de Lucknow. Comemorou seu aniversário grandiosamente, utilizando a máquina oficial e fundos públicos. E ela não é a única. Parece que, em vez de progredir, o país retrocede aos tempos dos corruptos marajás. Retrocede para quando era composto por uma miríade de reinos que lutavam entre si, debilitando-se mutuamente, facilitando as invasões de mongóis e britânicos. Se o Congresso acabar pulverizado nas próximas eleições, o único grande partido nacional morrerá. Agora, só restam reinos de facções que lutam não por sua ideologia, e sim para granjear os favores de seus eleitores, cada vez mais agrupados em castas ou comunidades regionais. A política está se atomizando. Até onde chegará essa fragmentação? Até a desintegração da Índia? Os analistas não descartam essa possibilidade.

Alguns dizem que os Nehru eram a Índia, que sem eles a Índia não é nem sequer uma nação.

EM UMA DE SUAS NOITES SEM DORMIR, Sônia sente de novo uma pressão no peito. Às vezes é o frio que desencadeia uma crise de asma, outras vezes surge sem explicação aparente, outras é o estresse. Os brônquios se estreitam e dificultam a passagem do ar aos pulmões. A sensação de sufocação, de inalar e o ar não entrar, é angustiante.

A asma crônica não tem cura, aprende-se a conviver com a doença, como o fez Sônia. Ela reconhece que a ioga lhe é de grande ajuda. A ioga ensina a respirar. Quando, nessa noite, nota os primeiros sintomas, já está procurando seu inalador e seus remédios. Mas não os encontra no lugar habitual, não estão nem no armário do banheiro nem no criado-mudo. "Devo tê-lo deixado no escritório", pensa. Veste seu robe e sai do quarto.

De fato, o inalador está na mesa do escritório. Sônia se senta, coloca-o na boca, aperta bem no momento da inspiração e dá profundas inaladas. Logo se nota o efeito.

Pronto, já consegue respirar. Relaxa. A casa está em silêncio, exceto pelo barulho do vento na folhagem das árvores do jardim e o de suas profundas expirações e inspirações. O aposento continua cheirando a incenso frio, como quando Rajiv era vivo. Ele gostava de acender umas varetinhas

quando trabalhava. Dizia que o ajudavam a se concentrar.

De repente, Sônia ergue os olhos e encontra o retrato de Indira. E o de Nehru. E, a seguir, o de Rajiv. "Por que me olham com essa insistência? Com esse sorriso enigmático?" Nessa noite, na penumbra, parece que estão vivos. Sônia guarda seu inalador no bolso e, antes de apagar a luz, volta a olhar os retratos. Não consegue sustentar esses olhares e baixa os olhos, como que envergonhada. Apaga a luz e volta para seu quarto para se deitar. Mas não concilia o sono e não quer tomar um comprimido para não se acostumar. Dá voltas na cama, enrosca-se no lençol, acende a luz, tenta ler, cansa-se e a apaga de novo. Não consegue afastar de sua mente as fotos do escritório. "Estou falhando com eles", diz a si mesma. "Eu os estou traindo. Meu Deus, o que faço?"

Precisa falar com seus filhos. Rahul acaba de chegar de Londres, onde arrumou um emprego em uma entidade financeira depois de terminar seus estudos nos Estados Unidos.

Priyanka tem um namorado, um rapaz que conhece desde que era pequena. No dia seguinte, ao redor da mesa do café-da-manhã, Sônia lhes conta a sensação que lhe provocaram as fotos do escritório.

Cada vez que passo diante deles, tenho a impressão de que estão me olhando, como se esperassem algo de mim...

É que esperam, mamãe - diz Priyanka. - Comigo acontece a mesma coisa, tenho vergonha de ficar sem fazer nada enquanto tudo vem abaixo. O que diria a vovó? Tenho certeza de que não gostaria... Temos que evitar o fim do partido.

E como se faz isso? - pergunta seu irmão.

Fazendo campanha pelo Congress nas próximas eleições - responde Priyanka. Rahul dá de ombros.

Não devemos nos meter nessa confusão.

Eu acho que devemos pensar bem - diz Priyanka, que tem os pés na terra.

Sabe, mamãe, eu cheguei à mesma conclusão que você, mas por outro caminho. Não podemos ficar como espectadores. É meio... meio imoral!

Pouco a pouco, avaliam os prós e contras de uma decisão que aparentemente confunde tudo, mas que acaba mostrando sua lógica profunda.

Às vezes, é preciso deixar as preferências que se tem de lado, não acha? - pergunta Sônia, com o semblante sério.

Seus filhos não respondem. Ela prossegue:

Eu estaria disposta a fazer campanha pelo Congress para tentar salvar a organização, mas não a assumir nenhum posto de governo. Vocês me ajudariam?

Claro que sim - diz sua filha. - Lembra o que dizia o bisavô à vovó Indira naquela carta? Que nunca poderia se desligar da tradição familiar. Como tinha razão!

Acho que nós também não podemos. É como uma segunda pele, gostemos ou não.

Para Rahul, é difícil aceitar a decisão de sua mãe, porque não a vê contente. Sabe que ela vai entrar em uma trilha que no fundo repudia. Sabe que faz isso porque herdou o mesmo senso de dever de Indira e Rajiv. Mas, no fim, o rapaz entende o que está em jogo.

Mamãe, vou deixar o emprego e a acompanharei a todos os comícios - diz para animá-la.

SÔNIA GOSTA DE SERVIR ELA MESMA O CHÁ àqueles que vão vê-la. Dessa vez não é uma visita habitual, foi ela quem convocou o líder do Congress e velho amigo da família Digvijay Singh, esse que há alguns meses lhe disse que estavam indo direto para o desastre. É um homem alto e bem-apessoado, com uma elegância natural realçada por um conjunto branco de kurta e calças tipo pijama. Chegou sem demora, a despeito de ter tido que passar uma noite no trem. Mas, se Sônia chama, se atende, porque ela nunca costuma chamar. A italiana lhe entrega a xícara de chá, que exala um cheiro de jasmim. Antes de se sentar, dá uma rápida olhada às fotos nas paredes, como se lhes pedisse aprovação para o atrevimento que se dispõe a propor.

O que aconteceria se eu fizesse campanha pelo Congress? - solta de repente. O homem queima os lábios e engasga. Será verdade o que está ouvindo?, pergunta-se. Não tinha nem idéia do que ia encontrar, por isso a pergunta o pega desprevenido.

Faz-se o silêncio, um silêncio denso, que Sônia aproveita para lhe oferecer um guardanapo de linho com um G bordado.

Madame - responde enxugando o canto dos lábios - isso teria um efeito poderoso em nossas filas. Arrasaríamos nas urnas.

Sônia está séria, meditativa. Os olhos do homem se iluminam.

Acredita mesmo nisso?

Tenho certeza.

Para mim, é uma decisão muito difícil de tomar.

Eu entendo perfeitamente, madame. Sônia prossegue:

Não sou uma líder nata, você sabe, não é algo natural em mim...

Não acho que a capacidade de liderar seja algo inato. Veja o exemplo de Indira. Era tímida, e no início falava muito mal. Ou seu marido. Tudo se aprende. E na

política aprende-se ainda mais rápido.

Você acha que isso se pode aprender?

Tenho certeza. Veja a quantidade de gente que a vai ver em qualquer ato. Parece que bebem suas palavras... Além do mais, podemos prepará-la. A senhora tem a vantagem de ter à sua disposição a grande reserva de talentos que existe no Congress, a menos que o partido se desintegre tão rapidamente que acabem todos indo embora antes das eleições. Mas ainda temos os melhores especialistas em campos como a economia, a administração ou a ciência e a tecnologia.

Sônia fica olhando para ele, mas não diz nada. Sua expressão é hermética, como quem se resignou a aceitar o irremediável.

POUCO DEPOIS DESSA REUNIÃO, Sônia age discretamente, a sua maneira. Dirige-se à sede do partido em Akbar Road e preenche o formulário que acompanha o pedido de adesão à organização. Com a carteirinha na mão, que a vincula ainda mais a Nehru, a Gandhi e a todos os que lutaram pelos ideais de uma Índia independente e livre, volta para sua casa. Vai para o escritório e, antes de guardar tudo em uma gaveta, dirige seu olhar para os retratos. Esboça um tímido sorriso, como se já não sentisse vergonha de olhá-los nos olhos.

Em 28 de dezembro de 1997, Sônia anuncia publicamente sua decisão de entrar na política e de se candidatar pelo Congress nas próximas eleições. A notícia dá a volta ao mundo. Ninguém entende as razões dessa reviravolta, nem sua mãe, nem suas irmãs, nem seus amigos, nem o público em geral. Os líderes do partido fazem um grande espetáculo dando-lhe as boas-vindas, mas alguns estão receosos porque sabem que essa "neófito" acabará mandando neles. As más-línguas cospem seu veneno: Sônia se mete em política para fugir do escândalo Bofors, dizem uns. Sônia quer ser primeira-

ministra, dizem outros. Por fim, mostra suas verdadeiras cores, clama um terceiro. Maneka Gandhi não perde oportunidade de somar seu grão de areia. "Ela saúda como o limpador de pára-brisas de um carro", diz, aludindo à saudação de Sônia a seus entusiastas seguidores na saída da sede do Partido. E acrescenta em uma entrevista ao semanário Panchjanya: "Sônia não será eleita porque é estrangeira... A única coisa que quer é ser primeira-ministra um dia, para ter uma vida farta. Esse cargo é como um brinquedo para ela, não tem consciência das dificuldades que implica".

Sônia evita qualquer comentário sobre sua ex-cunhada. O que tenta fazer é blindar-se contra as críticas e os deboches, venham de onde vierem. Sempre soube que seria submetida a um escrutínio público ainda mais intenso que antes. Faz parte da vida de um político. Por isso quer se preparar o melhor possível. Ciente de suas limitações, cerca-se dos melhores especialistas: uma historiadora, um sociólogo, um jurista especialista em direito constitucional, um ex-diretor do Serviço de Inteligência, um especialista em ciências políticas... no geral, consideram-na uma "estudante aplicada" que, por exemplo, aprende rapidamente os usos e costumes parlamentares. Mas comete alguns erros. Quando a apresentam a um influente líder de uma casta do estado de Uttar Pradesh, um homem brilhante, com uma mente analítica capaz de explicar-lhe o delicado equilíbrio das castas, Sônia comenta com inocência: "No Congress, eu quero que as considerações de casta sejam minimizadas". O homem se levanta de repente e diz que voltará quando Sônia tiver mais noção da importância do tema de que está falando. Ossos do ofício.

O MOMENTO DE SUA ENTRADA NA POLÍTICA coincide com o casamento de sua filha. Priyanka se casa com um designer de jóias, filho de um magnata do latão de uma cidade próxima a Nova Délhi. Sônia não vê com bons olhos essa união; o namorado não acabou a universidade e, pior ainda alguns membros da família têm vínculos com organizações extremistas hindus afiliadas ao BJP. Mas para Priyanka isso não parece importante. Está apaixonada por um homem, não por sua família, nisso pensa como uma europeia, não como uma indiana. Tomou uma decisão e vai seguir em frente.- Priyanka está sendo muito fiel à tradição familiar - diz Rahul a sua mãe com ironia. - Está se casando com alguém com quem não

tem nada em comum. Que há de mal nisso?

Esse é justamente o problema.

Problema? O que o bisavô Nehru tinha a ver com a bisavó? Nada. Vovó Indira com o vovô? Nada também. Tio Sanjay com Maneka? E você com papai... você mesma disse, eram de mundos muito diferentes. Às vezes funciona, às vezes não, isso nunca se sabe.

Se sua irmã e você estão confabulando contra mim, não pretendo abrir outra frente de batalha - diz Sônia, que volta a sorrir. A fina flor da sociedade comparece ao casamento de Priyanka, filha, neta e bisneta de três primeiros-ministros,. Sônia, muito elegante em um sári de seda bordô e ouro, recebe o presidente da República, o primeiro-ministro e os altos membros do partido. O ambiente está carregado de expectativa nesse evento classificado pela imprensa como o "casamento do ano". Nunca como hoje a família "reinante" foi fonte de tantos comentários e fofocas. Desde que Sônia anunciou sua entrada na política, uns predizem seu iminente fracasso, outros mostram sua satisfação por ter encontrado uma líder capaz de fazer o Congress ressurgir. Dizem que a mãe aceitou fazer o sacrifício de entrar na política por seus filhos, verdadeiros herdeiros naturais da dinastia. Entre os comensais encontra-se também um rapaz alto e de boa aparência que Priyanka insistiu em convidar. É seu primo, Firoz Varun Gandhi, filho de Maneka, que está estudando na London School of Economics. Vem sozinho, sem sua mãe.

Seja Priyanka, Rahul ou Firoz, os líderes do partido têm fé absoluta neles. Consideram-nos líderes natos, carismáticos e capazes de decidir o destino de milhões de pessoas. Agora que a mãe deu o primeiro passo, têm certeza de que o futuro do Congress, e da nação, passará por eles. Repararam que Priyanka, radiante, usa o maravilhoso sári feito com o algodão que seu vô Nehru fiou na prisão. O mesmo que Indira usou em seu casamento, e Sônia depois no seu. Um símbolo, esse sári vermelho.

UM SÍMBOLO, TAMBÉM, O FATO DE SÔNIA começar sua campanha onde o marido acabou a sua, na cidade de Sriperumbudur. Tem de vencer a emoção de estar no lugar que Rajiv viu pela última vez, sua timidez, seu nervosismo e seus ataques de asma na hora de falar em público. "Estou aqui diante de vocês, cercada de medidas de segurança, neste mesmo lugar em que Rajiv esteve sozinho e desprotegido diante de seus assassinos. A voz

dele foi silenciada, mas sua mensagem e as idéias que defendia continuam mais vivas que nunca." Já não faz alusão à lentidão da justiça com a raiva de antes. Por fim, em janeiro de 1998, o juiz que preside o tribunal contra os acusados de assassinar seu marido ditou a sentença: pena de morte. Os condenados apelaram ao Tribunal Supremo, mas suas possibilidades de que comutem a pena são mínimas.

Não é um consolo para Sônia, que sempre foi contra a pena capital. Preferiria que os mantivessem atrás das grades. Fazendo referência a suas origens estrangeiras, o ponto fraco que seus adversários já usam contra ela, acrescenta: "Eu me tornei parte da Índia há trinta anos, quando entrei no lar de Indira Gandhi como esposa de seu filho mais velho. Foi por meio de seu coração que aprendi a entender e a amar a Índia". São frases simples, ditas em um tom natural e gentil, entrecortadas por um sorriso fraco. Repete-as ao longo de um mês, enquanto percorre 30 mil quilômetros, um desses sacrifícios aos quais viu vários membros de sua família se submeterem. Em seus discursos, que lê diretamente em alfabeto híndi, fala também de sacrifício, de estabilidade e sobretudo de laicismo. Explica que começou a fazer campanha como reação à angústia que lhe causa o fato de haver políticos pedindo votos em nome da religião. "Vocês têm que escolher entre as forças da harmonia e o progresso ou as que pretendem exacerbar nossas diferenças para ganhar poder." Não perde qualquer oportunidade de se desculpar pelos erros do passado, como a Operação Blue Star no Punjab ou a demolição da mesquita em Ayodhya. Assume os erros dos outros com total humildade. Fala com a sensação de estar imbuída de uma missão. As multidões comparecem a seus comícios não só pela imensa curiosidade que suscita, mas porque Sônia é capaz de combinar a emoção com um discurso político contundente. Sua campanha traz uma nota de frescor e de novidade ao panorama geral. Os líderes mais céticos se surpreendem com a eficácia de Sônia para encher os comícios e sensibilizar o eleitorado. No fim da campanha, o Times of Índia põe na primeira página: "De imperatriz esquiva a sofrida esposa e poderosa política, a transformação de Sônia Gandhi parece completa".

Sônia não arrasa nos resultados, mas consegue 146 cadeiras para o Congresso e fez com que a participação dos votantes aumentasse significativamente. Ou seja, consegue evitar a catástrofe. Reconhecida como salvadora do

partido - e para que no futuro a organização não desapareça em camorras internas - os líderes decidem pô-la na presidência. Sônia Gandhi torna-se o quinto membro da casa de Motilal Nehru a assumir esse cargo. Ah, se Stefano Maino visse isso! Como ficam longe as montanhas Asiago, as noites ao calor da lareira com suas irmãs esperando a zuppa para o jantar, as missas eternas dos domingos na igreja de Lusiana, o cheiro de neve de final de outono, os sonhos de menina de querer viver em uma cidade e não no campo ordenhando vacas... E tudo por uma troca de olhares em um restaurante em Cambridge.

ONZE MESES DEPOIS DE SEU CASAMENTO, Priyanka encontra no jornal uma notícia sobre os assassinos de seu pai. Uma das terroristas acusadas está prestes a ser executada na forca junto com três cúmplices. Um deles é o marido dela. A terrorista, conhecida pelo nome de Nalini Murugan, casou-se com ele na prisão de Vellore, uma cidade do sul, e tiveram uma filha. Todas as tardes, a menina, acompanhada por sua avó, vai visitar a mãe na prisão durante meia hora. Priyanka, profundamente abalada com a notícia, fala com Sônia e com seu irmão. É necessário morrer mais gente? Já não houve tragédia o suficiente? É preciso deixar uma menina órfã? Sônia e Rahul estão igualmente alterados. Nenhum dos três é a favor da pena de morte. A justiça foi feita, e em certa medida isso serviu para os reconciliar com o drama vivido. Mas um ato de Estado deixar órfã uma menina por causa das ações de seus pais é algo que lhes parece injusto.

Não vai nos dar nenhum consolo - diz Sônia.

Ao contrário - acrescenta Rahul. - O que podemos fazer?

Pedir clemência para a mãe - sugere Priyanka - e conseguir fazer com que a execução dos outros seja adiada indefinidamente.

Quando o presidente da República recebe Sônia em audiência especial em sua residência de Rashtrapati Bhawan, o antigo palácio do vice-rei, fica atônito com o que ouve; afinal de contas, Sônia havia protestado pela lentidão da justiça. "Meus filhos ficaram órfãos de pai, e isso basta", diz Sônia. "Nosso argumento é que nenhuma outra criança tem que ficar órfã. Não queremos que a tragédia engendre mais tragédia. Peço-lhe que faça o possível para conseguir um indulto para Nalini

Murugan a fim de que possa criar sua filha."

Quando vão tirar da cela a jovem terrorista, ela tem certeza de que é para sua última viagem. Mas a levam perante o juiz de Vellore, que anuncia que sua pena capital foi substituída pela de prisão perpétua. "Tomara que isso sirva para alguma coisa, nem que seja só para chamar a atenção sobre a futilidade dos atos terroristas, que conduzem somente à destruição e à morte", declara Rahul à imprensa. A seguir, graças à mediação de Sônia, Nalini consegue um visto para que sua filhinha e seus avós paternos possam ir à Austrália, onde são acolhidos por membros no exílio da comunidade tâmil. A menina poderá ser educada em um ambiente não estigmatizado pela situação de seus pais.

Sônia devolveu a esperança ao maior partido do mundo, mas não lhe devolve o poder. Não conseguiu deter o auge dos hinduístas do BJP, cujos resultados lhe permitem liderar uma coalizão para formar governo. Continuarão ataçando a rivalidade entre comunidades? Continuarão empurrando o país para o abismo? Ainda bem que o novo primeiro-ministro, Atai Bihari Vajpayee, é um homem culto, moderado, muito respeitado em círculos políticos. Conseguirá controlar os mais extremistas? O país inteiro se faz essas perguntas, principalmente em vista do programa do partido, que é de fazer qualquer um tremer: uma Índia hindu, reforma da Constituição, construção do templo Rama em Ayodhya etc.

É natural que muitos tenham depositado sua confiança em Sônia, a quem cabe assumir o papel de líder da oposição por ser presidente do Congress. Na Itália, parentes, amigos e vizinhos aglomeram-se em frente a seus aparelhos de tevê para acompanhar a história inconcebível dessa filha da terra. A gata borralheira de Orbassano cedeu às súplicas de seus cortesãos e luta pelo poder do reino... Mas não sente vertigem? Não tem medo que a matem? Não teme por seus filhos? Por que não larga tudo e vem para cá montar uma loja de decoração e viver tranqüila? Não entendem o que passa pela cabeça dessa mulher que se apaixonou por um príncipe e pode acabar se transformando em rainha.

Oito anos depois do assassinato de Rajiv, as portas do Parlamento se abrem para Sônia. Ao subir a escadaria, vem-lhe à memória uma frase da sogra, que dizia que sua família não era normal, "porque esperam milagres de nós". Não era um milagre encontrar-se nesse edifício singular, redondo, imenso,

no coração de Nova Délhi, onde convergem as aspirações de uma nação que agora conta com um bilhão de habitantes, onde Nehru, Indira e Rajiv defenderam seus ideais? Onde agora lhe cabe defender os seus, ela que vem de tão longe, que morre de vergonha quando a olham, que aceitou esse desafio tão contrário a seu temperamento para proteger a família do homem que mais amou e para salvar o país do jugo fundamentalista. Será capaz de fazer esses milagres?

Quanto caminho percorrido, quantas alegrias e expectativas, quantas decepções e lágrimas vertidas! Acima de tudo, quanto amor por esse marido, cuja doce presença ela sente nesse lugar que ele freqüentava. Se concentra em sua memória, a ele pede proteção quando, em 29 de outubro de 1999, tem que fazer seu primeiro discurso. Todo seu corpo está tenso. Foi cinco vezes ao banheiro pensando no que a espera. Sabe que há quinhentos pares de olhos observando cada movimento seu, uma tortura para uma mulher de uma timidez doentia. Mas ela faz isso pelo mesmo senso de dever pelo qual seu marido entrou para a política. Não faz por prazer, e sim por amor. Desse amor incomensurável tira energia para ir contra si, para vencer a si mesma, para agüentar os olhares dos que ocupam a tribuna da imprensa, dos visitantes e dos diplomatas que lotam o local. Na bancada do governo está Maneka, recém-nomeada ministra da Cultura pela coalizão liderada pelo BJP. AS duas cunhadas representam as facções mais opostas do espectro ideológico, como uma metáfora da divisão que sofre o país. Se Indira pudesse ver! Na bancada do Congress há pelo menos uma dúzia de companheiros dispostos a socorrer Sônia caso lhe falte um dado, caso se confunda, caso cometa um erro. Ela é a própria imagem da elegância, com seu cabelo preto e brilhante caindo em um suave cacho sobre os ombros, seu sári de seda em tons de verde pastel, seu porte altivo, seu olhar direto.

Coloca os óculos. Chega preparada com um texto impresso em letra bem grande para que não pareça que lê, um velho truque da família. Um texto que denuncia que o regime atual se atribui reformas que na origem foram promovidas pelo Congress, e especificamente por Rajiv. Não se importa com as vaias e assovios da bancada da coalizão no poder. Ao contrário, segue adiante e denuncia as últimas manobras do governo para desacreditar seu marido no caso Bofors. "Não se pode lançar suspeitas sobre um homem que é inocente e que, além de tudo, não está aqui para se defender", exclama. Seu discurso emocional causa um impacto muito favorável em seus deputados, que constataam que Sônia é capaz de pegar o touro à unha em um tema tão delicado como o da Bofors. De repente, é como se as lembranças de um Rajiv sorridente e jovial reaparecessem. Mas todos se perguntam a mesma coisa: O que vai acontecer quando precisar atacar ou defender determinadas opções econômicas? O que vai acontecer quando seu discurso não tiver carga emocional?

Ao longo de vários meses, atreve-se a fazer curtas arengas no Parlamento relativas à atualidade do momento, mas evita pronunciar-se sobre assuntos econômicos. Nisso, confia plenamente em um homem que conheceu quando foi formado o primeiro governo depois do assassinato de Rajiv. É um sique chamado Manmohan Singh, velho aluno de Cambridge, brilhante economista, arquiteto das reformas que conseguiram tirar o país da crise econômica dos anos 1990, conhecido por sua incensurável reputação de honradez. Seguiu os passos de Rajiv e está comprometido com a modernização da economia. Sua influência sobre ela é tão grande que os velhos socialistas e esquerdistas do Congress olham-na com receio. "Será que está nos afastando dos velhos princípios socialistas para nos fazer entrar no liberalismo?", perguntam-se alarmados.

No início, seu papel como líder da oposição confunde tanto seus companheiros de partido quanto seus adversários. Como teme enfrentar temas espinhosos, ela os distribui entre diversos deputados, considerados especialistas, seja em política externa, política econômica, assuntos legislativos... Mas os da coalizão governamental atacam com sanha essa oposição fragmentada, sem timão, sem peso, sem contundência.

Nas filas do Congress, os deputados chegam a temer as sessões parlamentares tanto ou mais que a própria Sônia, que se defende mal de todo tipo de acusações, feitas sem fundamento algum para prejudicar sua imagem. As piores são as de Maneka, que, na qualidade de ministra da Cultura, encontra-se, de repente, acima das instituições beneficentes e familiares que Sônia administra, e que, para deixar bem claro seu poder, ordena uma série de auditorias alegando suspeitas de irregularidades financeiras. Finalmente desfruta do sabor da vingança. Mas sua sanha é tal, sua raiva e implicância pessoal contra Sônia são tão evidentes que os demais partidos da coalizão protestam por essa perseguição gratuita. De modo que, em uma manobra abrupta, é afastada do cargo e colocada à frente do departamento de estatística, onde sua atividade inquisitorial fica neutralizada.

As deficiências do trabalho de Sônia como líder da oposição ("uma líder que se esconde", como o pessoal do governo a acusa) são compensadas por sua

eficácia para dirigir o partido. Os velhos sátrapas que pensavam que a podiam manipular logo percebem que ela não o permite. Esteve próxima demais a Indira para não ter aprendido a lição. Mas, além disso, Sônia faz reformas espinhosas que sempre foram adiadas pelas chefias anteriores. Por exemplo, consegue fazer com que o Congress seja o primeiro partido a reservar uma cota de 33% para as mulheres em todos os níveis da hierarquia. Mais difícil é atacar a corrupção, mas Sônia não hesita. Sob o novo mantra de integridade e transparência, consegue que o partido só aceite doações em cheques para facilitar a contabilidade e exige que todos os membros com certo peso paguem pontualmente suas cotas, de maneira proporcional segundo seu posto na hierarquia. Os altos cargos são obrigados a pagar um mês de salário ao partido.

São mudanças profundas, que muitos percebem como triunfos pessoais. "O Congress está preparado para limpar o sistema", diz em um tom ameaçador diante de deputados céticos e, em muitos casos, corruptos, que já conspiram para expulsá-la.

Aproveitam que seu papel como líder da oposição deixa muito a desejar. Sônia não se comunica diretamente com os outros líderes opositores por vergonha e por timidez, o que provoca uma grande descoordenação. Fica claro que ela desconhece o jogo político. Tem dificuldade de disfarçar sua falta de experiência e de confiança em si mesma, o que a transforma em um alvo fácil para os ataques da coalizão no poder, que a desafia e humilha cada vez que a oportunidade surge. "Não sabem do que sou capaz!", diz um dia a seus filhos ao sair de uma sessão do Parlamento na qual fora criticada. Causou grande constrangimento porque ficou muda quando o primeiro-ministro lhe perguntou qual é a posição do Congress em assuntos de dissuasão nuclear, um tema que desconhecia. De modo que jura a si mesma que isso não tornará a acontecer e convoca os melhores especialistas em segurança nuclear e defesa, inclusive os que não fazem parte do think tank do Congress, para entender os matizes e os meandros do assunto. Quando se sente segura de si, volta ao Parlamento. Parece outra: "Na última sessão, o honrado primeiro-ministro riu de mim porque não respondi a sua pergunta... Mas é um tema muito importante para ser respondido em meio às gargalhadas de seus deputados. Agora eu lhe pergunto: Qual é sua posição a

respeito? O senhor só menciona três palavras: mínima dissuasão crível. Acha que essas três palavrinhas configuram uma política séria?"

EM MAIO DE 1999, o GOVERNO do BJP perde a maioria no Parlamento e os conselheiros e velhos líderes do Congress pensam que chegou a hora de Sônia. Julgam poder articular a formação de uma coalizão para governar. Precisam do número mágico de 272 deputados e têm certeza de que o têm. Já sonham com a distribuição de cadeiras: se fulano vai brigar pelo Ministério do Interior, se beltrano irá para Assuntos Exteriores... O humor nas filas do partido é exultante. Estão tão certos de conseguir o poder que pressionam Sônia para que anuncie que está em condições de formar um governo alternativo rapidamente. Para Sônia, isso representa a oportunidade de retirar os espinhos dos ataques constantes contra ela. Por fim, vai poder deter seus adversários. Quando sai do antigo palácio do vice-rei, onde o presidente da República convocou todos os partidos para convidá-los a formar governo, é cercada por câmeras de televisão. "Temos 272", afirma. Na realidade, quis dizer que, com a maioria de deputados contra o BJP, um governo alternativo é possível. Mas a imprensa anuncia à sua maneira: "Sônia Gandhi vai encabeçar um novo governo". O país parece subitamente inflamado com a perspectiva de a italiana assumir o poder, mas o suspense dura pouco tempo. Sônia não consegue o número mágico, porque muitos pequenos grupos opostos ao Bjp, especificamente os socialistas, negam-se a apoiá-la como primeira-ministra devido à sua origem estrangeira e ao forte sentimento contra o Congress que existe em muitos partidos. O fiasco é tão grande quanto as expectativas suscitadas. Fica mal com os simpatizantes, e faz papel ridículo diante da nação inteira. Sua precipitação mostra à luz pública sua falta de experiência na roda política, bem como a grande dependência que tem de seus conselheiros.

Mamãe, abandone isso já - diz Rahul.

Agora? Acha que posso? Não pretendo ir embora sem me defender.

POUCO A POUCO, SÔNIA VAI APRENDENDO. "Há uma lutadora nela, e isso é algo muito bom para a organização", diz um de seus colegas de bancada. Ela é obrigada a lutar porque a imprensa e seus adversários políticos redobram os ataques. Riem do sotaque da "italiana", como a chamam pejorativamente. Dizem que é arrogante e fria, contam que

desconhece o alfabeto hÍndi e que seus discursos estão transcritos para o alfabeto latino, o que é mentira. "Lê seus discursos como se lesse uma lista de compras", escreve um conhecido jornalista. Mas se para alguma coisa servem os inimigos, é para aprender com eles, e Sônia aprende com tenacidade. Pouco a pouco, põe calor e paixão em seus discursos, multiplica as viagens, os encontros, os contatos pessoais. Diz que não é arrogante, e sim tímida. Mas é uma luta que desgasta, porque é estéril. É baseada em preconceitos, em uma atitude machista e em um nacionalismo exacerbado que mascara a vontade de seus adversários de afastá-la do poder a todo custo. Nos ambientes mais extremistas, chegam a acusá-la de ser agente de Roma, como se fosse uma espiã do Vaticano infiltrada no labirinto da política hindu...

Seu pai teve uma visão profética quando disse que a jogariam aos tigres. Bem, lá está sua filha, no centro da arena, esquivando-se das garras.

Nada a afeta tanto quanto o desafio que vem dos seus, de membros de seu próprio partido. Um dia, recebe uma carta assinada pelo chefe do grupo parlamentar de seu partido e mais dois deputados, na qual põem em dúvida sua capacidade, em vista de suas pobres atuações como líder da oposição, de estar um dia à altura do cargo de primeira-ministra. Na carta, sugerem que a Constituição seja emendada para reservar os altos cargos do Estado, presidente da República e primeiro-ministro, somente aos indianos de nascença.

Depois do fiasco da coalizão falida, esse é um golpe baixo que Sônia recebe com amargura. Não porque a queiram impedir de ser um dia máxima mandatária, coisa a que de qualquer maneira não aspira nem deseja. Mas lhe dói a falta de confiança, dói que a queiram como chamariz, nada mais. Como propaganda para as eleições, como alguém que empresta seu sobrenome - e sua vida inteira - a um partido que no fundo a despreza. Dói perceber que está sozinha quando se julgava em terreno amigo.

Quando volta para casa nessa tarde, só tem em mente estar com Priyanka e Rahul. Sua filha logo percebe que sua mãe está sentida. Rahul está irritado: Deixe a política já de uma vez por todas, mamãe! - diz ele.

Acho que meu irmão tem razão - acrescenta Priyanka. - Não faz sentido continuar assim.

Chegou o momento de jogar a toalha - admite Sônia. - Por favor, ajudem-me a redigir uma carta ao grupo parlamentar do Congress - pede.

Priyanka pega um papel e uma caneta e juntos escrevem um texto muito claro e conciso: "Alguns colegas manifestaram a idéia de que por eu ter nascido no exterior sou um problema para o Congress. Dói em mim essa falta de confiança em minha habilidade de agir no melhor interesse do partido e do país. Nessas circunstâncias, meu senso de lealdade ao partido e meu dever para com a nação obrigam-me a apresentar minha renúncia ao cargo de presidente do Congress". Abaixo, acrescenta: "Vim servir ao partido não para adquirir uma posição ou para ter poder, e sim porque ele enfrentava um desafio que questionava sua própria existência e eu não podia me manter impassível diante do que estava acontecendo. Como também não posso me manter de braços cruzados agora". Sônia suspira longamente: "Finalmente, livre!" pensa.

O DESASTRE. SUA CARTA PROVOCA um verdadeiro cataclismo nas filas do partido. Seus colaboradores mais próximos estão consternados com a decisão. Foi tão difícil que assumisse as rédeas, e agora uns barões que vêem seu poder ameaçado dentro da organização jogam tudo por água abaixo! Quando os membros do grupo parlamentar lhe rogam que reconsidere sua decisão, ela responde que está muito ressentida com a xenofobia que cerca o assunto de sua origem.

O fato de isso acontecer no BJP, um partido ultranacionalista, ou com os socialistas, já é bastante triste - acrescenta Sônia - mas eu estava disposta a me defender desde que sentisse que o partido me respaldava. O que nunca pude imaginar é que meus próprios companheiros me atacariam dessa maneira. De modo que vou embora. Começa o desfile dos chief ministers dos estados governados pelo Congress que vão rogar em sua casa. Ameaçam renunciar em massa: "Somos chefes de governo graças a você. Para que continuar se você não estiver?", dizem.

O abalo causado por sua renúncia é tão imenso que milhares de simpatizantes acampam em frente ao portão do número 10 da Janpath para

pedir-lhe que volte. "Sônia, salve o Congress! Salve a Índia!", entoam. Uma tarde em que Rahul volta para casa com um amigo, vários líderes do partido o interceptam: "Você tem que convencer sua mãe a retirar sua renúncia." Entre a multidão que bloqueia a rua há mulheres que choram pedindo que Sônia não as abandone. Uma manhã, à saída de sua casa, enquanto seu Embaixador abre caminho por entre a multidão, Sônia é interceptada por um velho muçulmano que se aproxima:

Já pensou na sorte das minorias em um governo dirigido pelo BJP? Não quer lutar por nós?

Sônia não responde e fecha o vidro do carro, enquanto as palavras do homem retumbam em sua cabeça.

O desespero de seus seguidores é simbolizado por um homem jovem, um dos que acampam em frente a sua casa. Tenta imolar-se com fogo, o que provoca uma considerável comoção. Os policiais e os guardas de segurança jogam-se sobre ele e conseguem abafar as chamas antes que acabem com sua vida. As câmeras dos repórteres gravam a cena para que o país inteiro a contemple nos noticiários da noite. Para que todo o subcontinente saiba as paixões que desperta "a italiana" que todos julgam possuir. Porque Sônia lhes pertence, porque carrega o sobrenome mágico de Gandhi. E por isso não pode ir embora.

O trágico incidente precipita os acontecimentos. De novo Sonia recebe em sua casa, no escritório de Rajiv, a cúpula do partido, um grupo de homens de certa idade, vestindo kurtas e largas calças de algodão.

Não existe outro líder que possa nos manter unidos como você. Não há outro capaz de conseguir os votos que você consegue. Por isso lhe pedimos que fique como presidente. O partido está com você. Ouça o clamor da rua. Em surdina, ouvem-se slogans a favor de Sonia que os simpatizantes amontoados em frente ao portão entoam de maneira regular. Um dos chefes do partido prossegue:

Não despreze as demonstrações de afeto que o povo lhe faz... Aqueles que lhe mandaram essa carta não representam nem sequer uma minoria dentro do partido e não representam mais que a si mesmos, mais que a sua própria ambição.

Não há lugar para eles na organização - acrescenta outro. - Nós os expulsamos. Você já não tem nada a temer.

De novo lhe oferecem o poder em bandeja de prata, de novo ouve os

mesmos argumentos, a mesma adulação, a ladainha de sempre...

Tenho que conversar com meus filhos.

Ela está disposta a manter sua renúncia, já se convenceu de como seria agradável voltar a sua coleção de miniaturas Tanjore e recuperar sua paixão pela restauração de quadros e móveis antigos. Mas Priyanka e Rahul estão comovidos com a súbita explosão de emoção e solidariedade. Não esperavam tamanha mobilização. Os três se sentem comovidos por essa curiosa sensação de que o sobrenome que carregam não lhes pertence, que pertence à Índia, às multidões que reclamam sua liderança, e de que não são donos de seu destino. Sonia hesita. Mas agora sabe que, se voltar, será pela porta da frente. Seus amigos acabam convencendo-a a ficar. Não pode ir embora por causa do ataque de três rivais que querem seu lugar. Sua renúncia, dizem, só reforçará aqueles que escreveram a carta e a todos os xenófobos da Índia. De novo Sonia pensa em Rajiv, em seus filhos, na família, na tragédia do poder, no medo de perder a segurança, no senso de dever... e de novo cede. Contrariada, mas o resultado é que volta a assumir o máximo cargo dentro do partido com mais força e autoridade que antes. Anuncia sua volta em um estádio abarrotado. Tanto que um membro do partido comenta com um companheiro:

Você imagina tanta gente junta sem uma Sônia Gandhi?

Simplesmente este comício não existiria - responde o outro. - Sem Sônia, não há comício; sem Sônia, não há partido.

"Embora tenha nascido no exterior", diz Sônia assim que a sonora e longa ovação a deixa falar, "fiz da Índia meu país. Sou indiana e continuarei sendo até meu último suspiro. Aqui me casei, aqui tive meus filhos, e aqui me tornei viúva. Em meus braços morreu Indira. Se decidi voltar hoje é porque o partido me deu uma renovada confiança e esperança. Quero um partido que esteja preparado para me seguir e pronto para morrer pelos princípios que decidi adotar."

Assim, pouco a pouco, à base de dissabores, Sônia Gandhi vai se acostumando ao jogo da política. Certos reflexos lhe chegam inconscientemente, não por vocação, e sim por contágio, por ter vivido tantos anos nesse caldo de cultura. Limpou o partido de suas ovelhas negras. Agora tem mais influência na organização que a que seu marido teve. Conseguiu isso sem ter a habilidade de distribuir poder, e só com uma remota esperança de consegui-la algum dia, o que demonstra como as

fileiras do partido estavam desmoralizadas.

Com o tempo, consegue consolidar uma imagem pública de política reticente à política, que a imprensa divulga. Mas vive em um estado de terror perpétuo em relação aos meios de comunicação. Cada palavra sua é minuciosamente analisada por seus adversários para descobrir algum sinal de que não é tão indiana quanto pretende. Vive trancada em sua carapaça, entrincheirada no número 10 da Janpath, uma fortaleza mais difícil de franquear que todas as residências onde morou antes. Vive sem liberdade, atendendo desde o amanhecer a comitês, membros do partido, representantes de eleitores que vêm de todos os cantos do país lhe pedir conselhos, solicitar sua opinião como guia máxima. Só as visitas de seus filhos lhe dão calor. Sua mãe passa os invernos em Nova Délhi e as irmãs e velhos amigos vão periodicamente visitá-la. Mas são visitas que mantêm em segredo, para que não a acusem de "estrangeira".

A simples menção de seu nome é capaz de animar o mais chato dos jantares ou ato social, com as opiniões se dividindo com veemência entre os que a admiram e os que a desprezam. Dois conhecidos deputados de seu partido lamentam em cada coquetel ter como líder uma "dona de casa italiana sem estudos". Pouca coisa comparado com o veneno de alguns membros da coalizão no poder, como o fundamentalista hindu Narendra Modi, que a tacha publicamente de "raposa italiana". Sônia sabe que sua condição de estrangeira é seu tendão de Aquiles, e a coalizão no governo, ferozmente nacionalista e hinduísta, não perde oportunidade de pôr o dedo na ferida. Sua radical negativa em conceder entrevistas deve-se ao fato de não querer se definir. Acha que assim pode deixar seus adversários sem argumentos para atacá-la. Não quer ter que dizer que é católica, mesmo que não pratique. Não quer ter que falar de sua Itália natal, nem de suas lembranças de infância, nem de seus amigos, nem de sua família. Ao contrário, acha essencial ser vista de bem com as tradições de seu país de adoção. Esforça-se para visitar ascetas em grandes templos hindus, como fazia Indira.

Quando o BJP recrudescer seus ataques no Parlamento contra suas "origens estrangeiras", Sônia se refugia no templo da Missão Ramakrishna de Nova Délhi e passa tardes inteiras com o Swami Gokulananda, um asceta muito respeitado que amarra um cordão vermelho em seu pulso em sinal de

irmandade. Sônia tem muita fé nesse cordão, está ficando um pouco supersticiosa, como sua sogra. Cada vez que há uma celebração familiar, convoca o sacerdote da família, que mora em Varanasi, para que officie os ritos religiosos pertinentes. Quando nasceu seu primeiro neto, filho de Priyanka, o pandit fez oferendas sofisticadas recitando suas orações. Da mesma maneira que Indira escolheu os nomes de seus filhos, agora Sônia é encarregada de escolher o de seu neto. "Rajiv?", propõe. Priyanka teme que esse nome condene seu filho a ser comparado por toda a vida a seu pai. Sônia sugere um nome que comece com R. Por fim, decidem por Rehan, um nome parse, para se conectar com a tradição do avô Firoz Gandhi. Mas Sônia insiste em chamá-lo de Rajiv. No fim, fica Rehan Rajiv. Graças a Deus, o horóscopo que o asceta lhe prepara prediz fama e fortuna para o rebento, mas não um papel político para a sexta geração dos Gandhi.

Mãe e filha suspiram de alívio. Mas, diante da constante provocação, o Swami Gokulananda se vê obrigado a sair em defesa de Sônia: "Ela é tão indiana quanto qualquer um", declara. "Leva uma vida disciplinada e não vejo nada de ruim em suas origens estrangeiras". Em Gujarat, estado do qual Narendra Modi, seu feroz adversário, é chefe de governo, uma onda de ataques acaba com a vida de vários missionários cristãos, acusados pelos hinduístas de fomentar as conversões. "Não deixe que a provoquem", dizem seus conselheiros a Sônia, "querem que você saia em defesa dos cristãos, não entre nessa, não faça isso." Ela os ouve e opta por se calar, mas então as críticas mudam de orientação. "Por que se afasta do catolicismo?", perguntam seus adversários com perfídia. "Por que tem vergonha de sua própria religião?" Sônia percebe que, faça o que fizer, sua religião e sua origem italiana são um estigma do qual não pode se livrar. Obcecada em disfarçá-lo o máximo possível, cansada da campanha dos hinduístas contra sua fé, em 22 de janeiro de 2001 decide fazer um gesto simbólico de grande significado religioso. Durante a Khumba Mela, grande celebração religiosa hindu que reúne a cada doze anos dezenas de milhões de pessoas na confluência do Ganges - o Yamuna e o mítico Sarasvati - na periferia da cidade de Allaha-bad - cidade dos Nehru, onde foram espalhar as cinzas de Rajiv - Sônia decide tomar um banho ritual. Entra na água vestida, em pé, e faz uma oferenda em pétalas de flor ao som dos mantras e do ulular das conchas do mar que os pandits tocam na margem. Junto com ela estão

grandes ascetas hindus, e também representantes de outras religiões, como o Dalai Lama. A esplanada de areia entre os rios está cheia de gente até onde a vista alcança. É uma multidão tão impressionante quanto a ordem e a ausência total de distúrbios ou de episódios violentos. O serviço de segurança de Sônia é tão severo que a polícia não permite que ninguém se aproxime menos de 200 m da margem onde se encontra.

Nos dias seguintes, sua foto fazendo a puja aos deuses, publicada em jornais e em panfletos, é vista por milhões de camponeses em centenas de milhares de aldeias.

Sônia espera, assim, neutralizar as críticas de seus adversários. De qualquer maneira, tem certeza de que o povo não dá a menor importância ao fato de ela ter nascido na Itália. Além do mais, pergunta-se... o que significa ser indiano? Entre um habitante do Himalaia e outro do sul, as diferenças são abismais: não falam o mesmo idioma nem comem a mesma coisa, nem veneram os mesmos deuses. Nem sequer têm a mesma cor de pele. Porém, ambos compartilham o orgulho de ser indianos. A tolerância é parte essencial da cultura do subcontinente, senão... como essa amálgama de povos, tradições, culturas, etnias, raças e castas que se chama Índia poderia ter sobrevivido tantos séculos? Em um lugar que sempre soube assimilar a diversidade, a noção de estrangeiro perde sentido. Seus conselheiros lhe dão argumentos para se defender.

Lembram-na que quando a Índia alcançou a independência, seu primeiro chefe de Estado foi um inglês: chamava-se Lord Mountbatten, era o último vice-rei do Império. Os líderes do partido lembram que, em 1983, Sônia redigiu um testamento expressando seu desejo de que seu corpo seja queimado segundo o rito hindu. Naquela época, não era provável que Rajiv Gandhi acabasse como primeiro-ministro, e ainda menos que Sônia assumisse um papel político algum dia. Ela o fez porque acreditava nisso.

No fundo, e isso Sônia bem sabia, é indiano quem se sente indiano. E ela repete sem cessar: "Sou indiana. Ao entrar nesta família, eu me tornei filha da terra de meu marido, filha da Índia...". Tem certeza de que o povo percebe seu amor pelo país. Quando lhe perguntam de onde tira os princípios morais quando precisa tomar uma decisão no âmbito da família ou da política, não quer mentir e responde ingenuamente: "Suponho que dos

valores católicos que continuam ali, no fundo de minha mente", e acrescenta: "Sou uma ardorosa defensora de que a Índia continue sendo um estado laico. Por estado laico, refiro-me a um que abarque todas as religiões. O atual governo não luta por isso". A ferocidade da campanha contra Sônia encontra em Orbassano um eco inesperado. Um imigrante indiano, engenheiro sique que trabalha na Fiat, foi eleito vereador municipal da pequena cidade piemontesa. Se um sique pode participar da vida política de uma cidade italiana... como é que uma italiana não pode participar da vida política indiana? - pergunta um deputado do Congresso. A resposta do BJP é furiosa: "Deixariam que esse sique acabasse como primeiro-ministro da Itália?" pergunta um deputado nacionalista. "Claro que não!" Em seu apoio, cita o prefeito de Orbassano, que declarou à imprensa: "Eu me pergunto se nós, na Itália, aceitaríamos um estrangeiro, uma mulher para ser mais exato, como líder de um partido que simboliza a luta pela independência da dominação estrangeira, e que continua desfrutando de grande apoio popular, mesmo que menos que antes. O fato de uma parte dos indianos confiar seu destino a Sônia diz muito sobre a tolerância da Índia".

Nesse debate que transcende continentes, um jornalista italiano chega a sua própria conclusão: "Não, suas origens não contam porque foi absorvida, indianizada, convertida. Nesse sentido, já não é italiana". Talvez se tenha se tornado indiana de verdade quando, no meio de um ataque de asma, ficou olhando para os retratos da família no escritório de Rajiv e, nesse momento, aceitou entrar para a política. Foi quando assumiu plenamente o legado da família.

O aluvião de críticas a sua falta de experiência e a campanha de ódio por suas origens estão fazendo com que amadureça rapidamente. Sua personalidade vai mudando aos poucos, à medida que ganha confiança em si e consolida sua determinação de solucionar os problemas do partido, ao qual se dedica de corpo e alma. De 1998 a 2004, enquanto duas coalizões sucessivas lideradas pelo BJP governam a Índia, e surpreendentemente de maneira muito moderada graças à influência do primeiro-ministro Atai Bihari Vajpayee, Sônia cuida da regeneração do Congresso, simplificando o processo de tomada de decisões e buscando o consenso. Faz isso de maneira muito diferente de sua sogra, que era mais imperiosa em seu estilo e fomentava uma cultura de corte palaciana. Sônia cerca-se de seus filhos e

dos especialistas do Congress, sem se deixar influenciar pelo processo de demonização que há contra ela. Está muito ocupada escolhendo os candidatos adequados e assegurando-se de que estão ganhando o favor do povo, estado a estado, sem pressa, mas sem pausa. Muitas de suas decisões são baseadas no que aprendeu com a sogra e o marido, mas com muito cuidado para evitar os erros que tanto custaram a eles. Por exemplo, não troca os chefes de governo dos estados a seu bel-prazer, como fazia Indira. Ao contrário, apoia-os incondicionalmente, deixa-os agir, e eles lhe agradecem mostrando uma lealdade sem brechas. Só tem um problema com o chefe de governo de Orissa, que, depois do assassinato de um missionário, alinha-se aos argumentos dos fundamentalistas hindus: "É preciso disciplinar os missionários cristãos", declara. Sônia o destitui no ato, mostrando que seu pulso não treme na hora de tomar uma decisão. Mas exceto alguns problemas pontuais, sob seu mandato o partido volta a ser uma força que se deve levar em conta. Em 2002, e graças ao paciente trabalho de Sônia, o Congress consegue o poder em catorze estados, que somam mais da metade da população. Em março desse mesmo ano, tem uma vitória esmagadora nas municipais de Nova Délhi, conseguindo três quartos das cadeiras. Em todos os lugares, cessam as deserções dos afiliados e a tendência se inverte: o número volta a crescer.

EM 11 DE MAIO DE 2000, A ÍNDIA celebra uma estranha proeza. O governo elege uma menina chamada Aastha Arora, nascida em Nova Délhi, como o bilionésimo bebê. A notícia de que o país atingiu essa cifra mágica causa um surto de fervor popular tingido de nacionalismo. Como tudo na Índia é comemorado, também nessa ocasião o povo sai às ruas para soltar rojões e festejar. Hordas de jornalistas e repórteres de televisão precipitam-se ao hospital e invadem o pavilhão onde se encontra a menina, subindo nos leitos e nas mesas para conseguir um retrato da escolhida. Uma jornalista do Indian Express está consternada: "O bilionésimo bebê foi recebido por tantos milhões de flashes que os médicos temem que sua pele tenha sido afetada."

Mas a despeito da explosão demográfica, por fim, às portas do novo século, surge a esperança de sair da pobreza. Os resultados da economia, que continuou se liberalizando desde os tempos de Rajiv, são prósperos. A Índia

vive com otimismo uma onda de fervor nacionalista alentada pelo governo liderado pelo BJP. A imprensa repete que esse vai ser o "século da Índia". Parece que o país está bem posicionado no caminho de se tornar a grande potência que promete ser. Depois de tantos anos de controles e de limitações, toda a energia e a vitalidade contidas transbordam. As universidades e as escolas técnicas fundadas na época de Nehru produzem um milhão de engenheiros

ao ano. São muitos, comparados com os 100 mil das universidades européias e americanas. Uma nova geração de empresários floresce à sombra da revolução informática e das telecomunicações. Logo a Índia se regozija ao acompanhar de perto a China em outro recorde, o de ser a segunda economia com maior taxa de crescimento econômico do mundo. Parece que o velho elefante indiano se espreguiça. O BJP e os hinduístas atribuem a si todo o mérito. Na bancada da oposição, Sônia denuncia que o progresso econômico só beneficia uma pujante classe média que adora um novo deus, o do consumo.

Na próspera Nova Délhi - lembra, apoiando-se em números de um estudo recente publicado nos jornais - uma em cada quatro crianças é obesa, mas, no campo, metade das crianças de menos de três anos sofre algum tipo de desnutrição crônica! Que progresso é esse?

Repete que a nova riqueza não chega à enorme massa de população que vive nas aldeias. A Índia rural continua sofrendo o desemprego, os excessos do sistema de castas, a escassez, a falta de oportunidades, com o agravante de que a expansão da televisão lhes permite ver com seus próprios olhos como vive a outra Índia, a que se diverte, prospera e consome nas grandes cidades. Sônia lembra o governo que a Índia, esse país tão orgulhoso de seus centros avançados de pesquisa e desenvolvimento abriga 40% dos pobres do mundo.

Não devemos nos deixar levar pela euforia desatada pela propaganda do governo sobre os benefícios das reformas. Alguma coisa não anda bem quando a economia cresce ao ritmo dos suicídios dos camponeses pobres, que tiram a própria vida porque estão endividados com agiotas locais e não vêem saída para sua situação.

Mas parece que a maioria dos deputados não quer acreditar em suas desagradáveis palavras, no fundo porque embaçam o sonho de prosperidade e nacionalismo em que vivem.

Sônia prega no deserto, mas não se importa que a chamem de desmancha-prazeres. Nehru e Indira sentiam um forte compromisso para com os pobres, e ela sabe que seu partido sobreviveu por ter se alinhado com os mais desfavorecidos, esses cuja voz ninguém quer ouvir. Ela, talvez por conservar a inocência essencial de uma estrangeira, ainda é sensível ao terrível espetáculo da pobreza que muitos indianos que conseguem um nível de vida melhor simplesmente não vêem. É como um reflexo inconsciente que os cega para a miséria circundante. Olhos que não vêem, coração que não sente... Não ver é não sofrer. Mas Sônia mantém os olhos bem abertos.

E sua voz se ouve cada vez mais alta e clara no Parlamento: rebate invariavelmente as conquistas que o governo alardeia. Se a paz voltou aos territórios do nordeste não é pela ação do governo, e sim pelos esforços de Rajiv para selar um acordo de paz que permitiu que os líderes separatistas, que outrora eram insurgentes nas selvas, hoje tenham se tornado respeitáveis políticos eleitos pelo povo. Se a situação se acalmou no Punjab, também não é graças a esse governo, e sim aos "acordos do Punjab", que foram obra de Rajiv. Se os nacionalistas moderados siques perceberam as vantagens de pertencer à Índia e retomaram o caminho da democracia, é graças a seu marido.

MAS O PONTO MÁXIMO DE SUAS INTERVENÇÕES ocorre em março de 2002. De repente, surge uma líder que fala sem medo e sem complexos, com a contundência que lhe dá a certeza profunda de suas opiniões. Sônia acusa diretamente o governo de ter fomentado um novo surto de violência religiosa que tornou a pôr o país à beira do abismo. É mais um ato na tragédia de Ayodhya, iniciada por membros desse mesmo governo hoje no poder. Depois da destruição da mesquita, os fundamentalistas hindus encontraram a recusa das autoridades judiciais a qualquer tentativa de construir nesse local um templo ao deus Rama, justamente para não pôr mais lenha na fogueira. Mas os militantes não se deram por vencidos, e vários grupos pertencentes a organizações afins ao governo continuaram indo periodicamente a Ayodhya para insistir em sua reivindicação. "Não estava prevista no programa do governo do BJP?", perguntavam. Na volta de uma dessas viagens, aconteceu um confronto entre um desses grupos de manifestantes hinduístas e vendedores ambulantes muçulmanos na estação de Godhra, no estado de Gujarat. Os vendedores negaram-se a cantar canções à glória do deus Rama, como incitavam os militantes hindus, de modo que estes começaram a insultá-los e a puxar suas barbas. Logo a notícia se espalhou, e jovens muçulmanos que trabalhavam nos arredores da estação correram em defesa de seus correligionários agredidos. Os militantes hindus embarcaram no trem, que partiu sob uma chuva de pedras. Uns quilômetros mais à frente, o comboio parou. Uma coluna de fumaça preta se erguia no céu. Um incêndio a bordo resultou em 58 pessoas carbonizadas, a maioria militantes hinduístas.

Embora investigações posteriores determinassem que o fogo foi provocado pela explosão acidental de um fogareiro, os extremistas hindus não hesitaram em acusar os muçulmanos de tê-lo provocado. A notícia de que hinduístas foram queimados vivos desatou a vingança da população. O chefe de governo de Gujarat, o fundamentalista hindu Narendra Modi, aliado do governo e arqui-inimigo de Sônia, declarou em 28 de fevereiro um dia de luto para que os funerais dos passageiros pudessem ser celebrados pelas ruas da cidade. Era um claro convite à violência. Os bairros muçulmanos transformaram-se em ratoeiras. Milhares de hindus enfurecidos atacaram comércios e escritórios e incendiaram as mesquitas. Em vez de agir de forma enérgica para apacuar a violência, Narendra Modi declarou: "A cada

ação corresponde uma reação".

Essas palavras, interpretadas pelos extremistas hindus como um aval de seu líder para justificar a vingança, marcaram o início de uma orgia de violência comparável à dos acontecimentos trágicos da Partição. Mas, dessa vez, graças à televisão todo o país foi testemunha de imagens atroz de mulheres maltratadas e violentadas por militantes enfurecidos, e depois forçadas a beber querosene diante de seus maridos e filhos, obrigados a vê-las ser incendiadas antes de serem eles mesmos assassinados. Tudo aconteceu diante da impassibilidade das pessoas, que pareciam comemorar essa vingança simbolizada pelo incêndio do trem de Godhra. Os jornalistas que cobriram o massacre têm certeza de que não foram ações espontâneas, como dizia o governo local, e sim planejadas.

Viram extremistas hindus, com registros eleitorais debaixo do braço, apontando para casas e choças habitadas por muçulmanos nos bairros mistos. Viram-nos apontar comércios de propriedade de muçulmanos que tomaram a precaução de adotar um nome hindu. A eficácia na perseguição e nos assassinatos faz pensar que houve certo grau de planejamento. No total, mais de 2 mil muçulmanos foram assassinados e mais de 200 mil ficaram sem lar.

Sônia é a voz que mais ardorosamente denuncia os fatos. No Parlamento, chega a acusar o governo de fomentar o genocídio. "Senhora, não use palavras tão fortes", eplica o primeiro-ministro. Mas Sônia não se cala. Denuncia a obscura atuação da polícia. "Em certos casos, sabe-se que até ajudaram os militantes a encontrar os endereços que buscavam." Cita em seu apoio relatórios das investigações de grupos de defesa dos direitos humanos, que demonstram que a polícia havia recebido ordens de não interferir. "O que esse massacre mostra, senhor primeiro-ministro", diz Sônia, "é a face sectária e horrorosa de seu partido, o BJP, que o senhor teve tanto cuidado de disfarçar durante os anos em que esteve no poder, mas que agora salta à vista. Além do mais, como é possível que o senhor não tenha se dignado a visitar imediatamente os lugares devastados pela violência? Por que esperou um mês para isso? Sabemos que o senhor Naren-dra Modi está por trás dessas matanças, e receamos que o governo central também esteja!" Pela

primeira vez, Sônia mostra o porte de grande política, denunciando o governo com verdadeira e sentida paixão, sacudindo o primeiro-ministro com seus ataques, não deixando pedra sobre pedra. As atrocidades que viu na televisão deixaram-na escandalizada: "Isso não é a Índia. Isso não representa meu país", declara. Suas intervenções fazem com que os valores inerentes ao Congress se destaquem mais que nunca. A pretensão do partido mais antigo da Índia de representar indianos de todas as castas e religiões não só é vista como algo atraente, mas também como algo indispensável. A decência dos princípios do Congress se mistura, no imaginário popular, com a imagem e a voz dessa política accidental que fala com o coração na mão.

MAS O PRIMEIRO-MINISTRO NÃO CONSEGUE que seu companheiro de partido Narendra Modi renuncie, uma medida pensada para pacificar o país. Os outros não permitem. Melhor esperar que o povo decida, dizem. A grande surpresa é que, nas eleições estatais de Gujarat, que acontecem dois meses depois dos sangrentos distúrbios, o temível Narendra Modi volta a ter uma vitória arrasadora. A razão é que esse estado é majoritariamente hindu. Sua campanha, que se baseou em um só princípio, o ódio aos muçulmanos, parece confirmar a velha crença do BJP: os distúrbios baseados no ódio religioso, se bem orquestrados, transformam-se em votos. Modi se revelou um prestidigitador nessa arte. Aproveitou o fato de Gujarat fazer fronteira com o Paquistão, o que favorece a política do medo ao inimigo islâmico. Depois das esperanças suscitadas por Sônia, agora chega a hora de uma decepção maciça. Na sede do Congress, cenho franzido e óculos, Sônia lê o relatório do secretário-geral de seu partido sobre as eleições em Gujarat. O ambiente é sombrio. "O Congress não ganhou uma única cadeira em um raio de 100 km ao redor de Godhra, onde um vagão de trem foi incendiado, matando meia centena de pessoas. O Congress perdeu todas as cadeiras nas regiões próximas ao estado de Madhya Pradesh e Rajasthan..." A conclusão é que agora, como na época da destruição do templo em Ayo-dhya, a política de enfrentamentos comunais está dando dividendos. Os hindus, a grande maioria, cedem ao medo e ao racismo. Como evitar que esse modelo avance em outras partes da Índia? Ninguém tem a resposta.

Agora que tudo parecia sorrir para Sônia, o resultado das eleições em Gujarat é um balde de água fria que abre um questionamento sobre seu

futuro. Porém, o governo, alentado por sua vitória em Gujarat, decide antecipar as primeiras eleições gerais do século XXI para maio de 2004, para aproveitar o vento a favor e revalidar seu mandato por mais cinco anos. Os críticos de Sônia dentro de seu partido alegam que se as forças coligadas ao BJP continuarem ganhando terreno a esse ritmo, ela não bastará para neutralizá-las. Não parece suficientemente sólida. O fato de, sob sua direção, catorze estados terem mudado de orientação política começa a ser visto como algo insignificante. Sônia está, de novo, vulnerável. Censuram-na por não ter conseguido se projetar como uma política na linha de Indira ou de Rajiv. Até os mais otimistas dentro do Congress abrigam dúvidas sobre sua capacidade de levar o partido à vitória. "Será que tomamos a decisão adequada ao convidá-la a liderar o partido?", perguntam-se agora os mesmos que a pressionaram a aceitar. Alguns de seus seguidores até agora leais comentam com seus companheiros de partido que Sônia é boa, mas não o bastante. Todos reconhecem que melhorou muito, mas que não é o suficiente, e nunca será. E o Congress tem pressa de voltar ao poder. O partido que governou a Índia por mais tempo está há mais de sete anos afastado. É o maior período em toda sua história, e coincide com a presidência de Sônia Gandhi. Pouco a pouco, vai sendo preparada outra conspiração. A proximidade das eleições gerais atíça as ambições pessoais. Se Sônia sai incólume desse complô é porque o líder morre em um acidente de trânsito. Mas o descontentamento reina em muitos setores do partido.

Enquanto o debate sobre suas habilidades como líder e sua falta de experiência continua, Sônia atreve-se a apresentar uma moção de censura contra o governo, acusando-o de uma série de coisas que vão da anarquia à corrupção. Ataca de frente, misturando a agressão com certa espirituosidade, falando com desenvoltura e graça. Por ser minoria no Parlamento, a moção é rejeitada, mas Sônia consegue passar a imagem de uma líder que pode ser uma alternativa para o atual governo. Longe fica a deputada de primeira viagem, que não encontrava as palavras, ficava muda diante de uma pergunta ou corava quando a atacavam. As eleições estão aí, e não há outro líder capaz de mobilizar as bases. A sorte está lançada. Já não há volta, nem para Sônia, nem para o Congress.

Nova Délhi, 10 de maio de 2004. Aos 57 anos, Sônia continua sendo uma

mulher muito bonita, como quando era jovem. Mas é uma beleza que traz as marcas das tragédias que a abalaram, e por isso seu rosto tem uma expressão que pode parecer dura. Ela, que quando jovem tanto gargalhava, aparece sempre grave, com um sorriso que não convence porque surge de um denso bosque de tristeza. Não só seu rosto mudou; sua linguagem corporal é diferente agora. Seu andar vigoroso, a maneira como move os ombros sob o tecido de seus sáris, tudo nela lembra Indira. Sônia se tornou indiana até nos gestos. Quando está cansada, aflora uma expressão crispada. E hoje, nessa manhã de segunda-feira, enquanto Sônia Gandhi maquia seus olhos com uma fina pincelada de khol em frente ao espelho em sua casa de Nova Délhi, sente-se esgotada. Há várias semanas faz campanha eleitoral intensa, tendo percorrido milhares de quilômetros por todo o subcontinente indiano, quase a distância de uma volta ao mundo, suportando a canícula dessa época. A maioria foi percorrida de carro, de helicóptero e a pé, mas também teve que fazer 10 km de camelo para chegar até uma Pequena comunidade do Rajastan. E fez isso para chegar a uma aldeia de apenas duzentos habitantes, onde a esperavam com os braços abertos porque nunca nenhum candidato havia se dignado a se deslocar até ali. Nesses dias, lembrou-se muito de sua sogra, de seu afã de chegar ao coração do povo, de alcançar a aldeia mais remota, como aquela vez em que teve que atravessar um rio à noite montada em um elefante para chegar a Belchi, uma aldeia de intocáveis traumatizados por terem sido vítimas de um massacre. Como sua sogra, Sônia não poupou esforços para fazer sua mensagem chegar aos lugares mais remotos. E mesmo que não ganhe essas eleições, nunca poderá se censurar por não ter dado tudo de si. Como sempre, foi muito gratificante o encontro com os pobres da Índia. Em momentos de hesitação, as palavras do Mahatma Gandhi, que um dia leu na parede de um ambulatório rural, voltam a sua memória: "Quando hesitar ou se questionar, faça o seguinte teste: lembre o rosto do homem mais pobre e mais fraco que já viu e pergunte-se se o passo que está prestes a dar vai ser útil para ele. Ele ganhará algo com isso? Isso lhe devolverá certo controle sobre sua vida e seu destino? Então, você verá que suas dúvidas se dissiparão".

É DURA UMA CAMPANHA ELEITORAL nacional para alguém que nunca disfarçou sua aversão pelo poder. Viver nessa contradição intensifica

sua sensação de cansaço brutal, que a impede até de trocar de sári esta manhã para ir votar. Decide ficar com o que está usando. Afinal de contas, é branco, a cor das viúvas na Índia, e hoje, dia eleitoral, usar esse sári será uma maneira de manter viva a lembrança de Rajiv. Que é como ajudar a si mesma a manter-se viva. Porque tudo o que faz continua sendo para guardar sua memória, na impossibilidade de acariciá-lo. E por seus filhos, Rahul e Priyanka, que tanto a apoiaram na campanha, na vida. Nada une tanto como a dor da perda dos entes queridos.

Ela, que detesta chamar a atenção e ser protagonista; ela, que só deu duas entrevistas em toda sua vida, vê-se de repente comovendo multidões de quase 100 mil pessoas umas seis vezes ao dia em lugares diferentes. Falou em híndi com desenvoltura e um leve sotaque e pronunciou discursos ao estilo de Indira, esforçando-se para convencer 600 milhões de eleitores a votarem no Partido do Congresso. Às vezes lhe custa acreditar que está à frente da maior organização política democrática do mundo. Se algum adivinho houvesse vaticinado isso em sua juventude, quando ainda morava na Itália, ela o teria chamado de charlatão.

O que disse a esses milhões de votantes que a ouviram atentos? Falou de sua família, uma família que governou a Índia durante mais de quatro décadas, mas que está há sete anos fora do poder; falou dos valores que os Nehru-Gandhi sempre representaram: liberdade, tolerância, laicismo e unidade. Insistiu no fato de essas não serem eleições ordinárias, e sim um enfrentamento histórico entre valores diferentes, entre ideologias diametralmente opostas. Uma luta entre a luz e o obscurantismo; entre uma Índia onde cabem todos e todas as religiões, e outra medieval e excludente. O que está em jogo, repetiu, é a convivência entre as incontáveis culturas, etnias, castas e religiões que compõem a Índia. Enfim, a própria existência do país como nação.

As CIDADES ESTÃO EMPAPELADAS de cartazes eleitorais. O BJP está muito satisfeito com seu slogan: "A Índia brilha", o que alude ao bom andamento da economia. Com um país que cresce 9%, duas temporadas de chuvas abundantes e relações finalmente relaxadas com o velho inimigo Paquistão, os dirigentes do BJP estão tranquilos e confiantes. Achem que seu rival, o Partido do Congresso, está acabado, incapaz de se refazer das cinzas,

esmagado sob o peso de sua própria burocracia. Têm certeza de que Sônia não é uma líder hábil e experimentada o bastante para ressuscitá-lo, e menos ainda para obter cadeiras suficientes nessas eleições legislativas. Primeiro, porque é estrangeira, e, segundo, porque acham que não tem nem o carisma de sua sogra nem o encanto de seu marido. Dizem que nunca expressou uma opinião original sobre acontecimentos internacionais ou sobre as orientações econômicas da Índia. Terceiro, porque julgam ter conseguido fazer com que ela seja percebida pela opinião pública como uma simples gungi gudiya, uma boneca muda, manipulada sem escrúpulos pelos velhos dinossauros do Partido do Congresso. E não era o que diziam de Indira Gandhi em suas primeiras eleições?

Mas se seus adversários a houvessem acompanhado de perto durante essas semanas de campanha, talvez não se mostrassem tão prepotentes. Teriam sido testemunhas da apoteótica recepção que hordas de mulheres e homens dispensaram a Sônia e a seus filhos, cobrindo-os de rosas e cravos, gritando seus nomes em uma espécie de frenesi.

"Isso não é político, é emocional", comentou um dia um jornalista europeu com Rahul, que aos 33 anos, se candidata pela primeira vez pela circunscrição de Amethi a de seu pai. Se Sônia perder, seu filho já está na linha de largada. Ninguém escapa do destino do sobrenome. "Para quem a Índia brilha?", perguntava Sônia em seus discursos. "Para os camponeses que se suicidam bebendo raticida porque não podem pagar suas dívidas?" A multidão recebia suas palavras com rugidos de aprovação.

Sônia opôs ao slogan "A Índia brilha" - dirigido principalmente a uma classe média urbana composta por uns 300 milhões de eleitores, um menos lustroso, mas destinado a esses 700 milhões que ainda não colheram os frutos da prosperidade econômica: "Escolham um governo que funcione", repete. É um slogan de Indira, que o utilizou em várias campanhas. Sônia opôs à maneira moderna de fazer campanha do partido no poder - que mandou uma mensagem de voz do primeiro-ministro a 110 milhões de telefones fixos e móveis em todo o país (chegando a 355 milhões de votantes menores de 25 anos, uma verdadeira proeza tecnológica, o estilo tradicional de percorrer a Índia apertando mãos, dando abraços, conectando-se com as pessoas, mergulhando na adoração sentimental das massas.

Muito freqüentemente, o Tata Safari em que viajavam precisou parar até dez vezes em uma hora por ficar totalmente cercado de camponeses, seus rostos

secos e corpos magros colados aos vidros. Sônia teve que fazer força para abrir a porta da frente e ficar em pé sem descer do carro, enquanto a multidão se amontoava ainda mais, soltando gritos de júbilo, esticando os braços com a esperança louca de poder tocá-la.

NESSA CAMPANHA VIU-SE QUE SEUS FILHOS despertam as mesmas paixões, principalmente Priyanka, que já tem 32 anos. Foi uma revelação ver até que ponto cativa as multidões, que foram em massa ouvi-la falar. E isso sem que ela fosse candidata a nada. Acaba de ter uma filha, Miraya, que, junto com o mais velho, Rehan, a mantêm muito ocupada.

Por isso só ajudou sua mãe e seu irmão esporadicamente. Mas bastava que fizesse um cumprimento para que imediatamente centenas de mãos lho devolvessem em meio a aclamações de júbilo. Rahul também despertava o ardor das massas. Assim que abria a janela, enchiam o carro de pétalas de rosa. Um dia, o motor parou, e o motorista não conseguia fazê-lo arrancar de novo. O homem saiu e abriu o capô, enquanto Sônia repetia: "Que caos, que caos!" tentando ver pelo pára-brisas sujo de suor e de pétalas amassadas se o motorista era capaz de localizar a avaria. "Mamãe, fique no carro", repetia seu filho dando-lhe uma palmadinha no ombro, com medo de que sua mãe pudesse ter a idéia de sair nesse momento, ignorando os protocolos de segurança. Por fim, o motorista voltou e conseguiu fazer o motor rugir de novo.

- O que houve? - perguntou Sônia.

-As flores, madame - respondeu o homem. - As margaridas haviam bloqueado a ventoinha!

Essa não parece a imagem de uma dinastia política que vai de cabeça rumo ao fracasso, como prognosticam seus adversários, e até certos companheiros de partido. É mais a imagem de uma mulher e uma família que conseguem sintonizar-se com o povo, mesmo que poucos queiram reconhecer. A verdade é que Sônia conquistou o respeito e o afeto de seu país de adoção por ter aceitado viver a mesma vida que matou seu cunhado, seu marido e sua sogra. O povo, embalado há milhares de anos pelas grandes epopéias do Ramayana e do Mahabharata, em que as façanhas dos homens rivalizam com as dos deuses, parece reconhecer esse sacrifício, e demonstra isso cada vez que surge a possibilidade. E ela não perde nenhuma oportunidade de devolver as demonstrações de afeto. Durante a campanha, depois de quatro

longos e quentes dias, relaxou em uma única ocasião, quando, no meio de uma planície empoeirada, mandou a comitiva eleitoral parar e foi caminhando sozinha para o local em que havia visto um grupo de mulheres nômades sob uma cobertura de paus e plásticos pretos. Essas mulheres não tinham a menor idéia de quem era ela. Sônia não entendia seu dialeto. Os fotógrafos haviam ficado para trás e ninguém ia registrar esse encontro. Mas ali, longe da multidão, da imprensa e das reuniões do partido, Sônia Gandhi aproveitou o momento abraçando os mais pobres da Índia.

ELA NÃO ACHA QUE VAI GANHAR; quase ninguém no partido acha, e menos ainda fora do partido. As sondagens concordam: o Congresso não está entre os favoritos. "She has no chance", diz a imprensa. Não tem possibilidades Mas não pode evitar que o povo lhe pergunte se chegará a ser a primeira indiana de origem estrangeira a se tornar primeira-ministra. Em tese, sim pode, se o Partido do Congresso e seus aliados conseguirem a maioria necessária e depois a designarem como máxima mandatária. Legalmente também, porque a Constituição não estipula que só os indivíduos nascidos na Índia podem aspirar aos mais altos postos de governo. Cientes de que o mundo da Índia é maior que a própria nação indiana, aqueles que redigiram a Carta Magna dois anos depois da Partição deixaram a possibilidade aberta a todos; e fizeram isso porque a tragédia da Partição havia provocado tanto fluxo de refugiados do Paquistão e Bangladesh que preferiram não impor limitações, não somar nada que pudesse incitar a mais divisão.

Por ora, com essas eleições, Sônia só pretende deter os nacionalistas hindus e erguer o Congresso, tirá-lo do marasmo em que está mergulhado. Isso lhe bastaria para se dar por satisfeita. Teria cumprido seu dever para com a família e os ideais que seus membros sempre defenderam, e que hoje estão tão ameaçados. Tiraria das costas um pouco do peso dessa imensa herança que carrega. E talvez pudesse descansar um pouco. Também, mesmo que não confesse, bons resultados teriam um agradável sabor de revanche contra todos os que a caluniam, os que a humilham sem trégua desde que em 1998 decidiu aceitar a presidência do Partido. À medida que foi se aproximando a data da votação, os ataques recrudesceram. Seus detratores deram-lhe um golpe baixo:

trouxeram à baila que Sônia optou pela nacionalidade indiana em 1983, ou seja, um ano antes de seu marido se tornar primeiro-ministro. "Por que não o fez antes, se estava casada desde 1968 e diz se sentir tão indiana? Fez isso para ajudar seu marido a ganhar as eleições", apontam com perfídia. "Sua pretensa indianidade é pura sede de poder", acrescentam. É um argumento falaz que pretende sujar sua imagem mostrando-a como uma ambiciosa. Na realidade, ela fez isso para anular os ataques de Maneka, que foi a primeira a agitar o espectro de sua "italianidade". Além do mais, talvez em 1983 Sônia não se sentisse totalmente indiana, talvez seu processo de indianização tenha sido lento e tenha crescido à sombra dos anos e das tragédias familiares... mas quem se importa com a verdade? Suas origens transformaram-se em cavalo de batalha eleitoral.

Os ataques são tão baixos que a Corte Suprema, no início de abril, interveio com um projeto de lei para proibir as "calúnias" em tempos eleitorais. Mas já era tarde; os ânimos estavam muito alterados. A paz das urnas continuará sendo um sonho inalcançável. Há dois dias, Sônia tentou pela última vez acabar com as críticas sobre suas origens. Em um grande comício de fim de campanha, dirigiu-se a seus milhares de seguidores em Sriperumbudur, cidade onde Rajiv foi assassinado: "Aqui estou, pisando esta terra que está misturada ao sangue de meu marido. Eu garanto que não me cabe maior honra que compartilhar de seu destino pelo bem da Índia". O povo não parece duvidar da sinceridade de suas palavras, sabedor de que, em Sônia Gandhi, o político e o pessoal estão intimamente ligados. No fim, o comedimento de suas reações e a imensa dignidade que demonstrou diante dos ataques mais sujos fazem-na parecer ainda mais indiana, mais digna de sua confiança.

HOJE ESTÁ AFÔNICA, POR ISSO RESPONDE com um gesto e um sorriso ao mordomo quando ele lhe avisa que já a estão esperando para levá-la a votar. Sônia, arrumada e com sua bolsa no braço, permanece em frente à televisão, cujo noticiário matutino exhibe as notícias do mundo: hoje faz dez anos que Mandela, o homem que ela mais admira e a quem conhece pessoalmente, chegou ao poder na África do Sul, e em outra campanha eleitoral, a norte-americana, o presidente Bush acumula vantagem contra o candidato democrata John Kerry, a despeito de o apoio popular à guerra do Iraque estar em seu momento mais baixo... Não só na Índia a política está

cheia de contradições e de surpresas.

Mas o que espera com ansiedade é o vaticínio eleitoral do conhecido astrólogo Ajay Bahambi, que se tornou famoso quando Hillary Clinton lhe pediu que lesse sua mão.

Finalmente aparece na tela, e com o tom firme e decidido de quem tem muita certeza do que diz, o oráculo barbudo garante que o partido atualmente no poder revalidará seu mandato com mais de 320 cadeiras. Isso significa uma derrota humilhante para o Congresso. A precisão do dado e o tom de suficiência do homem deixam Sônia abatida. Não teme a derrota, mas teme ser arrasada e fazer papel ridículo. Aperta energicamente o botão do controle remoto para desligar a tevê e se levanta. Antes de sair, passa pela cozinha para dar instruções. Hoje virão seus filhos e netinhos para almoçar. Teria preferido reunir-se com eles no La Piazza, o delicioso restaurante italiano do Hotel Hyatt, como costumam fazer aos domingos ou quando há algo para comemorar.

Mas como não quer atizar a controvérsia sobre sua "italianidade", prefere ficar em casa. Não é o momento de sair em uma foto comendo massa.

Espera dar nove horas para sair. Por viver na Índia, contagiou-se um pouco das crenças locais, e segundo um deputado do partido que ligou esta manhã de Kerala, no sul, o Rahu Kalam cai hoje entre 7h30 e 9h. Esse é um momento do dia considerado pouco auspicioso para qualquer atividade. É calculado meticulosamente pelos astrólogos e publicado nos calendários hindus. Não que Sônia acredite de pés juntos nessas superstições, mas nunca se sabe, do jeito que estão as coisas, melhor tomar todo o cuidado...

Assim que abre a porta que dá para o jardim, sente uma bofetada de ar quente. Falta apenas um mês para caírem as chuvas das monções, e até então a temperatura continuará subindo inexoravelmente. Coloca seus óculos e grandes óculos de sol e dá uma olhada a sua volta: o gramado está amarelado, as jardineiras de flores que coloriam fevereiro já murcharam. Mas a sombra das grandes árvores protege o resto da vegetação. Hoje o termômetro marca 43 graus, o que não impede que, do outro lado do portão de sua casa, um grupo de simpatizantes esteja há horas aguardando na calçada para ter seu darshan. Mas não a poderão ver. Com tantas medidas de segurança, Sônia não pode fazer o que Indira fazia, ficar conversando um pouco na porta de sua residência com os que iam vê-la. Eram outros tempos. Agora, o Serviço de Inteligência informa que existe uma "ameaça

permanente" a ela e sua família por parte de grupos marginais e xenófobos hindus. Sônia está acostumada a conviver com esse medo no corpo e não teve outro remédio senão aceitá-lo depois de tantos anos e tantos sustos. Mas o mais difícil, ao que nunca poderá se acostumar, é pensar que poderia acontecer alguma coisa com seus filhos, e agora também com seus netos.

Os soldados de guarda na guarita de sua residência mal têm tempo de cumprimentá-la quando seu Ambassador creme blindado sai a toda velocidade cantando pneus, seguido por seus seguranças em outro carro Com uma luz giratória no teto. Sônia abriu a janela de vidro fumê do carro e faz um gesto rápido com a mão de dentro do veículo, mas vai tão depressa que não tem certeza de que seus admiradores a viram. O trajeto de sua casa até Nirman Bhawan, um complexo de edifícios do governo onde fica o gabinete em que deve depositar o voto, é curto. Não leva mais de dez minutos, principalmente hoje, dia festivo por ser dia eleitoral. E é agradável porque as largas avenidas estão margeadas por grandes árvores sempre verdes, muitas delas em flor. A cidade mudou muito, passou de três milhões de habitantes quando Sônia chegou para mais de quinze agora. Há postos de gasolina coloridos com loja anexa, como na Europa, grandes armazéns, centros comerciais, cafés, restaurantes de todo tipo, uma abundância de hotéis de luxo, supermercados onde se encontra de tudo, desde salmão defumado da Escócia até vinho de Rioja. Mas o núcleo central continua igual, principalmente quando não há trânsito. Tudo são lembranças para Sônia. Cada esquina, cada rua, cada comércio: nessa confeitaria Rajiv comprava a sobremesa favorita dela; nessa praça morava sua amiga Sunita; naquela viela que dá para a avenida Akbar, levava as crianças à creche; nesse terreno caiu o avião de seu cunhado...

E por essas mesmas avenidas circulava em um Ambassador similar àquele do dia que mudou sua vida. Parecia que aquele carro não chegava nunca. O sangue de Indira ensopava os bancos forrados de veludo, formando uma enorme mancha preta.

Por isso sente que seu coração pertence a essas ruas, a essa cidade, a esse país. Para defender-se de tanta calúnia, mandou colar uns cartazes na circunscrição de seu marido que mostram diversas fotos de sua vida na Índia, começando por sua chegada, quando era noiva de Rajiv. "Que tradição

indiana descumpri?" pergunta o texto.

"Como nora, esposa, viúva ou membro do Congress, que tradição deixei de observar?" Sônia continua traumatizada pela virulência dos ataques contra ela.

Os acessos a Nirman Bhawan estão fortemente guardados por policiais e soldados esperando sua chegada. Os guardas na entrada saúdam-na juntando as mãos e levando-as até o peito murmurando o tradicional NAMASTÊ.

Todos sorriem.

O seu é o único veículo autorizado a entrar no recinto. Diante de seu gabinete eleitoral, o número 84, está sendo esperada por rostos conhecidos e uma nuvem de jornalistas, fotógrafos e simpatizantes. "Como se sente uma italiana votando na Índia?", pergunta um velho jornalista malicioso que não disfarça suas tendências políticas "Sinto-me indiana. Não me sinto nem um pouco italiana", diz Sônia com a voz rouca.

O presidente de sua mesa eleitoral cumprimenta-a com um largo sorriso e coloca-lhe uma guirlanda de cravinas no pescoço:

Alguns companheiros do Congress nos disseram que viria às 7h - diz.

Lamento ter me atrasado. Desculpe.

Não por isso, por favor... - responde o homem, ruborizado. - A senhora é a décima-sexta votante desta mesa... É um bom número, senhora, trará sorte - acrescenta enquanto mostra a Sônia o funcionamento da nova urna eletrônica, orgulho da tecnologia indiana. Mais de um milhão dessas caixas de plástico do tamanho de uma maleta e que funcionam a pilhas foi distribuído pela primeira vez por todo o território - nos lugares mais distantes, em lombo de elefante - com a esperança de acelerar a contagem e de lutar contra a fraude. Não haverá mais mortos nem feridos durante as brigas entre facções políticas rivais que se acusavam mutuamente de modificar o conteúdo das urnas. Agora, um simples bipe depois de apertar a tecla adjacente ao nome e ao símbolo do candidato eleito indica que o voto foi registrado em uma unidade de controle. Sônia emite seu voto dessa maneira inovadora, como mais uma entre os milhões de indianos que hoje ouvirão o mesmo som durante a última jornada das eleições gerais. A imprensa de repente se volta para uma idosa que vai votar, sentada em uma cadeira que parentes carregam. Tem 108 anos, é uma refugiada birmanesa que responde aos jornalistas com voz trêmula: "Sempre votei no Congress

porque nos ajudou a vir para a Índia quando a China declarou guerra à Birmânia". Aperta a tecla e... bipe!

Na saída de Nirman Bhawan, já de volta a casa, há tanta gente gritando por ela que o carro mal consegue abrir caminho. De modo que pede ao motorista que pare. Sônia desce do carro e imediatamente seus seguranças a cercam e pedem que volte a entrar no veículo, mas ela se nega e faz um gesto firme para que se afastem. Não pretende ir embora sem cumprimentar toda essa multidão exaltada que grita seu nome e que repete sem trégua slogans que a glorificam. É o mínimo que pode fazer por todos os que estão esperando sob esse sol inclemente. Alheia ao nervosismo dos seguranças, dirige-se à multidão, saúda com a cabeça, junta as mãos no alto, agradece, sorri... todos querem tocá-la e ela gostaria de abraçá-los um a um, se pudesse. Reconhece a mesma corrente de simpatia que sempre existiu entre sucessivas gerações de indianos e os membros de sua família, uma corrente quase elétrica entre ela e o povo que se traduz em uma troca de olhares, às vezes um aperto de mãos, uma comunicação que surge acima de todas as barreiras.

Quando torna a entrar no carro, de repente se pergunta se o astrólogo desta manhã na televisão não teria exagerado em sua previsão negativa. Mas é um pensamento fugaz. Ela sabe melhor que ninguém que se podem perder eleições mesmo que um milhão de pessoas passem a véspera aclamando o candidato.

A essa primeira eleição do século XXI comparecem 670 milhões de eleitores, um eleitorado duas vezes maior que o de seu rival mais próximo, os votantes nas eleições para o Parlamento europeu. Para conseguir tal proeza organizativa e garantir a segurança dos eleitores, essa eleição foi dividida em quatro jornadas ao longo de três semanas, a última sendo hoje, 10 de maio de 2004. Quatro milhões de funcionários públicos foram mobilizados em 700 mil mesas eleitorais para conseguir resultados que afetarão a sorte de um sexto da população mundial durante os próximos cinco anos. A tecnologia foi a grande novidade nessas eleições. Nas de 1999, havia só três canais de televisão; hoje, há mais de uma dúzia que transmite 24 horas por dia, e isso sem contar os canais por satélite. Cinco anos atrás, havia cerca de 1,5 milhão de celulares; hoje, há 30 milhões. A televisão transmitiu os sorrisos, as roupas, as expressões de cansaço, de

alegria, de estupor dos candidatos, seus olhares expectantes e também um ou outro gesto que custou a um político sua popularidade. Mas ninguém sabe, no fundo, que partido se beneficiará mais com a televisão.

A contagem começará no dia 13 de maio e os primeiros resultados serão divulgados no dia 14, no fim de semana, graças justamente à rapidez que as novas urnas eletrônicas permitem. Mas, para os candidatos, será uma semana longa. Sônia já gostaria de ir desfrutar uns dias do frescor das montanhas, mas não pode parecer que se desinteressa pela grande contenda. Seus próprios companheiros do Congress não compreenderiam que não se mantivesse em seu posto, na capital, na primeira fila, defendendo-se de algum ataque de última hora, mobilizando seus companheiros, corrigindo algum de seus deputados rebeldes...

QUINTA-FEIRA, 13 DE MAIO DE 2004. Nesta manhã são esperados os primeiros resultados. Nas aldeias, os camponeses aproveitam o calor para fazer uma pausa em suas tarefas e agrupar-se ao redor de um rádio ou um televisor. Em um país onde todos participam das comemorações dos outros, o grande espetáculo da democracia é vivido como mais uma festividade, talvez porque comemorar o valor supremo do indivíduo adquire ainda mais valor em um lugar tão densamente povoado. Nas diversas aldeias fora do alcance das ondas, terão que esperar a chegada de algum viajante com notícias; ali, os resultados podem levar até duas semanas para chegar. Em Nova Délhi, vive-se uma grande expectativa nos quartéis-generais dos dois grandes partidos, ambos no centro, onde se decidiram as estratégias e determinaram as diretrizes. São salas diáfanas banhadas pelo nirvana do ar-condicionado, cheias de monitores de televisão, computadores, câmeras de vídeo, impressoras e toda a parafernália tecnológica. Jovens vestidos à moda ocidental correm entre os gabinetes, os celulares colados na orelha e, como concessão à tradição, uma xícara de chá com leite na mão. No quartel-general do Congress há mais jornalistas que membros do partido; estes se escondem em suas casas, angustiados com as especulações derrotistas do rádio e da televisão. Alguns, os mais otimistas, usando o famoso gorro popularizado por Nehru, conversam e gesticulam com jornalistas que estão à espreita das primeiras reações.

Não muito longe dali, na residência de Sônia, a atmosfera está pesada de tensão. Um silêncio denso envolve a casa, decorada com objetos trazidos de toda a Índia, muitos deles tribais, de belíssimas telas e de algumas pinturas antigas sobre cristal de que Sônia gosta muito. Nada evoca a ostentação ou o fato de ser o lar de uma família especial, exceto o estúdio, que continua tal como Rajiv o deixou. As fotos, em molduras de prata sobre as mesas, mostram momentos compartilhados dos Nehru com os Kennedy, Gorbachov, De Gaulle e demais personagens ilustres do século XX. E lá estão os famosos retratos de Nehru, Indira e Rajiv, em suas molduras de madeira nas paredes brancas, que hoje também parecem ter vida própria, como se do além estivessem participando do suspense do momento.

Sentados nos sofás e de cócoras, os colaboradores de Sônia aceitam de bom grado o chá com aroma de cardamomo que a anfitriã lhes oferece. Todos guardam um silêncio constrangedor, pois Sônia prefere a televisão

desligada. Tem medo dos resultados e quer se poupar da agonia de ir conhecendo números parciais. Prefere saber tudo de uma vez, quando tiver que ser. Tão perto do final, tem medo de decepcionar a "família". Sabe que, se ganhar, será vitória de Sônia Gandhi, que se projetou para o eleitorado como o que é, uma mulher vulnerável, sincera e audaz; se perder, será a derrota da "viúva de Rajiv" ou da "nora de Indira", a "italiana" que não esteve à altura das circunstâncias e que carecia tanto de ambição quanto de talento político. "Realmente merece ganhar?" parece se perguntar nesse momento em que a assalta todo tipo de pensamentos incongruentes e até contraditórios.

O CELULAR DE SUA AMIGA AMBIKA, secretária-geral do partido e a companheira que mais horas passou com ela ultimamente, toca com o estribilho do Congress. A mulher pousa sua xícara de chá sobre uma mesinha e cola o aparelho à orelha. A seguir, esboça um sorriso e desliga: "Sônia, nossos aliados em Tamil Nadu ganharam". A boa-nova distende um pouco o ambiente. "Lá não faremos papel ridículo", pensa Sônia. Tamil Nadu é um grande estado, certamente importante no resultado final, mas todos estão impacientes para saber os números de estados-chave como Uttar Pradesh, Maharashtra ou Kamataka. Sônia arde de desejos de saber e, ao mesmo tempo, não quer.

Uns segundos depois, toca outro celular. "Sônia, ganhamos em Maharashtra!" anuncia outro membro de sua equipe. O som do fax junta-se ao dos celulares: a máquina cospe fotocópias de jornais com mensagens que vêm de várias delegações do partido... E todas com boas notícias. Em um instante, o estúdio está invadido por uma cacofonia de ruídos, sons e fragmentos de conversa. Sônia está desconcertada, até que recebe uma ligação no telefone privado de casa:

Parabéns, Soniaji! Não só estamos ganhando, como estamos arrasando. Em meu nome e no de todos os membros do Congress, transmito-lhe nossos mais sinceros parabéns.

Não vamos nos precipitar, temos que ser prudentes... - diz ela.

Sim, tem razão, mas já conhecemos a tendência...

Sônia passa o olhar pelos membros de sua equipe, com um sorriso que ressuscita suas famosas covinhas, as que sempre apareciam quando se sentia feliz.

Vou ligar a televisão... - diz ao se levantar.

O que a tela mostra é um lugar muito familiar: a rua Akbar, onde ficam os gabinetes do partido, a menos de cinco minutos de sua casa. Simpatizantes entusiastas carregam cartazes de apoio e gritam slogans: "Viva Sônia Gandh!", "Viva o Congress!", enquanto outros soltam rojões, dançam e bebem na rua. "Chamaram-na de estrangeira, mas o povo deu uma resposta contundente!", afirma uma simpatizante portando uma bandeira com as cores nacionais, açafião, verde e branco. "Isso é um presente do todopoderoso!".

declara um conhecido membro do partido com lágrimas nos olhos. Essa primeira reação de júbilo deixa todos atônitos, mas Sônia não está preparada para ouvir um grito que surge entre a multidão: "Viva a primeira-ministra Sônia Gandh!". Fica petrificada, como se a realidade de sua nova situação a assaltasse da tela da televisão.

Aturdida pela enormidade do que se avizinha, senta-se na beira do sofá. Quer disfarçar sua angústia, mas está tão impressionada que é impossível.

Você está bem? - pergunta Ambika.

Sônia respira fundo e aponta para o peito, como se sentisse um princípio de crise.

Quer que vá buscar seu inalador?

Não precisa... já vai passar.

No fundo, reza para não ter um ataque de asma. O que sente é ansiedade, uma ansiedade que os gritos dos entusiasmados simpatizantes da rua Akbar só fazem agravar:

"Sônia Gandhi, primeira-ministra!".

O apresentador volta aos resultados. Ao separá-los por estado, é como se a voz dos diversos povos da Índia penetrasse o escritório, como um eco que vem de muito longe, das aldeias que povoam as encostas tibetanas do Himalaia, das choças de barro e das tribos que habitam os mangues do sul, dos pescadores em suas imensas praias de Kerala, dos muçulmanos de Gujarat que sobreviveram aos recentes massacres dos fundamentalistas hindus, dos milhões de favelados de Bombaim e Calcutá... E a voz do povo se repete, assombrando Sônia, seus colaboradores, seus adversários, a Índia e também o mundo. Uma voz que desafia as previsões dos especialistas em política, dos magnatas da televisão e dos institutos de pesquisa. Uma voz

que se rebela contra o pretensível domínio dos meios de comunicação sobre as massas. Nem um único especialista foi capaz de prever a derrota espetacular do partido no poder. Os resultados arrasam sem contemplações, também, a credibilidade de tantos astrólogos, quiro-mantes e supostos magos que semearam de enganos e mentiras a vida do país. O famoso astrólogo Ajay Bahambi cobriu-se de glória!...

A surpresa inicial logo se transforma em euforia, quando a televisão anuncia que o Congress está prestes a conseguir 145 cadeiras, o que lhe permite, ao lado de seus aliados, atingir em coalizão a mágica cifra de 272. Ou seja, a capacidade de governar. Os 272 que Sônia anunciou prematuramente em 1999, agora sim foram conseguidos. Soma-se à ansiedade uma sensação de profunda satisfação. E como fechamento desse dia triunfal, chega a notícia de que Rahul foi eleito deputado pela circunscrição de Amethi, digno herdeiro de seu pai. Dupla vitória que faz retornar ao poder a família mais admirada e vilipendiada da Índia. A seguir, os gritos da multidão que foi se aproximando da casa e aclama Sônia na rua sufocam o som da televisão. Na sede de Akbar Road, o responsável pela segurança do partido liga para a polícia de Nova Délhi para que mande reforços ao número 10 da Janpath, prevenindo grande concentração de pessoas.

O BJP PERDE EM 24 DOS 28 ESTADOS da Índia. Perde até nos bastiões que julgava inexpugnáveis, como a cidade santa de Varanasi ou a própria Ayodhya. Dessa vez, sua certeza de que os distúrbios comunais se traduzem em votos se mostrou um erro imenso.

O povo reagiu - diz Priyanka quando vai cumprimentar sua mãe.

A cada minuto que passa, o slogan dos hinduístas, "A Índia brilha, parece mais ridículo, como se os votantes houvessem exposto a falsidade dessa propaganda triunfalista, que deixava fora do jogo a maioria do povo, essa que não se vê nas cidades, mas que agora tem sua revanche nas planícies ardentes e nas aldeias perdidas. A expressão no olhar de Sônia traduz o sentimento de seus correligionários: triunfo, prazer, risos e, em um dado momento, algumas lágrimas. Ela que entrou na corrida eleitoral com a única esperança de não ser esmagada, atinge a meta como vencedora absoluta.

"Impressionante comoção", diz a primeira página da edição especial do Hindustan Times, o jornal em inglês mais lido de Nova Délhi, no dia seguinte, sexta-feira 14 de maio. Na residência de Sônia, a grande

quantidade de mensagens de parabéns e de apoio congestionaram o fax. Cartas, telegramas, SMS... de todos os lugares e por todos os meios chovem mensagens de parabéns para a futura "primeira-ministra". Cario Marroni, prefeito de Orbassano, manda-lhe um telegrama em nome dos 25 mil habitantes de sua cidade: "Estamos orgulhosos de você e desejamos que siga pelo caminho do desenvolvimento e da solidariedade na maior democracia do mundo. Compartilhamos com você, com sua índia, esses valores que unem a todos nós". Paola, mãe de Sônia, soube da vitória da filha em sua casa da Via Bellini por um jornalista local. A seguir, recebeu uma aluvião de ligações. "Sim, claro que estou satisfeita", repete disfarçando seu desassossego, "mas sinto-me assediada e não tenho nada a dizer." Como dizer que teme que aconteça com sua filha o mesmo que com seu genro? Por isso, Paola prefere se calar e decide não atender mais ao telefone.

Agora, a tarefa de Sônia é formar uma coalizão capaz de governar. Não hesita um instante em apelar a seu velho amigo, o brilhante economista sique Manmohan Singh, seu guru em assuntos de economia. Com ele, redige um acordo para conseguir a firme adesão dos demais membros da coalizão, que conta com mais de vinte partidos.

Quão longe ficam os tempos de Indira, ou de Rajiv, quando o Congress governava com maioria absoluta! A política é, agora, como uma panela gigantesca, onde fervem os sonhos, as aspirações e os interesses cada vez mais diversos, até contrários, de um sexto da humanidade. E Sônia se vê, de repente, no papel de cozinheira-chefe. Precisa temperar bem o cozido, contentando os comunistas da frente de esquerda e também os liberais, os partidos regionais e os representantes de castas... Mas a tarefa não a pega desprevenida:

há meses tece alianças, falando com uns e outros, aplainando o caminho. Seu trabalho, invisível, agora dá frutos. Como já diziam as freiras do internato de Giaveno, onde estudou, tem talento para o consenso: nisso, não é como sua sogra, que era mais propensa ao autoritarismo. Para Sônia, o que realmente interessa são as grandes questões de Estado, como reduzir a pobreza e garantir o crescimento econômico; ou conseguir a paz com o Paquistão e resolver o problema da Caxemira. Não ocorre o mesmo com seus aliados. A maioria é formada por verdadeiros sátrapas, líderes de

partidos regionais com egos maiores que suas organizações. Cada um puxa a brasa para sua sardinha, exigindo pastas ministeriais, políticas específicas de apoio aos membros de sua casta ou seus votantes. O conhecido líder de um dos estados mais pobres exige, em troca de seu apoio, o Ministério das Estradas de Ferro, muito importante porque emprega mais de 10 milhões de pessoas. E todos pensam que Sônia será a primeira-ministra. Alguns até exigem isso, porque não querem ficar sem essa valiosa liderança que vai lhes permitir desfrutar de sua parcela de poder; acham que sem ela a coalizão terá vida muito curta.

Depois do anúncio de que o partido vai nomeá-la líder de seu grupo parlamentar, o país inteiro dá por certo que a italiana assumirá o posto. Caso houvesse alguma dúvida, quando uma jornalista lhe pergunta se é verdade que o líder do grupo parlamentar será o próximo primeiro-ministro, Sônia responde: "Normalmente, é assim".

Três palavras que são como outras tantas bofetadas em seus adversários. Uma doce vingança, que logo recebe sua réplica quando um dirigente do partido derrotado declara na televisão que considera uma vergonha que uma estrangeira governe a Índia. Outro líder do mesmo partido acrescenta que boicotará o ato de investidura da coalizão se Sônia Gandhi for primeira-ministra. Um terremoto nacionalista sacode o país, e afeta até membros do próprio partido de Sônia. Uma chefe de governo do estado de Madhya Pradesh, uma mulher de meia-idade chamada Uma Bharti, extremista hindu afiliada ao BJP, anuncia sua demissão alegando que "colocar" uma estrangeira no posto mais alto é um insulto ao país e põe em risco a segurança nacional. Outra mulher, uma respeitada líder do partido derrotado chamada Sushma Swaraj, solicita uma entrevista com o presidente da República, o cientista muçulmano Abdul Kalam, para expressar a "dor e angústia" que o tema lhe causa. "Se Sônia for primeira-ministra, vou raspar a cabeça, vestir roupa branca, dormir no chão e fazer uma greve de fome indefinida. Mobilizarei a nação contra ela", ameaça à saída de sua entrevista diante dos meios de comunicação.

Mas, sem dúvida, o acontecimento que causa maior impacto é o suicídio, em um povoado perto de Bangalore, de um ativista do partido derrotado, um pai de família de trinta anos chamado Mahesh Prabhu, que antes de ingerir um

pote de raticida, escreveu um bilhete explicando que "não pode suportar a idéia de que, em um país de 1,1 bilhão, não tenha sido possível encontrar um único líder indiano para dirigir a nação". O homem deixa viúva, um filho de dezoito meses e um país perplexo. Muito barulho, muita divisão, muita histeria... As conseqüências de sua vitória começam a assustá-la. Tocou a fibra do nacionalismo, um sentimento irracional que rapidamente pode beirar a loucura. Apesar de o resultado das eleições mostrar que pouco importam suas origens para o povo, o tema continua sendo explosivo. Está tão ressabiada e é tão cautelosa que responde a um entrevistador da televisão italiana em inglês, e não em sua língua materna, mergulhando o jornalista na perplexidade mais absoluta. Como fazer alguém que a entrevista por cinco minutos entender que não pode falar em seu idioma natal, mesmo que queira? Como explicar o que significa ser estrangeira na Índia e estar tão perto do poder que sente seu calor abrasador? Como contar a violência que dizimou sua família e que a espreita como um animal de tocaia? Como explicar tanto luto, tanta dor, tanta angústia e tanto medo? Como contar tudo isso, sem o que ninguém pode entender suas reações? Teria que começar do zero cada vez que falasse com um jornalista, e nunca há tempo para isso.

Para aumentar ainda mais a inquietude geral, o índice da bolsa de Bombaim, o Sensex, desaba na maior queda da história financeira da Índia, alimentado pelo medo de um governo no qual o peso da esquerda acabe com as reformas até agora conseguidas. Sônia pede para seu homem de confiança, Manmohan Singh, a fazer declarações para acalmar os mercados, esperando que as águas voltem a seu curso o mais rápido possível.

PRECISA PENSAR. NA MANHÃ SEGUINTE, acompanhada de seus filhos, sai discretamente de casa, mas a polícia está nervosa e suas escoltas habituais ainda mais. Era previsível que depois de sua vitória eleitoral as medidas de segurança cerceassem ainda mais sua quase inexistente liberdade de movimentos. Agora, precisa avisar com mais antecedência suas saídas, para que, além de sua escolta pessoal, a polícia de Délhi esteja de sobreaviso.

Uma leve neblina envolve as ruas vazias a essa hora, tão cedo. É o melhor momento do dia para evitar o calor e circular rapidamente. O carro de Sônia percorre as largas avenidas da parte nova até chegar aos jardins onde estão

os mausoléus da família. Ouve-se o canto dos pássaros acima do murmúrio rouco da nova pista que cruza Délhi de norte a sul. Os três se recolhem uns instantes e a seguir cada um faz sua oferenda floral, jogando pétalas de rosa sobre o mausoléu. Que diria Rajiv dessa inesperada vitória de sua mulher, que torna a pôr toda a família na berlinda? Ela, que fugia da atenção da mídia como o diabo da cruz, lembra agora o momento em que, sendo seu marido primeiro-ministro, o deixou plantado com uma equipe de televisão francesa que insistia em fazer imagens da família reunida... "Nem mesmo eu posso fazê-la mudar de idéia", dissera Rajiv ao jornalista. Agora seu marido deve estar rindo no céu. Deve estar surpreso, como todos na Índia; e orgulhoso também, com certeza; mas sobretudo assustado, por ela, por seus filhos e pelos netos que não conheceu. Cuidado com a vitória, pois pode se voltar contra você e destruir tudo o que estiver na frente. Cuidado com a face oculta da vitória. Não se sabe o que esconde. "E você, Rajiv, o que faria em meu lugar?"

NAS SUCESSIVAS REUNIÕES QUE FAZ NESSE DIA com diversos membros de sua coalizão, evita mencionar o tema da liderança. Diz a um jornalista da HLC-"Não tenho nenhum posto em mente". No dia seguinte, 15 de maio, os membros mais respeitados do partido, assustados diante da idéia de ficar órfãos de líder, rogam-lhe, seja qual for sua decisão, que a retarde algumas horas. Querem ganhar tempo para que cheguem todas as mensagens de apoio que os aliados enviam dos últimos recantos da Índia. De hábito, o candidato a primeiro-ministro dirige-se ao presidente da República com esse aval para receber a autorização oficial de formar governo. É um passo que ela terá que dar em breve, levando em sua bolsa essas mensagens que a enaltecem e que mostram que é a líder indispensável sem a qual a coalizão carece de sentido. Correligionários e aliados esperam que Sônia acabe cedendo: o partido precisa provar a suas bases que encontrou seu guia. A isso soma-se a pressão emocional de seus amigos, com quem compartilhou tantos dissabores e momentos difíceis. Tem a impressão de que os estará abandonando se não aceitar o posto. Não é fácil lhes dizer agora: não jogo mais. Poderão entender? Para acalmá-la, garantem: "Aceitaremos sua decisão final". Sônia ainda tem três dias para pensar.

Na tarde do dia 15, depois de ter sido formalmente eleita por unanimidade

líder do grupo parlamentar do Congress, Sônia Gandhi dirige-se a seus deputados: "Aqui estou, no lugar ocupado por meus grandes mestres, Nehru, Indira e Rajiv. Suas vidas guiaram meu percurso. Sua coragem e inteira devoção à Índia deram-me força para seguir seu caminho anos depois de seu martírio. Quero lembrá-los hoje, quero homenageá-los hoje. O povo reafirmou que a alma de nossa nação é integradora, laica e unida. Rejeitou as políticas de ataques pessoais e as campanhas negativas. Rejeitou a ideologia dos partidos fundamentalistas. Logo teremos aqui, no governo central, uma coalizão liderada pelo Congress. Vencemos, contra todos os prognósticos. Prevalecemos a despeito dos vaticínios agourentos. Em nome de todos vocês, quero expressar meu agradecimento de todo coração ao povo da Índia. Obrigada".

A sala prorrompe em uma longa ovação e a seguir os deputados vão cumprimentá-la pessoalmente. Todos querem se aproximar da responsável por tanta alegria e tanta expectativa, a pessoa que tem a chave do poder. Nessa sala que foi testemunha de tantos dramas nacionais, de tantas amargas discussões, agora se respira um ambiente festivo. Sônia está radiante. Há tanta confusão que os deputados têm que fazer fila para apertar sua mão ou, melhor ainda, fazer algum comentário que seja suficientemente oportuno para que ela o recorde... tudo pode servir no futuro. Entre os últimos a esperar sua vez encontra-se um rapaz, vestindo uma kurta branca e calças largas, seu filho Rahul, que se revelou nessas eleições um promissor líder das juventudes do partido. Sônia sorri afetuosamente para ele enquanto lhe estende a mão, como aos outros.

Porém, os veteranos e os mais próximos de Sônia estão preocupados, porque em todo seu discurso não disse uma única palavra sobre seu papel na nova coalizão. Quando lhe sugerem que vá, no dia seguinte, até o presidente da República para solicitar formalmente permissão para formar governo, Sônia se esquiva dizendo que o bloco de esquerda não confirmou ainda seu apoio, o que não deixa de ser uma desculpa esfarrapada. A verdade é que quer usar todo o tempo disponível para pensar.

DEPOIS DE PASSAR UM DIA INTEIRO em casa com os filhos avaliando a situação, na segunda-feira, 17 de maio, reúne-se com seus aliados mais próximos. Tem algo importante a dizer. Eles imaginam, e não se enganam:

"Acho que não devo aceitar o cargo de primeira-ministra". Não fala de maneira taxativa, como se sua decisão fosse firme, mas como se quisesse medir a reação. "Não quero ser a causadora da divisão do país", acrescenta, deixando todos constrangidos e perplexos. E passa a sugerir uma solução salomônica, que causa certa irritação: sua idéia é que ela continue na presidência do partido... e Manmohan Singh seja primeiro-ministro. É uma idéia revolucionária porque significa uma direção bicéfala, um experimento na arte de governar.

Um profundo silêncio acolhe suas palavras. Sônia prossegue: "Ele é honrado, tem uma excelente reputação como economista, tem experiência na administração... Tenho certeza de que será um grande primeiro-ministro". Mas a sugestão os deixa frios. É bem sabido que Manmohan Singh não tem carisma. É um homem sério, um tecnocrata, não um político. "É como dizer que esta vitória não serviu de nada. A coalizão não se manterá sem uma Gandhi, sem a única líder capaz de aglutinar grupos tão díspares", diz um dos seus. A idéia também não entusiasma os líderes mais veteranos, alguns dos quais estão há cinquenta anos na militância do partido. Manmohan Singh está há apenas catorze anos, é um novato. Além do mais, é síque, representante de uma minoria que mal soma 6% da população indiana. Seria a primeira vez que um não hindu assumiria esse posto desde a independência. Como a maioria hindu verá isso?

O povo votou por uma índia laica, secular, onde a religião não tem que influir na política - lembra Sônia.

Mas é, acima de tudo, o fato de não contar com uma Gandhi no posto-chave que preocupa - e muito

sua gente. A essa altura, a mística do sobrenome conta mais que todo o resto. "Será o governo mais curto da história", vaticinam uns. Outros não se dão por vencidos e rogam que reconsidere. Até os dois membros do partido que se queixavam em particular de terem como líder uma "dona de casa italiana sem estudos" suplicam-lhe agora que aceite ser primeira-ministra. Em uma semana, passou de uma vulgar "dona de casa" a "uma amiga, uma guia, a salvadora da nação".

À TARDE, MANMOHAN SINGH CHEGA ao número 10 da Janpath usando o eterno turbante azul, a barba branca, os olhinhos pretos cheios de inteligência e o ar de ave frágil.

A duras penas consegue abrir caminho por entre a multidão de deputados e simpatizantes que atenderam ao chamado daqueles que estão reunidos com Sônia, e que bloqueiam a entrada. Há tantos que já não cabem na casa. Esperam no jardim ou na rua, sob um sol inclemente, 43 graus à sombra, que sua líder se pronuncie. Para Sônia, a situação parece familiar; ela tem a impressão de já tê-la vivido, quando a pressionavam para que aceitasse a presidência do partido. Mas se antes era difícil dizer "não", agora que o que está em jogo é o poder, é praticamente impossível. Por mais que tente argumentar, não aceitam sua decisão. Não entendem que se possa recusar o cargo de maior poder, que é o sonho de todos os políticos. É inaceitável para eles, a despeito de saberem que para Sônia o poder nunca foi uma meta em si. Sabem que está na política por um compromisso pessoal, porque o destino assim quis. "Seria um desastre para o partido, para a coalizão, para o país..." repetem sem cessar. "Sônia, não nos abandone."

Enfrentando uma verdadeira rebelião em suas filas, Sônia pede que lhe dêem todo o tempo necessário. Mas a situação chega a ser tão encarniçada, a oposição tão forte - um deles ameaça atear fogo em si mesmo se ela rejeitar o posto - que Sônia se assusta e volta atrás. Duas horas depois de ter sugerido que talvez não aceitasse o posto de máxima mandatária, Manmohan Singh vai ao jardim e anuncia com sua vizinha: "A senhora Gandhi aceitou reunir-se amanhã pela manhã com o presidente da República".

Ufa! Um murmúrio de aprovação surge da multidão. O anúncio consegue relaxar os ânimos. Os que começam a ir fazem-no certos de que a pressão funcionou, que seu critério prevaleceu. No fim, a Líder aceitou assumir sua responsabilidade. O Congresso estará de novo instalado no poder, nas mãos de uma Gandhi. A história se repete. A multidão se dispersa em paz.

PARA SÔNIA, O PROBLEMA É COMO FAZER aqueles que a veneram engolir essa amarga pílula; aqueles que esperam tudo dela. Como fazê-los entender? Como ousam pensar que ela pode governar sozinha esse país? A oposição não lhe dará trégua, um dia sim e outro também lhe jogarão na cara suas origens. Algum louco a acabará matando, tem certeza disso. Além do mais, também não tem experiência e logo se queimaria. Agora precisa é ficar sozinha. Em seu quarto, abre as janelas antes de se deitar. Respira fundo o ar

quente. Bate na madeira para que não tenha um ataque de asma. Toda sua infância dormiu com as janelas abertas, a despeito do frio. Hoje, sente de novo essa antiga angústia. É uma sensação de sufocação que volta cada vez que deve tomar uma decisão importante. Cada vez que sente uma pressão insuportável. Desliga o ar-condicionado e deixa a janela aberta. A brisa incha as cortinas, que se movem como fantasmas de algodão. Mas é uma brisa quente, que não alivia. Uma neblina avermelhada ilumina o céu poluído da cidade. Os cães latem. Na avenida, um veículo com o escapamento furado solta pequenas explosões.

Por fim, faz-se o silêncio que tanto deseja. Nesses últimos dias, a casa parecia um galinheiro. Tanto barulho não permite ouvir. Precisa de silêncio para entrar em contato consigo, para se ouvir. Para saber o que fazer amanhã. Ou melhor, como fazer.

Terça-feira, 18 de maio, é um dia que os membros do Congress não esquecerão facilmente. Cerca de duzentos deputados do partido esperam no hemiciclo do Parlamento - a mesma sala que foi testemunha da eleição de doze primeiros-ministros da Índia - que Sônia Gandhi anuncie sua decisão. Quando aparece, seguida de seus filhos Rahul e Priyanka, ambos com o semblante sério e hermético, alguns temem que as notícias não sejam boas. Sônia chega sem a pasta que deveria conter as cartas e mensagens de apoio que centenas de líderes do Congress lhe enviaram para incentivá-la a assumir o cargo. É uma tradição que os primeiros-ministros anteriores cumpriram sempre. Talvez ela a esteja descumprindo por capricho, atrevem-se a pensar aqueles que resistem a perder o último resquício de esperança. São os otimistas, os que pensam que não será capaz de rejeitar o cargo depois de tanta pressão.

Um silêncio sepulcral invade a sala enquanto Sônia, impecável em um sári castanho, o cabelo cuidadosamente penteado para trás caindo sobre os ombros, cumprimenta vários companheiros juntando as mãos à altura do rosto enquanto abre caminho até o microfone. Coloca os óculos para ver suas anotações e diz: "Desde que, há seis anos, entrei com reticência na política, sempre soube muito bem - e declarei em várias ocasiões - que o posto de primeira-ministra não era meu objetivo. Sempre tive certeza de que se me encontrasse, um dia, na posição em que me encontro hoje, obedeceria a minha voz interior". Faz uma pausa, e o silêncio se torna mais tenso ainda.

Sônia levanta a cabeça e olha para seus filhos, depois para os demais presentes: "Hoje, essa voz me diz que devo humildemente recusar esse posto".

Um violento terremoto não teria causado mais alvoroço. Um clamor ensurdecido invade a sala. Sônia eleva o tom enquanto, com a mão, pede silêncio para se fazer ouvir:

"Fui submetida a muitas pressões para reconsiderar minha postura, mas decidi obedecer a minha voz. O poder nunca representou uma tentação para mim...". Um coro de lamentos e de enérgicos protestos interrompe-a. "Não pode nos abandonar agora!" clamam uns. "Não pode trair o povo da Índia..." exclama Mani Shankar Aiyar, velho amigo de Rajiv e político influente. "A voz interior do povo diz que a senhora tem que ser a próxima primeira-ministra da Índia!"

Eu peço, por favor, que respeitem minha decisão... - diz Sônia com firmeza, mas de novo a interrompem.

Sem a senhora nesse posto, não teremos nossa inspiração.

Uma dúzia de deputados se reveza para fazer seus discursos, invocando o exemplo de serviço público de seu marido e de sua sogra. "Faça a mesma coisa!" repetem. "Esteja à altura!"

Durante mais de duas horas continua o enfrentamento ardoroso entre o irresistível desespero dos deputados e a determinação inamovível de Sônia. Os discursos oscilam

entre as reprimendas que a tacham de egoísta e certa admiração pelo gesto insólito de renunciar ao poder. Alguns a acusam de dar as costas ao mandato que milhões de indianos lhe atribuíram. Sônia ouve impassível essa horda de órfãos, o maxilar apertado. Por fim, os deputados apresentam uma resolução conjunta para que reconsidere sua decisão, mas ela, de maneira elegante e com um ar sempre enigmático, diz que não acha que seja possível. "Os senhores expressaram seus pontos de vista, sua dor, sua angústia pela decisão que tomei. Mas, se tiverem confiança em mim, permitam-me que a mantenha."

É questão de insistir, pensam uns. Muitos lembram a crise de 1999, quando anunciou sua demissão como presidente do partido. Acabou cedendo depois de os líderes lhe rogarem que voltasse. O problema, agora, é que o tempo está acabando. Por lei, deve-se formar governo antes do fim da semana. Um

deputado de Uttar Pradesh lembra que a decisão de Sônia tem um precedente na história da Índia: "A senhora deu um exemplo como o do Mahatma Gandhi", disse referindo-se a quando o pai da nação se negou a fazer parte do primeiro governo depois da independência. "Mas, naquele tempo, o Mahatma Gandhi tinha Jawaharlal Nehru. Quem é o Nehru de hoje?"

Sônia não fala de Manmohan Singh, seu ás na manga, mas os mais próximos sabem que essa é sua jogada. Quando abandona a sala, deixando seus deputados aflitos e desenganados, a imprensa cerca seus filhos: "Como membro recém-eleito do Parlamento", declara Rahul, "eu gostaria que minha mãe fosse primeira-ministra, mas, como filho, respeito sua decisão". Priyanka é menos diplomática. Quando lhe perguntam se é verdade que ela e seu irmão influenciaram a mãe com o argumento de que "perdemos um pai, não queremos perder uma mãe, é um assunto de família", ela replica dizendo uma grande verdade: "Nunca fomos donos de nossa família. Sempre a dividimos com a nação". Os membros do Congresso não jogam a toalha tão facilmente. Ao voltar para casa, Sônia encontra uma multidão que lhe pede a mesma coisa, que mude de idéia. Exigem isso aos gritos, alguns com lágrimas nos olhos, outros jogando-se a seus pés. Tanta adulação a irrita. É como a outra face do ódio que seus detratores lhe mostram.

Tão malsão é um quanto o outro. Ao entrar em casa, encontra outro desafio: uma montanha de cartas dos membros do Comitê de Trabalho do Congresso e outros afiliados que anunciam sua demissão se ela não aceitar o máximo cargo. Lá fora, na rua, um simpatizante ameaça cortar as veias. No ato é rendido pela polícia. Parece que a loucura se apoderou de Nova Délhi.

Mas Sônia não cede. Por bom senso, por convicção íntima, porque tem certeza de que sua decisão é a mais sábia para o país, para a família, para ela. Até o último momento tentam de tudo para fazê-la ceder: a súplica, os rogos, as ameaças veladas, mas Sônia se tornou mais forte que todos e não sucumbe. Ao contrário, assegura o apoio de outros membros da coalizão para que aceitem um primeiro-ministro que não seja um Gandhi. Ela marca o passo, e todos, até os mais céticos, acabam seguindo-a.

Essa força é a recompensa de seu triunfo.

Além disso, conta com o inesperado apoio da imprensa, que parece redescobri-la e se desmancha em elogios: "Sônia apaga o poder, acende os corações", diz o Asian Times. "Renuncia ao poder, atinge a glória", reza o Times of Índia. Ao dizer "não", a popularidade de Sônia dispara. Ao "abdicar", introduziu a noção de sacrifício no vocabulário da política indiana. E passa de líder do Congresso a líder da nação. Um verdadeiro milagre.

RASHTRAPATI BHAWAN, O ANTIGO PALÁCIO DO VICE-REI, é palco de uma cerimônia curta, mas cheia de significado, e que no final dessa turbulenta semana dá por encerrada a crise de poder. No sábado, 22 de maio, depois de três dias de resistência leonina contra os chefes de seu próprio partido, Sônia Gandhi é testemunha do juramento de Manmohan Singh como primeiro-ministro, na presença do presidente da República. É um momento histórico porque pela primeira vez um sique é nomeado chefe de governo.

O homem não pregou o olho durante a noite porque uma multidão de correligionários esteve celebrando em frente a sua residência. Como as coisas mudaram desde que os siques eram perseguidos como animais nos dias que se seguiram ao assassinato de Indira! Depois da cerimônia de posse, em um gesto que alude ao acordo que atingiram, Manmohan Singh aproxima-se de Sônia e inclina levemente a cabeça. Como se quisesse deixar claro que ele governa, mas ela reina.

É um momento histórico por outra razão, plena de um simbolismo que demonstra a diversidade da Índia, sua capacidade para a convivência e sua crescente mobilidade social.

Sônia Gandhi, criada como católica, cede o poder a um primeiro-ministro sique, nascido em 1932 em uma família muito humilde do Punjab ocidental, hoje pertencente ao Paquistão, e conhecido por sua incensurável honestidade. E faz isso na presença de um presidente da República muçulmano chamado Abdul Kalam, nascido em uma família paupérrima e especialista em física nuclear. Há menos de um século, ninguém teria imaginado que isso aconteceria no país onde até pouco tempo o nascimento, e não o mérito, determinava o curso da existência. E apenas um mês antes, quem poderia prever uma cerimônia como essa entre três representantes de religiões minoritárias?

Em poucos dias, Sônia provocou uma revolução silenciosa, cujo impacto será sentido durante anos. Com sua renúncia, demonstrou que a política nem sempre é equivalente à cobiça. Também demonstrou que uma pessoa não se torna indiana só por um acidente de nascença. Ser indiano se consegue amando o país, comprometendo-se com ele e sendo forte para antepor os interesses da nação aos próprios. Por seu gesto histórico, Sônia Gandhi lembrou aos hindus que a verdadeira força de sua nação está em sua tolerância, em sua tradicional abertura para os outros, em sua crença de que todas as religiões fazem parte de uma busca comum da humanidade para encontrar um sentido para a vida. Por curiosidades da vida, uma cristã teve que devolver a dignidade e a confiança à maioria dos hindus, esses que nunca se sentiram representados no governo anterior.

ESSA NOITE, SÔNIA VOLTA PARA CASA com a satisfação do dever cumprido. Preferiu manter-se por trás do trono, mobilizando o povo, mas deixando o poder a seu grão-vizir de turbante e barba branca. Finalmente vai poder descansar depois dessa semana enlouquecida. Mas, antes de ir para seu quarto, passa pelo escritório, para sentir a presença do homem que continua amando como no primeiro dia, ou talvez mais, se o amor pudesse ser medido. Com tanto calor, as flores da guirlanda em volta da foto de Rajiv estão um pouco murchas.

- Amanhã vou trocá-las - diz para si mesma. Fica olhando a imagem de seu marido. Fecha os olhos e concentra-se intensamente, até que o ressuscita em sua mente. Ele está tão perto que lhe parece estar ouvindo sua voz de veludo bem modulada, com seu impecável sotaque inglês, murmurando em seu

ouvido palavras de amor.

Até julga sentir o odor de sua pele, com esse cheiro de limpeza que se mistura com seu próprio perfume de jasmim. E que a transporta ao passado, ao tempo perdido, a suas melhores lembranças, essas que Sônia guarda no coração porque é um tesouro que fizeram juntos.

A fantasia, prazerosa e dolorosa ao mesmo tempo, dura pouco, mas é muito intensa porque os mortos vivem nos corações dos vivos. Quando reabre os olhos, passa seu olhar pelas outras fotos. Viu-as milhões de vezes, mas hoje gosta de tornar a vê-las, diversas vezes, talvez porque a fazem lembrar o sentido de sua vida. Rajiv e seu sorriso continuam provocando-lhe um tremor no coração, sempre será assim; Indira também, com sua capacidade de rir de si mesma, de não esquecer um aniversário ou a doença de uma criança no meio das preocupações dos assuntos de Estado.

Agora mais que nunca, Sônia se dá conta de que herdou de Indira a "mística da dinastia" e que está aplicando tudo o que aprendeu com ela: a paciência e a tenacidade, o atrevimento, a coragem e o senso de oportunidade...

Seu olhar para em uma foto pequena em cima da mesa na qual se vê o Mahatma Gandhi com Nehru. Naqueles dias tristes depois da morte de sua sogra, quando se refugiou na correspondência dela, como se dessa maneira pudesse se comunicar com ela, também aprendeu, sem saber, algo sobre a essência da liderança política. Encontrou uma carta do Mahatma Gandhi para Nehru, que estava entre os papéis de Indira:

"Não tenha medo, ponha sua fé na verdade; ouça as necessidades das pessoas, mas ao mesmo tempo assegure-se de adquirir autoridade moral suficiente para se fazer ouvir; seja democrático, mas valorize a única aristocracia que realmente importa: a nobreza de espírito".

Não foi fácil a viagem da plácida existência de uma dona de casa satisfeita com sua vida doméstica ao centro frenético da atividade política. Como ela mesma o define, foi uma história de luz e de sombras, de mistério e da mão oculta do destino. Uma história de luta interior e de tormento, de como a

experiência da perda pode dar um sentido mais profundo à existência. Mas, a despeito de todas as tristezas, humilhações, dificuldades e maus momentos, esta noite se sente realizada como nunca antes. Como se de repente entendesse algo que intuía no fundo, mas que lhe escapava, e que tem a ver com sua profunda razão de ser.

"A família com a qual primeiro me comprometi ao me casar estava restrita ao limite de um lar", escreverá Sônia mais tarde. "Hoje, minha lealdade abarca uma família mais ampla, a Índia, meu país, cuja gente me recebeu tão calorosamente que me transformou em um deles." Sônia é honesta quando diz que não é mais italiana.

Não é porque passou de parte da família Nehru-Gandhi a herdeira da dinastia. E a dinastia Nehru-Gandhi é a Índia.

EPÍLOGO

Paradoxalmente, ao renunciar ao poder, Sônia Gandhi se tornou ainda mais poderosa. O povo, que admira os ideais de altruísmo e renúncia tão arraigados na religião e filosofia hindus, passou não apenas a considerá-la uma líder política, mas venerá-la como uma deusa. E isso a torna a pessoa mais influente da Índia. No mundo, sua estatura não para de aumentar. A revista Forbes a classifica entre as três mulheres mais poderosas da Terra. Nada mal para alguém que sempre desprezou o poder.

É querida pelo povo não só porque operou o milagre de devolver o caráter aconfessional a um país que estava em uma perigosa deriva; não só porque colocou à frente de um sistema democrático corrupto e caótico um homem de grande inteligência, inatacável integridade e profunda experiência, mas também porque conseguiu se conectar com o homem e a mulher da rua. Elas valorizam seu sacrifício como mãe e esposa; eles, o sentido de sua luta. Todos admiram sua entrega aos ideais da família. Entendem o sofrimento que padeceu ao perder Indira, e depois, ao ficar viúva, de maneira tão trágica, de um marido tão jovem e tão bom que nunca devia ter estado na linha de fogo. Identificam-se com ela.

A DOR DA PERDA DAS PESSOAS MAIS queridas suscita a compaixão dos que sofrem todos os dias, de forma anônima e em silêncio, uma vida de privações. Mas os Gandhi não são tão amados por pertencerem a uma família excepcional, e sim pelo que têm em comum com as pessoas normais. Por exemplo, os atritos familiares:

o desprezo que Nehru sentia pelo marido de Indira; ou as tensões entre Indira e a mulher de Sanjay; ou a hostilidade entre as cunhadas... Nada disso tem a ver com grandeza de espírito, ao contrário; tem a ver com a vida cotidiana de todo o mundo. Se a maioria das famílias vive esses dramas domésticos na intimidade de seu lar, os Nehru-Gandhi sempre os viveram à luz pública, e ainda por cima cuidando do destino da maior democracia que jamais se conheceu. Como não se sentir fascinado por personagens tão

normais que, porém, vivem em circunstâncias tão extraordinárias? Como não sentir interesse por essa família que agora se encontra dividida e nas antípodas do espectro político, Sônia e seus filhos dedicados ao Congresso, Maneka e Firoz Varun ao BJP? Esse é o material de que são feitas as grandes sagas da mitologia que nutrem a imaginação do povo desde a noite dos tempos. Para muitos habitantes das aldeias e dos campos da Índia, a saga dos Nehru- Gandhi, que dura desde o século XIX e que parece que vai perdurar até bem avançado o século XXI, é a ponte que liga seu passado feudal ao presente democrático, e - oxalá - a um futuro que se apresenta mais próspero. Se antes as dinastias serviam para preservar a ordem social, agora servem para reforçar o vínculo dos habitantes de uma mesma nação.

Ajudam a unificar o país, a alicerçá-lo no imaginário popular. Têm um pouco o papel que assumem as famílias reinantes nas monarquias constitucionais, como no Reino Unido, nos países escandinavos ou na Espanha. É o caso dos Bhutto no Paquistão, dos Bandaranaike no Sri Lanka ou dos Rehman em Bangladesh. É uma tradição profundamente ancorada nos países de Ásia, mas não exclusiva dessa parte do mundo. Nos Estados Unidos, as dinastias políticas produziram senadores, governadores e presidentes com regularidade, como é o caso dos Roosevelt, dos Kennedy, dos Bush ou dos Clinton.

Em outros países, a família não governa, mas o manto passou de pai para filha, como no caso de Aun San Suu Kyi na Birmânia. E é na Ásia que, sem dúvida, as dinastias políticas encontram o solo mais fértil para se reproduzir. Na Índia, são muitos os que criticam a política dinástica da "família", tachando-a de pouco democrática, mas isso é esquecer que, mesmo que uma grande parte do eleitorado seja analfabeta, não significa que seja ignorante. Nas dinastias modernas dos países democráticos, sejam os Kennedy, os Bush ou os Gandhi, o posto não se herda automaticamente, é preciso conquistá-lo, como fez Indira, e agora Sônia. Se outrora as dinastias eram impostas aos sujeitos, hoje são os cidadãos que decidem continuar sendo governados por clãs ou famílias. Qual é a razão? Para uns, tem a ver com certa nostalgia que impulsiona o povo indiano a recriar a classe governante do passado com sua horda de nababos, rajás, ranis e toda a panóplia de reis- imperadores e sátrapas.

Outros explicam o fato com conceitos de marketing: os sobrenomes são marcas, tão reconhecíveis quanto as de pastas de dentes ou de detergentes, e isso ajuda a se orientar no marasmo da política local. Outros pensam que talvez seja um reflexo para se proteger dos abusos do poder, esperando que os que já estão na cúpula sejam compassivos e magnânimos e não se dediquem à pilhagem e ao roubo, um comportamento mais próprio dos novatos.

UM EFEITO LÓGICO DA RENÚNCIA de Sônia ao poder foi que o prestígio da dinastia Nehru- Gandhi saísse fortalecido. Em 2006, em uma conferência do Congress em Hyderabad, os partidários incondicionais de Sônia reclamaram um papel maior para seu filho dentro da organização. O coro de vozes, agora tão familiar, reclamava a presença de Rahul. Sônia respondeu que não pretendia influenciar seu filho, que ele era livre para escolher seu caminho. E Rahul pediu tempo. Mas, em setembro de 2008, a tocha começou a mudar de mão, ao ser nomeado um dos secretários-gerais do Congress, em uma manobra concebida para mesclar juventude com experiência na direção do partido, visando às próximas eleições gerais. Agora, Rahul faz parte do comitê diretivo, órgão de tomada de decisões do Congress. Pela primeira vez em muitos anos, existe um número dois na organização que conta com o respaldo total do número um. Há meses, Rahul percorre o país mobilizando seus seguidores, e, assim como seu pai, está começando a relaxar sua segurança pessoal. Várias vezes, os agentes encarregados de protegê-lo queixaram-se que Rahul os despista ou não segue suas instruções.

Ele percebe, como seu pai, que é impossível fazer política sem se banhar em multidões. Muitos dos conflitos que surgiram nos tempos de Indira e de Rajiv foram solucionados ou estão em vias de solução, mas um personagem público, sobretudo se pertence à "dinastia" sempre corre o risco de ser agredido por algum fanático. Sem ir muito além, em fevereiro de 2007, a polícia prendeu um homem armado com uma pistola em um comício que Sônia fazia na cidade de Alhora. Mas o homem, um funcionário dos Correios, não fazia parte de nenhuma conspiração, simplesmente tinha problemas psíquicos.

Recentemente, o assassinato de uma velha amiga da família no vizinho

Paquistão os fez lembrar quão frágil e tênue é sua vida. Bena-zir Bhutto morreu de maneira parecida a Rajiv. Ambos estavam fora do poder, mas prestes a tornar a conquistá-lo. Ambos descuidaram de sua segurança em favor de um maior contato com o povo. Os Gandhi sabem que o atentado contra Benazir Bhutto é um reflexo do que pode acontecer a eles a qualquer momento se cometerem o erro de baixar a guarda.

Será que Rahul aprendeu a não se deixar levar pelo senso de destino? O tio Sanjay estaria vivo se houvesse sido mais cauteloso. Suas manobras políticas para controlar os siques criaram um monstro que devorou sua mãe; Indira também não ouviu quando lhe disseram que devia se desfazer de seus seguranças siques. O próprio Rahul intuiu o que ia acontecer a Rajiv... Será que os membros dessa nova geração aprenderam a lição de seus predecessores? Por ora, Sônia continua ali para recordá-los dia após dia, para que nunca esqueçam.

PRIYANKA ESTÁ AFASTADA DA POLÍTICA e leva uma vida tranqüila em Nova Délhi, cuidando de seu marido e de seus filhos. Em fevereiro de 2008, fez uma viagem ao sul da Índia que a pôs sob os holofotes. Quis fazer isso de maneira incógnita, mas logo foi localizada pela imprensa. Fazia tempo que tinha a idéia de visitar Nalini Murugan, a mulher que cumpre pena de prisão perpétua por ter participado do complô para assassinar Rajiv. Passaram-se quase vinte anos desde o atentado em Sriperumbudur, mas o sofrimento pela perda de um pai não passa com o tempo. São feridas que nunca cicatrizam totalmente. Priyanka quis falar a sós com a mulher que ajudou a salvar da pena capital quando fez sua mãe intervir para que fosse comutada. Para que foi vê-la?

"É um assunto puramente privado", declarou à imprensa, "uma visita pessoal que é fruto de minha própria iniciativa." Ambas as mulheres romperam em soluços quando se encontraram frente a frente na sala de visitas da prisão. Soube-se que, ao final do encontro, falaram de suas experiências de dar à luz a seus respectivos filhos, pois ambas foram submetidas a uma cesárea. Falaram da vida mais que da morte, o que sugere que Priyanka a havia perdoado. A justiça e o perdão são etapas imprescindíveis para se reconciliar com uma tragédia. Ao fim do encontro, Nalini confessou a seu próprio irmão que sentia "como se todos os meus

pecados houvessem sido lavados pela visita de Priyanka". O hinduísmo ensina que o perdão não é sinal de fraqueza, e sim de força.

É uma maneira de se libertar, de encontrar a paz. "Meu encontro com Nalini foi minha maneira de fazer as pazes com a violência e a perda que vivi." Essa foi a declaração de Priyanka, tão simples quanto heróica, que terminava da seguinte maneira: "Não acredito na raiva nem no ódio, e nem na violência. Nego-me a deixar que esses sentimentos dominem minha vida." Os Gandhi sempre souberam crescer com a adversidade. Que Deus os proteja.

SÔNIA VIVE RECLUSA EM SUA FORTALEZA do número 10 da Janpath, mas Paola, sua mãe, passa os invernos com ela. Todos os domingos pode ser vista na missa das dez na igreja da nunciatura. Além de seus filhos, Sônia cerca-se de uns poucos amigos íntimos, os mesmos que tinha quando Rajiv era vivo. Não se mostra muito, exceto nos atos oficiais. Não se mistura com a alta sociedade de Nova Délhi nem frequenta o ambiente diplomático. Reúne-se com os ministros do Congress e outros líderes da coalizão tantas vezes quanto lhe solicitam. Em média, na qualidade de presidente do partido e líder da coalizão no poder, vê umas trinta pessoas por dia e examina dezenas de relatórios. Seu pequeno escritório no Comitê do Partido do Congresso está sempre cheio de gente pobre que vai lhe pedir ajuda. Sua secretária tem instruções de atender a todos.

Fiel ao costume que herdou de sua sogra, procura jejuar um dia por semana e fazer exercícios de ioga todas as manhãs. A mulher que um dia confessava se sentir malvestida de indiana tornou-se, hoje, uma senhora elegante que só usa sáris. Continua fascinada pelos tecidos e artesanato tradicionais, e pelas antigüidades. Gostaria de ter mais tempo para ler.

Aproveita os dias de férias, que todos os anos tira em junho, para descansar na casa de um velho amigo da família, o jornalista Suman Dubey, em Kosani, ao pé do Himalaia, quando põe em dia as leituras atrasadas. Gosta dessas montanhas que a fazem lembrar os Alpes de sua infância e sonha em construir uma casa própria para fugir do calor anterior às monções na companhia de seus filhos e netos. As viagens que faz ao exterior costumam ser oficiais ou para dar alguma conferência. Agora parece menos crispada.

Declarou que se sente "confortável" na política, mas poderia fazer suas as palavras de Benazir Bhutto: "Não escolhi esta vida. Ela me escolheu".

Talvez não tenha as rédeas de sua vida nas mãos, mas tem as do país bem seguras. Até seus oponentes admitem que não dá um passo em falso. Tanto seus detratores quanto seus simpatizantes concordam ao reconhecer sua habilidade para lidar com as regras de um governo de coalizão, algo que nem Indira nem Rajiv precisaram aprender jamais. Sônia foi capaz de desenvolver uma relação harmoniosa com alguns colaboradores políticos próximos, uma relação baseada na lealdade mútua. Indira nunca poderia ter uma relação como a que a une a Manmohan Singh.

UMA DAS GRANDES CONQUISTAS de Sônia foi a luta contra a corrupção. Rajiv calculava que 85% de todos os gastos de desenvolvimento na Índia acabavam nos bolsos dos burocratas. Para evitar isso, Sônia e o primeiro-ministro Manmohan Singh conseguiram que o Parlamento votasse uma lei que permite a qualquer cidadão examinar as ofertas dos contratos de licitação pública, e evitar, assim, a prevaricação e o suborno. As pessoas no poder são obrigadas, agora, a ser muito mais cautelosas ao fazer suas maracutaias, porque existe a possibilidade real de cair nas redes da justiça. Tanto Sônia quanto o primeiro-ministro sabem que é na capacidade de reformar o Estado, de modernizá-lo e limpá-lo de corrupção que jaz a chave do desenvolvimento da Índia, que, a despeito de tudo, durante os últimos quinze anos foi o país que mais rapidamente cresceu no mundo, depois da China. Se conseguirem essas reformas, a previsão é de que em duas décadas a economia indiana será a terceira economia mundial. O país terá deixado para trás seu passado arcaico e conquistado um futuro liderado pela ciência e tecnologia. O velho sonho de Nehru, então, será realizado.

HOJE, OS POBRES SÓ TÊM O CONSOLO das projeções oficiais, que auguram uma renda per capita 35 vezes maior para então. Eles são a maior preocupação de Sônia. Talvez seja o resultado de sua formação católica, ou porque tem muito viva a lembrança "de que nasceu em uma família humilde lá nos montes Asiago, mas os contrastes da Índia continuam ferindo-a. Indira dizia que tudo o que se dissesse da Índia, e o oposto, era igualmente verdade. Bombaim conta com a maior favela da Ásia e a maior concentração

de prostitutas infantis do mundo, mas acaba de se tornar a quarta cidade do planeta em número de bilionários - um deles deu um Airbus a sua mulher em seu 44º aniversário.

acostumar-se a essas diferenças? Como é possível que o Espado se mostre incapaz de construir latrinas nas favelas, ou de fornecer giz às escolas ou seringas limpas aos ambulatórios rurais e, no entanto, o programa espacial seja considerado tão bom quanto o de qualquer potência ocidental, ou talvez melhor? O dia em que se acostumar, será dia de: abandonar a política.

O que Sônia fez foi cercar-se de especialistas em desenvolvimento, como a ativista Aruna Roy ou o economista belga Jean Dreze, que mora em uma favela de Délhi com sua mulher indiana. Juntos, traçaram um plano de ajuda às zonas rurais que representa o maior esforço jamais realizado pelo Estado indiano para melhorar a situação da população do campo. Mas os obstáculos para pôr em prática esses programas de desenvolvimento são enormes.

A Índia, com seus aeroportos capengas, suas estradas desmoronadas, enormes favelas e aldeias empobrecidas, precisa de todos os seus recursos para construir infra-estruturas de todo tipo, e nessa corrida para o desenvolvimento a sorte dos mais pobres continua não sendo prioritária na mente dos tecnocratas que dirigem o país. A idéia que prevalece no governo, a de "que o desenvolvimento acabará incluindo cada vez mais gente, e que assim acabará com a pobreza, era a idéia que Rajiv defendia. "Mas quando?", pergunta Sônia, que não esquece o compromisso adquirido com os pobres que votaram nela. Resiste aos argumentos excessivamente técnicos de seus próprios aliados, homens que ela mesma levou ao poder, inclusive o poderoso ministro das Finanças. Para ele, esses programas se afastam da ortodoxia econômica; para ela, são imprescindíveis para dar sentido ao poder que o povo lhe confiou.

Vitor Hugo dizia que "todo poder é dever"! Sônia tem isso muito em mente, e não arrefece em sua luta. Nos distritos onde conseguiu pôr em prática o programa de garantia de cem dias de emprego, os camponeses notaram a diferença. É a diferença entre a pobreza e a miséria. O programa não os tira da pobreza, mas evita que caiam no poço da miséria, que é quando à

escassez material se une a desesperança.

É a diferença entre a vida e a morte. O outro programa é mais difícil de implementar. Trata-se de dar aos camponeses créditos bancários a juros muito reduzidos para libertá-los da tirania da dívida que contraem com os agiotas locais e que os levam, muitas vezes, ao suicídio. É um problema que vem de longe, e Indira já quis cuidar dele quando a Emergency estava em vigor. É difícil de solucionar porque a maioria é analfabeta e não sabe o que é ir a um banco.

O importante é dar-lhes uma saída, uma luz de esperança, que saibam que ninguém tem que tirar a própria vida por não poder devolver um punhado de rupias. Graças a Sônia, os "mais pobres dentre os pobres", como ela os chama - segundo a expressão popularizada por outra europeia que deixou sua marca na Índia, Madre Teresa - têm uma aliada fiel. Uma aliada que os leva na mente todos os dias e a todo momento, esteja na cúpula do poder ou fora dele.

AGRADECIMENTOS

Sinto não poder citar, aqui, todos os que me ajudaram durante esta longa investigação, na Itália e na Índia, porque preferem permanecer no anonimato. De todo o coração, obrigado pela informação fornecida, sem a qual eu não poderia ter escrito este livro. Quero especialmente expressar minha profunda gratidão a minha mulher Sita, pelo apoio, companhia e bom humor durante as viagens de investigação e os longos meses de escrita. Sem o eficaz e valioso acompanhamento de minha editora Elena Ramírez durante todo o processo de elaboração, e sem seu entusiasmo, esta aventura teria sido muito mais árdua. A você, Elena, meu mais sentido agradecimento, assim como a toda a equipe da Seix Barral e do grupo Planeta que participou da confecção deste livro. Obrigado a Dominique Lapierre, que sempre acreditou nesta história e me incentivou a escrevê-la, contando-me os casos que viveu com Indira Gandhi, que a costumava receber em suas viagens à Índia. Todo meu reconhecimento a Michelguglielmo Torri, catedrático de história moderna e contemporânea da Ásia da Universidade de Turim, eminente especialista e apaixonado pela Índia, por seus conselhos, sua ajuda e sua generosidade ao investir seu precioso tempo na resolução de minhas dúvidas e na correção do texto.

Obrigado também a Eva Borreguero; Álvaro Enterría por suas minuciosas e perspicazes correções; a Bernadette Lapierre, a Christian e Patricia Boyer. Na Índia, tenho uma lembrança especial para Kamal Pareek, que nos deixou em setembro de 2007. Sempre sentirei muito a falta de suas explicações, sua disponibilidade, sua maneira de me contar as coisas indianas difíceis de entender para um ocidental, e principalmente do prazer de sua amizade. Meu reconhecimento a Ashwini Kumar, por me contar seus casos sobre a época em que Indira Gandhi governava e fornecer-me valiosos contatos, bem como ao major Dalbir Singh, secretário nacional do Ali Índia Congress Committee. Também não me esqueço de Mani Shankar Aiyar, colega de Rajiv Gandhi e ministro no atual governo, nem de sua sobrinha Pallavi Airar e o marido desta, Júlio Árias. Obrigado também a nossos velhos amigos

Francis Wacziarg e Aman Nath, por estarem sempre ali. E a Christian von Stieglitz por ter compartilhado tão generosamente comigo suas lembranças de Rajiv e Sônia, bem como a Josto Maffeo por me contar tão detalhadamente a vida em Orbassano.

Obrigado também a Alex Ehrlich, Farah Khan, Josefina Young e Nello dei Gatto pela ajuda, companhia e hospitalidade. A Suman Dubey também, por servir de mensageiro. E a Andrés Trapiello e Laura Garrido. Por último, quero agradecer a Susana Garcés e à companhia aérea KLM seu constante apoio e colaboração.

Fim



Reliquia